



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

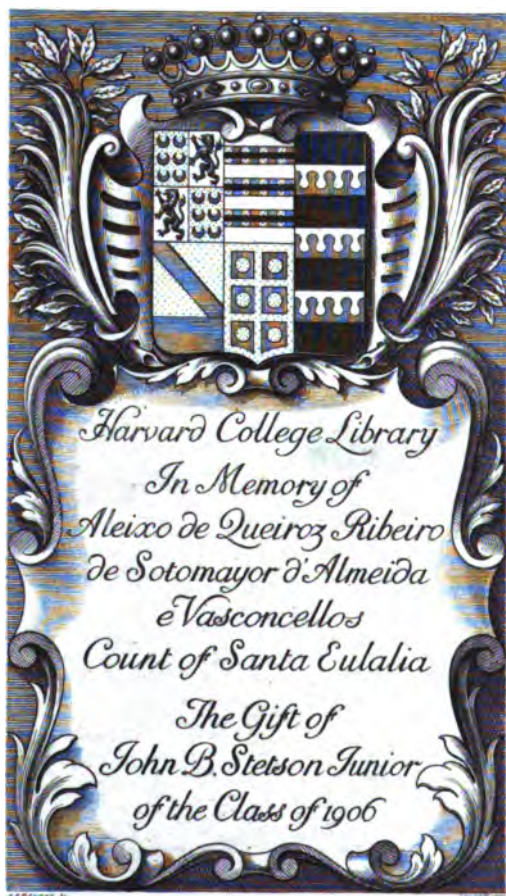
Pedimos que você:

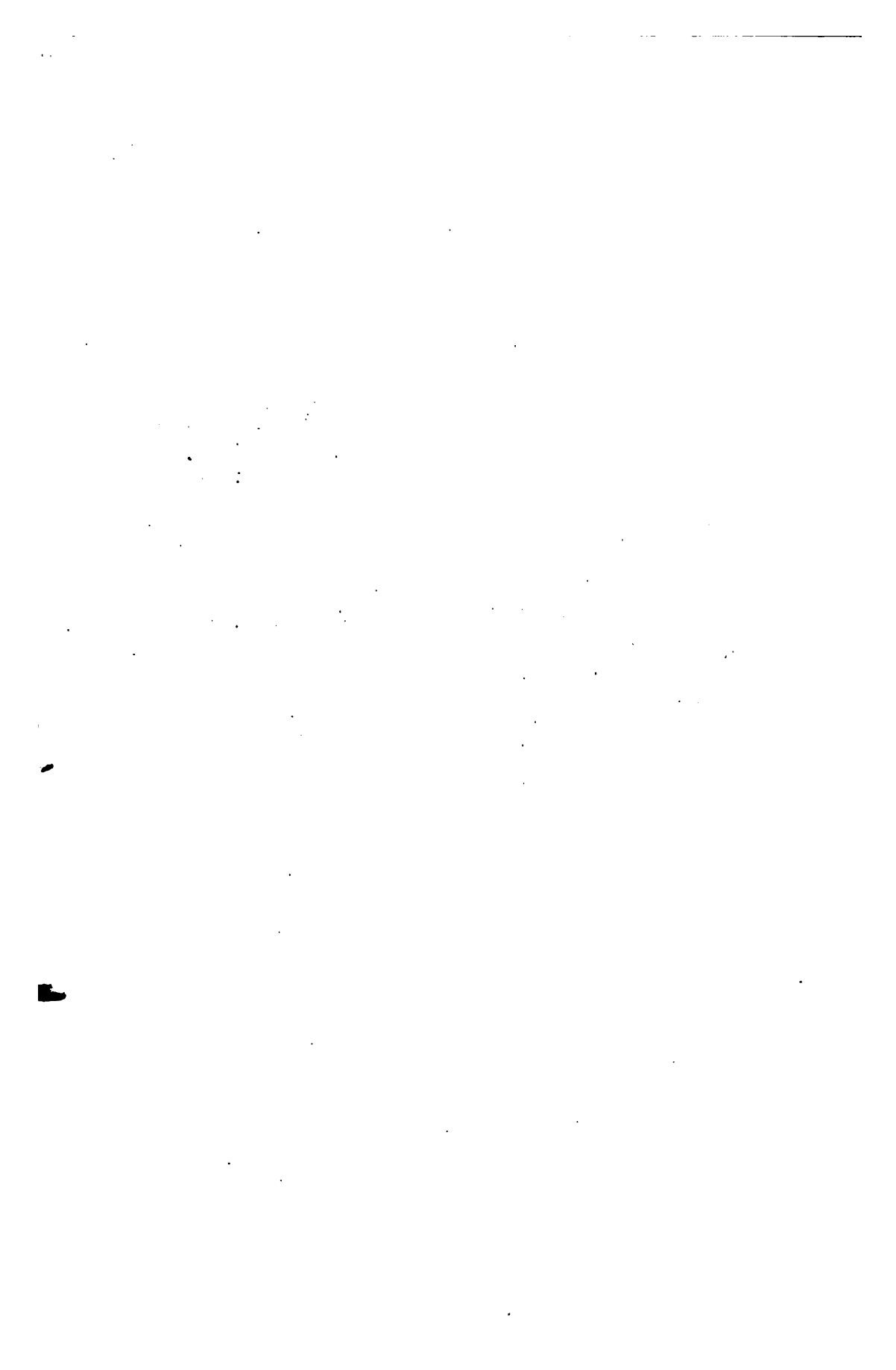
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

Port 4072.9









SUBSIDIOS

LITTERARIOS

POR

GUILHERME BELLEGARDE

v

Confesso que as mais das iguarias com que
vos convido são alheias, mas o guizamento d'elas
é de minha casa.

AMADOR ARRAES. (Dialog. III, cap. XXIII).

TOMO I

Rio de Janeiro

LIVRARIA CONTEMPORANEA DE FARO & LINO — EDITORA

74, Rua do Ouvidor, 74

—
1883



SUBSIDIOS
LITTERARIOS

PORTO: 1883 — TYP. DE A. J. DA SILVA TRIBEIRA
62, Cancellia Velha, 62

SUBSIDIOS

LITTERARIOS

POR

GUILHERME BELLEGARDE

Confesso que as mais das iguarias com que
vos convido são alheias, mas o guizamento d'el-
las é de minha casa.

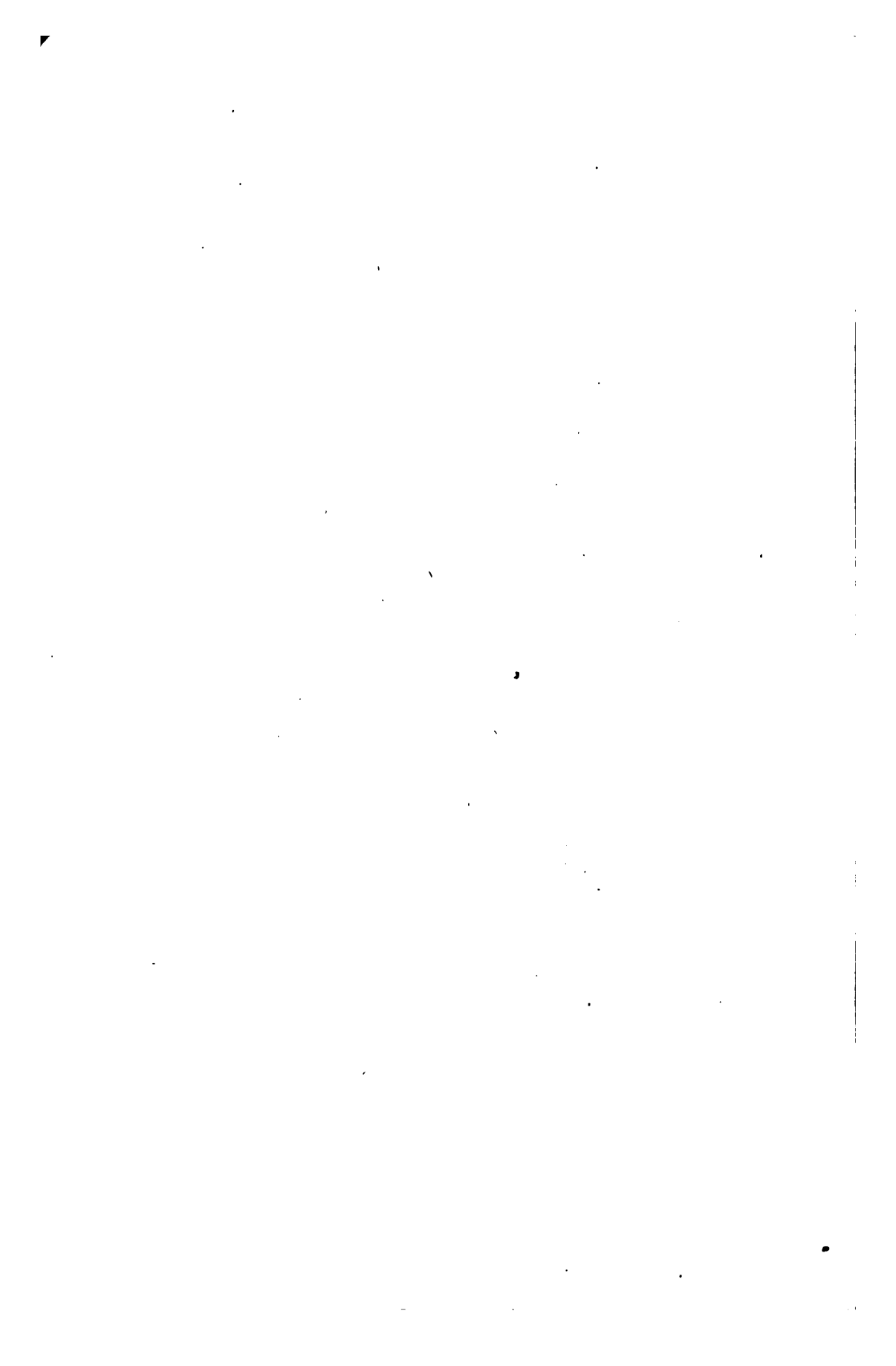
AMADOR ARRAES. (Dialog. III, cap. XXIII).

TOMO I

Rio de Janeiro

LIVRARIA CONTEMPORANEA DE FARO & LINO — EDITORA
74, Rua do Ouvidor, 74

—
1883

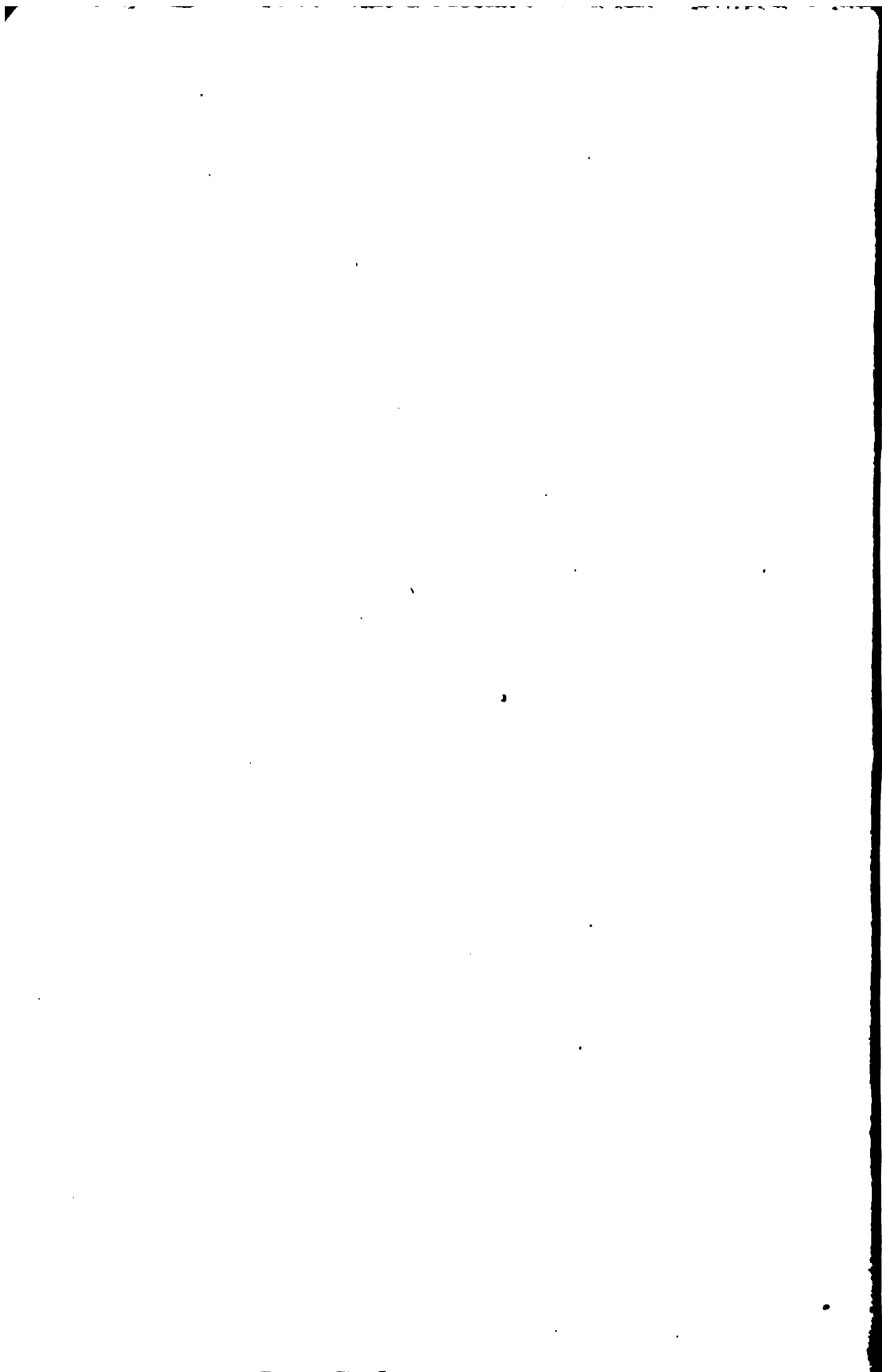


Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr.

*Dedicando a V. Exc.^a o tomo 1.^o dos Subsídios
Litterarios, dou publico testemunho da legitima ufa=
nia com que sou*

*De V. Exc.^a
sincero admirador e amigo obrigadissimo*

Guilherme Bellegarde.



Ill.^{ma} e Exc.^{ma} Snr.

*Dedicando a V. Exc.^a o tomo 1.^o dos Subsídios
Litterarios, dou publico testemunho da legitima ufa=
nia com que sou*

De V. Exc.^a

sincero admirador e amigo obrigadissimo

Guilherme Bellegarde.



Offerecendo á benemerita direcção da REVISTA BRAZILEIRA as primicias dos SUBSIDIOS LITTERARIOS, escrevemos:

« As paginas que se seguem e outras que tambem destinamos á publicidade pertencem ao primeiro tomo dos SUBSIDIOS LITTERARIOS por nós colligidos; cada um dos quaes de tres partes se comporá:

1.ª Parte

Citações (commentadas)

2.ª Parte

Citações (apontadas)

3.ª Parte

Indice bibliographico

Poder-se-ha ajuizar do plano e execução da 1.ª PARTE pelas paginas, que ora entregamos á apreciação dos leitores e que, se não encerram quanto ha saído dos prelos relativamente á citação por nós commentada, apresentam, reunidas, numerosas e in-

teressantes especies litterarias, subministradas pelos escriptores a que nos soccorremos.

Como simples exemplificação da 2.^a PARTE, daremos algumas das mais conhecidas citações d'entre as que, na ordem alphabetica, em tempo virão a lume:

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

CAMÕES — *Lusiadas* — Cant. 1, est. LXVIII.

Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE — Soneto XLIX, tom. 1, pag. 217, na edição de Lisboa, 1853.

Tanto era bella no seu rosto a morte!

J. BAZILIO DA GAMA — O URAGUAY — *Parnaso Brasileiro*, tom. 1, pag. 261.

Quem póde vêr-te, sem querer amar-te!

Quem póde vêr-te, sem morrer de amores!

MACIEL MONTEIRO — *Curso de Litteratura Brasileira* por Mello Moraes Filho, pag. 273.

Consistirá a 3.^a PARTE no indice dos livros, opusculos e outras publicações mencionadas no texto da obra.

Correspondendo os SUBSIDIOS LITTERARIOS, até onde nos foi dado chegar, ás *Fleurs Historiques* por Larousse, não têm seguramente o designio de aferir meritos ou graduar preeminencias. E, pois, quem os colligiu póde e deve, ao ultimar esta succinta noticia, repetir as palavras d'aquelle operosissimo escriptor: *Nous remplissons le simple rôle du rapporteur et non les fonctions du juge.*

São applicaveis estas observações á 1.^a PARTE; da 2.^a bastará dizer que nos foi suggerida pelo livro *Latin pour tous* por V. Collin.

Adstringimo'-nos ao que fica expellido, e se nos afigura sufficiente para mostrar que os SUBSIDIOS LITTERARIOS representam longo e perseverante trabalho .

Tal era o nosso primitivo plano; mas, para que não ficassem desaproveitadas indicações, em grande cópia e de longa data reunidas, entendemos dever amplial-o; diligenciando constituir nos SUBSIDIOS LITTERARIOS um repositorio mais amplo de especies litterarias do que o da obra que tomaramos por guia. Se o houvermos conseguido não será para admirar, pois é certo, como observa Antoine de la Salle, que *« celui qui commence un livre n'est que l'écolier de celui qui l'achève »*.

Nos SUBSIDIOS, impressos em Portugal, e por partes, como não podia deixar de ser, se depararão alguns desprimores de composição typographica e não raros defeitos de composição litteraria. Poderiam aquelles ter sido completamente obviados e estes consideravelmente attenuados, se outras houvessem sido as condições da publicação. Os desprimores e, quanto possivel, os defeitos indicados desaparecerão na 2.^a edição, se os SUBSIDIOS carearem a benevolencia de que precisam e que para elles solicitamos.

Em prol da verdade, corre-nos, entretanto, o dever de declarar desde já que o snr. Luiz de Faro, muito digno socio e representante da firma Faro & Lino, procedeu sempre para comnosco com inteiro cavalheirismo; mas a nós é que não era licito gravar os editores com a revisão de provas, que além do mais protrahiriam por largos mezes o apparecimento de um livro annunciado desde 1880.

Para dar a estas linhas remate consentaneo á indole dos SUBSIDIOS LITTERARIOS, cerral-as-hemos com os seguintes periodos, que vem a ponto ao nos-

so proposito, desentranhados do *Prologo* — *Ao Leitor quem quer que sejas* — de um livro ¹ bem pouco conhecido:

« Isto são uns apontamentos, que fiz para os gastos de casa, e tambem para o publico.....

.....
Se não é este o modo com que se compoem semelhantes livros, eu não sey outro.

.....
Se me não engana o amor proprio, me parece que quem tiver estes cinco livros, terá uma copiosa livraria ».

E, finalmente: « Se fôres entendido, entendo que me has de louvar; se fôres ignorante, pouco importa que me vituperes ».

VALE.

¹ PROGYMASMA-LITTERARIO — E Thesouro de erudiçam sagrada, e humana, para enriquecer o animo de prendas, e a alma de virtudes — descoberto e disposto por João Alvares Soares — sacerdote philosopho, graduado em theologia nos Estudos Geraes do Collegio da Companhia de Jesus na Bahia — tom. 1.º — Lisboa Occidental — Anno MDCCXXXVII.

D'este livro, de que não encontramos noticia no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, possui o Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro o exemplar catalogado sob n.º 1035.

SUBSIDIOS LITTERARIOS

I

A ENGEITADA ENGEITA

I

A esta pungitiva interrogação: «Que faz de tantas meninas o genero humano?» responde D. Antonio da Costa ¹ em o livro *No Minho* (pag. 298):

«Primeiramente expõe-nas, depois entrega-as a amas que as tomam como mercancia, e que em geral as matam á fome. Se a exposta tem a infelicidade de escapar, abandonada na mocidade como o fôra no berço, encontra duas carreiras que a mãe lhe abriu e que o Estado lhe confirma: a prostituição e o serviço.

«A primeira falla por si propria, a do serviço representa o seguinte, confirmado por documento official: «As criadas de servir contribuem com um contingente de filhos para a roda na proporção menor de um terço em relação ao total das exposições». Assim a engeitada engeita ».

Apreciar a situação moral do engeitado perante a sociedade, foi a idéa capital do romance *O Sello da Roda*, ao qual consagramos o *folhetim*, com a assignatura *Nessuno*, dado á estampa em o n.º 146 do *Globo* de 28 de maio de 1876.

Pedimos venia para reproduzir em seguida parte d'esse folhetim :

PEDRO IVO

O SELLO DA RODA

Do campo do microscopio passaram já para o da litteratura os *vibriões* e, dentro em pouco, os *kolpodos*, *anguillulos*, *rotíferos* e, em summa, myriadas de animalculos vivos, virão reclamar também direitos de cidade no romance e no drama, em honra do *transformismo*, theoria modernissima de Darwin...² no pensar dos que desconhecem os trabalhos de Maillet e lord Monboddo, no seculo XVIII, e de Lamark, nos principios do XIX, e para maior esplendor da escola realista, no louvavel intuito, em que peze a Gratiolet, Quatrefages e outros réos convictos e confessos de obscurantismo scientifico, de glorificar o homem, esse afortunado rei da criação, que foi — soberbo passado! — chimpazé ou gorillo, e é — magnifico presente! — *sous officier d'avenir dans la grande armée des singes*, no dizer de Edmond About!

Em presença de tamanha grandeza, quamanha ventura vem seguramente de molde o conhecido estribilho da canção de Béranger :

*Quel honneur !
Quel bonheur !*

Quando á humanidade se entremostam tão altos e radiantes destinos, não será irrefragavel testemunho de miseranda ineptia vir a publico manifestar sincera admiração pelo romance *O Sello da Roda*, singela e impressiva narrativa, em que se levanta eloquente pregão a favor dos desvalidos e oppressos?

Seja assim, muito embora. A despeito do anathema impendente sobre os que, nos dominios da sciencia, não aceitam em toda a plenitude a theoria darwinista e, nos da litteratura, não se enfeudam ao realismo, não dissimularemos o alvoroço que

nos causou a leitura da segunda producção do escriptor que se occulta sob o pseudonymo — *Pedro Ivo* ³.

Afigura-se-nos, em nossa curteza intellectual, que o merito litterario é destinado a sobredourar o valor moral das obras do espirito.

Eis porque cordialmente applaudimos as composições, em que a esteril analyse de caracteres, que, no sentir de um critico francez, *entrent dans l'humanité par une porte fausse et un escalier derobé*, cede o passo á fecunda lição das virtudes que engrandecem e nobilitam a humanidade. Entretanto, se assim nos exprimindo, sublevarmos as iras do *realismo*, manda a justiça que as Euménides da critica se não desencadêem contra nós, humilimo discipulo de Latino Coelho, pontifice da religião litteraria, no conceito do preclaro cantor da *Primavera* ⁴.

E é o egregio mestre quem diz ⁵:

« Por uma apparente contradicção ou paradoxo, em quanto politicamente mais antecipo no futuro, litterariamente volvo para o passado vistas saudosissimas.

« As antigas fórmias sociaes cada vez me parecem mais incompatíveis com os progressos da humanidade. Mas a arte e a poesia antiga cada vez mais se confirmam no meu espirito, como a expressão mais nobre e verdadeira do *bello* e do imutavel.

« O *realismo*, como de presente é moda o entedel-o, confesso que não quadra á estreiteza do meu espirito nem ás minhas predilecções estheticas, fortalecidas pela minha educação litteraria.

« Dar por assumpto á poesia o aspecto mais esqualido, repugnante e odioso da pobre humanidade, parece-me destoar d'aquelle simples e apreciavel naturalismo idealizado, em que eram mestres os vates da antiguidade.

« Antes me quero com a monotonia bucolica de Boscan e Garcilaso, direi mesmo com a quinta-essencia dos conceitos marinistas e gongoricos, que são para a poesia como as perolas para o mollusco, uma esplendida enfermidade, do que com os exageros *realistas*, em que a poesia, por se fazer *espirito for-*

te, philosopha e darwinista, quando mais julga subir e requintar-se, vem roçar as azas no lodo terrestre e cair extenuada nos braços da prosa mais rasteira ».

Podemos agora proseguir desassombrado: abroquela-nos o nome de Latino Coelho, nome que vale bem as armas de Achilles.

Nas phrases que deixamos escriptas está consubstanciado o nosso incompetente juizo sobre o romance *O Sello da Roda*, cuja idéa fundamental o autor expressa nas seguintes palavras:

« A Roda!... Que mundo de idéas, associadas a esta torpeza, poetisada por uma caridade respeitavel; mas que me parece pouco intelligente! »

E, deduzindo as consequencias que decorrem d'estas premissas, conclue opinando pela extincção das rodas e propugnando pela creação de hospícios, que amparem e protejam a ingenua fraqueza da mulher.

Resumir a acção do romance, para mostrar que os episodios se acham dispostos e concatenados com talento notavel, seria apresentar, em incertos lineamentos, o quadro que só pôde ser apreciado á verdadeira luz no proprio romance.

Ahi, de feito, se reflectem as dôres mais pungentes e as mais vividas alegrias, traduzidas em phrases repassadas de verdade e sentimento.

Os caracteres dos personagens, estudados e reproduzidos com fidelidade, conservam na devida gradação os affectos e paixões que n'elles se encarnam.

No que concerne á vernaculidade e elegancia do dizer, Pedro Ivo avanta-se a Julio Diniz ⁶, esse peregrino engenho, prematuramente roubado ás letras portuguezas.

Adduziremos, como fundamento de nossa opinião, as seguintes passagens:

Pag. 113:

« Engeitado!

« Tudo lh'o chama, tudo lh'o recorda!

« Chama-lh'o a arvore, que se ufana da flôr e se revê no fructo; diz-lh'o a ave, que atravessa o espaço, segurando no

bico o sustento dos filhos; recorda-lh'o a ovelha, que bala de receio, porque o cordeiro se transviou e a chama d'um fundo precipicio; lançam-lh'o, sobretudo, em rosto as mães, quando ao despegar do trabalho vem assentar-se á porta da casa, dando o peito ao filho mais novo e seguindo, com o sorriso dos bemaventurados nos labios, o folgado dos mais velhos, que rolam abraçados sobre a relva ».

Pag. 147:

« — Ah! vem o Senhor... vozearam lá fóra as crianças, confirmando as palavras do abbade.

« Luiz abriu mansamente a porta, e ouviu-se, distinctamente, o som da campainha e o côro do « Bemdito » entoado pelas pessoas que formavam o sequito a « Nosso Pai », singela e poetica denominação dada ao Sacramento pelo povo, que larga a ferramenta ou torce caminho, para o acompanhar, cantando-lhe louvores.

« Já me disseram, que ha ahí quem julgue estes usos indignos de uma cidade civilisada... É possível; eu, porém, peço a Deus que, á hora da minha morte, o mantenha ainda em vigor, e que esse côro dos crentes e dos humildes me chegue aos ouvidos no solemne momento em que o meu coração estiver brandando contrito: « Senhor!... eu creio em ti!... »

.....

As recordações que me vieram saltear o espirito desviaram-me do assumpto d'este folhetim, por mal dos leitores, se porventura os tiver, já nimio extenso.

Vamos, pois, terminal-o, pondo-lhe, por adamantino fecho, as palavras que Camillo Castello Branco escreveu em referencia aos *Contos*, primeira producção litteraria de Pedro Ivo, palavras que encerram luminosa intuição, cabalmente confirmada pelo romance *O Sello da Roda*. Eil-as:

« PEDRO IVO — *Contos*. — Formoso livro! Dir-se-hia que Julio Diniz, o viajor eterno das regiões luminosas, deixou na intelligencia e no coração dos que mais de perto o conheceram e amaram as serenas imagens das suas visões, as maviosas figuras dos seus quadros, a suave indulgencia e conformidade com que elle florejava de nenuphars os pantanos da vida.

« Quando eu li alguns d'estes contos no *Commercio do Porto*, e lhes não conhecia autor, nem acreditava na authenticidade de Pedro Ivo, disse sempre commigo: « É a continuação do gentil espirito de Gomes Coelho. Ha de haver muita gente que passe inadvertidamente por estes graciosos romancinhos, reveladores de poderosa vocação; porém, quando o autor chegar á meridiana de sua gloria, estes contos — aurora de um dia esplendido — serão relidos com renovado prazer.

« Reli hoje os que já lera, e os que vem de primeira mão no livro. No correr aprazível da leitura, quando senti o alvoroço das lagrimas, ao passo que as paginas commoventes eram singelissimas, saudei o amavel romancista, e dei-lhe o culto sincero e raro da minha admiração, como daria um beijo na face de meu filho, se elle um dia legitimasse a minha vaidade de pai com um livro d'este valor. Invejo estas santas alegrias ao snr. José Carlos Lopes ».

Porto, 1874. Camillo Castello Branco, n.º 7, — *Noites de insomnia* ?.

Da *Lyra V — Os expostos* — de José Eloy Ottoni * — publicada no tomo II do *Parnaso Brasileiro*, pag. 153-156, extrahimos as seguintes estrophes:

.....

E cabe ao ente mais nobre,
No seio de amor nutrido,
Roubar ao recém-nascido
O que a ternura lhe deu!
Assim no embate violento,
Que o mundo moral sentia,
Fugiu do centro a harmonia
E nas trevas se escondeu.

Lá se escuta ao som do vento,
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Póde ouvir este lamento
Sem jámais se enternecer ?

N'este recinto innocente,
Onde amor com as graças lucha,
Pois que a miseria se escuta,
Este clamor escutei :

« — De que nos serve a existencia ?
« A mão que pôde dar vida,
« Se torna sempre homicida,
« Se do interesse faz lei.

« Pequeninos . . . no regaço
« De calor desconhecido,
« Expostos ! »⁹ — E n'um gemido
Esta voz emmudeceu.

Irrecusavel como é a connexão entre a questão dos *expostos* e a das *rodas*, questão complexa que prende com os mais altos problemas sociaes, como mui bem adverte Lopes de Mendonça ; pertinente se nos afigura trasladar para aqui das MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA (pag. 337) o seguinte trecho de um eloquente artigo inserto na *Gazeta medica de Lisboa* (vej. DICG. BIBL. PORT., tom. III, pag. 141) sob o titulo *Abaixo as rodas dos expostos!* Escreveu-o pessoa de todo o ponto autorisada, o dr. Thomaz de Carvalho, que se pronunciou pela abolição das *rodas*, adduzindo n'este sentido as seguintes vehementes considerações :

« Abra-se o dique á torrente dos desejos : cada um ponha fogo em sua alma, e deixe arder em labaredas as suas mais phreneticas paixões, rebaixe-se o homem á condição do animal : não se lhe dê do dia de amanhã : a familia é o individuo, a roda tomará conta de seus filhos, a communitade determinou adoptal-os. Se isto não é a abolição da familia, o mais socialista e communista de todos os communismos e socialismos, podem os declamadores e defensores da ordem metter os seus argumentos na algibeira, que não me sei haver com elles. As leis civis e religiosas impõem deveres ao matrimonio ; e a roda com uma só volta desliga dos mais sagrados d'elles. A lei e a religião dizem que o filho é da familia ; a roda responde que basta ser da communitade : a sciencia diz que o novo en-

te precisa do primeiro leite e do primeiro amor de sua mãe; a roda trata a sciencia de visionaria, e confia o filho do homem aos affectos de uma cabra, ou aos affectos ainda mais animaes da mercenaria que se apresenta para lhe dar o alimento».

PARTE COMPLEMENTAR

Citando com o mais elevado apreço o nome de D. Antonio da Costa, o illustre ministro da instrucção publica, que referendou o decreto de 16 de agosto de 1870, reformando a instrucção primaria em Portugal, não nos é permitido, entretanto, como brasileiro, deixar de observar que no livro *O Christianismo e o Progresso*, publicado em 1875, propondo-se s. exc.^a confutar a infundada asserção de que, nas provincias ultramarinas d'aquelle reino, ainda se mantinha a escravidão, quando aliás se achava, de facto e de direito, supprimida; e, para esse fim, reproduzindo dous discursos de Ed. Laboulaye, nos quaes o Brazil é mencionado entre as poucas nações christãs que conservam essa odiosa instituição, não houvesse feito, pelo menos, simples referencia á lei n.º 2040 de 28 de setembro de 1871, que decretou a emancipação gradual do estado servil no imperio sul-americano; lei que, na phrase eloquente do visconde de Inhomerim (F. de Salles Torres Homem) aboliu a pirataria exercida á roda dos berços, nas aguas da jurisdicção divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão. — *F. Julio Caldas Auleta. — Selecta Nacional*, 2.^a parte (*Oratoria*), pag. 333-334 ¹⁰.

Felizmente, porém, não incorreu na alludida omissão o illustrado escriptor, dr. Cunha Belem, que contribuiu para a *Encyclopedia do povo e das escolas* com o *Resumo da historia contemporanea*, no qual a pag. 274, se lê:

« O Brazil illustrou-se ha pouco, dando um notavel exemplo de respeito pelas idéas de philanthropia e de progresso, ao promulgar, em setembro de 1871, a lei pela qual são livres todos os filhos nascidos de mulher escrava, acabando assim a hediondez da escravatura ».

Realmente, sem ir até o encarecimento de dizer: *O dia 28*

de setembro deverá ser considerado como o primeiro dia de gala d'este imperio ¹¹, é certo, comtudo, que nos annaes patrios merece honrosissima menção essa data memoravel. E, pois, vamos enfeixar nas poucas linhas com que cerraremos este artigo as seguintes authenticas indicações :

Lei n.º 2040 de 28 de setembro de 1871

Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data d'esta lei, libertos os escravos da nação e outros, e providencia sobre a creação e tratamento d'aquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos.

Esta lei, cujo autographo se acha recolhido ao Archivo Publico, promulgada por Sua Alteza a Princeza Imperial Regente, D. Isabel, Condessa d'Eu, foi referendada pelo digno ex-ministro da agricultura, commercio e obras publicas, conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, que tambem referendou o decreto n.º 4835 de 1 de dezembro de 1871, approvando o regulamento para a matricula dos escravos e dos filhos livres de mulher escrava.

Decreto n.º 4960 de 8 de maio de 1872

Altera o regulamento approvedo pelo decreto n.º 4835, na parte relativa á matricula dos filhos livres de mulher escrava.

Foi referendado pelo barão de Itaúna.

Decreto n.º 5735 de 13 de novembro de 1872

Approva o regulamento geral para a execução da lei n.º 2040 de 28 de setembro de 1871.

Foi referendado pelo senador Francisco do Rego Barros Barreto.

Promulgados estes actos, tratou-se de executar a lei de 28 de setembro de 1871, e com esse louvavel designio expediu o mui illustrado ex-ministro da agricultura, conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior ¹², o aviso de 6 de abril de

1875 distribuindo, de conformidade com a precitada lei, o fundo de emancipação.

Tendo-se, porém, reconhecido que seria, senão impossivel, pelo menos sobremodo difficil a distribuição nos termos estrictos da lei de 1871, foi promulgado o decreto n.º 6431 de 20 de setembro de 1876, alterando algumas disposições do regulamento de 13 de novembro de 1872.

Do preindicado decreto n.º 6431 foi referendario o distinctissimo ministro da agricultura do gabinete de 25 de junho de 1875.

No *Promptuario das leis de manumissão*, pelo juiz de direito dr. Manoel da Silva Mafra, trabalho que, na opinião de bons louvados, é excellent auxiliar para o estudo da legislação e da jurisprudencia do conselho d'estado e dos tribunaes das relações e do supremo tribunal de justiça no que concerne ao estado servil, encontram-se as « *Razões que fundamentaram cada uma das disposições do decreto* » promulgado na esclarecida e fecunda administração do conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida ¹³.

Aos nomes, que acabamos de mencionar, dos benemeritos ministros da agricultura que teem concorrido para a realisação dos elevados intuitos que dictaram a lei n.º 2040 de 28 de setembro de 1871, mui grato nos é associar o do conselheiro Manoel Buarque de Macedo, que, tambem solícito pela causa publica, autorisou, por avisos de 15 de junho de 1880, nova distribuição do fundo de emancipação.

Se as indicações que deixamos apontadas parecerem destoar da indole dos *Subsidios Litterarios*, ser-lhes-ha, mais que desculpa, justificação o dever de dar o que de juro e herdade pertence aos que directa e immediatamente hão cooperado para a promulgação ou execução da lei que, « libertando os filhos de escravas, sagrou os futuros cidadãos ¹⁴ » e, honrando a humanidade, engrandeceu e exaltou o Imperio sul-americano.

E, pois, que é esse nosso pensar e sentir, consubstancial-ohemos nos seguintes versos de um dos poetas da pleiade dos quinhentistas :

Eu d'esta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente ¹⁵.

(Antonio Ferreira — *Livraria Classica*, tom. XII, pag. 9).

NOTAS

¹ « O snr. D. Antonio da Costa tem sido, é, e será sempre o apostolo convicto da suada obra do bem, o propagador nunca esmorecido d'essa grande verdade chamada instrucção nacional, que aos espiritos mais levianos de Portugal se afigura ainda, e Deus sabe por que tempo se afigurará, infelizmente, uma formosa utopia de ministro poeta ». Assim se exprime Alberto Pimentel no *Esboço biographico de Julio Dinis*, pag. vii.

Veja o indicado esboço na 3.^a edição dos FIDALGOS DA CASA MOURISCA; e, quanto aos escriptos de D. Antonio da Costa: o *DICC. BIBL. PORTUGUEZ* — tom. I e VIII, pag. 117-118 e 122-123, e os *Fastos de Ovidio* (trad. de Castilho), tom. I, pag. LXIII.

² Memoraremos aqui um facto de valor historico e litterario:

Quando a 4 de outubro de 1822 Garrett respondeu ao jury, por abuso de liberdade da imprensa, como autor do poema *RETRATO DE VENUS*, aos *provarás* do libello accusatorio, nos quaes eram denunciadas como attentatorias da religião as phrases: « Tu do Universo Creador principio — Venus! Oh Mãi d'Amor, oh Mãi de tudo! », etc., oppoz elle, entre outros, estes argumentos:

« Se dizer isto é negar a existencia de Deus, oh! que de atheus cobrem a terra! Não ha sabio que o não seja, não ha philosopho em quem não assente esse nome. — Eu não conheço na natureza senão duas forças, a da attracção e a da repulsão. Por ellas se equilibram os corpos, por ellas gravitam. As moleculas mineraes que no centro da terra se juntam por chimica affinidade, a attracção as une; o pollen que vai do pistillo ao estame fecundar a flôr, e continuar a especie da planta a que pertence, pela attracção a busca... »

E proseguindo na demonstração acrescenta:

« Esta attracção, este principio de vida que anima o universo, esta força de reproducção constante, que une e vivifica a grande cadêa dos seres, e leva de ente a ente o impulso da existencia por uma serie sem interrupção, este principio eterno e invariavel, eis-aqui o que eu quiz poeticamente explicar nos meus versos. Personifiquei-o em Venus. É Venus a deusa do amor, amor se chama a attracção animal da especie mais nobre; amor poeticamente chamou Darwin á attracção das plantas; assim o pediu a poesia, assim o disse; não me parece dever arrepende-me ».

(GARRETT — MEMORIAS BIOGRAPHICAS, por Francisco Gomes de Amorim — Lisboa. 1881. Tom. I, pag. 268).

³ Autor dos *Serões de inverno* — Porto. 1880. (Vej. sob a rubrica *Sciencias, letras e artes* o artigo de Fernandes Costa no ATLANTICO, n.º 7, 1.º anno — Lisboa, 28 de abril de 1880.

⁴ AMOR E MELANCOLIA — *Advertencia* da edição de 1861, pag. iv. Na carta a 22 de outubro de 1859 dirigida a D. Pedro v por Antonio Feliciano de Castilho, ao ser chamado para a cadeira de litteratura moderna, e particularmente nacional, disse o eximio escriptor portuguez:

« Aqui tem V. M., expostos com leal franqueza, sem falsa modestia, nem vaidosas presumpções, os resultados do meu longo exame de consciencia.

« Agora a V. M. o decidir, e a mim, o obedecer sem replica.

« Se, como espero, O AMIGO DOS QUE TRABALHAM, me ordena proseguir nas lides para que fui talhado, V. M. me permitirá que lhe dê os parabens de poder já entregar esta escôla da faculdade de letras a quem se possa dignamente pôr a par dos outros dous professores tão discretamente escolhidos por V. M.; e, se, pois que V. M. é, e se confessa, nosso amigo, me é dado, em virtude d'esse titulo, dirigir, com o devido acatamento, uma lembrança, e quasi conselho, a V. M.; digo a V. M. que o ensino da litteratura moderna, e particularmente da portugueza, por ninguem d'entre nós poderia ser mais solida e brilhantemente professado, que pelo secretario da Academia Real das Sciencias, José Maria Latino Coelho.

« Esse sim, que é polyglotta, copioso no saber, copiosissimo e felioissimo no orar; percebe, discerne e abrange com acume e relance de aguia; expõe com ordem e lucidez; abrilhanta a philosophia com a imaginação, aviventa a imaginação com a philosophia; ama, versa e trata a lingua vernacula com subido esmero ».

Revista contemporanea de Portugal e Brasil — 2.º volume, pag. 163-164.

Referindo-se a D. Pedro designa-o o visconde de Castilho pela denominação, que tanto mereceu o juvenil e illustrado monarcha a cuja pura e saudosa memoria pagou o sabio e austero Alexandre Herculanoo o mais honroso preito no trecho, que passamos a reproduzir, d'uma carta entregue á publicidade com conhecimento e assentimento do destinatario, o douto escriptor da *Jerusalem, da Igreja e o Estado e da Vida do grande cidadão duque de Coxias*:

..... « V. s.ª espanta-se de que eu nada escrevesse a respeito da morte de D. Pedro v. Não creia v. s.ª na profundidade da afeição do pai que pôde escrever sobre o tumulo

do filho. Se eu tivesse um filho e me morresse, não me custaria mais a morte d'elle do que me custou a d'aquelle pobre rapaz. Era commigo, aqui, n'este mesmo humilde aposento onde escrevo a v. s.^a, que aquelle martyr, que esta terra nem comprehendia nem merecia, vinha muitas vezes buscar lenitivo, e onde muitas vezes não o encontrava, porque nem sempre podia esconder-lhe que o meu desalento ácerca do futuro era mais profundo que o d'elle. Era uma amizade desinteressada, como nunca teve rei nenhum, como nunca ninguem achou em rei. Se este seculq póde produzir santos, elle era-o. A minha affeição por D. Pedro começava a degenerar em paixão, e eu a perceber como se póde ser fanatico. Desconfio de que, se continuasse a viver, chegaria a fazer de mim o que quizesse. Felizmente aquella alma pura, aquella grande intelligencia não podia querer seuão o justo e o honesto: infelizmente Deus não quiz que essa ultima luz de esperança alumiasse os horisoutes de uma nação condemnada a morrer. Era uma especie de prostituição dizer n'um livro o que eu sinto a respeito d'elle. Não se alinham phrases a semelhante proposito. D. Pedro é para mim uma d'aquellas recordações que se levam até ao tumulo, e ahi se escondem como o perfeito avaro leva o seu ouro e o enterra n'um lugar solitario. Fez-me commendador da Torre e Espada, cousa que se dá a poucos, não lh'o aceitei. Deu-me um retrato seu e o *Ancien Régime* de Toqueville, annotado por elle; aceitei-os e guardo-os. São cousas pequenas, que me cabem na cova: hão de lá ir commigo».

Allude a esta carta um livro recém-publicado: *Armas e Letras*, por Soares Romeo Junior, livro «de impressões sérias, de saudades fundas, de desejos ardentes», na opinião de Camillo Castello Branco (*Bibliographia portugueza e estrangeira*, n.º 4, 2.º anno). Ahi se lê a pag. 26, no capitulo que se inscreve *Á memoria de Alexandre Herculanio*:

«Em uma noite, por occasião de uma sessão solemne do Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro, um cavalheiro illustradissimo, o snr. Manoel de Mello, subiu os degraus da mesa da presidencia e perante o concurso de seiscentas pessoas pedia lugar para a realza, não para a realza do mando, mas para a do talento, pedia emfim lugar para A. Herculanio.

«Era para a leitura de uma carta que este escriptor dirigira a outro brasileiro.

«Fez-se completo silencio, porque ia fallar o mestre pela bocca de um dos nossos mais esperançosos talentos».

⁵ Vej. no livro de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — *Vozes do ermo* — a carta-prologo de Latino Coelho. — Lisboa, 1876.

«A autora das *Vozes do ermo* é o talento feminino mais gracioso, mais delicado e mais intrepido d'entre todos os que no nosso tempo

teem illuminado as letras portuguezas » ; no conceito tão verdadeiro, quão gentilmente expresso por Guilherme de Azevedo na *Chronica lisbonense* — Folhetim do *Jornal do Commercio*, n.º 122 de 3 de maio de 1880.

⁶ Diz Pinheiro Chagas, em os *Novos ensaios criticos*, pag. 235, referindo-se ás *Pupillas do snr. reitor* :

« Não faltam defeitos comtudo n'este formoso livro, e a linguagem descuidada, o estylo ás vezes prosaico, o periodo muitas vezes cerrado e pouco variavel revelam no escriptor uma certa difficuldade em manejar o instrumento que lhe serve para communicar ao publico o seu pensamento, elevado e nobre. A *Familia inglesa*, publicada logo em seguida ás *Pupillas*, accentuou bem a physionomia litteraria de Julio Diniz. Ha n'elle duas faculdades predominantes, a faculdade de observação e a faculdade dramatica, mas a primeira domina a segunda a ponto de a prejudicar ; por isso os seus romances, interessantes, mas de pequeno enredo, se estendem por tantas paginas. Travando bem o dialogo, quando falla em seu nome a phrase enleia-se-lhe, e não corre com a necessaria valentia e correcção. Desenhando admiravelmente, o seu colorido é fraco. Podemos dizer que tem as qualidades e os defeitos dos romancistas inglezes, que estuda de preferencia, e é isso talvez que deu aos seus livros um ar de novidade, que impressionou um publico habituado a imitações francezas ».

Com relação ao talentoso e malgrado romancista que illustrou o pseudonymo Julio Diniz, convém tambem lêr no 1.º tomo da obra — *LITTERATURA, MUSICA E BELLAS-ARTES* — por José Maria de Andrade Ferreira as paginas sob o titulo *Joaquim Guilherme Gomes Coelho*, nas quaes se contém a analyse do romance *As pupillas do snr. reitor* e de seus personagens, e a apreciação dos estudos e naturaes inclinações do autor d'essa estimada composição. (Pag. 133 a 148).

Outrosim convém lêr o que a respeito de *Julio Diniz* escreveu o visconde de Benalcanfor * no livro *Phantasias e escriptores contemporaneos*, no qual (pag. 190 e 191), depois de apreciar os dotes do romancista, acrescenta :

« Reunam-se a estes dotes do romancista os toques apaixonados, o sentimento enternecedor, os extasis e os enleios do poeta, e teremos o conjuncto das qualidades preciosas do talento primoroso e privilegiado de Gomes Coelho, que tão grande vacuo deixou nas letras portugue-

* Ricardo Guimarães, autor do livro *Impressões de viagem, Cadix, Gibraltar, Paris e Londres*, e do opusculo *Episodios e narrativas da vida politica e parlamentar*.

Á frente das *Impressões de viagem* acha-se estampada a apreciação de Rebello da Silva acerca dos *Episodios e narrativas*.

zas com a sua morte precoce, — morte que elle predizia e adivinhava, quando no seu alaude melancolico desferia estas notas repassadas de funebres agouros, n'uma invocaçào sentida ás andorfinhas :

Sou eu, que vos sigo com vistas saudosas,
A vosso desterro, dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno,
Gemendo angustiado nas brenhas do val,
Convida-me ao leito do placido somno,
E as nenas cantá do meu funeral.

Eu morro ! Na chamma do sol que declina
Bem sinto o presagio d'um proximo fim.
Se um dia voltardes á vossa collina,
Ó doces amigas! lembrai-vos de mim.

« Quem poderá nunca esquecer-te, delicado e adoravel talento, que com mão segura soubeste sondar as feridas do coração, e derramar sobre ellas o balsamo e conforto de tua tão meiga e affectuosa sensibilidade? Quem não irá, commovido e respeitoso, inclinar-se e molhar um ramo de cypreste na urna das lagrimas para aspergir com ellas a lagea da campa, que, se te encobre para sempre aos nossos olhos, não poderá nunca furtrar-te á nossa admiração e ás nossas saudades? »

⁷ Esta publicação é assim avaliada no já citado livro *Phantasias e escriptores contemporaneos*, pag. 159 :

« As *Noites de insomnia* são mais um novo triumpho alcançado de mez em mez pelo grande romancista sobre os seus leitores. N'aquellas paginas refere a cada linha a veia impetuosa do autor. Em cada capitulo abundam as surpresas e as novidades dos thesouros da sua imaginação inesgotavel, apesar de prodigamente derramados por quasi um cento de volumes n'um periodo de 25 annos. Aos labores de uma linguagem vernacula e scintillante das mais vistosas galas e louçanias, linguagem manejada com raro primor pelo nosso primeiro e mais fecundo romancista, — Camillo Castello Branco acrescentou, nos ultimos 12 annos, as riquezas solidas de uma variada erudição e os recursos valiosissimos de manuscriptos curiosos, de ineditos raros, de joias bibliographicas, que, lavradas pelo gosto e pelo talento do insigne romancista, se transformam em narrativas cheias de novidade palpitan- e dramatica ».

⁸ « Para a biographia d'este insigne poeta mineiro, vej. *Noticia historica sobre a vida e poesia de José Eloy Ottoni*, escripta por seu so-

brinho o snr. Theophilo Benedicto Ottoni, da qual se tiraram, creio, alguns exemplares em separado, e anda inserta na edição do *Livro de Job*. Não sei se foi esta a mesma noticia que tambem appareceu publicada em varios numeros do *Jornal do Commercio* do Rio, d'ahi extractada para a *Revista universal lisbonense*, vol. xi, a pag. 526 e seguintes, e a que se ajuntaram algumas poesias sacras de Ottoni, que se diz serem até aquelle tempo ineditas, e existirem com outras em Lisboa em mão de pessoa curiosa. — O snr. Varnhagen, no tomo 3.º do *Florilegio*, dá igualmente algumas breves noções da vida do poeta, e transcreve alguns versos seus. Parece que em poder de seu mencionado sobrinho existem ainda varias outras composições, além das que elle pouco tempo antes de morrer entregára ás chammas, como inspirações da musa profana, com quem se divorciara desde muitos annos ». (*Dicc. Bibl. Portuguez* — Tom. 4, pag. 309).

Do *Livro de Job* se lê na obra e pagina citadas :

« *Job, traduzido em verso . . . Precedido 1.º de um discurso sobre a poesia em geral, e em particular no Brazil, pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro; 2.º de uma noticia sobre a vida e poesias do traductor, pelo snr. Theophilo Benedicto Ottoni; 3.º de um prefacio extrahido da versão da Biblia por de Genoude.* Rio de Janeiro, typ. Braziliense de F. Manoel Ferreira — 1852, 8.º gr. de xxxix — 42 — 104 pag. — O editor d'esta publicação posthuma, o snr. conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, a dedicou ao exc.º bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira.

« Na *Revista trimestral*, vol. xviii, a pag. 23 do *Supplemento*, vem qualificada esta obra de pequeno volume, que encerra immensa riqueza; o *Discurso sobre a poesia* é a chave de ouro que abre a porta de um monumento; e a *Versão de Job* por Ottoni é um novo florão que vai prender-se á corôa que este poeta brasileiro já conquistára com a traducção dos *Proverbios de Salomão*. . . Concluindo por dizer que « J. E. Ottoni é um d'esses homens que teem o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria ».

De José Eloy Ottoni ha, além de outras composições poeticas, um soneto (a que serve de fecho o verso: *Escravos hontem, sois romanos hoje*) no tomo III do *FLORILEGIO DA POESIA BRAZILHEIRA*. Madrid, 1853, pag. 25-41.

º Com o titulo *Os xipostos* ha um drama, representado com applauso, de Antonio Ennes, autor dos *LAZARISTAS*. (Veja-se com relação a este escriptor a apreeiação litteraria por Fernandes Costa no *CORREIO DA EUROPA* de 22 de janeiro de 1880, d'onde extrahimos estas linhas :

« As suas produções, marcadas pela indelevel caracteristica de uma grande intelligencia, tiveram no espirito publico, quaesquer que

fossem os defeitos que se lhe notaram, uma acção energica. Affluiram então, pelo estímulo e pelo exemplo, com produções estimaveis, a enriquecer o nosso thesouro dramatico, outros bons talentos ».

¹⁰ Referindo-se a este discurso, que é apresentado por F. J. Caldas Aulete como traslado de eloquencia parlamentar, diz o dr. Joaquim Manoel de Macedo no *Supplemento do Anno Biographico*, vol. IV, pag. 430 :

« No senado honrou Salles Torres Homem a tribuna com a sua luminosa palavra, e que alli não tivesse fallado senão uma vez, fôra de sobra para sua gloria o discurso que proferira em defeza do projecto, que dias depois se tornou lei do imperio pelo decreto de 28 de setembro de 1871.

« Esse discurso, triumpho immenso de logica irresistivel, de eloquencia arrebatadora, de inspiração sublime, basta para perpetuar o nome de Salles Torres Homem, e foi, e devia ser, o seu *Canto de Cyene* ».

« As palavras ardentes e da mais viva eloquencia com que Salles Torres Homem concluiu o seu monumental discurso na sessão do senado de 5 de setembro de 1871 » foram reproduzidas na *edição extraordinaria do CORREIO DA TARDE* de 30 de julho de 1879.

Eil-as :

« Senhores (exclamou o inspirado orador), como a mais bella das compensações teremos a consciencia de haver cumprido um arduo dever para com a humanidade e a civilização; teremos os applausos do paiz. (*Apoiados*) Esses milhares de mulheres que durante o curso de tres seculos tantas vezes amaldiçoaram a hora da maternidade e blasphemaram da Providencia, vendo os fructos innocentes de suas entranhas condemnados ao perpetuo captiveiro, como se fôra crime o ter nascido, levantarão agora seus braços e suas preces aos céos, invocando a benção divina para aquelles que lhes deram a posse de si mesmos. (*Muito bem*) Estas expressões de gratidão dos pobres afflictos valem mais do que os anathemas do rico impenitente (*apoiados*), mais que os ataques dos poderosos que não souberam achar meios de prosperidade senão na ignominia e no soffrimento de seus semelhantes! (*Muito bem, muito bem! Applausos*) ».

N'essa mesma edição, nas columnas que se inscrevem sob o titulo VISCONDE DO RIO BRANCO — *Datas celebres da sua gloriosa vida* — e são devidas, notoriamente, ao dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, cuja penna, vigorosa e tersa, exorna com as galas do estylista as luctubrações do publicista, se lê com relação ao estadista, que, no dizer de Mucio Teixeira, o cantor dos Novos IDEAES :

« Não contente em colher tão viridentes louros,
 Pensaste no destino atroz da escravidão...
 Quizeste fazer jus a mais sinceros braços,
 E, abrindo os braços teus aos miseros escravos,
 Foste a moderna cruz da nova redempção ».

a seguinte referencia, tão honrosa quanto merecida :

« A 28 de setembro, a civilização, a humanidade e a razão nacional viram realisada a aspiração que desde 1822, quando a formulou Maciel da Costa, finado marquez de Queluz, parecia só esperar que um homem de genio, completando a obra iniciada em 1831, houvesse bastante força para esculpir na tábua das leis o sacrosanto principio da liberdade dos nascituros de mulher escrava. Esse homem predestinado foi o visconde do Rio Branco ».

.....
 E esse homem predestinado pertence já á legião dos « mortos immortaes ».

São innumerous os documentos que se podem consultar para a biographia do *Wüberforce Brasileiro*; n'este lugar, porém, nos limitamos a indicar o livro *Apontamentos para a historia — O VISCONDE DO RIO BRANCO*, por Luiz de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro — 1871), e os notaveis artigos editoriaes (são pela voz publica attribuidos ao dr. F. L. de Gusmão Lobo) do *JORNAL DO COMMERCIO* de 2 e 3 de novembro de 1880.

Em homenagem ao eminente estadista escrevemos, no dia em que desceram á sepultura os seus despojos mortaes, as linhas que vamos reproduzir e que, dadas á estampa na parte editorial da *GAZETA DA TARDE* de 2 de novembro do anno supra indicado, foram reimpressas no *Boletim* n.º 3 — 28 de novembro de 1880 — da *ASSOCIAÇÃO CENTRAL EMANCIPADORA* :

Sunt lacrimæ rerum

« Uma grande familia — a patria — acaba de ser ferida no coração por tremendo golpe: a morte do VISCONDE DO RIO BRANCO.

« Tombou, como o jequitibá de altiva coma, o egregio brasileiro, cuja privilegiada intelligencia tanto enalteceu e exaltou a penna do jornalismo, a cadeira do magisterio, a tribuna do parlamento, as negociações da diplomacia e os conselhos da corôa; o preclaro homem d'estado, a cujo enorme talento, nutrido por solidos estudos, sobreluzia vivido e accendrado patriotismo!

« Choremos com a grande familia — a nação — a immensa perda que n'este momento a punge, crucia e enluta. A communhão na dôr é preito devido a ELLE, um dos mais dilectos filhos da patria; a ELLE, o politico vidente que — não ha ainda dous lustros! — Moysés da liber-

dade, tendo nas mãos a tábua da *Lei n.º 2040 de 28 de setembro de 1871*, apontava ao povo brasileiro o caminho do engrandecimento moral, da gloria perduravel; a ELLE, o consummado estadista, o eminente cidadão que tanto honrou e ennobreceu os annaes patrios; a ELLE, José Maria da Silva Paranhos, VISCONDE DO RIO BRANCO, grande pelo entendimento, pelo saber, pelos serviços, pelo caracter e pelo coração; a ELLE, cujo despojo mortal vai acolher-se ás sombrias regiões da campa... Mas ahí não ficará enclausurado o nome immorredouro, que pela mão da historia ha de ser inscripto, em aureas letras e em mais de uma pagina, nos fastos nacionaes.

«Silencio, pois! E, de joelho em terra, curvemos a frente ante o ataude que passa, coberto de saudades, levando á Immortalidade, pranteado e abençoado pela patria e pela humanidade, um dos mais illustres e benemeritos filhos do Brazil.

«2 de novembro de 1880.

«G. BELLEGARDE».

O referido *Boletim* tem a dedicatoria: *Ao Wülberforoe Brasileiro — A José Maria da Silva Paranhos — VISCONDE DO RIO BRANCO — Seja eterna a gratidão — DE TODOS OS LIBERTOS — Do partido abolicionista brasileiro — De todos os amigos da Justiça e da Equidade — e da — Liberdade, Igualdade e Fraternidade. — Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1880.*

¹¹ Assim se exprimiu nas *Questões do dia* n.º 10, de 30 de setembro de 1871, o conselheiro José Feliciano de Castilho, que na imprensa propugnára indefesso pela promulgação da lei de libertação gradual do estado servil. E, pois que a este assumpto nos referimos, vamos para aqui trasladar o que sob o titulo *Elogio biographico* estampou á frente do *Novo Almanach de Lembranças* para o anno de 1880 Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, autor da *Doude de Albano*, de *Tasso no hospital de doudos* e de outras conhecidas e estimadas composições:

«José Feliciano de Castilho sahio de Lisboa com a sua familia em 1847, e, escolhendo para sua residencia o Rio de Janeiro, pôde dizer-se que encontrou ahí uma segunda patria. Por vezes o confessa nos seus escriptos, e de genio naturalmente reconhecido, sempre que se lhe deparou ensejo de saldar no todo, ou em parte, esta divida de gratidão, não duvidou fazel-o.

«Designadamente o fez na questão do elemento servil, com a defesa do projecto, hoje convertido na lei de 28 de setembro de 1871, para a gradual abolição da escravidão. Nas *Questões do dia*, hoje reunidas em volume de perto de 400 paginas, os artigos do roceiro *Cinco-nato* são a lucta eloquente e corajosa da idéa liberal contra o obscu-

rantismo, da civilisação e do progresso contra a cegueira dos interesses.

« Diziam os seus contrarios que os cofres publicos se despejavam para recompensar o *Cincinnati* de tão persistente defeza, e Castilho com a mão na consciencia, respondia :

« É falso que elle seja, nem jámais fosse assalariado por ninguem, nem no Brazil, nem em parte alguma do mundo.

« Nunca pôz a sua penna (de ouro ou de chumbo, isso não é o caso) á disposição senão das suas convicções. Tem pejado os prelos com dezenas de volumes, impressos sempre á sua custa, ou de seus editores. Tem superintendido a redacção de 7 folhas periodicas durante largos annos ; tem sido escriptos seus acollidos em mais de 30 jornaes allemães, franceses, portuguezes e brasileiros, sem que jámais recebesse estipendio algum por estas collaborações, e sendo propriedade sua as folhas que superintendeu. D'este constante procedimento em nada destôa o recente: ninguem lhe offereceu, ninguem lhe ousaria offerecer especie alguma de remuneração por seus pobres escriptos, já pelo cavalheirismo inconcusso de quem taes offercimentos houvesse podido verificar, já pela certeza prévia de que bastaria o minimo vislumbre que a tal proposta se assemelhasse, para o fazer, não molhar a penna em tinta, mas quebral-a ».

Tom. v — 15 de agosto, 1880.

¹² Attribue-se-lhe o eloquente pamphleto politico O GOVERNO E O POVO DO BRAZIL NA GUERRA DO PARAGUAY (Campos — 1868), por *Mennenio Agrippa*, pamphleto em que, segundo Dias da Silva Junior (*Perfil historico-biographico* a cuja frente se acha o retrato do conselheiro J. F. da Costa Pereira Junior): « manifestou o publicista uma nova e brilhante face de seu talento, descobrindo o futuro estadista que bem cedo deveria prestar ao pais relevantissimos serviços ».

¹³ Com entranhavel satisfação reproduzimos do DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, por Francisco de Almeida (*fasciculo* 13.º, pag. 591, 1.ª col. *in fine*) as seguintes linhas :

« THOMAZ JOSÉ COELHO DE ALMEIDA. — Estadista brasileiro ; deputado á assembléa geral pela provincia do Rio de Janeiro, fez-se notavel por varios discursos sobre questões financeiras, sendo chamado em 25 de junho de 1875 para o gabinete organizado pelo duque de Caxias. A sua administração assignalou-se pela iniciativa de grandes melhoramentos, taes como os contractos para o abastecimento d'agua á capital do imperio, prolongamento de caminhos de ferro, e forte impulso á colonisação. E' grande official da Legião de Honra e cavalleiro da Ordem de Christo, do Brazil ».

Com relação ao benemerito ex-ministro da agricultura, conselheiro Thomas José Coelho de Almeida, veja-se o esboço biographico, que acompanha o seu retrato, na ILLUSTRAÇÃO BRAZILERA (n.º 5, de 1 de setembro de 1876) e assim termina: « S. exc.ª é moço. Trabalhe; e talvez possa um dia algum biographo dizer de s. exc.ª o que Guizot dizia de Robert Peel: *Dieu accorde rarement à un homme tant de fa-veurs* ».

Temos fé que estes votos se hão de cabalmente realisar.

Tambem a ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL, dando na primeira pagina do n.º 56 (anno III) de janeiro de 1878 o retrato do mencionado ex-ministro da agricultura, « como sincera homenagem pelos serviços que ao paiz prestou o conselheiro Coelho d'Almeida », escreveu o artigo de que destacamos o seguinte periodo: « O ex-ministro da agricultura não só é reconhecido como habil juriseconsulto e eminente homem politico, como tem tambem sabido conquistar invejaveis louros na tribuna parlamentar, onde a sua palavra autorisada é sempre acolhida com interesse e sympathia ».

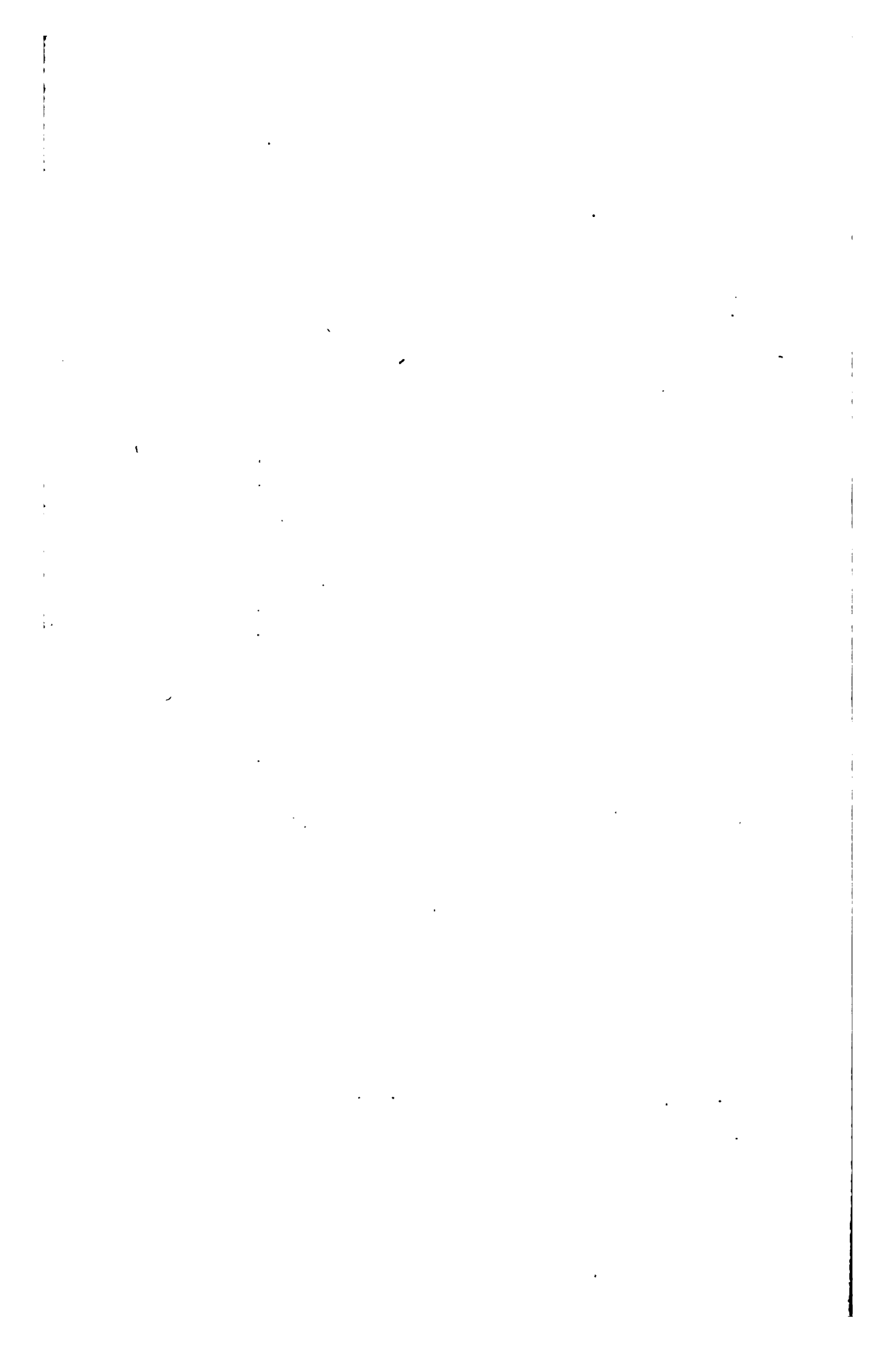
¹⁴ Palavras do artigo editorial do DIARIO DO GRAN PARÁ, n.º 228 de 26 de setembro de 1879, que com razão observa « não devem ser esquecidos ao lado do nome do visconde do Rio Branco os dos senadores visconde de Nieteroy, ministro da justiça, Domingos José Nogueira Jaguaribe, ministro da guerra, e os dos deputados conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro do imperio, Manoel Francisco Corrêa, ministro dos negocios estrangeiros, Manoel Antonio Duarte de Azevedo, ministro da marinha e Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, ministro da agricultura, commercio e obras publicas ».

¹⁵ Abre a *Primeira parte dos versos de Antonio Ferreira* (POMAS LUSITANOS) a seguinte oitava consagrada

AOS BONS INGENHOS:

A vós só canto spritos bem nascidos,
 A vós, e ás Muses offereço a Lyra:
 Ao Amor meus ays, e meus gemidos,
 Compostos do seu fogo, e da sua ira.
 Em voasos peitos são, limpos ouvidos,
 Cayão meus versos, quaes me Phebo inspira.
 Eu d'esta gloria só fico contente,
 Que a minha terra ame, e a minha gente.

(Vej. na LIVRARIA CLASSICA o tom. e a pag. acima indicados).



II

A JUSTIÇA, PARA SER COMPLETA, HA DE JUNTAR Á PUNIÇÃO DAS FALTAS O GALARDÃO DO MERITO E DOS SERVIÇOS

Vai fallar um dos proceres das letras brasileiras, João Francisco Lisboa ¹, o eminente publicista universalmente conhecido pelo Timon brasileiro, e conceituado, em artigo editorial da *Republica* de 2 de fevereiro de 1871 — « *nobre animo de tempera antiga* ».

João Francisco Lisboa, depois de julgar com louvavel isenção de animo o reinado de D. Pedro I, escreveu estas eloquentes palavras :

« Mas a justiça, para ser completa, ha de juntar á punição das faltas o galardão do merito e dos serviços. Foi por isso que o Brazil, trinta annos depois e sob o reinado pacifico e benefico do herdeiro d'este throno abandonado, erigiu um soberbo monumento ao primeiro imperador.

« Os erros de D. Pedro I tem a sua explicação como a sua desculpa em uma educação incompleta e mal dirigida, na in-experiencia da mocidade, nas circumstancias extraordinarias e difficeis em que elle sempre se achou, e nas tradições e practicas inveteradas do antigo regimen, com as quaes nunca pôde

romper abertamente e de todo, apesar das transformações externas e superficiaes operadas pela revolução, e das suas tendencias pessoaes para as idéas liberaes. O sangue vertido nos cadafalsos não era mais que o fructo amargo d'essa abominavel justiça politica, tão antiga como o mundo, e que o passado lhe legára. Por justas que fossem as queixas da nação, a confederação do equador, proclamando a republica, despojava o imperador de um throno que elle sem duvida entendia dever mais á herança dos seus maiores, que ao voto unanime dos povos, dado que o ultimo titulo fosse o unico que lhe reconhecesse a propria constituição por elle promulgada. D'ahi a sua colera e os actos de vingança que d'ella nasceram; que em verdade, e como bem o dizia o padre Antonio Vieira — « não ha ciumes mais impacientes, mais precipitados e mais vingativos, que os que tocam no sceptro e na corôa; e apenas terá havido purpura antiga nem moderna que por leves suspeitas n'este genero se não tingisse em sangue.

« Por outro lado, os serviços que o imperador prestou ao Brazil são immensos e gloriosos, e contrabalançam, se é que não superam, os erros que os acompanharam; porque estes affectaram apenas os seus contemporaneos, e com elles desapareceram; e os resultados d'aquelles perduram ainda, e se não de fazer sentir até á mais remota posteridade.

« Fundador do imperio, D. Pedro associou o seu nome á independencia de um modo irrevogavel; e se por um acto de arbitraria impaciencia violou a representação nacional, para logo fez elaborar e promulgou uma constituição liberrima, a cuja sombra temos atravessado quarenta annos de uma existencia comparativamente normal, no meio das vicissitudes e catastrophes em que no antigo e novo mundo se tem subvertido tantos artefactos da politica — thronos e republicas.

« Coração generoso e heroico, sem embargo de umas tantas velleidades despoticas, e de certa inconstancia natural que uma morte prematura não permittiu á idade o corrigir, elle amou a liberdade sinceramente ³, e sempre inclinou o animo a acções grandes e lustrosas. Foi sem duvida a impulsos d'esse grande coração que, depois de haver fundado a independencia

e o imperio, recuou diante da lucta suprema, na qual para sustentar o throno, teria de comprometter a sua obra; e regressando á primeira patria, corou nobremente uma vida tão agitada, despendendo-a e exaurindo-a até o ultimo alento na restauração da liberdade que lhe legou como sobeja compensação de antigos e juvenis aggravos». (Pag. 336 a 337 da *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*. 4.º anno, abril de 1862, tom. IV — Lisboa, 1864).

(Extrahido das pag. 121-123 da IMPUGNAÇÃO, pelo major de engenheiros, Conrado Jacob de Niemeyer, á NARRATIVA HISTORICA — *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil*, pelo conselheiro João Manoel Pereira da Silva).

O pensamento, expresso na phrase que a este artigo serve de epigraphe, acha-se contido na seguinte *quintilha* da carta de Sá de Miranda a D. João III: .

Pena e galardão igual,
O mundo a direito tem,
A uma regra geral;
Que a pena se deve ao mal
E o galardão ao bem.

D'esta carta do *docto e grave Sá* (assim o appellida Antonio Ribeiro dos Santos — Vej. PARNASO LUSITANO — *Epistolares* — tom. v, pag. 1) outros mui sentenciosos versos se depararão ao leitor, e d'entre esses são dos mais frequentemente citados:

Homem de um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.

Onde ha homens ha cubiça
Cá e lá, tudo ella empeça,
Se a santa, se a igual justiça
Não corta, ou não desempeça
O que a má malicia enfiça.

.....
 Farei como os cães do Nilo,
 Que correm e vão bebendo.

.....
 Sem cabeça o corpo é vão.

.....
 Não se descuide o rei;
 Que inda não é feita a lei
 Já lhe são feitas cautelas.

.....
 Que eu vejo nos povoados
 Muitos dos salteadores,
 Com o nome e rosto de honrados,
 Andar quentes e forrados
 Das pelles dos lavradores.

.....
 E, senhor, não me creaes
 Se as não acham mais finas
 Que as de lobo cervaes,
 Que arminhos, que zebelinas,
 Custam menos, cobrem mais.

.....
 Fallai em tudo verdades
 A quem em tudo as deveis.

.....
 A tempo o bom rei perdôa;
 A tempo o ferro é mezinha.

.....
 De fóra mansos cordeiros,
 De dentro lobos roazes.

.....
 Com duas canas diante
 Is amado e is temido.

.....
Obr. cit., pag. 4-17.

A respeito de Sá de Miranda, do qual diz Theophilo Braga (MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 266-372): «Dá-se n'este homem a perfeita alliança do talento com o character; do homem que á frente do movimento da re-

nascença em Portugal hasteou a signa da escola italiana em derredor da qual se agruparam « os mancebos poetas do tempo, Caminha, Bernardes, Jorge de Monte-Mor e Ferreira, que, attrahidos pela luz da celebridade do mestre, anciavam por dirigir os passos pelas novas sendas por elle indicadas », conforme se exprime Andrade Ferreira (CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 349-352), muito se ha escripto, como facil é verificar examinando no DICC. BIBL. PORT. — tom. III e IX, as pag. 53-56 e 371-373. Faremos, porém, especial menção, d'entre os authores apontados no DICC., dos seguintes: José Maria da Costa e Silva (ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO — tom. II, cap. II, pag. 8-74); Francisco Dias Gomes (MEMORIAS DA LITTERATURA PORTUGUEZA — tom. IV, pag. 26-305. *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões, segundo o espirito do sabio programma da Academia Real das Sciencias, publicado em 17 de janeiro de 1790.* (Esta Memoria foi coroada na sessão publica de maio de 1792); e tambem de Joaquim de Vasconcellos nos MUSICOS PORTUGUEZES, tom. I, pag. 267-272; Francisco Sotero dos Reis (CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA. Lição XII — tom. I, pag. 153-174); e conego Fernandes Pinheiro (CURSO ELEMENTAR DE LITTERATURA NACIONAL, pag. 31-33, 45, 55, 57-59-60 e 89-94).

É digna de leitura a contradicta do dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira á interpretação que dá Camillo Castello Branco, no estudo sobre *Sá de Miranda*, a um soneto de « reputação européa » d'este notavel poeta.

O estudo a que alludimos acha-se impresso de pag. 29-51 no 2.º vol. da HISTORIA E SENTIMENTALISMO e a contradicta no tom. VII, 15 de fevereiro de 1881, da REVISTA BRAZILEIRA, pag. 267-275, sob o titulo *Um soneto de Sá de Miranda*.

O assumpto controvertido é d'est'arte indicado por C. Castello Branco:

« Ha um soneto de reputação européa, entre os trinta e um de Sá de Miranda. Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Diniz não o perceberam; mas acclamaram-no admiravel. Não es-

panta que o não entendessem do modo como elle está pontuado na 1.ª edição e deturpado na 2.ª Além d'isso, Sá de Miranda, como diz D. Francisco Manoel de Mello, é tão vernaculo em seu estylo, tão cerrado portuguez, que nenhum estrangeiro pôde entendel-o (*Hosp. das letras*, pag. 313). É este o soneto que eu pontuei, discrepando da opinião, que vou expôr, d'um eminente litterato :

O sol é grande, caem co'a calma as aves
Do tempo em tal sazão que sóe ser fria.
Esta agua, que d'alto cae, acordar-me-hia
Do somno não, mas de cuidados graves.

Ó cousas todas vãs, todas mudaves !
Qual é o coração que em vós confia ?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves.

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi aguas e vi fontes, vi verduras,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores :
Se tudo o mais renova, isto é sem cura ».

O eminente litterato, a quem se refere o author da HISTORIA E SENTIMENTALISMO, é José Gomes Monteiro, que prestou « assignalado serviço nas edições que em 1834 empreendeu e publicou, conjunctamente com outro illustre exilado, José Victorino Barreto Feio, das OBRAS DE GIL VICENTE e de CAMÕES ».

A respeito do prestantissimo amigo de Almeida Garrett, conforme relata Francisco Gomes de Amorim nas MEMORIAS BIOGRAPHICAS, cap. XVI-XVIII, pag. 446-592, convém lér os artigos insertos no DICG. BIBL. PORT., tom. IV, pag. 363-364, a REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL, no tom. V, pag. 229-240 (*Carta de Camillo Castello Branco e notas complementares por Theophilo Braga*) e os ESBOÇOS DE APRECIACÕES LITTERARIAS, por C. Castello Branco, pag. 211-220.

Acudindo em defeza da traducção do *Fausto*, de Goethe, pelo cantor da PRIMAVERA, publicou Gomes Monteiro ³ o livro OS CRITICOS DO FAUSTO DO SNR. VISCONDE DE CASTILHO vehementemente impugnado por Francisco Adolpho Coelho no opusculo SCIENCIA E PROBIDADE, o qual, na pagina que antecede á *Advertencia*, menciona mais as seguintes publicações attinentes ao assumpto :

Goethe e o snr. Castilho. Artigo de Graça Barreto na GAZETA DO POVO, n.º 815, com data de 15 de julho de 1872.

BIBLIOGRAPHIA CRITICA DE HISTORIA E LITTERATURA, publicada por F. Adolpho Coelho. Vol I, fasc. 1.º, art. 1.º (sobre o *Fausto* de Castilho).

O FAUST DE GOETHE e a traducção de Castilho, por Joaquim de Vasconcellos. Porto, Imprensa Portugueza, 1872, 8.º XII-585 pag.

Tratando da BIBLIOGRAPHIA CRITICA de historia e litteratura escreve Theophilo Braga na 2.ª parte, 502-508, da HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL: « A propagação da *escôla revolucionaria* no Porto começou propriamente em 1868; em 1873, na imprensa portugueza fundou-se a BIBLIOGRAPHIA critica de historia e litteratura, como um órgão directo de combate. Os intuitos são bem claros: « A publicação da BIBLIOGRAPHIA CRITICA parte apenas de um desejo: o de vermos o nosso paiz entrar no grande movimento scientifico europeu, de que anda tão afastado, principalmente no que diz respeito ás sciencias historicas e philosophicas ». Acerca dos collaboradores dizia a introduccção: « É muito pequena a collaboração que esperamos dos nossos conterraneos; mas ainda assim *teremos sempre a nosso lado o pequenissimo numero de mancebos portuguezes que teem comprehendido a seriedade da sciencia. . .* » A BIBLIOGRAPHIA CRITICA foi generosamente acolhida na Allemanha, Italia, França, Inglaterra, Russia e Hespanha ».

.....
 « Muitos escriptores estrangeiros, correspondendo ao intuito da BIBLIOGRAPHIA CRITICA, offereceram algumas das suas obras aos collaboradores d'este jornal, estabelecendo-se assim

uma admiravel fraternidade litteraria; citaremos os nomes de Mr. Littré, Coussemaker, August Reissmann, Carolina Michaëlis, Wilhelm Storck, D'Avezac, Asenjo Barbieri, Emilio Hubner, Theodoro Mommsen, Platão de Vaxel, Reinardsttatner, Ascoli, G. Muller, Stengel, E. Teza, Pasquale Garofolo, Monaci, Adolf Gaspary, Giuseppe Pittre, Mortillaro, Ad. Mussafia, Amador de los Rios, Herman Suchier, dr. Lucking, dr. Grober, Gaston Paris, Paulo Meyer, Bataillard e outros não menos distinctos, a quem a evolução litteraria portugueza mereceu apoio e franca sympathia ». A BIBLIOGRAPHIA CRITICA acabou com o 1.º vol. (1873-1875, pag. 1 a 390, in-8.º grande) por difficuldades economicas, mas ficou o impulso; pôde-se dizer que a escola de Coimbra, fortalecida pelo trabalho scientifico e litterario do Porto, assegurou o seu triumpho decisivo, entrando no magisterio.

Lembraremos de passagem que Theophilo Braga allude tambem, a pag. 508 da obr. cit., á menção dos nomes de « *Quental, Braga, Oliveira Martins y otros hombres de la escuela nueva* » feita por Fernandes de los Rios no livro MI MISION EN PORTUGAL; livro que occasionou a publicação do que se intitula PORTUGAL E SEUS DETRACTORES, por L. A. Palmeirim (Lisboa — 1877).

Em homenagem ao eminente author do DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, ao illustre fundador da RÉVUE POSITIVE, o sabio Littré, successor de Villemain na Academia Franzeza, ampliaremos esta *nota*, additando-lhe as seguintes linhas:

« E. LITTRÉ. — Nascido em Paris, a 1 de fevereiro de 1801, depois de brilhantes estudos, Littré applicou-se á medicina, tendo sido recebido por concurso como interno dos hospitaes. Mais tarde, abandonou a carreira, sem tomar o grau de doutor, e dedicou-se ao estudo das linguas, assimilando-se o sanskritto, o arabe, o grego antigo e moderno, assim como as principaes antigas e vivas; e d'est'arte tornou-se dentro em pouco um dos primeiros philologos franzezes e um dos sabios mais profundos do seu tempo, abraçando o seu saber toda a extensão dos conhecimentos humanos em uma medida mais ou menos consideravel.

« Em 1828, Littré fundava com Andral e outros o *Journal hebdomadaire de médecine*. Em julho de 1830, tomava parte activa nos acontecimentos e entrava para a redacção do *National*, que só deixou quando essa folha foi supprimida em 1855. Ao mesmo tempo collaborava na *Revue des deux mondes*, na *Gazette médicale de Paris*, na *Expérience*, revista de medicina e physiologia, que fundára em 1837 com Dezeimeris. Em 1839 Littré entrava para a Academia das Inscriptões e Bellas-Letras, em substituição de Pouqueville, e era designado por essa academia, em 1844, para substituir Fauriel na commissão da historia litteraria da França, funcções que resignára, depois de ter assignalado n'ellas a sua passagem por uma collaboração consideravel n'esse monumento, mas ás quaes foi de novo chamado em julho de 1876.

« Littré foi um dos primeiros adeptos, e o mais serio seguramente, do novo systema philosophico de Augusto Comte, que sustentou na imprensa, do qual publicou em 1845 um resumo, substancial, escripto com a clareza, que falta absolutamente ao pai da philosophia positiva.

« Após curta appareição na scena politica, Littré voltou á sua vida de estudo constante. Nomeado, em 1854, redactor do *Journal des Savants*, fundou em 1855 a *Revue positive*, que continuou a dirigir com grande actividade até ha pouco.

« Entre as suas obras mais importantes sobresaem o magnifico *Dictionnaire de la langue française*, e o *Dictionnaire de médecine, chirurgie et pharmacie, de l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent*. N'esta ultima obra teve por principal collaborador o sabio dr. C. Robin.

« O sabio francez que hontem falleceu deixou, entre outras, as seguintes obras: uma brochura sobre o cholera asiatico (1832); uma nova traducção das obras de Hippocrates (1839 a 1861), cujo primeiro volume bastou para abrir a Littré as portas da Academia das Inscriptões e Bellas-Letras; uma traducção da *Vida de Jesus*, do dr. David Strauss (1832 a 1840); *Da philosophia positiva* (1845); *A historia natural de Plinio* (1848); *Appliação da philosophia positiva ao governo das sociedades* (1849); *Conservação, revolução, positivismo* (1852);

uma edição completa das obras de Armand Carrel (1843); *Historia da lingua franceza, Augusto Comte e a philosophia positiva* (1863); *Diccionario da lingua franceza* (1863 a 1872); *A verdade sobre a morte de Alexandre Magno* (1865); *Medicina e medicos* (1872); *Litteratura e historia* (1876), etc. ».

(JORNAL DO COMMERCIO de 4 de junho de 1881).

« O seculo acaba de perder um dos seus maiores educadores: falleceu em Paris Emilio Littré.

« A sua vida foi um longo apostolado de sciencia. Fez do estudo uma arma, do ensino uma barricada, e probou, desinteressado, justo, feriu combates, cujas victorias não serviram só para ennastrar-lhe a frente de louros, mas principalmente para illuminar o espirito humano.

« A ultima pessoa a quem queria engrandecer era a si proprio. Tinha pela humanidade a veneração profunda, que só o positivismo sabe inspirar aos seus discipulos ».

(GAZETA DE NOTICIAS de 5 de junho de 1881).

« Maximiliano Paulo Emilio Littré não é um producto da sciencia official das academias, e talvez a essa excepção do engenho, deveu a sua robusta originalidade. Nascido em Paris, no meio das classes populares, teve sempre o colorido energico da sua raça e da sua classe. Apenas estudou preparatorios e os principios da medicina, esta mesma pelo seu talento, em concurso para interno dos hospitaes. Depois foi pedir á imprensa o pão quotidiano, e a estudos individuaes de linguistica, philosophia e sciencias physicas, a disciplina e orientação de seu cerebro, em que a intuição suppria as noções transmitidas.

« Acompanhou os trabalhos dos san-simonianos, foi adepto de Augusto Comte, e mais tarde, quando o mestre se embrenhou no mysticismo, coube-lhe separar o trigo do joio, e extrahir das *Instituições positivistas* o methodo scientifico, as classificações e os principios sociologicos. Fallando á anarchia moral do Occidente em nome dos factos scientificos adquiridos, conseguiu dar aos espiritos mais cultos um ponto de partida serio e de que pôde dimanar a elaboração de uma nova ordem

moral e philosophica. Não esqueceu em suas cogitações o Brazil.

«Ha mais de uma prova na sua *Revista* de que analysou bem a nossa raça, classificada entre as historicas, e da qual elle esperava um apostolado intellectual no hemispherio do sul. Sorria a todos os talentos de origem brazileira e n'elles via reviver a vitalidade latina. Como Lamartine, foi elle um propheta intuitivo de nosso futuro ».

(CRUZEIRO. — *Era ut supra*).

«Emilio Littré não foi o simples discipulo de Comte, unicamente o interprete e vulgarizador da sua obra, da sua idéa. Como Comte bebera na convivencia com Saint-Simon muitas inspirações e estimulos que elle proprio não consegue esconder; mais tarde, quando em phrase rude o combate, e nem por isso deixára de construir uma creação sua, assim Littré, porventura menos audacioso nos horisontes da concepção e da synthese para ser um creador como Comte, ao mesmo tempo que espalha profusamente as idéas, as leis, e as vistas do mestre, dá-lhes essa fórma clara e convincente da exposição, e expurga-a por vezes de uma exagerada abstracção, propria de uma imaginação que via longe de mais.

.....
 «Sobre a campa de Littré ha uma divida a pagar em nome das commemorações e dos respeitos que a philosophia positiva consagrou. Levantemos sobre essa campa o monumento da unidade de crenças, de principios, de aspirações e de propagandas, e as suas cinzas ficarão bem respeitadas, e a gloria do mestre bem definida, e o futuro da humanidade bem encaminhado.

«ANTONIO ZEFERINO CANDIDO».

(CRUZEIRO, de 7 de junho de 1881).

N'este artigo dos SUBSIDIOS LITTERARIOS, não fôra licito sonegar a Augusto Comte as homenagens que lhe são devi-

das. Desempenhar-nos-hemos d'este dever cedendo a palavra a um dos nossos mais talentosos positivistas: ao poeta, romancista e jornalista brasileiro, José do Patrocínio.

É elle quem falla :

« Este homem superior, com 24 annos, expoz as idéas fundamentaes da sua philosophia. Viveu em um trabalho especulativo, incessante, em lucta com o meio que em sua estreiteza queria abafal-o, negando-lhe repouso, subsistencia, campo. Mas elle impassivel, seguiu a sua linha como uma inflexibilidade. Nada o demoveu da sua meta. Assim nos deixou seus innumeros trabalhos, todos valiosos, todos uteis, todos sujeitos ao plano geral da sua grande synthese.

« Seu memoravel *Curso de philosophia positiva* abriu-o elle, na propria casa em 2 de abril de 1826. Foi em um domingo, e achavam-se na sala como ouvintes, Humboldt, Blainville, Poissôt, Charles Dunoyer, Carnot, Mongery e outras grandes notabilidades da época. Uns, nomes feitos; outros, nomes que se fizeram. Auditorio que mostra em que conta era tido o illustre conferente, ainda joven, mas cujo saber universal era admirado.

« Infelizmente á terceira lição foi fechado o *Curso*, por ter sido Comte atacado de alienação mental, em vista dos grandes trabalhos intellectuaes a que se entregára sem descanso.

.....

« Logo no anno seguinte, curado e restabelecido de todo, continuou na mesma ordem de trabalhos; e em 1828, no *Journal de Paris*, sustentou uma acalorada polemica sobre o trabalho de Broussais, *De l'irritation et de la folie*, com o proprio Broussais.

« Só em 1842 escreveu Comte as ultimas linhas do seu glorioso monumento: gastando portanto dezeseis annos entre a concepção e a completa realisção. Ahi ficaram estabelecidas e determinadas as bases geraes do positivismo; e as duas leis, supremas, reguladoras de todo este grande desenvolvimento philosophico, ficaram sendo as leis dos tres estados e da hierarchia scientifica.

.....

« Esta vasta concepção philosophica tomou o nome generico de positivismo, impulsionando a geração que apparece sob uma orientação firme e salutar ».

(Artigo editorial da GAZETA DA TARDE, de 5 de setembro de 1881).

NOTAS

¹ Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. III, pag. 878, PANTHEON MARANHENSE, pelo dr. Antonio Henriques Leal, tom. IV e ultimo, pag. 8-211, e EPHEMERIDES NACIONAES pelo dr. J. A. Teixeira de Mello, tom. I, pag. 175, col. 1.^a

O douto escriptor (João Capistrano de Abreu) da secção *Livros e letras* da GAZETA DE NOTICIAS diz na de 29 de julho de 1881, referindo-se ao livro *BRAZILHEIROS ILLUSTRES* por Pinheiro Chagas (*Livraria Contemporanea* de Faro & Lino — Rio de Janeiro, 1881):

« O PANTHEON MARANHENSE e as EPHEMERIDES NACIONAES são trabalhos dignos de toda a confiança. O dr. Leal e o dr. Teixeira de Mello possuem ambos muita probidade litteraria, e fizeram obra conscienciosa... »

E observando que Pinheiro Chagas não podia deixar de commetter erros, havendo aceitado, como aceitou, a authoridade do ANNO BIOGRAPHICO BRAZILHEIRO, acrescenta:

« Além d'estes erros, ha ainda que notar a exclusão de muitos nomes dignos de figurarem entre os brasileiros illustres. Porque não figuram Herval, José de Alencar, Varnhagen, Theophilo Ottoni, Castro Alves e tantos outros? Não foi por terem morrido ha muito pouco tempo: Caxias morreu depois de todos estes.

« O sr. Pinheiro Chagas manifesta o desejo de que seu livro seja admittido nas escolas brasileiras. Por nossa parte desejamol-o igualmente, mas depois de feita uma revisão completa e incorporados os nomes omittidos ».

As omissões apontadas additaremos a do nome do marechal de campo, conselheiro Pedro d'Alcantara Bellegarde.

Acrisoladas virtudes, vasta illustração, talento superior e relevantes serviços dão-lhe pleno direito a figurar na primeira plana dos *Brasileiros illustres*: comproval-o-hemos no tom. II dos SUBSIDIOS LITTERARIOS (artigo *Onde quer que eu viver com fama e gloria — Viverão teus louvores em memoria*).

Do trabalho biographico do dr. A. Henriques Leal diz Francisco Sotero dos Reis no 5.^o vol. — Lição 91 — pag. 115-128 do CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILHEIRA:

« Assim duplo é a nossos olhos o merito litterario do snr. dr. Leal, já como author, já como infatigavel perscrutador de preciosos escriptos dos outros ».

Obr. cit., pag. 117.

² Joaquim Alves Matheus, na *Oração funebre* recitada na real capella de Nossa Senhora da Lapa, em 1860, por occasião das exequias de S. M. I. o snr. D. Pedro IV, Porto, 1861, assim se exprime :

« O senhor D. Pedro IV não subiu ás eminencias do poder para escravizar povos, mas para os libertar; não cingiu a corôa para os vexar com as sevicias da tyrannia, mas para os felicitar com o gozo de instituições salutaras; não manejou a espada para realisar pensamentos de ambição, mas para defender a causa santa da verdade e da civilisação. Vinte e seis annos passaram já por sobre as suas cinzas; passarão ainda vinte e seis seculos, e elle será joven na gloria e na immortalidade (*). Sim, será eterno o nome do homem, que tanto trabalhou por implantar a tolerancia e a liberdade n'esta boa e nobre terra de Portugal, para firmar os principios da justiça e da ordem; dar a paz e a prosperidade aos filhos d'ella, que seu coração tanto amava e estremeceia; — será eterno o nome do principe, que imprimiu na nossa sociedade um movimento civilizador que tem continuado sempre cheio de vigor e de brilho; — do heroe immortal cuja vida é a pagina mais bella da nossa historia, o mais decoroso brazão de que a patria póde orgulhar-se, a mais pura, a mais brilhante gloria entre tantas, para que ella aponta com nobre ufanía ».

(*SELECTA CLASSICA de prosadores portuguezes* — Sexta parte — *Discurso oratorio* — pag. 298).

N. B. O periodo assignalado com um asterisco é traducção em prosa dos versos de J. Chenier: *Trois mille ans ont passé sur la cendre d'Homme...*

(Vej. o artigo *O dia em que eu nasci morra e pereça*).

Aos que taxarem de encarecidas e quiçá hyperbolicas as expressões que se acabam de ler, lembraremos que através do rigoroso julgamento de Oliveira Martins (*PORTUGAL CONTEMPORANEO*) se patenteia o animo generoso e heroico de D. Pedro. Eis as proprias palavras d'aquelle intrepido escriptor: « E D. Pedro, moço aventureiro, filho de reis, admirava os feitos romanticos dos homens novos. Se a imagem de Napoleão, que tanta gente *esqueceu*, não lhe servia talvez de modelo, por ser já antiga, a America tinha em Bolivar outro Napoleão; e D. Pedro considerava-se um Bolivar, com a superioridade incontestavel, para elle, de ser do sangue dos reis. O que no hespanhol fôra uma ascensão, era no moço imperador um generoso acto de espontanea magnanimidade que o enchia de orgulho. Um rei que dá a liberdade é incomparavelmente mais do que um general que a conquista.

Via-se nobre, via-se heroe ». — « D. Pedro — toda a sua vida o mostra — queria ser um Washington, sem, comtudo, deixar de ser monarcha ». — « D. Pedro que de Portugal nada queria senão um motivo de gloria vaidosa e um exercito, publica a sua abdicação na filha... » (Pag. 6, 7 e 8 — sob o titulo *D. Pedro brasileiro* — tom. 1 da obr. cit.).

Convém lêr o opusculo de J. J. Rodrigues de Freitas *O PORTUGAL CONTEMPORANEO do sr. Oliveira Martins* — Porto, 1881 ; opusculo em que o vigor da argumentação é realçado pela delicadeza da phrase.

Recordaremos tambem o que, tratando do cerco do Porto, relata F. Gomes de Amorim nas *MEMORIAS BIOGRAPHICAS DE GARRETT* (pag. 568):

« Na occasião em que as munições escassearam, reuniu-se o conselho e foram por alguns dos membros d'elle renovadas as instancias para a retirada. O regente (D. Pedro) que estava ouvindo os diversos pareceres, de olhos baixos e com a cabeça apoiada á mão, teve um impeto de nobre indignação, e levantou-se, dizendo com energia :

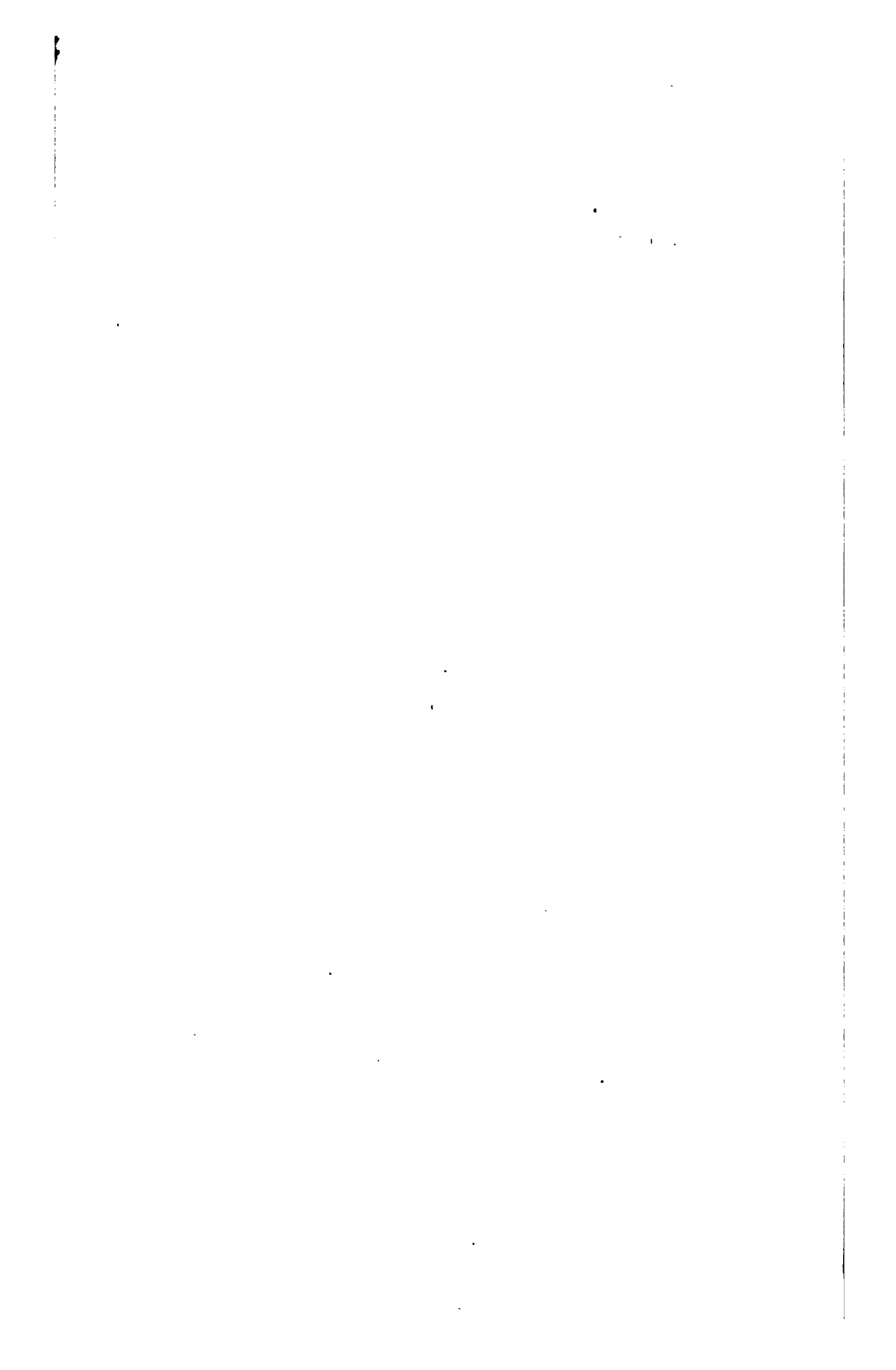
« Não: nunca! Antes morramos aqui todos! E se retirarmos, eu serei o ultimo a embarcar ».

« Este rasgo salvou a liberdade ».

(Vej. sob a rubrica *Bibliographia* no *CRUZBIRO* de 15 de abril de 1881 a apreciação litteraria do livro de Gomes de Amorim. A apreciação traz a assignatura *Sylvius*, pseudonymo de Alberto Osorio de Vasconcellos, deputado, orador eloquente, redactor da *Democracia* e official do exercito portuguez).

³ D'elle diz F. Gomes de Amorim nas *MEMORIAS BIOGRAPHICAS DE GARRETT* no tom. 1, pag. 470 :

« Foi este homem, modêlo de probidade, de saber e de modestia, quem me guiou por vezes no labyrintho dos primeiros annos da vida do poeta. E aqui lh'o agradeço com vivo reconhecimento. Foi elle tambem, durante a terceira emigração de Garrett, quem muitas vezes confortou o poeta ».



III

ALLI SE TRATAM COM A MAIOR ESTIMA;
MAS, NA GAZETA... DE LADRÃO P'RA CIMA!

Em uma publicação fluminense (GAZETA ARTISTICA, n.º 6, de 8 de agosto de 1875) escrevemos :

«HORAS DE HUMOR. — Sob este titulo propõe-se o snr. Arthur Azevedo ¹ publicar em uma serie de opusculos as suas producções em prosa e verso.

N'este momento concluímos a leitura do primeiro d'esses opusculos, no qual, através das incertezas do escriptor novel, transluz uma vocação litteraria, que se pôde, sem encarecimento, denominar auspiciosa.

E, de feito, na RUA DO OUVIDOR (*Epistola a Alfredo de Queiroz*) se nos deparam oitavas que revelam dotes apreciaveis para o genero em que Xavier de Novaes foi reconhecido, por consenso universal, legitimo successor de Nicolau Tolentino.

Eis um exemplo :

Nas horas em que Phebo se espreguiça
e seus ardores moderando vae,
de toda parte multidão mestiça,
na rua do Ouvidor, surgindo, cae.

Lá vejo a filha, que um roupão cubiça,
 as algibeiras consultar do pae,
 que, de amizade n'um paterno assomo,
 as vontades lhe faz — sabe Deus como . . .

Ainda outro, e será o ultimo:

Alli passa um politico de arromba,
 conversando com certo adversario
 que para censural-o nunca zomba
 lá nas columnas de um jornal diario;
 todavia não vejo fazer tromba
 o governista nem o seu contrario:
 alli se tratam com a maior estima;
 mas, na gazeta . . . de ladrão p'ra cima!

Limitamo-nos a estas breves phrases, que não traduzem conceitos de critica, e apenas expressam votos para que o joven e estimavel poeta avivente e fecunde com a reflexão e o estudo sua tão bem estreada vocação litteraria».

Com satisfação entregamos de novo á publicidade estas linhas, pois que os votos que então enunciámos, se vão felizmente realisando.

Juiz qualificado em pleitos litterarios, Machado de Assis, referindo-se á *Rua do Ouvidor*, adverte que «revistas d'essas não comportam dimensões muito maiores que as do *Passeio*, de Tolentino». E passando a tratar dos *Sonetos*, que constituem a melhor parte da obra poetica de Arthur Azevedo, na qual a apreciação do distincto critico abrange tambem *O dia de finados*, acrescenta: «Nem todos são perfectos; e alguns ha em que o assumpto excede o limite poetico, como a *Metamorphose*; mas ha outros em que a idéa é graciosa e menos solto o estylo; tal, por exemplo, o que lhe mereceu uma visinha ralhadora, — soneto cujo fecho dará idéa da versificação do poeta, quando elle a quer apurar:

Tu, que és o cão tinhoso em fórma de senhora,
 Oh! ralha, ralha e ralha, e ralha mais . . . e ralha . . .
 Mas deixa-me primeiro ir para sempre embora ».

(Vej. o artigo *A nova geração* — REVISTA BRAZILEIRA — 1.º anno, tom. II, 1 de dezembro de 1879, pag. 409).

Da composição a que alludimos — *O dia de finados* — offerecemos ao leitor os seguintes excerptos:

.....
 Epitaphios! Jesus, que louca variedade!
 D'elles filhos do amor e d'elles da vaidade
 e todos da mentira. *Inconsolavel!* phrase
 dos tumulos, leitor, gravada em todos quasi.
 No emtanto nada ha, console-se depressa,
 como a dôr que nos lega alguém que á terra desça.
 Exemplo: Morre Fuão; ao vél-o ao chão da morte,
 são insecavel fonte os olhos da consorte.
 Despede-se do mundo e a todo mundo prova
 que quer seguir o esposo á positiva cova.

Mas ao terceiro dia, a sua costureira
 vem provar o vestido: a missa é terça-feira.
 A viuva quer fallar: não pôde, que no peito
 fica-lhe atravessada a voz mais o conceito.
 « Quero a saia nesgada (Ai! ai! meu bom marido!
 quanto me custa a mim provar este vestido!);
 dê cá: deixe-me vêr... Mas que fazenda é esta?
 (Ó pranto meu, já basta!) O merinó não presta! »
 Doze dias depois. Ha seis que já não chora:
 não sei que *tour d'esprit* um moço deita fóra,
 que a viuva desfolha um sorriso. Asseguram
 pouco tempo depois, até juram e rejuram,
 que ha certo candidato á vaga do marido.
 Não é patranha, não: um anno é decorrido
 e já casada está. Todavia, á moderna,
 o rotulo da campa expõe: « Saudade eterna
 de sua inconsolada esposa ».

Este jazigo

pertence a um militar, escarneo do perigo:
 um general valente, activo e denodado,
 barão de qualquer cousa;
 não succumbiu á guerra e succumbiu ao lado
 de estremecida esposa.

Eu vim a seu enterro : era um concurso extenso ;
 gastára-se á viuva um dinheirão immenso.
 Ao entregar-se á terra o general, de farda,
 eu espantados vi, aos tiros de espingarda,
 voarem os urubús ! Mas que sandice enorme !
 Ninguém precisa, não, trajar grande uniforme
 por ir aos pés de Deus !.....
 Mas não bastára a farda e não bastára a tropa ;
 a triste da viuva encommendou á Europa
 vistoso mausoléu ; no funebre thesouro,
 em fórma de epitaphio e caracteres de ouro,
 gravou-lhe a fé de officio, as armas... Basta ! basta !
 Até onde aos mortaes a presumpção arrasta !
 Da mesma carne são e são do mesmo osso
 o bom e o mau, o rico e o pobre, o velho e o moço !
 « D'onde viemos nós e nós para onde vamos ?
 Quem nos distingue a nós ?
 Não nos concede o Deus que todos adoramos
 mesmíssimos avós ?... »

Por natural aproximação passamos a transcrever as seguintes quadras da poesia realista *No cemiterio*, por Guerra Junqueiro (A MUSA EM FERIAS — *Idilios e satyras* — pag. 81-84):

Como um burguez grave e serio,
 Um bom burguez exemplar,
 Fui-me até ao cemiterio
 Hontem, depois de jantar.

A morte cheia de horrores
 Na primavera é gentil :
 Veste um vestido de flores,
 Do guarda roupa de abril.

.....

Cahira a noite serena.
 Entre os sepulchros deitada
 A morte, como uma hiena,
 Abriu a bocca esfaimada.

O seu uivar agouretro
 Causava immensa tristeza...
 Ergueu-se o velho coveiro
 A pôr-lhe o jantar na mesa.

À luz tremente dos cirios
Tombavam dentro das vallas
As crianças côr dos lirios
E as virgens côr das opalas.

E os ciprestes soluçantes
Cortavam a escuridão,
Como fileiras gigantes
De pontos de exclamação!

A outro distincto poeta, tambem comprehendido na apreciação do illustre critico da *Nova geração*, ao author dos *CANTOS E LUCTAS*, Valentim Magalhães, vamos pedir, para fecho d'este artigo, um mimo de sentimento, uma d'essas flôres melindrosas desabrochadas ao sol da juventude. É a seguinte

CANÇÃO

*Isto canta-me dentro, enche-me o coração,
Val-me por alma afora...*

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Não! Não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto,
Emquanto fôres minha, e meu o teu amor!
Jámais blasphemarei á Luz e ao Sér, enquanto
Sentir no coração o teu calor, ó ave,
O teu perfume, ó flor!

Vives?... O meu viver é limpido, suave...
Amas-me?... A existencia é um cantico de amor!
Como sorri o azul! Como cantam as aguas!...
Como brilha-me n'alma a tua voz, ó ave,
Tua pureza, ó flor!

Vejo-te?... O que é que exprime esta palavra MAGUAS?
Sorris-me? O vendaval é um astro a rutilar!...
A Vida é uma canção, o Universo um beijo!...
Sinto fallar-me Deus, ó flor, no teu bafejo,
Ó ave, em teu cantar!

Choras?... Vence-te a Dôr? Vergas ao Soffrimento?
Ai! Já sei o que são: Pranto, Maguas e Dôr...
O céo, piedoso e bom, ruge n'este momento...
Dão-me idéa da Morte, ó ave, o teu lamento,
Tua tristeza, ó flor!...

Reproduzimos-a da GAZETA DE NOTÍCIAS de 16 de novembro de 1880, periodico onde pouco antes, a 15 de outubro, a penna authorisada de Capistrano de Abreu escrevera na secção *Livros e letras* :

« Nada mais singelo que *Colombo* e *Néné*, de Valentim Magalhães. Colombo é um gato. Néné uma menina, que se que-rem. Colombo some-se e Néné adocece. Depois, Néné morre e Colombo, que voltára contrito e mutilado, desaparece para sempre.

« Neste quadro tão simples, Valentim Magalhães introduziu episodios graciosos, em que brilham seu grande talento de poeta, o dominio completo da fórma, o espirito scintillante e a ironia delicada, que o caracterisam.

« Valentim Magalhães é um dos mais distinctos representantes da nova geração ».

O dr. Fernando Mendes na *Segunda parte* do seu livro *Academia de S. Paulo em 1879* — ESTUDOS CRITICOS — Rio de Janeiro, 1881, diz em seguida aos nomes — *Afonso Celso Junior*, *Theophilo Dias* e *Valentim Magalhães* :

« Estes tres nomes sympathicos symbolisam a elevação da poesia academica ; teem a sua reputação feita ». (Pag. 39). E adiante (pag. 44) : « Theophilo, Afonso e Valentim formam o triumvirato poetico da Academia de S. Paulo ».

Importa observar que Valentim Magalhães é tambem prosador de merecimento como o revelam os seguintes periodos do folhetim *Aqui, allí, acolá*, inserto no CORREIO PAULISTANO de 21 de julho de 1881 :

« O verdadeiro poeta, o artista de raça, trabalha o mesmo verso de mil diferentes modos, e, sem lhe tirar, nem juntar syllaba alguma, torna-o longo ou curto, moroso ou rapido, estridente ou melodioso, rutilante ou sombrio ; consorcia e concretisa no verso o som, a côr, o movimento ; e o proprio perfume, quando esse poeta se chama Baudelaire.

.....

« Entretanto, a Religião da Fórma não tem entre nós mais que meia duzia de sacerdotes ! E esses mesmos celebram as ceremonias do seu culto, praticam os divinos mysterios da sua

seita, no meio de uma multidão ignorante, que lhes não entende o *latim*, e que só applaude os versejadores pesadões, aquelles que apenas conhecem da Poesia, este principio: escrever em linhas curtas.

« Felizmente, ainda temos alguns descendentes da raça divina dos hellenos, ainda temos alguns *poetas*. Machado de Assis, Theophilo Dias, Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Fontoura Xavier, Assis Brazil, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima e poucos mais, dão-se á ardua e deliciosa tarefa de procurar a *fôrma perfeita*. Pesam as palavras em balanças microscopicas, medem-as, estudam-as, combinam-as, como um alchymista phantastico, *fazendo ouro*; *estudam* Leconte, Gautier e Banville, como se foram tratados de botanica e de mineralogia; e fazem o que tanto aconselhava o poeta da *Comedia da morte* e tanto recommenda o Arthur de Oliveira: *lêem os dictionarios*.

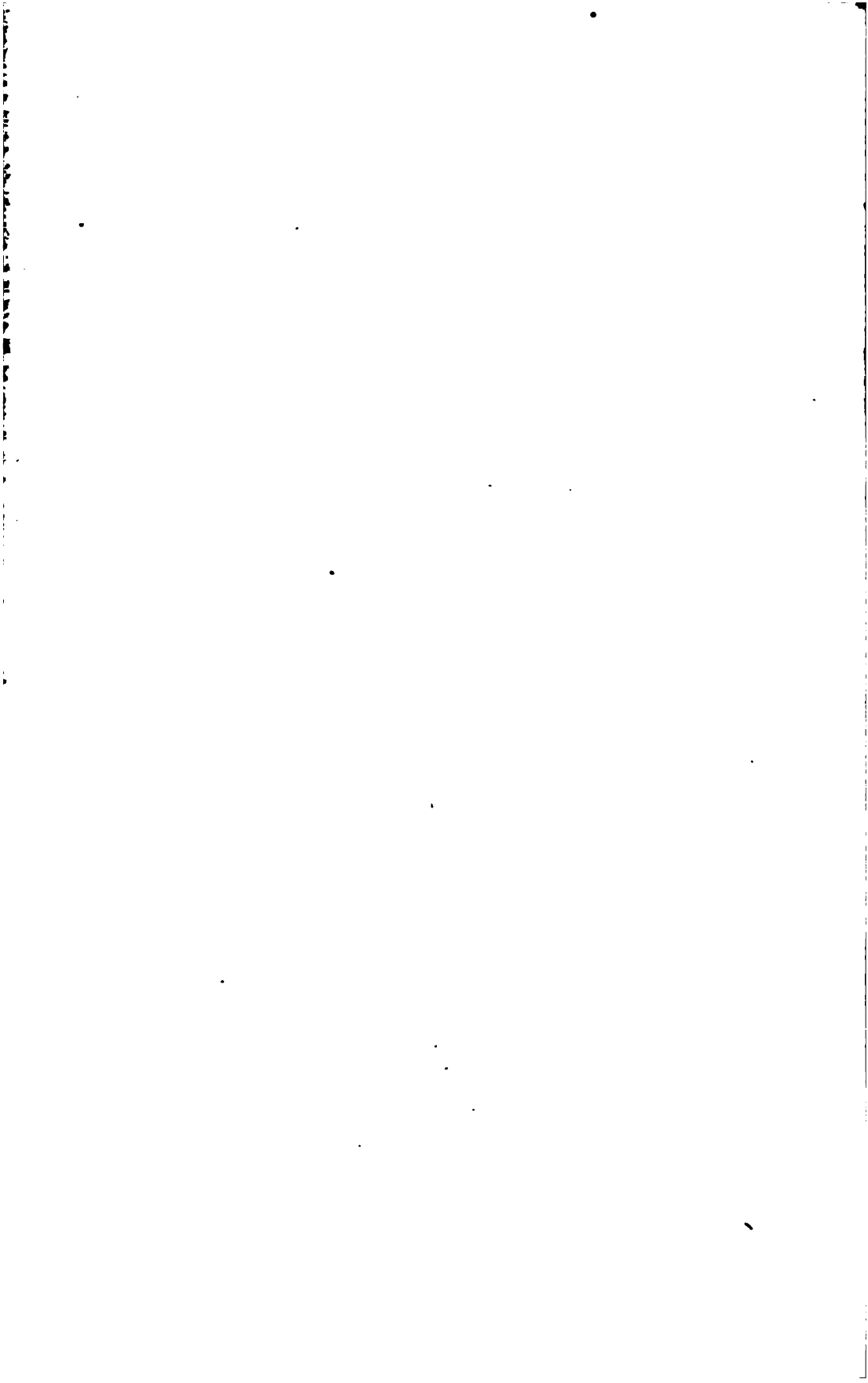
« Era este culto da fôrma, que eu desejára vêr aconselhado e praticado.

« Indigna-me e entristece-me vêr cobertos de louros uns *poetas*, que, ao menos, não sabem fazer o verso com o preciso numero de pés; que ignoram o a, b, c da sua sublime, da sua divina Arte.

« E forçoso é que se reconheça, ha de ser esta soberba e poderosa geração moderna de *poetas* que introduzirá na litteratura patria o amor á fôrma, a sciencia do estylo; é ella quem ha de enriquecel-a com algumas obras verdadeiramente artisticas ».

NOTAS

¹ Arthur Azevedo é author do entre-acto comico *Amor por anezins*, da comedia, em 3 actos, em verso, *A joia*, da opera comica tambem em 3 actos, *Os noivos*, e de outras galantes composições acolhidas com applauso nos primeiros theatros do Brasil.



IV

ALMA MINHA GENTIL QUE TE PARTISTE

Servirá de commentario a este notabilissimo verso o seguinte artigo, ora annotado, com que, accedendo ao honroso convite da esclarecida redacção do JORNAL DO COMMERCIO, collaborámos na *edição especial* do dia 10 de junho de 1880:

A proposito do tricentenario de Camões

A dôr te acompanhou do berço á campa:
Esgotaste a amargura até ás fomes,
Parece que a fortuna em seus reveses
Te mediu pelo genio a desventura.

A. A. Soares de Passos. — A CAMÕES.

Hoje, em nome dos dous povos que fallam a lingua portugueza, ouvir-se-ha, em honra do lusitano Homero, a eloquente, a authorisada palavra do dr. Joaquim Nabuco, author do — *Camões e os Lusíadas*.

N'este memoravel dia, porém, a nenhum soldado da milicia litteraria é licito deixar de estar a postos, e eis porque tambem nos apresentamos, trazendo obscura homenagem, não ao immortal poeta dos *Lusíadas* ¹, que, na opinião de Schle-

gel, supprem uma litteratura inteira, mas ao sublime cantor de Natercia.

Natercia! . . . Á evocação d'este nome « reverdecem os cantos de um saudoso affecto e os suspiros de um amor quebrado pela morte ».

Almeida Garrett, no poema ³ em que celebra o lusiada dos lusiadas, na expressão de Antonio Feliciano de Castilho, apresenta-nos o grande epico ao apontar á « occidental praia lusitana » após largos annos de ausencia na Africa e nas terras do Oriente. Eis que *um sahimento funebre* se lhe depara, e, ou seja *presagio de incognita desgraça* ou *presentimento vago e mal distincto*, instinctivamente o acompanha; dirige-se ao mosteiro, transpõe-lhe os cancellos, e vê que

Do templo em meio,
Alto e funereo estrado se levanta,
Negro da côr dos tumulos. Em cima
Pousava um ataúde. Alva capella
De quasi murchas, desbotadas rosas,
Indicava que a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbira.

: Depois, junto d'elle ajoelhado, *passa o insensivel objecto d'essa pompa*, e, ao perpassar, a corôa d'alvas rosas se desprende e cahe por terra.

O cortejo passou . . . e a c'rôa funebre
Ergueu convulsa mão, tremula a aperta,
E os olhos, que desvairados a contemplam,
Parecem perguntar-lhe: — Flor da morte,
Em que pallida frente has tu pousado?

Chegado ao sitio para onde se encaminhára o funeral, ao baço e triste clarão da alampada,

Precipita-se
Sobre o cadaver . . . ergue o véo . . . — Natercia!
« Natercia » — d'echo em echo repetiram
Os echos dos moimentos, acordados
Do somno sepulchral.

Camões, « o proscripto da felicidade », tomba, e

em terra
De mortos, semi-morto fica.

Trasladado a uma cella do mosteiro, o poeta narra os lances da sua trabalhosa e trabalhada existencia, e, ao lembrar a morte de Natércia, geme e soluça cruciantes saudades n'aquelles sentidissimos carmes :

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa ?

A fabula do *Camões*, esse elegiaco poema do « revolucionario incansavel do Romantismo », traduz, no pensar do erudito escriptor Theophilo Braga ³, « as impressões que na Inglaterra recebera Garrett ao vér representar as tragedias de Shakespeare; Camões entra em Lisboa, como Hamlet no cemiterio; Hamlet vé aproximar-se um sahimento rico e apparatuso, confunde-se na multidão para vér quem era... « Ah! a minha bella Ophelia! Eu amava Ophelia; as afflicções de quarenta mil irmãos todas juntas não igualavam a minha ⁴ ». É então que Hamlet cahe em um mysterioso accesso de furia. A grinalda que Ophelia tecia ao cahir na corrente, é essa que róla da cabeça de Natércia e vem cahir aos pés de Camões ».

Reconhecendo que, a despeito de qualquer reminiscencia litteraria, é bellissima a ficção imaginada pelo author de *D. Branca*, e *Frei Luiz de Sousa*, advertiremos, entretanto, que destôa da verdade apurada pela critica historica deduzida dos documentos colligidos por Faria e Sousa, Luiz Franco e visconde de Juromenha.

É assim que, conforme a valiosa opinião do author da *Historia da poesia portugueza*, o que ha veridico, real, é que Natércia morreu depois de se achar Camões nos carcereiros de Góa; inferindo-se do confronto de documentos que a prisão ordenada sob o governo de Francisco Barreto (*o injusto mando a que alludem os Lusíadas*, no canto x, est. CXXVIII, executado n'aquelle cuja lyra sonora serd mais afamada que ditosa)

e a ltuosissima noticia d'aquella morte, occorrida em 1556, saltaram no mesmo dia, em 1558, « o mal sorteado principe dos poetas ».

Mas quem era essa Natercia que o poeta dos *Lusiadas* sagrou com o seu amor, como á marquezia de Pescara o author do *Juizo final*? Quem era essa Natercia a quem Camões chamou *lume da vida*, como Miguel Angelo a Victoria Colonna *donna leggiadra altera e diva*?

Era, velado o nome por um anagramma, D. Catharina de Athayde ⁵, filha de D. Antonio de Lima, camareiro-mór do infante D. Duarte, e de D. Maria Bocca-Negra, dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III ⁶, conforme demonstra a rubrica inicial da egloga xv, achada por Faria e Sousa e conservada inedita até o anno de 1779 — *Egloga de Luiz de Camões á morte de dona Catherina de Athayde, Dama da Rainha* — e o comprovam o *Manuscripto* de Luiz Franco e o seguinte mote com a volta em acrostico, precioso documento recolhido pelo visconde de Juromenha ⁷ nos manuscriptos de Faria e Sousa, depositados na Bibliotheca publica de Lisboa :

MOTE

Lume d'esta vida,
 Aja-me esse lume;
 É á que se presume
 Em o ver perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
 V quem vós cogaste,
 Toda me tiraste
 E essa só me val:
 Razão he querida
 É á vir do alto cume,
 Norte de tal lume
 V alma tão perdida.

Desatando hide
 Esta tréva escura,

V urora onde pura
 L oda luz reside :
 V y que atada a vida
 f á com esse lume,
 U eixa o seu queixume
 E stima-se por perdida.

Julio de Castilho, no livro *Lisboa antiga* ⁸, descrevendo o local onde se eleva a modesta e sympathica igreja das Chagas, diz que foi alli que Camões viu pela primeira vez n'um officio da Semana Santa a neta dos viscondes de Villa-Nova de Cerveira, a formosa filha de D. Antonio de Lima, e cantou o celebre soneto que, no dizer do escriptor da *Historia de Camões*, é quasi traducção do soneto III de Petrarcha :

*O culto divinal se celebrava
 No Templo d'onde toda a creatura
 Louva o Feitor divino, que a feitura
 Com seu sagrado sangue restaurava.*

*Amor ali, que o tempo me aguardava
 Onde a vontade tinha mais segura,
 Com uma rara e angelica figura
 A vista da razão me salteava.*

Eu, crendo que o logar me defendia
 De seu livre costume, não sabendo
 Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me captivar : mas hoje vendo,
 Senhora, que por vosso me queria
 Do tempo que fui livre me arrependo.

A filha do camareiro-mór do infante D. Duarte contava aproximadamente dezeseis annos de idade, quando Camões pela primeira vez a viu sexta-feira santa, 12 d'abril de 1546, e vinte e seis annos quando em 1556 baixou ao tumulo.

Fulminado pela fatal nova da morte de D. Catharina de Athayde, a angelica Natercia, Camões conglobou os prantos da alma no admiravel soneto que, na phrase d'um escriptor moderno, « passados tres seculos ainda faz borbulhar lagrimas

nos olhos dos que sabem chorar ». Esse soneto, diamante de maximo quilate, tinha, segundo o voto dos mais abalisados contrastes, e d'entre estes basta citar o cantor dos *Ciumes do bardo* ⁹, uma jaça: — o cacophaton do primeiro verso — *Alma minha gentil que te partiste!*

Quando liamos e reliamos este soneto, gota de essencia encerrada em lagrima de crystal, para nos servimos do gracioso conceito de José Delorme, quando liamos e reliamos aquelle outro soneto, tambem de peregrina belleza, que o poeta denominou *Das suas perdições*, e cujo terceto final é:

Oh, por mais dano, o outro me matou
A cordeira gentil, que eu tanto amava
Perpetua saudade da alma minha

mal podiamos occultar a estranheza que nos causava vér o apaixonado cantor empregar, ao referir-se ao objecto do seu culto, locução inquinada de desprimor de estylo ¹⁰. Foi, pois, com entranhavel satisfação que encontrámos a pag. 373 do *Curso de litteratura portugueza* por Andrade Ferreira o que se segue:

« Dos sonetos ¹¹ alguns são realmente admiraveis: como que se elevam ao ideal do platonismo reservado pelo sentimento petrarchista, ou antes os anima a melancolia scismadora do genio da poesia nacional, como, por exemplo, aquelle que principia:

Alma minha gentil que te partiste.

« Nunca a saudade se elevou tanto n'um affecto de generosas e immateriaes sensações. Lamartine não idealizou melhor os impulsos do coração no *Raphael*, nem na poesia á filha ».

E em nota ao precitado verso:

« *Alma minha* era então tomada pelos poetas como uma expressão affectuosa, pois a vemos repetida pelos melhores d'aquella idade, que de modo algum insistiriam n'um defeito de estylo ».

Desde então diligenciamos obter testemunhos comprobativos

vos d'esse asserto, e já em nossas lides litterarias, obscuras mas perseverantes, colligimos os seguintes :

Aramá, como tu fallas
Tão senhor d'esta alma minha.

GIL VICENTE — Livro I — *Das Obras de Devaçam*.
Tom. I das *Obras de Gil Vicente* — Hamburgo, 1834, pag. 271.

Que se vai esta alma minha
Acudi-me dolorida.

GIL VICENTE — Livro V — *Das obras varias*. — Tom. III, pag. 368.

Oh! minha Dona Ignez, oh! alma minha...

ANTONIO FERREIRA — Tragedia — *Castro* — Acto V. Scena II. —
Poesias lusitanas — Segunda impressão (1771) — Tom. II, pag. 172.

Dentro no peito geme est'alma minha.

JERONYMO CORTE-REAL — *Naufragio de Sepulveda* — Canto XVII —
Edição de 1783, pag. 140.

Assim lapidado o diamante, detenhamo-nos mais uma vez
a contemplal-o no diadema que cinge a fronte do sublime can-
tor de Natércia :

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente ;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da mágoa sem remedio de perder-te ;

Roga a Deus que teus annos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou ¹².

Rio, 40 de junho de 1880.

NOTAS

1 D'este imperecedouro poema diz Almeida Garrett:

..... Escripto em partes
 Com lagrimas ha sido, e bem poderá
 Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros
 Das montanhas, nos valles delectuosos,
 No campo em tendas, na guarita em praças,
 No mar entre o arruido das procellas,
 Ao dos grilhões nos carcereos, — continuo,
 Incessante, indefesso hei trabalhado
 Para levar ao cabo a empresa ardida
 D'este livro que tanto me ha custado.

Cantos — Canto IV, pag. 70.

2 CAMÕES (6.ª edição, 1863). Por occasião do jubileu camoneano appareceu nova e esmerada edição d'este poema prefaciada por C. Castello Branco.

3 HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL. Liv. I, pag. 180.

4 *Hamlet*, acto v.

5 Eis como a retratam :

Em prosa :

«Contentemo-nos com saber que D. Catherina de Athayde tinha cabellos louros e ondeados, as faces côr de rosa, o collo de neve, os olhos verdes, o olhar luminoso, a falla dôce; que era alegre, cortex, e suave, e que, se a belleza é antes de tudo a graça musical dos movimentos, ella tinha

Esse compasso certo, essa medida
 Que faz dobrar no corpo a gentileza....»

Joaquim Nabuco — *Discurso* pronunciado a 10 de junho de 1880, como orador do *Gabinete Portuguez de Leitura*.

Em verso :

Era esbelta e gentil, franzina e loira,
 Como as visões das lendas perfumadas
 Das phantasias calidas do Oriente.
 No seu olhar azul, sereno e vago,
 Brilhava um fluido mysterioso e casto
 D'uma tristez ideal e seductora.

Antonio de Macedo Papança — CATHARINA DE ATHAYDE — *Poema em tres cantos*—pag. 13.

SUBSIDIOS LITTERARIOS

6 Aproveve á benevolencia da illustrada redacção da GAZETA DE NOTICIAS commetter-nos o *Esboço biographico de Camões* para a edição do *Tricentenario*. Em desempenho d'este honroso encargo escrevemos:

«Na florida sazão da juventude (1543), Camões frequenta os serões poeticos da córte de D. João III, e se, como Bernardim Ribeiro, «saudoso e namorado», não se deixa captivar de uma infanta, é, tambem, nos reaes paços que lhe entreluz «esse astro fugitivo, essa flôr de perfumado alento, que em vida lhe sorriu, mas que

sedento
Jámais colheu em vida!»

(SOARES DE PASSOS).

.....
«Trabalhos de critica historica do erudito professor Theophilo Braga, firmados em documentos colligidos com perseverante zelo por Barreto Feio, Faria e Sousa, Luiz Franco e visconde de Juromenha, vieram, porém, demonstrar que a *Natercia* de Camões foi realmente D. Catharina d'Athayde, filha de D. Antonio de Lima, camareiro-mór do infante D. Duarte, e de D. Maria Bocca-Negra, dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III; e outrossim que a gentil donzella, nascida em 1530, falleceu em 1556, ao tempo em que o poeta peregrinava pelas terras do Oriente.

«Foi, pois, D. Catharina de Athayde o objecto do acendrado e mal sorteado affecto de Luiz de Camões, e o nome da gentil neta do visconde de Villa-Nova de Cerveira passou com razão á posteridade ao lado dos de Beatriz, Laura, Victoria Collona e Margarida Parker, a candida menina que inspirou os primeiros versos do cantor do *Child Harold*, esse poeta que «deu á ironia de Voltaire a melancolia e o encanto da musa do norte» e a quem são devidas as seguintes deliciosas *Stansas a uma joven*, acompanhando as *rimas* de Camões:

Ah, cara! por ventura á dadiwa, que exprime
O puro affecto meu, darás valor por isso;
São canticos de amor de um ideal sublime
O thema eterno sempre — o eden e o abysmo.

Hão de achal-o um abysmo a frivola invejosa,
E as solteiras tambem, que ficam para tias;
E a pupilla gentil, que por pudor nada ousa,
Que em fria solidão conta dias e dias.

Em cousa alguma iguaes esses pobres entes;
Lê, querida, este livro, ah, lê-o com ternura,
Não é em vão que peço anseios teus vehementes
Para o grande Camões em tanta desventura.

Camões era em verdade um bardo, um genio immenso.
Nada tem de ficticia a chamma que o devora;

Um amor como o d'elle las de encontrar, eu penso,
Mas nunca o infeliz destino seu, sonhora * .

(LUIZ DE CAMÕES — *Homenagem da GAZETA DE NOTICIAS* — Rio de Janeiro, 1880 — pag. 66-70).

⁷ Relativamente á edição das OBRAS de *Luis de Camões* pelo visconde de Juromenha muito poderíamos escrever; adstringimo-nos, porém, a reproduzir o que se segue e é por nós extrahido da pag. 161 do CATALOGO SUPPLEMENTAR DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUEZ DE LECTURA NO RIO DE JANEIRO:

« No começo da publicação (avaliada pelo snr. Teixeira de Vasconcellos como a tarefa mais honrosa e mais patriótica que um portuguez podia emprender) escreveu o snr. Silva Tullio: « Esta obra, em que o snr. visconde trabalhou durante vinte e cinco annos, para apurar quanto a respeito de Camões se podia saber, tanto no reino como fóra d'elle, é digna de uma recompensa nacional. A tenacidade e escrupulo das investigações, estudos, confrontações, critica e erudição que o author revela n'este seu memoravel trabalho, bem se póde comparar ao que tão pacientemente punham nas suas edições os benedictinos de S. Mauro ».

« Tal ou qual restricção se deve comtudo fazer no tocante á pureza de texto e á authenticidade dos ineditos imputados a Camões pelo benemerito editor. Alguns são positivamente esurios. Consulte o leitor as notas ás *Poesias e prosas* de Soropita, onde se examina este ponto da edição de Camões, edição que o snr. Camillo Castello Branco, por ventura nimamente severo para com o snr. visconde de Juromenha entende se está publicando *com mais primor de typographia que de critica* ».

O CATALOGO SUPPLEMENTAR, dado á estampa sem nome de author, é incontestavelmente de pessoa authorisadissima, Manoel da Silva Mello Guimarães, que, em defeza d'esse trabalho em alguns pontos impugnado por um intelligente e laborioso escriptor, Paulo José de Faria Brandão, publicou no JORNAL DO COMMERCIO, de 22 de maio de 1870, um extenso e vigoroso artigo referto de erudição.

⁸ D'este livro hão escripto com louvor a authora dos ARABESCOES, D. Maria Amalia Vas de Carvalho (*Folhetim* — JORNAL DO COMMERCIO n.º 236 de 26 d'agosto de 1880), e Fernandes Costa em artigo sob a rubrica *Letras*, no ATLANTICO (n.º 1, de 28 de janeiro do mesmo anno).

* Theophilo Braga — HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL, pag. 170.

D'estos versos ha outra traducção por J. Leite de Vasconcellos — *REMAS PORTUGUEZAS (Commemoração camonianas)*. Lisboa. 1881.

⁹ Diz Antonio Feliciano de Castilho no *TRATADO DE METRIFICAÇÃO PORTUGUEZA*, pag. 56:

« Sobremodo são reprehensíveis os versos que teem cacophonia ou som ruim.

« De tres sortes pôde ser a cacophonia: de torpeza, de immundicie e de simples desagrado. Torpeza quando as extremidades convisinhas de duas palavras produzem um vocabulo indecente:

Alma minha gentil que te partiste
.....

Francisco P. Brou, na *GRAMMATICA PARTICULAR ou estudos sobre as principaes difficuldades da lingua portugueza* (pag. 108); Antonio Francisco Barata, nos *ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUEZA* (pag. 50), e Domingos de Azevedo na *GRAMMATICA NACIONAL ou Methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros* (Lisboa, 1880 — pag. 168), apontam como cacophonico o precitado verso de Camões.

Nas *REFLEXÕES SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA escriptas por Francisco José Freire* (Candido Lusitano) se lê na segunda parte, de pag. 31-33, a reflexão 11.^a, em que se discorre sobre as pronunciações sordidas e obscenas, procedidas da cacophonia, das quaes muito advertidamente não querem ainda hoje faser caso.

Não será descabido recordar que no referido *TRATADO DE METRIFICAÇÃO*, nas pag. 57-75 que se occupam do valor significativo de cada letra do alphabeto, escreveu A. Feliciano de Castilho, com relação á vogal *I*:

« Se a vogal *A*, que nos abriu a primeira escala dos sons, expressa a grandeza e a alegria; o *I*, em que a mesma escala termina, parece virá com as idéas de pequenez e tristeza ».

E, exemplificando, acrescenta (pag. 63):

« Camões, deplorando a morte de uma pessoa muito querida, rompe o seu soneto por um verso pausado todo em *I*:

Alma minha gentil que te partiste ».

¹⁰ E que cantor, o poeta que enriqueceu a lingua portugueza com grande copia de vocabulos novos; « que a despiu da rudeza innata, lhe deu fórmias regulares, accentuação, harmonia e suavidade! »

(Francisco Evaristo Leoni — *CAMÕES e OS LUSIADAS* — pag. 311).

¹¹ A respeito dos *Sonetos* de Camões, que os tem admiraveis, segundo se expressa Almeida Garrett no *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, publicado á frente do *PARNASO LUSITANO*, convém lêr o artigo sob o titulo *O genio poetico de Camões — revelado nas produções estranhas aos LUSIADAS*, escripto pelo conselheiro José Silves-

tre Ribeiro para o *Panorama* e reimpresso no ALBUM DE HOMENAGENS A LUIZ DE CAMÕES, pag. 217-263.

A proposito d'esse genero de composição litteraria será de certo agradavel ao leitor vêr como o define o conselheiro José Feliciano de Castilho na *Memoria sobre Bocage* (LIVRARIA CLASSICA — TOM. VIII, pag. 178):

SONETO

« Reservamos para fecho este Koh-i-noor da corôa do nosso poeta. O soneto, esse tão aclimado fructo, que para as nossas terras transplantou o sabio infante D. Pedro de Alfarroubeira, foi o genero em que incontestavelmente primou. Mais poderiamos, para honrar Petrarcha, chamal-o o Bocage italiano, do que, para honrar Bocage, desigual-o o Petrarcha portuguez. Diremos todavia que mil *poemas longos* compoz o Petrarcha portuguez, a ser certo que

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.

« E com effeito, a imperiosa necessidade de concentrar em quatorze versos uma acção, uma pintura ou uma expressão rica de sentimento; de banir o termo improprio e o verso frouxo; de enriquecer com a rima a razão, em vez de subordinar-lh'a; de talhar em quatro periodos de dimensões prefixas a totalidade do conceito, nem sempre assim divisivel, por sua indole; de forçar a uma multidão de consonancias; de arrastar a intelligencia n'um crescendo de interesse, até no ultimo verso fechar a porta do magestoso templo com chave de ouro: complexo de tão tyrannicas exigencias dá um merito excepcional ao bom soneto, que é, na linda phrase de José Delorme, gota de essencia encerrada n'uma lagrima de crystal. N'essa fórma poetica é Bocage sem segundo, não diremos já em Portugal, mas no mundo. É a phenix que esperava Boileau, quando ao fallar do soneto, exclama:

*Mais en vain mille auteurs pensent y arriver:
Et cet heureux phénix est encore à trouver!*

Poremos ponto n'esta nota com a reproducção das seguintes linhas que encerram um dos mais acabados dialates que, ácerca de cousas do Brazil, ha escripto um francez!

Eil-as:

Dutot, no livro *France et Brésil*, diz no texto, pag. 20: — « Avec les préoccupations du siècle, il n'est pas de découverte de mines de charbon de terre qui n'efface celle de *l'Étoile du Sud*, cette embarrassant merveille, qui fut été jadis un objet d'envie pour toutes les té-

tes couronnées ; — e acrescenta em nota : — « *L'Etoile du Sud* est le plus gros diamant connu ; il fut estimé, lors de sa découverte, sept milliards et demi. Il fut remis au roi de Portugal, par cette raison que les mines de diamant appartenaient à la couronne. Jean VI, qui avait la passion des pierres précieuses ne sachant, vu sa grandeur, comment l'employer, le fit percer et se le pendit au cou ».

Luis Figuiet no livro *LE SAVANT DU FORT*, artigo *Pierres précieuses*, escreveu posteriormente :

« *A Estrella do Sul*, achada em 1863 por uma preta na provincia de Minas-Geraes ; no estado bruto pesava 254 quilates ou 52 grammas ; depois da lapidação pesa 125 quilates ; pertence a um joalheiro de Paris.

« Dizem que o rei de Portugal possui um diamante de um valor fabuloso. Grande como um ovo de gallinha, de cor amarella ; este diamante foi achado no Brazil e pesa 1680 quilates, mas sobre esta pedra são incertas as noticias ».

O nosso esclarecido amigo Felix Ferreira, publicando estas linhas nas *VARIEDADES SCIENTIFICAS*, 3.º vol. da *SCIENTIA PARA O POVO* (Rio de Janeiro — 1881) julgou, com razão, pertinente annotar-as assim :

« A noticia d'este diamante é anecdotica ; sua invenção é devida a um espirituoso viajante francez que, entre outros carapetões, conta em seu livro que o rei de Portugal (D. João VI), não sabendo que fazer de tão fabulosa pedra, mandando-a *furar*, pendurou-a ao pescoço (!). Isto parece-se com o caso que Depping, em sua obra *Merveilles de la force et de l'adresse*, attribue ao nosso D. Pedro I, de quem diz que era dotado de tanta força que, em um dia de carnaval, dando um passeio, de *bote*, na Bahia de S. Christovão, « segurou rapidamente pela gola da farda os dous camaristas, que se haviam sentado a seu lado e suspendendo-os alguns instantes sobre o abysmo, mergulhou-os até o pescoço, de ambos os lados do bote » (!).

(OBR. CIT., pag. 108-109).

E eis, segundo a mirifica e peregrina invenção do snr. Dutot, o destino da *Estrella do Sul*, que aliás é hoje propriedade do joalheiro Halpher, conforme se lê a pag. 30 do tom. I da *Revista brasileira* em a narrativa de Franklin Tavora sob o titulo *O sacrificio*.

¹² Soneto XIX — Tom. II, pag. 10 (edição do visconde de Juro-menha).

Este soneto é a chave d'ouro do formoso poema CATHARINA DE ATHAYDE — acima mencionado.

O illustre bibliographo e bibliognosta portuguez, Innocencio Francisco da Silva, mencionando os escriptos do nosso desventurado patri-cio Antonio José da Silva, cognominado o *Plauto portuguez*, cita en-

tre os que em sua vida se imprimiram, conforme a *Bibl.* de Barbosa e o *Catalogo* da Academia, o seguinte :

« Glosa ao soneto de Camões « *Alma minha gentil que te partiste* », na qual exprime Portugal o seu sentimento na morte da sua bellissima infanta a senhora D. Francisca. São quatorze oitavas, e sahiram juntas com outras poesias nos *Accentos saudosos das musas portuguezas* ao mesmo assumpto. 1736. 4.º — folheto de 40 paginas não numeradas ».

(DICC. BIBL. PORT. — Tom. 1, pag. 178).

O *JORNAL DO COMMERCIO* (*Gazetilha* de 14 de abril de 1881), dando noticia do livro *SETENTA SONETOS DE CAMÕES*, por J. J. Aubertin, notavel traductor dos *LUSIADAS*, disse :

« Os dotes e qualidades que recommendavam a traducção dos *LUSIADAS*, tornamos a encontral-os agora em outra de *setenta sonetos de Camões*, que o snr. Aubertin acaba de publicar em Londres, n'uma bonita e accurada edição. Não haverá aqui a doçura e melodia do verso portuguez, em que, como não sem alguma razão observa o traductor, frequentemente mais o canto deleita o ouvido do que a idéa enleva o espirito; mas ha de achar-se escrupulosa fidelidade na traducção, menos preocupada da sonoridade do verso inglex do que da reproducção exacta do pensamento, sem por isso descurar a elegancia da phrase.

Como exemplo, poderíamos tomar indistinctamente qualquer d'estes setenta sonetos; mas, para que mais promptamente possa fazer-se o confronto, preferimos um que não ha quem não saiba de côr, esse que assim principia :

Alma minha gentil que te partiste

« Eis como o snr. Aubertin verteu este primor do engenho do apaixonado poeta portuguez :

My gentle spirit! thou who hast departed
So early, of this life in discontent,
Rest thou there ever in Heaven's firmament,
While I live here on earth all broken-hearted ;

In that Ethereal Seat, where thou didst rise,
If memory of this life so far consent,
Forget not thou my ardent love unspent,
Which thou didst read so perfect in my eyes.

And if, perchance, aught worthy thee appears
In my great careless anguish for thy death,
Oh! pray to God who closed so soon thy years,

That He will also close my sorrowing breath,
And swiftly call me hence thy form to see,
As swiftly he deprived these eyes of thee .

Concluiremos esta *nota* lembrando que o soneto justamente celebrado, a que nos temos referido, fecha o acto III do drama historico **CARÕES**, de Cypriano Jardim, representado pela primeira vez nas festas do tricentenario no theatro de D. Maria II e impresso no Porto em 1880.

A MULHER É TÃO INDISPENSÁVEL AO POETA
COMO O ESTRO E O LAUREL

Extrahimos esta phrase do cap. iv, pag. 78-79, da GALERIA DE VARÕES ILLUSTRES DE PORTUGAL, vol. I — *Luiz de Camões* — por J. M. Latino Coelho:

« Compõe-se o poeta de humanidade e phantasia. Se lhe falta o encanto feminil fica-lhe truncada a vida do sentimento e quebrada no alaúde a corda em que vibravam as mais ternas e graciosas melodias. A mulher é tão indispensavel ao poeta como o estro e o laurel ».

Por feliz coincidência entre as letras brazileiras e portuguezas, a parte conceituosa do periodo acima transcripto de uma *publicação do Centenario* (Lisboa) acha-se substancialmente contida nas seguintes palavras do *Discurso* que Joaquim Nabuco pronunciou, a 10 de junho de 1880, por parte do *Gabinete Portuguez de Leitura*, na esplendida festa do *Tricentenario*¹ no Rio de Janeiro :

« Os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a historia. Só se comprehende que elles tenham inspiração, tendo amor ». (Pag. 13).

D'esse *Discurso*, acolhido com applausos calorosos, trasladamos para aqui a eloquente peroração (pag. 29-30):

« Agora só me resta inclinar-me diante da tua estatua, ó glorioso creador do Portugal moderno. Na pleiade dos genios, que roubaram o fogo ao céo para dar á humanidade uma nova força, tu não és o primeiro, mas estás entre os primeiros.

« Á estatua ideal do homem moderno, Shakespeare deu a vida, Milton a grandeza, Schiller a liberdade, Goethe a Arte, Shelley o Ideal, Byron a revolta, e tu lhe déste a patria. A tua gloria não precisa mais dos homens. Portugal póde desaparecer, dentro de seculos, submergido pela vaga européa, ella terá em cem milhões de brazileiros a mesma vibração luminosa e sonora. O Brazil póde deixar, no decurso de milharres de annos, de ser uma nação latina, de fallar a tua lingua, póde dividir-se em campos inimigos, o teu genio viverá intacto nos *Lusiadas*, como o de Homero na *Iliada*. Os *Lusiadas* podem ser esquecidos, desprezados, perdidos para sempre, tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa dos espiritos divinos, como Empedokles e Pythagoras, como Appelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada; ella apparecerá a algum genio creador, como tu foste, á foz do Tejo, qual outro Adamastor, convertido pelos deuses n'essa

Occidental patria lusitana,

alma errante de uma nacionalidade morta transformada no proprio sólo que ella habitou. Sempre que uma força estranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade portugueza, a attracção virá do teu genio, satellite que se desprendeu d'ella, e que resplandece como a lua no firmamento da terra, para agitar e revolver os oceanos.

« Mas até lá, ó poeta divino, até ao dia da tradição e do mytho, tu viverás no coração do teu povo: o teu tumulto será, como o de Mahomet, a patria de uma raça; e por muitos seculos ainda o teu centenario reunirá em torno das tuas estatuas, espalhadas pelos vastos dominios da lingua portugueza,

as duas nações eternamente tributarias da tua gloria, que unidas hoje pela primeira vez pela paixão da Arte e da Poesia, acclamam a tua realza electiva e perpetua, e confundem o teu genio e a tua obra n'uma salva de admiração, de reconhecimento e de amor, que ha de ser ouvida no outro seculo ! »

Diz Theophilo Braga em artigo inserto no POSITIVISMO n.º 6 — agosto, setembro, 1880 — e transcripto sob o titulo *O Centenario de Camões no Brazil* no JORNAL DO COMMERCIO, n.º 303 de 31 de outubro tambem de 1880 :

« O discurso do dr. Joaquim Nabuco, agora impresso, é de uma alevantada eloquencia, e por elle se vê que o orador comprehendeu profundamente o sentido da festa, terminando com affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal : o genio poetico allia-se n'este trabalho á capacidade scientifica, e em todo esse discurso, que arrebatou uma assembléa de tres mil pessoas, é notavel a calorosa sympathia com que é revivificada a tradição portugueza de que o Brazil tira o seu impulso historico ».

As linhas que acabamos de reproduzir antecedem as seguintes :

« O discurso do deputado brasileiro Joaquim Nabuco constituiu a primeira parte do grande festival commemorativo ; sobre o facto de entregar esta parte do programma do centenario ² á execução de um brasileiro ³ publicaram-se antecipadamente varias *moções* nos jornaes, que tendiam a prejudicar a unanimidade da festa. Mas, em rigor, foi este um meio efficaz para dar ao centenario um dos seus caracteres de universalidade, ligando por uma mesma emoção tradicional dous povos irmãos ».

É exacto o que refere o illustre escriptor Theophilo Braga ; releva, porém, observar que aos reparos formulados pela imprensa respondeu victoriosamente a directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura* ⁴ por seu mui digno 1.º secretario, J. C. Ramalho Ortigão, em um *communicado*, sob o titulo *Centenario de Camões*, no JORNAL DO COMMERCIO de 13 de março de 1880.

D'essa publicação destacamos os seguintes periodos :

« Povos de origem commum, herdeiros de tradições gloriosas, separasse-os embora a sua posterior organização política, teem nas obrigações do reconhecimento e da admiração, como na partilha de glórias, um papel identico e commum: o que o seu enthusiasmo lhes prescreve.

« Ante a commemoração do terceiro centenario do mais potente genio da litteratura portugueza no seculo xvi, Portugal e Brazil solvem por um tributo igual a divida commum: — a que resulta da hereditariedade que não pôde ser interrompida por factos de interesse politico dos respectivos Estados; a que perdura pela tradição dos costumes e da linguagem; a que se não extingue jámais.

« O *Gabinete Portuguez de Leitura*, iniciando o movimento das grandes festas que vão caminho de execução, bem sabe qual grande espaço lhe cumpre reservar para os que teem o direito e o dever de compartes n'esta grande empresa gloriosa; e se para os encargos onerosos já se associou a outras instituições portuguezas, o complemento da grandiosa manifestação espera-o e ha de tel-o do concurso unanime dos que cultivam e fallam a lingua do grão-cantor.

« Chegados a este ponto, a nossa missão especial está naturalmente terminada. Teremos desaparecido como fracção minima para surgir no grande todo da grande e immensa geração dos portuguezes contemporaneos do Camões, do Gama e de Cabral.

« Se de ser esta a comprehensão da sua tarefa houvesse o *Gabinete* de dar prova, tel-a-hia no convite que teve a honra de dirigir a um dos mais bellos talentos da nova geração brazileira, ao illustre escriptor que no verdor de seus annos *teve a insigne gloria de celebrar com a publicação de seu livro «Camões e os Lusíadas» o terceiro centenario do immortal poema.*

« A parte principalissima distribuida na festa do centenario ao illustrado snr. dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo não é a que lhe conferiu nem o nosso respeito pelos seus talentos, que é grande, nem a nossa estimação pela sua pessoa, que não é menor; é a que lhe pertence exclusivamente como o

unico escriptor da lingua portugueza que ha oito annos teve a gloria de escrever :

« Em 1859, em 1864 e 1865 a Allemanha, a Inglaterra e a Italia celebraram com festas nacionaes os centenarios de Schiller, de Shakspeare e de Dante.

« Publicando hoje estas notas, não faço mais do que fizeram os homens de coração d'esses tres paizes, quando, deixando os campos, vinham ds cidades cobrir de flôres as estatuas dos poetas.

« Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente a Luiz de Camões no terceiro centenario do seu poema ».

« O snr. Joaquim Nabuco só não devêra esperar o convite de que foi objecto da parte dos que ignorassem esta honrosa pagina da sua historia. Quanto a nós, uma unica cousa nos poderia ser mais agradavel do que a honra do convite que lhe dirigimos: esta occasião de expôr pela maior publicidade o nome do verdadeiro precursor d'este grande movimento; o d'elle, que ha tanto exclamava: « Qualquer que seja o actual eclipse, o astro se desprenderá da sombra e tomará ainda algum dia sua posição no horisonte ».

« Na ante-manhã do glorioso dia 10 de junho de 1880 quem ha ahi que se lhe anteponha no desempenho da grande missão de que está incumbido? »

Alludindo ao livro CAMÕES E OS LUSIADAS (Vej. *O novo mundo*, vol. III, n.º 26 — New-York, 23 de novembro de 1872, pag. 33) escreveu o visconde de Benalcanfor no *Correio da Europa*, n.º 2 (edição do Brazil) 2.º anno — Lisboa, 19 de janeiro de 1881:

« Como escriptor, Portugal tem em Joaquim Nabuco um amigo sympathico, que, longe de deprimir o nosso passado de nação, o exalta. Da sua penna eloquente brotou a mais calorosa apologia que poderia ser feita por um brasileiro á nação portugueza, á qual ignaramente tem sido negados os titulos de colonisadora. É sua esta phrase conceituosa, repassada de verdade, que elle proferiu no centenario de Camões: « O Brazil e os *Lusiadas* são as duas maiores obras de Portugal ».

« O seu livro ácerca do nosso grande poeta, — livro que

inspirou em 1872 a um dos mais finos lapidarios da prosa portugueza, a Fernando Castiço, uma apreciação, que é ao mesmo tempo uma joia de linguagem e um modelo de boa critica — revelando em cada pagina o talento litterario do escriptor, transuda as effusões férvidas da admiração para com o immorredouro monumento poetico das nossas façanhas ».

Fernando Castiço (vej. Fernando Joaquim Pereira de Castiço — *DICC. BIBL. PORT.*, tom. IX, pag. 216), na apreciação a que allude o author das *PHANTASIAS E ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS*, assim se exprime :

« Tomando a si o nobre e generoso empenho de pagar a divida de dous povos irmãos ao illustre cantor de suas glorias, o snr. dr. Nabuco provou ao mesmo tempo que muito se póde ainda esperar d'uma mocidade que encontra em seu seio espiritos assás energicos para fitar o bello no seu mais vivo esplendor; assás generosos para amar os grandes feitos e os mais duros sacrificios; e assás imparciaes e ousados para fazer justiça mesmo a contemporaneos.

« Ha no estylo, e nos sentimentos de todo o livro um perenne frescor de mocidade, uma nobreza de pensar e de escrever, que revelam claramente uma intelligencia sã, um coração honesto, e estudos conscienciosos.

« Ha sobretudo uma apreciavel probidade litteraria, que não é por certo a mais vulgar qualidade por estes tempos que correm.

« Vé-se que o joven escriptor, longe de mendigar o seu lugar nas letras, apresenta-se sem vaidade, mas sem acanhamento tambem, perante aquelle que devéra ser sempre o mais imparcial de todos os tribunaes.

« Não ha nada convencional ou calculado em suas opiniões ou sentimentos; não semeia elogios para que lh'os retribuam.

« Firmado na pureza de suas intenções, caminha direito ao seu fim, embora tenha de afastar do caminho suavemente, mas com firmeza, uma opinião estabelecida ou um preconceito carinhosamente afagado.

« Esta força nasce da consciencia de que o não inspira, nem move alguma ruim paixão.

« As suas sentenças podem ser revogadas, mas o juiz nunca poderá ser condemnado, nem accusado.

« As tres paginas que no livro trazem o titulo de *Conclusão*, contém movimentos de verdadeira, nobre e elevada eloquencia, de que aliás no corpo da obra já se encontram repetidos exemplos.

« Se me fosse licito arriscar uma predicção em assumpto tão delicado, eu saudaria desde já no snr. dr. Joaquim Nabuco, além de um escriptor elegante, um orador da maior distincção.

« O futuro o dirá ».

O futuro d'então, preterito agora, deu ás palavras de Fernando Castiço a mais completa e brilhante confirmação.

Poremos remate a este artigo com os dous bellissimos sonetos publicados a pag. 63 e 64 da *Homenagem a Luiz de Camões*, 10 de junho de 1880, notavel volume dado á estampa a esforços e expensas dos benemeritos directores da REVISTA BRAZILEIRA: Balduino Coelho, Candido Rosa, Franklin Tavora, Moreira Sampaio e Nicolau Midosi.

Eis os sonetos a que alludimos :

APOTHEOSE

Elle foi um Artista Soberano,
E só teve na Arte um Ideal.
Era a Patria. Por isso Portugal,
Que elle amou com alma de Romano;

A quem disse, mirando-o nó Oceano :
« Pódes morrer, que eu torno-te Immortal »,
É hoje o vasto, o immenso Pedestal
Do vulto do Poeta Sobrehumano.

N'esse bronze que os tempos não consomem,
Elle paga uma divida de gloria,
— A maior que um paiz deveu a um homem.

E de joelhos no chão da sua Historia,
Lembrando-se da grande ingratição,
Pede ao deus dos LUSIADAS — perdão !

IGNEZ E CATHERINA

Duas mulheres chegam-se medrosas,
Para perto da Estatua, cuja fronte
A Manhã que desperta no horisonte
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,
Cujos fios de luz não ha quem conte.
Mas quem são essas fórmas vaporosas,
Como as nevoas que descem sobre o monte?!

Uma traz as HERVINHAS, como as flores,
Que Ella colheu na Fonte dos Amores
A quem DEPOIS DE MORTA A FEZ RAINHA ;

A outra, que era a Vida, era o Desejo,
Que enchia a grande Alma que Elle tinha, —
Noiva da sua Gloria, — traz-lhe um beijo.

JOAQUIM NABUCO.

NOTAS

¹ Do jubileu camoneano disse, segundo a voz publica, o dr. F. J. de Gusmão Lobo :

« Não só a cidade do Rio de Janeiro, mas muitos outros pontos do imperio, pagaram a Luiz de Camões, o épico immortal da nossa lingua, no memoravel dia 10 de junho de 1880, tricentenario da morte do poeta, o preito de admiração devido a um dos maiores genios com que se illustram os fastos da humanidade. Jámais uma demonstração terá revelado melhor a vitalidade intellectual de um povo do que essa com que o Brazil se associou á antiga metropole na sua expansão de justiça e de patriotismo em honra do grande pensador, que deixou nos *Lusiadas* uma das obras mais portentosas do engenho humano, e a um tempo a synthese mais elevada da alma de uma nação.

« N'esta capital a apothese de Luiz de Camões terá deixado inapagavel recordação em quantos presenciaram o grato espectáculo de uma população inteira, identificada no pensamento de honrar a memoria de um grande homem. A honrosissima iniciativa do Gabinete Portuguez de Leitura produziu os resultados que eram para esperar de intelligentes esforços, encaminhados com perseverança e com a mais nítida consciencia do alto valor moral da nobre homenagem.

« A benemerita associação assignalou por diversos modos o dia 10

de junho de 1880. Lançou a pedra fundamental de um vasto edificio que se destina á sua opulenta bibliotheca; celebrou uma espiendida festa no theatro Imperial; fez cunhar uma medalha commemorativa do tricentenario e deu á estampa uma luxuosa edição dos *Lusiadas*, verdadeiro monumento litterario, prefaciada pelo distincto escriptor portuguez, o snr. Ramalho Ortigão, e acompanhada de um *Glossario*, devido á eruditissima critica do snr. Adolpho Coelho.

« Pela sua parte a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro conseguiu colligir e expôr uma riquissima collecção de edições das obras de Camões e de livros relativos ao principe dos poetas portuguezes.

« A imprensa diaria e periodica publicou especiaes edições em homenagem ao poeta, nos quaes collaboraram escriptores dos mais estimados; e a *Revista Brasileira* um volume de poesias, aberto por eloquentes palavras do snr. D. Pedro II.

« Em Pernambuco o Gabinete Portuguez de Leitura, além de celebrar uma sessão litteraria, commemorou a grande data com a publicação dos *Sonetos* de Luiz de Camões em primorosa edição.

« Interprete dos sentimentos de todo o Brasil, a camara dos deputados associou-se á manifestação, já votando unanimemente uma moção commemorativa do tricentenario, já fazendo-se representar na solemnisima festa promovida pelo Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro em hora do Homero lusitano.

« Com estas e numerosas outras demonstraões pagámos, brasileiros e portuguezes, a immensa divida de dous povos para com o homem que nos deu em uma lingua polida um dos mais preciosos instrumentos da litteratura moderna e nos *Lusiadas* o poema por excellencia d'essa lingua ».

As palavras do illustre escriptor, publicadas no *retrospecto politico* de 1880 (*JORNAL DO COMMERCIO* de 3 de fevereiro de 1881) foram reimpressas a pag. 35 do *RELATORIO DA DIRECTORIA DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA no Rio de Janeiro — 1881*.

² Transportemos para aqui as palavras que na sessão de 3 de junho de 1880 proferiu o illustrado dr. Franklin Doria:

O SR. FRANKLIN DORIA: — Senhor presidente, cabe-me a honra de apresentar a esta augusta camara a moção de que em breve lhe darei conhecimento. Está ella assignada por muitos dos senhores deputados.

Embora o menos competente, acho-me assim constituido como orgão d'esses meus nobres collegas.

Creio, porém, que sou o interprete fiel de toda a camara, propondo a presente moção.

Creio ao mesmo tempo que, prestando-lhe a nossa acquiescencia, nós, como representantes da nação, comprazemos a todos os corações brasileiros.

Senhor presidente, no proximo dia 10 de junho a capital do imperio vai presenciar uma festa admiravel ; admiravel pelos intuitos que a animam, como pelos sentimentos que desperta.

É uma festa de civilização.

É uma festa em que se empenha alvoroçado o amor da patria.

É uma festa que o povo irmão celebra no meio do mais vivo jubilo, e cuja noticia os outros povos cultos hão de receber certamente com verdadeiro applauso.

É a festa em honra á memoria de Luiz de Camões !

Bem o sabemos, a historia o assignala como inelito filho de Portugal, como um dos primeiros representantes d'essa não interrompida dynastia dos genios.

Permitti-me dizel-o aqui, senhores : Camões, o excelso poeta, allia-se pelo espirito a Homero, a Virgilio, a Dante, a Petrarca.

Como successor e juntamente emulo de tão gloriosos antepassados, sua figura destaca-se á luz do seculo em que viveu, do seculo em que, surpreendido pelas revelações dos monumentos da antiguidade, o espirito humano pareceu renascer para as letras, sciencias e artes.

Então Portugal, comquanto fosse um pequeno país, acantoado no occidente da Europa, logrou realizar arrojadadas expedições maritimas, longinquos descobrimentos, opulentas conquistas ; encheu o mundo de espanto e de inveja, prestes a tomar a vanguarda ao progresso da humanidade.

Tantos successos prosperos, tantos feitos heroicos, tanto poder, tanta gloria (para o que o poeta concorreu em parte, brandindo mais de uma vez a espada de guerreiro), elle immortalizou na sua celebre epopéa, de envolta com outros acontecimentos e tradições memoraveis dos fastos nacionaes !

Entretanto, a patria de Camões, quando a adversidade a abateu do fastigio a que se elevára, oppressa de infortunios e tristezas, achou nas brilhantes recordações esculpidas no poema de seu mimoso cantor o alento da consolação, com os incentivos da esperanza.

Depois de rôto o jugo estrangeiro, pelos esforços de seus filhos valorosos, Portugal, apesar de muito disimado de seus thesouros d'outr'ora, desvanece-se de que lhe resto ainda o livro dos *Lusiadas*, o seu mais precioso thesouro !

Finalmente, ao cabo de tres seculos, os portuguezes, de áquem e além mar, congregam-se para solemnizar o dia que mais aviva a lembrança de Luiz de Camões.

Cheios de reconhecimento, preparam-lhe a apothese que moderadamente as grandes nações costumam fazer aos grandes engenhos.

Compreendeis, senhores, que não poderiamos assistir indifferentes á solemnidade projectada entre nós ; é de esperar que tomemos

parte n'ella com o mesmo interesse que influe áquelles que a promovem.

Pelo berço e pelo tumulto Camões pertence á metropole, mas tambem pertence a todos os brasileiros pelos vinculos de sangue que nos ligam á patria de nossos avós; pela communhão fraternal em que vivemos com os nossos prezados hospedes conterraneos do poeta; pela influencia que elle exerceu na formação da nossa litteratura, e, portanto, no progresso intellectual do nosso pais.

Em summa, Camões é nosso tambem, porque principalmente lhe devemos a lingua que fallamos, a lingua que escrevemos, esta formosa lingua que elle tanto aprimorou e enriqueceu.

A moção que passo a lêr é, pois, a expressão inequivoca do alto apreço que mereos aos brasileiros a festa commemorativa do principe dos poetas portuguezas: (*Lê*).

« A camara dos deputados, querendo associar-se á festa que Portugal celebra no dia 10 de junho de 1880, terceiro centenario de Luis de Camões, e render a homenagem dos brasileiros ao mais insigne poeta da lingua portugueza, resolve não reunir-se n'aquelle dia que considera feriado, assim como faser-se representar por uma commissão de nove membros nas solemnidades do centenario a que assistir S. M. o imperador.

« Paço da camara dos deputados, 3 de junho de 1880. — *Franklin Doria — Joaquim Nabuco — Barão Homem de Mello — Almeida Couto — Antonio Carlos — Joaquim Serra — Rodolpho Dantas — J. M. Freitas — José Basson — Ribeiro de Menezes — Affonso Penna — Ruy Barbosa — Prado Pimentel — Barão da Estancia — Ignacio Martins — Theophilo Ottoni — Joaquim Breves — Malheiros — Freitas Coutinho — Antonio Sequeira — Soares Brandão — Belfort Duarte* ».

O PRESIDENTE da camara nomeou para a referida commissão os deputados Franklin Doria, Pompeu, Baptista Pereira, Rodolpho Dantas, Joaquim Serra, Theodoretto Souto, Marcolino Moura, Ignacio Martins e Joaquim Nabuco.

³ D'este assumpto mui espaciadamente se occuparam os drs. Francisco Ferraz de Macedo e Figueiredo de Magalhães nos livros: *DESAFIO PATRIOTICO e o Tricentenario de Camões no Rio de Janeiro — Estudo critico e documentado, ou a « censura » feita aos promotores e orador official do tricentenario, escripto este dado a lume com antecedencia ao acto.* — *Offerta gratuita* — Rio de Janeiro, 1880; e *CAMÕES e os portuguezes no Brasil — Reparos criticos — Primeira parte* — Rio de Janeiro, 1880.

⁴ É dever, de que jubiloso nos desobrigamos, completar a refe-

rencia á directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura* com a transcripção das seguintes palavras :

« Os serviços que a associação — diremos que todos os portuguezes devem á directoria que findou o seu mandato, e justissimamente mereceu ser reeleita, são de tal magnitude, que é difficil achar palavras para os aquilatar.

« Os cinco directores esforçaram-se no empenho altissimo a que puzeram hombros: porém o presidente — todos o sabem e proclamam — foi de uma dedicação suprema, de um desveladissimo interesse, que n'esta associação ninguem attingiu ainda, que prevavelmente ninguem excederá nunca. O nome do snr. Eduardo de Lemos ficou desde o centenário indissolvelmente consorciado aos dos grandes honradores de Camões, como um dos mais entusiastas e fervorosos d'entre elles.

« A assembléa dos accionistas, na sua reunião de 24 de abril proximo passado, consagrou por unanimidade o voto geral — declarando **REMEMBRITA** a directoria de 1880 ».

São do nosso distincto amigo, Joaquim de Mello, estas palavras, que, depois de impressas no *Cruzreiro* n.º 131 de 13 de maio de 1881, foram encorporadas no opusculo *Tercero Centenario de Camões — Juizo da imprensa do Rio de Janeiro acerca do relatorio da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura* — Rio de Janeiro, 1881.

⁵ *Folhetim* do *JORNAL DE COMMERCIO* de 1 de setembro de 1872 — **ALTOS E BAIXOS.**

VI

AOS INFIEIS, SENHOR, AOS INFIEIS,
E NÃO A MIM, QUE CREIO O QUE PODEIS !

Primeira parte

Vamos enfeixar n'este artigo commentarios a alguns versos do livro que se « tornou para os portuguezes o deposito dos germens da sua liberdade, e para Portugal ficou o eterno pregão da historia, o monumento imperecível do seu passado ». (Os LUSIADAS por Luiz de Camões. — Vej. *Bibliotheca Nacional — Os bons livros* — Edição revista e prefaciada por Theophilo Braga — Tom. I, pag. 9 — Lisboa, 1881).

I

Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim, que creio o que podeis !

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. III, est. 45.

A matutina luz serena, e fria
As estrellas do pollo já apartava,

Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso, o animava.
 Elle, adorando quem lhe apparecia,
 Na fé todo inflammado, assi gritava :
 Aos infleis, Senhor, aos infleis,
 E não a mim, que creio o que podeis !

No ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS diz (pag. 85) José Silvestre Ribeiro :

« Estes dous versos, bem conhecidos, tornaram-se proverbias, e são empregados de um modo sentencioso, quando damos por desnecessario ou superfluo o trabalho de nos referirem factos, de nos apontarem razões, ou de nos darem explicações de que estamos senhores ou convencidos, e das quaes entendemos que mais naturalmente se deve fazer uso para com os nossos adversarios ou impugnadores.

« São uma imitação do Psalmo 113: *Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.* — Não nos dê a nós, Senhor, não nos dê a nós a gloria; mas dá-a toda ao teu nome. — Para fazeres resplandecer a tua misericordia, e a tua verdade, para que não digam as nações: Aonde está o seu Deus? »

II

E julgareis qual é mais excellente,
 Se ser do mundo rei, se de tal gente.

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. 1, est. 10.

« Estes versos, diz José Silvestre Ribeiro no ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 9, foram sempre tidos na conta de tão sentenciosos, que andavam na bocca de todos, como um proverbio honroso e de louvor para a nação portugueza.

« Já Sá de Miranda tinha dito a D. João III :

Uns sobre outros corremos
 A morrer por vós com gosto.
 Grandes testemunhos temos
 Com que mãos, e com que rosto
 Por Deus, e por vós morremos.

« Nas estancias 146 e 147 do canto x, quasi no fim dos *LUSIADAS*, repete Camões o mesmo pensamento dos dous versos acima transcriptos, dizendo a D. Sebastião :

Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

(Est. 146.)

Olhai que lédos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro e fogo, a setas e pelouros...

(Est. 147) ».

Observa Innocencio Francisco da Silva (*DICC. BIBL. PORT.*, tom. v, pag. 242) que no 1.º volume das obras poeticas de Camões, edição do visconde de Juromenha, pag. XXI, *nota* (9), se lê :

« *E vereis* qual é mais excellente, verso evidentemente aleijado, sendo o que lhe corresponde nos *LUSIADAS*, canto I, estancia x : *E julgareis* qual é mais excellente ».

Tornaram-se populares os dous versos que servem de epigraphe a este artigo depois que, por decreto de 13 de novembro de 1813, foram mandados inscrever em letras d'ouro, como distinctivo de honra, nas bandeiras dos regimentos de infantaria das duas brigadas, que mais se celebrisaram na memoravel batalha da Victoria (a 21 de junho d'aquelle anno) contra o exercito francez.

Eis por integra a estancia 10 do canto I dos *Lusiadas* :

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno ;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
D'aquelles, de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

III

Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

Versos finais da estancia 14 do canto VII dos LUSIADAS:

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andaes de vosso sangue, oh gente insana,
Não faltarão christãos atrevimentos
N'esta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
É na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

Referindo-se a alguns dos lugares dos LUSIADAS, nos quaes Camões imitou Virgilio, acrescenta F. Evaristo Leoni: « Mas Camões, imitando, conserva-se sempre original; porque o ser original não consiste em dizer o que nunca ninguém disse; mas em expressar o que embora já foi dito, de um modo novo e que ninguém possa imitar ¹. Adduzamos d'isto um exemplo:

« Depois do descobrimento da India, das Molucas, do Japão e do Brazil, a admiração e o pasmo de tantas descobertas, que quasi comprehendiam a periphèria das tres maiores partes do globo, facilmente fariam dizer a qualquer que: se Deus houvera creado outros mundos, lá iriam os portuguezes arvorar seus gloriosos estandartes ». É o que disse Barros que, de certo, não foi o primeiro a quem esta idéa occorreu: « Certo grave e piedosa cousa de ouvir, vêr uma nação a quem Deus deu tanto animo, que, se tivera creado outros mundos, já lá tivera mettido outros padrões de victorias ² ». Mas Camões, dizendo isto mesmo, disse-o de um modo novo, conciso e tão frizante, que passou mesmo a ser proverbial:

Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegára ».

CAMÕES E OS LUSIADAS — II Parte, pag. 204-205.

IV

..... Nunca louvarei
O capitão, que diga : Não cuidei.

Este conceituoso pensamento remata a estancia 89 do canto VIII dos LUSIADAS :

Tal ha de ser quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres e igualal-os :
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os ;
Com militar engenho e subtil arte
Entender os imigos e enganal-os ;
Crer tudo em fim ; que nunca louvarei
O capitão, que diga : Não cuidei.

A phrase que tomamos por epigraphe é d'est'arte commentada no ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 195-196, por J. Silvestre Ribeiro :

« Como preceito militar é esta sentença imitação do famoso dito de Scipião Africano, referido por Valerio Maximo : *Scipio vero Africanus turpe esse aiebat in re militari dicere : Non putaram.* O sr. Francisco Freire de Carvalho traz esta nota : « N'este lugar teve Camões presente a passagem de Seneca (*De Ira* — Liv. II, cap. xxxi) : *Turpissimum aiebat Fabius, imperatori excusationem esse : Non putari.* ».

Manoel Corrêa, commentando a precitada estancia 89, escreve :

« O homem avisado ha de cuidar que tudo pôde ser, e n'este modo crer tudo : porque a mór ignorancia que ha no mundo, he dizer, não cuidey, não me pareceo. Donde disse Cicero : *Insapientes est dicere non putaram,* he de homem de pouco saber dizer — não cuidei. He tambem obrigação de homem prudente, acertar com muytas coisas : donde veyo aquelle ditto excellent e certo : *Sapiens divinat,* o sabio adivinha. ».

V

Os tropheus de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja.

Lêem-se estes versos na estancia que passamos a transcrever: é a 93.^a do canto v dos LUSIADAS.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandre na peleja
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.²
Os tropheus de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

« E com effeito, de Alexandre se conta, observa J. Silvestre Ribeiro a pag. 143 do ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, que, em frente do sepulchro de Achilles dissera: *O fortunate Adolescens qui tuæ virtutis proconem Homerum inveneris!*

« De Themistocles se conta que, perguntando-se-lhe por que tão cedo se levantava, respondera: *Quia me trophæa Miltiadis de somno excitant.*

« E Cicero, na oração *pro Arch.*, refere o seguinte:

Themistoclem illum, summum Athenis virum dixisse aiunt, cum ex eo quæreretur, quod acroama, aut cujus vocem libentissimè audiret? « Ejus, à quo sua virtus optimè predicaretur ».

Larousse nas *Fleurs Historiques*, pag. 372, escreve sob o titulo *Les lauriers de Miltiade m'empechent de dormir*:

« Thémistocles, cet Athénien fameux, qui devait exercer une influence si décisive sur les destinées de sa patrie et fonder la grandeur d'Athènes en lui ouvrant la mer, montra de bonne heure une ambition ardente et une amour excessif de la célébrité. Il combattit couragement à Marathon, où sa jeunesse ne lui permit d'ailleurs que de jouer un rôle

sécondaire. On sait que Miltiade, qui commandait les Atheniens, eut toute la gloire de cette journée. Depuis ce moment, Themistocle, agité, pensif, accablé de tristesse, fuyait les plaisirs de son âge, les assemblées et les exercices de la palestra. A ses amis, qui l'interrogeaient sur les causes de cette sombre mélancolie, il répondit que *les trophées de Miltiade l'empêchaient de dormir* ».

Seja-nos licito observar que o eruditissimo escriptor francez bem poderá, em proveito dos que se comprazem em versar com diurna e nocturna mão os bons livros, haver estribado suas asserções na authoridade de Plutarcho que, nas *Vidas dos homens illustres* (soccorremo-nos á traducção franceza de Richard — tom. I, pag. 234) n'estes termos se expressa :

« En effet, Themistocle était si fort possédé de l'amour de la gloire, si passioné pour les grandes actions, que dans sa jeunesse, après de la bataille de Marathon, gagnée par les Atheniens sur les barbares, entendant vanter partout les exploits de Miltiade, il restait souvent pensif et reveur, passait les nuits sans dormir, et ne frequentait plus les festins publics : lorsque ses amis, surpris de ce changement de vie, lui en demandaient la raison, il leur répondait que *les trophées de Miltiade lui otaiient le sommeil* ».

VI

Oh gloria de mandar ! Oh vã cubiça...

Abre com este verso a estancia 95 do canto iv dos LUSIADAS :

Oh gloria de mandar ! oh vã cubiça
 D'esta vaidade, a quem chamamos fama !
 Oh fraudulento gosto, que se atiça
 C'uma aura popular, que honra se chama !

Taes são as primeiras « palavras que profere o velho, que ficára na praia, quando embarcaram os nossos argonautas », diz J. Silvestre Ribeiro (ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS

LUSIADAS, pag. 131) e, de accordo com Sotero dos Reis, no CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, tom. II, pag. 148, acrescenta: «A oitava em que o poeta descreve o ancião é uma das mais ricas de poesia que se encontram no poema :

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

Cant. IV, est. 94.

« Na prosopopeia do velho, diz F. Evaristo Leoni (CAMÕES E OS LUSIADAS — *Segunda parte*, pag. 238) resumem-se as principaes razões e os argumentos que alguns politicos do tempo expendiam contra aquelle grande commettimento: razões e argumentos que consistiam em que o reino se despovoaria em guerras e conquistas longinquas, ao passo que se deixava crear ás portas o inimigo que fôra mais util combater e debellar ».

VII

Que de tal pai, tal filho se esperava

.....
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. III, est. 28.

« Falla o Gama de D. Affonso Henriques, o qual tinha só quasi 17 annos, quando seu pai, o conde D. Henrique, morreu; e diz, por essa occasião, *que de tal pai tal filho se esperava* ».

A razão (acrescenta J. Silvestre Ribeiro no ESTUDO MORAL

E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 75) diz-nos *à priori* que qual fôr o pai, assim deve esperar-se o filho; mas a fatal experiencia mostra milhares de exemplos em contrario, e sobretudo emquanto ás faculdades intellectuaes e moraes, emquanto ao genio e á virtude. O proprio Camões dá-nos um exemplo frizante na estancia 138 do mesmo canto III:

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto.

Um dos exemplos mais notaveis que a historia moderna nos apresenta d'essa desigualdade, que o nosso poeta chama *desconcerto da natureza*, é sem duvida o de *Oliveiro Cromwell* e de seu filho *Ricardo Cromwell* ».

Apontando em succinto estudo essa desigualdade, o illustrado author do ESTUDO MORAL E POLITICO escreve :

« Os Alexandres, os Cesares, os Fredericos e os Napoleões, e, em uma palavra, todós os homens extraordinarios que operam grandes cousas e fazem muito bem, ou muito mal, á humanidade, são *solitarios*, como diz Chateaubriand, *não se perpetuam senão pelas obras, já mais pelas raças* ».

« Quando alguém ponderou a Napoleão que era mister pôr esmero na educação de seu filho, acudiu logo o soldado feliz que subira a um throno : *Substituir-me? Não ha ahí quem me substitua, nem eu a mim proprio poderia substituir-me: sou filho das circumstancias* ».

Entretanto, conformé adverte o douto escriptor dos ENSAIOS DE ESTUDOS PRATICOS DE LITTERATURA (Lisboa, 1880) na obra acima citada, pag. 77: « Tambem apparecem exemplos brilhantes de optimos filhos, que sustentam e continuam o resplendor do nome de seus paes. O grande lord Chatam teve por filho o incomparavel Pitt, e ao nosso rei D. João I coubê a gloria de ter uns poucos de filhos, que todos se fizeram esclarecidos pela sabedoria, valor, serviços e virtudes que os distinguiram. E tambem alguns grandes e illustres varões

portuguezes hão tido dignos descendentes; e já o nosso poeta o confessava dos do seu tempo:

Não nego que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhes fica:
E se a luz dos antigos seus parentes
N'elles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura:
Mas d'estes acha poucos a pintura.

Cant. VIII, est. 42.

A hereditariedade do talento é rara, não ha negar; comtudo Brazil e Portugal podem ufanar-se de algumas familias em que essa hereditariedade se tem verificado. Com as seguintes linhas propomo-nos demonstrar o asserto:

«Cornelia, a nobilissima romana, depois da perda de seus filhos Tiberio Gracho e Cáio Gracho, que ella havia creado, educado e dirigido para uma vida que não deshonrasse a de Sempronio, seu pai, e a de seu avô Scipião, retirou-se para uma casa de campo junto do cabo Miseno, onde o vencedor de Carthago, exilando-se voluntariamente, derramára o ultimo suspiro. Ahi, diz Plutarcho, de toda a parte a iam visitar, e quando a lastimavam de haver perdido os filhos, mortos pelo seu amor á patria, respondia sempre: «Não, eu não sou desgracada, porque sou a mãe dos Grachos».

«O mesmo podia dizer a mãe dos Castilhos. Conheci-a, passava já dos 80 annos; aquella intelligencia havia estremecido, mas ainda por clarões manifestava sobejas provas do seu peregrino talento. Teve oito filhos. Perdera Albino, fuzilado em Hespanha pelos carlistas, em 1834, victima de sua dedicação á causa liberal; perdera Ayres no clima inhospito da Africa oriental, victima das suas febres; perdera Augusto na ilha da Madeira, succumbindo a uma tísica; perdera Adriano no Rio de Janeiro, e perdera Alexandre em Lisboa. Os tres que lhe sobreviveram foram a snr.^a D. Maria Romana, alma nobilitada por uma intelligencia pouco vulgar, fallecida em 27 de agosto

de 1870; Antonio Feliciano de Castilho, honra e pontífice das letras; e José de quem venho agora escrever o nome n'este registro de mortos illustres. Era o que restava ».

(NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS *luso brasileiro* para o anno de 1880 — *Esboço biographico de J. Feliciano de Castilho*, por A. X. Rodrigues Cordeiro, pag. III).

Façamos uma aproximação em honra do Brazil, pois lhe coube e cabe ainda a boa fortuna de contar algumas familias que houveram por patrimonio o talento, como fossem as dos Azeredo Coutinho, Andrada, e Gusmão.

Eis o que com relação ao assumpto se lê no vol. II, pag. 57 do ANUARIO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO :

«Do consorcio do capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria com D. Hellena de Andrade Souto Maior Coutinho, ricos proprietarios da capitania do Rio de Janeiro, nasceram no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello, brasileiros que foram todos mais ou menos notaveis e celebres pelas letras, e por distinctos serviços.

«Familia feliz e aditada, como a dos Gusmão e a dos Andradas em Santos ».

A familia dos Andradas tem ainda illustres representantes nas pessoas dos conselheiros José Bonifacio e Martim Francisco. E a estes nomes additaremos com satisfação os de outros que hão sabido «sustentar a nobreza» do nome que herdaram; taes são: o conselheiro d'estado Paulino José Soares de Sousa, os drs. Francisco Belisario Soares de Sousa, Rodolpho Epiphânio de Sousa Dantas, Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, e muitos outros.

VIII

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão

Este verso do canto I, estancia 68 dos LUSIADAS, é assim commentado pelo douto escriptor José Silvestre Ribeiro:

« Está Vasco da Gama mostrando ao Xequê de Moçambique e á sua comitiva, as armas que traziam os portuguezes, mas não consente que se dê fogo ás bombardas :

Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode; e com razão
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

« Este mesmo pensamento exprimiu o Tasso no canto XIX, estancia 32 da *Jerusalem libertada*.

« Emquanto Argante se bate com Tancredi, em singular peleja, os christãos furiosos espalham a assolação em Solyma, e a ira e a vingança dos vencedores vão fazendo estragos sobre o povo criminoso. — Rinaldo corre para o lado do poente, e pelos caminhos que conduzem ao mais erguido cume, onde está assente o templo, vai levando adiante de si os infieis, cortando com a espada capacetes e escudos e poupando apenas os desarmados. É n'essa occasião que o Tasso diz :

*Difesa è qui l'esser d'ell' arme ignudo.
Sol contra il ferro il nobil ferro adopra
Esdeгна negl'inermi esser feroce.*

« Faria e Sousa, commentando este lugar, diz, entre outras cousas, o seguinte :

« *Grã miseria, usar de mucho poder sobre quien no puede nada.*

« É mais abaixo :

« *Es el leon tão generoso, que no embeste com cosas pequeñas. Por esso és señor entre los brutos: assi como ay señores que son brutos entre los hombres, pues tienen entre ellos por valor, lo que aquella fera tiene entre ellos por cobardia: é aun essa executada atraycion. O! i que gran hazña* ».

(ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 23-24).

IX

Que onde reina a malícia está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. II, est. 9.

No ESTUDO POLITICO E MORAL SOBRE OS LUSIADAS (pag. 55-56) escreve J. Silvestre Ribeiro, referindo-se aos dous versos acima citados : « Essa bella sentença é perfeitamente desenvolvida por S. Gregorio, que Ferreira cita — *Mens prava semper in laboribus est: quia aut molitur mala, quæ inferat; vel metuit ne sibi ab allis imferantur; et quicquid contra proximos cogitat, hoc contra se cogitari a proximis formidat* ». — Como se dissesse : Os perversos estão sempre desassocegados ; porque, ou estão maquinando o mal, ou receando que outros lh'o façam ; e tudo quanto meditam contra o proximo, receiam que igualmente o proximo esteja cogitando.

« Quando o mau tece alguma maldade, teme que o entendam, diz Manoel Corrêa a esta oitava.

« Os homens maus (diz o mesmo Corrêa commentando o verso — *Que da tenção danada nace o medo*) vivem em continuo sobresalto e medo, cuidando que suas cousas são sabidas de todos. D'aqui veio aquelle proverbio tão usado entre os Latinos: *Ex conscientia metus*. O medo provém do que cada um de si sabe. Estacio, na *Thebaida*, chama á maldade medrosa. *O cæca nocentum concilia, o semper timidum scelus*, — ó maldade sempre medrosa ! »

X

Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade !

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. VII, est. 3.

Com ligeira variante exprime este pensamento o seguinte verso da estancia 15 do canto III :

Tanto Deus se contenta da humildade !

« Estas sentenças, diz J. Silvestre Ribeiro (ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 165), verdadeiramente sublimes, são reprodução poetica da doutrina da Escriptura :

« O que d'entre vós é o maior, será vosso servo.

« Porque aquelle que se exaltar, será humilhado, e o que se humilhar, será exaltado ».

(S. Math., 23, 11 e 12).

XI

Que um fraco rei faz fraca a forte gente

Contém-se estas palavras no final da estancia 138 do canto III dos LUSIADAS :

.....
 Que vendo o castelhano devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente ;
 Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

« Estes versos referem-se (transcrevemos as palavras de J. Silvestre Ribeiro no ESTUDO MORAL E POLITICO SOBRE OS LUSIADAS, pag. 99) ao *brandó, remisso e sem cuidado algum, Fernando* (estancia supracitada) e reproduzem a doutrina da Escriptura que lemos no *Ecclesiastico*, cap. x : « *Secundum judicem populi, sic et ministri ejus : et qualis rector est civitatis, tales et inhabitantes in ea. — Rex insipiens perdet populum suum : et civitatis inhabiabitur per sensum potentium* ».

O conceito — *Que um fraco rei faz fraca a forte gente* — acha-se expresso em fórmula dubitativa no ultimo verso da estancia 17 do canto IV dos LUSIADAS :

.....
 Pois se com seus descuidos ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Tome-vos vossas forças o Rei novo :
 Se é certo que com o rei se muda o povo.

Segunda parte

Deixando rapidamente commentados alguns versos do immorredouro poema dos LUSIADAS, vamos, aproveitando o ensejo para lembrar que o pedestal da estatua de Camões é circumdado pelas de Fernão Lopes, Pedro Nunes, Jeronymo Corte-Real, Vasco Mousinho de Quebedo Castello-Branco, Fernão Lopes de Castanheda, Gomes Eannes de Azurara, Francisco de Sá de Menezes e João de Barros, reproduzir aqui a mór parte das noções biographico-litterarias, relativas a estes illustres portuguezes, compendiadas pelo DIARIO POPULAR de Lisboa no artigo que de pag. 276-291 se acha encorporado no volume ALBUM DE HOMENAGENS A LUIZ DE CAMÕES.

Esta publicação (Lisboa — 1870) tem as seguintes indicações bibliographicas:

1.^a pagina: — *Á memoria de LUIZ DE CAMÕES — Homenagem de varios escriptores.*

Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
 Consolé, radieux,
 Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime ⁵,
 Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

M.^{lle} P. DE FLAUGERGUES.

2.^a pagina: — *Album de homenagens a LUIZ DE CAMÕES. Nova edição dos principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica, por occasião de se erigir o monumento que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida.*

«... Um monumento mais duravel
 Do que as molles do Egypto, erguer-lhe debes...»

GARRETT, *Camões*, cant. III, XXI.

I

«Fernão Lopes (vej. DICCC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 282-283), o principe dos historiadores portuguezes e talvez o pri-

meiro que depois dos latinos soube escrever historia, nasceu não se sabe onde, nem precisamente em que anno, embora alguns indicios levem a suppôr que seria pelo anno de 1380.

Sabe-se d'elle que foi secretario do senhor D. Duarte antes de rei e do infante santo D. Fernando, e cavalleiro da casa do infante D. Henrique.

El-rei D. João I commetteu-lhe em 1418 a guarda do real archivo, cargo que exerceu por 36 annos até que em 1454 foi exonerado, porque a velhice e os achaques o impediam de bem servir.

El-rei D. Duarte, que no trato intimo soubera conhecer-lhe os dotes como bom entendedor que era, nomeou-o chronista-mór do reino, officio em que D. Affonso V o confirmou por carta regia de 3 de junho de 1499. Exerceu tambem os cargos de guarda-mór da Torre do Tombo e escrivão da puridade.

Dos seus escriptos os mais notaveis são as chronicas dos senhores reis D. João I, D. Pedro I e D. Fernando, que tornaram o seu nome immorredouro.

Todos os que prezam as boas letras são unanimes na altissima opinião sobre este historiador. D'elle diz Francisco Dias Gomes que fôra o pai da prosa portugueza e talvez o primeiro que na Europa escreveu a historia dignamente.

O snr. Alexandre Herculano, juiz mais que todos competente em tal assumpto, affirma que Fernão Lopes nasceu historiador, e que a viver em época mais polida teria excedido quantos historiadores a Europa conta com ufania. Nas chronicas de Fernão Lopes retrata-se o viver e crêr d'aquelles tempos, e entrelaçam-se em fraternal harmonia a historia, a poesia e a acção dramatica.

« N'isto se parece, diz o snr. Herculano, com o quasi contemporaneo chronista francez Froissard; mas em todos esses predicamentos lhe leva conhecida vantagem. Com isto e com chamar-lhe o Homero da grande epopéa das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio ».

.....
 Ignora-se a época do fallecimento do illustre historiador, mas é certo que ainda era vivo em 1459.

II

« Pedro Nunes (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. VI, pag. 437-442) nasceu em Alcacer do Sal, ao que dizem, em 1492, e foi o mais illustre mathematico portuguez e o primeiro do seu tempo.

Tendo começado os estudos de humanidades, veio para Lisboa onde então estava a universidade, completou os estudos litterarios, estudou as sciencias philosophicas e doutorou-se em medicina.

Para mais se aperfeiçoar, dirigiu-se a Salamanca, cuja universidade frequentou e onde tal fama adquiriu que el-rei D. João II o chamou a Lisboa e o nomeou em 1530 lente de philosophia. Regeu ahi por tres annos o curso de artes e, transferida a universidade para Coimbra, passou a reger a cadeira de mathematica recentemente creada. Assim consta de provisão datada em 1544. Occupou a sua cadeira com subida distincção e applauso até ao anno de 1562 em que foi jubilado.

Foi-lhe commettida a educação scientifica do illustre infante D. Luiz, em cuja casa serviu, do infante D. Henrique, cardeal e rei, de el-rei D. Sebastião e de João de Castro ».

.....

« Pedro Nunes, pelo seu vasto engenho e profundos conhecimentos, foi o primeiro geometra dos seus tempos e tal como na peninsula iberica nunca appareceu outro. Deixou escriptos mui apreciados nas linguas latina e portugueza, e além de varios aperfeiçoamentos nos instrumentos nauticos e astronomicos inventou o instrumento chamado *nonio*. Toda a Europa lhe reconhece a prioridade d'esta invenção, excepto os francezes, que como useiros e vezeiros que são de quererem para si a gloria de todos os descobrimentos importantes, lh'a querem roubar, attribuindo-a ao seu Vernier ».

III

« Julga-se que Jeronymo Corte-Real (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. III, pag. 262-264) nasceu em Evora no anno de 1540.

.....
 Deve-se-lhe o poema intitulado *Successo do segundo cerco de Diu*, onde brilham formosissimas descripções, comparações mui bellas e colorido vigoroso, qualidades a miudo offuscadas pela baixeza do estylo.

Tambem é d'elle o celebre episodio do *Naufragio de Sepulveda* ».

IV

« Vasco Mousinho de Quebedo Castello Branco (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. VII, pag. 409-410, e CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, por F. Sotero dos Reis, 3.º vol., pag. 1-39) nasceu em Setubal, mas não sabemos em que anno. Frequentou a universidade de Coimbra, onde se formou em direito e por alguns annos exerceu a profissão de advogado. Quebedo, apesar de affliado na escola hespanhola, predominante em Portugal desde principios do seculo XVII até decorrido meio seculo XVIII, soube eximir-se dos insanos gongorismos que a desfejavam. O seu principal escripto é o poema *Affonso Africano*, maciço de boas sentenças, por vezes felicissimo em comparações e a espaços revelando verdadeiro genio poetico em vãos imaginosos.

Um dos nossos mais atilados criticos, Costa e Silva, estudando os principaes épicos nacionaes, dá a palma a Camões, colloca a *Malaca conquistada* de Sá de Menezes em segundo lugar e dá o terceiro ao *Affonso Africano*.

Além d'este poema deixou Quebedo o seu *Discurso sobre a vida e morte da rainha Santa-Isabel e outras rimas*. Em hespanhol escreveu o *Triumpho do monarcha Filippe III e sua entrada em Lisboa*, com o qual se não ganhou fama nas letras tambem não se avantajou em patriotismo ».

V

« Fernão Lopes de Castanheda (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 283-285) foi filho de Santarem, mas ignora-se a data do seu nascimento.

Acompanhando o pai para a India em 1528, gastou alli vinte annos coordenando e escrevendo a historia das nossas possessões asiaticas. Não lhe sorriu porém a fortuna, por quanto no seu regresso a Portugal aceitou o cargo de bedel do collegio das artes na universidade de Coimbra e de guarda dos archivos. N'este modesto emprego falleceu em 23 de março de 1559 e jaz sepultado na igreja de S. Pedro de Coimbra.

Os seus escriptos distinguem-se pela linguagem fluente e correcta e ás vezes elegante ».

VI

«Gomes Eannes d'Azurara (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. III, pag. 147-149) foi o successor de Fernão Lopes na empresa de escrever as chronicas de Portugal, mas nunca pôde igualar-se com elle.

Ignora-se onde e quando nasceu, e apenas se sabe que floresceu no seculo xv.

.....

Foi nomeado pelo senhor rei D. Affonso v guarda-mór da Torre do Tombo em 1454, e chronista-mór do reino talvez em 1458. Com este cargo ainda accumulou, segundo alguns pareceres, o de desembargador da casa do cível.

Tendo de narrar os nossos feitos na Africa, alli foi, protegido pelo monarcha, e demorou-se bastante tempo. N'aquella laboriosa peregrinação o foi procurar uma affectuosa carta de D. Affonso v que muito o prezava. Azurara legou-nos as chronicas de el-rei D. João I, do conde D. Pedro de Menezes, tomada de Ceuta, de Duarte Menezes, de D. Duarte I, de D. Affonso v e do descobrimento e conquista da Guiné».

VII

«Tambem é desconhecida a época do nascimento de Francisco de Sá de Menezes (vej. DICC. BIBL. PORT., tom. III, pag. 53-55), embora se saiba que nasceu no Porto.

.....

A sua obra capital é a *Malaca conquistada* que por ordem de valia é o segundo poema épico portuguez ».

VIII

« João de Barros (vej. DICCC. BIBL. PORT., tom. III, pag. 318-323 e CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILHEIRA por. F. Sotero dos Reis, tom. II, pag. 333-371) era filho de Vizeu, onde viu a luz em 1496.

Na mocidade exercêu o modesto cargo de moço da guarda-roupa d'el-rei D. Manoel, e logo revelou os dotes que o haviam de illustrar. Aos 20 annos escreveu um romance de cavallaria, *Chronica do imperador Clarimundo*.

.....
Com as suas *Decadas*, em que refere os feitos dos portuguezes na India, adquiriu João de Barros o renome de nosso historiador principal e classico de grande vulto.

Chamam-lhe o Tito Livio portuguez, porque nos seus escriptos se nota pompa sem mau gosto nem falsos ouropeis, elegancia e copia de bons conceitos e sentenças.

Excedeu talvez o romano na fidelidade das pinturas e exactidão das descripções, igualando-o no methodo ».

Antecedido de breves palavras, porá fim a este artigo um dos mais notaveis sonetos do cantor dos LUSIADAS.

Declarando F. Evaristo Leoni « quanto a idéas de religião, parece-nos haver Luiz de Camões participado do scepticismo que então era vulgar na maior parte dos homens doutos da Italia », sem que, comtudo, « a incredulidade chegasse n'elle a tocar as raias do atheismo, por quanto possuia atlado engenho para que podesse cahir em semelhante absurdo », transcreve, em apoio da sua opinião, o soneto :

Verdade, amor, razão, merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém fortuna, caso, tempo e sorte
Tem do confuso mundo o regimento.

Efeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte;
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.

Doutos varões darão razões subidas;
Mas sam experiencias mais provadas
E, por isso, é melhor ter muito visto.

Coisas ha que passam sem ser cridas,
E coisas cridas ha, sem ser passadas;
Mas o melhor de tudo é crér em Christo.

CAMÕES E OS LUSIADAS — *Primeira parte*, pag. 89-90.

NOTAS

¹ « Le style original n'est pas celui que n'emprunte rien de personne, mais celui qui personne ne peut imiter. On peut rester fort commum en n'écrivant que d'après soi. — Chateaubriand, *GENIE DU CHRISTIAN*. Tom. II ».

A proposito de *plagiatos* diremos que farte no artigo *Derriba, fere, mata e põe por terra*; não julgamos, comtudo, descabido antecipar o seguinte:

« Quand, pour passer à des citations plus sérieuses, quand par exemple Lamartine, dans sa deuxième méditation, *l'Homme*, dédiée a lord Byron, mit ce distique vraiment sublime :

*Borné dans sa nature, infini dans ses vœux,
L'homme est un dieu tombé qui se souvient des cieux;*

croyez-vous qu'il pensait à ce vers de Voltaire dans son discours *la Liberté*:

Tes destins sont d'un homme et tes vœux sont d'un dieu,

qui n'est lui-même qu'une imitation de cet hexametre d'Ovide (*Metamorph.*, lib. II, v. 56) :

Sors tua mortalis, non est mortale quod optas ?

je ne crois pas. Cependant la pensée est la même. C'est que, quoi qu'on fasse, tout ce qu'on dit a toujours été dit déjà. On le dit mieux quelque fois, souvent plus mal; voilà tout. Il n'est pas d'idée sans famille, de pensée orpheline, de même qu'il n'est pas d'enfant sans père ni sans mère, *prolem sine matre creatam*, comme Ovide le dit encore. (*Metam.*, lib. II).

C'est imiter quelqu'un que de planter des choux,

dit Alfred de Musset dans *Namouna*. Il ne savait pas si bien dire.
Un jour il fit ce joli alexandrin :

Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre,

le lendemain ont vint lui faire l'histoire de son idée.

.....
L'ESPRIT DES AUTRES, par Édouard Fournier — 5^e ed. 1879, pag. 283-284.

Retrahindo a penna, recommendamos ainda, com relação a plagiato, a leitura do cap. VII, pag. 196-200 da HISTÓRIA DO LIVRO *depuis ses origines jusqu'à nos jours* por E. Egger, membro do Instituto e professor na faculdade de letras. (Paris — *Bibliothèque d'éducation et de récréation* — 1 vol.).

² Dnc. I. L. IV. Cap. XI, fol. 81 v.

Veja sob o título *As décadas portuguesas nos Novos ensaios criticos* por Pinheiro Chagas as pag. 176-199 — I. *João de Barros*. — II. *Diogo do Couto*.

³ Eis porque Camões, na allocução que serve de epilogo aos *Leisadas*, assim se exprime, dirigindo-se ao rei D. Sebastião :

A minha já estimada e lida Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

Cant. X, est. 156.

⁴ Latino Coelho exprimiu elegantemente este pensamento a pag. 18 do PANEGYRICO DE LUIZ DE CAMÕES lido na sessão solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a 9 de junho de 1880:

« Os monarchas da intelligencia não carecem de tronco e dynastia ».

* No prefacio da 3.^a edição do poema Camões * escreve Garrett (está averiguado que era elle quem escrevia o prefacio das suas obras, embora usasse exprimir-se em nome dos editores. Consultem-se as MEMORIAS BIOGRAPHICAS DE GARRETT por F. G. de Amorim):

« Entre as muitas homenagens que este bello poema tem recebido de nacionaes e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar lugar aqui e para mais illustrar esta nova terceira edição, a elegantissima ode de Melle Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida colleção que tem por titulo *Au bord du Tage* (Paris, 1841). Ao pé d'ella achará o leitor, no lugar competente, a linda traducção que dedico ao nosso illustre poeta um dos seus mais distinctos admiradores, o dr. José Maria do Amaral, actualmente ministro do Brazil na Russia.

« Lisboa, 8 de julho de 1844 ».

Passamos a reimprimir a primeira estrophe da ode a que allude Garrett e em seguida a traducção, justamente gabada, de J. M. do Amaral.

A. M. DE ALMEIDA GARRETT

SUR SON POÈME DU « CAMOËNS »

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

.....

* D'este poema escreveu F. Gomes de Amorim (MEMORIAS BIOGRAPHICAS DE GARRETT, pag. 348):

« Com o CAMOËNS, a D. BRANCA e a ADOXINDA fez a revolução que derrubou os velhos idolos e nos trouxe o renascimento das letras. O CAMOËNS é inquestionavelmente a mais portugueza de suas obras pelo estylo e pela doce melancolia que de todo esse poema se exhala, em perfumes de saudade.

« Proscripto, como o seu heroe, e saudoso como elle da patria, o author consubstanciou no começo do canto I e em todo o canto V as mais suaves e poeticas bellezas com que na nossa lingua se podem exprimir os sentimentos ternos. Depois do seu poeta predilecto nunca se tinham escripto em portuguez versos de tão delicada sensibilidade. O cantor identificára-se por tal modo com o cantado, tão suas fizera as desventuras d'este, e tão semelhantes eram as circumstancias presentes da sua vida com as do amante de Natércia, cantando no exilio as desventuras da patria, que adoeceu por fim de pura melancolia e teve que interromper o trabalho ».

E — obr. cit., pag. 361 — :

«... e assim como o CAMOËNS ficou sendo a mais sentida elegia que existe em lingua portugueza, é a D. BRANCA o mais gracioso dos nossos poemas e a mais perfeita expressão do romantismo em verso ».

E acrescenta em nota:

« Em prosa sabem todos que não tem competidor o EURICO, de A. Herculano ».

AO SNR. ALMEIDA GARRETT

SOBRE O SEU POEMA « CAMÕES »

Cantor mavioso do cantor do Gama,
 Estro sublime em lyra altisonante!
 Ao teu cantar se move e resuscita,
 Ovante e já sem mágoas,
 D'ingrato sec'lo o bardo mal prezado,
 Heros que os versos teus gloriosos vingam.

Esta traducção foi offerecida com a seguinte carta:

*Ao illustrissimo e excellentissimo senhor João Baptista
 d'Almeida Garrett*

Seu nom suffit à sa gloire.
 J. J. ROUSSEAU.

Publicou-se ultimamente em Paris um opusculo que contém algumas poesias de Meil^{le} de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma do author do poema *Camões*. Tentei traduzil-a, e eis aqui a minha traducção tal qual a pude fazer. Ella não aspira senão a ser reebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna litteratura portugueza, e a ser por elle corrigida.

O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadas sumptuosas são do amor proprio.

Lisboa, 23 de fevereiro de 1842.

José Maria do Amaral.

VII

AQUI O POBRE AO RICO NÃO SE HUMILHA,
SÃO IGUAES N'ESTA ESCÓLA OS CIDADÃOS;
AQUI SÓ VALE A GLORIA DO TRABALHO,
NAS AULAS DO LYCEU HA SÓ IRMÃOS.

À entrada do *Inferno* collocou Dante ¹ a temerosa inscrição

Lasciate ogni speranza voi che'ntrate

que fecha a seguinte passagem do canto III da DIVINA COMEDIA ²:

Per me si va nella città dolente;
Per me si va nell'eterno dolore;
Per me si va tra la perduta gente;

Giustizia mosse'l mio alto fattore:
Fecemi la divina potestate,
La somma sapienza e'l primo amore.

Dinanzi a me no fur cose create
Se non eterne, ed io eterno duro:
Lasciate ogni speranza voi che'ntrate.

Queste parole di colore oscuro
Vid'io scritte al sommo d'una porta
.....

O conselheiro Antonio José Viale, douto professor do Curso superior de letras, dá na MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA, pag. 63, o *argumento* do canto III e os versos acima transcriptos d'est'arte trasladados a portuguez:

« Dante, seguindo Virgilio, chega á porta do Inferno, e depois de haver lido as terriveis palavras escriptas no alto da mesma porta, entra com o seu guia n'aquella horrenda mansão. Este lhe declara que alli eram punidos os ignavos. Proseguindo em seu caminho, chegam ao rio chamado Acheronte, onde acham Charonte ³, que passa as almas para a outra margem. O poeta toscano, pouco depois de chegado, adormece profundamente.

CANTO III

1.º

« Por mim se vai á lugubre cidade,
Por mim se vai á sempiterna dôr,
Por mim vai-se á mansão da iniquidade;

2.º

« Moveu justiça ao meu sublime autor,
Deu-me existencia a divinal possança,
A summa sapiencia e o santo amor.

3.º

« Cousa mortal, creada, não alcança
Vetustade maior; eterno, eu duro:
Deponde vós que entraes toda esperanza.

4.º

« Este letreiro, pavoroso, e escuro,
Sobre uma porta eu li.....
..... 4.

Contrastando com o letreiro *pavoroso e escuro* lê-se á entrada do mais importante estabelecimento de instrucção publica d'esta capital o *auspicioso e fulgido* letreiro :

AQUI O POBRE AO RICO NÃO SE HUMILHA,
SÃO IGUAES N'ESTA ESCÓLA OS CIDADÃOS ;
AQUI SÓ VALE A GLORIA DO TRABALHO,
NAS AULAS DO LYCEU HA SÓ IRMÃOS.

Fêl-o inscrever ahí quem o compoz, Francisco Joaquim Bettencourt da Silva, que planeou e erigiu o monumento *cere perennius* (Horacio — liv. III, ode XXIV, v. 1), o *Lyceu de artes e officios* ⁵, que, no dizer de S. M. o snr. D. Pedro II, NÃO É SÓ EDUCADOR, É TAMBEM MORALISADOR, e que levará o nome do benemerito instituidor ⁶ ás gerações posterias quando o tempo já houver derrocado os padrões architectonicos por elle levantados na cidade do Rio de Janeiro: as escólas publicas da Gloria e de Santa-Rita ⁷, a sala do bacharelado no externato do collegio de Pedro II ⁸ e as torres da matriz do SS. Sacramento d'esta capital ⁹.

O *Lyceu* foi assim julgado por um distincto engenheiro nacional :

«Para nós, brasileiros, o Lyceu de artes e officios é o maior monumento que se ha levantado para a moralidade, educação e bem-estar do nosso bom povo.

Para ti, Bettencourt, é pedestal immenso de eterna gloria; templo sublime, que te santifica, e onde és, simultaneamente, eximio architecto, pontifice maximo e martyr devotado.

André Rebouças ¹⁰ ».

Muitos outros testemunhos honrosissimos para o fundador do *Lyceu de artes e officios*, poderiamos adduzir; reportandonos, porém, á exacta e circumstanciada noticia sob o título DO ENSINO PROFESSIONAL escripta por Felix Ferreira, autor do eloquente opusculo recém-publicado — O LYCEU DE ARTES E OFFICIOS e as aulas de desenho para o sexo feminino — limitar-nos-hemos a exhibir aqui as duas seguintes cartas de elevado valor endereçadas a Bettencourt da Silva ¹¹:

« Rio de Janeiro, 13 de julho de 1876. — Ill.^{mo} snr. commendador Francisco Joaquim Bettencourt da Silva.

Tive hontem a boa fortuna de visitar o *Lyceu de artes e officios* e pude apreciar os relevantes serviços d'esta instituição, que honra sobremaneira os que, no decurso de perto de vinte annos, teem, com esclarecida dedicação e inquebrantavel perseverança, envidado os mais louvaveis esforços no empenho de nobilitar pela instrucção as classes operarias.

A v. s.^a, pois, e a seus dignos companheiros de trabalho, folga de dar este testemunho de elevado apreço e consideração o

De v. s.^a

muito attento venerador e obrigado

Thomaz José Coelho de Almeida ».

« Côrte, 3 de setembro de 1878. — 11 horas da noite. — Ill.^{mo} amigo snr. commendador Bettencourt.

De tantos favores que lhe devo, não é menor o seu obsequioso convite para assistir á solemnidade da inauguração do novo edificio do Lyceu de artes e officios. Foi uma festa esplendida, cuja memoria perdurará na mente dos innumerados espectadores que enchiam o vasto salão.

É a arte formosa fada: assim se explica a paixão que a sua belleza inspira aos eleitos; e que do condão da sua varinha v. s.^a dispõe, acaba de o provar, com a transformação subita d'aquelles muros em templo artistico.

V. s.^a deve estar justamente orgulhoso da sua obra. A sua nobre idéa não colheu gloria sómente da iniciativa, da primeira concepção, do primeiro impulso dado á sua execução, sobredoura-a a sua constancia, quasi direi tenacidade, em progredir vinte e dous annos, sempre imperterrito, lutando com os obstaculos, as indiferenças, a falta de recursos, a ignorancia, os preconceitos e as ingratições; pagando com beneficios as contrariedades, e só á consciencia pedindo a mais alta e suave das recompensas.

A velha educação, entre nós, mórmente para certas classes, só franqueava tres portas: — da igreja — da magistratura — da milicia. Todo o resto era objecto de desprezo. Hoje felizmente as idéas modificaram-se, e as artes occupam o devido lugar no respeito universal. Ou ellas, como scientificas, correspondam ás exigencias do espirito; ou, como mecanicas, ás nossas conveniencias phycas; ou, como liberaes, aos impulsos do sentimento e ás expansões da alma: — todas ellas representam missões altas, grandiosas, civilisadoras.

Não ha progresso sem artes; não ha artes sem artistas; não ha artistas, dignos do nome, senão os que applicam principios bebidos na sciencia, e assim fazem o que podem, e sabem o que fazem.

É principalmente para dar ao paiz operarios illustrados, que v. s.^a creou o seu brilhante estabelecimento; e a exposição que hoje lhe ouvi, e o numero avultado de premios conferidos a alumnos, tudo está provando o aproveitamento d'elles, a utilidade da instituição, a benemerencia do seu fundador.

Esta intervenção da arte na industria contribuirá para dar áquella um destino mais pratico; e assim, longe de se rebaixar, eleva-se, porque, além da esphera theorica, presta á humanidade serviços que se convertem em necessidades, vantagens ou commodidades offerecidas. É arrebatador o imperio da imaginação, o divagar por intermundios; mas os pés do homem pisam a terra, e deve tambem ser terrestre o destino, a utilidade da arte.

Bem hajam os apóstolos d'este progresso. Gloria a v. s.^a, Pedro Eremita d'esta cruzada santa. Permitta que ao côro dos seus admiradores se junte a voz obscura de quem é

De v. s.^a

venerador e admirador obrigado

J. Feliciano de Castilho ».

Feita esta transcrição, diremos apenas que — quanto se

vê e captiva o respeito e a admiração dos que visitam o *Lyceu de artes e officios* — teve por origem um beneficio concedido pelo actor Florindo ¹², para quem appellou, e com razão, Remigio de Sena Pereira, devotado auxiliar de Bettencourt da Silva ¹³ nos primeiros passos para a realisação do patriótico commettimento de franquear ás classes operarias a instrução gratuita.

Foi, pois, o drama *Jocelyn ou o marinheiro da Martinica* a semente feracissima que se ha desentranhado em fructos de benção.

Seja este facto, singelamente apontado, estímulo aos que possam auxiliar o illustrado e dedicadissimo fundador do *Lyceu de artes e officios* ¹⁴, no empenho, em que porfia, de converter em realidade a promessa contida no §. 7.º, art. 2.º dos estatutos da *Sociedade propagadora das Bellas-Artes*:

« Viagem dos mais distinctos alumnos do Lyceu á Europa, afim de se aperfeiçoarem no estudo da arte a que se applicarem ».

Oxalá encontrem nossas palavras echo sympathico nos animos alevantados e nos corações generosos ¹⁵!

Mas, silencio... A causa do *Lyceu* é a causa patria, de que é symbolo a *nova legião*, em pró da qual Luiz Guimarães Junior conglobou nas seguintes phrases os impulsos do coração e os lampejos do talento:

« Amparemos a obra d'esse trabalhador infatigavel; cerquemol-a de respeito, de enthusiasmo, de palmas e de ovações. Ricos! chegou a vez de serdes abençoados: derramai um de vossos innumerados cofres na escudela que vos apresentam os famintos de instrução, os sequiosos de luz, — e nós vos diremos, parodiando o magno poeta d'este seculo: — quem dá á intelligencia empresta á posteridade ¹⁶ ».

Justa homenagem á provada solicitude pela causa da instrução popular, é a seguinte succinta menção dos prestantissimos cooperadores da obra meritoria, realisada pela *Sociedade propagadora das Bellas-Artes*:

Sem esquecer os preclaros nomes de Eusebio de Queiroz, Zacarias de Goes e Vasconcellos, Paulino José Soares de Sou-

sa, João Alfredo Corrêa de Oliveira, José Bento da Cunha Figueiredo, Antonio da Costa Pinto e Silva e Carlos Leoncio de Carvalho, recommendemos á publica gratidão pelos relevantes serviços prestados ao *Lycœu de artes e officios* os do visconde de Mauá, de Barnabé Francisco Vaz de Carvalhaes, e dos conselheiros Gaspar da Silveira, Affonso Celso de Assis Figueiredo e Manoel Pinto de Souza Dantas ¹⁷.

Addenda

Deparou-se-nos no JORNAL DO COMMERCIO de 5 de junho proximo findo uma publicação em honra da veneranda senhora que primeiro inscreveu o illustre nome em beneficio da instrução gratuita ao sexo feminino nas aulas do *Lycœu de artes e officios* ¹⁸.

Quem quer que seja o autor da publicação ¹⁹, merece sinceros louvores por haver dado mais ampla divulgação á noticia, seguramente auspiciosa, do generoso donativo da baroneza de S. Matheus, exc.^{ma} snr.^a D. Francisca Maria Valle da Gama. N'esse empenho acompanhamol-o de mui bom grado; pensando, porém, como Sá de Miranda na *Carta a D. João III*,

*que a pena se deve ao mal
e o galardão ao bem,*

associarêmos ao nome da nobilissima senhora, cujo bem formado coração deixou infelizmente de pulsar desde 16 de junho de 1881, o do barão de Nogueira da Gama, que solicito se mostrou em satisfazer ao desejo, manifestado por sua virtuosa progenitora, de auxiliar o inexcedível zelo com que Bettencourt da Silva ²⁰ se consagra ao engrandecimento do *Lycœu de artes e officios*, para o qual, com o entusiasmo proprio de um animo desprendido de mesquinhas suggestões, invocou e alcançou José Carlos de Carvalho tão valioso patrocínio.

Do que deixamos expellido é natural complemento a pre-indicada publicação. Eil-a, pois:

A exc.^{ma} snr.^a baroneza de S. Matheus

E AS AULAS DE DESENHO PARA O SEXO FEMININO NO LYCEU DE ARTES
E OFFICIOS

« Um donativo valioso acaba de ser feito pela exc.^{ma} snr.^a baroneza de S. Matheus ao *Lyceu de artes e officios*, com o fim expresso de ser applicado ás aulas de desenho para o sexo feminino que alli se trata de levar a effeito. É a pedra angular de um grande edificio que se projecta, é a primeira balisa de uma estrada nova que se descortina.

Tratando-se de promover o melhoramento da condição da mulher, justo é sejam as senhoras as primeiras a concorrer para tão magnanimo fim; e o appello que o snr. Felix Ferreira acaba de fazer ás almas generosas em favor da philanthropica idéa, ha de encontrar echo, e echo profundo e sympathico nos corações femininos das classes mais distinctas da nossa sociedade.

O primeiro exemplo, e exemplo altamente edificante, está dado; estamos certos de que será imitado por mais de uma senhora, a quem não falta o desejo de inscrever seu nome no livro d'ouro das obras meritorias; e nenhuma obra de caridade é mais proficua que a de ensinar, instruir, dar uma profissão emfim á criança pobre.

Ha tres caminhos que conduzem á felicidade domestica, da qual tanto depende a grandeza de uma nação, diz o snr. Felix Ferreira, tres grandes estradas quasi incultas entre nós, mal trilhadas por uns e ignoradas por muitos; esses tres caminhos são os que conduzem — á escola, á officina, e á caixa economica.

Ensinaí a criança a lér, o adolescente a trabalhar e o manco a economisar, e tereis formado um cidadão útil a si, á familia e á patria.

Tal o serviço relevantissimo que acaba de prestar a exc.^{ma} snr.^a baroneza de S. Matheus, concorrendo para a realisação das aulas de desenho para as meninas. D'essas aulas depende, talvez, uma revolução pacifica que ha de transformar comple-

tamente a face moral da nossa sociedade, influindo poderosamente nos costumes da familia. A mulher deixará de ser um encargo pesado para ser um auxilio efficaz do marido pobre, uma companheira do trabalho, uma socia na producção dos recursos do casal.

Se, como queremos crér, a exemplo da veneranda senhora que tão generosamente abriu a lista das bemfeitoras d'essa ultima instituição, outras não menos dignas de tão nobre causa, vierem secundar os esforços do fundador do *Lyceu de artes e officios*, bem depressa veremos aberta mais uma nova estrada do progresso real do paiz.

Louvores, pois, á bemfeitora illustre de tão humanitaria causa.

R. P. V.»

.....
Está iniciada a grande empresa a que ficará indissolavelmente vinculado o nome de Bettencourt da Silva!

O que se póde e deve esperar d'este intrepido legionario do progresso, d'este pujante obreiro da civilização moderna assegura-nos que dentro em pouco estarão amplipatentes as aulas de desenho para o sexo feminino no *Lyceu de artes e officios*, cujo benemerito instituidor, na ante-manhã d'esse fulgurante dia, saúda-o com os versos que esmaltarão o final do presente artigo:

*« Quem pretende do povo alçar a fronte,
Manter-lhe o brio, a dignidade, o bem,
Abre-lhe as portas do alcaçar do estudo,
Ensina aos homens e á mulher tambem »¹.*

NOTAS

¹ Nas paginas, sob o titulo *Homero e Dante*, estampadas á frente da MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA (Lisboa, 1866), escreve o conselheiro Viale, referindo-se ao proscripto Gibelino:

« Pelo que respeita a Dante, não é menos notório que os seus cantos foram lidos e interpretados, a expensas publicas, por uma serie de expositores (começando por Boecacio) em varias cidades, e ás vezes no sagrado recinto dos templos. Por este modo a obra do proscripto de Florença, que até não houve difficuldade em se qualificar de *dívina*, quasi que foi igualada em veneração á categoria dos livros inspirados! Os curiosos de historia litteraria tambem não ignoram que Cecco d'Ascoli (segundo affirmam alguns autores) foi queimado vivo em Florença, por ter abocanhado a reputação de Dante, já então fallecido. Como contraste a este excesso de supersticiosa admiração, acaba de publicar-se em Paris um livro, escripto por M. Aroux, em que se pretende provar que Dante fôra hereje, revolucionario e socialista!!! « *O' cieca umana mente, Come i giudisi tuoi son vani e torti!* » (Pag. 2).

Relativamente ao malaventurado autor de *ACORBA* póde lêr-se: *STORIA D'OGNI POESIA*, tom. IV, pag. 38, por Quadrio, e *STORIA DELLA LITTERATURA ITALIANA*, tom. IX e X, por Tiraboschi; e o *Racconto storico del secolo XIV di Pietro Fanfani*. — *Segunda edisione com aggiunte e mutazione* — Firenze — 1870.

2 LA DIVINA COMEDIA por Dante Alighieri — *Inferno*. — Na edição Parisi — 1838 — Pag. 20.

Não nos parece descabido reproduzir aqui o que se lê de pag. 19 a 20 no volume *COMTE e o POSITIVISMO* (1881) por Teixeira Bastos:

« Os grandes poetas, os grandes philosophos, os grandes reformadores, sempre são precedidos por outros poetas, por outros philosophos e por outros reformadores, mas de menores dimensões, que são na realidade os que semeiam e cultivam a terra, cujos fructos aquelles toam a fortuna de colher. Dante não escreveria a *Divina Comédia* se não tivesse sido precedido por um sem numero de poetas ou trovadores que lhe prepararam a lingua, o verso e talvez o assumpto.

.....

« Antes de Colombo descobrir a America descobriram os portuguezes as ilhas açorianas e estenderam-se ao longo da costa africana. Assim tambem antes de Augusto Comte fundar a *Philosophia Positiva* escreveu Condorcet o *Bosquejo de um quadro historico dos progressos do espirito humano*, Saint Simon e Fourier estabeleceram os seus systemas socialistas, Turgot e Danton tentaram iniciar a conducta politica que mais tarde havia de chamar-se *opportunismo*, etc. »

E em nota acrescenta:

« Victor Balaguer no *Discurso lido ante la Real Academia de la Historia*, no acto de sua recepção, citando os trovadores do periodo aureo da litteratura catalã, escreveu: « Mafre Ermengaut, autor do *Breviari d'amor*, onde Dante Alighieri encontrou a idéa da sua *Divina Comédia* ».

³ A mythologia greco-romana assim representava os dominios de Plutão:

« O Inferno dividia-se em tres partes principaes: o Erebo, o Tartaro ou Ténaro, e os Campos-Elysios.

« O Erebo era a parte que mais proxima ficava da terra; constitua, por assim dizer, o vestibulo dos dominios infernaes. O Tartaro, collocado a uma profundidade immensa, era o sitio destinado para os grandes criminosos expiarem seus delictos em tormentos horrocosos. Finalmente nos Campos-Elysios habitavam as almas dos justos, dos virtuosos, d'aquelles que por qualquer fórma haviam contribuido para o bem-estar da humanidade; reinava alli uma primavera eterna e uma delicia constante.

.....
 « Quando as almas dos mortos chegavam á margem do Styge, era o barqueiro Charonte quem as transportava em seu batel, assim como depois igualmente para atravessarem o rio Acheronte. O velho batelheiro, de physionomia torva e modos desabridos, dizia-se filho do Erebo e da Noite.

• Era Charonte velho, a quem cobria
 A vista a sobranceilha carregada,
 E sobre o pardo peito lhe cahia
 A espessa barba, nunca penteada;
 Os membros nus que em parte descobria
 A roupa, de largo uso maltratada.
 Velho, porém robusto por extremo
 Com forças aptas ao pesado remo ».

(G. P. DE CASTRO — *Ulyssa*, IV).

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS — n.º 3 (1.ª serie) *Mythologia* — Lisboa — 1881.

Outra publicação congenere acaba de apparecer em Portugal: BIBLIOTHECA DE EDUCACÃO E ENSINO E DAS CONQUISTAS DA CIVILISACÃO MODERNA — com a collaboraçã de Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Oliveira Martins, dr. A. de Mello, dr. Lourenço da Fonseca, Luis Botelho, Gualdino de Campos, Jayme Filinto, Lino d'Assumpção, F. Gallo, Ruy de Menezes, etc.

Sahiram o 1.º volume *Idéa geral sobre sciencias positivas*, por J. Cardoso Junior, e o 2.º *O céo e suas maravilhas* (sem nome de autor).

⁴ A proposito da traducção, inserta no GUANABARA, do 1.º canto da *Divina Comedia*, escreveu F. Octaviano a *Revista Bibliographica*, publicada no CORREIO MERCANTIL de 1 de janeiro de 1855, e ahi dirigiu ao sr. A. J. Viale palavras de muito louvor « pela delicadessa e admiravel valentia » com que transportára para o portuguez os soberbos tarcoctos do insigne vate italiano.

I. F. Silveira da Motta (vej. *CORREIO DA EUROPA*, n.º 15, de 19 de julho de 1881) nas *HORAS DE REPOUSO* (Lisboa, 1881) reimprime de pag. 141 a 151 o artigo que em 1861 escreveu ácerca do livro *DANTE E A DIVINA COMEDIA* (Lisboa, 1858) pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Ampliemos a referencia ao GUANABARA :

« A revista litteraria GUANABARA era publicada sob a protecção do imperador, e escreviam para ella os drs. Manoel de Araujo Porto-Alegre, Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves Dias, Freire Allemão, conego Fernandes Pinheiro, conselheiro Candido Baptista de Oliveira e o sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, que foi tambem collaborador distincto do *DESPERTADOR*, *REVISTA UNIVERSAL BRASILEIRA*, *NOVO GABINETE DE LEITURA*, *MUSEU PITTORESCO*, e do *MOZAICO PORTUGO*.

« Em setembro de 1855 assumiu o sr. conego Fernandes Pinheiro a direcção da revista GUANABARA, e cumpriu com dedicação essa ardua tarefa até o fim do anno de 1856.

« Apesar de escripto por pennas tão habeis, não teve o GUANABARA longa duração; se tocou ao anno de 1856 foi porque o susteve mão poderosa e augusta ».

(Extrahido da *Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*, pelo dr. Moreira de Azevedo; — artigo inserto na *REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO*, tom. XVIII (1865), pag. 314, e reproduzido no livro *APOUNTAMENTOS HISTORICOS* (Rio de Janeiro, 1881).

Penna autorizada (J. Capistrano de Abreu) assim aferia o merecimento d'esta publicação :

« Nos *Apointamentos historicos* o dr. Moreira de Azevedo reuniu muitas memorias por elle lidas no Instituto historico, e que se achavam esparsas pelos diferentes volumes da *Revista trimestral*.

« Como quasi todas as suas obras anteriores, esta occupa-se quasi exclusivamente do Rio de Janeiro, cuja chronica contemporanea, da transferencia da cõrte portugueza para o Brasil até a maioridade do actual imperante, é estudada sob mais de um aspecto.

« A nossa historia contemporanea é tão pouco conhecida como a historia do seculo XVI: os que n'ella tomaram parte nunca se deram ao trabalho de mostrar ao publico qual o papel que tinham representado, e é em collecções de jornaes, geralmente truncadas, em folhetos muitas vezes desconhecidos, que se tem de procurar os materiaes.

« O dr. Moreira de Azevedo prestou um bom serviço facilitando em muitos pontos as investigações futuras e fornecendo as informações que geralmente são exactas e fidedignas. Geralmente dizemos, porque ás vezes o autor, por inadvertencia ou indolencia, deixa escapar inexactidões.

« Assim, no estudo sobre a imprensa ha datas falsas, ha nomes errados, ha titulos mal transcriptos. Muitos jornaes e livros ahí descriptos não foram vistos pelo autor, que repete erros já commettidos

por Martins e Fernandes Pinheiro. Não somos dos que julgam que a bibliographia é uma sciencia; pelo contrario, julgamos que poucas cousas existem menos scientificas; mas desde que um autor se mette a bibliographo, parece-nos que se deve submeter ás exigencias do encargo.

« Além de inexactidões, o livro do dr. Moreira de Azevedo tem um grave defeito. Reunindo artigos publicados em differentes épocas, o autor não julgou necessarios revêl-os.

« Ora, isto comprehende-se, quando se trata de uma memoria recente, como a que se refere á maioridade; mas é incomprehensivel em memorias que tem quasi vinte annos como a que se refere á imprensa, em que tanto ainda ha dizer, e onde o assumpto, em vez de estar esgotado, ao contrario cada dia se mostra mais fecundo e novo ».

(*Livros e letras* — GAZETA DE NOTICIAS de 29 de julho de 1881).

Ser-nos-ha permittido acrescentar que o escriptor Martins a quem allude Capistrano de Abreu é Francisco de Sousa Martins, autor do trabalho publicado na REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO BRAZILIEIRO, tom. VIII (segunda edição), pag. 202-275, sob o titulo *Progresso do jornalismo no Brasil*.

⁵ Vej. EPHEMERIDES NACIONAIS colligidas pelo dr. J. A. Teixeira de Mello e publicadas na GAZETA DE NOTICIAS — Tom. II, pag. 257.

⁶ Assim o qualificou o illustrado e austero conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcellos. (Vej. DICO. BIBL. PORT., tom. VII, pag. 454, e o Novo Mundo, vol. I, n.º 7, New-York, 24 de abril de 1871, pag. 97-98).

Ouçamol-o :

« Observando-se o estudo n'este estabelecimento, comprehende-se logo que o resultado devia ser, como realmente é, animador; e, se ajuntar-se á sua bem entendida organisação — em que á pratica cabe valioso quinhão — a perfeita disciplina que alli se mantem, vêr-se-ha que esta instituição resolveu de certo um problema, cuja solução não era ainda conhecida entre nós, demonstrando que o ensino livre é praticavel e que a iniciativa individual e privada não é uma chimera, como alguns pensam.

« Ainda mais, a affluencia das matriculas nas differentes aulas é tão consideravel que já carece d'espaco o estabelecimento; é uma prova eloquente de que não é o desamor pelo estudo que das nossas aulas afugenta a mocidade, mas especialmente a falta de tino na direcção dos nucleos de instrucção, onde o rigor inoportuno, ou o descuido criminoso dos chefes e professores se torna o germen da dissolução.

« Não basta abrir as portas de uma escola, convidar a mocidade ao estudo de uma materia qualquer, explical-a de cadeira, fazendo jus

com isso ao decretado vencimento. A missão dos que querem a regeneração do homem pelo trabalho, a prosperidade do povo pela acção fouda da emulação, assenta no exemplo, na dedicação illimitada que vai até, sem esperança de uma retribuição qualquer, sacrificar as horas do repouso para repartir com os outros homens os fructos de sua intelligencia.

« É por essa solicitude animadora que o *Lyceu de artes e officios* tem visto multiplicar-se o numero de seus alumnos, que a frequencia d'estes não é um facto ostentoso, e os resultados, se não são ainda completos, são já dignos da patriotica idéa de sua fundação e o melhor premio dos dignos professores e do benemerito instituidor da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes ».

(Extrahido dos *SENHOS INSTRUCTIVOS — Sciencia para o povo — Felix Ferreira, editor-proprietario. N.º 4 — Rio de Janeiro, 1881, pag. 19-20*).

E, por occasião de se discutir no senado a lei do orçamento para o exercicio de 1870-1871, disse o eminente parlamentar :

O *SRM. ZACARIAS* : — Senhor presidente, desejo que o nobre ministro (referia-se ao actual conselheiro de estado Paulino José Soares de Sousa — Vej. *ECHO AMERICANO*, vol. I, n.º 20, Londres, 29 de fevereiro de 1872, pag. 267 e 370) não se enfade commigo por tanta impertinencia ; quero, pois, tecer-lhe um elogio, mas, para não perder o veso, acompanhal-o-hei de uma censura.

Achava-se contemplada no orçamento a verba de 3:000\$000 para o *Lyceu de artes e officios*, a qual sua excellencia fez elevar a 6:000\$000 desde já. Louvo esta disposição da parte do nobre ministro, criticando, porém, a sua parcimonia. Dos diversos ministros do imperio, nenhum tem mais direito á gratidão do *Lyceu de artes e officios* do que sua excellencia : entretanto devia fazer não um favor parcial, senão um favor completo.

Muitos dos nobres senadores talvez ignorem o que é o *Lyceu de artes e officios*, e, pois, dar-lhes-hei d'elle breve noticia.

É um estabelecimento gratuito de instrucção para as classes que vivem da industria, e se destinam á industria, devido á iniciativa particular, especialmente á de um individuo, cujo nome o senado ha de consentir que eu pronuncie n'este recinto, como homenagem aos seus serviços relevantes : o *SRM. FRANCISCO JOAQUIM BETTENCOURT DA SILVA*. Esse estabelecimento, que começou a funcionar em sacristias de igrejas e que hoje em uma igreja se acha, a de S. Joaquim, apresenta, no que toca á frequencia, o seguinte resultado : em 1868, 542 alumnos ; em 1869, 828, e em 1870, 915. Qualquer dos nobres senadores que em um passeio nocturno, visto que as aulas do estabelecimento são á noite, fôr de improviso a S. Joaquim, alli achará muitas dezenas de individuos nas diversas aulas, e com tal silencio e ordem, com tanta

applicação, como duvido apresente algum outro estabelecimento no Rio de Janeiro; dir-se-hia, passando por alli, não haver no edificio mestres nem discipulos, e todavia discipulos em grande quantidade ouvem, attentos, professores tão habeis quanto desinteressados.

E quem frequenta essas aulas? Individuos de diversas nações do globo (*lendo um mappa*), brasileiros, portuguezes, hespanhoes, italianos, francezes, inglezes, allemães, saxonios, norte-americanos, suissos, dinamarquezes, prussianos, orientaes, hollandezes, e até o Paraguay dá um alumno!

De que idade são os alumnos? De 10 a 40 annos: homens chefes de familia lá estão aprendendo o que convém á sua industria, e alguns alumnos até primeiras letras.

O SNR. SARAIVA (Vej. GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRÉS, tom. II, pag. 15-18): — O que se tem feito ao snr. Bettencourt?

O SNR. ZACARIAS: — O governo alguma coisa tem feito a bem do estabelecimento; varias condecorações conferidas aos distinctos professores teem patenteado o apreço que o governo imperial faz de tão util instituição, e até ultimamente foi agraciado o snr. Bettencourt com evidente repugnancia de sua parte, pois que desejando vêr remunerados seus companheiros, só quiz para si a satisfação de cumprir o seu dever.

(Extrahido do ENSINO PROFISSIONAL — *Lyceu de artes e officios*, por Felix Ferreira, pag. 144-146).

⁷ Vej. O GABINETE SETE DE MARÇO — *O snr. conselheiro João Alfredo* — *Perfil historico-biographico*, publicado por Dias da Silva Junior — Rio de Janeiro, 1876.

Digamos, em honra d'este estadista, que o *Lyceu de artes e officios* além de valiosos serviços, lhe deve o riquissimo gabinete de physica e o laboratorio de chimica; como a arte nacional lhe é devedora dos dous notaveis quadros historicos de Victor Meirelles de Lima e Pedro Americo de Figueiredo e Mello: a *Batalha dos Guararapes* e a *Batalha do Ivaíhy*.

Poisque nos referimos ao gabinete de physica e ao laboratorio de chimica do *Lyceu*, mui grato nos é deixar memorados os nomes dos distinctos professores d'essas aulas n'aquelle importante estabelecimento: dr. Francisco Xavier Oliveira de Menezes, dr. Adolpho José Del-Vecchio e dr. Domingos José Freire.

⁸ «N'esse, o mais bello salão da capital do imperio, como obra de capricho e gosto artistico, sente-se que a arte eleva-se á altura em que a nobilitaram essas produções magistraes do estylo classico, que são o assombro de quantos viajantes percorrem as cidades de marmore da Italia. N'aquelle esplendido recinto ha essa atmospherá grega que se

respirava nas officinas de Phidias, quando a arte tinha altares e o genio era laureado ao som das acclamações populares ».

(Extrahido do *Globo* — Abril, 1876).

⁹ Recommendamos ao leitor esta imaginosa descripção:

« A alta e magestosa fachada do templo, ornada d'aquellas cinco estatuas, as duas airosas torres coroadas por aquellas agulhas ponteadas, que se exaltam aos ares a consideravel altura, dão ao edificio um aspecto imponente e digno da sua religiosa missão.

« Á noite, quando a lua argentêa aquellas pontas isoladas, e no ambiente se destacam as fórmas esguias das agulhas, semelhando dous braços gigantescos erguidos ao céo, a vista do templo recorda aquellas solitarias moradas que os piedosos monges levantavam, á custa de sobrehumanos esforços, no pincaro dos rochedos, que pareciam buscar de preferencia para, estando mais perto da mansão divina, serem mais depressa ouvidos de Deus.

« Pela madrugada, quando por entre as mal cerradas brumas emergem do ether aquellas graciosas pyramides, lembram duas sentinellas colossaes, immoveis, regeladas, guardando a cidade ainda mal desperta e semi-erguida; e os primeiros raios do sol, colorindo-lhe a cruz e scintillando no polido do marmore, como na face de um lago, enchem-nas de tanta vida e alegria que convida á oração e aos hosannas ao omnipotente Creador que tudo alenta e vivifica sobre a terra.

« Nas torres do Sacramento ha duas especies de poesia, a da arte e a da religião: uma evoca do espirito a imagem de Deus, a outra desperta no coração o sentimento do bello, uma eleva, a outra arrebatada, uma extasia, a outra enthusiasma; e ambas, unidas, formam o conjuncto, a alliança entre o divino e o humano, que a alma comprehende e os labios não explicam.

« As torres do Sacramento são um poema que o poeta dictou em estrophes e o artista executou; inspirado pela palavra foi traduzido pela pedra. Só os poetas e os artistas sabem lêr n'aquelle livro, alli posto sob a acção do tempo, onde a posteridade virá um dia lêr n'elle o nome de uma das nossas mais esplendentes vocações ».

(Extrahido do *PERFIL ARTISTICO* — *Bettencourt da Silva*, por Felix Ferreira — Rio de Janeiro, 1876, pag. 28).

¹⁰ É tambem distincto estylista: prova-o cabalmente o seguinte periodo da sua laureada *THÈSE DE CONCOURS* (Rio de Janeiro, 1881) á cadeira de engenharia civil da Escola Polytechnica:

« A locomotiva é a mais bella synthese da mecanica industrial hodierna; é a machina-orgulho da especie humana; ha momentos em que parece viver, respirar, palpitar; é impossivel contemplar, sem enthu-

siastica emoção, a sublime filha do genio inventivo de Papin, de Watt, de Stephenson e de seus dignos emulos.

« Se um cataclysmo pudesse destruir tudo quanto a geração presente tem accumulado sobre a superficie da terra, bastava que ficasse intacta, em um dos tunneis dos Alleghany, uma locomotiva-Baldwin para que os archeologos da geração ulterior pudessem avaliar a que grau de progresso haviam attingido, no seculo actual, as artes e as industrias ».

(Vej. *Motores empregados na locomoção terrestre*, pag. 92).

11 A Musa que inspirou as creações ideaes dos SONETOS E RIMAS, dictou a Luiz Guimarães Junior estas phrases do folhetim *A Nova Leição* (GAZETA DE NOTICIAS de 3 de julho de 1881):

« Um homem ha n'esta terra, tão digna de o possuir e o amar, um homem de alma pertinaz e intrepida, coração de artista e espirito de pai, que no santo recolhimento da vontade e com o poderoso influxo das empresas providenciaes, conseguiu edificar um monumento, hora por hora, dia por dia, noite por noite, quasi sem auxilio, affrontando a opinião dos parvos e o desdem dos poderosos, fechando os olhos aos obstaculos que se accumulavam em seu caminho, afastando tranquillo as trevas que lhe roçavam a cabeça e as urzes que lhe flagellavam os pés. Quem o animava? Quem o impellia a seguir, a vencer, a terminar uma obra quasi tão insensata como sublime? O angelico olhar das crianças e o divino sorriso das mulheres.

« Esse operario chama-se Francisco Joaquim Bettencourt da Silva, e o seu monumento é o *Lyceu de artes e officios*.

« Leio na eloquente noticia historica pelo snr. Felix Ferreira, consagrada ao *Lyceu* e ás aulas do sexo feminino, as memorias completas, de um interesse tão communicativo e vibrante, d'essa modesta e vigorosa instituição, cujo nome ficará archivado, dentro de um parenthesis glorioso, nas mais altas paginas da nossa historia litteraria e artistica. É o primeiro templo da clara religião liberal do espirito, e dos seus altares é que sahiram os primeiros sacerdotes.

.....

« Nem as mesquinhas iras dos ignorantes soberbos, que expõem a sua lanterna apagada aos olhares do mundo com o mesmo orgulho e sobrançeria com que outros elevam um facho luminoso; nem as pequenas intrigas de biombo, almiscaradas e torpes; nem os ataques colericos dos boçaes, que saltam como a serpente quando se lhes esmaga a cauda; nem o indifferentismo official; nem a gargalhada sardonica de uma critica falsa e impotente; nem o sublinhado conselho dos incredulos; nem a esquivança de discipulos desanimados; nem os ultimos sacrificios pessoas; nem a falta de dinheiro para a ampliação da escola e para a compra de livros — nada fez recuar o corajoso mineiro

do progresso, o austero e meigo pastor de almas, conduzidas até ás alvas plagas da terra promettida.

« Como Perseu, elle decapitou a Medusa, brandindo a espada de Hermes, e escapou aos dentes da baixeza humana, levado nos ares pelas sandalias d'ouro das nymphas. A Andromeda libertada — é a Moçidade ».

Alludindo aos illustres membros da corporação docente do *Lyceu de artes e officios*, d'est'arte se exprime o mavioso cantor dos *CORUMBOS* (Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior. — Vej. o *Novo Mundo*, vol. v, n.º 52 — New-York, 23 de julho de 1875, pag. 99 — *Notas biographicas*):

« E, lembrando o nome do snr. Bettencourt da Silva, como esquecer o dos illustres mestres e professores que o acompanham com tanta abnegação e brilho? Para elles todos haverá um lugar na memoria dos que vivem e dos que vierem depois de nós. Para elles e para o altivo espirito immortal, tão cedo isolado das luctas em que vençia entre os homens e cuja tradição está ligada ás mais luminosas paginas do nosso Evangelho social: Zacarias de Goes e Vasconcellos ».

Tambem fielmente traduzem nosso pensar e sentir, com relação a este assumpto, as expressões, convencidas e elegantes, do autor do opusculo *O LYCEU DE ARTES E OFFICIOS e as aulas de desenho para o sexo feminino* (pag. 47 e 48):

« Agrupados em torno do benemerito fundador de tão grandiosa instituição, acham-se verdadeiros operarios da civilização e do progresso, não lhes faltam boa vontade, amor á instrucção e real interesse pelo engrandecimento moral da nação; e oxalá entre os ricos appareçam outras tantas almas generosas, que concorram com um pequeno óbolo: que de todos os pontos do Brazil venham auxilios, por pequenos que sejam, que as aulas de desenho para o sexo feminino serão dentro em pouco uma realidade.

« Appellando para os sentimentos generosos de todos aquelles que amam este paiz, nacionaes e estrangeiros, estamos certos que o não fazemos em vão ».

12 Escreveu Felix Ferreira (*Do ENSINO PROFISSIONAL — Lyceus de artes e officios*, pag. 154-155):

« O snr. Florindo Joaquim da Silva, o festejado actor dramatico de melhores tempos, e então empresario do theatro de S. Januario, abraçando, com enthusiasmo de verdadeiro artista, a criação da Sociedade Propagadora, foi o primeiro que espontaneamente e por amizade ao seu instituidor, prestou-lhe auxilio, dando para a criação das aulas do Lyceu o producto de um espectáculo realisado no theatro lyrico, em presença de SS. MM. Imperiaes, na noite de 15 de julho de 1857; sendo n'essa mesma noite offerecida ao beneficente empresario,

em nome da sociedade, pelo seu 1.º secretario e fundador, uma corôa de louros precedida das seguintes palavras, que ainda hoje aqui vem recordar as glorias que aquelle artista conquistou no palco da sua patria :

« *A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, reconhecida á generosa offerta que lhe fizestes, vos offerece esta corôa : recebi-a com a bondade que vos é propria, e seja ella a recordação fiel de um dos mais bellos factos de vossa vida artistica* ».

« A exemplo do snr. Florindo, fizeram iguaes offertas em differentes épocas, o finado Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos, quando empresario do theatro do Gymnasio, e o snr. José Amat na antiga Opera Nacional, os celebres acrobatas irmãos Lees no theatro lyrico, o notavel prestidigitador brasileiro Julio dos Santos Pereira, Luiz Candido Furtado Coelho no Gymnasio, e ultimamente no S. Luiz, de sua propriedade, onde instituiu um beneficio annual para o lyceu; os snrs. Bartholomeu Corrêa da Silva, no Circo da Guarda-Velha, e Germano Francisco de Oliveira, que, não podendo aqui realizar o espectáculo annuciado, foi dal-o em Pernambuco, d'onde remetteu o producto, que foi superior a 800\$000 reis ».

¹³ No *ECHO AMERICANO* (vol. 1, n.º 24 — Londres, 30 de abril de 1872, pag. 435 e 438) lê-se sob a rubrica *Galeria de brasileiros notaveis* — *Francisco Joaquim Bettencourt da Silva* :

« Benemerito da humanidade, trazendo no coração um evangelho de benevolencia e na alma a mais acrisolada philanthropia, Bettencourt da Silva, activo e incansavel apostolo das artes, resolveu crear um lyceu, onde os artistas pudessem beber a instrucção necessaria para se tornarem peritos; e para esse fim organisou a *Sociedade Propagadora das Bellas-Artes*.

« Não foi essa fundação um altar erguido á vaidade.

« Não houve distincções, nem preferencias; á sombra, escondendo a dadia mensal, todos concorreram para ella, depositande o seu óbolo em mãos delicadas, para espalhar pelos artezãos os conhecimentos uteis, as descobertas da civilisação moderna, fazendo bem a todos, sem amor de recompensas nem agradecimentos.

« Os preceptores da humanidade, aquelles que dia e noite se votam ao ensino, merecem indubitavelmente as benções do povo. Inaugurando, pois, a *Sociedade Propagadora das Bellas-Artes*, Bettencourt da Silva tornou-se benemerito do paiz.

« E a 9 de janeiro de 1858 abriram-se as aulas do *Lyceu de artes e officios* creado por aquella sociedade.

« Desde então funccionam ellas regularmente, não percebendo os professores ordenado algum!

« Uma vontade tenaz, um braço forte, um incansavel lidador, tem pugnado pela existencia d'aquella instituição ; e homens dedicados, almas bemfazejas tem consagrado o tempo do descanso ao ensino dos artistas e operarios.

« Recomendar á patria que desore bem os seus nomes para respeital-os como merecem, é o galardão que está em nossas mãos dispensar a esses distinctos cavalheiros ».

Um propecto litterato, o dr. José Maria Velho da Silva, em carta de 18 de maio de 1871 impressa no *GUARANY* e reimpressa no *JORNAL DO COMMERCIO* escreveu :

« Meu insigne artista, pelo muito que de excellente produz a vossa esplendida intelligencia ; pelos immorredouros serviços que com tamanho intento andaes a derramar ; pela semente com que ides fecundando entendimentos fortes de bons desejos, ermos de doutrina, recebei os votos e a certeza de minha admiração e do meu apreço. Quem, como vós, recebeu a missão do apostolado, evangelizando, desbravando rudezas e tornando baldios em terras de bom lavor, tem o seu capitulo erguido, e tem ainda mais a posteridade a eternisar-lhe o nome ».

¹⁴ Se, como observa o *Novo Mundo* (vol. II, n.º 18, New-York, 23 de março de 1872, pag. 104-106) no artigo que acompanha o retrato de F. J. Bettencourt da Silva, « nunca se elogiara demasiado o serviço por elle prestado com a instituição do *Lyceu de artes e officios* », não será descabido reproduzir do *PERFIL ARTISTICO*, por Felix Ferreira (publicação já por nós citada, da qual foram tirados cem exemplares offerecidos ao illustre biographado), as linhas (pag. 18 e 19) em que é feito o parallello do iniciador do mais importante estabelecimento de instrucção gratuita ás classes operarias com o autor dos quadros historicos em que hão sido perpetuadas algumas das mais brilhantes paginas da historia patria : de Bettencourt da Silva e de Meirelles de Lima :

« No meio de tamanha decadencia e tão vergonhoso atrazo artistico, dous espiritos surgem cheios de vida e luz a espancar as trevas da ignorancia e a erguer do pó do envilecimento ao solio do esplendor aquella que é serva envergonhada, onde só deve ser rainha e senhora.

« No canto obscuro da pequena provincia de Santa Catharina, na estreita arqueação de um fragil barquinho que singrava as aguas em demanda do porto do Rio de Janeiro, nasceram esses dous talentos privilegiados, que constituem duas das nossas mais bellas glorias artisticas.

« Notavel coincidencia ! N'uma ilha, barco fixo, n'um barco, ilha fluctuante, cercados do mar, bafejados das brisas marinhas e embaldados pelo bater cadenciado das ondas, nasceram ambos aquelles que

deviam arrancar do olvido e da humildade em que vegetavam as artes entre nós, para elevá-las ao esplendor e fastigio que ora vão attingindo.

« Victor Meirelles de Lima e Francisco Joaquim Bettencourt da Silva, este na architectura e aquelle na pintura, são os fanaes que vão guiando os peregrinos da arte pelo caminho da gloria, são os operarios titanicos que vão desbravando o inculto sólo, lançando a pródiga sementeira e convertendo a terra sáfara e maninha em campos uberrimos e fecundos.

« Victor Meirelles, calmo e modesto, isolado no fundo da sua officina, emerge a luz do seu genio potente e creador com o luar que á noite esparge raios de prata pelas verdes campinas; Bettencourt da Silva, nervoso e infatigavel, no meio dos seus operarios, como o sol dos tropicos, inunda com seus raios vivificadores a terra que illumina. Um semelha-se ao regato, trepido e susurrante, que beija as florinhas que se debruçam na encosta; o outro ao rio caudal e vertiginoso que banha dilatados campos e leva ao mar o tributo das suas aguas.

« Victor Meirelles, como o sabio da antiguidade, encerra-se em seu gabinete, estuda, trabalha, e quando de lá sahe é para apresentar aos olhos pasmados da multidão a poetica Moema arrojada á praia pelas ondas que lhe consumiram a vida, ou a consagração d'essa pagina brilhante da nossa historia que se chama — *Combate do Riachuelo*. Bettencourt da Silva, como o industrial moderno, traça, mede, delineia, ordena e corrige a feitura dos seus monumentos.

« Filho do povo, no meio do povo erige seus templos á instrucção popular, quer fundando o *Lyceu de artes e officios*, quer construindo a escola da Gloria.

« Ambos, artistas inspirados, talentos fecundos, obreiros incansaveis, porém cada um com seu genio, e por caminhos diversos, vão laborando na grande obra a que mette-am hombros cheios de coragem e que com tanta perseverança realisam — a de engrandecer a arte e nobilitar o artista ».

Recordar o nome do egregio varão que nos foi bom e desvelado pai é sempre motivo de legitima ufanía.

Lembraremos, pois, n'este lugar que tambem sobre as aguas do Atlantico nasceu « um dos homens que mais concorreram para o progresso das letras e sciencias no Brazil », o conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde, de pura e veneranda memoria. (Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tom. VI, pag. 379-381 e *GALERIA DOS BRAZILSIROS ILLUSTRÉS*, tom. II, pag. 1-4).

Vej., a proposito de *parallellos litterarios*, os de *Orestes e Pylades* e de *Bruto e Lucilio* no *DIALOGO DA VERDADERA AMIZADE*, por Heitor Pinto, pag. 438; de *D. Fr. Francisco de S. Luis* e o *P. Antonio Vieira* nos *ELOGIOS ACADEMICOS*, por. J. M. Latino Coelho, tom. I, pag. 9, e de

Fr. Francisco de Santa Theresa de Jesus Sampaio e Fr. Francisco de Monte-Alverne nas Obras do dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, tom. VIII, pag. 319; e o livro PARALLELOS DE PRINCIPES E VARÕES ILLUSTRÉS ARTIGOS, a que muitos da nação portugueza se assemelharam em suas obras, ditos e feitos. Com a origem das armas de algumas familias d'esta, por Francisco Soares Toscano — Lisboa, 1733 (2.^a edição).

D'este livro, de que tratam Innocencio Francisco da Silva no DIOS. BIBL. PORT., tom. III, pag. 64, e José Silvestre Ribeiro nos PRIMEIROS TRAÇOS D'UMA BERNHA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 84-86, possui um exemplar a Bibliotheca Nacional.

15 De outro apprehendimento — o ensino gratuito á mulher — cura com esclarecido desvelo o fundador do *Lyceu de artes e officios*. Esse, porém, está amparado pela penna de Carlos de Laet, que, a proposito da visita de « dous nababos áquella colmeia industrial », escreveu uma pagina, esplendida de atticismo, no *Folhetim* do JORNAL DO COMMERCIO de 15 de maio de 1881. — *Microcosmo*. — *Chronica semanal*:

« Elle, o nababo, possui um Golconda na rua do Espirito Santo... É ahí que lapida e expõe as suas artisticas preciosidades... E ella, diz-se, é a mais formosa pedfa d'esse escritorio, metamorphoseada em mulher por obra de um d'esses genios que se comprouve de vêr sob fórma humana a nitida crystallisação da esplendida gemma.

« Interessado o casal de nababos pelas maravilhas de actividade e labor que se produziam a seus olhos nos vastos e bem illuminados salões em que o *Lyceu* instrue e educa mil e tantas pessoas, dobrou-se-lhes a admiração quando souberam que ainda havia em construcção as officinas, e que se projectavam novas aulas, entre as quaes as de desenho para o sexo feminino; que faltavam porém para a realisação d'esses sonhos certos auxilios indispensaveis, e que, para fornecel-os, havia no mercado uma grande escassez de ricos.

« Então a visitante olhou para o marido e fallou-lhe em segredo... Parece que lhe pedia que abrisse a carteira e fizesse chover ouro... Mas o marido, que é artista, esquecêra-se dos milhões em casa. Ordinariamente é o que acontece com os artistas... nem o digo por mal, porque com os folhetinistas é exactamente o mesmo.

« N'esse caso, o que fazer? Recorrer á mina... E foi o que fizeram... Ora, como os leitores já adivinharam que os nababos, ricos sómente de talento e boa vontade, eram os festejados artistas a snr.^a Leocinda e o snr. Furtado Coelho, escusado se torna dizer-lhes que o que se vai tirar da mina é um beneficio, isento de despesas... »

16 Allusão ao verso de Victor Hugo: *Qui donne aux pauvres prête à Dieu.*

(LES FEUILLES D'AUTOMNE — *Pour les pauvres*).

17 Estampando em sua pagina de honra o retrato do conselheiro M. P. de Souza Dantas, o *ECHO AMERICANO* (vol. I, n.º 17 — Londres, 6 de janeiro de 1872, pag. 303-304) fêl-o acompanhar por uma noticia biographica, da qual, com satisfação, reproduzimos os seguintes periodos :

« Em 1866, com assento na camara dos deputados, foi chamado aos conselhos da corôa, e, como ministro da agricultura, commercio e obras publicas, fez parte do ministerio de 3 de agosto, presidido pelo eminente estadista brasileiro, Zacarias de Goes e Vasconcellos; ministerio que durante dous annos atravessou a época mais difficil da guerra que o Brazil sustentára com o Paraguay.

« Immensos e grandiosos foram os serviços prestados pelo conselheiro Dantas na sua pasta. Deu incremento á emigração estrangeira para o imperio, á colonisação e á navegação dos grandes rios, como o Amazonas, o Madeira e o Purús, pelo que foi brindado pela corporação commercial da provincia do Amazonas com uma memoria em prata.

« Não foi menor o seu interesse pelo desenvolvimento das linhas ferreas no imperio, e pela criação de bancos territoriaes, destinados a facilitar capitães á agricultura, fonte principal, senão unica, do engrandecimento do Brazil.

« Uma idéa generosa, humanitaria, civilisadora e christã, e pela qual se celebrisaram Wilberforce e Buxton, mereceu tambem todo o devotamento dos seus esforços, toda a grandeza da sua alma. Foi a idéa da emancipação do elemento servil, que, com seus collegas de gabinete, inseriu na *falça do throno* de 1867 e 1868, despertando assim o espirito publico e a attenção dos poderes do Estado para tão grave problema, cuja solução em parte acaba de succeder a 28 de setembro de 1871 ».

18 A respeito do ensino do desenho ao sexo feminino mui judiciosamente escreve Felix Ferreira :

« Ha muito que entre nós se sente necessidade de repartir com a mulher mais largamente as occupações da vida pratica; é realmente preciso que a sociedade lhe offereça mais occasiões de exercer sua actividade e vigilancia.

« Na Europa e nos Estados-Unidos já ellas encontram trabalho nas officinas e fabricas, e além d'isso muitos empregos publicos já lhe são confiados.

« O serviço interno dos correios, em alguns paizes, é quasi todo feito por mulheres, principalmente nas agencias.

« Ha profissões muito lucrativas, com as quaes uma mulher pôde, exercendo-as em sua casa, auxiliar efficazmente o marido, não só nas despesas precisas do lar, como até na formação de um peculio que,

nos paizes onde as classes populares são seriamente educadas, é o sonho dourado de todo o casal operario, e entre nós tanto se descursa.

« Cerca de 150:000 mulheres vivem em Paris de inumeras profissões, empregadas nas fabricas, officinas, agencias, escriptorios, e até mesmo trabalhando em sua propria casa.

« A mulher, no Brazil, principalmente nas grandes cidades, só sabe governar a casa, quando a governa; desoccupada inteiramente, não podendo muitas vezes dar conta de trabalhos pesados por falta de robustez e mesmo de saude, sobrecarregando, por isso mesmo, o marido com o aluguel de uma criada, apenas lhe resta a costura vulgar, da qual tira bem mesquinhos proveitos, e ajuda assim nem sempre encontrando para quem trabalhe.

« Quantas profissões pôde hoje a mulher exercer mui lucrativamente no Rio de Janeiro, mesmo sem ir ás officinas? As brochuras e cartonações dos livros escolares, a revisão de provas, os desenhos para lithographia ou gravura em madeira, o colorido de figurinos, mappas e estampas; o enfeite de chapéos, pintura a colla de cartazes, vistas e transparentes para lojas e theatros, etc., tudo isso já tem actualmente grande extracção entre nós.

« Para o exercicio da maior parte d'essas profissões é preciso, porém, que ella saiba desenho, e o desenho é um conhecimento valioso que se adquire sem prejuizo dos demais estudos; conhecimento esse, que infunde o amor ao bello, e despertando muitas vezes sentimentos artisticos adormecidos pela falta de incitamento, pôde attrahil-as, talvez, para uma industria, da qual provirá a felicidade da vida inteira ».

(SERÇÕES INSTRUCTIVOS, *num. cit.*, pag. 36-37).

Suum cuique. Manda a justiça recordar, em additamento a estas sensatas ponderações, que no RELATORIO apresentado á assembléa geral na 1.^a sessão da 16.^a legislatura (1877) pelo ministro da agricultura, conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, foi suggerido a pag. 184, artigo — *Telegraphos electricos — Linhas do Estado* — este alvitre bem digno de um administrador solícito, como elle foi, pelo bem publico:

« Uma das providencias que convém adoptar consiste em dar maior latitude ao art. 102 do Regulamento vigente (Decreto n.º 4653 de 28 de dezembro de 1870), authorisando a conceder gratificações de adjunto ás mulheres dos telegraphistas que se habilitarem para o serviço; admittindo-as, no caso de viuvez, na classe de estacionarias com os correspondentes vencimentos, como se pratica na Europa e nos Estados-Unidos ».

¹⁹ Afiançam-nos ser Verissimo do Bomsucesso.

²⁰ « Um escriptor de raça », *Alceste* (Reinaldo Carlos Montóro),

no folhetim *Conversas á tarde* do CRUZEIRO de 16 de junho de 1881, apreciando, no ponto de vista sociologico, o inicio e desenvolvimento do *Lyceu de artes e officios*, que é o representante, na phrase d'aquelle esclarecido escriptor, da alliança da sciencia com a democracia, assim se exprime :

« Nos seus primeiros passos figuram homens modestos, sem pretensões a estadistas, mas que souberam comprehender as necessidades do paiz. Á frente de todos está F. J. Bettencourt da Silva, vontade viril, imaginação de artista, homem de concepção e de acção, tenaz, resoluto, fazendo d'essa idéa a sua missão na vida. Associaram-se a esta propaganda o snr. dr. Manoel de Oliveira Fausto, que presidiu, na qualidade de secretario da instrucção publica, á reunião preparatoria de 23 de novembro de 1856, — o dr. Manoel Antonio de Almeida, redactor do *Correio Mercantil*, e author das *Memorias de um sargento de milicias*, talento vigoroso, caracter puro, patriota sincero, que a morte arrebatou na vespera do triumpho ; — e um espirito phantasiasta, jovial, mas contaminado da sciencia e das idéas mais adelantadas de nosso tempo, o vigario Speridião, de Santa-Rita. N'essa primeira reunião, nas salas do Museu Nacional, assignaram noventa e nove convidados o compromisso da criação da *Sociedade Propagadora das Belas-Artes*.

« A escolha do presidente recahiu sobre Eusebio de Queiroz, o mais enérgico politico do segundo reinado, o extirpador do trafico africano, que anteviu a influencia da associação, e, accedendo ao convite, a presidiu, até deixar a terra dos vivos, durante onze annos. A eleição da directoria effectuou-se a 8 de dezembro de 1856.

« A 20 de janeiro do anno seguinte fez-se a inauguração official da *Sociedade Propagadora* ».

E *Alceste*, acompanhando em rapida exposição as phases pelas quaes, sem descontinuar em seu fecundo labor, ha passado o importante instituto de instrucção popular, cuja duração attinge quasi a um quarto de seculo, subministra estas authenticas indicações :

« Actualmente o *Lyceu* tem 48 professores gratuitos, que alternam no ensino de todas as disciplinas das carreiras professionaes a 1:042 alumnos inscriptos, não só brasileiros, como de todas as nacionalidades.

« De 1858 a 1867 deu ensino a 1:665 alumnos, de 1868 a 1880 ó proporcionou a 13:252, sendo nacionaes 10:190. Muitos talentos para as artes, para a industria, para o professorado tem sahido d'aquelles bancos e d'aquelle illuminado recinto, que é um templo da fé scientifica e da abnegação patriotica ».

« A estas palavras seguem-se as que se referem á criação das aulas para o ensino professional do sexo feminino. Transcrevemol-as como um brado de animação e incitamento :

« Ha poucos mezes, Bettencourt da Silva e seus companheiros de luctas viram que era chegado o ensejo de ampliar o ensino profissional ao sexo desherdado entre nós de toda a influencia social. A mulher, nos Estados-Unidos, é a mãe dos cidadãos, a companheira dedicada do homem, a escolhida do seu affecto, a sua igual no trabalho, na sciencia, na exaltação civica. Em todas as carreiras civis e profissionais, encontra-se a mulher americana, digna, independente, consciã de sua igualdade social. É telegraphista, agente de correio, dentista, medica, professora de alto ensino, empregada nas repartições publicas, e ganhando sempre com seu trabalho o pão honrado, digno de seu esposo e de seus filhos. Parece-nos que não é esse o menor incentivo original do engrandecimento d'aquelle pais.

« Será preferivel a essa condição da mulher, o tornal-a ignorante, submissa, ociosa, escrava do subsidio pecuniario, alheia á patria e ao progresso, sem intimos laços sociaes, sem aspirações além do gozo e do bem-estar material ?

« Os animos esclarecidos, patrioticos, aspirantes á verdadeira reforma dos costumes e das tendencias, responderão a esta pergunta, não com a esteril preferencia da opinião, mas sim com o apoio decidido ás aulas do sexo feminino no *Lyceum*.

« **EDUQUE-SE A MULHER, PARA REFORMAR A SOCIEDADE** ».

²¹ São de F. J. Bettencourt da Silva, autor das *FOLHAS DISPERSAS*, volume que mereceu um prefacio da penna magistral do dr. Franklin Tavora.

VIII

A VIRTUDE CANTANDO, ENTRE OS VATES TAMBEM TEREI ASSENTO.

Lêem-se estes versos na ode *Á Poesia*, da qual passamos a dar alguns extractos, de José Bonifacio de Andrada e Silva, conhecido pelo nome arcadico de *Americo Elysio*, autor de outras notaveis odes, como sejam: *Os Gregos*, *Os Bahianos* ¹, etc.:

Não os que enchendo vão pomposos nomes
Da Adulação a bocca,
Nem canto tigres, nem ensino ás feras
As garras afiar, e o agudo dente :
Minha musa orgulhosa
Nunca aprendeu a envernizar horrores.
Genio da inculta Patria, se me inspiras
Acceso estro divino,
Os porphydos luzentes não m'o roubam,
Nem ferrugentas malhas, que deixaram
Velhos avós cruentos :
Canto a Virtude, quando as cordas firo.
.....

Assim Orpheu, se a dôce voz soltava,
 Os Euros suspendidos,
 O rio quedo, as rochas attrahia :
 E os raivosos leões, e os ursos feros
 Manso e manso chegavam
 A escutar de mais perto o som divino.
 O selvagem, que então paixões pintava
 Com uivos, e com roncões,
 Pelas gentis Camenas amestrado,
 Os ouvidos deleita, a lingua enrica ;
 E com sonoro metro
 Duraveis impressões grava na mente.

.....
 Não mil estatuas de fundido bronze,
 Nem marmores de Paros
 Vencem as iras de Saturno idoso :
 Arrasam-se pyramides soberbas,
 Subterram-se obeliscos,
 Resta uma Iliada, e uma Eneida resta !
 Qual rouca ran nos charcos, não pretendam
 De mim vendidos cantos.
 Se a cythara divina me emprestarem
 As filhas da Memoria, altivo e ledó,
 A Virtude cantando,
 Entre os vates tambem terei assento.

De José Bonifacio (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. IV, pag. 276-278, e GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRÉS, tom. I, pag. 39-40) como homem de sciencia, eis o que diz Latino Coelho no ELOGIO HISTORICO ², lido na sessão publica da Academia real das sciencias de Lisboa a 15 de maio de 1877 (pag. 16):

« Os companheiros de Humboldt em seus estudos (diz o astronomo Karl Bruhns na sua recente biographia do immortal physico germanico) eram, entre outros, estes que haviam de ser depois os *mestres da sciencia*: « Leopoldo von Buch, o dinamarquez Esmark, o portuguez Andrada, o hespanhol Del Rio »; nomes todos registrados na historia das sciencias physicas e naturaes como grandes e fecundos descobridores ».

E acrescenta (pag. 54):

« O titulo de *mestre da sciencia* conferido por tão notavel autoridade scientifica ao mineralogista portuguez, gloriosamen-

te associado e posto em paralelo com sabios de tão universal e eminente reputação como Humboldt e Leopoldo von Buch, é o mais honroso testemunho do conceito em que ainda em nossos tempos é havido na terra das sciencias o nome benemerito do nosso compatriota ».

De José Bonifacio como poeta disse no precitado ELOGIO HISTORICO (pag. 90-92) o illustre secretario da Academia real das sciencias de Lisboa:

« AS POESIAS AVULSAS DE AMERICO ELYSIO, publicadas em Bordeus em 1825 ³, comprehendem algumas composições notaveis pela fórma, as quaes se não revelam o estro de um poeta inventivo e original, patenteiam certamente os dotes de um elegante metrificador.

.....

« Nas poesias de *Americo Elysis*, além de muitas originaes composições, deparam-se notaveis trasladações de eminentes poetas antigos e modernos. A poesia biblica está alli representada pela paraphrase de uma parte do *Cantico dos Canticos*. A musa greco-romana tem no livro a sua parte nas versões de Pindaro, Hesiodo e Virgilio. Dos poetas inglezes apparecem trasladados alguns trechos de Ossian e de Young.

« Durante ainda a sua residencia em Portugal, traduziu José Bonifacio, do grego, o idyllio *A Primavera*. Publicou-o em 1816 na imprensa regia, com as iniciaes J. B. A. S. Sahiu mais tarde transcripto no PARNASO BRAZILEIRO, caderno IV, pag. 51 ».

No volume de poesias AMERICANAS, por Machado de Assis, encontra-se de pag. 121-126 a ode a *José Bonifacio*, da qual copiamos a seguinte estrophe:

O engenho, as forças, o saber, a vida,
Tudo votaste á liberdade nossa,
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos
Inconcussa deixaram.

O esclarecido e applicado autor das *Ephemerides Nacionais*, dr. J. A. Teixeira de Mello (vej. DICCC. BIBL. PORT., tom.

iv, pag. 216-217), escreveu a 23 de fevereiro de 1881 na GAZETA DE NOTICIAS:

« Faremos n'estas paginas o resumo biographico dos tres irmãos Andradas, dos tres gigantes paulistas, honra e glorias da patria nos tempos tempestuosos da sua emancipação politica: — de José Bonifacio, o patriarcha, de Antonio Carlos, a personificação da eloquencia parlamentar, de Martim Francisco, a probidade privada em intimo consorcio com a probidade politica.

.....
 « No primeiro ministerio formado pelo actual imperador, Martim Francisco é chamado, com Antonio Carlos, para os conselhos da corôa. No meio de todos estes trabalhos e luctas de cada dia, de alternativas de triumphos e derrotas, tão naturaes em épocas de organização social, em que entretanto a sua inexcedivel probidade e conhecida severidade de costumes sobrenadam e transluzem, sempre incolumes e puras, baixou ao tumulo, pobre dos bens da fortuna, sem mais condecoração a ornar-lhe o peito senão o HABITO DE CHRISTO DO TEMPO COLONIAL, sem titulo algum a mascarar-lhe o nome; porque, para sua gloria

TINHA TITULOS SEUS NAS ACÇÕES SUAS

como disse elle de si mesmo em um dos seus demosthenicos rasgos de eloquencia parlamentar; e seria para nós esse o lemma que gravariamos no tumulo, em que dorme sobre os louros colhidos no serviço da nação, o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada ».

Da vida e dos escriptos de José Bonifacio dão tambem noticia o DICC. BIBL. PORT., tom. iv, pag. 276-278, e o ANNO BIOGRAPHICÔ BRAZILEIRO ⁴, vol. i, pag. 429-440.

De outro dos illustres irmãos Andradas, de Antonio Carlos, deixaremos tambem aqui uma composição poetica, escripta nas circumstancias em seguida referidas: *

« Em 1817, em Pernambuco, levantou-se o grito em prol da republica, e, apesar de haver recusado o cargo de conselheiro do governo provisorio, estabelecido pela revolução, foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, preso, e julgando ter de subir ao cadafalso, não succumbiu, antes resignado e prompto a morrer pela patria, escreveu em horas de agonia este soneto de altiva inspiração:

Sagrada emanção da divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, nem revezes, mudo;
Fui teu votario e sou, ó liberdade.

Póde a vida feroz brutalidade
Arrancar-me em tormento o mais agudo;
Porém zomba do despota sanhudo
De minh'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir póde horror n'um peito fero,
Que aos fracos tão sómente a morte é dura.

(MOSAICO BRAZILEIRO, pelo dr. Moreira de Azevedo, pag. 110-111).

NOTAS

¹ Referindo-nos a esta composição, para aqui transportaremos o que se lê de pag. 116-117, com relação ao dia 15 de junho de 1838, no *Resumo chronologico e noticioso da provincia da Bahia desde seu descobrimento em 1500* — Segunda parte do ALMANAK, para 1881, da referida provincia:

« Decretou a Lei Provincial n.º 70 que fosse collocado em um dos salões principaes do palacio do governo, no salão da assembléa provincial, na camara municipal, no da bibliotheca publica, e no da praça do Commercio, o retrato do conselheiro José Bonifacio de Andrada e

Silva, pai da patria e patriarcha da independencia e do imperio do Brasil, tendo por inscripção o seu nome e o lugar de seu nascimento, que foi na cidade de Santos em S. Paulo em 13 de junho de 1763.

« Na assembléa provincial da Bahia existe, além do quadro com a effigie, ao natural, do conselheiro José Bonifacio, o ministro da revolução da independencia, o benemerito da patria, um outro quadro dourado allí collocado em 1838, em que está elle desenhado, tendo por distinctivo a seguinte expressiva estrophe, a elle dedicada pelo patriota sincero o coronel João Ladislau de Figueiredo e Mello, ex-deputado provincial, já fallecido :

*Brasileira, ardente tocha,
Coração singelo e nu,
Nossa patria só anhela
Patriotas como tu.*

« Em 7 de setembro de 1872, anniversario da independencia do imperio, foi inaugurada na praça de S. Francisco de Paula, na côrte do Rio de Janeiro, a estatua do conselheiro José Bonifacio d'Andrada e Silva, o sabio reconhecido na sociedade dos sabios, o ministro da corôa glorificado pela escolha honrosissima do Snr. D. Pedro 1 para tutor de seus filhos; José Bonifacio, o homem tres vezes monumento, uma pela sciencia, outra pela poesia, outra pela gloria de patriarcha da independencia; o rei de tres corôas, que viveu, resplandeceu e morreu a 6 de abril de 1838, sendo admiravel symbolo da simplicidade, do desinteresse, da probidade e do mais acrisolado patriotismo.

« Entretanto, houve um tempo em que esteve desterrado da patria. Foi então que escreveu a memoravel — *Ode aos Bahianos* — de onde extrahimos apenas as seguintes estrophes :

« O constante varão, que ama a virtude,
Co'os borros da borrasca não se assusta,
Nem como folha d'alamo fremente
Treme á face dos males.

« Embora nos degraus do excelso throno
Rasteje a lesma, para vêr se abate
A virtude, que odeia, a mim me alenta
Do que valho a certeza.

« E vós tambem, Bahianos, desprezastes
Ameaças, carinhos, e desinsetes
As cabalas, que perfidos urdiram
Inda no meu desterro.

« Duas vezes, Bahianos, me escolheste
 Para a vos levantar a pró da pátria
 Na assembléa geral; mas duas vezes
 Foram baldados votos.

« Porém, em quanto me animar o peito
 Este sópro de vida, que inda dura,
 O nome da Bahia, agradecido,
 Repetirei com jubilo ».

³ Do precitado *Elogio Historico* copiamos (pag. 10-11) as seguintes eloquentes e autorisadas palavras:

« Entre os celebrados escriptores que, tendo florecido no seculo passado, n'elle mesmo perfizeram a carreira, quem não applaude Antonio José da Silva, o ousado restaurador do theatro portuguez, o mal-aventurado christão-novo, a quem a natureza consagrou os louros de poeta, a intolerancia, a corôa do martyrio? Quem não conhece a José Basilio da Gama, o cantor épico do *Uruguay*? Quem não leu a frei José de Santa Rita Durão, que de tantos annos precede a Longfellow na formosa concepção do poema americano? Quem não sabe de cór alguma d'aquellas sentidissimas endeixas, com que Thomaz Antonio Gonzaga, o melancolico *Dirceo*, tomou um lugar de honra na litteratura patria, e alcançou a lauréola de insigne entre os lyricos de Portugal? Quem não ouviu fallar de Claudio Manoel da Costa, de Alvarenga Peixoto, a quem o estro fez semelhantes na inspiração, a liberdade irmãos no sacrificio, a fortuna iguaes na adversidade? Quem não sabe que os tres ultimos poetas ficaram igualmente memorados, como as victimas illustres immoladas na primeira tentativa de quebrar os grilhões coloniaes?

« Nos fins do seculo xviii e nos primeiros decennios do seculo xix — digamol-o sem vaidade nacional — a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brazil. A lyra portuguesa honrava-se com o nome de Pereira Caldas, o poeta da inspiração religiosa. Brasileiro era tambem Antonio de Moraes e Silva, que dotára a litteratura nacional com o mais copioso dicionario que em seu tempo se escrevêra. Brasileiro Hyppolito Costa, o patriarcha dos jornalistas de Portugal e do Brazil. Brasileiro o que podemos appellidar na ordem chronologica o primeiro economista portuguez, o bispo d'Elvas, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho. Brasileiro o eminente geometra e professor, antigo secretario d'esta academia, Francisco Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, um dos mais illustres cooperadores da fundação do imperio americano. Brasileiro Manoel Jacintho Nogueira da Gama, lente da academia de marinha, depois marquez de Baependy, e notavel estadista, que divulgára em Portugal,

vertendo-as em portuguez, algumas obras classicas de hydraulica, e applicoára a chimica moderna a importantes problemas da vida industrial. Mas era sobretudo nas sciencias naturaes, que as glorias d'esta nação se deviam principalmente aos que tinham nascido em terra americana. Vicente Coelho de Seabra, fazia resplandecer em Portugal com os seus *Elementos de chimica*, os primeiros clarões da sciencia já rebelde ás phantasiosas tradições da alchimia e da spagyrica. Fr. José Marianno da Conceição Velloso, deixava o seu nome memorado entre os botanicos pelos seus valiosos trabalhos originaes, entre elles a *Flora fluminense*. Alexandre Rodrigues Ferreira percorria o Amazonas como infatigavel explorador, e alliava ás suas glorias de egregio naturalista o funesto destino de uma existencia atribulada.

« João da Silva Feijó, com as suas explorações transatlanticas e os seus escriptos mineralogicos, legava de si honrada fama, como investigador da natureza. Manoel Ferreira de Araujo Camara, companheiro de José Bonifacio nas excursões scientificas pela Europa, se não igualára o nome do collega, inscrevia-se como um dos notaveis representantes da sciencia em Portugal. Mello Franco e Elias da Silveira, ambos nascidos no Brazil, ambos secretarios da nossa corporação, illustravam a medicina portugueza com os seus livros e memorias, estampadas por esta academia ».

³ Ha outra edição, da qual diz o excellente CATALOGO SUPPLEMENTAR DOS LIVROS DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO (1868), pag. 162 :

Poesias de Americo Elysio (José Bonifacio de Andrada e Silva). Rio de Janeiro, 1861, in-8.º

« Às *Poesias avulsas*, publicadas anonymamente em Bordeus em 1825, outras se adicionaram n'esta colleção, entre ellas a *Ode aos Gregos* e a *Ode aos Bahianos*.

O volume é ornado do retrato do autor (finissima gravura em aço executada na Allemanha) e traz em appendice um *Esboço biographico*, provavelmente escripto pelo snr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva ».

⁴ Aproveitando unicamente a analogia do título, subministraremos ao leitor a indicação bibliographica de uma obra, mui copiosa em informações e noticias varias, e quasi geralmente desconhecida. É o

ANNO HISTORICO

Diario Portuguez — Noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal. A saber :

Dos santos canonisados, e varoens veneraveis em santidade: Dos fundadores de religioens: dos sũmos pontifices: Dos cardeaes: Dos ar-

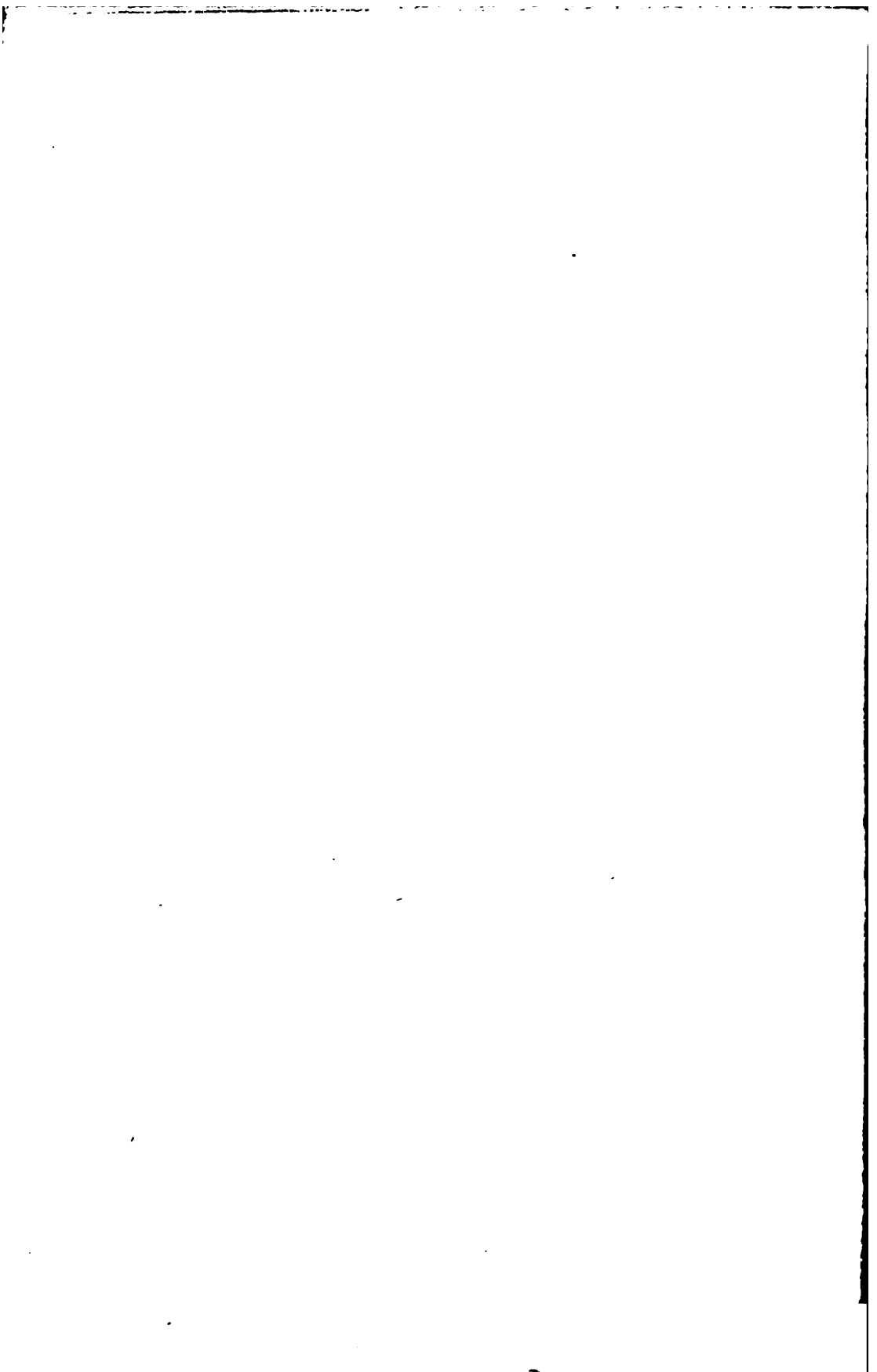
cebispos, e bispos, que mais satisfizerão as obrigações de prelados: dos reis, rainhas, príncipes, infantes: Dos seus nascimentos, baptismos, coroações, e casamentos dentro, e fóra do reyno: Dos filhos dos mesmos reis, príncipes, e infantes, havidos fóra do matrimonio: Dos serenissimos duques, e duquesas de Bragança: De seus filhos, e filhas: Dos varoens mais famosos em armas, e valor: Dos mais insignes em letras, e escriptos: Dos poetas, e oradores mais singulares: Dos ministros, e corteãos mais celebres: Dos milagres mais admiraveis: Dos santuarios mais illustres: Dos templos, e mosteiros mais sumptuosos: Das batalhas, e vitórias terrestres, e navaes: Das fundações, conquistas e defensas de praças, e fortalezas: Das navegações mais decantadas: Dos descobrimentos de novos mares, e de novas terras: Das pazes celebradas entre Portugal, e outras Potencias: dos sinaes do céo, monstros, pestes, naufragios, incendios, terremotos, e de todos os outros casos, tragicos, bellicos, politicos, e por outro qualquer modo memoraveis, pertencentes a Portugal, e succedidos no mesmo Reino, ou fóra d'elle.

Offerecido — A *El Rey* — D. João v — *Nosso Senhor* — por — *Lourenço Justiniano da Annuniação* — Conego secular da congregação de S. João Evangelista — composto pelo padre-mestre — *Francisco de Santa Maria*, conego secular, chronista, e geral da sagrada congregação de S. João Evangelista, lente de philosophia, e theologia, qualificador do Santo Officio, examinador das tres ordens militares, provedor do hospital real de Caldas. — Lisboa. — MDCCLXIV.

Em tres tomos, contendo o 1.º o que concerne aos mezes de *janeiro a abril*, o 2.º de *maio a agosto* e o 3.º de *setembro a dezembro*.

Convém lêr o que em referencia a esta obra diz o *Dicc. hist. port.*, tom. v, pag. 197-198.

O exemplar que manuseamos do *Arho Historico* pertence á valiosa bibliotheca do *Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro*.



IX

BATE HORROR SOBRE HORROR NO PENSAMENTO

É o ultimo verso do segundo quarteto do soneto, que principia :

Ao crebro som do lugubre instrumento.

Com relação a este soneto, que integralmente vamos reproduzir, escreveu J. F. de Castilho (LIVRARIA CLASSICA — MEMORIAS SOBRE BOGAGE, 2.º tomo, pag. 186) :

« No dia 11 de julho de 1797, um mez antes de Manoel Maria ser preso, conduziam ao patibulo um réo, devidamente condemnado, mas cuja sorte enlutava n'esse dia a cidade de Lisboa. O vate sobr'excitado pela idéa do pavoroso quadro, improvisou o afamado soneto :

« Ao crebro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente ;
Um Deus consolador, um Deus elemente
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento.

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
 Estreitar-se no collo o réo já sente :
 Multiplicada a morte aneia a mente,
 Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á divindade,
 Sóbe envolto nas sombras da tristeza
 Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza,
 Sahe a alma d'entre o véo da humanidade,
 Folga a justiça e geme a natureza ».

E acrescenta (pag. 187):

« Ainda dedicou ao infeliz est'outro, menos citado, mas cuja chave é tambem de ouro:

« Sobre o degrau terrível assomava
 O réo, cingido de funereo manto.
 Avesada ao terror, aos ais, ao pranto,
 Da intrepidez a morte se assombrava.

No firme coração não palpitava
 O precursor da parca, o mudo espanto;
 E, ufano de subir no esforço a tanto,
 Um ai a humanidade apenas dava.

Mortal que foste heroe no extremo dia,
 De idéas carrancudas e oppressoras
 Não soffreste o favor na phantasia.

Co'as vozes divinaes, consoladoras,
 Só a religião te embrandecia...
 Fôras de ferro, se christão não fôras ».

Em artigo, que se inscreve sob o titulo — *Adelaide Ristori* (Marqueza del Grillo) ¹ e se acha incorporado ao livro *LITTERATURA, MUSICA e BELLAS-ARTES*, tom. I, pag. 108, escreve Andrade Ferreira, referindo-se ao desempenho da tragedia *Maria Stuart*:

«O 5.º acto é o supplicio, e madama Ristori converte-o n'um calvario. Este quadro de agonia presencia-se com o coração confrangido e a imaginação em sobresaltos. Aquelles magnificos versos de Bocage:

*Multiplicada a morte anceia a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento,*

realisam-se, nos seus effeitos mais excruciantes, para a alma opprimida de todo o publico ».

Da eminente tragica, que inspirou a Antonio Feliciano de Castilho algumas das mais esplendidas paginas das letras portuguezas (Vej. REVISTA CONTEMPORANEA *de Portugal e do Brazil*, tom. 1), disse um grande pensador e primoroso escriptor, Ramalho Ortigão:

• **Ristori**

Basta olhar para ella: é uma excepção. É na escala morphologica — assim como Newton, Shakespeare, Beethoven ou Balzac na escala intellectual — um caso anomalo de *differenciação progressiva*.

O typo generico da mulher moderna não é o d'ella. Comparem-a com as demais actrizes contemporaneas. As outras são debeis e frageis. Não podem nem com a forte espiritualisação nem com a forte animalidade.

Sarah Bernhardt, por exemplo, a mais poderosa organisação psychologica do theatro moderno, cabe por vezes na scena desmaiada, em resultado de desequilibrios nervosos.

Croisette não resiste ás consequencias d'uma alimentação abundante, e o seu talento tende a submergir-se na onda ameaçadora das suas carnes, represadas pelo costureiro Worth ou pelo costureiro Felix em espartilhos tão engenhosos como os d'iques da Hollanda.

As celebridades minusculas da *opereta* ou do *vaudeville*, tonificadas a pilulas arsenicaes e a ferro Bravais, vergastadas em cada manhã ao longo da espinha por esguichos hydrothe-

rapicos, sobr'excitadas a lagosta e a cereja de conserva em aguardente, são lindas bonecas d'um pittoresco de fancaria: saia arrepanhada para traz cingindo a coxa como uma luva, botina arqueada, guedelha em lesma sobre a testa, e olhos de boi bestificados a carvão diante do espelho.

Ellas são o typo consagrado da illuminura de cartonagem para pastilhas abaunilhadas ou para lenços baratos de cambraieta de algodão.

Ristori pertence a um mundo que não é esse; pertence ao mundo ideal, ao mundo abstracto, ao mundo mythologico.

De estatura mais elevada que a média da altura do homem, com o perfil austero d'uma matrona romana, os olhos garços d'uma scintillação magnetica, a voz cheia, vibrante, dominativa, a mão nervosa, o pé estreito e longo dos marmores classicos, o passo largo, viril e magestático de Diana antiga, — Ristori é extremamente superior para ser verosimil. Se ella fizesse papeis de mulher, da mulher que nós conhecemos do Chiado, da missa do Loreto, da confeitaria do Baltresqui, da rocha de Setiaes e das *soirées* do Club, não hesito em acreditar que a snr.^a Maria das Dores, a snr.^a Josepha de Oliveira ou a snr.^a Carolina Pereira iriam melhor.

Mas é preciso distinguir para dar a Ristori o lugar que lhe compete na historia da arte.

Ristori não representa physionomias individuaes; representa expressões e sentimentos humanos. Não é fulana, nem si-crana; não é esta nem aquella. É o amor, é o odio, é o ciu-me, é a colera, é o phrenesi, é a dôr, é a desgraça.

Para cada uma das violentas crises da nossa alma sabe achar a nota mysteriosa em que se encarna a commoção para se converter em imagem palpavel e viva.

Benigna e amante, tem a suprema doçura ineffavel dos grandes lagos dormentes e dos luares saudosos e profundos. Irada e hostil, cerca-lhe a fronte uma aureola tenebrosa, os olhos inflammam-se-lhe d'um ardor felino, a sua voz sibilla e tropeja como a tempestade, e ella parece caminhar, respirando sangue, inclemente e fatal, n'uma atmospheria de morte.

A tragedia de que Ristori se fez a interprete, desapareceu,

porém, d'entre as curiosidades e d'entre os interesses do espirito n'este momento do nosso seculo. E ella, a grande sacerdotisa inspirada, tem aos nossos olhos o aspecto, um pouco morto e marmoreo, da bella estatua que desce de sobre o tumulo d'uma arte extincta, para assistir, conviva monumental e phantastico, á cêa realista para a qual Jablohoff acaba de accender o lustre ».

1878.

(Extrahido da GAZETA DA TARDE n.º 51 de 27 de fevereiro de 1881).

Não nos é licito levantar mão d'este artigo sem aqui deixar alguns excerptos do « sublime rapto de enthusiasmo que o talento de Ristori inspirou ao cantor dos *Ciumes do Bardo* », segundo a expressão de Andrade Ferreira (*Obr. cit.*, pag. 113).

No artigo destinado a acompanhar o retrato d'aquella de quem disse Lamartine :

Toi qu'au tragique *Arno* la riche France envie,
Tu rends au grand Toscan plus que tu ne lui dois :
Si Dieu l'a fait poëte, il te fit poésie ;
Du timbre de ton cœur, la scène a fait sa voix !

Dites, vous qui pleurez, lequel est le poëte :
De celui qui nota sous son doigt ses accents,
Ou de celle qui prend, sur la page muette,
Ces fantômes sans corps et leur prête des sens ?

C'est lui ! c'est toi ! c'est vous ! vous n'êtes pas deux âmes ;
La gloire, en vous nommant, vous doit l'égalité,
Tu donnes de ton sang aux ombres de ces drames,
Et ce sang t'associe à l'immortalité.

Le drame est l'instrument où dort la lettre morte,
C'est en vain qu'il contient tous les accents humains,
Il faut, pour que la joie ou la douleur en sorte,
Que le clavier du cœur soit frappé par tes mains.

Le marbre de Memnon sentait, bien qu'il fût pierre;
 Mais son âme, ô soleil, n'était que ta chaleur;
 Nous pleurons; mais avant de mouiller la paupière,
 Les larmes de nos yeux ont coulé de ton cœur,

escreveu A. F. de Castilho:

« Grande ousadia levantar voz perante Ristori, ainda que em effigie. Maior atrevimento sahir das turbas para levar corôa a quem tantas tem aos pés, quem a não vê senão pelos ouvidos, quem do seu merecimento só presenceou metade, a outra metade teve de a adivinhar, ou pelo vaticínio poetico, ou pelos calculos das correlações e das harmonias; sim, por um fragmento de leão se recompõe um leão; pelo vestibulo d'um templo em ruinas se inteira o santuario, com suas festas e ceremonias, esplendores e fragrancias.

.....
 « Esta, que tendes a ventura de estar contemplando, é para vós Adelaide Ristori; para mim Ristori unicamente. Á vossa falta-lhe ainda um laurel; a minha tem já um resplendor. Na vossa ouve-se um nome de mulher, que a apparenta com o commum da humanidade, com a terra, com a morte, com o esquecimento; a minha poderia chamar-se Melpomene; viva, desfructa a immortalidade das filhas da memoria; a Grecia, que deu a Sapho o titulo de musa decima, proclamaria a esta com as honras de primeira.

.....
 « No silencio da noite, e em quanto as outras ou dormem ou velam, umas para o jogo, outras para a dança, outras para os filhos, outras para a tarefa que as alimenta e as entretém; quantas vezes não andarà esta em espirito, engolfando-se, por fatal necessidade do seu ser e da sua sorte, nos abysmos d'onde os Shakespeares e os Hugos vão arrancar monstros e perolas, e reascendem á luz, pallidos e sobre-humanos, moribundos e divinos!

« Afortunado o que não acredita n'estas noites de febre, de delirio, de prophacia, de creação e destruição; noites como as das feiticeiras, que ao lume azul d'uma mão de finado fazem surdir thesouros; noites em que, sob uma apparente immobi-

lidade, o espirito se revolve no corpo, como o alchimista no seu laboratorio, a pedir a toda a natureza o segredo do metal-rei, e o do elixir de longa vida. Tres vezes feliz o que ri d'estes martyres da arte!

« Quando ella assim estuda (porque jurarei que ella estuda assim); quando endoudece diante d'um espelho, actriz e platéa para si mesma; quando escuta as suas palavras, e as contrapesa, ouro e flo, periodo e periodo, e syllaba, e syllaba, com o affecto da sua heroina, com o affecto que tem dentro; que objecto para estudo de actores, de oradores, de pintores, de estatuarios e de poetas principalmente, não seria esse seu estudo! Mas esse é o livro dos sete sellos do genio; a Sybilla que o escreve queima-o antes de morrer. Estes fructos da sciencia colhe-os por entre espinhos e para si quem póde; mas não os dá, não os póde dar, não lh'os saberiam receber, nem talvez a outrem se lograram. O talento produz para todos, mas sabe só para si; avaro do seu segredo, prodigo de tudo mais.

« Dá a lembrar a arvore alterosa, metade a verdejar, a florir, a fructear, a espargir sombras, deleites, musicas; mas a outra metade, de que tudo isso se cria, mergulhada, esquecida, calcada sob a terra, a agenciar, ao perto, ao longe, pelo tenebroso, pelo duro, pelo frio, os fluidos invisiveis de que se alimenta a robustez d'aquelle tronco, a pompa d'aquelles ramos, a alegria d'aquellas flôres, a suavidade d'aquelles fructos, o encantamento harmonico d'aquelle todo.

« Sabemos nós ao applaudirmos esta Ristori que de vezes não estaremos festejando tormentos que ella curtiu bem reaes para nos encantar?

« A gloria compra-se e custa caro. Por baixo do manto de purpura está muitas vezes o flagellado; mais d'uma corôa de louro tem encoberto frontes que as lides primeiro encaneçaram, depois devastaram até das cãs. Dai a esmola de compaixão aos gloriosos.

.....
 « Que somos obrigados a acreditar de Ristori porque presenciámos, e de que os nossos netos sorrirão, por ventura, revela-nos, em parte, o sentido de alguns mythos.

« Querereis, vindouros, vós outros a quem enviamos o seu retrato, querereis conhecer a força, a magia d'este genio? Ristori resuscitou a tragedia, ou antes Ristori foi o Pygmalião d'esta poesia-estatuá, que ficará de pé no meio d'esta litteratura, tão diversa em tudo, em quanto subsistir a fada que a evocou.

A tragedia e Ristori morrerão no mesmo dia ».

(Extrahido do livro HOMENAGEM A ADELAIDE RISTORI — Rio de Janeiro, 1869).

N'este livro, que tem uma *Introdução* por Pedro d'Alcantara Lisboa, encontram-se reunidos os juizos da imprensa fluminense ácerca da eximia tragica; sendo da penna do dr. L. J. de Oliveira e Castro os artigos do JORNAL DO COMMERCIO; da de J. M. Machado de Assis, os do DIARIO DO RIO e da de H. C. Muzzio os da REFORMA).

NOTA

¹ Ernest Legouvé, referindo em uma conferencia os mais notaveis successos que antecederam e acompanharam a primeira representação da tragedia *Medea*, na qual ante o publico parisiense se estreou a eximia Ristori, e depois de patentear o valor imperterrito com que ella soube affrontar e vencer quantos obstaculos se lhe antepuzeram, exclama: — *Voilà, messieurs, ce que je nomme une artiste de combat!* — e prosegue:

« M^{me} Ristori a pu, grâce à cette vaillance, occuper dans l'histoire de l'art au xix siècle, une place égale à M^{lle} Rachel, en y remplissant une mission différente. M. Guisot les a définies d'un mot: « L'une, dit-il, est le modèle de la tragédienne aristocratique, l'autre de la tragédienne démocratique ». La tragédienne démocratique est la marquise. En effet, M^{lle} Rachel a été l'interprète incomparable de notre art français, qui est un art patricien; M^{me} Ristori représente l'art cosmopolite; l'une a relevé la tragédie dans notre pays; l'autre l'emportant dans un pan de son manteau à travers toute l'Europe, la popularisée dans les deux mondes; l'une enfin a servi la muse tragique en prêtresse et l'autre en missionnaire ».

CONFÉRENCES PARISIENNES — Paris, 1872 — pag. 204-205.

BASTA JÁ, SENHOR TRITÃO

Lê-se o verso acima transcripto na

« Carta ¹

*dirigida ao meu amigo, João de Pires Deus Ferreira, em que
lhe descrevo a minha viagem por mar até Genova*

« Meu Pires,

Despontava o dia em que a meus olhos, não sem sauda-
de, havia por alguns mezes desaparecer Lisboa,

Que merece bem o nome
De Bysancio occidental;
Onde o saber pouco val,
Tem valor só prata e ouro;
Branco assucar, rijo couro,
É melhor *ter*, que virtude:
Pelo menos assim pensa
Gente douta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin, Vienna, se
póde dizer que *sicut et nos manquejam de um olho*; não du-

vido : de Paris por ora nada digo ; espero as leis civis para ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

É então que a minha musa,
De cantar mais anciosa,
Ferirá de novo as cordas
De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que é a descripção da minha viagem até Genova. Por onde começarei ?

Cançada mimosa Aurora,
Para o leito se acolhia,
Em quanto Apollo açoutava
Os messageiros ² do dia.

Em vão Pyrois retoreia
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia ;

Porque Apollo enfurecido
Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horroroso estampido :

Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
Dos ginetes estalar
Por tal modo

que amanheceu emfim de todo. Confesso que é uma das manhãs longas que se teem visto raiar sobre o horisonte : mas emfim amanheceu. Era de esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhã fosse clara e brilhante : não succedeu assim ;

Porque densa escura nevoa,
Por entre o freio, escumavam
Os cavallos furiosos
Dos açoutes que aturavam.

Se lhe não agrada esta theoria, para explicar a origem das nevoas ; saiba que em poesia ainda se não deu melhor ; e se não é certa, ao menos é assás intelligivel para mostrar que a

manhã foi nebulosa. Irra! que manhã! eu mesmo já não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois ».

.....
 Feita esta transcripção, no intuito de tornar ainda mais conhecida a *viagem*, na qual, no dizer do *annotador* do PARNASO LUSITANO, o autor rivalisa com Chapelle e Bachaumont, vamos reproduzir a passagem onde se depara o verso tantas vezes citado :

Basta já, senhor Tritão ³.

.....

« Um Tritão todo coberto
 De marisco e verde limo,
 Traz sómente descoberto
 O nariz agudo e frio.
 Pelas ventas vem soprando
 Vento *Leste* enregelado,
 E dobra, de instante a instante,
 Seu furor endiabrado.
 Treme o mar encapellado,
 O baixel torcido geme,
 Mal segura o indocil leme
 O mancebo debruçado.

Que ha de ser de mim, meu Pires? em que lingua hei de fallar a este Tritão para abrandar a sua cólera? portuguez, italiano, latim, francez, inglez, é de que eu sei alguma cousa: mas quem póde adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou fallar-lhe em todas ellas, talvez que entenda alguma :

Basta já, senhor Tritão,
 (*Não entende*).
 Per pietà, Tritone amato,
 (*Menos*).
 Triton, I can no more,
 (*Tempo perdido*).
 Prudence, seigneur Triton,
 (*Peor*).

Ó Triton, esto pacato
Corde, animo, naso et ore.

Com effeito a esta última lingua fez um leve aceno; e é indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção anticipada, cada vez se accende mais em ira :

Eis que as bochechas engrossa;
Ai de mim, onde esconder-me!
Parece querer no abysmo,
De um só sôpro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine serras, montanhas, ondas, mares, céos, abysmos, Boreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajunte-lhe quatro adjectivos e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peor é que não se aplaca a que me persegue: vou de novo supplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se, aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes
Com medonho horrendo ronco,
E de sorver outras tantas,
Por ser um Tritão mui poreo,
O limoso verde monco;
Escorregando
Contradançando
Ligeiramente
No fundo mar
Em lisa gruta
Foi-se abrigar.

Bravo! bravissimo!

Baixa do Olympo
Terna Alegria,
Meigo sorriso:
De companhia
Às lindas Graças
De braços dados
Picantes Ditos
Venham ligados.

Entretanto começa a apparecer o Estreito : delicioso espectáculo ! encantadores momentos ! o vento tempestuoso tornou-se em um zephyro agitado : o mar embravecido apenas se move assás para impellir o navio. Quanto é bello contemplar o Autor da natureza ! (se este nome adoravel pôde repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se de repente e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha, ao longo das quaes lhe manda que se estenda, lambendo-as e deixando aos homens habitações que cultivem e fecundem com facil trabalho.

Meu senhor e meu Deus,
 Como ao longe se estende sobre a terra
 De vosso nome a gloria !
 Disseste, e logo rebentou, no seio
 Do informe *nada*, creadora força.
 Onde 'stavas, ó homem !
 Quando a luz entre as trevas resurgia,
 E qual soberbo 'sposo,
 No leito nupcial erguendo a frente
 Banhada em mil prazeres,
 Assim raiava de esplendor cercado,
 O sol, para emprender sua carreira ?
 Com gigantesco passo
 Desde um pólo a outro pólo se abalança
 Da terra que alumia
 As geladas entranhas animando
 Com celeste calor, prenhe de vida.
 Em que matta embrenhado
 Orgulhoso gemias, quando tudo
 Ao aceno cedia
 Do Soberano-Sér, que tudo impera ?
 De lucidas estrellas se adornava
 O firmamento altivo,
 De verdes plantas se vestia a terra,
 E sobre os eixos seus se equilibravam
 Os mundos que lançára,
 Com mão omnipotente sobre os ares.
 Meu senhor e meu Deus,
 Ah ! cante a minha voz, antes que eu morra,
 Um hymno de louvor ao vosso nome,
 Ao vosso nome santo ! »

Da mui estimada *Carta ao amigo Pires* é autor o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas ⁴, cujo nome, omitido no MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA por Theophilo Braga, é apontado como *um dos melhores lyricos modernos*, e como o *primeiro lyrico brasileiro*.

Assim, com effeito, o conceituam Garrett no *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* e J. M. Pereira da Silva no PARNASO BRAZILEIRO.

Diz o primeiro:

« O padre A. P. de Sousa Caldas é um dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *Super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima n'este genero.

« A *Cantata de Pygmalião*, a ode *O homem selvagem* são tambem excellentes ».

(ESCRITOS DIVERSOS do visconde de Almeida Garrett, pag. 119-120).

Diz o segundo:

« Primeiro lyrico brasileiro, elle preparou-se, depois de trabalhos e luctas com o mundo, á vida do céu... Ainda não tinha apparecido Lamartine, com os seus canticos de dôr, seus suspiros de enthusiasmo religioso, seu arrobamento celeste; e já Caldas tangia essa corda da lyra moderna... Caldas é um dos maiores poetas que conhece a lingua portugueza: os proprios portuguezes, como Garrett no seu prefacio ao PARNASO LUSITANO, e Stockler ⁵ em varios escriptos, são os primeiros a confessal-o, e que mesmo talvez maiores incensos queimem á gloria d'esse genio, tão raro e tão grandioso ».

Accorde com estes juizos é o de Sotero dos Reis (CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, tom. IV, pag. 241-286), e d'elles não dissôa o de Camillo Castello Branco no CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 253-254:

« Eis o nome de um poeta superior, e o maior que tiveram portuguezes na poesia sacra, mais que todas de difficil prosa, — em que a philosophia se ala até Deus sem se ajudar das azas da ascense mystica. O padre Sousa Caldas desferia can-

ticos religiosos de tanta unção, vehemencia e magestade que parecem preluzir algumas das *Meditações* de Lamartine. O rhythmo amolda-se-lhe á idéa com uma flexibilidade que decerto não era imitada dos exemplares da Arcadia. Alli ha genio, ha criação, ha bétas de luz que relampejam da espontaneidade inopinada como a dos cantares dos prophetas. As *Odes* são irreprehensivelmente grandes da belleza eterna, do primor immutavel da arte, e intitulam-se: *Sobre a existencia de Deus — Sobre a virtude da religião christã — Sobre a necessidade da revelação.*

« Póde ser que d'ahi se vislumbrem estros do autor da *Messiasda*, de Milton e de Young. Seja como fôr, o *Paraiso perdido*, as *Noites* e Klopstock não nos exalçam pela simples commoção do intimo sentir ás reconditas verdades do dogma. Entre as poesias profanas, a cantata *Pygmalião* é extremamente classica pelo adorno das pompas mythicas. No perpetuo diadema de Sousa Caldas a memoria de sua virtude e do seu desapego das glorias terrenas acrisola e justifica os quilates da sua poesia, e a alta e sincera inspiração de orador sagrado. Nasceu no Rio de Janeiro em 1762 e ahi expirou, com suspeitas de envenenado, em 1814 ⁶ ».

Reproduzindo as palavras de Garrett com relação ao autor da *Carta ao amigo Pires* transcrevemol-as de proposito do livro *ESCRITOS DIVERSOS*, do qual, pag. 63, passamos a copiar estas linhas de que convém tenham conhecimento os estudiosos :

« O *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* foi publicado pela primeira vez em Pariz, no principio, como introdução, do primeiro volume do *PARNASO LUSITANO*: colleção de que o snr. visconde de Almeida Garrett não quiz para si as honras de autor, pelo que se vé da seguinte *nota*, que vem no seu livro da *EDUCAÇÃO* ⁷ :

« Já em outra parte protestei que nada meu tinha no *PARNASO LUSITANO*, que publicou o snr. Aillaud, livreiro em Pariz, senão o resumo da historia litteraria de Portugal que vem no principio do 1.º tomo d'aquella colleção. É certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os autores e as pe-

ças; mas ausentando-me de Pariz antes de completa a impressão do 1.º volume, um homem por nome Fonseca ⁶, a quem de minha algibeira paguei para revér as provas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na collecção producções ridiculas de gente desconhecida, e que eu nunca vira, omitindo muitas das que eu escolhéra, enxovalhando tudo com pueris e indecentes notas, errando vergonhosamente até o índice das materias que eu preparára para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega, que faz rir a gente, e que está em contradicção com as regras que eu na prefação estabelecéra. Repito esta declaração para que me não attribuam as grossas tolices e grossas más-criações que emporcalham aquella obra, que tão bella podia ser ».

Ao lado d'este juizo, que se nos afigura nimio severo, de mui bom grado estampamos as judiciosas ponderações do consciencioso e abalisado autor do *DICC. BIBL. PORT.* (tom. VI, pag. 339 e 340):

« Por serem hoje mui raros os exemplares do *Tratado de Educação*, publicado em Londres no meio do anno de 1829, transcreverei aqui as suas palavras, assás explicitas e categoricas a esse proposito; embora não me pareça de todo justo e fundado em boa razão o conceito que apresenta A. Garrett ácerca do *Parnaso*, antes seja para mim fóra de duvida que indisposições particulares, ou queixas de resentimento pessoal, ainda não bem averiguadas, influiram poderosamente no seu animo, a ponto de lhe inspirarem as phrases de desfavor exagerado, com que a obra é maltratada e exposta á irrisão publica ».

E adiante :

« Este juizo talvez severo em demasia, e visivelmente apaixonado, não tolheu de todo a aceitação que o *Parnaso* ⁹ obtivera, e que continuou a merecer, apesar dos seus apregoados defeitos. A verdade é, que em compilações d'esta natureza ninguém pôde lisonjear-se de conciliar para si os suffragios de todos. Por mais acurada e escrupulosa que seja a escolha das materias, o que agradar a uns desagradará necessariamente a outros, segundo são sempre encontradas as opiniões e prefe-

rencias em assumptos de gosto, que a esthetica forceja em vão por sujeitar a regras invariaveis ».

NOTAS

¹ PARNASO LUSITANO, tom. v, pag. 144-188.

² É bem singular a variedade que ácerca d'estas desinencias, em, temos notado em algumas edições antigas : para exemplo citaremos as palavras *message* e *messageiro* que em Barros, Fr. Luiz de Sousa, e outros, assim se acham impressas, quando em todas as edições das obras de Camões achamos *mensagem* e *messageiro*. Estas palavras, vindo-nos da lingua franceza, que as formou das duas vozes latinas — *Missum gerens*, ou *missum gerit*, messenger, — e *missum gestum*, message, d'ellas igualmente fizeram os italianos *messagio* e *messagiero* : parece pois bem extraordinario que Camões, bom sabedor que foi não só das linguas grega, latina, e da nossa, que tanto enriqueceu, mas até da italiana, e da franceza, como nol-o certifica Fernão Alvares do Oriente (prosa vi, liv. 2, da *Lusit.-Transf.*) houvesse de escrever *mensagem* e *messageiro* ; quando a propriedade de nossa lingua (segundo Duarte Nunes de Leão) e a prova constante da etymologia nas palavras derivadas do latim é fugir o *n*. Devemos imputar a amanuenses e impressores anomalia tão desarrazoada, e não a Camões, que certamente não teve a pretensão de adulterar tal palavra com sons nasaes, nas syllabas, primeira e ultima. Em quanto não apparecer algum autographo de Camões, d'essa e d'outras poucas falhas em orthographia, que se acham na primeira edição dos *Lusiadas* de 1572, não lhe faremos cargo : e quando fôra possivel apparecer com ellas, diriamos que, alguma vez tambem, pôde *dormitar*, qual outro Homero. (T. L. V.).

³ A proposito de *Tritão* :

• Da nympha Salacia teve Neptuno um filho, a que se poz o nome de Tritão (alguns o dizem filho de Amphitrite por suporem Salacia um dos cognomes da deusa do mar). Tritão era uma divindade maritima, que só tinha corpo humano até á cintura ; d'ahi para baixo assemelhava-se a um peixe ; e mesmo o peito e os braços eram cobertos de escamas. Servia-lhe de trombeta um buzio, cuja sonoridade havia conseguido tornar harmoniosissima, e com que desempenhava o encargo de corneta d'ordens de seu pai. Camões descreve-o pittorescamente, quando no canto vi dos *Lusiadas* diz o seguinte :

• Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei e de Salacia veneranda,
Era manco grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu corroio.

Os cabellos da barba e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros mistibões que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta ».

Tritões se ficaram tambem chamando, com seu pai, todos os filhos que este deus procreou. Estas divindades subalternas constituíam o cortejo de Neptuno, cujo carro acompanhavam, soprando em buzios e tirando d'elles notas harmoniosissimas ».

(Extrahido do n.º 3, pag. 18 (*Mythologia*) da BIBLIOTHECA DO FOVO E DAS ESCOLAS — Lisboa, 1881).

⁴ Vej. DIC. BIBL. PORT., tom. I, pag. 231-232, e ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO, 2.º vol., pag. 271-275. — CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, por F. Sotero dos Reis — Tom. IV, pag. 231-288.

⁵ Francisco de Borja Garção Stockler. (Vej. DIC. BIBL. PORT. — Tom. II, pag. 354-358, e PRIMEIROS TRAÇOS D'UMA RESENHA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 46-50).

O DIC. BIBL., tratando do volume POESIAS LYRICAS, diz: « Cou-tém... o primeiro canto de um poema philosophico *As aves*, cuja originaria composição é do P. Caldas, brasileiro, mas foi por Stockler muito augmentado e melhorado; e finalmente uma extensa dissertação em prosa, sobre o rhythm e poesia da lingua hebraica ».

⁶ Leia-se a pag. 360 do RESUMO DA HISTORIA LITTERARIA, do sr. dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Do MOSAICO BRAZILEIRO extrahimos o que se segue e ahi se lê, de pag. 86-87 sob o titulo

« O POETA SOUSA CALDAS

Falleceu o notavel poeta fluminense Antonio Pereira de Sousa Caldas, em 2 de março de 1814, e teve sepultura na capella do capitulo no claustro do convento de Santo Antonio; recolheram-se seus ossos em uma urna, na qual escreveu o poeta José Eloy Ottoni o seguinte epitaphio:

Brasília splendor, verbo, sermone tonabat :
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.

Do Brasil esplendor, da patria, gloria,
 Discorrendo ou fallando trovejava;
 O discurso, a dicção, a essencia, a fórma,
 Tão veloz como o raio se inflammava.

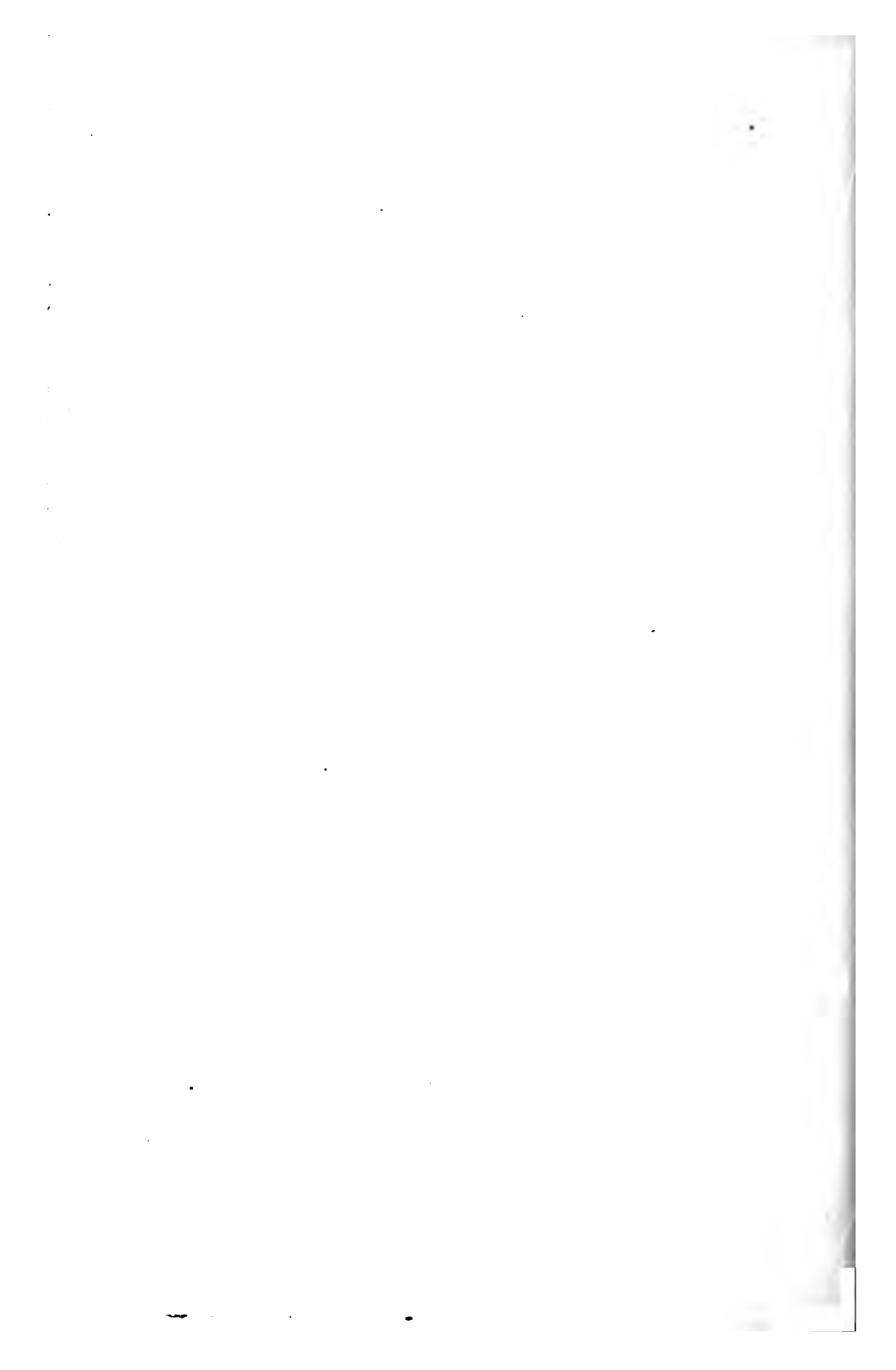
Ha annos fez o Instituto Historico algumas pesquisas para descobrir os ossos de tão distincto poeta lyrico, que haviam desaparecido por descuido... da patria, que tarde lembrou-se d'elles ».

⁷ Tambem á frente da *Adosinda* (edição de 1845 — tom. 1, pag. 4) se lê essa mesma declaração. — Vej. MEMORIAS BIOGRAPHICAS de Garrett por Francisco Gomes d'Amorim, tom. 1, pag. 388-389.

⁸ José da Fonseca. — Vej. tom. IV, pag. 334 do DICC. BIBL. PORT.

⁹ N'este mesmo artigo do DICC. BIBL. se lê :

« O academico francez, Mr. Raynouard, ao dar conta d'esta publicação em um dos numeros do *Journal des Savants* do anno de 1829, fallou d'ella com louvor, como de obra que desempenhava condignamente o seu assumpto ».



XI

COM TÃO MÁ GAMBIA ANDAS TANTO,
TANTO D'AQUI PARA ALLI!
PROCURADOR, NÃO ME ENGANAS:
TU PROCURAS PARA TI.

(BOCAGE — *Epigramma*).

I

Epigramma

« Esta frechasinha delicada (como diz Montesquieu nas *CARTAS PERSAS*), que faz uma ferida funda e inacessível a remédios, nem todos a manejam com igual mestria. Boileau e Voltaire eram dous génios gracejadores por excellencia, e todavia no epigramma ficaram inferiores a muitos poetas de mais baixa esphera ».

Com relação a Bocage, assim se exprimindo J. Feliciano de Castilho (*Memoria* publicada nos volumes VII e VIII da *LIVRARIA CLASSICA*) acrescenta:

« Os verdadeiros autores de grande parte dos seus epigrammas tambem fervem nos elysios ¹, pois mui grande numero, ainda d'aquelles que se imprimiram como originaes, são traducções ou imitações, e nem sempre melhoradas ». E o erudito autor da *Memoria* cita, como exemplos, os que indubitavelmente lhe parecem inspirados por outros, de Beauguard, de Marat, Voltaire, Lebrun, Marcial e Ausonio, declarando, entretanto, « que, se parte d'estes epigrammas imitados não apontam a origem, a culpa não é de Bocage, que não presidiu á publicação d'elles; sendo que a maioria dos que imprimiu nos tres tomos primitivos trazia quasi sempre a indicação das origens a que recorrera quem era incapaz de proceder como plagiario, defeito que Bocage com indignação imputa a outros ». Pag. 151-157.

Dos epigrammas que, por exclusão, podem ser considerados originaes de Bocage, passamos a trasladar um dos mais frequentemente citados:

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura;
Escapava da molestia
Se não morresse da cura.

« Entre os agudissimos epigrammas de Bocage ha um que se tornou popular pela valentia do desforço. É este:

Dizem que Flavio glotão
Em Bocage ferra o dente:
Ora é forte admiração
Vér um cão morder a gente ²!

« Pois ouçam agora um poeta da mesma escóla, que tem a honra de se encontrar com tão bom modelo, e que, por ser nascido na aldéa, não acha n'isso motivo para deixar sem prompta réplica a mordacidade d'um rival:

Tenho corrido mil terras,
 Mil terras tenho corrido,
 Muito cão me tem ladrado,
 Mas nenhum me tem mordido ».

L. A. Palmeirim — *A poesia popular nos campos*, pag. 37. Constitue este estudo a parte complementar da GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, pelo estimado cantor de *Luiz de Camões* (Vej. PARNASO PORTUGUEZ MODERNO, pag. 34) e da PRIMAVERA (Vej. LYSIA POETICA, *serie segunda*, pag. 39).

Concluimos esta 1.^a *parte* com a transcripção da *decima satyrica* impressa sob a rubrica *Epigrammas* a pag. 316 da SELECTA NACIONAL por Caldas Aulete (3.^a parte — Poesia); reservando para o artigo UMA GRAVE ENTOAÇÃO o que se nos offerece dizer ácerca da edição ³, prefaciada e dirigida por Alfredo do Valle Cabral, das obras poeticas de Gregorio de Mattos, autor da *decima satyra* supra-indicada:

A um encadernador

Levou um livreiro a dente
 De alface todo um canteiro,
 E comeu, sendo livreiro,
 Desencadernadamente.
 Porém eu digo que mente
 A quem d'isso o quer taxar;
 Antes é para notar
 Que trabalhôu como um mouro,
 Pois metter folhas no couro
 Tambem é encadernar.

II

O *desencadernadamente* da *decima* acima transcripta aviva-nos a reminiscencia d'uns versos do *Debique*, conto em fór-

ma epistolar, por Francisco Manoel do Nascimento (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 446-457, e CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, por F. Sotero dos Reis, tom. IV, pag. 122), mais geralmente conhecido pelo nome poetico que lhe deu D. Leonor de Almeida (Vej. D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre no DICC. BIBL. PORT., tom. V, pag. 177-178, e nas GLORIAS PORTUGUEZAS ⁴, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, tom. I, pag. 115-159), primeira marquez de Alorna e poetisa de larga instrucção. (C. Castello Branco—CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 207).

Damos em seguida os versos a que alludimos, extrahindo-os do PARNASO LUSITANO, tom. IV, pag. 382-383 :

Eis que, como Quevedo, me resolvo
 A debicar comvosco, meus francelhos,
 Que vos desempulhaes de meus socates,
 C'um baboso dizer — « *Patrão da lanca
 Carregada das drogas da antigualha* ⁵ ».
 Cuidaes que me insultaes : e eu tenho em honra
 Ter os classicos lido, e ter lembrança
 De suas nobres phrases, quando' escrevo,
 Que assim fazia Freire, assim Vieira,
 Dous lumes da eloquencia portugueza,
 No seculo anterior. Que (por desgraça
 Da lingua nossa!) os outros escriptores
 Imitar não souberam. Succedeu-lhes
 Um phrasear mesquinho, um mui-poupado
 Meneio de palavras. — Já d'essa era,
 Todo o termo por nescios não sabido,
 Era a desterro injusto condemnado.
 Então se entrou a arremeçar no olvido
Soer, quiçá, mau grado, apraz, asinha ⁶,
 E outras vozes de energica estreiteza,
 (Nobres na Castro, nobres nos Lusíadas)
 Para as substituir com termos oucos,
 Com palavrões sesquipedaes, basofios,
 Com adverbios de longo rabo-leva,
 Como este, que d'um verso a casa occupa :

MISERICORDIOSISSIMAMENTE,
 Que se cantou por fecho d'um soneto,
 Impresso n'umas festas muito régias.

Do *Debique* reproduziremos ainda estes versos em honra da — *lingua, na qual quando imagina, — com pouca corrupção creê que é latina* (Camões — LUSIADAS, cant. I, est. 32):

A lingua portugueza pura e clara
Viverá quanto vivam amadores
Da latina facundia, mãe da lusa,
Quanto vivam Camões e vivam Ferreiras.

(Pag. 884-886).

Abstrahindo, n'este lugar, da indicação dos juizos criticos, que podem ser consultados a respeito de Filinto Elyσιο, « o oraculo da limitada assembléa de litteratos, verberados nas satyras de Garção e do congregado Manoel de Macedo » (CURSO DE LITTERATURA precitado, pag. 207), o escriptor que nos serviços que prestou á lingua portugueza « valeu só per si uma academia, e fez mais que ella (*Bosquejo da historia da poesia e da lingua portugueza*, pag. lxj), concorremos para ampliar a circulação d'uma noticia litteraria que, a nosso vér, convém divulgar :

« O espolio de Filinto Elyσιο foi comprado por 12\$000 reis e vendido em 1834 a Sergio Teixeira de Macedo (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. VII, pag. 256, e GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRÉS, tom. I, pag. 103-106), secretario da legação brazileira em Paris ».

(Camillo Castello Branco — CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 208-209).

III

A 3.ª e ultima *parte* d'este artigo consistirá na transcripção de alguns apreciados *epigrammas* de poetas portuguezes e brazileiros.

A um avaro

Fabio, ao cahir da noite humida e fria,
Do chupado carão despe a alegria;
Não porque chore o sol, do dia enfeito,
Mas porque accende a luz que gasta azeite.

FRANCISCO MANOEL.

Outro

Exclamou certo avaro
A um que se ia enforçar :
— Feliz homem, que tres dias
Pôde comer sem gastar !

A. F. DE CASTILHO.

Epigramma

Muitas vezes meus versos me pediste
Que t'os mostrasse, e nunca t'os mostrei;
Em não pedir-te os teus, se bem sentiste,
Entenderias porque t'os neguei :
Da paga me temi, se a não teméra,
Muitas vezes meus versos já te lera.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

A menina á la moda

« — Ai, Maria ! Vem depressa,
Desaperta este collete ;
Eu me suffoco . . . ai, já temo
Estourar como um foguete ! »

« — Nhanhásinha, está tão bella ! . . .
Mas emfim dá tantos ais . . . »

« — Oh espera ! Estou bonita ?
Pois então aperta mais » .

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Epigramma

— Já está muito adiantado,
Já deixou o portuguez ? . . .
Pergunta que a estudante
Um homem sisudo fez.

— Já aprendi o latim,
 Agora estou no francez.
 — Como se chama seu mestre?
 — *Leonardo Ant6nho Gracez.*

BERNARDINO JOSÉ BORGES.

Epigramma

Em que consiste a sciencia
 D'este engenheiro *civil*?
 — Sabe dar muita *excellencia*
 E faz cortezias mil.

PADRE JOSÉ JOAQUIM CORRÊA D'ALMEIDA 7.

Para acabar; ahí vão duas graciosas producções no gene-
 ro epigrammatico — *desafio entre Bocage e Nicolau Tolentino*
 — e *entre Bocage e Bersane*:

I

A Nicolau Tolentino

Se o Padre Santo tivera
 Um pé tão grande, e tão mau,
 Podia mesmo de Roma
 Dar beija-pé em Macau.

Resposta

Eram tres juntas de bois,
 E d'aquelles mais selectos,
 A puxar pelos sapatos,
 E os sapatos quietos!

NICOLAU TOLENTINO.

II

A um canapé velho 8

Fugiu do incendio de Troya,
 Lá d'esse incendio voraz,

Enéas co'o pai ás costas,
E o moço co'aquillo atraz.

JOSÉ BERSANE.

Lá que Deus formou o mundo
Em seis dias é de fé,
E ao setimo descansou
Aqui n'este canapé.

BOCAGE.

Inda antes d'existir mundo
E inda antes de haver Adões,
Já eu tinha este preguinho
Com que rompia calções.

JOSÉ BERSANE.

Quando a velha Eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé:
— Sua benção, meu avô.

.....

BOCAGE.

NOTAS

¹ Allusão ao verso — *cujos credores nos elysios fervem* — da famosa satyra litterariamente conhecida pela *Pena de Talião*; desforço pujante de Bocage á objurgatoria com que José Agostinho de Macedo tentou affrontal-o e deprimil-o. Macedo (*Elmiro Tagideu*) escreveu:

« Sempre, ó Bocage, as satyras serviram
Para dar nome eterno, e fama a um tolo.
Vive Crispino, e Cloviano, e Codro,
De Juvenal nas satyras sublimes;
E d'Horacio o rival deu nome e fama

Ao pedante Cotin. Eu não quizera
 Teu nome eternisar: mas a verdade,
 A justiça, a razão, mais alto bradam,
 E o flagello da satyra merece
 Teu estovado orgulho e audacia tua ».

E concluire assim sua decantada satyra :

«Ela, pois, meu Bocage, entra em ti mesmo,
 Se queres ser louvado ajunta e prende
 Boa moral com sonoras rimas ».

« Não dorme Elmiro, que tu chamas Zollo,
 Não deixa a minha musa o orgulho impune ».

Bocage, *Elmano Sadino*, acompanhando par e passo o valente antagonista, retalia :

« Satyras prestam, satyras se estimam
 Quando n'ellas Calumnia o fel não verte,
 Quando voz de censor, não voz de zollo,
 O vicio nota, o merito gradua;
 Quando forçado epitheto affrontoso
 (Tal, que nem cabe a ti) não cabe áquelles
 Que já na infancia consultavam Phebo.

Befalsado animal, das trevas socio,
 Depõe, não vistas de cordeiro a pelle!
 Da razão, da moral o tom, que arrogas,
 Jámais purificou teus labios torpes,
 Torpes do lodaçal, d'onde zunindo
 (Nuvens de insectos vis) te sobem trovas
 Á mente erma de idéas, nua de arte.

Como has de, ó Zollo, eternisar meu nome,
 Se os Fados permanencia ao teu vedaram?
 Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
 Que os vates, que os heroes transpõem seguros,
 Tem fatal boqueirão, por onde absorto
 Irás ao vilpêndio, irás ao nada,
 Ficando em cima illeso, honrado o nome,
 Que em dietarios plebéus, em chulas phrases
 Debalde intentas submergir contigo?
 Empraza-te a Razão; responde... e treme! »

E remata :

*

« Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me,
 Porque do Pindo seu te enxota Phebo *.
 Fregôa, espalha em satyras, em lojas,
 Que Zollos não mereço, e sê meu Zollo;
 Chama-me de Tisiphone enteado,
 Porque em femeo-belmirico falseste
 Não pinto os selos, não descrevo a morte:
 Erra versos, e versos sentençaia;
 Condemna-me a cantar de Uilna, e d'annos;
 Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
 Ignora o «baquear», que é verbo antigo,
 Dos Sousas, dos Arraes edmente usado;
 Metonymias, synedoches dispensa;
 Dá-me as pueris antitheses, que odeio;
 D'estafador de anaphoras me encoima;
 Faze (entre insanias) um prodigio, faze
 Qual anda o saranguejo andar meus versos;
 Suppõe-me entre barris, entre marujos;
 (D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
 Mas não desmales na carreira; ávante,
 Ela, ardor, coração... valdade, ao menos.
 As citavas ao «Gama» esconde embora,
 N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo;
 Mas venha o mais! Epistolas, sonetos,
 Odes, canções, metamorphoses, tudo...
 Na frente põe teu nome, e estou vingado ».

² Vej. LIVRARIA CLASSICA — tom. VIII, pag. 89-45.

³ Lê-se na sessão *Livros e Letras* da GAZETA DE NOTICIAS, de 20 de agosto de 1881:

« Continúa no seu proposito de publicar as obras de Gregorio de Mattos o distincto e consciencioso editor, Valle Cabral.

O tomo I já está quasi terminado e o II não tardará a começar.

A obra sahirá mais completa do que Valle Cabral esperava a principio, poisque ultimamente tem encontrado novos manuscritos, os que pertenceram a Innocencio da Silva e hoje fazem parte da bibliotheca particular do imperador.

Ahi existem poesias ainda não conhecidas, além de variantes de importancia. A biographia do poeta, escripta pelo laureado Rebello, está ahi mais completa e inclue a de seus dous irmãos Pedro e Eusebio de Mattos ».

⁴ Além da marquezia de Alorna trata o livro GLORIAS PORTUGUEZAS: de Silvestre Pinheiro Ferreira (Vej. DIOP. BIBL. PORT. — tom. VII, pag. 259-273); de José Corrêa da Serra (Vej. OBR. ORT. — tom. IV, pag. 336-341), e de D. João Carlos de Bragança, duque de Lafões.

D'este livro escreveu Luciano Cordeiro uma apreciação que se

* Vej. a nota a pag. 108 do tomo VIII da LIVRARIA CLASSICA.

encontra de pag. 187 a 214 no SEGUNDO LIVRO DE CRITICA — *Arte e Literatura portugueza d'hoje (Livros, quadros e palcos)* — 1871.

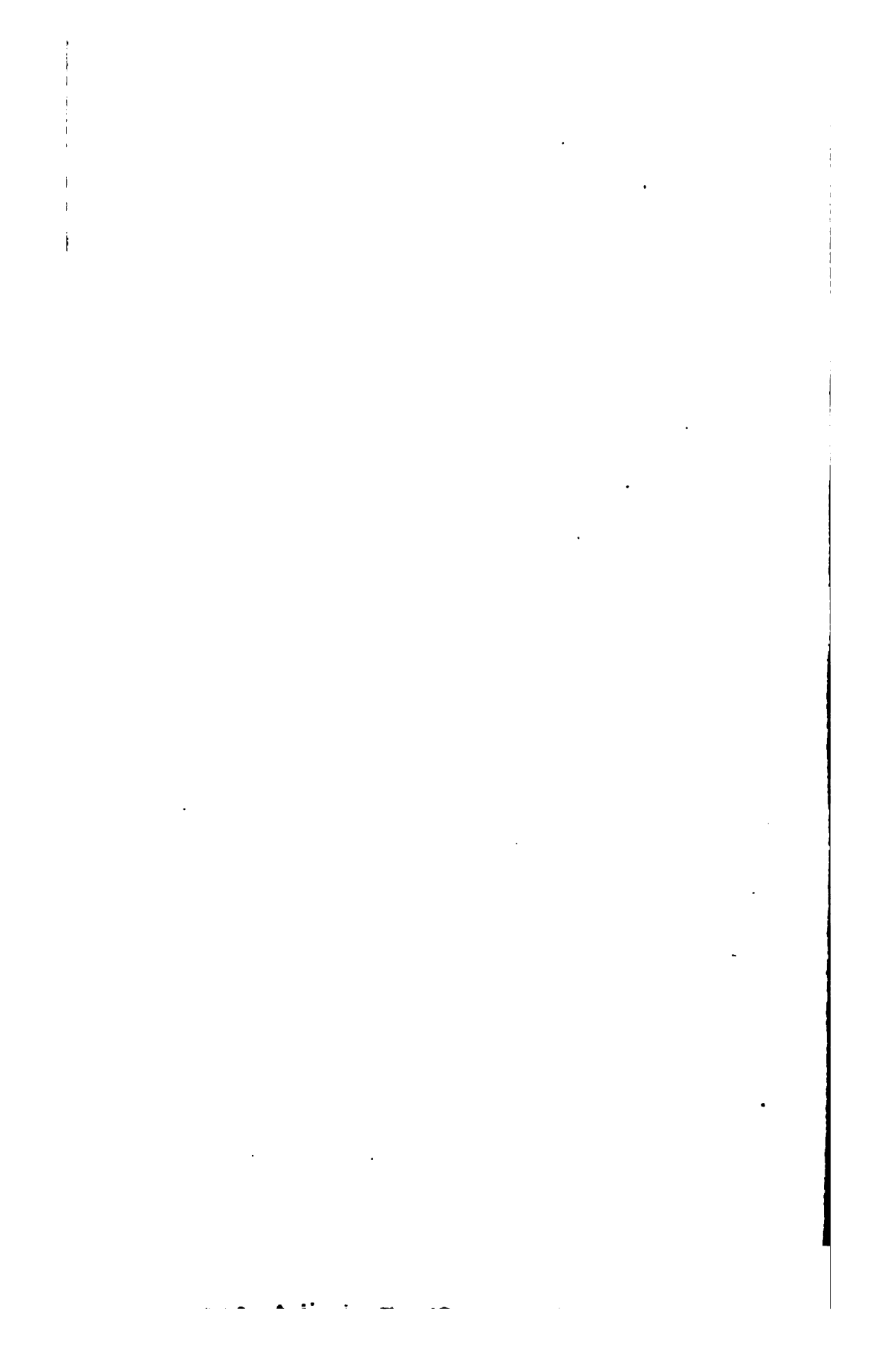
⁵ Este rotulo desenxabidamente escripto por quem nunca me conheceu; e imputado o crime a mim, por obras, que outros traduziram ou compuseram; melhor, e mais frisante ficára se dissesse — *carregado de drogas atrevidas*. — Por uma palavra talvez antiga que se achar nos meus versos, acertarão (se bem olharem) com vinte, ou já novas na lingua, ou já compostas, ou já translatas bem atrevidamente. A palavra que mais energica me explica o pensamento, é a de que lanço mão, sem lhe perguntar de quantos annos é, nem quem foi seu pai, ou sua mãe, nem quem foi o cura que a baptizou.

⁶ Não é facil descobrir-se, que é o que acham de feio e nojento em semelhantes expressões, uma vez que estão feitas portuguezas, e autorisadas nos livros classicos, sobre o serem energicas e sonoras.

⁷ Tem publicado 7 volumes de SATYRAS, EPIGRAMMAS e OUTRAS POESIAS.

⁸ A proposito d'este certame lê-se na LIVRARIA CLASSICA, tom. VII, a seguinte nota:

«Indo um dia Bocage visitar José Bersane com os seus calções novos de sêda preta, atirou-se para um canapé, que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traiçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento d'alto a baixo lhe rompeu os calções. Levantou-se Bocage desesperado, e perfilando-se com o decrepito canapé, começou a dar-lhe uma grande descompostura. Primeiramente em prosa, depois em verso, que foi secundada pelo seu espirituoso confrade das musas».



XII

CONSOLAM NO INFORTUNIO, REGREIAM NA PROSPERIDADE

É o periodo conclusivo do juizo do douto escriptor da MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA, conselheiro Antonio José Viale (BOSQUEJO METRICO — 4.ª edição, pag. 224) ácerca de D. Francisco Manoel de Mello ¹, um dos primeiros eruditos do seu tempo (seculo xvii), e talvez o prosador mais substancial e conciso da lingua portugueza», na opinião de Rebello da Silva (HISTORIA DE PORTUGAL — tom. iv, pag. 198):

«As obras de D. Francisco Manoel, por muito varias, moraes e repassadas do mais fino atticismo, são maravilhosamente adaptadas para a leitura util e agradavel de mais de uma qualidade de leitores, nas mais diversas situações da vida. Consolam no infortunio, recreiam na prosperidade».

Do autor da FEIRA DOS ANNEXINS escreveu Camillo Castello Branco, prefaciando a edição de 1873 da CARTA DE GUIA DE CASADOS:

«D. Francisco Manoel de Mello tem duas celebridades: a do talento e a da desgraça.

«Da fama que lhe apregôa o espirito mais culto e univer-

sal do seu tempo, temos a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje lidos com prazer e por estudo.

«Da que lhe vem do infortunio sabe-se pouco e nebulosamente».

Para rastrear o conhecimento do infortunio que enlutou a existencia do «homem que no seculo xvii apresenta em Portugal a mais alta concepção da historia no livro sobre *as Guerras da Catalunha*; a quem ninguem na Europa igualava então no vigor das narrações e na unidade philosophica dada aos factos por um criterio aprendido na vida real, como parte activa nas revoluções, como victima das arbitrariedades, como prudente nas negociações diplomaticas, e como bom poeta, com esse dom de animar o que se passou diante dos seus olhos, ou o que o impressionou profundamente» (Theophilo Braga — HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 396), mui conveniente será a leitura do

*Memorial ou Justificação
offerecida a el-rei D. João IV
por D. Francisco Manoel.*

Publicando, á frente da mencionada edição da *Carta de guia de casados*, copia integral do alludido *Memorial*, reproduz Camillo Castello Branco o seguinte juizo enunciado por Alexandre Herculano no *Panorama* de 1840 ácerca d'aquelle importante documento :

«... é talvez o mais eloquente arrazoado, escripto na lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. D'elle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de enredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do xv seculo». Pag. 5-6.

O traslado da justificação de D. Francisco Manoel de Mello tem, na edição acima indicada (pag. 8), o titulo :

Memorial*A El-Rei D. João IV. N. S.**Offereceu D. Francisco Manoel de Mello**Preso ha seis annos por parte da sua Justiça.**Justificação de suas acções, ante Deus, ante Vossa Magestade, e ante o mundo, contra as falsas calumnias impostas por seus inimigos.**Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter: qui autem depravat vias suas manifestus erit.*

Proverb. c. 10 n.º 9.

Nas seguintes palavras substancia D. Francisco Manoel de Mello a doutrina da sua CARTA DE GUIA DE CASADOS:

« Senhor meu. — Casa limpa. Mesa aceada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavallo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Joias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem. Casas proprias. Quinta pequena. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos vizinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido christão; é boa vida, e boa morte ». (Pag. 200, ed. de 1873).

« Poeta, historiador, moralista, epistolar, e até ascetico, sempre ameno e sentencioso no estylo, e fluente na dicção, cultivou tão diversos generos com reconhecida vantagem, revelando mais ou menos em todos os elevados quilates do seu engenho, e deixando-nos, em alguns, modelos acabados para imitação e estudo»: taes são as expressões com que a D. Francisco Manoel de Mello se refere o insigne bibliographo portuguez, Innocencio Francisco da Silva, nas *Paginas Preliminares*, I a XLIX da ultima edição (1875) da FEIRA DOS ANNEXINS, onde se acham citados ou, pelo menos, indicados os juizos de Rebello da Silva, Silva Jullio, A. J. Viale, C. Castello Branco e outros distinctos escriptores, nomeadamente Quitana e Gil de Zárate, hespanhoes.

Completaremos estas indicações, chamando o attenção do leitor para os autorizados juizos de Theophilo Braga e de Philarete Chasles insertos NO MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 396-397.

Na *Carta de guia de casados*, advertindo D. Francisco Manoel de Mello que « uma das cousas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados é a proporção do casamento »; pois que « a desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradicção; a contradicção, discordia »; assim se exprime:

« Dizia um nosso grande cortezão, que havia tres castas de casamento no mundo: *casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte*. De Deus, o do mancebo com a moça. Do diabo, o da velha com o mancebo. Da morte, o da moça com o velho.

« Elle certo tinha razão, porque os casados moços podem viver com alegria. As velhas casadas com moços vivem em perpetua discordia. Os velhos casados com as moças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias ». (Pag. 68).

Da CARTA DE GUIA DE CASADOS diz C. Castello Branco na *Advertencia*, pag. 55, da preindicada edição de 1873:

« A *Carta de guia* pertence á pequena collecção d'esses livros de philosophia, que nunca descahem de sua virilidade, e vão de par, pelos seculos dentro, com as renovadas gerações, refflorindo perpetua mocidade ».

Completemos este artigo dando noticia de outra apreciavel obra de D. Francisco Manoel de Mello: a

Feira dos Annexins

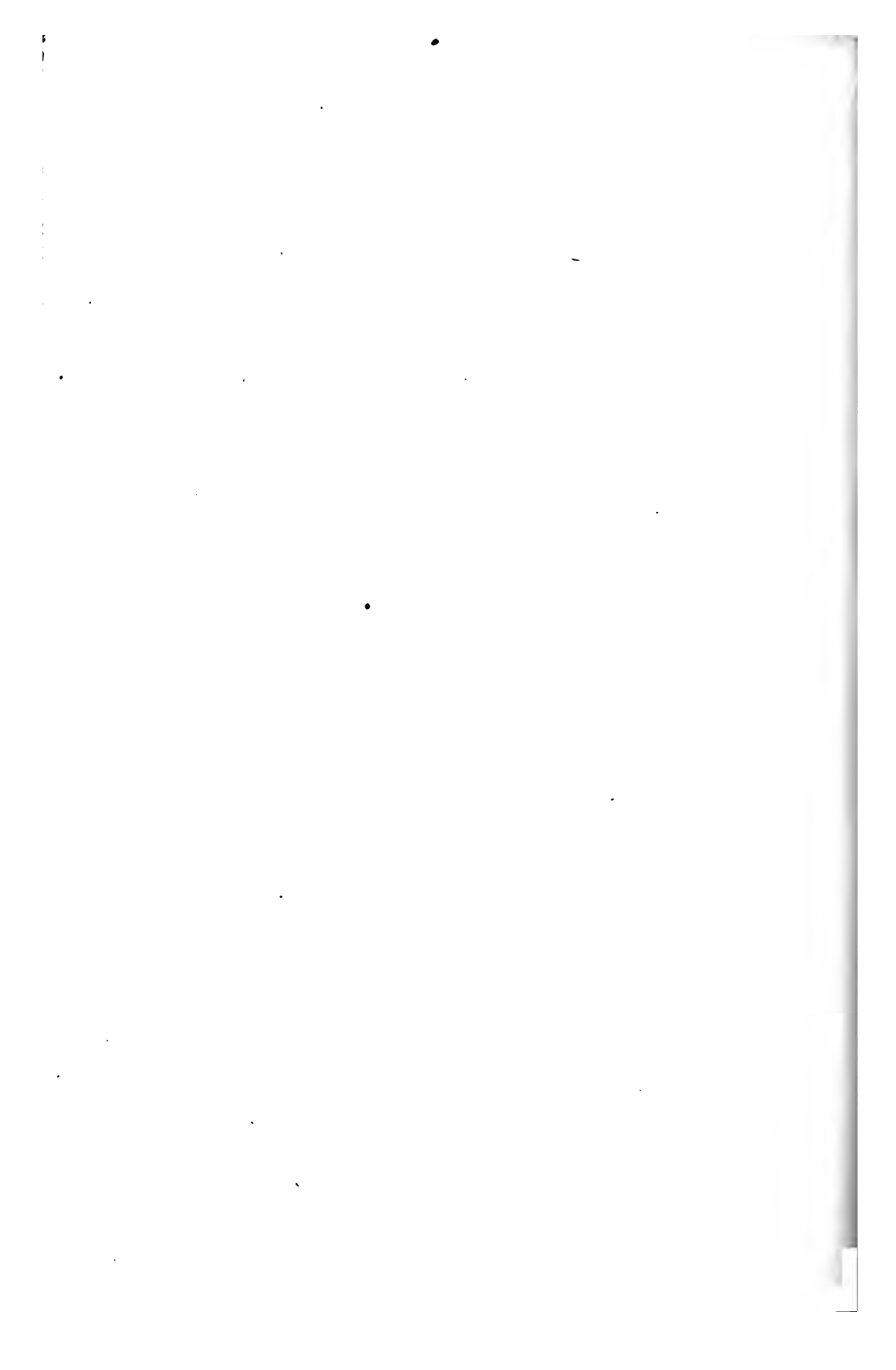
Esta obra posthuma de D. Francisco Manoel de Mello é antecedida de algumas *palavras preliminares*, escriptas pelo

editor, Innocencio Francisco da Silva, ás quaes servem de epigraphes as seguintes palavras trasladadas de um artigo publicado por Alexandre Herculano em o volume 4.º do *Panorama* (1840):

«... é a *Feira dos Annexins*, livro curioso, em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza e do verdadeiro estylo dramatico, cousa a mais difficil, talvez, n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracões e expressões falsissimas, que aprendem pelos livros do visconde de Arlincourt, e ainda dos grandes autores dramaticos francezes...» (Pag. III).

NOTA

¹ Consultem-se além das obras n'este artigo mencionadas as seguintes: *DICC. BIBL. PORT.*, tom. II, pag. 437-446; *CURSO ELEMENTAR de Litteratura Nacional*, pelo conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, lição XVI, pag. 261-265; *CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA*, por Camillo Castello Branco, pag. 114-125 e a *THESE para o concurso da cadeira de rhetorica, poetica e litteratura nacional do Internato do Collegio de D. Pedro II*, por José Maria Velho da Silva (Rio de Janeiro, 1878), pag. 12-14 e 23 e os *MUSICOS PORTUGUEZES*, por Joaquim de Vasconcellos, tom. I, pag. 252-260.



XIII

DAS ALMAS GRANDES A NOBREZA É ESTA

Este *mote* foi de improviso glosado em soneto por Bocage (Vej. Manoel Maria Barbosa du Bocage — DICC. BIBL. PORT. — tom. v, pag. 45-53). Onde, quando e como — refere J. F. de Castilho no tomo VII, pag. 227-228 da LIVRARIA CLAS-SICA :

« Em Santarem, havia assembléa em casa de Benevides : uns jogavam, conversavam outros. Ia servir-se o chá, quando, ao passar uma menina junto da porta a que o poeta estava recostado, ex-abrupto lhe pergunta este :

— O meu amor gosta de mim ?

A resposta não menos abrupta foi uma estridula bofetada.

Alaridos geraes, espantos, satisfações, recriminações, confusão e desordem na sociedade; estes estranhando o acto da senhora, o maior numero criticando a audacia do insolente, até que um dos circumstantes, desejoso de abafar tamanhas iras, teve a idéa feliz de explicar ambos os acontecimentos por simples e mutuo gracejo. Admittida a interpretação, arvorou-se a companhia em tribunal, semelhando as antigas Côrtes

de Amor. Ouvidos os depoimentos das testemunhas, interrogatorios dos réos e allegações dos advogados, o tribunal condemnou summariamente a dama a cantar uma modinha; ao poeta á fazer um soneto sobre o mote que lhe fosse dado pela offendida. Cumprida a sentença pela senhora, deu-lhe por mote:

Das almas grandes a nobreza é esta; que o offensor glosou do seguinte modo (inedito):

Apertando de Nise a mão nevada,
A furto lhe pergunto : De mim gosta ?
Cala-se Nise... e manda-me resposta
Nas azas d'estrondosa bofetada!

« *Que é isso ?* » grita a mãe. « *Senhora, é nada* »,
Lhe responde com voz branda e composta.
Ferve susurro aqui ; e á parte opposta
Rebenta insultuosa pateada.

« Calai-vos, lhes gritei, homens incultos !
« Achei Nise guardando o lume a Vesta,
Quando julguei que a Amor rendia cultos.

« Sou *nobre !* sou *heroe !* vamos á festa !
« Amar, e por amor soffrer insultos,
« Das almas grandes a nobreza é esta ! »

O mote — *Das almas grandes a nobreza é esta* — foi tambem glosado por Elmano Sadino (nome arcadico de Bocage) no seguinte

Soneto

Ser prole de varões assignalados,
Que nas azas da fama e da victoria
Ao templo foram da immortal Memoria
Pendurar mil trophéos ensanguentados :

Lêr seus nomes nas paginas gravados
 D'alta epopéa, d'elegante historia;
 Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,
 Almas soberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito
 De innocentes, que um barbaro molesta,
 Prezar o sabio, consolar o afflieto;

Prender teus vôos, Ambição funesta,
 Ter amor á virtude, odio ao delicto,
 «Das almas grandes a nobreza é esta ¹».

É o soneto n.º 153 do vol. I, pag. 162, das OBRAS POÉTICAS de Bocage, publicadas pela *Bibliotheca da ACTUALIDADE* — Porto, 1875, 7 volumes, aos quaes serve de complemento um volume com o titulo BOCAGE — *sua vida e epoca litteraria*, por Theophilo Braga — Porto, 1876.

Ha outra edição tambem mui apreciada das *Obras poeticas* de Bocage; é a seguinte: *POESIAS de Manuel Maria Barbosa du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva* — Lisboa, 1853. 8.º grande.

O CATALOGO SUPPLEMENTAR dos livros do GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA no Rio de Janeiro, mencionando (n.º 13086) a sobredita edição, reproduz as palavras que passamos a transcrever:

«O snr. Innocencio Francisco da Silva, modesto e laborioso cultor das letras patrias, critico sincero e atilado, bibliographo pacientissimo e infatigavel, mostrou n'esta edição como se devem dispôr e ordenar as obras de um autor polygrapho; como se devem estremar as genuinas das apocryphas; como se devem restituir as lições deturpadas, e finalmente como em breves e concisas notas se deve esclarecer o leitor, e encaminhal-o a perceber o sentido dos lugares que o tempo tem tornado menos intelligivel». (*J. H. da Cunha Rivara*, «O PANORAMA», vol. XI, pag. 216).

Praz-nos extrahir do precitado CATALOGO SUPPLEMENTAR, pag. 164, mais esta indicação bibliographica :

« POESIAS SELECTAS de Manuel Maria Barbosa du Bocage, colligidas e annotadas por J. S. da Silva Ferraz, e precedidas de um esboço biographico por J. V. Pinto de Carvalho — Porto, 1864. 8.º (Não sahe).

« Dão summa valia ao presente exemplar as notas e correções ao *Esboço biographico* escriptas marginalmente por letra do dr. conselheiro J. F. de Castilho ».

O segundo soneto reproduzido n'este artigo acha-se tambem impresso no livro de que passamos a transcrever a seguinte autorizada noticia, inserta sob a rubrica *Diversas publicações* na REVISTA BRAZILEIRA de 15 de janeiro de 1881:

« NOVA SELECTA CLASSICA, compilada dos melhores autores nacionaes e estrangeiros para uso das aulas de instrução primaria e secundaria, pelo bacharel em direito João Baptista Regueira Costa; Recife; editor-proprietario J. W. de Medeiros, 1880.

Esta importante collecção de trechos quer em prosa, quer em verso, approvada pelo Conselho Litterario de Pernambuco, recommenda-se pela boa escolha e methodo que confirmam os bons creditos do dr. Regueira Costa.

A parte em prosa divide-se em *Descripções e quadros, Retratos e caracteres, Narrações ficticias e historicas, Definições ou amplificações, Cartas politicas e litterarias, Philosophia e moral, e Discursos e trechos oratorios*; a parte em verso divide-se em *Poesia lyrica, Poesia pastoril, Poesia narrativa, Poesia elegiaca, Poesia didactica, Poesia epigrammatica, Poesia descriptiva, Poesia epica e Poesia dramatica*.

O livro abre-se com a descripção do Paquequer, com a qual se abre o *Guarany* de José de Alencar, descripção eminentemente brasileira, decorada com os adornos da imaginação que havia de dar tantos fructos da mesma natureza.

Além de José de Alencar, figuram ahi outros nomes que merecem a nossa justa estima — J. F. Lisboa, Ferreira Barreto, Mont'Alverne, Rocha Pita, Antonio Carlos, Gonçalves, Junqueira Freire e muitos outros.

Para o uso a que se destina é um dos nossos melhores livros ».

De trabalho congenere é autor Felix Ferreira, a cuja penna se deve tambem o livro NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA, que nos abre espaço ás seguintes linhas com que prestamos homenagem de apreço a esse escriptor tão intelligente quão modesto e operoso.

Depois de mencionar, na antiguidade pagã, rasgos de dedicação feminina, diz Felix Ferreira ² a pag. 99 do seu estimado livro NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA :

« Nos tempos modernos tambem a nossa historia registra, cheia de orgulho, um dos mais admiraveis sacrificios da mulher á fidelidade conjugal. Maria Barbara, esposa de um simples soldado, da provincia do Pará, accommettida em lugar ermo por um malvado que á viva força pretende maculal-a, prefere a morte á deshonor, e, assim, acaba tristemente aos golpes do barbaro assassino.

« Um poeta distincto e seu comprovinciano, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, inspirado pela sublimidade do assumpto, dedicou á sua memoria este mavioso e sentido soneto, que muito honra a nossa litteratura :

Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito,
Esta nova ao esposo afflicto, errante...

Diz-lhe como do ferro penetrante,
Me viste, por fiel, cravado o peito,
Lacerado, inseulto e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte ;
Porém, que allivio busque á dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurára,
Á mancha conjugal prefere a morte.

Releva observar que o factó apontado no livro *NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA* é succintamente referido nos *BRAZILEIROS CELEBRES*, volume em que, a pag. 65, se lê o soneto acima reproduzido. O prestante autor d'este livro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, a quem as letras patrias devem valiosos serviços (Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tom. iv, pag. 138-142), referindo-se a Maria Barbara, escreveu (pag. 64):

« Desconhecida esposa do ignorado soldado, Maria Barbara, que tantas provas havia dado do seu amor conjugal, foi assassinada cobarde, fria e cruelmente junto da Fonte do Marco, não longe da cidade de Belem, capital da provincia do Pará, pela mão homicida que embalde pretendeu manchar a sua castidade, preferiu a morte á deshonra, e, como mansa ovelha, coroáda das flôres do sacrificio, deixou-se degolar pelo perfido assassino, que lhe abriu as portas da gloria ao som dos hossanas dos santos e innocentes martyres.

Tomou de um anjo as scintillantes azas,
E para o céo voou! »

De Maria Barbara trata tambem o *ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO*, 2.º vol., pag. 338-385.

NOTAS

¹ Este *mote* foi tambem glosado de improviso em soneto pelo dr. Evaristo Nunes Pires na occasião em que « o inclito general Osorio, pela terceira vez e ainda não restabelecido do ferimento que recebera no combate de *24 de maio*, voltou aos campos do Paraguay ».

² Tem este esclarecido e diligente editor dado á estampa obras litterarias de valor. D'entre estas a de que tratou nos seguintes termos a *REVISTA BRAZILEIRA*, de 15 de abril de 1880, na rubrica *Diversas publicações* :

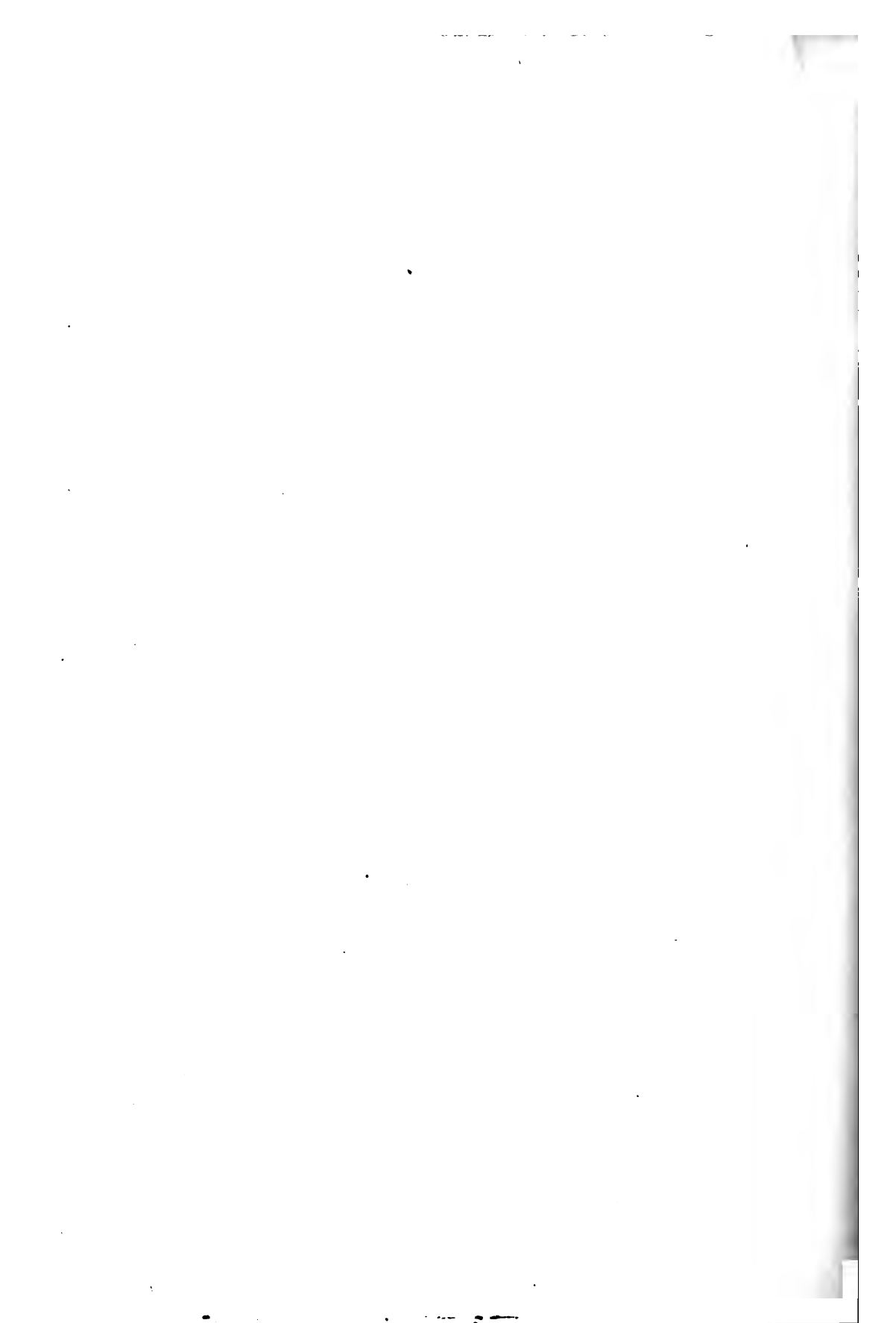
« *TRECHOS SELECTOS DOS AUTORES CLASSICOS*, por Felix Ferreira, 1 vol.; editores Felix Ferreira & C.ª — Rio de Janeiro.

Os áutores que figuram n'esta selecta são M. Bernardes, Rodrigues Lobo, fr. Luiz de Sousa e Camões, de cada um dos quaes se dá uma noticia resumida, mas exacta.

Foram ociosas quaesquer reflexões que houvessemos de fazer sobre a utilidade e o merecimento d'esta obra, que por si mesma está julgada, visto que n'ella se aproveitaram as mais primorosas passagens dos mais abalisados mestres de nossa lingua.

De uma porém não nos julgamos eximidos, a saber : Já não será empo, de, ao lado de fr. Luiz de Sousa e Camões, de Bernardes e Rodrigues Lobo darmos a lêr á nossa mocidade trechos de historiadores e poetas nacionaes ? Por que havemos de desestimar João Francisco Lisboa e Durão, Rocha Pita e Gonçalves Dias ? Por que o Conselho de Instrução primaria e secundaria do municipio da Côrte, ao qual incumbe organizar o programma para os exames geraes, não se inspira no sentimento das nossas lettras, sem desprezar as portuguezas ? Não é tão grande a nossa pobreza litteraria.

Uma investigação cuidadosa achará no esquecimento algumas joias dignas de apparecer onde fulguram as que opulentam a lingua que nos legaram os nossos maiores .



XIV

DERRIBA, FERE, MATA E PÕE POR TERRA

« O nunca assás louvado humanista » ¹ Jeronymo Soares Barbosa, no conceito de Camillo Castello Branco (CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 262), o iniciador da grammatica geral ², ao tratar da *construcção directa da oração composta* (GRAMMATICA PHILOSOPHICA, capítulo IV, §. 2.º, pag. 290), assim se exprime: « . . . quando nos attributos ha alguma especie de gradação, deve-se guardar na sua construcção a ordem d'ella, como guardou Camões, *Lusiadas*, cant. I, est. 88, falando do toureiro e do touro :

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada:
Mas o animal atroce n'esse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata e põe por terra ».

E acrescenta: « Mas já não a guardou, quando de Baccho disse (cant. VI, est. 6): *arde, morre, blasphema e desatina*.

Tratando da gradação dos attributos, cita tambem José Alexandre Passos ³ (DICCIONARIO GRAMMATICAL PORTUGUEZ, pag. 85) o verso :

Derriba, fere, mata e põs por terra.

E acrescenta : « Todavia Camões, por liberdade poetica, invertendo esta ordem logica, disse em outra parte do mesmo poema :

Arde, morre, blasphema e desatina ⁴.

Autorizado contraste assim afere o merecimento litterario do autor da GRAMMATICA PHILOSOPHICA, obra de « merito intrinseco e subido valor scientifico » e « um dos maiores serviços, n'estes ultimos tempos, feitos á lingua e lettras portuguezas », no entender de Trajano Galvão de Carvalho ⁵, no *Juizo critico* impresso em seguida ás POSTILLAS DE GRAMMATICA GENERAL, por Francisco Sotero dos Reis.

« Jeronymo Soares Barbosa pertence ao primeiro quarto d'este seculo. Era uma intelligencia sisuda e culta, mas educada nos rigores do *Gradus ad Parnassum* e do *Tratado do estylo do cardeal Palavicino* com a escôla de Candido Lusitano.

« Em boa verdade era melhor esta escôla do que nenhuma. O mundo todavia não parou alli, e Horacio e Quintiliano, conselheiros sempre utilissimos, não são já legisladores absolutos. Jeronymo Soares na *Grammatica philosophica* deu um largo impulso aos bons estudos. Os grammaticos seus predecessores ⁶, que não foram poucos, João de Barros em 1539, Fernão de Oliveira ⁷ em 1552, Amaro de Roboredo em 1619, Bento Pereira em 1672, D. Jeronymo Contador d'Argote em 1721, Antonio José dos Reis Lobato em 1721 ⁸, e o mesmo autor dos *Rudimentos de grammatica portugueza* em 1799, tinham publicado grammaticas de imitação, sob a influencia e a preocupação dos modelos latinos.

« O douto academico foi com a investigação á indole da lingua, simplificando as regras, tornando o methodo mais racional e applicavel, e n'isto adiantou consideravelmente a phi-

lologia nacional. Nas apreciações, porém, que subiam mais alto, não se isentou igualmente das normas e preceitos, que dominavam ainda tyrannicamente. A collecção de Batteux encerrava as instituições fundamentaes e unicas. As poeticas de Aristoteles, de Horacio, de Vida e de Boileau eram acatadas com respeito quasi supersticioso, e, como de ordinario acontece em taes casos, a applicação exaggerava os principios. Media-se e pautava-se a critica por estas leis inexoraveis, beneficas talvez n'outro tempo e estado, mas inadmissiveis por anachronicas, apertadas, insufficientes, impossiveis como codigo litterario de todas as sociedades. O vicio radical d'esta escola, que exercia o imperio de uma renascença, era a immutabilidade. Os estatutos poeticos admittem-na tanto como os politicos ».

Este artigo, inserto no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, n.º 1874 (anno de 1859), deparou-se-nos, de pag. 3 a 12, no APPENSO Á ANALYSE DOS LUSIADAS, por Jeronymo Soares Barbosa, abi tambem firmado com as iniciaes M. L. ⁹, indicativas do appellido do abalisado escriptor Mendes Leal, o successor de Garrett na Academia real das sciencias de Lisboa, e successor eleito n'estas condições :

« No dia em que a Academia real das sciencias perdeu Almeida Garrett entenderam logo alguns — os melhores espiritos — dever propôr para o substituir Mendes Leal ¹⁰. Alexandre Herculano rubricou a proposta com seu grande nome.

« Como se levantassem questões de formalidades, — que fez elle? que palavras empregou, que razões deu na discussão? Ides vér, e julgareis o homem, ou para melhor dizer os dous homens pelo rasgo de Herculano. Era ao mesmo tempo o maior elogio do merito do proposto e da integra superioridade do proponente.

« Alexandre Herculano entrou na sessão, e, atirando o volume dos *Homens de marmore* acima da mesa, reduziu o seu discurso a estas palavras : — Proponho para socio effectivo da Academia das sciencias a Mendes Leal. Para autorisar a sua entrada basta este livro : vejam se ha por cá muito quem faça d'isto.

« Nunca se disse mais em tão pouco : Mendes Leal alcan-

çou n'estas palavras um triumpho litterario igual ao de Garrett moribundo, pedindo que lhe repetissem os cantos do que que devia herdar a sua cadeira academica ».

Completemos a citação :

« O visconde de Almeida Garrett, no leito de morte, por mais de uma vez pedia a leitura dos trabalhos da nova geração litteraria, consolando-se d'este modo ao despedir-se da vida, com vér os progressos, e julgar o talento d'essa mocidade, que lhe deve tanto, e que devéras estimava.

« Na vespera d'aquelle dia de luto geral para este paiz, instou com o poeta Amorim, de quem foi pai adoptivo e mestre venerado, que lhe velava extremoso á cabeceira, lhe lésse o *Ave Cesar* ¹¹ de Mendes Leal. Uma só pessoa mais o ouviu e é tambem um espirito distincto.

« Estamos convencidos de que todos imaginarão ao recordal-a, como ella devia ter sido. A todos se lhe humedecem os olhos, lembrando-se da dôr profunda, e das lagrimas tragadas pela commoção, que haviam de suffocar o moço poeta, no momento em que a repetia. Lia-se já no rosto do mestre a sombra da morte que se aproximava, e divisava-se-lhe nos olhos o prazer indefinido, a gloria intima que lhe illuminava a physionomia, lembrando-se que tinha sido elle o que primeiro inspirára a imaginação do seu autor e rasgára novo horisonte litterario a este paiz ¹².

« Ouviu-a attento, silencioso e recolhido. Finda ella, pediu ainda que lh'a repetissem e agradeceu ao amigo a consolação que lhe tinha dado. « Fica um poeta, disse. O espirito viveu no visconde de Almeida Garrett até á ultima, e esse espirito tinha vinte annos ainda ».

Francisco Gomes d'Amorim, a quem allude o escriptor cujas palavras acabamos de reproduzir, é o poeta dos *CANTOS MATUTINOS* e dos *EPHEMEROS*. Antes de nos referirmos a este ultimo livro, que se torna credor de especial menção, vamos occupar-nos, ainda que succintamente, do autor, destacando para esse fim do livro *SOB OS CYPRESTES*, por Bulhão Pato, a seguinte pagina do capitulo — *O jantar ao poeta*.

Vai fallar o cantor da PAQUITA :

« Na Ajuda, ponto de reunião, aos sabbados, dos homens e rapazes de letras, appareceu um dia Luiz Augusto Palmeirim, ufano por haver travado relações com um moço chegado havia pouco do Brazil. »

« Era um poeta esse moço. Não se inspirava só no amor da mulher; cantava as amarguras e atribulações do povo a que pertencia, com ardor, verdade, força e inspiração.

« Assignava-se *Poeta operario*. Conhecia as rudes provações da vida. Tinha transposto os mares até o Novo Mundo, deixando o lar e as affeições da infancia. Partira desamparado e peregrino. Fortalecera-lhe o espirito o trabalho, e engrandecera-lhe a imaginação a magestade do Amazonas, por cujas margens se embrenhára, rompendo e entranhando-se nas florestas virgens, seculares, bravias e mysteriosas.

« Voltára á patria, pobre como sahira, não podendo resistir ao seu pendor litterario, com o fim principal de apertar a mão a Almeida Garrett, de quem recebera algumas palavras animadoras em resposta a uns versos que lhe enviára — quando andava forasteiro, vagabundo e scismador por aquellas remotas paragens.

« Este poeta, meu velho amigo de tantos annos, era Francisco Gomes de Amorim, em cuja fronte coroada com os loureiros alcançados pelo seu bello talento, não faltam, infelizmente, os espinhos do martyrio de uma enfermidade pertinaz e cruel! Luiz Palmeirim, animo desaffrontado das emulações e invejas que roem lentamente as entranhas de tanta gente pequena, vinha offegante de contentamento.

« Era mais um poeta, mais um amigo, mais um correligionario politico, que elle nos apresentava.

« Leram-se os versos, que eram patrioticos e revolucionarios.

« N'esse mesmo dia ficou concertado, entre nós, darmos um jantar ao poeta.

« Convidamos Garrett para presidir á festa. Foi um banquete verdadeiramente fraternal ».

Gomes de Amorim é, como dissemos, autor dos versos (*Ephemeros*), a cuja frente estampou a seguinte dedicatória :

— À MUITO ILLUSTRE E LIBERAL — CIDADE DO RIO DE JANEIRO — *Morada de corações generosos e magnanimos* — MÃI AFFECTUOSA — *para todos os que buscam o seu seio* — PATRIA — *para os que perderam o berço* — *Gloriosa pela sua historia* — e — PELAS VIRTUDES DOS SEUS HABITADORES — O. D. C. — *Como testemunho humilde de grande sympathia e reconhecimento* — FRANCISCO GOMES DE AMORIM.

« Os sentimentos que me inspiraram, diz o autor dos *Ephemeros*, a dedicatória d'este livro claramente se patenteiam no seguinte documento que transcrevo da *Gazeta de Portugal*, n.º 492, de 13 de julho de 1864 ».

Esses motivos acham-se resumidamente expressos no DIC-
BIBL. PORT. (tom. VIII, pag. 229):

« O autor refere-se mui de espaço ao que se passou, quando, achando-se gravemente enfermo na ilha de S. Miguel em 1863, e desconfiado da vida, quiz prevenir o futuro desbarate e provavel dispersão dos seus livros, propondo desfazer-se d'elles, e dando ordem a que fossem remettidos aos seus amigos do Rio de Janeiro, de quem solicitava o favor de os venderem em quanto estava vivo. A generosidade dos portuguezes e brasileiros obstou a que a venda se effectuasse ¹⁸ ».

Não nos sendo possivel reproduzir na integra, como desejaríamos, o documento, a que se refere Gomes de Amorim e se acha impresso de pag. 389 a 398 em o volume dos EPHEMEROS, para aqui trasladaremos, pelos menos, os seguintes periodos:

« Meu amigo: — Em quanto o inverno, que a minha dolorosa enfermidade me trouxe tão cedo, não apaga com seu gelido sôpro a luz já tibia da minha existencia, permitta-me que aproveite os poucos alentos que me restam para lhe enviar o unico testemunho que posso dar a v. s.ª, e aos seus collegas, em troca dos relevantes serviços que lhes devo. Esta carta, ultimo labor do operario que só á beira da campa depõe o instrumento com que abriu a propria sepultura, é talvez a derradeira pagina do meu coração, arrancada pelo reconhecimento. Tirar do fundo da consciencia, do sentido intimo, palavras que revelem o que alli se passa; dar, por assim dizer, a alma

em espectáculo ás multidões, sem que assome o rubor ás faces, — só logra fazel-o quem sente proximo o terrivel momento em que ao curto dia de vida succede a noite eterna, e pôde olhar sem pejo para o seu passado e sem temor para o seu futuro. Eu creio que posso fazel-o; e por isso desejo que se dê a este documento a maior publicidade, para tornar tão solemne a minha gratidão, quão solemne e publica foi a prova de sympathia que me deram os habitantes do Rio de Janeiro.

.....
A directoria do Retiro Litterario e, a pedido seu, a imprensa do Rio, fizeram convites para o leilão, como para uma festa litteraria em favor do infortunio.

No dia aprazado os concorrentes mais illustres encheram as salas da Phil'Euterpe, onde se devia realisar a venda publica. Do mais humilde caixeiro até o mais rico negociante, representantes de todas as sociedades litterarias portuguezas e brasileiras, dos theatros, do Instituto, de um dos ministerios, e até de um augusto cultor das lettras, todos honraram o meu leilão; todos pretendiam adquirir alguns dos meus livros, ou, pelo menos, engrandecer moralmente com a sua presença aquelle acto!

No momento em que a venda ia começar, declarou o snr. M. P. Bastos Junior que os livros *« acabavam de ser comprados por varios cavalheiros portuguezes e brasileiros, com o intuito de me serem devolvidos conjuntamente com o seu producto! »* As acções grandes e generosas commovem e enthusiasmam facilmente. Um applauso unanime e sincero acolheu aquella declaração.

.....
Estou outra vez entre os meus livros! Não poderei jámais servir-me d'elles, é certo; mas guardal-os-hei até á morte, porque teem agora para mim o duplo valor de velhos amigos, e de representantes de amigos novos. Se alguma injustiça ou desfavor vier ainda ferir-me antes de findar a minha lenta e dolorosa agonia, pedirei que me transportem para a minha livraria; e ahí, voltado o rosto para o sul, direi a minha mulher e a minhas filhas:

— Refugiemo-nos aqui! estamos no Rio de Janeiro, entre corações generosos!

Seu affectuoso amigo do coração — *Francisco Gomes de Amorim*. — Lisboa, 9 de julho de 1864 ».

Esta sentida, esta commovedora carta foi escripta ao muito digno secretario do *Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*, Francisco Ramos Paz.

Quizeramos retrahir a penna, mas o nome, que acabamos de escrever, de Francisco Ramos Paz, veio acordar em nossa alma vivazes recordações do tempo em que possuíamos na pessoa de nosso bom e respeitabilissimo tio, o conselheiro Pedro d'Alcantara Bellegarde, o melhor dos mestres, o mais seguro e alumiado guia, um sabio e, um justo, cuja vida foi, até o ultimo alento, lição e exemplo constantes das mais acendradas virtudes.

Sim! Deixando inscripto n'esta pagina, que encerra memorias do coração, o nome venerando do conselheiro Bellegarde, diz-nos a consciencia que é dever nosso repetir bem alto: « Elle foi esposo cheio de amor e respeito, pai, que na ventura de sua filha resumiu os anhelos da existencia, e irmão, finalmente, que aceitou do irmão a dupla herança de remir-lhe a honra empenhada e de adoptar-lhe os filhos orphãos ¹⁴ ».

Honra, pois, á sua pura, á sua saudosissima memoria!

Foi n'aquelle tempo — ha mais de vinte annos! — que conhecemos Francisco Ramos Paz na redacção do *Parahiba*, onde fizemos nossas primeiras armas ao lado de Manoel Antonio de Almeida, intelligencia privilegiada que, tolhida pela adversidade e cedo extincta pela morte, não pôde librar-se nas alturas a que lhe fôra facil remontar-se; de Quintino Bocayuva, sagrado jornalista ao sahir da puericia, que aos dezoito annos se degladiava galhardamente na primeira fila dos combatentes da imprensa politica e litteraria; de Emilio Zaluar, mavioso poeta, escriptor fluente, cujo estylo reflecte os cambiantes da phantasia dourada por alguma generosa utopia; de Remigio de Senna Pereira, que, na heroica phalange dos voluntarios da patria, foi buscar a morte aos campos do Paraguay, penna vernacula e tersa ao serviço de nobilissimo character; e ao lado

tambem de Francisco Ramos Paz, que, não havendo podido destinar a trabalhos condignos de sua notavel aptidão litteraria os dotes de escriptor correcto, perspicuo e elegante, sonega ás vistas do publico producções, como a *Niobe das nações*, que attestam superior engenho e estudos discretamente dirigidos.

Revertendo, porém, ás palavras com que memoramos a admissão, na Academia real das sciencias de Lisboa, do poeta do *Pavilhão Negro* e do prosador dos *Homens de marmore*, diremos, como nos cumpre, que as transcrevemos do livro *Uma viagem pela litteratura contemporanea*, de pag. 97 a 98 e 116 a 117, por Ernesto Biester. E, poisque citámos este applaudido e fecundo autor dramatico, um dos escriptores mais feridos pela accusação de plagiario, accusação « inepta, porque não se justifica, covarde, porque se não formula claramente, tanto mais obstinada em feril-o, quanto menos attenção elle lhe dá », dil-o Gervasio Lobato em o n.º 6, 1.º anno (1875) do periodico O CONTEMPORANEO, vamos abrir espaço a algumas indicações, ministradas por autores portuguezes e brazileiros, ácerca de *plagios* ou *plagiatos*.

Antes, porém, se nos relevará uma explicação extensiva aos casos analogos. Os SUBSIDIOS LITTERARIOS abrangem um perimetro perfeitamente delimitado: a litteratura portugueza em um e outro hemispherios. Ninguem póde, portanto, razoavelmente exigir de quem os colligiu indicação de *plagios* apontados por escriptores peregrinos, o que aliás não lhe seria de todo o ponto difficil, se houvera de recorrer ás *Supercheries littéraires dévoilées* por Quérard, ao DICTIONNAIRE UNIVERSEL DES LITTERATURES por G. Vapereau (tom. II, pag. 1607-1608 — *Verb.* PLAGIAT.), ás *Amenities of literature*, por D'Israeli, á *De plagio litterario* por J. Thomazius e a outros trabalhos congeneres; mas d'ess'arte os SUBSIDIOS LITTERARIOS transcenderiam as raias do campo em que intentam ceifar, e quem o possui, além de amplissimo, feracissimo, fôra insensato, se se abalancára a invadir alheios dominios.

De que não ultrapassamos os limites que nos abalisam dará ineluctavel testemunho o 1.º tomo dos SUBSIDIOS LITTERA-

rios, no qual não commentaremos, nem sequer apontaremos, citação alguma extrahida de producção trasladada a portuguez, embora roubemos ás nossas obscuras paginas as viçosas e fragrantés flôres trasplantadas para o jardim da litteratura portugueza por esmerados cultores, como: Odorico Mendes, Castilho, Viale, Francisco Octaviano ¹⁵, Mendes Leal, Cardoso de Menezes, Pinheiro Chagas, Pedro Luiz, Gentil Braga, Machado de Assis, Franklin Doria, Theophilo Dias, Fernando Leal, Bettencourt Sampaio, Achilles Varejão, Dias da Rocha Junior, e quantos e quantos!

Fica, portanto, n'esta parte conhecida a indole dos SUBSIDIOS LITTERARIOS, que sómente se propõem apresentar contribuições originaes, ou presumivelmente originaes, subministradas em lingua vernacula por escriptores brasileiros e portuguezes.

Mais algumas palavras ácerca dos plagios ou plagiatos, e das imitações.

Diz Antonio Feliciano de Castilho nos *Reparos ácerca da invenção, em a NOITE DO CASTELLO*, pag. 123:

« De todas as presumpções vãs, qual mais vã, que a d'um poeta que se preza hoje de originalidade? Muita cousa haverá nova debaixo do sol, mas tantas são as de que já alguém por esse mundo tem tomado posse, que nem ha estudo que as abranja, nem memoria aonde tal deposito coubesse. Diz-se, e é verdade, que os campos da phantasia não teem horisonte conhecido: succede comtudo a quem por elles corre, por mais só que emprehenda ir, por mais transviados e virgens caminhos que julgue romper, encontrar sempre aqui ou acolá vestigios de outrem, antigos ou modernos, mais ou menos sinalados ».

Diz Manoel Odorico Mendes no *OPUSCULO ÁCERCA DO PALMEIRIM DE INGLATERRA E DO SEU AUTOR (D. FRANCISCO DE MORAES)*, pag. 19:

« Quem recusasse a Moraes o titulo de original, por se ter aproveitado de pensamentos alheios, recusal-o-hia a Lucrecio, que adoptou os de Epicuro, a Virgilio, que se serviu de Plató, de Pythagoras, de Ennio e dos historiadores da velha Ro-

ma; a Camões, que se modelou por Castanheda e Barros nas suas narrações; ao nosso contemporaneo Garrett, ha pouco fallecido, o qual na sua *Adozinda* com tanto engenho renovou a *Xacara da Silvana*, a cuja cantilena fomos embalados e adormentados, nós os brazileiros e portuguezes: da pécha não se livrariam Milton e Tasso, Ovidio nem Homero. Só Deus é o creador: as segundas creações do homem, mais ou menos, são disfarçadas imitações ou acrescentamentos. Original é o autor que do já creado fórma novas combinações; quem tudo imagine ou invente, não o ha n'este mundo».

Assim é, em verdade, mas é tambem incontestavel que a originalidade constitue, e constituirá sempre, uma das mais alevantadas aspirações, um dos mais ardentes anhelos dos que *sentem o sacro fogo arder na mente!*

Abstrahindo, porém, dos plagios, aventemos outra questão: são beneficas ou damnosas ás lettras ás imitações? Vai responder-nos o autor da magistral *Carta*, que realça o subido valor da chrestomathia *LYSIA POETICA — Segunda serie*.

Escreveu José Feliciano de Castilho n'esse precioso documento (xxxvii-xxxviii):

«Gosto e arte cultivam-se e aperfeiçoam-se pelo diurno e nocturno versar dos grandes modélos. Não desaira a imitação, essa inclinação primitiva e essencial do homem. Os maiores genios se honram d'ella.

«Não imitou Pereira de Castro a Camões, Camões e Dante a Virgilio? Virgilio ao *magnus parens*? Não remontamos por Homero á origem d'essa civilisação greco-romana, cujo desenvolvimento harmonico e final (por isso que o christianismo ia surgir) Virgilio e Augusto datam e resumem? E a quem imitaria ainda o grande rapsodista, se é que jámais revestiu fórmas corporeas esse que adoramos como genio da poesia¹⁶?

«Entre a erudição e a originalidade não corramos o páreo, e a nenhuma demos exclusiva palma. Não desprezemos, pois, a imitação, só porque o é; sem ella, os maximos escriptores a tamanha altura se não houveram remontado.

«Permitta-se ao genio embrenhar-se, matejar nos dominios do genio, porém brade-se-lhe que no saber imitar consiste a

suprema difficuldade, para que os imitadores se não reduzam a metaphrastes.

« Deve o pensamento crear pensamentos; a imagem gerar imagens; a phrase enriquecer a linguagem; o raio de alheia luz alumiar-nos na mente espaços brilhantes e horisontes novos ».

Traduzindo o mesmo sentir, eis como em relação ao autor da *Castro* se pronuncia Julio de Castilho ¹⁷ na *Introdução geral*, pag. 6-7, aos *Excerptos de Antonio Ferreira*, dados á estampa no tom. XII da LIVRARIA CLASSICA :

« Uma cousa é em lettras o furto; outra e mui diversa, o recordar. O furto enoja; a recordação agrada. O furto deshonora; a recordação gloria. O furto defrauda o roubado; a recordação erudita e intencional é preito de vassallagem. Estão pois, cheias, como diziamos, de reminiscencias classicas, sobretudo virgilianas e horacianas, as obras de Ferreira. Na escolha mesma dos seus modélos nos revela o autor o seu gosto poetico. Ao escrever as odes e as cartas bebia em Horacio; ao arrulhar as elegias, em Propercio e Tibullo; ao brincar os epigrammas, em Ausonio; ao scismar as eglogas, em Virgilio; ao prantear os sonetos, em Virgilio e em Petrarca ».

Basta. É tempo de trazer a publico os plagios ou plagiatos apontados por escriptores portuguezes e brasileiros :

Na BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, 2.º anno, n.º 7, pag. 120, diz Camillo Castello Branco :

« O grammatico Aristophanes colligiu os roubos de Menandro;

Philostrato accusou os roubos de Sophocles;

Bayle aponta com infamia a *Historia dos godos* de Procopio, roubada por Aretino Bruni;

Horacio delatou os plagiatos de Celso;

Os academicos de Pariz accusaram Furetière de lhes roubar os seus trabalhos;

Cajot argue J. J. Rousseau de ter plagiado o livro *Da Educação*;

Charles du Rusoir accusa de larapios Voltaire, Montaigne e Charron;

La Harpe fulminou os plagiatos de Corneille ;

O bispo Cenaculo accusa Fr. Manoel dos Santos e Manoel de Faria e Sousa de plagiarios de Fr. Bernardo da Cruz ;

José Feliciano de Castilho diz que o padre João de Lucena se apropriou fraudulentamente das *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto ; -

Alexandre Herculano accusa Galvão, Ruy de Pina e Ace-nheiro de terem espoliado as primeiras chronicas manuscriptas de Fernão Lopes ¹⁸ ».

A *Morgadinha de Val-Flór*, de Pinheiro Chagas, é apontada como plagio da *Morgada de Lyon*, do dramaturgo inglez Lit-ton Bulwer, em um artigo, que, sob o titulo *Critica*, figura na *PARISINA*, de Carvalho Junior, e foi primitivamente publicado em folhetim no *DIARIO DA BAHIA*, em cuja redacção occupa preeminente lugar uma das mais bellas intelligencias e um dos mais puros caracteres da nova geração, o dr. Rodolpho Epiphauio de Sousa Dantas.

Na preindicada *Introducção geral dos excerptos* de Antonio Ferreira escreve, a pag. 2, Julio de Castilho :

« Esta eterna questão das primazias e dos plagiatos é o des-espere da critica illustrada.

O proprio padre Homero tem ante si o indiano Valmike ; Virgilio, o imitador de Homero, achava entre as velharias de Ennio, e os thesouros de Theocríto, o seu ouro de lei ; Plauto imitava a outros comicos ; Terencio ia inspirar-se aos gregos, a Scipião Emiliano, e a Lelio ; Gil Vicente furtava, segundo uns, ao castelhano Torres Navarro e a Juan del Enzina ; Ariosto calcava sobre o Boiardo ; Ferreira foi acoimado de plagiario de Bernardes ; Molière ¹⁹, Voltaire, e quantos mais ! receberam iguaes apodos ; e o nosso Garrett era, na malevolencia dos invejosos, o ratoneiro de seu tio bispo de Angra ! »

Diz Theophilo Braga na *HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL* (pag. 214) que os romances de Gabriel Ferry, Gustavo Aimard e Paul du Plessis foram plagiados por Mendes Leal no *Calabar* e nos *Bandeirantes*, e a pag. 216, que o artigo de bibliographia sobre o *Romancero espagnol* de Damas-Hinard, publicado na *Illustration* de 16 de novembro de 1844, o foi

por Almeida Garrett no *Opusculo acerca da lingua portugueza*, dado á estampa n'esse mesmo anno em Lisboa.

Mello Moraes Filho, o compilador do estimavel *Curso de litteratura brasileira*, propoz-se demonstrar em artigo inserto sob o titulo *Bibliographia* na GAZETA DE NOTICIAS, n.º 119, do corrente anno, que a traducção da *Evanjelina*, de Longfellow, pelo dr. Franklin Doria foi plagiada por Miguel Street de Arriaga no seu livro recém-publicado (1880, Lisboa).

Por sua vez Antonio Feliciano de Castilho no CAMÕES, *Estudo historico-poetico*, tom. II, pag. 108, diz que no *Auto da feira* (de Gil Vicente) « faz prologo » Mercurio, e observa :

« É curiosa a coincidência de pensamento de Regnard na sua comedia dos *Desejos* com o nosso poeta n'este *Auto*. Quem os comparar jurará que o francez leu e quiz imitar o portuguez ; e que o portuguez, com toda a sua velhice e escabrosidade lhe ficou sempre para cima ; e tenham paciencia os franchinotes ! »

Superfluo nos parece observar que nem os escriptores cujas palavras acabamos de reproduzir, nem o desautorizado collecto dos SUBSIDIOS LITTERARIOS subscrevem indistinctamente ás accusações de plagiato articuladas contra autores que tem a seu favor prova provada nas producções com que hão concorrido para o augmento do patrimonio das lettras portuguezas ; comtudo não nos eximiremos ao grato dever de trasladar para aqui o que em defeza de Ernesto Biester, a quem em primeiro lugar nos referimos ao tratar de poetas e prosadores averbados de plagiarios, foi adduzido em o numero já citado do *Contemporaneo* e no livro *Esboço de apreciações litterarias*.

Lê-se n'aquelle :

« Ernesto Biester tem representados 81 actos originaes, fóra as peças em collaboração, e isto explica em parte as accusações que lhe fazem de plagiario.

É um triste costume da nossa terra o vêr em todos os originaes um plagiato. — Originaes applaudidos, entende-se ; pois as peças que cahem são unanimemente proclamadas originaes ».

Lê-se n'este (pag. 186-187):

« Ouvi eu dizer que Mendes Leal te pautava e esquadriava a fôrma de teus dramas. Nunca elogio tamanho te podiam fazer amigos! Se inimigos eram, que outra maior vingança poderias querer da calúnia, senão a consciencia de ser teu o trabalho, trabalho que os catacegos attribuiam a Mendes Leal?

É onde pôde chegar a mal-querença lorpa! Tambem o grande Garrett tinha um tio bispo d'Angra que escrevera *D. Branca*, e o *Camões* tirou-o elle da gaveta de um francez, e o *Fr. Luiz de Sousa* cahiu-lhe assim amanhado da lua, e tambem o autor dos primeiros dramas de Mendes Leal era um tio monge.

É preciso que o escriptor invejavel não tenha tios nem amigos intelligentes, para lhe ser concedido por de sua lavra o escripto. Quando o snr. Martins Rua publicou uma epopéa chamada a *Pedreida*, disse toda a gente que era d'elle o poema.

Da autoridade dos livros do snr. Carreira de Mello tambem não me consta que duvide alguém.

Um homem, que quer ser o legitimo senhor dos seus escriptos, pelos modos, ha de escrever parvoçadas. Isto é duro de tragar! »

Os escriptores que assim se enunciaram foram Gervasio Lobato e Camillo Castello Branco, e ambos teem razão e graça!

Oxalá a alcancemos nós para o *recurso*²⁰ que vamos interpor a fim de que sua magestade o Publico, como em estylo faceto diz um bom talento, Arthur Barreiros, no *Prefacio*, pag. xvi, da precitada *Parisina*, nos perdoe o delicto da reprodução de parte d'um artigo inserto no *Jornal do Commercio* de 7 de maio de 1871 com o pseudonymo *Gil-Braz*, com que então escreviamos para o *Diario do Rio de Janeiro* e de que usámos posteriormente nas *Questões do dia*.

No alludido artigo apreciámos rapida e despretenciosamente uma composição dramatica do autor do *Daniel Rochat*²¹, da qual fôra interprete em lingua vernacula o escriptor da *Viagem pela litteratura contemporanea*.

Dada esta explicação, contamos (*quod volumus facile credimus*) que sua magestade o Publico assentirá benevolo á nossa rogativa, e n'este presupposto passamos a reproduzir as linhas desentranhadas do artigo sob o titulo

FERNANDA

Comedia em quatro actos por Victorien Sardou — Versão de Ernesto Biester

Principia a acção d'esta comedia em lugar insalubre, no dizer do proprio Sardou, que, verberando a funesta epidemia de curiosidade de que se acham acommettidas as mulheres de bem, compraz-se em desnudar um fóco de infecção moral que se deveria resguardar das vistas d'essas mesmas mulheres! E o applaudido comediographo vai além; circumda de sinistros fulgores as mulheres e os homens que tripudiam, loucos ou ebrios, n'aquelle antro de devassidão!

O veneno subtil que taes scenas estillam vai inquinár a pureza da consciencia e turbar a placidez da razão dos que se não aizeram ainda ao espectáculo do aviltamento moral.

É sabido que a escola realista faz da immoralidade resaltar a moral; mas d'onde decorre a moralidade de *Fernanda*?

— É a reabilitação, pelo casamento, da mulher perdida — opina um escriptor de todo o ponto autorizado **.

— É a demonstração de que a verdadeira felicidade reside na vida conjugal — entende um critico de legitimos fóros **.

Divirjo de ambas as opiniões; da primeira, porque o casamento de André com Fernanda não é acto de razão esclarecida, nem movimento de coração generoso: André ignora as condições especiaes em que Fernanda se acha, e, desposando-a, é victima de um plano caviloso de Clotilde; da segunda, porque o facto revelado por esta creatura luciferina, que aliás fica indomne e triumphante, não póde deixar de entenebrecer o horison-te de ventura da vida de André. Se, porém, não se trata d'este, e sim de Pomerol, é certo que Georgina tem excellente coração, mas flagella de continuo o marido com ciumes frivolos, estolidos quasi. Seguramente não apresenta este casal o quadro do benefico remanso do lar domestico; não se vê ahi a confiança mutua, a seguridade reciproca que enflora e perfuma a existencia conjugal.

Quando, pois, intelligencias argutas não alcançam, a meu vér, a chave do enigma, fôra temerario se a semelhante commettimento me abalançára. Penso, comtudo, que o digno chefe da familia *Bonoiton*, entre as diversas categorias de moral por elle definidas, deveria abranger a do theatro francez contemporaneo, na qual de direito competiria conspicuo lugar á comedia em que se intenta reduzir á condição de falta venial, *delicta juventutis*, um d'esses erros que deixam na vida da mulher estigma indelevel como, na tragedia de Shakspeare, a mancha de sangue na mão de lady Macbeth.

Diligencieí esboçar a feição moral de *Fernanda*, e em que me peze não lhe reconheço a belleza que Victorien Sardou podera e devera infundir-lhe.

.....
 Na parte litteraria, porém, esplende o talento do insigne comediographo francez.

As brilhantes qualidades do seu estylo ahí se patenteam; o dialogo é sempre animado e, não raro, de alentada eloquencia; o interesse de principio a fim sustentado por lances preparados e concatenados com irrecusavel habilidade.

Deixo, com inteira isenção, expellido meu pensar e sentir sobre o merecimento moral e litterario da *Fernanda* de Sardou.

Com igual desassombro direi que o talento notabilissimo, inexcédível quasi, com que ha sido interpretado o papel de Clotilde tornou credora de subidos encomios aquella a quem se deve tão aprimorada creação artistica, a snr.^a Emilia Adelaide.

São conhecidos já, o que equivale a dizer, são já devidamente apreciados os seus meritos, incontestaveis e incontestados, a todos os quaes se avantajam o esmero da dicção e a mobilidade da physionomia, espelho magico em que se reflectem os affectos e paixões que lhe aviventam a alma.

Il est de certains regards qui rendent l'âme visible, diz o visconde D'Yzarn. Quer a abrande a ternura, a enterneça a compaixão, a angustie a magua, a irrite o despeito, a inflamme o amor, a abraze a indignação, a suffoque a ira, a remorda a inveja, a exacerbe a vingança, ou a apavore o terror; nos jubi-

los entranhados, nas agonias supremas, tem olhares assim a snr.^a Emilia Adelaide.

Á preclara conterranea do principe da lyra portugueza pôde, pois, applicar-se o que de outra inspirada artista disse o Ossian lusitano :

Das mil paixões na arena, arranças sempre
os vivas da victoria; a turba attonita
vê-te mil, e uma só; diversa, a mesma;
foco de seducções não te resiste,
e á despota das almas
sente-se altiva em tributar as palmas ²⁴.

Não proseguirei. Está cumprido o dever; fóra imperdoavel, tratando da *Fernanda* de Victorien Sardou, deixar de saudar a actriz eminente, que ora abrilhanta o theatro S. Luiz, ao lado de Furtado Coelho ²⁵, o artista poeta ».

NOTAS

¹ Textuaes palavras do «insigne philologo» (vej. *Dict. bibl. port.*, tom. v, pag. 153) José Vicente Gomes de Moura, autor da *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina*, na pag. 426: «Obra preciosa que apenas anda nas mãos de alguns curiosos, mas que desejaríamos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das letras», diz J. H. da Cunha Rivara nas *Notas*, pag. 135, á *Primeira parte das Reflexões sobre a lingua portugueza escriptas por Francisco José Freire (Candido Lusitano)*.

² Diz Theophilo Braga na *Grammatica portugueza elemental*: «Depois da reforma tentada por Pombal, a Grammatica de Lobato em nada levantou o estudo grammatical do portuguez, e sob a influencia abstracta das idéas de Condillac sobre a grammatica geral é que Jeronymo Soares Barbosa escreveu a sua *Grammatica philosophica*. Esta obra é a fonte de todas as grammaticas abreviadas ou praticas que se tem escripto em Portugal». — Advertencia, pag. vii.

³ Professor de portuguez e analyse dos classicos, no lyceu de Maceió, provincia das Alagoas.

O parecer d'este professor ácerca do *Iris classico* motivou o ap-

parecimento do livro ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA E MISSÃO DOS LIVROS ELEMENTARES, por José Feliciano de Castilho.

4 Estancia 6.^a, acima citada, do canto VI dos LUSIADAS :

As ondas navegavam do Oriente
 Já nos mares da India, e enxergavam
 Os thalamos do Sol, que nasce ardente ;
 Já quasi seus desejos se acabavam.
 Mas o mau do Thyoneo, que na alma sente
 As venturas que então se aparelhavam
 Á gente lusitana d'ellas dina,
 Arde, morre, blasphema e desatina.

5 No tom. II do PANTHEON MARANHENSE, pelo dr. Antonio Henriques Leal, se encontra, de pag. 201 a 222, uma bem escripta noticia biographico-litteraria a respeito do distincto poeta e prosador, já fallecido, Trajano Galvão de Carvalho.

6 A indicação, que aqui se apresenta, dos predecessores de Soares Barbosa é por elle proprio subministrada a pag. XIII da Introdução á *Grammatica philosophica*, com a seguinte variante, que importa rectificação: Fernão d'Oliveira — 1536, pois que este grammatico antecedeu a João de Barros, «o insigne historiador das conquistas da Asia».

7 Leiam-se no MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, cap. VIII — *A disciplina grammatical no seculo XVI* — as pag. 189-199 e 199-202, que se inscrevem sob os titulos *A grammatica de Fernão d'Oliveira* — 1536, e *A grammatica de João de Barros* — 1539.

A *Grammatica* de João de Barros é mencionada, a pag. LXVI, no *Catalogo dos autores e obras que se lêram*, e de que se tomaram as autoridades para a composição do DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA publicado pela Academia real das sciencias de Lisboa, tom. I — A*.

Manoel de Faria e Sousa, nos seus *Commentarios aos Lusíadas*, impressos em 1639, dá testemunho da raridade d'esta *Grammatica*, confessando que nunca a pudera vêr. (DICC. BIBL. PORT., tom. V, pag. 320).

8 «A estes escriptores, diz Gomes de Moura na precitada NOTICIA SUCCINCTA DOS MONUMENTOS DA LINGUA LATINA, cap. XXVI, pag. 425-426, acrescentaremos outros, que trataram da grammatica portugueza

* Em outro artigo se acham colligidos *Subsidios litterarios* acerca d'este e de outros dictionarios da lingua vernacula.

sa, ou de alguma parte d'ella : Duarte Nunes de Leão — *Orthographia da lingua portugueza*, Lisboa, 1576, e *Origem da lingua portugueza* — 1606 ; e ambas estas obras — 1784 ; Pero de Magalhães de Gandavo — *Regras que ensinam a escrever a orthographia da lingua portugueza, etc.*, Lisboa, 1574 e 1590 ; Alvaro Ferreira de Vera — *Orthographia ou methodo para escrever certo na lingua portugueza*, 1631 ; o padre Bento Pereira — *Regras geraes de orthographia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina e portugueza*, Lisboa, 1666 ; João Franco Barreto — *Orthographia da lingua portugueza*, 1671 ; João de Moraes de Madureira Feijó — *Orthographia*, Lisboa, 1734 e 1818, e Coimbra, 1739 ; Frei Luiz do Monte Carmello — *Compendio de orthographia com sufficientes catalogos e novas regras e explicação de muitos vocabulos antigos e antiquados, etc.*, Lisboa, 1767 ; Antonio de Mello da Fonseca — *Antidoto da lingua portugueza*, Amsterdam ; *Tratado da verificação portugueza*, em que se contém um compendio das regras da metrificacão, um amplissimo dicionario de consoantes, e instrucções para a perfeita poetica, por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, 1784 ; João Pinheiro Freire da Cunha — *Breve tratado da orthographia portugueza*, Lisboa, 1788 e 1815, edição ix ; Manoel Dias de Sousa — *Grammatica portugueza*, Coimbra, 1804 ; Antonio de Moraes e Silva — *Epitome da grammatica portugueza*, impresso á parte, e depois com o *Dicionario da lingua portugueza* ; Anonymo — *Compendio da grammatica portugueza*, Lisboa, 1804 ; João Chrysostomo do Couto e Mello — *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, 1818 ; Jeronymo Soares Barbosa — *As duas linguas e grammatica philosophica da lingua portugueza, ou Principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. É esta a ultima obra impressa, com que este, nunca assás louvado, humanista illustrou nossa litteratura, e seria para desejar que a impressão fosse feita antes de sua morte ; Manoel Borges Carneiro — *Grammatica, orthographia e arithmetica portugueza*, 1820 ».

Mencionaremos tambem a *Grammatica analytica* de Constancio, da qual diz Trajano de Carvalho no preindicado *Juizo critico* :

« É antes uma grammatica geral, em que elle expende e discute largamente as mais abstrusas theorias, e, para cumulo de semsaboria, forceja por dobrar ou torcer todos os factos grammaticaes — ainda os mais rebeldes a um systema, que inventou senão paradoxal, arriscado e temerario. Pouco lido nos classicos, cujas obras immortaes, por mais que trace disfarçar, desdenha, Constancio detem-se demasiado por entre as nuvens do seu systema, e só se humana e desce á grammatica portugueza, quando, com o semblante carregado, tom dogmatico, e ferula em punho, chama a contas e racha de quinaus o velho Barbosa, e Antonio de Moraes e Silva, seu antagonista e antiga victima de seus desdens lexicologicos ».

Das grammaticas portuguezas elementares, mais geralmente ado-

ptadas, segundo nos consta, ser-nos-ha permitido, sem de nenhum modo nos propormos aferir meritos, nem graduar preeminencias, apontar algumas mais ou menos recommendaveis na opinião de entendidos; embora se achem todas condemnadas, em absoluto, por Theophilo Braga, que, na propria GRAMMATICA PORTUGUEZA ELEMENTAR (*Advertencia*, pag. VIII), as denomina « repetidas parodias de Soares Barbosa ».

Ao lado, pois, do compendio do illustre professor do Curso superior de letras, compendio em que o autor, conforme declara, tomando para divisão fundamental da grammatica as bases geraes por onde se analysa qualquer lingua — os *sons*, as *fórmãs* e as *construcções* — rejeitou essa: « velhas categorias irrationaes » de *etymologia*, *syntaxe*, *prosodia* e *orthographia*, meramente tradicionaes e substituiu-as pelas designações *phonologia*, *morphologia* e *syntaxe*, de accordo com os novos processos linguisticos ao idioma francez applicados por Brachet na *Nouvelle Grammaire française*, mencionaremos: a de Manoel Olympio Rodrigues da Costa, adoptada, assim como a de Theophilo Braga, para o ensino de portuguez no Imperial Collegio de Pedro II no *Plano e programma organisados de conformidade com o Decreto n.º 6130 do 1.º de março de 1876*; a de F. Julio Caldas Aulete, assim conceituada por Antonio Feliciano de Castilho « livro d'ouro para as crianças e de valia para os adultos »; a GRAMMATICA PORTUGUEZA ACCOMMODADA AOS PRINCÍPIOS GERAES DA PALAVRA, SEGUIDOS DE IMMEDIATA APPLICAÇÃO PRÁTICA, por Francisco Sotero dos Reis, compendio, na valiosa opinião do dr. Antonio Henrique Leal, « mui estimado e procurado dos estudiosos, e cuja 2.ª edição foi revista por Luiz Carlos Pereira de Castro, que com aquelle profundo conhecimento que tem da boa linguagem e dos preceitos da grammatica soube delir os senões que se notavam na 1.ª, devidos ao pouco tempo de que dispunha o autor para corrigil-a e ao descuido com que revia as provas » (PANTHEON MARANHENSE, tom. I, pag. 161); e a NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA COMPILADA DE NOSSOS MELHORES AUTORES E COORDENADA PARA USO DAS ESCÓLAS, por Bento José d'Oliveira, a favor da qual conhecemos a opinião d'um professor, cujo laudo em questões grammaticaes foi adduzido com apreço pelo conselheiro José Feliciano de Castilho (Vej. *Carta ao ill.º snr. E. Laemmert* no opusculo TRATADO ELEMENTAR DE PONTUAÇÃO PORTUGUEZA). Referimo-nos ao actual vice-director do collegio Abilio, ao projecto professor Epiphânio José dos Reis.

Tambem na *Advertencia aos PONTOS PARA O CURSO DE PORTUGUEZ, segundo o programma official* (do governo portuguez) *explicados e desenvolvidos por M. J. Pereira*, se encontra a seguinte referencia hon-

* Convém lêr o art. do DICC. BIBL. PORT., tom. IX, pag. 347.

rossa a este compendio: « Não fizemos mais do que compilar da excellente *Grammatica philosophica* de Soares Barbosa, do *Genio da lingua portugueza**, da *Grammatica* de Bento José de Oliveira e d'outras obras do mesmo genero ».

N'esta indicação de trabalhos grammaticaes é a propósito mencionar o Novo METHODO DE ANALYSE *pela theoria das ellipses e dos pleonasmos*, applicado á analyse das construcções mais difficultosas nos *LUSIADAS* e nos melhores autores classicos, por Emilio Allain, Rio de Janeiro, 1881, e os *SUBSIDIOS para o estudo da lingua portugueza, baseados nas principaes autoridades philologicas e grammaticaes*, por Francisco José Monteiro Leite, Porto, 1881.

⁹ No DIC. BIBL. PORT. — Art. *José da Silva Mendes Leal Junior* lê-se: « ... e tem sido de 1859 até agora (1860) um dos redactores do *Jornal do Commercio*, onde a maior parte dos seus artigos de diversos generos são assignados com as iniciaes M. L. »

¹⁰ Eis como A. da Silva Tullio perfila o retrato intellectual de Mendes Leal (*REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL e BRAZIL*, tom. I (1869), de pag. 443 a 452):

« Os prophetas da antiga lei dividem-se na Sagrada Escripura em menores e maiores. Estes ultimos são assim chamados, não por serem mais graduados, ou mais sabedores, mas por terem escripto mais que os outros. Tirando exemplo de tão augusta autoridade, diremos que Mendes Leal é um dos prophetas maiores da actual geração litteraria de Portugal.

Tal é o summario da vida publica e litteraria de Mendes Leal, feito por quem nunca lhe mentiu, nem o lisonjeou, e que póde aqui dar testemunho da verdade, porque tem assistido a esse continuo laborar; admirado a sua constancia no trabalho quotidiano; reprehendido o esforço de escrever, dictando, quando a enfermidade o retém na cama; pasmado da sua applicação aos livros com tão pouca vista; emfim, de quem lhe sabe as noites veladas e os dias jejuados; sobretudo quando os vaivens da escandalosa politica militante d'este nosso paiz o deixaram só no posto de honra, onde combateu denodado, até que, passado o perigo, voltaram então os que sem a sua penna teriam de todo perdido a representação politica. Alludimos á época em que Mendes Leal tomou sobre si a direcção e redacção de um jornal politico (*A Lei*), que tanto se assignalou contra a revolução de 1851, tendo de transferir a sua residencia para a officina, d'onde por alguns meses não sahio, dando as noites á redacção da folha, e os dias á com-

* Francisco Evaristo Leoni. — Vej. DIC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 723.

posição de um romance historico * dos tempos coloniaes de Pernambuco, que elle se tinha compromettido a escrever em tempo aprazado, para a sua publicação successiva n'uma das principaes folhas do Brasil.

O posto entre os primeiros, que hoje tem Mendes Leal na milicia litteraria de Portugal, foi assim conquistado.

Por todos os trabalhos, por todos os transeos, por todos os risceos, sem exceptuar o da propria existencia, com os quaes se alcança a verdadeira gloria, tem passado o nosso autor. Se muitos são já os triumphos, não poucas são tambem as cicatrizes. Nas phalanges de Minerva como nas de Mavorte, ha muitos a quem a ventura tem cegamente laureado, sem que se lhes saiba da victoria, ou sequer de peleja, onde ceifassem os louros. Mendes Leal não deve nenhum d'estes dons á ventura.

Pois não temos poucos d'esses bemaventurados ! »

Vej. *O conselheiro José da Silva Mendes Leal*, pelo visconde de Benalcanfor — CORREIO DA EUROPA, 2.º anno, n.º 3, 1 de fevereiro de 1881, col. 11-14.

¹¹ « Veja-se a nenias de Carlos Alberto — o *Ave Cesar!* e n'aquelle gemido quasi épico, lembrando os funeraes de Achilles no epodo grego, cada traço resume um dos martyrios e desastres da grande lucta da Italia.

O *Cinque maggio* de Manzoni, uma das paginas admiraveis d'este seculo, não envergonha o *Ave Cesar!* a nenias da magestade decabida e do infortunio heroico ».

(Rebello da Silva — REVISTA PENINSULAR, vol. I, pag. 142).

Da mais celebre de todas as composições lyricas do autor do *Conte di Carmagnola*, do *Adelchi*, da *Urania* e dos *Promessi Sposi* se encontra, a pag. XCIX-CI das *Notas da LYRIA POETICA* — *Serie segunda* — uma traducção da lavra do esclarecido compilador do *Florilegio da poesia brasileira*.

Antecedem-na as seguintes palavras que extrahimos de uma erudita *Apostyla*, escripta em aprimorado estylo, por Manuel de Mello :

« Reproduziremos em seguida a traducção do snr. Francisco Adolpho de Varnhagem, favor inestimavel para aquelles a quem fôr estranho o italiano, *cet heureux écho de l'antique harmonie*, como diz Villemain, a lingua

Del bel paese là dove'è sì suona,

como dizem o cantor de Beatriz e aquelle que, na expressão de Frugoni, *ensinou o mundo a philosophar de amor* ».

* O CALABAR.

12 « É ao visconde de Almeida Garrett que se deve a renovação da moderna litteratura portugueza » — diz o douto professor Theophilo Braga a pag. 306 dos ESTUDOS DA IDADE MÉDIA (*Philosophia da litteratura*).

E, no seu recente livro HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL — *Idéa geral do romantismo* — Garrett — Herculano — Castilho — pag. 218 acrescenta :

« As mais bellas inspirações de Garrett são aquellas que se ligam á participação directa da politica de principios : o *Catão* foi escripto sobre as emoções democraticas da Revolução de 1820 ; o poema *Camões*, nos desalentos da emigração em 1824, depois de rasgada pelo absolutismo a Carta liberal em 1822 ; o desterro e o carcere despertam-lhe em 1827 a comprehensão da poesia popular e tradicional ; o *Arco de Sant'Anna* é concebido dentro do cerco do Porto em 1832, n'esse contágio de heroismo ; o *Alfageme de Santarem* foi escripto entre as luctas do elemento constitucional puro contra o facciosismo da rainha na época da dictadura cabralina em 1842. Esta relação superior entre o espirito e o seu tempo é que accendeu por vezes em Garrett a faísca do genio, como no *Frei Luis de Sousa* e nas *Folhas caídas*, e o torna o primeiro n'essa época de renovação litteraria ».

13 Acrescenta o autor do DIC. BIBL. PORT. : « Por essa occasião, entre muitos artigos publicados em diversos jornaes, appareceu um notavelmente conceituoso do snr. Reinaldo Carlos Montóro, no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, de 3 de outubro de 1863 ».

Por nossa parte mui grato nos é additar que o autor dos CANTOS MATUTINOS e dos EPHEMEROS associa ao nome de Reinaldo Carlos o de um poeta, e tambem distincto prosador portuguez, Ernesto Cybrão.

14 Estas palavras, repassadas de sentimento e verdade, que dão eloquente testemunho das virtudes domesticas que sobredouravam a provada illustração e exemplar probidade do conselheiro Bellegarde, foram proferidas junto á sua sepultura por um dedicado amigo, o illustre jornalista rio-grandense, José Candido Gomes.

15 Se nos fôra licito abrir excepção, certo a abríamos para este ramalhete :

A Sphynge

(Tradução)

Sphynge, que me queres? por que vens de improvise
Quasi ao fim da jornada, sondar os meus arcanos?

A idade do poeta envolve o seu segredo :

Amor aos desenove, saudade aos quarenta annos.

Saudade! não de haver, com prodiga loucura,
Aos ventos arrojado, qual cinza sem valor,
Ouro, ambição, triumphos, a voz, o riso, o pranto,
E a primavera humana, que passa como a flôr.

Mas saudade pungente... de sentir pelas velas
Arder, como vulcão de neves coroadas,
A chamma inextinguivel dos juvenis desejos...
E... de não poder mais, amando... ser amado!...

Paris, 1867.

F. OCTAVIANO.

Estes versos trazem-nos á memoria os de Garrett no *Ramo secco*
(no album de uma senhora brasileira):

Velhice d'alma... oh! tão desconsolada,
Tão peor que a do corpo! — descontento
Perenne, tão pesado e sem conforto,
Em que, por mór tormento,
Sinto a alma ainda — e o coração é morto.
FLORAS SEM FRUCTO, pag. 139-141.

16 Allude a Homero :

Esse, que beben tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina.

CAMÕES — *Lusiadas*, cant. v, est. LXXXVII.

Convem lêr o que sob as rubricas *Dúvidas suscitadas sobre a existência de Homero e Tradições ácerca da vida de Homero* se encontra de pag. 198 a 202 na MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA, por Antonio José Viale.

17 Publicou ultimamente o livro LISBOA ANTIGA, « formosissimo volume », em que o autor, « ao mesmo tempo erudito e poeta, reaviva as memorias do passado á luz de uma critica esclarecida, restaurando-as, tanto quanto póde, ao sabor de um sentimento artistico sempre em demanda do ideal e do bello » — dil-o Fernandes Costa, um dos mais promettedores talentos da nova geração portugueza, no artigo sob o titulo *Lettras*, inserto no *Atlantico*, n.º 2, de 28 de janeiro d'este anno.

Referindo-se a Fernandes Costa escreveu Camillo Castello Branco á frente do EUSEBIO MACARIO :

« A Fernandes Costa, tenente d'artilheria e escriptor — offerece Camillo Castello Branco.

Conheço apenas de nome o escriptor exemplar a quem offereço este livro. Elle que m'o aceite como um aperto de mão dado por homem que não sabe lisonjejar. É já agora raridade nas letras portuguezas um entendimento lucido que esplende em linguagem cheia das antigas energias portuguezas rendilhadas com buril moderno. Quando assim encontro um companheiro n'este areal esteril, paro e curvo a cabeça coberta dos cabellos que precocemente alvejaram na lida de escrever, não direi acerba, porque o trabalho é uma consolação — a consolação dos deveres cumpridos.

S. Miguel de Seide, maio de 1879 ».

¹⁸ Tratando do poeta quinhentista, Diogo Bernardes, diz Theophilo Braga no MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 281-282: « ... os seus plagios de sonetos e eglogas de Camões foram talvez feitos com a segurança de que tendo-se perdido o *Parnaso* de Camões em 1570, ninguem mais acharia a proveniencia das poesias que publicava em seu nome em 1594 e em 1596 ».

Francisco Freire de Mello reclamou para si a propriedade da *Memoria*, premiada pela Academia real das sciencias de Lisboa, sobre o assumpto: *Qual seja a época da introdução do direito das Decretaes em Portugal, e o influxo que o mesmo teve na legislação portugueza*; e accusou a João Pedro Ribeiro de plagiaro d'esse escripto. (Vej. DIOC. BIBL. PORT., tom. IV, pag. 12).

A proposito do *Et vera incessa patuit Dea*, « expressão feliz de que se serviu Virgilio para pintar a magestade que na pessoa e me-neio de Venus transluzia », escreve o douto conselheiro José Silvestre Ribeiro (ENSAIOS DE ESTUDOS PRATICOS DE LITTERATURA, pag. 248-249):

« Nas notas de uma traducção franceza, que tenho á vista, é citada uma feliz imitação de Virgilio pelo famoso historiador, duque de Saint-Simon, o qual, fallando da duquesa de Borgonha, disse: *Elle avait la démarche d'une déesse sur la nue* ».

Nas mesmas notas encontro mencionada uma censura de plagiato, feita ao celebre Delille, a proposito da traducção d'esta passagem de Virgilio.

Gaston, que publicára a primeira parte da sua traducção da *Enci-da* antes de Delille, tinha apresentado a seguinte versão:

Sa robe sur ses pieds en plis d'azur s'abalisse;
Elle marche, et son port révèle une déesse.

* Saint-Simon (Louis de Roucroy, duc de) *Memoires sur le règne de Louis XIV et la régenois*.

Appareceu depois a traducção de Delille, eahi se encontram estes dous versos :

Sa robe en plis flottans à ses pieds s'abalaise ;
Elle marche, et son port révèle une déesse.

¹⁹ De Molière vem apontada de pag. 226-228 a lista das imitações no *Parecer de José da Silva Mendes Leal* impresso em seguida ao *MEDICO A FORÇA, comedia á antiga trasladada liberrimamente da prosa original a redondilhas portuguezas pelo visconde de Castilho*.

²⁰ O *Recurso de graça, segundo a legislação brasileira*, tal é o titulo de um livro mui digno de apreço do joven e illustrado pernambucano dr. Antonio Herculano de Sousa Bandeira Filho.

²¹ D'esta composição se occupa o *JORNAL DO COMMERCIO* de 27 de março d'este anno, em um dos *folhetins*, merecidamente apreciados, *Vêr, ouvir e contar*, escriptos pelo dr. Frederico de Sant'Anna Nery, natural da cidade de Belem, provincia do Pará, e residente ha annos na Europa.

Carlos Lisboa, em artigo dado á estampa nas columnas do *ATLANTICO* (1.º anno) n.º 4, de 13 de março de 1880, transcreve do *Boletim official da Academia Romana* a biographia do nosso illustre compatriota, e additando-lhe algumas reflexões em honra do Brazil, assim conclue :

« O dr. Sant'Anna Nery está no numero d'estes trabalhadores incansaveis ; e representando com distincção a sua patria no convivio das maiores illustrações do velho mundo, serve-a mui particularmente, pois affirma entre os europeus a posição honrosa que ella tem conquistado no movimento scientifico e litterario dos paizes americanos ».

²² Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro, mui illustrado redactor principal do *JORNAL DO COMMERCIO*. Da vida e trabalhos litterarios do dr. Luiz de Castro dão noticia o *DICC. BIBL. PORT.*, tom. v, pag. 297 a 299, e o artigo inserto no n.º 41, vol. iv (1874) de 23 de feveiro do *Novo Mundo*, pag. 80.

²³ Dr. Henrique Cesar Muzzio, fallecido em Paris, redactor, na parte litteraria, do *COMMERCIO MERCANTIL*, da *REFORMA* e de outros jornaes fluminenses. Intelligencia aviventada por constante estudo.

²⁴ A. Feliciano de Castilho — *A M^{me} Fortunata Tedesco di Fran-*

co — *Versos a toda a pressa* — O OUTONO — *Collecção de poesias*, pagina 66.

²⁵ D'este notabilissimo artista, talento brilhante e multiplo, a um tempo poeta, escriptor dramatico, jornalista, actor dramatico, compositor musical e musico. tratam com individuação Felgueiras Sobrinho no livro ESTUDOS BIOGRAPHICOS; Gervasio Lobato no CONTEMPORANEO, n.º 19, 2.º anno, 1875; e, além de outros distinctos homens de letras, Julio Cesar Macha lo, de pag. 220 a 226, n' *Aquelle tempo*, feliz complemento do romance CLAUDIO, que não é seguramente composição vulgar, por quanto, conforme observa Lopes de Mendonça (*Folhetim da REVOLUÇÃO DE SETEMBRO de 1852*): «... ter dezeseis annos e escrever um romance; avival-o, por vezes, com trechos de uma eloquencia fogosa e scintillante, conceber já as paixões que accommettam o coração mais tarde; soffrer como se soffre, quando as illusões se desbotam, e o pungir de esperanças mentidas vem ferir a alma... eis o que não é vulgar, eis o que denuncia que as intelligencias agora mais rapidamente amadurecem, e como que se põem ao nivel d'esta civilisação, que se communica pelos telegraphos electricos, pelos caminhos de ferro, pela imprensa, que absorve o espaço e o tempo, que parece não querer desperdiçar os limitados dias, que o homem tem de passar sobre a terra».

Mui grato nos é acrescentar que á apreciação do merecimento artistico do poeta dos SORRISOS E PRANTOS (Lisboa, 1855) e do comediographo do AMOR DA ARTE e de UM EPISODIO DA VIDA (composições ineditas) consagrou Ferreira de Menezes uma serie de artigos publicados no ultimo quartel de 1861 no periodico a CIVILISAÇÃO (Santos — *Folha consagrada aos interesses geraes do pais*. — Redactor em chefe A. E. Zaluar) sob o titulo ESTUDOS BIOGRAPHICOS — FURTADO COELHO com a epigrapha:

Oyane emigrado da formosa Lysia,
Deixaste a patria procurando a gloria;
Deu-te olla o berço, mas aqui topaste
Folha dourada d'eternal memoria.

L. VARELLA.

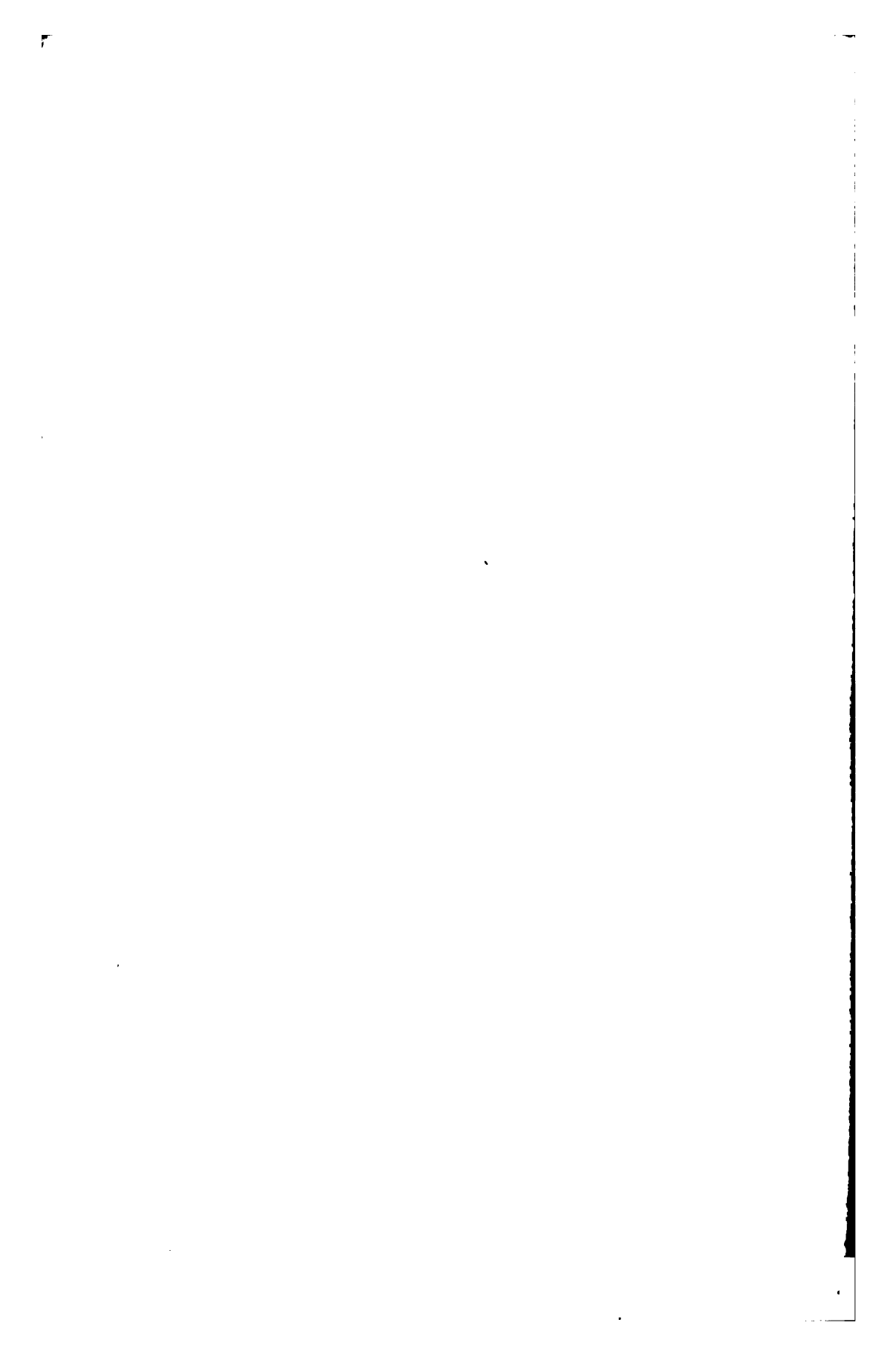
(A Furtado Coelho)

De Ferreira de Menezes «o mais original, o mais impavido jornalista da nova geração», no conceito de seu digno successor, José do

Patrocínio, na redacção da GAZETA DA TARDE (vej. o n.º 190 de 17 de agosto de 1871), trataremos no tom. II dos SUBSIDIOS LITTERARIOS.

Ao nome de Furtado Coelho está, felizmente, de modo indissolúvel vinculado o de sua consorte, D. Lucinda, « intelligencia superior, culta, bem lapidada, irmanada com um talento descommunal ». (CRUZEIRO de 9 de outubro de 1880).

Convem lêr com relação a D. Lucinda Furtado Coelho o que escreveram Andrade Ferreira no livro LITTERATURA, MUSICA E BELLAS-ARTES, tom. II, pag. 220-224, O CONTEMPORANEO — *Letras e artes* -- 1.º anno, Lisboa, 1875, n.º 14, e PENNA E LAPIS, 1.º anno, Rio de Janeiro, 1880, n.º 1. Ás duas mencionadas publicações acompanham retratos da primorosa artista e distinctissima senhora.



EIS AQUI O LUGAR ONDE ÉCLIPSOU-SE
O METEORO FATAL ÁS REGIAS FRONTES.

Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães ¹. — SUSPIROS
POETICOS E SAUDADES, pag. 259-266.

Napoleão em Waterloo

D'esta composição tantas vezes citada, reproduzimos em se-
guida alguns dos mais repetidos versos, a começar pelos do
principio :

Eis aqui o lugar onde eclipsou-se
O meteoro fatal ás regias fronte !
E n'essa hora em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia.

.....

Waterloo !... Waterloo !... Lição sublime
Este nome revela á humanidade !
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

.....

Aqui morreram de Marengo os bravos!
 Entretanto esse heroe de mil batalhas,
 Que o destino dos reis nas mãos continha;
 Esse heroe, que co'a ponta de seu gladio
 No mappa das nações traçava as raias,
 Entre seus marechaes ordens dictava!

O halito inflammado de seu peito
 Suffocava as phalanges inimigas,
 E a coragem nas suas accendia.
 Sim, aqui 'stava o genio das victorias,
 Medindo o campo com seus olhos de aguiá!
 O infernal retintim do embate d'armas,
 Os trovões dos canhões que ribombavam,
 O sibilo das balas que gemiam,
 O horror, a confusão, gritos, suspiros,
 Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
 Nada o turbava! Abobadas de balas,
 Pelo inimigo aos centos disparadas,
 A seus pés se curvavam respeitosas,
 Quaes submissos leões; e nem ousando
 Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam.

.....

Mas invencivel mão lhe toca o peito!
 É a mão do Senhor! barreira ingente;
 Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;
 Tua força em mim 'stá. Tens completado
 Tua angusta missão. — És homem; — pára.

.....

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
 Armadas as nações aqui pugnavam.

.....

Jámais, jámais mortal subiu tão alto!
 Elle foi o primeiro sobre a terra.
 Só elle brilha sobranceiro a tudo,
 Como sobre a columna de Vendôme
 Sua estatua de bronze se eleva.
 Acima d'elle Deus, — Deus tão sómente!

Da liberdade foi o mensageiro.
Sua espada, cometa de tyrannos,
Foi o sol, que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos que gozamos ;
E a geração futura, agradecida,
Napoleão, dirá, cheia de assombro.

Francisco de Salles Torres Homem, n'um bellissimo artigo da REVISTA BRAZILEIRA, Paris, 1836, reimpresso á frente da edição de 1865 dos SUSPIROS POETICOS, pag. 4 e 5, escreveu :

«Entre tantas outras magnificas harmonias, de que os limites circumscriptos d'esta noticia não nos permitem dar uma idéa, apparece o cantico de Waterloo, composição notavel pela novidade das imagens, vigor de colorido e energia de expressão. Por meio d'ella o snr. Magalhães deu-nos a mostra de que podia tirar das cordas de sua lyra os sons os mais diversos, e todos iguaes na grandeza dos effeitos. Para entoar o cantico d'esse drama terrivel que se chama a batalha de Waterloo, d'onde a mais gigantesca realidade, que ha passado sobré a terra, foi sumir-se como um sonho na extremidade solitaria dos tres continentes, o engenhoso vate suffoca por momento os accentos favoritos do seu coração. Aqui não sóa mais essa voz dôcemente gemebunda, que soffre com o spectaculo da vida; seu entusiasmo parece accender-se no fogo do raio, e o tumulto das armas lhe retine nos versos.

«A inspiração do poeta compara o heroe de Austerlitz ao astro da luz, que caminha ao occaso. E, na verdade, ha em Napoleão alguma cousa da immensidade das maiores obras da criação.

Surgido d'uma ilha vai sepultar-se em outra ilha, no meio dos mares, onde Camões situou o genio das tempestades, depois de ter em seu giro espantado os povos com tão grandes revoluções. Esse halito inflammado, que suffoca as phalanges inimigas, e accende a coragem das suas; esse effeito de orchestra produzido pelos horrores da guerra; essa abobada de

balas, que, penetradas de respeito, á maneira de submissos leões, apenas ousam lamber os pés do ginete, — são antitheses d'uma sublime energia, e que traçam ao vivo as proporções colossaes de genio do grande homem ², diante de cujo sôpro se aniquilam todas as humanas resistencias e até a natureza physica parece curvar-se de respeito ».

Em uma *introdução* «de muito merecimento» conforme o competente laudo de Capistrano de Abreu (*Livros e Letras* — GAZETA DE NOTICIAS n.º 284 de 15 de outubro de 1880), o dr. Franklin Tavora, escriptor de provada capacidade, referindo-se ao autor do poemeto O DIARIO DE LAZARO; composição que «seria uma das primeiras obras do poeta se elle a tivesse revisto», e que «ainda no estado em que a recolheu um talentoso amigo, cultor das nossas letras, o dr. Arthur Barreiros, a quem a REVISTA BRAZILEIRA ³ deve o ensejo de haver tornado publica aquella valiosa deixa de tão opulento engenho, é uma distincta pagina dos annaes poeticos do Brazil», assim se exprime ⁴:

«O poeta (F. Varella) que louvou gostosamente o astro das batalhas ⁵ no occaso da gloria, quando as fontes do canto não podiam ser outras senão a tristeza, a resignação e a saudade, não o louvaria jámais com igual successo, no momento mais solemne da sua vastissima parabola, quando se arriscava a sua sorte e a de mais d'uma nação em um só campo de batalha, em Waterloo, d'onde tomou assumpto a musa do snr. Magalhães, muito mais energica e bellicosa, para remontar-se altíloqua, embora pouco original, ás espheras da epopéa».

NOTAS

¹ Autor do poema a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS (Vej. na REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO — *Suppl.* ao tom. XIX, pag. 100-104 e no CURSO ELEMENTAR DE LITTERA-

TURA NACIONAL, pag. 539-541, as apreciações dos drs. J. M. de Macedo e J. C. Fernandes Pinheiro).

A CONFIDERAÇÃO DOS TAMOYOS suscitou a publicação das *Cartas de Ig*, publicadas no *Diário*, e tiradas em avulso (Rio de Janeiro, 1856). O autor (conselheiro José Martiniano de Alencar) declarou na advertencia preliminar ter tomado ao nome da heroína do poema (*Iguassú*) as letras *Ig*, que lhe serviram de assignatura.

Do dr. Domingos J. G. Magalhães trata o *DICC. BIBL. PORT.* nos tom. II e IX, pag. 187-188 e 142-144.

² Joaquim Norberto, nos *CANTOS EPICOS*, Rio de Janeiro, 1861 — consagrou-lhe a ode (*A visão do proscripto*), que assim principia:

Um escolho!... Eis o vasto e grande imperio
Que tanto ambicionou-lhe a alma ardente,
Barreira extrema aos vãos de seu genio!

(Pag. 49)

e Thomaz Ribeiro no poemeto a *Festa e Caridade* (*Sons que passam*, pag. 61, Porto, 2.^a edição, 1873, referindo-se ao moderno Cesar, assim se exprime:

.... esse terrivel
Napoleão, — o heroe! o immenso! o incomprehensivel!
O anjo do exterminio! o ralo! o deus da guerra,
Que enriquecia a França, empobrecendo a terra...

Camillo Castello Branco, noticiando em o n.º 1 (1881) da *BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGHEIRA* o apparecimento da 3.^a edição corrigida dos *Sons que passam*, escreveu estas palavras que vibram dolorosamente n'alma:

«Ao folhear a 3.^a edição dos *Sons que passam*, uma curiosidade dolorosa depara-me a pag. 135. Á margem d'essa poesia esfumam-se, esvaídos como imagens vistas através de lagrimas, uns quadros d'aquelle festivo dia de julho de 1866. Junto de Castilho, que tinha no seio o coração de Jesus amigo das crianças, estão dous meninos. Eram meus filhos. Com uma alegria infantil — o jubilo das almas sãs que fazem a sua felicidade de cousas pequenas como as aves fabricam os ninhos de leves penuas que furtam á viração, Thomaz Ribeiro lia os versos que fizera para meus filhos recitarem ao principe da lyra portugueza. As crianças amavam o seu venerando amigo, mas em silencio como deve adorar-se o Incomprehensivel. Nas franças dos arvoredos fizera-se tambem o silencio d'esses outros poetas que nos ensinam a cantar, sem a discutir, a Providencia que lhes dera a sombra, as flôres e as

searas. Thomaz Ribeiro disse em nome das duas crianças que o contemplavam absortas:

*Somos de troncos robustos
os louros, os tenros gomos.
Das flores surgirão pomos?...
se Deus regar os arbustos!*

Castilho puzera as mãos sobre as cabeças de meus filhos; rolavam-lhe as lagrimas pelas faces, quando Thomaz Ribeiro proferiu a ultima quadra:

*Vaes partir! leva-a contigo
e jura por teus carinhos
que, em nós já sendo homemzinhos,
serás nosso mestre e amigo.*

O grande poeta partiu; e quando meus filhos podiam conhecer o coração e o espirito do mestre e amigo que os abençoára, Castilho morreu. Um d'esses meninos, á volta dos quinze annos, quando devia lêr nos versos de Thomaz Ribeiro, essa pagina memoravel e esquecida da sua infancia, recebeu na frente um sopro de morte que lhe apagou a luz do entendimento. O sorriso que principiava a entreabrir-lhe nos labios o encanto das artes que precocemente o deliciavam, converteu-se n'uma hilaridade asperrima, despedaçadora, de demente.

Ha seis mezes que Thomaz Ribeiro o quiz vêr retrahido no espaldar d'uma sege, como se um grande terror das cousas luminosas da vida lhe incutisse a consciencia da sua escuridão interior. Thomaz Ribeiro viu-o, e com os olhos rasos de lagrimas, como quem se despede d'um cadaver, disse-lhe: — Adeus, adeus, Jorge!

*

Nos **SONS QUE PASSAM** está esta pagina onde, por uma reversão do passado menos infeliz para esta agonia de hoje, a saudade me faz vêr uma das estações do meu calvario».

³ Segundo anno, tom. v, 15 de julho de 1880, pag. 175-194. Ao entregar á luz publica a obra posthuma do mallogrado cantor do **EVANGELHO NAS SELVAS**, escreveu a benemerita redacção da **REVISTA BRAZILEIRA**:

« Á graciosa obsequiosidade do distincto dr. Arthur Barreiros devemos a fortuna de, obtida venia da familia do illustre poeta Fagundes Varella, dar á estampa na *Revista* este bello poemeto inedito».

O esclarecido e judicioso escriptor dos *Livros e Lettras*, tratando da obra posthuma de Varella e considerando-a, « embora incompleta, uma bella pagina da litteratura brasileira », com inteira razão d'est'arte se expressa :

« Na publicação do *Diario de Lasaro* concorreram muitos e nobres esforços, que fazem do poema, antes de tudo, uma boa acção. A *Revista Brasileira* publicou o livro á sua custa ; Franklin Tavora escreveu uma introdução de muito merecimento ; Augusto Off, com o talento feliz e a generosidade simples que todos lhe reconhecem, deu um bello retrato de Varella.

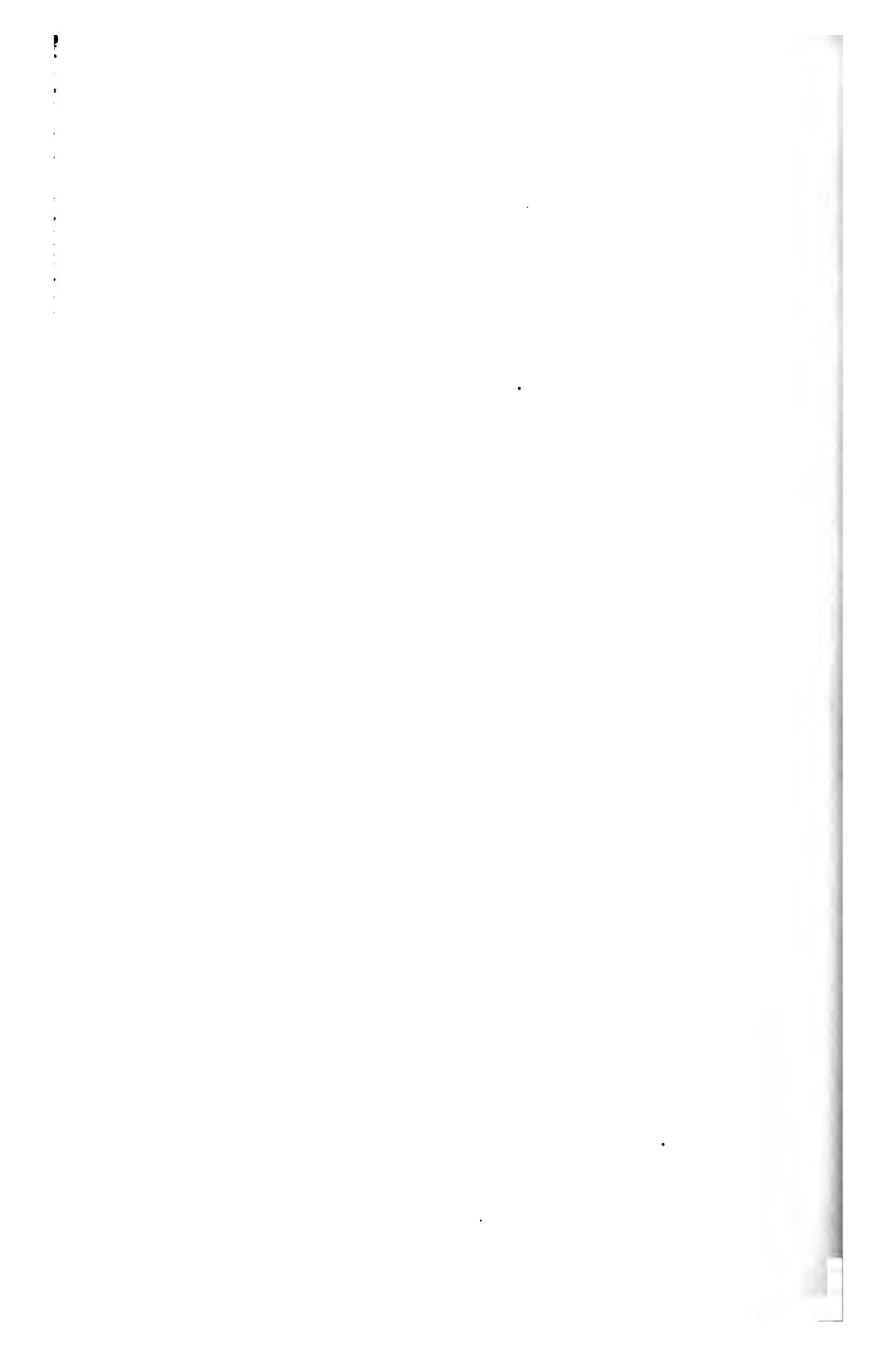
Ao publico pertence acompanhar tão grande exemplo, e lançar os ultimos versos do poeta feitos pão, roupa e ensino no lar entristecido da pobre viuva e das misereras orphãs, segundo a expressão de Ferreira de Menezes ».

⁴ REVISTA BRAZILEIRA — Segundo anno, tom. v, 1 de setembro de 1880, pag. 367-369.

⁵ Vid. a poesia *Napoleão*, pag. 67-72 das VOZES DA AMERICA, 2.^a edição. S. Paulo, 1876, com uma *carta-prefacio*, pag. 7-15, de F. Quirino dos Santos ao dr. F. Rangel Pestana.

Do heroe de Iena e de Wagram disse um escriptor brasileiro, José Antonio de Freitas, no opusculo A RAZÃO NA GUERRA — *Crítica da evolução historica do DIREITO DAS GENTES e necessidade da reorganisação d'esta sciencia* (Lisboa, 1880 — folheto de 33 pag.) : pag. 25 :

« Napoleão, o mais audacioso e feliz capitão do seculo em que vivemos concebeu n'um sonho de ambição o plano arrojadissimo de subjugar e dictar leis á Europa inteira ; e se, como filho dilecto da ventura numerou as victorias pelas batalhas e deu á França dias do maior esplendor e da mais subida gloria, é tambem certo que esgotou ao seu serviço as forças d'aquella grande nação, e as guerras por elle exploradas foram o germen d'onde brotaram as da Santa Alliança ».



XVI

É MUI PESADA A SUJEIÇÃO DO SCEPTRO

É este verso da «*Falla do infante D. Pedro, duque de Coimbra, aos portuguezes, querendo-lhe levantar uma estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentiu.*» (Vej. OBRAS POETICAS de Pedro Antonio Corrêa Garção, pag. 164-166 — Lisboa, 1778 ¹).

Não, lusitano povo, eu não consinto
Que estatua ao meu nome se dedique :
O amor da patria. o zelo da justiça,
Não sê-le de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redeas do governo :
Se fui clemente. justiceiro ou pio,
Obrei o que devia. É mui pesada
A sujeição do sceptro ; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as leis sagradas :
Fiel executor deve cumpril-as ;
Mas não pôde alteral-as.....

A *Falla* de que extractámos estes versos remata :

Porém se vós, illustres portuguezes,
 Desejaes conservar meu nome eterno ;
 Não é preciso o marmore soberbo,
 Basta-me a tradição de paes a filhos,
 Com fiel saudade transmittida.
 Esse o jaspe, esse o bronze em que pretendo
 O meu nome esculpir: chegue aos vindouros,
 Sem perder o caracter que o fez grande :
 Lembre-se, o benemerito, do premio ;
 Recorde-se, o culpado, do castigo ;
 Todo o reino, do publico descanso,
 Em florente commercio, em paz segura :
 Mas haja quem se lembre d'este caso,
 E quem diga que rejeitei, modesto,
 As honras de uma estatua ; e que estas honras
 Quem chega com justiça a merecel-as,
 Tambem sabe atrever-se a desprezal-as ».

Apropositado se nos afigura citar n'este lugar o seguinte passo do sermão geralmente denominado *Os mal despachados* (Vieira — tom. I, pag. 299) :

« Se vossos feitos foram romanos, consolai-vos com Catão, que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros, poz-lhes estatuas o senado: a Catão, o mundo ».

Alludindo á *Falla do infante D. Pedro*, diz o DICCC. BIBL. PORT., tom. v, pag. 247, referindo-se ao escripto *Luiz de Camões levantando o seu monumento, ou a historia de Portugal justificada pelos LUSIADAS*, pelo dr. A. J. de Mello Moraes :

« É um esboço da historia portugueza, formado quasi todo dos versos dos LUSIADAS. (Notei no fim d'esse volume um pequeno descuido, do erudito escriptor brasileiro, que deve ser rectificado Julgou elle (pag. 89) que na falla ou discurso poetico que Garção põe na bocca do infante D. Pedro, rejeitando a idéa de uma estatua, que os portuguezes pretendiam erigir-

lhe, o poeta se referia a D. Pedro II, quando regente no impedimento de seu irmão D. Affonso VI. Ha aqui engano manifesto. O infante de que se trata é D. Pedro, duque de Coimbra, filho de D. João I, e regente na menoridade de D. Affonso V, e morto depois desgraçadamente na batalha de Alfarrobeira. A D. Pedro II não consta até hoje que alguém se lembrasse de levantar estatuas »).

É mui interessante o que a respeito dos motivos do encarceramento de P. A. Corrêa Garção escreveu Camillo Castello Branco NO CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 181-187, e NO CANCIONEIRO ALEGRE, pag. 369-371.

O final da *Falla do infante D. Pedro* traz-nos á lembrança estes versos dos LUSIADAS

MELHOR É MERECEL-OS, SEM OS TER
QUE POSSUIL-OS, SEM OS MEREZER.

CAMÕES — Cant. IX, est. 98

a proposito dos quaes não se nos afiguram descabidas as seguintes linhas:

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, em suas OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS, tom. II, pag. 82, exemplificando na 2.ª parte do *Tratado de eloquencia*, o emprego da — *antithese* —, exprime-se d'est'arte:

« *Antithese*, figura de palavras por contraposição, dá-se quando na phrase se contrapõem dous objectos, isto é, contraposição de cada palavra entre si, ou de duas a duas, ou de orações inteiras: Ex. de Fr. Heitor Pinto, *Imag. da vida de Christo*, pag. 2, dial. 1.º, cap. II — De uma palavra: « Não ha no mundo alegria sem sobresalto, não ha concordancia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riqueza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente, não ha gosto sem desgosto ». — De duas a duas palavras, em Vieira, *Serm.*, part. IV, pag. 492: « Vieram gentios e tornaram fleis; vieram idolatras e tornaram christãos ». — De orações a orações, em Vieira, *Serm.*, part. I, col. 541: « Antigamente es-

tavam os ministros ás portas da cidade, e agora estão as cidades ás portas dos ministros. Veja-se tambem nos *LUSIADAS*, cant. IX, est. 93 :

Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente;
Melhor é merecel-os, sem os ter
Que possuil-os, sem os merecer ».

O nosso distincto amigo, Joaquim de Mello, em artigo inserto no *CRUZEIRO* de 13 de maio de 1881, sob o titulo *O Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro*, fez mui feliz applicação dos versos camoneanos a que nos temos referido. Eil-a :

« O Gabinete portuguez de leitura é a mais antiga, a mais util, a mais honrosa de todas as instituições portuguezas no Brazil.

Fundada em 1837 pelo dr. José Marcellino da Rocha Cabral — de certo um dos mais benemeritos entre muitos portuguezes distinctos emigrados para este paiz — ajudado por outros dedicados conterraneos, esta instituição atravessou nos quarenta e quatro annos da sua existencia diversas phases; ora de grande actividade, ora de marasmo dissolvente, ora, emfim, de propicia rejuvenescencia.

Para contrastar o desdem e o desamor de alguns, tem encontrado, felizmente, a extrema dedicação, o zelo fecundissimo de outros; e o movimento e a força vencem sempre a indifferença e a inercia.

Entendem muitos que as associações destinadas ao allivio dos males physicos devem prevalecer sobre as que se empenham em destruir as trevas da cegueira intellectual, fingindo desconhecer que o desenvolvimento do espirito traz quasi sempre a diminuição dos padecimentos corporaes.

D'aquelle modo de vêr resulta a preferencia que se dá á filiação nas sociedades de beneficencia, com preterição das associações instructivas. Aquellas acham sempre pessoas de influencia que espontaneamente se prestam a administral-as; estas a custo se lhes depara quem se sacrifiche a dirigil-as.

Perante o criterio dos governos que se succedem em Portugal, os directores das primeiras são benemeritos, aos quaes a munificencia regia remunera infallivelmente; os das segundas alcançam por muito favor — quando alcançam — um secco officio de agradecimento, preguiçosamente bocejado na secretaria do reino.

Ainda bem que a monarchia conserva systematicamente encerrados para estes os cofres das suas graças. D'est'arte os serviços que elles prestam são devéras desinteressados; e ninguém os acoimarâ de ambiciosos de nobilitações. Com razão se lhes pôde applicar a judiciosa sentença do grande epico:

... essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente;
Melhor é merecel-os, sem os ter
Que possuil-os, sem os merecer.

(*Lusiadas*, ix, 98).

Com relação aos *Gabinetes de leitura no Brazil* pôde lêr-se o artigo inserto a pag. 67 do vol. II, n.º 16 — New-York, 24 de janeiro de 1862, do Novo MUNDO.

Assim o entendeu o notavel estadista portuguez Rodrigo da Fonseca Magalhães (Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tom. VII, pag. 171-172) quando agradeceu, mas recusou, o titulo de conde para seu filho, a quem o rei D. Pedro V desejou honrar com aquelle predicamento.

Ouçamos o elegante panegyrista, Latino Coelho, de R. da Fonseca Magalhães:

« Quiz el-rei suavisar-lhe os derradeiros momentos, levando a munificencia aonde já ninguem podia levar a esperanza. Offereceu-lhe um titulo para que o legasse ao filho, a quem elle tão desveladamente queria. Era a mercé para alvoroçar, a quem, já solto quasi dos laços d'este mundo, resumia todas as saudades e todas as benções no filho e na familia que deixava. Era licito á mais austera abnegação e á modestia mais humilde, receber na descendencia o premio de serviços distin-

ctíssimos. Rodrigo da Fonseca inspirou-se na mais respeitosa gratidão para com a regia liberalidade que descia obsequiosa e espontanea a galardoar o estadista e o orador. Ha vaidades, que não conhecem o pó em que se revolvem, nem quando o apalpam já proximo do tumulo. O que fariam ellas, que em vida se humilham para subir, que em vida menosprezam o nome herdado de seus paes, que em vida affrontam e disfarçam a propria gloria pessoal com a mascara risivel de uma nobreza decretada, o que fariam se agonisantes percebessem no extremo crepusculo da vida o brilho de uma corôa, a côr de uma fita, as lantejoulas de uma venéra?

« Pois Rodrigo da Fonseca a mesma vaidade que sempre mostrára na vida a quiz exemplificar na morte. Merecêra o título? Recusou-o. Que assim praticam os homens a quem basta o merito para ser elle a propria recompensa, e o nome para brazão e fidalguia ». (ELOGIOS ACADEMICOS, tom. I, pag. 287-288).

Vejamos agora as proprias palavras de R. da Fonseca Magalhães :

« No momento de receber a participação, com que, por ordem de sua magestade, v. exc.^a me honra, apesar da oppressão, que sinto da molestia que padeço, não posso deixar de immediatamente elevar á augusta presença de sua magestade a expressão do meu sincero agradecimento, de que jámais perderei a memoria. Mas meu filho ² que me iguala em sentimentos de amor e gratidão á real pessoa de sua magestade, não pôde deixar de proceder como procedeu, vivendo a rainha a snr.^a D. Maria II, de saudosa memoria, quando a recusa minha de igual título, que sua magestade me concedia, elle com decidida mas respeitosa resolução expoz ao duque de Saldanha, primeiro, que, em quanto seu pai vivesse, elle não tomaria na sociedade uma qualificação superior á d'elle ; segundo, que não reputava os serviços de seu pai, por grandes que fossem, para serem recompensados na pessoa do filho, que nenhuns tinha feito ainda.

« Estes termos que eu mesmo tive a honra de repetir a sua

magestade a rainha, a snr.^a D. Maria II, mereceram a real approvação d'aquella esclarecidissima soberana, o que para mim e para meu filho serviu de maior prova de benevolencia de sua magestade e do profundo senso de justiça com que ella avaliava os actos dos seus subditos ». (*Obr. cit.*, pag. 373-375).

Andrade Ferreira (LITTERATURA, MUSICA E BELLAS-ARTES, tom. I, pag. 90 e 91) escreve em seguida á transcripção d'esta carta :

« Este documento prova uma grande inteireza de character. As honras do mundo nunca poderiam cegar o homem que sempre fizera d'ellas tão pouco cabedal, e muito menos na hora dos desenganos, quando a morte, já assentada á sua cabeceira, lhe apontava para todos esses falsos brilhos, como luzes que pouco a pouco se iriam sumindo no abysmo das sombras eternas ».

.....

« Aquelle espirito eminente não quiz — com justa altivez — que um titulo aristocratico viesse substituir-lhe o nome; porque o nome de Rodrigo da Fonseca Magalhães resume uma das maiores aristocracias dos tempos modernos: a aristocracia do talento e das convicções liberaes ».

NOTAS

¹ Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. VI, pag. 386-393; CURSO ELEMENTAR DE LITTERATURA NACIONAL, pelo conego Fernandes Pinheiro, pag. 454-462; MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, por Theophilo Braga, pag. 427-429; e CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, por F. Sotero dos Reis, tom. III, lições 50-53, pag. 247-292.

Garrett no *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* (PARNASSO LUSITANO, tom. I, pag. XXXIX) diz :

« Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas pôde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferverão em mais entusiasmo, crearão acaso mais; porém a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pu-

ra, casta, ingenua, nunca lhe desvairou : em suas composições ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido, uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfectas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao genero lyrico, especialmente ao Horaciano; e n'esse ninguem o excedeu, antes ninguem o igualou. A ode á Virtude, a que se intitula o Suicidio (que pela primeira vez sahe a lume n'esta collecção) e outras muitas que longo fôra enumerar, são de uma belleza, d'uma correção, d'um *acabado* (como dizem os pintores) que difficilmente se imitará, tarde se chegará a igualar ».

² Luiz do Rego da Fonseca Magalhães.

XVII

E MUITAS MAIS INVENÇÕES,
POIS QUE TUDO SÃO COUSINHAS.

«Garcia de Rezende¹, o chronista de D. João II, mofando (na *Miscellanea*) das extravagancias de trajos do seu tempo, accumulou todos estes diminutivos:

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pelotinhos,
Golpinhos e çapatinhos,
Fundas, pequenas mulinhas,
Gibõesinhos, barretinhos,
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nominasinhas,
Estreitinhas guarnições...
E muitas mais invenções,
Pois que tudo são cousinhas.

(Copiado de pag. 148-149 da *Parte segunda* das REFLEXÕES SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA, *escriptas por Francisco José Freire*).

Antonio Feliciano de Castilho (Vej. *Noticia da Vida e Obras do Padre Manoel Bernardes*) assim se exprime (tom. II, pag.

*

282-283) a respeito das *Reflexões sobre a lingua portugueza*, e de seu autor Francisco José Freire:

« Importa advertir aqui de passagem, para cautela dos estudiosos principiantes, que este livro, posto sahisse admiravelmente mau da penna de seu autor, sahiu da impressão notavelmente proveitoso pelas muitas e judiciosas correccões que em notas lhe ajuntou o nosso muito distincto philologo, o snr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

« *Candido Lusitano*, de quem, além das obras já impressas, existem ainda outras manuscriptas, era apenas um erudito; carecia de talento para escriptor, de gosto e sagacidade philosophica para critico; por elle se pôde dizer, sem injuria, o que por tal mui lido e sabido dizia o nosso Bocage: « *Forte penter este homem aprendido latim! perdeu-se n'elle um grande parvo!* »

« Freire ou *Candido Lusitano* só chegou até onde podem sempre chegar os espiritos mais vulgares, nascidos com a furia de lér, com a pachorra de apontar *alto e malo*, com o sestro e fadario de fazer livros. Este seu, que, para o tempo em que elle o fez, era já mesquinho e errado, tomado hoje para *vademecum*, seria ainda muito mais errado e muitissimo mais defectivo, entretanto, *felix culpa*, que a não ser elle não teriamos agora as solidas e magistraes reflexões do snr. Rivara ».

No III volume da LIVRARIA CLASSICA vem transcripta a *Miscellanea* com as seguintes indicações: « *Miscellanea de Garcia de Rezende*?, e variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram. — Edição de Lisboa, officina de Manoel da Silva, 1752. Anda annexa á CHRONICA DE D. JOÃO II ».

O precitado volume é devido á esclarecida collaboração de Antonio Feliciano de Castilho, que a pag. 354, d'est'arte enuncia seu autorizado juizo ácerca do compilador do *Cancioneiro Geral*:

« Remataremos com dizer em summa que ao bom Garcia de Rezende são as nossas letras devedoras, não só de uma chronica tão apreciavel como instructiva, mas tambem do mais copioso e antigo repertorio de trovas nacionaes, em que, através

de muitos defeitos reaes e de muitissimos apparentes, se podem colher aos cardumes noticias de costumes e usanças velhas, e não escasso cabedal a nossa historia litteraria».

Tendo á vista a edição a que acima alludimos, vamos re-ctificar os versos citados pelo douto Rivara nas *Reflexões sobre a lingua portugueza* e pela mesma fórma geralmente reproduzidos; acrescentando-lhes outros que, a nosso vér, merecem memorados :

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pelotinhos,
Golpinhos, e sapatinhos,
Fundas pequenas mullinhas,
Gibõeszinhos, barretinhos :
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nominaszinhas,
Estreitinhas guarnições,
E muito *más* invenções,
Poisque tudo são cousinhas.

.....

Vimos os bons descahidos,
E os máos mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtude cahidos
Por meios falsificados :
A prudencia escondida,
A vergonha submettida,
O mentir mui desfaçado,
O saber desestimado,
A falsidade crescida.

.....

Vimos moços governar,
E velhos desgovernados,
Fracos em armas fallar,
E vimos muitos mandar,
Que devião ser mandados :

Vimos os bens estorvados,
Os males acrescentados,
Vimos clérigos viverem
Com mulher, e os filhos serem
Dos benefícios herdados.

.....

Glosadores maldizentes,
Desfazedores de quem
Os faz viver descontentes ;
Com amigos, nem parentes
Não tem lei, nem com ninguém :
Vi fracos de coração,
Asperos, sem criação,
Trabalhar por ter amigos,
E deixar perder amigos
Por sua má condição.

Servem de fecho á *Miscellanea* os seguintes versos :

CONCLUSÃO

Mui poucos ajudadores
Acha quem quer fazer bem,
E se alguém bem feito tem,
São tantos os glosadores,
Que o não faz já ninguém :
As cousas ante de achadas,
Nem vistas, nem praticadas,
É muito quem as bem acha,
E mui pouco pôr-lhe tacha,
Quem as deseja tachadas.

O caminho fica aberto,
A quem mais quizer dizer,
Tudo o que escrevi é certo ;
Não pude mais escrever,
Por não ter mais descoberto :
Sem letras e sem saber
Me fui n'aquisto metter,
Por fazer a quem mais sabe,
Que o que minguar acabe,
Pois eu mais não sei fazer.

Esta composição (diz A. F. de Castilho — *Garcia de Rezende* — pag. 325) « fluctua entre diversos generos, a narração, a moral, a satyra, e a historia natural descriptiva.

« É em decimas que differem das modernas em rimar o 5.º verso com o 2.º e 3.º, e não com o 1.º e 4.º, e levam um prologo que tem a singularidade de ser feito em versos lyricos de sete syllabas, como os das decimas, porém sem consoantes ».

N'este lugar se nos afigura apropositado subministrar ao leitor a noticia dos CANCIONEIROS publicada de pag. 362-368 na SELECTA NACIONAL — *Curso pratico de Litteratura portugueza* — Terceira parte — *Poesia* — Lisboa — 1877 :

« Os mais antigos monumentos litterarios de poesia que existem escriptos em lingua portugueza são as trovas e cantigas de el-rei D. Diniz, e de el-rei D. Affonso XI de Castella e Aragão. Nenhuma outra nação moderna se póde gloriar de ter por iniciador da sua poesia dous homens, ambos coroados com a dupla corôa de reis e de poetas. Só nas lettras sagradas se encontra igual exemplo em Salomão, o rei predilecto de Deus.

Os codices em que se acham colleccionadas as canções ou trovas do primeiro periodo da lingua denominam-se *cancioneiros*. Os principaes que existem são os seguintes :

1.º *Cancioneiro da Vaticana*. Ha d'este codice tres edições. A primeira publicada em Paris pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Este editor deu à estampa sómente as trovas que se acham n'este codice, sob o titulo de trovas de el-rei D. Diniz. — A segunda é um pequeno volume primorosamente impresso a duas côres e em excellente papel, dado á estampa pelo snr. F. A. de Varnhagen. Esta publicação cheia de eruditas notas tem por principal fim demonstrar a importancia do codice da Vaticana.

A terceira é a recentemente publicada pelo italiano Carlos Bonaci. Cópia completa e textual. N'ella se lêem as poesias de el-rei D. Diniz, algumas de D. Affonso XII e muitas de grande numero de autores.

Uma parte dos nomes que figuram como autores n'esta tão variada collecção, encontram-se tambem nos documentos da chancellaria dos reinados de D. Diniz e de D. Affonso III, e al-

guns até com a denominação de trovadores, o que dá grande fé áquelle codice.

2.º *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. Ha d'este codice, que existe na livraria real da Ajuda, duas edições modernas, uma publicada por Carlos Stuart, e outra pelo snr. F. A. de Varnhagen.

3.º *Cancioneiro geral de Garcia de Rezende*, publicado pela primeira vez em 1516.

4.º *Cancioneiro de D. Affonso XI*, que acaba de se publicar em Madrid. D'este codice há copias de algumas canções, no cancionero da Vaticana e na collecção intitulada *Flores de Hespanha*.

Pela nossa parte adicionaremos a seguinte indicação :

CANCIONEIRO PORTUGUEZ — da — VATICANA. — *Edição critica* — *Restituída sobre o texto diplomatico de Halle*, — *acompanhada* de um glossario — e de uma introduccão sobre os *trovadores e cancioneros* — *portuguezes* — por — THEOPHILO BRAGA — professor de litteratura moderna e especialmente de litteratura portugueza no *Curso Superior de Lettras*. — Lisboa — Imprensa Nacional. — MDCCCLXXVIII.

Das paginas estampadas á frente da edição destacamos os seguintes periodos que fazem parte das que se inscrevem sob as rubricas *Indifferença do publico pelo passado nacional* — *O que vale a iniciativa nacional*:

« Depois de restituído completamente o CANCIONEIRO, tentámos publical-o por fasciculos, associando-nos com um proprietario de typographia. Fizemos correr o seguinte prospecto :

« O monumento principal da litteratura portugueza, pela sua importancia philologica, historica, tradicional e artistica, e pela época e sociedade que representa, é indubitavelmente o grandioso CANCIONEIRO PORTUGUEZ da BIBLIOTHECA DO VATICANO. Pertence aos seculos XIII e XIV, e compõe-se de mil duzentas e cinco canções que se repetiram nas côrtes de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV; alli se acham imitadas as varias escolas poeticas do fim da idade-média, os canticos trobadorescos da côrte de S. Luiz, os cantares de segrel das côrtes peninsu-

lares, os dizeres gallegos, e os lais bretãos a que apenas se allude; emquanto ás individualidades historicas, alli se acham representadas nos mais saborosos trovadores as familias que estiveram com Affonso III em França, e conspiraram para o elevarem ao throno. Por qualquer lado que se compulse este monumento, redobra-se o seu valor. Desde o seculo XVI que se sabe da sua existencia; os sabios estrangeiros o teem estudado successivamente, a estrangeiros devemos os fragmentos publicados até hoje, e hoje a admiravel edição diplomatica de Ernesto Monaci, que appareceu á luz em Halle, em fins de 1875. O texto primitivo do *CANCIONEIRO* suppõe-se perdido desde 1516; existe um apographo de copista que não sabia portuguez, e que reproduziu o texto extrahindo-o d'entre a pauta musical; d'aqui resultou que o amanuense, apesar de toda a sua fidelidade, reproduziu palavras imaginarias, as mais das vezes sem fórma de verso. O illustre Monaci, que salvou este texto, provoca a nação portugueza com o seu generoso brinde, a trabalhar para a reconstrucção critica da fórma authentica perdida. É o que tentamos hoje de um modo integral.

« A nossa edição deve constar :

1.º De uma longa introduccão sobre a historia da poesia provençal portugueza deduzida do texto do *Cancioneiro*, e de um estudo de historia externa sobre a filiação dos differentes *Cancioneiros* dos seculos XIII e XIV, com os quaes o *Cancioneiro da Vaticana* tem intima relação.

2.º Do texto das mil duzentas e cinco canções restituídas emquanto á lingua, á da época em que foi escripto o *Cancioneiro*, pelos processos criticos mais rigorosos; emquanto á poetica, ficando-lhes a sua justa metrificacão e a fórma estrophica, segundo os dados comparativos da poetica provençal.

3.º De um glossario de todas as palavras archaicas empregadas no *Cancioneiro*; e noticias biographicas dos trovadores portuguezes ». (Pag. v).

Referindo em seguida as tentativas, infelizmente frustradas, para dar ao prélo a edição critica do *Cancioneiro*, acrescenta (pag. vi) :

« N'estas circumstancias visitou-nos o dr. Francisco Ferraz

de Macedo, medico pela escola do Rio de Janeiro, onde exerce a clinica, por occasião da sua viagem pela Europa; soube das difficuldades insuperaveis que embaraçavam a entrega d'este monumento á nação portugueza, e insurgiu-se pondo immediatamente ás nossas ordens todos os meios materiaes para que a edição critica do *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano viesse a publico* ».

.....
 « A publicação do *Cancioneiro portuguez da Vaticana* deve-se exclusivamente ao patriotismo do dr. Ferraz de Macedo; os que estudam conhecerão o valor d'este acto, e para elles o seu nome ficará sempre venerado ».

Da edição critica do CANCEIONEIRO PORTUGUEZ DA VATICANA escreveu J. D. Ramalho Ortigão no *Esboço Biographico* de THEOPHILO BRAGA (vol. IX da *Bibliotheca Republicana Democratica*) pag. 9-11 :

« O culto da poesia leva naturalmente o seu espirito analytico e investigador á curiosidade e ao estudo das origens tradicionaes, e é d'esse periodo da sua evolução intellectual que data a publicação do *Cancioneiro*, do *Romanceiro geral portuguez*, da *Historia do Direito portuguez*.

« O exame das tradições fal-o penetrar ascencionalmente nos estudos historicos, e em 1869 principia a sahir á luz a *Historia da Litteratura portugueza*. Theophilo Braga inaugura na collecção preciosa d'estes livros, de uma leitura ás vezes tumultuosa, mas sempre transbordante de materia observada e de factos trabalhosamente recolhidos, a critica comparativa, anteriormente desconhecida em Portugal. Parallelamente com a *Historia da Litteratura* publicou os resultados do seu exame dos textos classicos nas edições de Camões, de João Vaz, de Bocage, da *Chronica dos Vicentes*, e *Cancioneiro da Vaticana*. Esta ultima obra bastaria, com as devidas condições de uma *reclame* bem lançada, para fazer em Portugal a reputação de seis ou oito eruditos.

« O *Cancioneiro portuguez*, publicado pelo romanista Ernesto Monaci, em Halle, é a reproducção diplomatica do texto manuscripto da bibliotheca Vaticana, o qual se suppõe ter per-

tencido a Angelo Collocci, fallecido no meiado do seculo xvi. O referido texto era cópia de um manuscripto do seculo xiv, mas o copista estrangeiro não conhecia a lettra portugueza e trasladou de um texto muito deturpado; de sorte que a reproducção diplomatica de Monaci tem, como verdadeiro *fac-simile* que é, todas as difficuldades de leitura que se encontram no manuscripto da Vaticana. O intelligente editor italiano adoptou este processo com o fim de salvar o texto do manuscripto que se pulverisava, convidando os philologos portuguezes a emprehenderem o trabalho de uma lição critica. Foi esse trabalho o que Theophilo Braga levou a cabo como pagamento de uma divida nacional, que a litteratura portugueza contrahira com Ernesto Monaci. As mil duzentas e cinco canções foram integralmente restituídas á sua fôrma authentica pelos severos processos da hermeneutica, attendendo a metrificacão, a fôrma estylica, a rima, o ritornello e o estudo comparativo da poetica provençal. Algumas canções que se achavam deturpadissimas apparecem hoje plenamente restituídas por meio de um processo, que o romanista Storck qualifica de *maravilhoso*. A nova edição do *Cancioneiro* é precedida de um largo estudo sobre a poesia provençal portugueza (cento e doze paginas) em que se relata pela explicação critica do *Cancioneiro* a vida litteraria das côrtes de D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV. A parte em que estabelece a filiação dos nossos cancioneros traz importantes revelações historicas, que resultam da critica comparativa de dados algumas vezes extremamente accidentaes. N'este prologo estuda-se ainda pela primeira vez o problema da unidade do lyrismo europeu e expõe-se a uma nova luz o facto importantissimo das relações dos trovadores portuguezes com as tradições populares que elles imitaram. O *Cancioneiro da Vaticana* é a fonte primordial da nossa litteratura. Sem elle seria impossivel escrever sobre bases positivas a historia litteraria de Portugal. Como auxiliar d'essa ordem de estudos esta obra de Theophilo Braga não tem menos importancia do que as creações mais originaes ».

NOTAS

¹ GARCIA DE REZENDE. — Moço da camara de el-rei D. João II. Ignora-se ao certo o anno do seu nascimento e o da morte; presume-se ter nascido em Evora em 1470, e fallecido depois do anno de 1554.

Colligiu um cancioneiro de poesias contemporaneas e anteriores. Escreveu a vida de D. João II. E ha d'elle tambem uma Miscellanea de trovas, e um livro intitulado: Breve memorial dos peccados e cousas que pertencem á confissão.

Alexandre Herculano, fallando d'este chronista, exprime-se da seguinte maneira:

« Escriptor singelo, cujo estylo está cheio d'aquella « naïveté » ou lhaneza e ingenuidade, que os francezes tanto louvam e apreciam nos seus antigos Froissart e Villoison ».

(Caldas Aulete — SELECTA NACIONAL — *Litteratura*, 4.ª ed. — 1881 — pag. 56):

² Vej. DIC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 118-121, e OS MUSICOS PORTUGUEZES, tom. II, pag. 145-148.

Façamos d'esta obra mais circunstanciada menção, começando pelas indicações bibliographicas.

Eil-as: OS MUSICOS PORTUGUEZES — *Biographia* — *Bibliographia*, por Joaquim de Vasconcellos — 2 vol. — Porto — 1870 — 8.º gr. Ambos os volumes trazem por epigraphe:

Licht! Licht! Licht!

GOTHE.

Contêm noticias biographico-litterarias de 400 musicos portuguezes.

Joaquim de Vasconcellos, nas *Idéas Preliminares*, pag. ix-xxiii, patenteia com louvavel isenção de animo os efficazes auxilios que lhe prestaram Joaquim José Marques, Platão de Vaxel, o dr. Vieira de Meirelles e Theophilo Braga.

Com relação aos dous ultimos diz: « Ao primeiro devemos alguns apontamentos interessantes que nos cedeu com a maior amabilidade; é este um dos poucos cavalheiros de Coimbra, verdadeiramente affeiçoados ás artes, e que tem recolhido subsidios valiosos que bem desejaramos vêr aproveitados ».

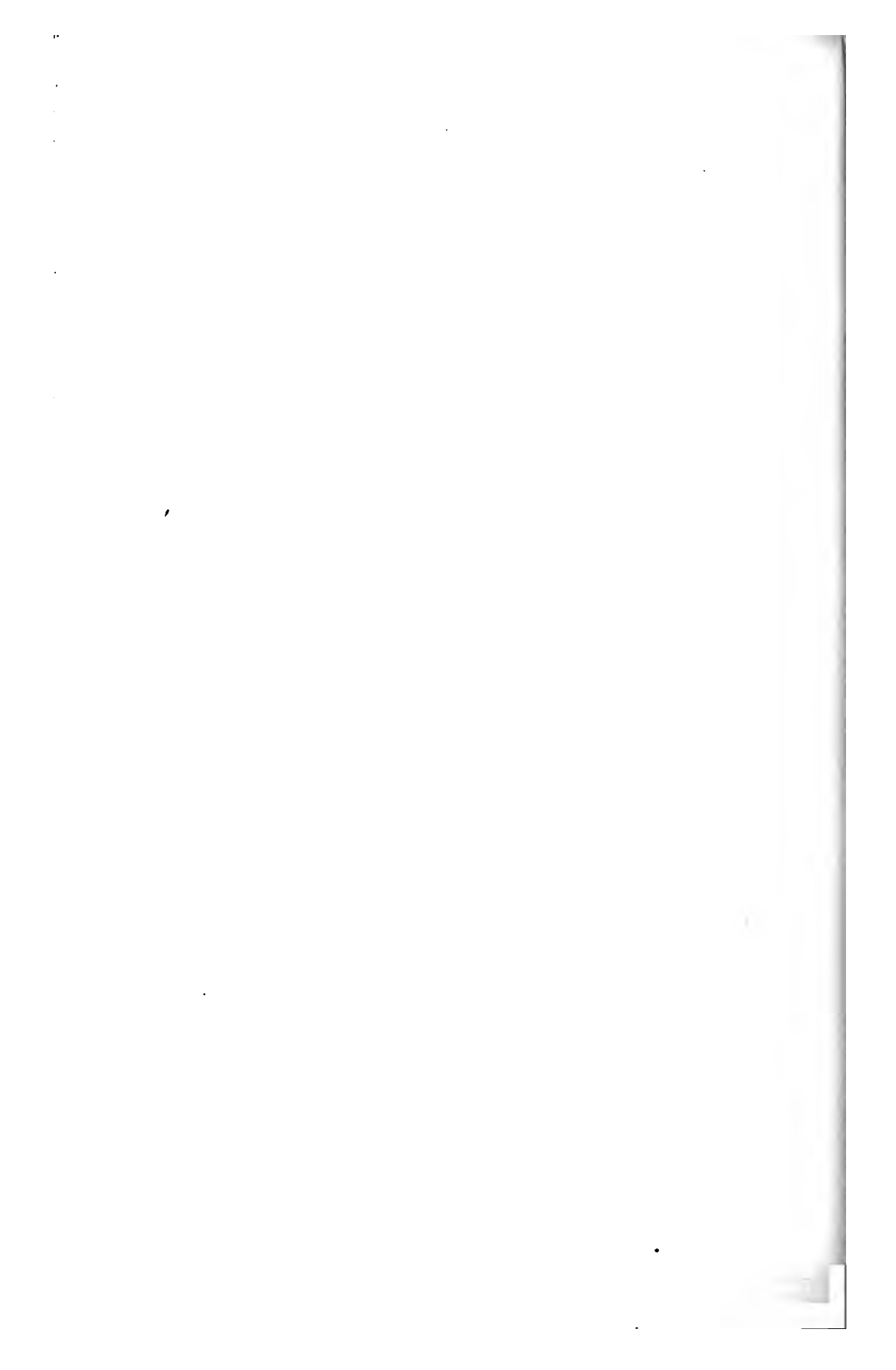
« O segundo, investigador incansavel, que se encontra sempre ao lado de quem trabalha sinceramente, auxiliou-nos com os seus valiosos conhecimentos, enriquecendo esta obra com apontamentos de grande interesse; durante a impressão, tarefa, cuja difficuldade, como escriptor novel, não tinhamos avaliado á primeira vista, recebemos muita vez os seus conselhos apreciaveis ».

De Platão de Vaxel refere que « teve a generosidade de lhe mandar offerecer os seus apontamentos biographicos e bibliographicos; e que não duvidou abster-se de publicar o DICCIONARIO DE ARTISTAS PORTUGUEZES, que servia de complemento á HISTORIA DA MUSICA ».

De Joaquim José Marques, « rasgando o véo de uma modestia excessiva, porque assim o manda a justiça », memora os serviços que o distincto musicographo portuguez (assim o denomina Fetis — *BIOGRAPHIE UNIVERSELLE DES MUSICIENS — supplement et complement* — pag. 173) prestou a Innocencio Francisco da Silva nas biographias de Marcos Portugal (Vej. Portugal — Marcos Antonio da Fonseca — nos *MUSICOS PORTUGUEZES*, tom. II, pag. 44-117) publicadas no *ARCHIVO PITTORESCO* e no *JORNAL DO COMMERCIO*, de Lisboa; e A. F. de Castilho no prologo da *LYRA PORTUGUEZA*, e a outros, e remata: « Terminamos estas observações lembrando mais uma vez á gratidão publica o nome de Joaquim José Marques, como um homem benemerito e que com o maior zelo e sincero amor da Arte, com a generosidade que só um bello coração póde ter, trabalha ha mais de dez annos com uma coragem tanto mais admiravel, que nunca foi agradecida com uma unica palavra ».

O conhecimento pessoal que temos, por nossa boa fortuna, do cavalheiro a quem se refere Joaquim de Vasconcellos, dá-nos direito a manifestar plena adhesão á homenagem, tão merecida quão autorizada, que lhe rende o autor dos *MUSICOS PORTUGUEZES* (Vej. Fetis — *Obr. cit.*; pag. 608-609 — Joaquim de Vasconcellos).

A *GAZZETTA MUSICALE di Milano* — Anno XXXI — n.º 33 — 13 de agosto de 1876 — art. *La musica in Portogallo* —, depois de fallar dos escriptos de Platão de Vaxel, diz: « *Un altro critico lisbonense, celebre per il suo vasto sapere ed anche per la sua vita ritirata assai, Joaquim José Marques, gli fornì una gran parte di materiali, frutto delle sue indagini indefesse, e prova eloquente della sua irudizione vastissima* ».



XVIII

ENTRE MARILIA E A PATRIA COLLOQUEI MEU CORAÇÃO.

Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino), religioso carmelita, foi executado a 13 de janeiro de 1825 na cidade do Recife, por effeito da sentença proferida pela Comissão Militar no processo, verbal e summarissimo, contra elle instaurado por motivo dos acontecimentos politicos conhecidos na historia patria sob a denominação de *Confederação do Equador*¹, o que se acha referido e documentado na *Noticia Biographica* (pag. 7-144) que antecede a publicação das OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS² do infortunado escriptor pernambucano.

As quadras, que passamos a reproduzir de pag. 52 em diante da mencionada *Noticia*, foram compostas por frei Caneca durante os tres dias que ficou no oratorio:

« Entre Marília e a patria
Colloquei meu coração;
A patria roubou-m'o todo³ —
Marília que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo
 Não deve a morte temer;
 Com a morte não se assusta
 Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura
 Da morte feia e cruel,
 Do rosto só muda a côr
 Da patria ao filho infiel.

Tem fim a vida d'aquelle,
 Que a patria não soube amar;
 A vida do patriota
 Não póde o tempo acabar.

O servil acaba inglorio
 Da existencia a curta idade;
 Mas não morre o liberal,
 Vive toda a eternidade *.

Em seguida á pag. 620 das precitadas OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS, se encontra uma *Advertencia do Revisor*, na qual se lê a pag. II: « Já em fim d'esta publicação, houveram-se duas poesias não comprehendidas n'ella, uma das quaes é variante da producção poetica da pag. 52 do livro I. Taes poesias hão tido curso sob a denominação de *Hymno de Frei Caneca*. Não devendo ficar esparsas, por isso incluem-se em seguida:

I

Entre Marília e a patria
 Colloquei meu coração;
 A patria roubou-m'o todo —
 Marília que chore em vão.

Marília, pede a teus filhos,
 Por minha propria a benção,
 Morram, como eu, pela patria;
 Marília que chore em vão.

Apenas forem crescendo,
Cresçam co'as armas na mão.
Saibam morrer, como eu morro ;
Marilia que chore em vão.

Defender os patrios lares,
É dever do cidadão ;
Quando expirem pela patria ;
Marilia que chore em vão.

II

Para defender a patria
Menino homem se faz,
Em dando a vida por ella ;
Morrendo, não peno mais.

De que me serve viver
Entre suspiros e ais ?
Se vivo, vivo penando ;
Morrendo, não peno mais.

Inda que eu queira, não posso
Existir entre os mortaes.
A morte serve de allivio ;
Morrendo, não peno mais.

Oh morte, porque não vens
Findar meus dias fataes ?
Se vivo, vivo penando ;
Morrendo, não peno mais.

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca ⁴ redigiu nos annos 1823 e 1824 o periodico politico *Typhis Pernambucano*. Constituem a *Parte VII* das suas OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS (pag. 417-620) vinte e sete numeros d'aquelle periodico, todos os quaes teem por epigraphe :

Uma nuvem, que os ares escurece
Sobre nossas cabeças apparece.

CAMÕES — *Lusiadas* — Cant. v, est. 37

e por fecho:

Cautela, união, valor constante.

Andar assim, é bom andar.

Boa viagem.

Do *Typhis Pernambucano* se encontra a pag. 48 da *Noticia Biographica* (1.ª Parte das supra-indicadas OBRAS) a seguinte apreciação:

« Este periodico interessa não só á litteratura da nossa provincia (Pernambuco), pelo bem que é escripto, como á sua historia, por muitas noticias e factos que da mais importante época consagra á perpetua memoria dos vindouros ».

Sob o título — *O Fuzilado de 1824* — Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca — figura o redactor do *Typhis* no 1.º numero da GALERIA DOS PERNAMBUGANOS ILLUSTRES por Henrique Capitolino Pereira de Mello — Pernambuco, 1878.

O n.º 2 d'essa publicação contém *Ligeiros traços biographicos do dr. José Antonio de Figueiredo* e o 3.º um *Estudo biographico sobre o bacharel Antonio Rangel de Torres Bandeira* (Veja. DICC. BIBL. PORT. — tom. I, pag. 243 e VIII, pag. 289-292).

No *Estudo biographico*, a que alludimos e temos á vista, encontra-se de pag. 43-58 a *Resenha dos escriptos do dr. Torres Bandeira, publicados em diversos jornaes, em folhetos, em volumes e ineditos*; e de pag. 59-60 a indicação dos *juizes criticos e de outros escriptos relativos ao biographado*, « talento tão admiravelmente fecundo, que se figura inexaurivel », segundo a expressão de A. F. Castilho (*Estudo cit.*, pag. 25).

Reproduzimos, no começo d'este artigo, versos compostos por um sacerdote na ante-sala da morte; reproduziremos, no remate, versos de outro sacerdote na ante-manhã da eternidade.

É do paraphrasta do psalmo I, *Miserere mei Deus* (Vej. INSPIRAÇÕES DE DAVID — Pernambuco, — 1844), o ilustre padre Francisco Ferreira Barreto, ao receber o sagrado viatico:

*Ancias, frio, suor, a vista errante,
Convulso o coração em sede ardendo,
Gottas de sangue tepido correndo
Pelo divino, pallido semblante;*

*Espinhos na cabeça agonizante,
Cravos nas mãos, nos pés, supplicio horrendo!
Terno pai, que espectáculo tremendo!
Quem póde resistir, meu doce amante?*

*Tudo quer contra o mundo me revolte;
Vossos olhos estão a procurar-me;
A lança, a cruz me diz que os vícios volte;*

*As mãos erguidas buscam abraçar-me,
A cabeça inclinada diz que eu volte,
A bocca meio aberta quer chamar-me.*

(Extrahido da NOVA SELECTA CLASSICA por J. B. Regueira Costa — pag. 264-265).

NOTAS

¹ Vej. *A Confederação do Equador — Noticia historica sobre a revolução pernambucana de 1824* — por Antonio Pereira Pinto — REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO — tom. XXIX, pag. 36-200.

² OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS — de *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca* — Collecionadas pelo — *Commendador Antonio Joaquim de Mello* — em virtude da lei provincial n.º 900 — de 25 de junho de 1869 — mandadas publicar pelo exe.^{mo} sr. Commendador Presidente da Provincia — *Desembargador Henrique Pereira de Lucena* — Recife — Typographia Mercantil — Tom. I, 1875 — Tom. II, 1876.

³ Da excellente *Memoria*, lida no Instituto Historico, *As Obras de Frei Caneca* (escripto que faz parte de um livro inedito intitulado *A Constituinte e a Revolução de 1824*), extractamos estas linhas:

« Entre os homens mais notaveis então pelos seus conhecimentos, apontava-se Frei Joaquim do Amor Divino Rebello Caneca. Andava elle pelos seus trinta e sete a trinta e oito annos. Não fôra dos que haviam dado contas a Homero para encarar Washington. Elle versava com facilidade; mas ou pelas razões expostas, ou porque, de facto, não lhe mereciam as lettras suaves a estima que a tantos captiva, nunca fôra d'estas cultor zeloso. Não o encontramos nos consistorios das igrejas discutindo bellezas de Virgilio e Ovidio; encontramol-o porém nos centros revolucionarios d'onde irrompeu a lava de 1817; antes d'isso fôra simplesmente religioso e mestre.

A producção que compos no oratorio; e começa:

« Entre Marília e a patria
Colloquei meu coração,
A patria roubou-me a vida,
Marília que chore em vão »

bem assim, a ode a Portugal, cujo primeiro verso é o seguinte:

Exulta, Celtiberia,
De Luso fundação armi-potente,
Emporio augusto do universo-mundo,
Berço dos Castros e Albuquerque fortes;
Lysia formosa, exulta

accusam antes intuição patriótica do que gosto pela poesia que n'elle verdadeiramente não predominava ».

Reproduzindo estas palavras devemos acrescentar que o illustrado autor da *Memoria* em nota ao 3.º verso — *A patria roubou-me a vida* — da quadra acima transcripta escreve:

« O commendador A. J. de Mello dá esta versão:

Entre Marília e a patria
Colloquei meu coração,
A patria roubou-m'o todo,
Marília que chore em vão.

« Mas n'este ponto aparto-me do benemerito escriptor para seguir a versão popular, que é a do texto ».

(REVISTA BRAZILHEIRA — Terceiro anno. Tomo VII — 15 de junho de 1881 — pag. 461-473).

⁴ Vej. na REVISTA BRAZILHEIRA de 15 de maio de 1881, pag. 331-337 o que no art. *Diccionario Bibliographico Brasileiro* e sob a rubrica Frei Joaquim do Amor Divino Caneca escreve o dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

XIX

E PARA QUE LASTIMAR A MORTE DE UM GRANDE HOMEM ?

Latino Coelho, no exordio do *Elogio historico de Rodrigo da Fonseca Magalhães*¹, responde no seguinte periodo, verdadeiro primor de estylo, á interrogação por elle proprio formulada :

«É a morte para os homens benemeritos um integro juiz e um imparcial reparador de affrontas e aggravos. Resplandecet em vida um talento eminente, e a inveja, semelhante ás tempestades alpestres, que sacodem e destroncam a coma dos cedros, e deixam adormecidas as hervasinhas rasteiras do penedio, a inveja deu rebate contra as suas imaginarias imperfeições; a ignorancia doutorou-se para o criticar, a mediocridade alteou-se para o escurecer, a malevolencia vestiu toga para o julgar, e o odio assentou tribunal para o punir. Desappareceu no eterno crepusculo a intelligencia que cegava com os seus lumes; já não pôde tomar o lugar ás ambições, disputar o passo ás impaciencias, usurpar a primazia ás vaidades. A ignorancia sumiu-se, calou-se a mediocridade, envergonhou-se a malevolencia, arrependeu-se o odio, e retractou-se a propria inveja. Mais poder teve a mudez eloquente de umas

cinzas illustres do que a inspirada facundia de um orador! Tão grande e tão solemne tribuna é um tumulo, quando sobre elle adeja o espirito de um grande homem ».

(ELOGIOS ACADEMICOS, tom. I, pag. 251-252).

A respeito do notavel trabalho, de que extrahimos o periodo acima transcripto, recommendamos a leitura do artigo sob o titulo *Rodrigo da Fonseca Magalhães*, inserto a pag. 67-92 no tom. I do livro *LITTERATURA, MUSICA E BELLAS-ARTES*, por José Maria de Andrade Ferreira (Lisboa, 1871). Assim termina o referido artigo: « O conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães deixou um vacuo difficil de preencher. Homem dotado de uma alta razão, intelligencia versada nos bons modêlos da antiguidade, antigo e esclarecido jornalista, possuindo em subido grau as faculdades repentistas da palavra, a sua perda é irreparavel. Como Taleyrand disse de Mira-beau: a sua cadeira, no parlamento, está vazia; enche-a apenas a memoria do seu immenso talento ».

São tambem do insigne escriptor Latino Coelho (Vej. *Dica. BIBL. PORT.*, tom. v, pag. 37-41 ³ e *MEMORIAS DA LITTERATURA CONTEMPORANEA*, por A. P. Lopes de Mendonça, pag. 325-332) e tambem do exordio do notabilissimo discurso a que já nos referimos, pronunciado na Academia real das sciencias de Lisboa, as seguintes palavras: « Estaes esperando talvez que eu encareça o eterno eclipse de tão privilegiada intelligencia, e inclinado sobre um tumulo, invoque d'entre os cyprestes os echos d'uma dôr inconsolavel ?

« Não; não venho aqui a desfolhar saudades sobre uma campa illustre, e a pendurar as primeiras corôas funebres na cruz solitaria que decóra um mausoléo. O officio da posteridade não é o de carpir, senão o de exalçar os que bem mereceram da sociedade. A gloria corôa, mas não chora. E o que vós me encommendastes n'este dia, é votar os primeiros louros a quem tanto os mereceu pelo coração e pelo engenho ». (*Obr. cit.*, pag. 250-251).

NOTAS

¹ Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. VII, pag. 171-172; REVISTA CONTEMPORANEA de Portugal e Brasil — biographia por Andrade Ferreira, tom. III, pag. 331-350, e no ESBOÇO CRITICO LITTERARIO por Alvaro Rodrigues de Azevedo — *O porque da dedicatória* (A' memoria de R. da F. Magalhães), pag. VII-XXII.

¶ N'este lugar deixaremos a noticia que nas EPHEMERIDES NACIONALES, maio 1858, dá o douto escriptor, Teixeira de Mello, do notavel orador parlamentar Gabriel Rodrigues dos Santos:

« Succumbe a um ataque de apoplexia, na cidade de S. Paulo, o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, deputado á assembléa geral legislativa por aquella provincia e lente da faculdade de direito.

Nascido na referida cidade a 1 de abril de 1816, era aos 20 annos de idade bacharel em direito civil pela respectiva faculdade, perante a qual defendeu theses dous annos depois e recebeu o capello de doutor; em 1854 foi nomeado lente.

Um dos mais illuminados e conveniendos membros do partido liberal do imperio e dos seus mais eloquentes orgãos na camara dos deputados e na imprensa, o dr. Rodrigues dos Santos accompanhou com fidelidade e coragem os seus correligionarios e soffreu com elles a sorte dos vencidos.

No artigo, que a este illustre paulista consagra o snr. dr. Macedo no seu ANNO BIOGRAPHICO, lê-se a seguinte apreciação dos seus dotes physicos e intellectuaes, em que estão compendiados os traços mais salientes do seu bello retrato moral:

« Nada lhe faltava para ser orador de primeira ordem.

Elle tinha figura elegante, rosto como illuminado, bellos olhos, presença sympathica, voz sonora e vibradora de todas as cordas dos sentimentos, palavra facil, fluente e tão prompta que parecia adivinhar a idéa, arrebatamentos de eloquencia que obrigavam a admiração dos adversarios, logica-Hercules, a esnagar a argumentação que combatia, imaginação vivissima, criterio e frio bom senso no meio dos vulções das proprias discussões mais tumultuosas.

Foi um meteóro.

Apagou-se!

Morreu pobre. Não tinha que vêr: é a sorte commum ás naturezas privilegiadas que pelos interesses geraes se descuidam do proprio interesse.

Luiz Augusto Rebello da Silva (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. V, pag. 228-232 e Bulhão Pato SOB OS CYPRESTES, pag. 233-265), um dos mais esclarecidos e vigorosos engenheiros portuguezes do presente seculo, cuja penna inspirada, o gelo da morte paralysoou por sua vez, deu-

nos no 6.º vol. do ARCHIVO PITTORESCO (Lisboa, 1863) um importante estudo biographico-politico do dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, que recommendamos ao leitor como uma obra-prima no seu genero. N'esse seu escripto dá o illustre biographo para o fallecimento do notabilissimo tribuno paulista a data de 23 de junho, no que o accompanha Innocencio da Silva no seu DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ. Nós seguimos a data dada pelo snr. dr. Macedo na sua supracitada obra, e que foi provavelmente colhida na biographia que do dr. Gabriel publicou a GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRÉS, do snr. Sisson, em 1861.

3 Sob o titulo *Latino Coelho* (a respeito do qual, além das obras apontadas no DICC. BIBL. PORT., convém lêr, a pag. 217, n' *Aquella tempo*, parte complementar do romance CLAUDIO, por. J. Cesar Machado, o que é ahí referido e dá testemunho da elevada consideração de que desde annos juvenis gozou o actual, illustre secretario da Academia real das sciencias de Lisboa), escreveu Quintino Bocayuva, um dos proceres do jornalismo politico no Brazil, as seguintes palavras no GLOBO («aquelle meteoro que illuminou tão vivido e fulgido o nosso horisonte jornalístico, a ponto de fazel-o notado mesmo em concurrencia com os mais bem elaborados órgãos da culta Europa», no dizer de J. Z. Rangel de S. Paio — artigo PERFIL LITTERARIO, o dr. Sylvio Romero como poeta — REVISTA BRAZILEIRA, 1 de setembro de 1880), de que foi o redactor principal, de 15 de fevereiro de 1876:

«Entre as constellações que esmaltam o firmamento das letras portuguezas brilha com luz propria e grande entre as maiores aquelle que se condecora com o nome de Latino Coelho.

Não é permittido a nenhum homem que falle ou escreva a lingua portugueza desconhecer esse nome illustre — honra do paiz que lhe foi berço e orgulho da raça a que elle pertence por todos os nobres dons do espirito e do coração.

Laborioso e infatigavel, profundo e erudito, elegante no dizer e castiço na phrase, elevado no pensamento e delicadissimo no estylo, que obedece á potencia do seu genio como cera amoldada pela mão de um grande artista.

Latino Coelho occupa hoje uma posição eminente e respeitada não sómente nos areopagos da sciencia como tambem no estrado commum do jornalismo onde o rodeiam mais admiradores do que collegas, mais entusiastas do que emulos».

É O IDIOMA DE UM POVO A MAIS ELOQUENTE REVELAÇÃO
DA SUA NACIONALIDADE E DA SUA INDEPENDENCIA

Assim se exprime Latino Coelho nos ELOGIOS ACADEMICOS, tom. I, pag. 12, referindo-se a frei Francisco de S. Luiz, « no qual (Ibid., pag. 6) os attributos exteriores, com que o condecorou a autoridade dos pontífices, a liberalidade dos soberanos, e o suffragio do povo portuguez, foram apenas a sancção, com que as potestades da Igreja e do Estado confirmaram em visiveis documentos o engenho, o patriotismo, e as virtudes do monge e do cidadão »:

« É o idioma de um povo a mais eloquente revelação da sua nacionalidade e da sua independencia. Na linguagem andam vinculadas as suas grandezas e as suas gloriosas tradições. A alteração viciosa e irracional da sua indole propria testifica a irrupção de idéas e de costumes peregrinos, que vieram corromper e desluzir o character primitivo da nação. Em todos os povos policiados os annaes da litteratura correm parallellos aos fastos da vida nacional. Com as mais notaveis glorias da navegação e da espada se ajustaram as mais altivas galhardias da linguagem portugueza. Quando o genio emprehendedor da nossa antiga gente amadureceu para a conquista e senhorio do

Oriente, a linguagem, de inculta e balbuciante que havia sido nos primeiros seculos da monarchia, fixou-se em fórmulas elegantes e em arrojados varonis nos cantos heroicos de Camões. Como se a Providencia se comprazesse em aprimorar e enriquecer o idioma de cada povo na sação, em que as suas empresas mais florescem, e em que as glorias nacionaes esperam impacientes um cantor».

Entretanto, forçoso é referir que um escriptor de provado saber, Adolpho Coelho ¹, sem contestação illustre glossologo portuguez, renovando na polemica litteraria « as invectivas descompostas dos Scioppios e Scaligeros ² » não trepidou empregar com relação ao doutissimo cardeal Saraiva phrases como estas: *a « ignorancia do cardeal a qual em não tentara encobrir com uns farrapos de erudição superficial... o obtuso espirito do cardeal na sua mania de derivar palavras portuguezas do hebreu... »* ³.

As palavras sublinhadas, e *j'en passe et des meilleurs* ⁴, foram por nós extrahidas do importante livro, pag. 45, sob o titulo — DA GLOTTICA EM PORTUGAL — Carta — ao autor do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ — Rio de Janeiro — 1872.

Até agora resguardado das vistas do publico, não deixará de ter a divulgação que por todos os titulos merece o livro supra-indicado de Manoel de Mello, cujo alto espirito e generoso coração certo não podem consentir continue inculta a memoria do insigne bibliographo e bibliognosta, Innocencio Francisco da Silva, de quem foi o autor da GLOTTICA EM PORTUGAL um dos mais prestantes e indefessos auxiliares.

E porque assim pensamos, ser-nos-ha relevada a liberdade que tomamos de publicar em seguida as characteristics d'esse livro e as palavras do antiloquio :

DA GLOTTICA EM PORTUGAL | Carta ao autor | do | *Diccionario Bibliographico Portuguez*. — Rio de Janeiro | Typographia Perseverança | rua do Hospicio n.º 91. | 1872. — Traz por epigraphe :

« Mes principes sont qu'entre deux points la ligne droite est

la plus courte; que le tout est plus grand que sa partie... Je tiens aussi que deux et deux font quatre; mais je n'en suis pas sûr.

P. L. COURIER ».

Á folha de rosto segue-se a que serve de prefacção ao livro. Reproduzimos-a fielmente:

«Era a presente carta destinada á inserção em appendice ao tom. x do *Diccionario bibliographico portuguez*, onde a impensada benevolencia do autor, mal advertido quanto ao espaço que a contestação havia de tomar, lhe affiançara hospedagem.

«Emquanto aguardava a impressão do volume, retardada por embarços sobrevindos, crescia o monte, as publicações novas multiplicavam-se, e o escripto, trabalho puramente de polemica e portanto de opportunidade, envelhecia, expondo-se a necessitar inteira refundição.

«Chegam-me as primeiras folhas da *Introducção ao Thesouro da lingua portugueza* de Fr. Domingos Vieira. Apenas lidas, entendo não dever por mais tempo differir a publicidade da carta, que ahí sahe com todas as lacunas da redacção primitiva.

M. DE MELLO ».

Novembro de 1872.

Bom serviço prestamos seguramente aos estudiosos recomendando-lhes as BREVES NOTAS Á VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO ESCRITA POR JACINTHO FREIRE DE ANDRADE (Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. III, pag. 239-242; CURSO ELEMENTAR DE LITTERATURA NACIONAL pelo conego Fernandes Pinheiro, pag. 266-272; CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA por Sotero dos Reis, tom. III, pag. 101-120; MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA por Theophilo Braga, pag. 374 e 395; CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA por C. Castello Branco, pag. 93; e THESE de concu-

so do dr. José Maria Velho da Silva, pag. 29) autorizadas com documentos originaes e ineditos; trabalho do doutissimo frei Francisco de S. Luiz (Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. II, pag. 423-430).

Deparam-se as *Breves Notas* no vol. VI das OBRAS COMPLETAS DO CARDEAL SARAIVA publicadas por Antonio Corrêa Caldeira.

D'esta edição, attenta a indole dos SUBSIDIOS LITTERARIOS, merecem especial menção os volumes VII e VIII, que teem a designação generica TRABALHOS PHILOLOGICOS — *Estudos para a historia da lingua portugueza*, e comprehendem:

TOM. VII — ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMS DA LINGUA PORTUGUEZA. Traz este volume a seguinte

Advertencia do Editor

« O ENSAIO DE ALGUNS SYNONYMS agora dado á estampa na collecção das obras do cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz) não vem tal como foi impresso em vida do autor.

Entre os manuscriptos do venerando prelado se encontrou um, com o titulo de *Notas e apontamentos*, e n'elle esboçados, de certo com o pensamento de enriquecer o ENSAIO em alguma nova edição, muitos artigos que, por circumstancias que não podemos avaliar, não chegou a aperfeçoar e polir, mas que entendemos dever dar á luz no mesmo estado em que elle os deixou, como elementos preciosos para os que de futuro empreendam trabalhos d'esta natureza.

Os artigos adicionados são os que correm desde n.º 381 até o 505 — Outubro de 1877 — V. D. »

TOM. VIII — GLOSSARIO DAS PALAVRAS E PHRASES DA LINGUA FRANCEZA, QUE POR DESCUIDO, IGNORANCIA OU NECESSIDADE SE TEM INTRODUZIDO NA LOCUÇÃO PORTUGUEZA MODERNA, COM O JULZO CRITICO DAS QUE SÃO ADOPTAVEIS N'ELLA:

GLOSSARIO DOS VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE. Traz este volume a seguinte

Advertencia do Editor

« Cada um dos *Glossarios* reimpressos n'este volume é seguido da resposta dada pelo autor ás censuras, reflexões e advertencias que lhe foram feitas por parte da Academia real das sciencias.

Cré o editor que esta publicação, que pôde ser considerada como um complemento dos GLOSSARIOS, deve de ser bem aceita dos leitores — Abril de 1878 — V. D. »

Com relação ao ENSAIO DE SYNONYMOS, eis como se exprime Gomes de Moura no livro *Monumentos da lingua latina*:

« ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS DA LINGUA PORTUGUEZA POR FREI FRANCISCO DE S. LUIZ, monge beneditino, e depois bispo e reformador reitor da Universidade. — É a primeira obra, que temos, d'este genero, em que seu autor merece o louvor de abrir um caminho, até agora nunca trilhado. Resta colligir mais vocabulos, e provar as definições e differenças d'estes por exemplos tirados de nossos classicos, o que só pôde ter lugar em obra mais volumosa, para a qual abria a porta o dito *Ensaio*. — Lisboa 1821. 4.º ».

A respeito da especie *Synonymos* convém lêr as paginas 292-298, que se inscrevem sob o titulo *Dos subsidios litterarios que possuímos em quanto aos synonymos*, nos PRIMEIROS TRAÇOS d'uma resenha da litteratura portugueza, por José Silvestre Ribeiro.

NOTAS

¹ Vej. DICO. BIBL. PORT., tom. IX, pag. 240-242 e OCCIDENTE — *Revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, onde no vol. III — n.º 70 — de 15 de novembro de 1880 — sob o titulo — *Congresso anthropologico e litterario — Os congressistas* — lê-se a pag. 186:

« *Francisco Adolpho Coelho*. — Não sabemos dizer de Adolpho Coelho senão que trabalha sempre. Na rua gasta só o tempo preciso para ir de uma a outra parte e sempre depressa, quer dardeje o sol mais ardente, quer chova a cantaros. A sua aula, os seus trabalhos glottologicos, algumas conferencias litterarias, eis em que emprega o seu tempo, sem que o vejamos n'uma espectacule, n'uma festança publica. Em quanto os outros se divertem, Adolpho Coelho ensina ou estuda. No principio da sua carreira foi alguma cousa injusto com outros trabalhadores mais antigos, que já não podiam vêr as cousas do mesmo modo que elle. Hoje tem mais sciencia, mais trabalho, e portanto é mais razoavel e justo. Tem publicado varios opusculos e obras que abonam os seus conhecimentos — *A lingua portugueza*, Coimbra, 1868; *Theoria da conjugação* em latim e portuguez, Lisboa, 1871; *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, de que o nooso periodico fez a devida menção, e varias outras obras e opusculos, que seria longo enumerar. Prepara uma grammatica historica da lingua portugueza escripta em frances. Collaborou com Joaquim de Vasconcellos na *Bibliographia critica de historia e litteratura*, e redige hoje a *Revista de ethnologia e de glottologia*, cujo primeiro fasciculo foi recentemente publicado, e onde vem trabalhos da mais alta importancia. Foi um dos secretarios adjuntos do congresso anthropologico de Lisboa, ao qual apresentou *Note sur les cultes peninsulaires anterieures à la domination romaine*; *Sur les relations pretendues des macrocephales d'Hippocrate avec les Cimbres*, tomando parte em discussões ethnologicas. Os sabios estrangeiros tomaram no mais elevado apreço e consideração os profundos trabalhos do moço professor de linguistica do Curso superior de lettras. Adolpho Coelho é natural de Coimbra, onde nasceu em 1847.

3 A proposito d'este nome vem a ponto o que se segue :

« Do muito a que pôde chegar uma memoria feliz, principalmente sendo bem dirigida e exercitada, achamos exemplos nos povos indianos entre os quaes por muitos seculos se conservaram os *vedas* por tradição oral; nos arabes que recitam diffusissimos cantos; nos escandinavos que conservavam os versos dos *scaldas* por muitos seculos sem o auxilio da escripta; nos gregos modernos, principalmente entre os *kleptas*; nos napolitanos chamados *cantaistorie*; nos gondoleiros de Veneza. Finalmente é cousa sabida que José Justo Scaligero, grande litterato italiano do seculo xvii, em vinte e um dias aprendeu de sór toda a *Iliada* e toda a *Odyssêa*.

(Antonio José Viale — MISCELLANEA HELLENICO-LITTERARIA — pag. 207 — nota).

Acrescentaremos que os versos dos dous grandes épos hellesicos andaram por largos annos confiados á memoria dos rapsodos. A obr *cit.* diz em nota a pag. 194 :

« *Rapsodo*, segundo a etymologia que vulgarmente se dá a este vocabulo, significa sersidor de cantos. Chamam-se *rapsodias* os differentes livros de que se compõem a *Iliada* e a *Odysseia*, porque eram outras tantas partes de um todo recitadas separadamente, e até ao tempo de Pisistrato, muitas vezes, sem a devida ordem e seguimento. As vezes *rapsodo* confunde-se com *stichodo*, isto é, cantor de versos volantes não unidos em systema ou corpo de poesia ».

Adduzindo factos comprovativos do *poder da memoria* escreve o sabio Egger na *Histoire des livres* — cap. 111 — pag. 39: « Jusque dans notre siècle et presque sous nos yeux, s'est produit un exemple de cette puissance de la mémoire pour conserver de vieux poèmes: l'épopée nationale des Finlandais, le *Kalévala*, n'a été recueillie par l'écriture que depuis une quarantaine d'années; les chants en étaient et en sont encore recités, dans les campagnes, par des chanteurs ambulants, les *Runoias*, et c'est de leur bouche qu'on les a successivement recueillis ».

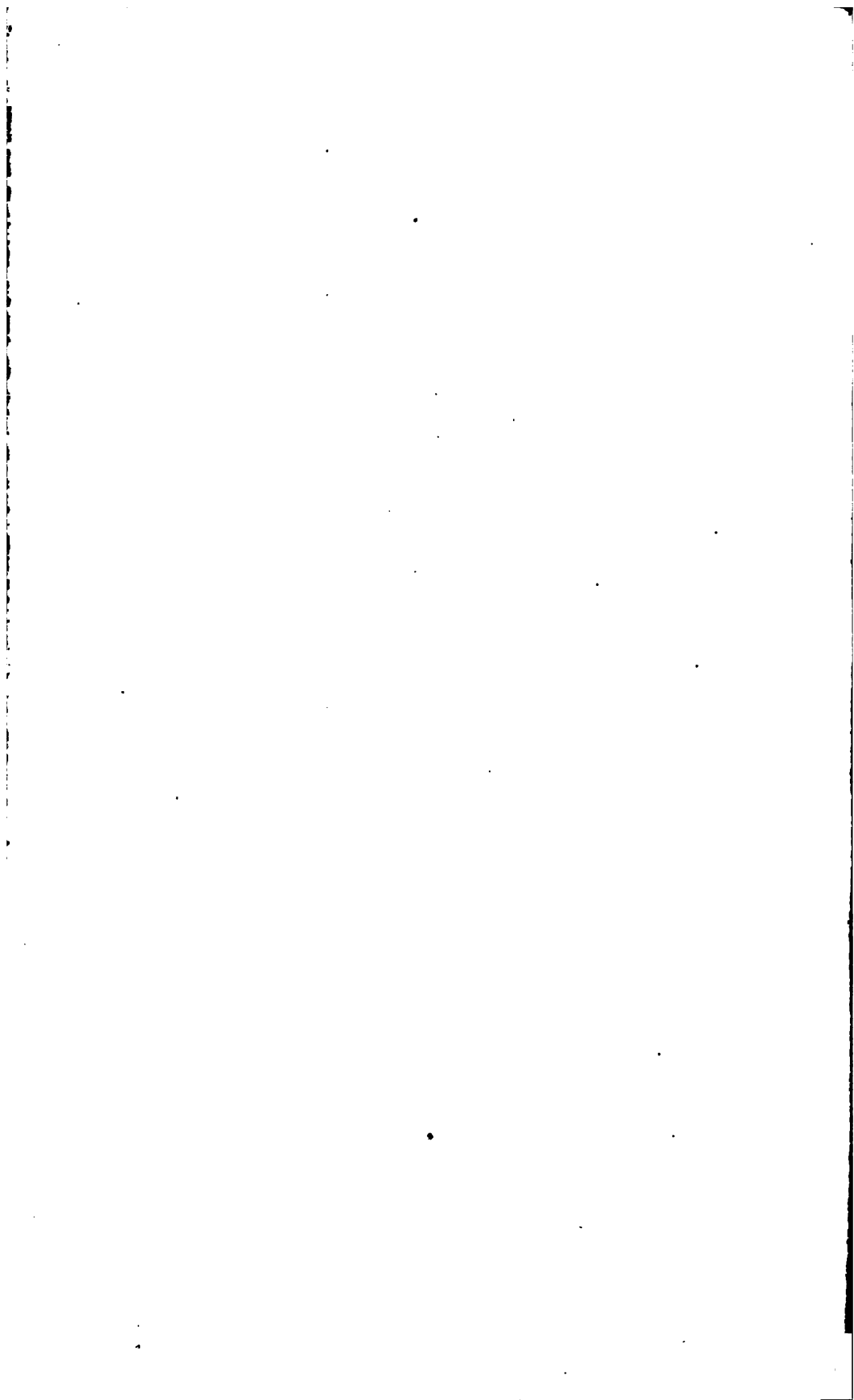
³ E também asserções como as que se lêem na *Introdução* — ao GRANDE DICIONARIO PORTUGUEZ OU THESSOURO DA LINGUA PORTUGUEZA (1871) pelo dr. frei Domingos Vieira, e foram reproduzidas nas *QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUEZA* (1874), pag. 2 e 3:

« Antonio Ribeiro dos Santos, o cardeal Saraiva, Alexandre Herculano e outros de menor reputação primaram em mostrar a sua ignorancia completa do verdadeiro methodo das investigações linguisticas... »

« Ribeiro dos Santos, o cardeal Saraiva e com elles outros escriptores ainda mais insignificantes pretendem que o portuguez... »

« O sur. Alexandre Herculano repete d'ouvido a opinião que adiante veremos ser verdadeira... »

⁴ Victor Hugo — *Hernani* —. Vej. E. Fournier — *L'Esprit des autres* — pag. 243.



XXI ¹

É TARDE!... É MUITO TARDE!...

I

São palavras do exordio do panegyrico de S. Pedro de Alcantara pronunciado na capella imperial do Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1854, pelo eminente orador sagrado, padre-mestre frei Francisco do Monte-Alverne ².

Eis o passo d'onde extrahimos as palavras que a este artigo servem de epigraphe:

« Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar: compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está quasi extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencias? como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria?... »

É tarde!... É muito tarde!... ³

Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho n'este pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento si-

nistro, uma recordação afflictiva, um phantasma inferno e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degraus descí só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes de seus cantos nas quebradas de suas montanhas pittorescas, não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia de seus hymnos, penduravam seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens que apreciavam suas composições, quando aquelles que se deleitavam com os perfumes de seu estylo e a belleza de suas imagens vinham pedir-lhes a repetição d'essas epopéas em que perpetuavam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas de pranto e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento das tempestades ».

Completaremos a transcripção reproduzindo as memoraveis palavras da invocação ⁴ ou, no dizer do dr. Paula Menezes, da apostrophe cheia de unção com que remata o exordio:

« Religião divina, mysteriosa, encantadora! Tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia, tu a quem devo todas as minhas inspirações, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flôr; se das silvas que a enlaçam reverdecem algumas folhas; se um enfeite, se um adorno renascer d'estas vergonteas já séccas, deposita-o nas mãos do Imperador, para que o suspenda como um trophéo sobre o altar do grande homem a quem elle deve seu nome, e o Brazil a mais decidida protecção ».

ULTIMOS PANEGYRICOS de *Frei Francisco do Monte-Alverne* — *Segundo panegyrico de S. Pedro de Alcantara*, pag. 294 na edição do Rio de Janeiro (parte complementar do tom. IV das OBRAS ORATORIAS. Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. IX, pag. 349) e na *Bibliotheca Religiosa Selecta* — OBRAS ORATORIAS do *Padre-Mestre Frei Francisco do Monte-Alverne* — tom. IV, pag. 194 — Porto — 1867 ⁵.

O mavioso cantor da *Primavera*, a proposito do qual dizia a distincta poetisa Paulina Flaugergues ⁶:

O chanteur du printemps, ton livre en a les charmes

escreveu, nas paginas que destinou á REVISTA CONTEMPORANEA de Portugal e Brazil (3.º volume) e foram reproduzidas sob o titulo *Biographia e Juizo Critico* á frente da edição (Porto — 1867) das OBRAS ORATORIAS de Monte-Alverne — o que se segue e, na referida *Biographia*, antecede os periodos acima transcriptos :

« Dezoito annos havia que Monte-Alverne agonisava entre os seus autores mudos, mudo como elles; dezoito annos de inercia depois das suas ultimas victorias; dezoito annos de invisivel para um mundo versatil e esquecidiço, que se vingava de ter acclamado, olvidando depressa. O seu monumento litterario achava-se levantado. Os annos de vida, que o religioso contava, eram nada menos de setenta.

« Bate-se á porta da cella! É uma embaixada do throno ao pó? não : é um convite de uma magestade a outra magestade; é o imperador D. Pedro II, que para a festa de seu patrono, S. Pedro de Alcantara, manda rogar o frade Monte-Alverne como orador. A cõrte, a cidade e o chefe do imperio desejam experimentar os poderes d'aquella eloquencia d'outr'ora, de que tão notaveis triumphos se referem. Debalde pretende o morto eximir-se á resurreição; a dextra de um imperador sabio e, portanto, amigo, o obriga e o ajuda a levantar-se; sacode do habito a poeira de dezoito annos; empunha o bordão, encaminha-se para o pulpito».

Cedamos agora a palavra a Manoel de Araujo Porto-Alegre, o poeta das BRAZILIANAS, o cantor do COLOMBO: « pintor brasileiro tão distincto com a palavra, como com a palheta », no dizer do proprio Castilho :

«Um numeroso e intelligente auditorio se premava em todo o ambito da capella imperial, uma cõrte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas, e todo o adro externo se povoavam de espectadores desinsoffridos, de homens,

de mulheres, que vinham assistir a essa resurreição, a essa nova vida da palavra sagrada!

«Os velhos choravam, e como que remoçavam aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravam á vista d'aquelle antigo proprietario de tantas ovações, e do apparecimento de um homem cujo nome vagava entre nós como a sombra de um gigante.

«Parecia que tantos annos de soffrimento, de morte social e de . . . perseguições atrozes, por aquelles mesmos que o deviam sagrar como o laurel prestigioso da sua Ordem ⁷, como o representante de tantas glorias e de um passado edificante, o deveriam vergar e fraquear através d'essa vida cahotica e silenciosa, d'essa ausencia dos livros, e sobretudo do laboratorio das idéas: porém a sua natureza privilegiada, a sua grande individualidade, rutilaram através da noite em que vivia; e o homem do passado, conculcando a concha da balança do tempo, venceu os annos, as molestias e as dôres, e rehouve em uma hora dezoito annos de silencio e de retiro!

«Pulpito, templo e elle formavam uma só massa, uma só figura, um gigante que elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias que o escutavam, parecia desprender de seus labios uma aurora de harmonias, um lume ainda não admirado.

«A geração que o escutava na immobilidade de sua admiração, como que se achava aniquilada diante d'aquellas proporções gigantescas, d'aquella voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro e offerecida ao sol da intelligencia como um primor de Phidias recuperado, como outr'ora o Laocoon, diante do qual a multidão de artistas do seculo de Leão x parecia desanimado!

«O seu gesto era a estatua do pensamento que o animava, as suas mãos fallavam e escreviam, a sua voz concutia em todos os corações ⁸».

Reproduzimos as palavras em que se revê a magnoloquia da sagrada oratoria, pronunciada por frei Francisco do Monte-Alverne; vimos, adereçada com as joias de maximo quilate da lingua de Camões e de Basilio da Gama, a commovedora

scena, referida por A. F. de Castilho, da visita da magestade do solio á magestade da eloquencia; contemplámos, descripto por M. de A. Porto-Alegre, o templo, em todo o esplendor das galas do catholicismo, por onde reboou o verbo eloquente do panegyrista de S. Pedro de Alcantara: passemos a vêr, desenhado por um dos mais illustres discipulos ⁹ do Chrysostomo brasileiro ¹⁰, a sua figura antes que a fatal *amaurose* o immergisse nas trevas da cegueira ¹¹.

«Era Monte-Alverne de alta estatura, de uma organização forte, musculosa e secca; curvava-se um pouco para diante quando caminhava, porque bastante myope desde a sua juventude, procurava vêr onde punha os pés; fóra d'isso mantinha-se direito com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, pallido e severo, o que tão bem se moldurava no negro capuz do cenobita. Muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabellos, tanto pelo começo da calvicie como pelo cercilio, e que pretos tinham sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem desenhados os olhos, em que se expressava o enthusiasmo na constante dilatação das palpebras e firmeza do olhar. Os supercilios contrahidos sempre pelo habito da meditação e por esse esforço que fazem os myopes para vêr, formavam um profundo rego sobre a raiz do nariz, o qual, longo e direito, se elevava descrevendo com a linha da base um angulo ligeiramente obtuso. A bocca e os labios mui contorneados e moveis eram de uma bella fórma e exprimiam desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos intellectuaes e monotonia da vida ¹²».

Os relevantes meritos de frei Francisco do Monte-Alverne como orador sagrado foram já aquilatados e enaltecidos por competentes contrastes ¹³; adstringir-nos-hemos pois, a transcrever algumas phrases que traduzem a vehemente impressão produzida pelo insigne orador sagrado ao pronunciar o exordio da eloquente oração que, no conceito do dr. Moreira de Azevedo, honraria S. Basilio, Massillon e Bossuet. Seguiremos na transcrição a ordem chronologica, pois nos confessamos incompetentemente para graduar preeminencias entre os escriptores cujas palavras passamos a reproduzir:

«Não ha escripto que possa transportar a expressão amargurada de dôr e de saudade com que o padre-mestre Monte-Alverne, recordando suas passadas glorias nas festas da religião e da patria, diz: «*É tarde!... É muito tarde!...*»

O auditorio prorompeu então em demonstrações que lhe arrancou o movimento oratorio. O pulpito foi realmente n'este dia um carro de triumpho para o padre-mestre Monte-Alverne, ainda que elle o encarasse antes—como *um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam seus olhos e cujos de-graus desceu só e silencioso para esconder-se no retiro do claustro*».

José Martiniano de Alencar—*Frei Francisco do Monte-Alverne*—JORNAL DO COMMERCIO de 22 de outubro de 1854 ¹⁴.

«Se o sublime do sentimento pôde exprimir-se por meio de palavras, aquellas proferidas pelo orador na situação em que se achava, o exprimem de um modo vigoroso e forte: —*É tarde!... É muito tarde!...* disse elle.—O que ha mais expressivo e mais conciso do que estas palavras, quando resumem n'ellas a historia inteira d'esses dezoito annos de lagrimas, de dôres, de trevas e de resignação?»

Dr. Paulo Menezes (Francisco de)—*O panegyrico de S. Pedro de Alcantara, feito pelo padre-mestre frei Francisco do Monte-Alverne*.—CORREIO MERCANTIL de 25 de outubro de 1854.

«Quem deixou de sentir um calefrio de electrico enthusiasmo crisar-lhe os nervos ao escutar as vibrações ineffaveis da voz do orador, quando pronunciou aquelle sublime estribilho de Lamartine: ¹⁵ —*É tarde!... É muito tarde!* ¹⁶—O ademan tão significativo e o accento de compunção repassado de tristeza e desanimo com que essas poucas phrases foram proferidas resumiram toda a amargura que n'alma lhe transbordava ».

João Cardoso de Menezes e Sousa—*Um sermão na capella imperial*.—CORREIO MERCANTIL de 26 de outubro de 1854.

«O illustre franciscano appareceu no pulpito; a luz, que

faltava a seus olhos, illuminava com esplendor quasi divino sua fronte larga e vasta que denunciava a immensidade de sua intelligencia; suas mãos tremulas tacteavam o pulpito... dir-se-hia que procurava os antigos louros n'esse lugar colhidos... depois seu vulto agigantou-se... seu rosto pareceu illuminado de celeste flamma... sua bocca se abriu, e a eloquencia transbordou em torrentes impetuosas.

No dia de S. Pedro de Alcantara deixou Monte-Alverne ouvir o seu canto do cysne ¹⁷».

Joaquim Manoel de Macedo — ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO — Terceira volume — Rio de Janeiro — 1876 — *Frei Francisco do Monte-Alverne*, pag. 497.

«Quem, depois de estar dezoito annos cego, escreve um panegyrico como o de S. Pedro d'Alcantara; quem, subindo á tribuna sagrada, abatido de forças e soffrimentos, acabrunhado pelo peso de setenta annos repete essa producção com a energia e força dos vinte annos; quem faz acompanhar essa recitação de um accionado magestoso e grave, do qual nem memoria havia, esse será com toda a justiça reconhecido pelos contemporaneos como principe dos oradores sagrados».

Dr. Thomaz Alves Junior ¹⁸. Vej. DIC. BIBL. PORT. — tom. IX, pag. 410, e GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRÉS (*Contemporaneos*), 1.º vol. — 1859 — pag. 79-86.

«Todo o exordio é sublime e digno dos maiores oradores que honraram o pulpito na França; é obra prima que não foi excedida por ninguem. Os rigidos costumes, os serviços extraordinarios, as heroicas virtudes, a vida toda, emfim, de Pedro de Alcantara é esboçada com as mais esplendidas côres e com a pompa da mais admiravel eloquencia. A abdicação de Carlos v é escripta em termos magnificos. Os ultimos momentos de Pedro de Alcantara são bellos quadros em que reúnem-se a energia do sentimento e a concisão da phrase entretanto eloquente e commedora».

Lery Santos — PANTHEON FLUMINENSE. — *Esboços Biographicos* — Rio de Janeiro, 1880. — *Frei Francisco do Monte-Alverne* — pag. 378.

De frei Francisco do Monte-Alverne fallaram até aqui distinctissimos prosadores; é chegada a vez dos poetas. D'entre os inspirados threnos em honra d'aquelle luzeiro da tribuna evangelica elegeremos os de dous notaveis representantes da poesia no Brazil e em Portugal: o cantor das CHRYSALIDAS e das PHALENAS, e o cantor das LAGRIMAS E FLORES e das COROAS FLUCTUANTES — Machado de Assis ¹⁹ e Pinto Ribeiro Junior ²⁰.

Tinha na fronte de poeta unguido
 Á inspiração do ceu.
 Pela escada do pulpito moderno
 Subiu outr'ora festival mancebo
 E Bossuet desceu!

.....

Cahiste! — Mas foi só a argilla, o vaso
 Que o tempo derrubou;
 Não todo á eça foi teu vulto olympico;
 Como deixa o cometa uma aurea cauda,
 A lembrança ficou!

O que hoje resta era a terrena purpura
 D'aquelle genio-rei;
 A alma voou ao seio do infinito,
 Voltou á patria das divinas glorias
 O apostolo da lei.

Patria, curva os joelhos ante esses restos
 Do orador immortal!
 Por esses labios não fallava um homem,
 Era uma geração, um seculo inteiro,
 Grande, monumental!

(CHRYSALIDAS — *Monte-Alverne* — pag. 111-114).

Tu, qual aguia fitando o sol ardente
 Da radiosa verdade... enfim cegaste;
 Como Paulo, ao sentir da Divindade
 O sopro deslumbroso.

E teus olhos nas orbitas errantes,
 Bemdizendo o extremo, humido raio,
 Rolam na escura treva ainda, ainda
 Empós do Deus, que os fere!

.....

Oh! dorme o somno teu placido e calmo,
 Assim nos crepes da tristeza envolto!
 Mais santo e mais solemne o templo fica
 Quando a alampada morre.

LAGRIMAS E FLORES.

Ao reverendíssimo senhor frei Francisco do Monte-Alverne
 — pag. 21 (2.^a edição — Porto — 1856. — Esta composição traz
 a seguinte *nota* referente a Monte-Alverne: «Distincto prégador do Rio de Janeiro, aonde, já cego, o ouvimos explicar philosophia ²¹»).

Amplio espaço havemos deixado á apreciação dos sobreexcellententes dotes oratorios do panegyrista de S. Pedro de Alcantara; fôra entretanto defectivo o juizo que se houvera de enunciar ácerca de seu incontestavel merecimento, se a par com as bellezas que lhe exornam as producções não apontassem os senões que, sem deslustral-as, não sido assignalados pela critica. Eis por que para aqui trasladamos a seguinte passagem (pag. 230-232) de uma obra, hoje rara, a que já tivemos occasião de referir-nos — O PULPITO NO BRAZIL :

«Monte-Alverne fez bellos panegyricos, e sem duvida, repetimos, era este o genero mais adequado ao seu estylo pomposo e á sua imaginação brilhante. Não se pense, porém, que nos passaram em esquecimento as maculas e defeitos que aliás avultam bastante n'estas obras. O primeiro d'esses defeitos é a falta de solidez, que em geral se encontra em muitos elogios. É certo que o panegyrico reclama os recursos e as flôres da imaginação, com ellas se veste, se adorna, sem ellas não vive; mas o orador franciscano abusava por vezes da riqueza de sua faculdade, e da permissão de seu lugar.

Satisfazia a um dos fins da tribuna laudatoria, que é mostrar a gloria do santo; sabia ainda, como Fenelon, que o melhor meio de fazel-o era pintar e apresentar ao auditorio o homem todo, descrevendo a carreira de sua vida e não reduzindo todas as suas acções e virtudes a um só ponto, como o fazem alguns: porém não satisfazia igualmente ao outro fim do panegyrista, a utilidade dos que o escutam: vê-se, em geral, em seus discursos muito lugar commum, profusão de epithetos, redundancia de superlativos e excesso de imagens; mas o character verdadeiro do heroe, a lição que aproveita, o quadro arrebatador que obriga o auditorio a esquecer-se do orador para só pensar no santo; isto que, no entender dos bons criticos, revela e constitue um grande panegyrista, não se encontra ordinariamente nas obras do padre-mestre Monte-Alverne.

«O vulgo offuscava-se com essas bellezas e com esses fulgores de que era tão rica a sua palavra; porém a critica, o silencio do gabinete, o juizo da posteridade e a opinião do litterato condemnam, como vãos, ornatos tão superabundantes.

«Quasi sempre o apparatus oriental das composições de Monte-Alverne abafa e asphyxia o verdadeiro assumpto do discurso; este não apparece, e a tal ponto que o panegyrico de um santo poderá servir quasi igualmente a outro e outro, se lhe mudarmos os nomes.

«O segundo defeito, que talvez passasse desapercibido no momento em que o orador prégava, mas que apparece distinctamente ao critico que estuda suas obras, e lê seus discursos com calma, é a uniformidade dos pensamentos e a monotonia quasi inalteravel dos exordios, os quaes geralmente consistem em mostrar a grandeza excellente do christianismo e o apparecimento providencial d'esses entes singulares que por suas virtudes provocam o assombro da humanidade. Esta censura não é feita a esmo; isto é tão exacto e tão fundado que o proprio autor, juiz n'este caso insuspeito, o reconhece e confessa em seu prologo pelo modo seguinte: «ha em quasi todos os meus discursos uma idéa que parece dominante; ha

como um pensamento unico, de que dimanam todos os outros pensamentos; esta idéa geral, este pensamento commum é a religião. Entretanto, apesar de sua riqueza e sublimidade, esta nobre concepção muitas vezes reproduzida, como que imprime nos meus discursos uma certa uniformidade de pensamentos, e talvez os prive d'esta variedade que revela ao mesmo tempo o talento da invenção e a fecundidade intellectual do autor». É certo, essa monotonia constitue uma grave macula em suas composições; e, embora queira elle attenuar a propria falta dizendo «ser incontestavel que todos esses feitos gloriosos que illustraram os homens da nova civilisação, todos esses milagres de heroismo, que honraram a especie humana e lançaram na arena dos combates todos os sexos, todas as idades e todas as condições da vida, receberam da religião sua existencia, lustre, apreço e mais alta consideração», embora procure desculpar-se com a idéa de que todos os problemas sociaes encontraram na influencia da religião a mais facil solução: nem por isso é menos certo que essa uniformidade de pensamentos permanece sem justificação. Os grandes oradores sagrados, inspiraram-se tolos e sempre n'uma só fonte — a religião; mas nem por isso suas composições são monotonas, nem por isso deixa de haver a mais brilhante variedade em todos os seus discursos: a religião é a base, é o meio, é o fim da eloquencia sagrada: mas é uma base vastissima, é um meio abundante de riquezas, é um fim summamente brilhante e inexaurivel aos olhos do talento. Monte-Alverne, pois, que não fez senão apresentar essa idéa sempre debaixo da mesma fórma, Monte-Alverne commetteu grave descuido.

«O terceiro é a falta de pureza na linguagem.

«Taes são os que encontramos na collecção oratoria do eminente franciscano: avultam bastante, mas não lhe tiram todo o merito, nem fazem escurecer de todo a luz de seu talento».

II

Acabamos de reproduzir algumas paginas de um dos escriptos com que se estreiou na carreira litteraria, revelandó

desde logo notaveis dotes de engenho, o dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, que (e é este o seu maior elogio) ha conseguido dar realce ao importante cargo de bibliothecario da Bibliotheca Nacional, no qual teve por antecessor o sabio frei Camillo de Monserrate ²².

Com effeito, nos ultimos annos, e mórmente após a promulgação do decreto n.º 6141 de 4 de março de 1876, entrou aquelle estabelecimento n'uma phase de verdadeiro lustre. Os ANNAES DA BIBLIOTHECA e a EXPOSIÇÃO CAMONEANA são documentos irrefragaveis d'este asserto. Ao *Catalogo da exposição* tivemos occasião de alludir no artigo VII dos SUBSIDIOS LITTERARIOS; e por isso sómente dos ANNAES aqui daremos as seguintes summarias indicações: D'esta importante publicação acham-se distribuidos 7 volumes, dos quaes o 1.º appareceu em 1876 e o 7.º em 1880. Trabalhos de elevado valor acham-se reunidos n'esses volumes em que hão collaborado com o dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão os distinctissimos empregados da Bibliotheca Nacional: Alfredo do Valle Cabral, Antonio José Fernandes de Oliveira, Francisco Moreira Sampaio, João de Saldanha da Gama, José Alexandre Teixeira de Mello e José Zeferino de Menezes Brum, e o douto Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Ao nome do dr. Ramiz Galvão mui grato nos é associar o do dr. Ladislau de Sousa Mello Netto, que tambem ha conseguido dar realce ao estabelecimento cuja direcção lhe foi commettida, o Museu Nacional, onde teve por antecessor um dos proceres das sciencias naturaes no Brazil — o conselheiro Freire Allemão ²³.

Reorganizado pelo decreto n.º 6116 de 9 de fevereiro de 1876, o Museu Nacional ha prestado serviços de innegavel valia, divulgando noções scientificas em seus cursos publicos e nos *Archivos do Museu*, de que se acham publicados 3 volumes, havendo apparecido o 1.º em junho d'aquelle anno e o ultimo em janeiro de 1880. Nos artigos que encerra essa revista figuram ao lado do director os habeis empregados do Museu Nacional e outros distinctos collaboradores, a saber: Adalberto Orville Derby, Adolpho Corrêa da Costa, Carlos

Hartt (infelizmente já fallecido), Carlos Wiener, Domingos Soares Ferreira Penna, Frederico Müller (mais conhecido por Fritz Müller e assim citado como um dos mais illustres naturalistas contemporaneos), João Baptista de Lacerda, João Joaquim Pizarro, José Rodrigues Peixoto, Leandro Dupré Junior.

Estão no prelo os volumes 4.º e 5.º: no 4.º apparecerá um trabalho condigno da abalisada penna do dr. Nicolau Joaquim Moreira; e o 5.º será occupado inteiramente pelo texto da celebre *Flora Fluminense* de frei José Marianno da Conceição Velloso, texto de que só *parte* teve mal conhecida publicação.

À frente do 1.º volume dos ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL, rendendo preito á justiça, escreveu o dr. Ladislau Netto as seguintes palavras com que pomos remate ao presente artigo:

«Simples tentames hão de ser naturalmente os primeiros labores do Museu Nacional. Mais tarde, dilatar-se-nos-ha o campo do trabalho, avigorando-se-nos as forças e amadurecendo-se-nos a pratica no saber utilisal-as. Só então, o terreno, por ora mal roteado, receberá o amanho exigido para mais elevada cultura; então sim, a pequena gandara de hoje far-se-ha pouco a pouco formoso e vastissimo jardim.

Este é todo o nosso empenho; estes são todos os nossos desejos, em tudo conformes ás vistas do eminente estadista o snr. conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, que, consorciando seu esclarecido entendimento á perspicua e benefica vontade do imperador, entreteceu seu já distincto nome ao do preclaro soberano na reorganisação d'este Museu, que fundára nos primeiros annos d'este seculo um outro ministro de igual nome ²⁴, igualmente venerado, igualmente fiel interprete dos sentimentos magnanimos de seu monarcha».

(ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. — vol. I — 1.º trimestre — *Advertencia*).

NOTAS

¹ Vej. *Revista* de 15 de abril de 1881.

² Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tom. 3.º, pag. 14, e 9.º, pag. 348-349.

³ Como annotação ao notavel artigo editorial do *CORREIO MERCANTIL* de 20 de outubro de 1854, artigo attribuido pela voz publica á penna «facil, elegante e tersa» de F. Octaviano, lê-se: «Quando o orador proferiu estas palavras a admiração do auditorio, por esta exclamação tão sublime e tocante, prorompeu em um murmurio geral».

Termina o alludido artigo com o seguinte periodo: «Fr. Francisco do Monte-Alverne é uma sombra gloriosa do passado, evocada por sua magestade, para revelar á geração actual que em materia de eloquencia sagrada nossos paes tinham sido, até o dia de hontem, mais felizes do que nós».

⁴ Na *Lição decima oitava — Elogios Funebres* (tom. 2.º, pag. 255-267 das *LIÇÕES DE ELOQUENCIA NACIONAL*) trata dos *panegyricos* o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, geralmente cognominado o *Carapuceiro*, denominação derivada do titulo d'um periodico de critica moral, em linguagem joco-seria, por elle redigido. (Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tom. 6.º, pag. 247).

O leitor consentirá recommendar-lhe ou trazer-lhe á memoria os periodos em que o eximio Antonio Vieira compendiou os *preceitos da arte de pregar*. Desentranhados de seus *SERMÕES* (reunidos em 15 volumes) constituem as pag. 111-112 da *SELECTA NACIONAL — Segunda parte* (Oratoria), por F. Julio Caldas Aulete. Lisboa — 1875.

⁵ Com estas indicações bibliographicas poderá o leitor facilmente verificar que é inexacta a lição, que apresenta Caldas Aulete na *SELECTA NACIONAL (Oratoria)*, do trecho do exordio do panegyrico de S. Pedro de Alcantara; pois ahi, a pag. 225, lê-se: *É tarde! É tarde!*, sendo aliás a phrase authentica, de mais alentada eloquencia: *É tarde!... É muito tarde!*

⁶ Assim se exprime Antonio de Serpa Pimentel no livro *ALEXANDRE HERCULANO E O SEU TEMPO — Estudo Critico* (Lisboa — 1881, pag. 235 — *Nota B*, pag. 18).

A este respeito convém lêr o que escreve Julio de Castilho a pag. 67 do tomo 1.º das *MEMORIAS DE CASTILHO* (Lisboa — 1881).

⁷ Reproduzindo quasi textualmente o que escreveu o talentoso

autor do *Pulpito no Brasil*, e foi dado á estampa na « BIBLIOTHEGA DO INSTITUTO DOS BACHARREIS EM LETRAS publicada sob a direcção e redacção de Anastacio Luiz do Bom-Successo — Edição do redactor — Rio de Janeiro — 1867 », diz Lery Santos no PANTHEON FLUMINENSE, a pag. 355: « Aos claustros da Ordem Seraphica estava destinado dar ao Brazil os maiores luzeiros da tribuna catholica ». E, acompanhando aquelle douto escriptor, como elle menciona com louvor os nomes dos notaveis oradores sagrados, S. Carlos e Sampaio, que constituem a escola a que por muitas affinidades se acha ligado Monte-Alverne, escola a que o autor do CURSO DE LITTERATURA NACIONAL dá a denominação *brasilico-seraphica*.

A respeito de frei Francisco de Santa-Thereza de Jesus Sampaio deixaremos aqui as seguintes indicações: Consultem-se: DICC. BIBL. PORT., tom. 3.º e 9.º, pag. 73 e 384, onde se lê: « Os que desejarem mais particulares noticias de sua vida e da parte que tomou nos successos politicos do paiz, podem vêr os ENSAIOS BIBLIOGRAPHICOS do sr. dr. Moreira de Azevedo, pag. 43-46; e o PEQUENO PANORAMA DO RIO DE JANEIRO pelo mesmo, no tom. 1, pag. 63-66; e tambem o BRAZIL HISTORICO do sr. Mello Moraes no tom. 1.º, pag. 47 ». Consul tem-se outro-sim o CURSO DE LITTERATURA NACIONAL — Rio de Janeiro — 1862 — pelo conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro — Lição XXVII — *Oratoria* — 5.ª época — 1750-1826, — pag. 484-489; J. M. Pereira da Silva — Os VARÕES ILLUSTRÉS DO BRAZIL, tom. 2.º — 3.ª edição — 1868 — Supplemento Biographico — pag. 360; dr. José Tito Nabuco de Araujo — *Biographia de frei Francisco de S. Carlos*. — REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO, tom. 36.º, pag. 517-542; e Lery Santos — PANTHEON FLUMINENSE, 345-354.

Com relação a frei Francisco de S. Carlos apontaremos para consulta: CURSO DE LITTERATURA NACIONAL pelo conego dr. Fernandes Pinheiro, pag. 477-484; PEQUENO PANORAMA pelo dr. Moreira de Azevedo, tom. 1.º, pag. 60-63; Pereira da Silva — VARÕES ILLUSTRÉS, tom. 2.º, pag. 227-233; Pinheiro Chagas — PORTUGUEZES ILLUSTRÉS — J. M. de Macedo — ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO — vol. 2.º, pag. 23-26; — e PANTHEON FLUMINENSE, pag. 355-367.

Em homenagem, porém, ao author do poema *A Assumpção**, completaremos as indicações que lhe dizem respeito com a seguinte transcripção:

« O maior merito que para nós tem a *Assumpção da Virgem* é o

* A Assumpção — poema composto em honra da Santa Virgem por frei Francisco de S. Carlos. Nova edição, correcta e precedida da biographia do autor e de um juizo critico ácerca do poema, pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Paris — 1862.

de ser um poema eminentemente nacional, um d'esses poucos monumentos que nos legou a geração passada para a formação da nossa litteratura. N'uma época em que os bardos brasileiros volviam as suas vistas para além do Atlantico; em que só achavam o Tejo, o Douro e o Mondego dignos de seus cantos, suspirando eternamente pela fabulosa Arcadia; quando Santa Rita Durão empregava a medo os termos brasileiros; Claudio Manoel da Costa escrevia na prefacção de suas obras: «A desconsolação de não poder substabelecer as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego me fez entorpecer o ingenho dentro do meu berço»; Frei Francisco de S. Carlos deparava com um oceano de poesia nas comparações patrias, nas allusões aos nossos usos e costumes; collocava no paraizo os nossos fructos para ter occasião de descrevel-os; e encontrava em um dos emblemas do carro da Virgem a pintura do Brazil e especialmente do Rio de Janeiro. Quando outro merito não tivesse o poema *Assumpção*, bastaria este para recommendal-o á posteridade».

Conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. — REVISTA BRAZILEIRA — Janeiro de 1860, pag. 49.

Remataremos com os seguintes periodos do ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO (3.º vol., pag. 491-492) a presente nota:

« Já no seculo xvii os Bezerra, Antonio de Sá, Eusebio de Mattos, Botelho do Rosario, frei Antonio da Piedade, frei Manoel do Desterro e tantos outros haviam despreendido sua voz eloquente nos templos do Novo Mundo. Já no seculo xviii os frei Antonio de Santa-Maria, Caetano Villas-Boas, Corrêa de Lacerda, João Alvares de Santa-Maria e ainda outros tinham protestado com a sua palavra arrojada e potente contra a decadencia da tribuna sagrada na Europa, que ainda não tinha os Lacordaire, Ventura e outros para encherem o vacuo deixado pelos Bossuet e Massillon.

« Mas foi precisamente no fim d'esse seculo e precisamente no Rio de Janeiro, que nasceram os grandes homens que formaram essa pleiade immortal de ministros e dispensadores da palavra de Deus, de embaixadores que o Soberano Senhor enviára á terra para manifestar sua vontade e guiar a humanidade ao fim para que a creou, como diz Roquette.

« Foi então que nasceram Antonio Pereira de Sousa Caldas em 1762, frei Francisco de S. Carlos em 1763; frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio em 1778; Januario da Cunha Barbosa em 1785; e um anno antes, em 1784, frei Francisco do Monte-Alverne.

« O seculo xviii legava ao seu successor essas intelligencias robustas e admiraveis, que começaram com o grande Caldas e vieram acabar no não menos grande frei Francisco do Monte-Alverne».

Supprimiremos a omissão de um nome que figurou condignamente a par com os de S. Carlos, Sampaio e Januario: frei Antonio de Santa

Ursula Rodvalho (Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. 8.º, pag. 315, *Pequeno Panorama*, tom. 1.º, pag. 58-59 e a *Biographia* pelo dr. Moreira de Azevedo na REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO — tom. 27.º, pag. 187-193).

Por consideração devida aos serviços prestados ás letras patrias pelo conego Januario da Cunha Barbosa, socio fundador do Instituto historico e geographico brasileiro, autor do poema *Garimpeiros* e do poemeto *Nittheroy, Metamorphose do Rio de Janeiro*, redactor do *Reverberô Constitucional Fluminense* e do *Diario do Governo*, e collecter do PARNASO BRAZILEIRO, indicaremos algumas das publicações em que se trata d'esse illustre fluminense. (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 3.º, pag. 224-225, ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO — 3.º vol., pag. 561-565 e EPHEMERIDES NACIONAES — tom. 2.º, pag. 13).

Aproveitando o ensejo daremos noticia de dous outros notaveis oradores sagrados brasileiros: o padre dr. José Monteiro de Noronha, autor do primeiro *roteiro em que um paraense dá noções geographicas, topographicas e estatisticas de sua provincia*: e o conego Luiz Antonio da Silva e Sousa (Vej. DICC. BIBL. BRAZ., tom. 5.º, pag. 221), autor da *Memoria sobre o descobrimento da capitania de Goyas*.

Do primeiro diz o dr. Teixeira de Mello (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 4.º, pag. 216-217) na *Ephemeride de 15 de abril de 1794*:

« Como orador sagrado, e o fôra eloquente, compuzera muitos sermões, dos quaes só se salvou da voragam do tempo o que prégara na abertura do hospital de caridade fundado por D. frei Castano Brandão ».

Do segundo diz o seu biographo, José Martins Pereira de Alencastre (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 5.º, pag. 64; e ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO, 1.º vol. — pag. 323-326):

« Prégador notavel, a sua voz sentenciosa e grave foi muitas vezes ouvida nas occasiões solemnes com applauso e veneração dos fieis ».

Tem tambem direito a ser aqui mencionados: o padre Francisco Ferreira Barreto, prégador e poeta de grande nomeada no norte do Brazil (Vej. OBRAS RELIGIOSAS E PROFANAS do vigario Francisco Ferreira Barreto — colleccionadas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello — em virtude da lei provincial n.º 647 de 20 de março de 1866. Mandadas publicar pelo exc.º snr. commendador, presidente da provincia (Pernambuco), dr. Henrique Pereira de Lucena — Recife — 1874); e o vigario Joaquim Antonio Marques, distincto orador sagrado, e poeta. (Vej. ESTUDO BIOGRAPHICO pelo dr. Antonio da Cruz Cordeiro, Parahyba, 1866. O livro contém de pag. ix-xvi, uma carta do autor; em seguida de pag. 3-208 o *Estudo biographico*, o, finalmente, de pag. 211-302, algumas peças oratorias do vigario J. A. Marques).

Finalisaremos memorando os nomes: do conego José Antonio Ma-

rinho, autor da *Historia da revolução de Minas*, que «na tribuna sagrada foi orador distinctissimo» (ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO — 1.º vol. — pag. 275-279); do padre dr. Patricio Moniz, redactor dos periodicos *A Religião*, e a *Tribuna Catholica*, e das *Chronicas religiosas* publicadas no *Iris* (Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. IV, pag. 219); «um dos melhores ornamentos do pulpito brasileiro, pela imprensa periodica por vezes proclamado digno successor dos Januarios e Monte-Alvernes» (*Obr. cit.* — tom. VI, pag. 356-357), e frei Bastos, a quem Junqueira Freire dirigiu as vigorosas estrophes insertas de pag. 157-160 na edição infra-indicada :

Porque te afogas, Bossuet brasileiro,
No immundo pégo da lascivia impura?
Porque teus louros triumphaes nodôas
Co'as roxas fesos do azedado vinbo?
Porque continuo tua gloria aseopras
Nos leves bafos do charuto ardendo?
Porque te afogas, Bossuet brasileiro,
No immundo pégo da lascivia impura?

(Vej. OBRAS PORTIGAS de Luiz José Junqueira Freire — 3.ª edição correcta e acrescentada com um *Juizo critico* por J. M. Pereira da Silva e com um *Estudo sobre o autor* por Franklin Doria).

Foram baldadas as diligencias que empregámos para encontrar producção impressa ou noticia biographica de frei Bastos. Tivemos, pois, de soccorrer-nos a um noticioso trabalho *bio-bibliographico*, ainda inédito, do dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, para poder subministrar ao leitor as seguintes indicações:

Frei *Manoel de Santa-Rita Bastos Baraúna* nasceu na provincia da Bahia pelo anno de 1790 e falleceu em meado do seculo actual. Foi religioso franciscano e prégador de alta nomeada na provincia natal.

.....
Não consta, que frei Bastos publicasse composição alguma oratoria, nem é conhecido o destino de seus manuscriptos, á excepção de *Quatro decimas glosadas* — que sahiram no periodico *Crepusculo*, tom. I, pag. 185, e de

Um soneto — que improvisou, achando-se no carcere, e enviou ao venerando arcebispo D. Romualdo, o qual se recusára a ouvi-lo, attenta a obstinação com que frei Bastos perseverava na senda dos devotarios. Eis o soneto:

Soccorrei-me, senhor! Quebrai piedoso
Minhas algemas, cheias de dureza!
Se meu crime provém da natureza
Quem de ser deixará réo, criminoso?

David, que foi tão justo e virtuoso,
Por Benabeth cahiu na vil fraqueza,
Sanação, perdendo o brio, a fortaleza,
Ao orbo deu exemplo lastimoso.

Vêde Jacob, detido em captivo
Pela gentil Rachel, vêde Suzana,
Vêde adnal, senhor, o mundo inteiro !

Desculpa tonho na paixão insana ;
Que ou mandasse-me o eóo o ser primeiro,
Ou fizesse de ferro a carne humana.

O nosso amigo, A. do Valle Cabral, conforme nos fez a fineza de declarar, dissente d'esta opinião, e afirma que o *frei Bastos*, a quem alludiu Junqueira Freire, era *frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos*, mencionado no DICC. BIBL. PORT., tom. 3.º, pag. 96.

Como n'esta nota alludimos ao Instituto dos Bachareis em Lettras, grato nos é deixar aqui alguns versos do canto que, por motivo da festa inaugural d'aquella associação, compoz e recitou o dr. Anastacio Luiz do Bom-Successo :

A Gloria

.....
De empresas grandes nuncia protectora,
Eu te vejo no sólo brasileiro,
Em Cayrú, em Garcia, em Monte-Alverne,
Em tantos outros, cada qual primeiro.

⁸ O GUANABARA, vol. III, pag. 323-324. Vej. DICC. BIBL. PORT., tomo 3.º, em o n. G. 181, e 7.º, pag. 149, onde se lê :

« REVISTA BRAZILERA : *Jornal de sciencias, letras e artes dirigido por Candido Baptista de Oliveira. Publicação trimensal*, Rio de Janeiro, Typ. Univ. de Laemmert. 1857 e seguintes, 8.º gr.

« Teve principio em julho de 1857, e veio substituir o GUANABARA, consideravelmente ampliado no seu plano primitivo, e continuando a ser collaboradores os mesmos que já o eram d'aquelle periodico; isto é, os homens mais respeitados do Brazil por seus conhecimentos e erudição, ficando todavia commettida a um só a direcção dos trabalhos concernentes á publicação e a responsabilidade inherente á qualidade de editor.

« D'este jornal (que, segundo creio, ainda subsiste com auxilio directo e immediato de S. M. I.) só consegui vêr os numeros publicados até setembro de 1859. Encerram elles numerosos artigos scientificos e litterarios, rubricados com os nomes dos snrs. Candido Baptista de Oliveira, Frederico Leopoldo Cesar Burlamarque, Francisco Freire Al-

lemão, José Soares de Azevedo, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Antonio Gonçalves Dias, Antonio Manoel de Mello, Francisco Adolpho Varnhagen, Guilherme Schüch de Capanema, etc. »

Acrescentaremos, como complemento d'esta noticia, que foram publicados 11 numeros (de 1857-1861) da precitada REVISTA.

* Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães. — Vej. as suas OBRAS — tomo VIII (2.ª edição), pag. 307.

Vem a proposito transcrever aqui o que se lê no SUPPLEMENTO DO ANNO BIOGRAPHICO por Joaquim Manoel de Macedo (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. IV, pag. 126-128), vol. I, pag. 301, artigo referente a *Evaristo Ferreira da Veiga*.

« Evaristo fundou a *Sociedade defensora da Liberdade e da Independencia nacional*; fel-a presidir muitas vezes pelo sabio franciscano frei Francisco do Monte-Alverne, que era então o rei da tribuna sagrada e quasi o idolo da mocidade estudiosa e intelligente; chamou para a sociedade os jovens, alguns ainda estudantes, de mais afamado talento, como o finado visconde de Inhomerim (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 3.º e 9.º, pag. 57, 58 e 374), os actuaes snrs. barão de S. Felix (Vej. DICC. BIBL., tom. 8.º, pag. 140-141), conselheiro José Maria do Amaral, e muitos outros, de modo que em breve toda a juventude fluminense, esperançosa pela intelligencia distincta e já brilhante pela eloquencia da palavra, cercou, com o enthusiasmo proprio de sua idade e com a estima e a confiança, mais justamente merecidas, o inclito patriota, chefe do partido moderado ».

Silva Tullio em artigo publicado no ARCHIVO PITTORESCO, vol. 2.º, pag. 241, declina os nomes de alguns dos estudantes que de 1827 a 1836 formaram o luzido cortejo de Monte-Alverne e que são illustrações contemporaneas do imperio fluminense. Taes são: « o dr. Gonçalves de Magalhães (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 2.º e 9.º, pag. 187-188 e 142-144, e PANTHEON FLUMINENSE, 253-266), poeta e diplomata; o conselheiro Felix Martins, lente de medicina; o senador Borges Monteiro (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 2.º e 9.º, pag. 27 e 18-19; ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO, vol. 2.º, pag. 507-512, e PANTHEON FLUMINENSE, pag. 229-234); o distincto medico José Bento da Rosa (Vej. EPHEMERIDES NACIONAES, pag. 304, e *Discurso* * proferido pelo conselheiro

* O discurso supraindicado mereceu á REVISTA BRAZILEIRA de 1 de julho de 1881 (*Diversas publicações*) a seguinte apreciação:

« DISCURSO proferido a 15 de dezembro de 1830 na sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, contendo o elogio dos socios fallecidos durante o anno findo, pelo orador interino dr. Olegario Herculanio de Aquino e Castro. — Rio de Janeiro; 1881.

Olegario H. de Aquino e Castro, orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, na sessão anniversaria de 15 de dezembro de 1880); o professor de pintura e litterato Porto-Alegre (Vej. *DICC. BIBL. PORT.*, tomo 5.º, pag. 364-366, *EPHEMERIDES NACIONALES*, pag. 321-323 e o pre-citado *Discurso* do orador do Instituto em 1880) e outros muitos, assás conhecidos na republica das sciencias e das letras, e tambem na governação do grande imperio ».

Não podemos eximir-nos a additar a esta nota o que se segue:

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, conde de Arganil, bispo, reitor e reformador da Universidade de Coimbra, e o conselheiro José Maria do Amaral, diplomata, homem de letras de provado merecimento, bom poeta e excellentes prosador, o Nestor, talvez, do jornalismo brasileiro, não foram contemplados no *PANTHEON FLUMINENSE*, onde igualmente não figura uma das mais puras e legitimas glorias patrias, aquelle a quem professores e alumnos appellidam — o *mestre*. Referimo-nos, é quasi ocioso acrescentar, ao apostolo da sciencia e da caridade, o sabio e virtuoso barão de Petropolis, conselheiro dr. Manoel do Valladão Pimentel, que sempre antepoz ao ouro do rico as benções do pobre.

Apontando estas e outras omissões no *PANTHEON FLUMINENSE* apenas nos anima o desejo de vel-as suppridas na 2.ª edição.

10 Nas *Ephemerides nacionaes* — devidas á penna do dr. José Alexandre Teixeira de Mello, distincto prosador e poeta, de cujos escriptos se encontra noticia no tomo IV, pag. 216-217 do *DICC. BIBL. PORT.*, lê-se:

É um trabalho de longo flego; e quem o lê, se convence de que o seu autor não é sómente um juriconsulto, senão tambem um litterato, que sabe dar á penna os brilhantes manejos reclamados pela grandesa e elevação dos sentimentos e das idéas. Não é este, porém, o unico merito do discurso do dr. Olegario: recommenda-o tambem o criterio com que o autor soube penetrar na solidão dos mortos, a fim de cumprir o triste dever de indicar ao Instituto Historico as sepulturas abertas para receber os ultimos consocios fallecidos.

A verdade e a justiça com que o sr. dr. Olegario traçou o elogio d'esses illustres finados, dão ao seu trabalho o caracter de subsidio valioso, para os que desejarem possuir exacto conhecimento do papel que representaram na sociedade brasileira aquelles que se chamaram: duque de Caxias, barão de Santo Angelo, conselheiro Antonio Pereira Rebouças, conselheiro Antonio da Costa Pinto, conselheiro Venancio José Lisboa, conselheiro Antonio Pinto, barão de Melgaço, conselheiro Philippe José Pereira Leal, dr. José Bento da Rosa, dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, brigadeiro Pedro Torquato Xavier de Brito, marechal Pedro Maria Xavier de Castro, dr. José Jorge da Silva, dr. Pedro Guilherme Lund, Eduardo Leemert, Theodoro Maria Taunay e visconde do Rio Branco.

Tal é a ordem em que estes nomes se acham mencionados no discurso a que nos temos referido ».

« 1784 — Nasce na cidade do Rio de Janeiro frei Francisco do Monte-Alverne, o ultimo dos oradores sagrados do Brazil e um dos prodigios de eloquencia, que D. João VI veio encontrar na colonia, e lhe faziam dizer muitas vezes que lhe não consentiam lembrar os que deixára na metropole: Monte-Alverne merecia com effeito, como S. João Chrysostomo e Vieira, o epitheto de *bocca de ouro* ».

E após interessantes indicações biographicas, acrescenta em referencia ao famoso panegyrico de S. Pedro de Alcantara :

« Dezoito annos viveu elle no isolamento do claustro, como se tivesse sobrevivido a si mesmo. D'ahi o arrancou um convite do actual imperador para que o glorioso emulo de S. Carlos, Sampaio e Januario prégasse na festa de S. Pedro de Alcantara, em 19 de outubro de 1854. Monte-Alverne accedeu ao convite e deixou-se ouvir na capella imperial n'aquella festividade, produzindo no extraordinario concurso do que o templo pôde conter de selecto na sociedade da capital do imperio uma commoção de admiração impossivel de descrever-se. Foi o seu canto de cygne! Era uma verdadeira resurreição. Os que, como nós, tiveram a rara ventura de ouvir aquelle athleta da oratoria sagrada, como que evocado do tumulo, puderam fazer idéa do poder da eloquencia nos seculos de predominio da religião, que tanto tem hoje perdido da sua antiga preponderancia ».

(GAZETA DE NOTICIAS n.º 220 de 9 de agosto de 1830).

Acrescentaremos que o dr. Joaquim Manoel de Macedo no ANNO BIOGRAPHICO BRAZILHEIRO — 3.º vol., pag. 495, escreveu: « Como S. Chrysostomo na sua época, merecia elle (Monte-Alverne) n'aquella em que floreceu o titulo de *bocca de ouro* ».

¹¹ Pelo *Ossian lusitano* é assim descripto este tremendo infortunio:

« É impossivel recordar-me d'esse prazo, prazo de não sei quantas eternidades, sem que ainda agora o coração se me confranja.

« Imaginai um homem á hora em que fosse embarcar n'um bergantim dourado, por um mar de prata, com virações balsamicas dos vergeis da terra, cuidando já velejar horisonte em fóra para um mundo de delicias... e lançado de improviso no mais fundo subterraneo de uma terra! »

E algumas linhas adiante:

«... Tinha as forças e a idade para folgar, tinha o desejo e a precisão do movimento, da convivencia, da fraternisação geral, da conquista, emfim, que pelos olhos se opéra de continuo nos inexauriveis dominios da natureza e da sociedade; não podia permanecer immovel; mas o meu carcere sem lanterna me seguia por toda a parte. A ave da poesia que me palpitava dentro, debatia-se contra as gradeas, quando ouvia lá de fóra estrondear a vida festival, e pelo echo deshumano das

suas vozes se lhe revelava o sem numero de bellas cousas que até os insectos e vermes senhoreavam pela vista».

(Antonio Feliciano de Castilho. — AMOR E MELANCOLIA OU A *No-vissima Heloisa*. — Nova edição. — 1861. A CHAVE DO ENIGMA (*Parte complementar*, pag. 204-205).

Ainda bem que «o desafortunado tão sem culpa» pôde dizer (CARTAS DE ECHO E NARCISO):

Se a natureza, me negou seus quadros;
se os fracos olhos meus não descortinam
o sublime espectáculo dos campos;
.....
se não me é dado, contemplando o mundo,
vêr... oh! vêr quanto é grande a natureza,
co'as Musas meditando eu sinto, ou gózo
novas scenas phantasticas, risonhas.
.....
Dest'arte, socios meus, a natureza
me vingá contra si dando-me o estro.

Com as palavras escriptas pela rútila penna de Joaquim Serra, trazemos de novo a publico uma admiravel versão de Milton por F. Octaviano.

Disse o mavioso poeta dos QUADROS (Vej. O NOVO MUNDO — vol. 4.º — New-York — 23 de outubro de 1873 — pag. 10, *Notas Litterarias*; e ARCHIVO CONTEMPORANEO — 1.º anno — n.º 10 — 30 de janeiro de 1873 — *Bibliographia* — por Felix Ferreira):

«É uma traducção de Milton, mas uma traducção tão correntia e harmoniosa que parece inspiração propria e espontanea.

Os versos do bardo inglez referem-se á sua cegueira; Octaviano, vertendo-os para o portuguez, endereçou a poesia ao seu velho amigo e sogro, a esse venerando patriota, liberal de todos os tempos, o respeitavel cego Moniz Barretto (Joaquim Francisco Alves Branco).

Essa traducção, que mostra a familiaridade em que vive com as musas o eximio jornalista, que n'ellas encontra consolo e refugio quando seu corpo ou sua alma padece, é tambem uma prova da delicadeza de sentimentos, e bondade d'aquella alma de amigo dedicado.

Tal é a versão de Milton por Francisco Octaviano:

O CEGO MILTON A SEU AMIGO CYRIACO SKINNER

Amigo! já lá foram tres annos que meus olhos
Do mundo exterior não tem conhecimento!
Da luz que a tudo anima privados para sempre,
As scenas esqueceram da lucta e soffrimento.

O tempo todo em trevas ! meus dias longa noite !
 Em meu inerte olhar (destino rigoroso !)
 Não se reflecte o sol, a lua, nem a estrella,
 Nem do amigo e dos filhos o rosto carinhoso !

E sem pavor soffri de Deus a mão pesada :
 Na hora em que mais forte, se não desceré, duvida,
 Eu nunca duvidei um só momento, um só
 Da nobre e santa idéa, meu alvo só na vida.

Ávante e firme e sempre ! Se tu saber procura
 Da minha força a causa, até na enfermidade
 Eu te direi amigo : « A pura consciencia
 De tudo haver perdido em prol da liberdade ! »

(Extr. da GAZETA DA TARDE — Anno II, n.º 89. — Rio de Janeiro, 14 de abril de 1881).

O artigo a que acima alludimos, sob o titulo *Bibliographia*, por Felix Ferreira, termina por um voto ao qual de coração nos associamos: «Praza aos céos (diz o escriptor referindo-se a Joaquim Serra, o poeta de *Um coração de mulher*) que antes que esse minotauro voraz, esse Jano dos tempos modernos (a politica) o absorva completamente, dê-nos elle um livro de versos tão melódiosos como os *Quadros em geral* e tão lyricos, sobretudo, como os das *Sertanejas* ».

¹² D(omingos) J(osé) G(onçalves) de Magalhães — *OPUSCULOS historicos e litterarios*, pag. 307-308. — Tomo VIII — 2.ª edição. 1865.

¹³ Diz o dr. Joaquim Manoel de Macedo no relatório lido perante o Instituto Historico e Geographico Brasileiro na sessão publica anniversaria a 15 de dezembro de 1854 :

«O mestre de tantos mestres está acima dos elogios que poderíamos fazer á sua obra (refere-se ás *Obras oratorias*); a impressão que ella produziu no espirito publico já assellou o seu merito: ninguem houve que não admirasse a phrase castigada, o estylo correcto, a inspiração nunca amortecida, illustração sempre abundante, a propriedade e o brilhantismo das imagens, a argumentação energica do grande prégador brasileiro; ninguem houve que não se deixasse prender á sua eloquencia arrebatadora, que ás vezes inflamma como o raio, ás vezes suavisa como o orvalho matutino, e acaba sempre por accender a esperanza em nossa alma e entornar a fé em nosso coração; ninguem houve finalmente que ao lér as *Obras Oratorias* não conversasse ao mesmo tempo com um padre sabio, com um philosopho profundo, e com um poeta inspirado». REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO — *Terceira serie*. Tom. VII (1854) — *Supplemento*, pag. 27.

Diz o conego Joaquim Pinto de Campos em artigo sob o titulo *O*

padre-mestre frei Francisco do Monte-Alverne e suas producções oratorias :

« O seu livro, excepto algumas phrases em que o luxo da imaginação do mancebo parece offuscar ás vezes a profundesa da obra, é simples, verdadeiro, energico e arrebatador. É a velha eloquencia christã um pouco aspera algumas vezes. Ahi admira-se o consorcio sublime da philosophia com os sumidos arcanos da theologia transcendental. Que galhardia de phrases! Que nobreza e magestade de expressão! Que bem delineado que é o plano de seus discursos! A mais perfeita e intima ligação reina em todos os seus periodos. A par da solidez do raciocinio pullulam os movimentos oratorios e poeticos; brilham a propriedade, a harmonia e as bellezas da elocução. Nunca a palavra humana teve mais prestigio nos labios do orador! A palavra pertence a Monte-Alverne como o marmore a Miguel Angelo, o colorido a Rubens, e a harmonia a Beethoven. A palavra é o relevo de suas idéas; os accentos de sua voz; a energia de seu gesto; e a expansão de uma grande alma, que se revela fulgurante em fórmulas magnificas».

CORREIO MERCANTIL de 26 de julho de 1854.

Daremos a esta nota o seguinte additamento :

Antonio da Silva Tullio no artigo inserto, sob o titulo *Frei Francisco do Monte-Alverne*, no vol. 2.^o (1860) do ARCHIVO PITTORESCO, escreveu a pag. 241 :

« O Brazil tem este fecundo e austero prégador franciscano na conta do seu Lacordaire. Alli foi sempre applaudido e festejado como o primeiro orador sagrado, depois do disserto e mavioso frei Francisco de S. Carlos e do eloquente e arrebatador frei Francisco de Sampaio, ambos confrades de Monte-Alverne.

« Todos são concordes em depôr que elle tinha todos os dons da arte de orar, individualidade propria, gesto e acção adequada a cada pensamento, voz cheia e harmoniosa, e que, em fim, no pulpito subjogava o auditorio como nenhum outro».

Accordes com estes juizos são os de F. Sotero dos Reis — CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRAZILEIRA, tom. v, Secção 3.^a, pag. 85-113; do conego Fernandes Pinheiro — CURSO DE LITTERATURA NACIONAL, pag. 489-501, REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO, tom. 83.^o, pag. 143-156 e GUANABARA, 3.^o volume, pag. 215-228, e do dr. Moreira de Azevedo no PEQUENO PANORAMA, tom. 1.^o, pag. 66-69.

¹⁴ Este artigo publicado sem assignatura, sob a rubrica — *Communicados* — é do elegante polygrapho José de Alencar. Vej. tom. 5.^o, pag. 60 do DICC. BIBL. PORT.

¹⁵ Assim se explica esta allusão historica :

« IL EST TROP TARD. — Réponse célèbre faite à la royauté en 1890.

« Ce mot date de la révolution de juillet 1830, et voici dans quelle circonstance il fut prononcé. Un dernier orage avait renversé pour toujours le trône de la branche aînée des Bourbons; on était au vendredi, 30 juillet, le peuple était entièrement maître de Paris et une commission, que présidait La Fayette siégeait à l'Hôtel de Ville Charles X, à Saint-Cloud, en proie au funeste aveuglement qui lui avait fait jouer sa couronne, conservait encore des illusions et espérait que quelques concessions le ramèneraient sur le trône. M. de Sussy, porteur de dépêches qui révoquaient les fatales ordonnances du 25, se présente à l'Hotel de Ville et remet ces nouvelles ordonnances à La Fayette. Celui-ci fit alors cette réponse fameuse: *Il est trop tard!* Quelques jours après, le duc d'Orléans, chef de la branche cadette, monta sur le trône. Mais, étrange retour des choses d'ici-bas, à dix-huit ans de là et dans des circonstances à peu près analogues, la même réponse était faite à Louis Philippe. Lui aussi devait entendre M. de Lamartine répondre à ses concessions tardives: *Il est trop tard!* »

LAROUSSE — FLEURS HISTORIQUES e GRAND DICTIONNAIRE UNIVERSEL du XIX^e siècle. — Tomo XIV —, d'onde, d'entre outras, desentranhamos esta phrase do publicista Emile de Girardin:

TROP TARD!... *est un mot que résume toute notre histoire depuis soixante ans.*

De Rebello da Silva ha um famoso — *Era tarde!* — no «improviso brilhantissimo» de que dá noticia Bulhão Pato no livro *Sob os cyrenes* — pag. 257-265.

16. O cantor da *Cachoeira de Paulo Affonso*, o poeta das *Vozes d'Africa*, A. de Castro Alves tem no volume *Espumas Fluctuantes* (Bahia — 1875) uma composição — *É tarde!* — que principia:

É tarde! É muito tarde! o templo é negro,
O fogo santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
É tarde! É muito tarde!

.....

Mas não... sómente as vagas do sepulero
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdôa-me, Senhora!... Eu sei que morro!
É tarde! É muito tarde!

17 *Theobaldo*, pseudonymo do dr. Francisco Mendes de Paiva, fallecido em 1880 (Vej. *Cruseiro* n.º 271 de 30 de setembro d'esse anno), escreveu nos *PROVERBIOS HISTORICOS E LOCUÇÕES POPULARES* a proposito do *canto do cyene*, pag 72:

«O ultimo trabalho de um genio, a ultima producção de um escriptor tem esse nome.

O celebre soneto de Boeage :

Meu ser evaporou na vida insana ;

o magestoso sermão de Monte-Alverne, prégado na festa de S. Pedro de Alcantara, e a sentimental elegia de Alvares de Azevedo :

Se eu morresse amanhã

são seus cantos do cygne.

Se a sciencia zoologica dá em terra com todo esse castello lendario, ha de perdurar o proverbio, em quanto houver poesia e os poetas do futuro poderão dizer como Lamartine no seu *Canto do poeta moribundo* :

« Chantons, puisque mes doigts sont encore sur la lyre ;
Chantons, puisque la mort, comme au cygne, m'inspire
Au bord d'un autre monde un chant melodieux. »

Ha com o titulo *CANTO DE CRANE* um pequeno volume, editado por Dias da Silva Junior — Rio de Janeiro — 1880 — de *Poesias de Maria do Carmo Sene de Andrade*.

18 Escreveu o digno biographo de Monte-Alverne :

« Corria o anno de 1848. O dr. Joaquim Pinto Brazil, que com tanto enthusiasmo e distincção dirigia as cadeiras de philosophia, na aula publica, e no Imperial Collegio de Pedro II, agrupou em redor de si os moços intelligentes que cursavam o primeiro ramo da sciencia, e creou uma associação litteraria que foi denominada — *Ensaio Philosophico* —, á qual depois o exc.^{mo} bispo diocesano concedeu o titulo honroso de — *Episcopal*. — Essa associação foi solemnemente inaugurada no dia 16 de dezembro de 1848.

« Para assistir a essa solemnidade foi convidado o padre-mestre frei Francisco do Monte-Alverne, que pressuroso veio á primeira festa de moços que reuniam suas forças no estudo da philosophia do espirito humano, por meio da associação, a primeira n'esse genero que então se creava.

« Não contava o venerando ancião com o que lá o esperava. Acostumado ao retiro e ao esquecimento, maravilhado ficou quando percebeu que o primeiro passo que davam esses moços fracos, só cheios de amor da gloria, era vingar a sua memoria indignamente esquecida, e fazer justiça ao seu merito transcendente e incontestavel.

« E por isso o proclamavam — o genuino representante da philosophia do espirito humano no Brazil —, e como signal de seus triumphos pediram ao prelado fluminense lhe offeresse uma corôa de louro.

« Era a primeira vez que Monte-Alverne, havia doze annos de duro esquecimento, se via restituído á posteridade honrosa, a que tinha jus por sua intelligencia e por seus serviços. Lagrimas abundantes correram de seus olhos, o prazer ineffavel reanimou suas feições abatidas e maceradas pelo desgosto, sua voz sonora e grave desprendeu-se de seus labios quasi frios pela indifferença. Ouviu-se um ligeiro queixume da victima da ingratição, logo depois um agradecimento a quem lhe sabia fazer justiça.

« Era na verdade solemne o momento em que orava o venerando Alverne; sua alma era o embate de violentas commoções, e mais de uma lagrima verteram seus ouvintes, quando elle exclamou :

« — Estou fraco e abatido... a posição em que estou é tão extraordinaria para mim, que talvez a não comprehendaes!... Se eu soubesse que era arrancado das bordas do meu sepulcro, do seio do meu retiro, para receber das mãos da mocidade uma corôa de louro, honra civil que premeia meus serviços pisados pela ignorancia, esquecidos pela estupidez, e mal pagos pela mais fria indifferença, ainda assim talvez não tivesse coragem de apresentar-me para recebê-la.

« — Eu sei que ella tem um grande peso, que tem um brilho muito acima de meu merecimento, e que meus trabalhos não correspondem a esta aureola que recebo no fim de minha vida!... Parece-me que sou uma victima enfeitada para a hora do sacrificio! Tanta honra, tanta consideração para um homem occulto no silencio de uma cella, passando da obscuridade á gloria; a velhice coroada pela mocidade, a morte reanimada pela vida... são phenomenos tão grandes, geram sensações tão poderosas, que não as posso occultar.

« — Doze annos tenho estado em silencio!... Sabeis que força é preciso para que escapem estas palavras toscas no meio de tanto entusiasmo, a despeito d'esta gloria que a mocidade acaba de revelar, d'este futuro que se apresenta tão radiante!»

Referindo-se aos *Ensaio Philosophicos* disse Gregorio Ferreira de Almeida em uma allocução *A' Mocidade Brasileira* lida em sessão da *Sociedade Ensaio Litterarios* (Vid. REVISTA MENSAL da associação — 3.º anno — Rio de Janeiro — 1865 — 3.º vol., pag. 447):

« Assim, pois, se a união e a abnegação não entrarem em nossas fileiras, veremos morrer esta associação como muitas outras que por ahi tem desaparecido.

« E senão vêde os *Ensaio Philosophicos*, apesar de em seus bancos se ter assentado Alvares de Azevedo, de haver assistido ás suas sessões Monte-Alverne, o Cicero da tribuna sagrada brasileira, cego como Milton e Castilho, tão sabio como Massillon e Bossuet, que es-

palhava os perfumes da sua portentosa intelligencia aos pés de Deus, deixando cahir dos labios flôres, e prendendo a todos nas cadêas do enthusiasmo, semelhante áquelles prophetas dos povos de Israel!...

¹⁹ Do nosso distincto amigo e collega escreveu com inteira razão C. Castello Branco :

« Um elegante poeta brasileiro e prosador de primeira ordem, o snr. Machado de Assis, que não inveja primores de linguagem aos mais correctos, e primores de bom juizo aos mais reflexivos pensadores... » (BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA — 2.º anno — 1880 — n.º 5 — pag. 82).

²⁰ Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. iv, pag. 146-147 e ESBOÇOS DE APRECIÇÕES LITTERARIAS, pag. 101 — por C. Castello Branco, que diz :

« Aqui são carinhosos alentos ao cego philosopho Monte-Alverne, antecipando-lhe o goze da immortalidade ». E depois, tratando especialmente dos versos acima transcriptos nos quaes « sôa o rhythmo grandiloquo da ode classica »:

« A analyse a estas estrophes seria vã e fria. Ha um sublime que deslumbra os gabos da critica, e retrahe ao seu acanhamento a expressão do applauso. Estas bellezas não se apontam: seria uma tortura recommendal-as á comprehensão dos que as não viram, sem lh'as indicarem ».

Do poeta das COROAS FLUCTUANTES disse o antigo folhetinista do *Livro do domingo*, o talentoso escriptor João Carlos de Sousa Ferreira :

« Poeta não só pelo brilhantismo da imaginação e pela nobreza do pensamento, mas tambem pelo sentimento, pelo coração, pela doçura e harmonia da phrase, J. Pinto Ribeiro possui o segredo da poesia, esse que nos communica o enthusiasmo pelo que é sublime, que nos accende a mente, que nos toca o coração e nos arranca lagrimas involuntarias quando os sons da lyra mais ternos nos dizem dôces queixas de amor, ou cantos de saudade, murmurados no silencio da noite ou nas solidões da tristeza ».

²¹ Doixaremos n'este lugar a seguinte indicação litteraria :

O Novo Mundo, n.º 52 de 23 de janeiro de 1875, publicando *Notas biographicas* acerca de *Luis Guimarães Junior*, disse :

« Depois de formado em direito, veio para o Rio de Janeiro, já bem conhecido como escriptor nas folhas de S. Paulo e Pernambuco. N'esta ultima cidade publicára um pequeno volume de poesias intitulado *Corymbos*, outro volume, *Passeios humoristicos* e um folheto sobre *Monte-Alverne*.

Sabemos, por informação verbal obsequiosamente prestada pelo illustre poeta dos SONETOS e RIMAS, que o « folheto sobre Monte-Alverne » (edição exhausta) é um poemeto em verso branco escripto pelo autor, em Pernambuco, e alli mandada publicar por uma associação litteraria.

22 « Foi o 5.º director, pela ordem chronologica, que teve este estabelecimento nos 48 annos de sua existencia, de 1822, data da emancipação politica do Brazil, até esse anno de 1879 (data do fallecimento, a 19 de novembro, do monge beneditino frei Camillo de Monserrate) ».

Dr. Teixeira de Mello — *Ephemerides Nacionaes*.

23 « 1871 — Falleceu na idade de mais de 77 annos, na freguezia do Campo-Grande, Rio de Janeiro, o professor emerito da faculdade de medicina da côrte, o botanico nacional conselheiro Francisco Freire Allemão, depois de longos soffrimentos, que supportou sem murmurar.

Nascera n'aquella freguezia a 24 de julho de 1797.

Freire Allemão era, na opinião de um de seus illustres discipulos e juiz competente, superior a Leandro do Sacramento e a Aruda Camara; ficava acima de José Marianno da Conceição Velloso; deixava longe a Ildefonso Gomes. Contemporaneo de Custodio Alves Serrão, excede-o como botanico, não diremos pela intelligencia, mas por aquelle esforço supremo na criação de generos e especies novas e nos labores da imprensa. « Freire Allemão subiu todos os degraus do throno d'essa sciencia, para contemplar entusiastico o quadro maravilhoso da natureza vegetal, e para penetrar n'este oceano de conhecimentos uteis e com elles illustrar o mundo, ora com a palavra sonora e eloquente, reflexo de sua proficiencia, ora com aquelle estylo conciso e encantadar, cahido por vezes da sua invejavel penna ». (*Globo* de dezembro de 1874).

(Dr. Teixeira de Mello — *Ephemerides Nacionaes* — GAZETA DE NOTICIAS de 11 de novembro de 1880). Vej. Joaquim Manoel de Macedo — ANNO BIOGRAPHICO BRAZILHEIRO — tom. 2.º, pag. 363-366. Lery Santos — PANTHEON FLUMINENSE — pag. 321-324 e *Biographia e apreciação dos trabalhos do botanico Francisco Freire Allemão*, por José de Saldanha da Gama — REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO — tom. 38.º, pag. 51 e 126.

24 Thomas Antonio de Villa-Nova Portugal (Vej. DICCO. BIEL. PORT., tom. VII, pag. 333-335).

XXII

EU, COMO O SOL, A BUSCAR-TE,
TU, COMO A SOMBRA, A FUGIR-ME.

F. Gomes de Amorim em uma das *Notas dos VERSOS* (II *Ephemeros*) escreve:

« Em 1855 andei a colligir cantigas populares por aquella provincia (o Minho), e da immensa colheita que fiz muitas ha que honrariam, pela pureza e elegancia da fórma, aos nossos maiores poetas. Eis uma amostra:

Eu não choro por ti, rosa,
Que o jardim mais rosas tem :
É porque sei que não achas
Quem te queira tanto bem.

Eu amante, e tu amante,
Qual de nós será mais firme ?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Estas e outras de igual primor são filhas legitimas da minha aldéa, e não se cantam, nem se conhecem, pelo menos que eu saiba, em nenhuma outra parte de Portugal.

Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Garrett não os teria feito melhores. E, no entanto, creio que a sua autora foi uma rapariga de 18 a 20 annos, roupinhas de chita, lenços encomados no alto da cabeça e no pescoço, camisa arregaçada até o meio do braço, saia de riscas vermelhas e pretas, dando pela barriga da perna, e pé descalço! »

Os versos acima transcriptos tambem se lêem no estudo sobre a *Poesia popular portugueza* por L. A. Palmeirim, estudo para cuja apreciação convém lêr o que adduzimos em seguida:

« Ahi vai uma das mais perfumadas e sentidas coplas populares ¹, já diversas vezes louvada pela critica :

Por te amar perdi a Deus,
 Por teu amor me perdi ;
 Agora vejo-me só,
 Sem Deus, sem amor, sem ti.

« Millevoye, o poeta das melancolias intimas, não pintaria, de certo, mais resignado o seu adolescente, despedindo-se da vida ao cahir das folhas seccas do outomno ! Viver só — sem Deus e sem amor — é mais triste que saudar pela ultima vez o sol amortecido da estação dos desenganados da terra ».

Escriptas estas linhas por L. Augusto Palmeirim, são ellas extrahidas do precitado livro GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, pag. 20-21 da *parte complementar*, que é o estudo, em fórma de *Carta* a Mendes Leal, sobre *A poesia popular nos campos*. Na *Carta* preindicada diz o autor : « Os campos são, desde Theocrito e Virgilio, a inspiração da verdadeira poesia, da que se não amaneira presumida na adolescencia, nem se arrebrica de postiças e mentirosas galas ».

Á GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, livro harto encomiado pela imprensa lisbonense e portuense, consagrou A. um bem deduzido artigo (Vej. BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA — 1.º anno — n.º 5 — pag. 98) do qual reproduzimos os seguintes periodos :

« Estudar a poesia popular não é sómente ramilhetar as quadras do nosso conhecimento, attribuidas ao povo. É necessario estudar-lhes a origem, a paternidade, o berço; é necessario sujeital-as a uma analyse scientifica rigorosa.

Não temos competencia no assumpto; quer-nos porém parecer que algumas das quadras aproveitadas pelo snr. PALMEIRIM, e na maior parte conhecidas, não teem o cunho popular caracteristico.

Teem, para nós, um sabor mais culto. — Isto é importante, investigar n'um trabalho d'esta ordem.

Mas é possivel que o snr. PALMEIRIM não mirasse a um resultado scientifico; o character ameno do seu livro perderia muito com a addição pesada d'umas paginas recheadas de investigações e conjecturas.

Os versos que ouvira nos certames populares, ou avulsos na bocca d'uma camponeza, encaixilhou-os n'uma prosa poetica e romanesca, attribuindo a cada estrophe uma historia triste ou alegre de amores trahidos ou bem fadados; — lagrimas de mãi sobre o esquite d'um filho que adorava, ou lagrimas de commoção feliz pela aquisição d'um bem desejado.

De tudo isto o snr. PALMEIRIM formou umas historietas curiosas, e no seu ponto de vista fez uma obra de interesse e de valor ».

Não cerraremos estas linhas sem mencionar que o poema popular no Brazil ha sido objecto de perseverante estudo do applicado e esclarecido escriptor Sylvio Romero, autor do livro *A LITTERATURA BRAZILEIRA E A CRITICA MODERNA* e dos *CANTOS DO FIM DO SEculo* (Vej. *REVISTA BRAZILEIRA* de 15 de março de 1880 — *Notas Bibliographicas* por Franklin Tavora e 1 de dezembro de 1879 — *A nova geração*, por Machado de Assis).

Transportaremos para aqui as seguintes linhas publicadas no *SORRISO*, *jornal scientifico, litterario e recreativo* (Rio de Janeiro, 1880), n.º XI, 6 de novembro de 1880:

« Do interessante estudo *A poesia popular nos campos* pelo

conhecido e estimado litterato portuguez Luiz Augusto Palmeirim, autor da GALERIA DE FIGURAS PORTUGUEZAS, extrahimos, para brindar as leitoras, as seguintes galantes coplas:

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor;
Antes que o amor se ausente
No coração fica a dôr.

Se te enfastia o eu querer-te,
É força por fim deixar-te,
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Eu casei-me e captivei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo contigo
Menos posso estar sem ti.

Não sei que quer a desgraça,
Que atrás de mim corre tanto!
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vê-la não me espanto.

Se a leitora, tão amavel sempre, não leva a mal, passaremos a transcrever as seguintes graciosas quadrinhas de um certame poetico, um *desafio* no campo em dia festivo, entre um *Romão* de jaleco e uma *Julieta* de saia curta:

ELLE

Façamos, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma... duas... até tres.

ELLA

Não quero fazer as pazes,
Como foi da outra vez ;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma, quanto mais tres !

— Muito bem, *Snr.ª Julieta*, muito bem ! — Brillhou ! »

(*Nessuno*).

Vamos completal-as, copiando das SCENAS DO INTERIOR (*Quadro de costumes*), romance original brasileiro do talentoso poeta Luiz José Pereira da Silva, as seguintes quadras, extrahidas do cap. II — *O Fado* — pag. 26, de um *desafio* entre dous rivaes empenhados em celebrar os dotes da *hermosa Dulcinea*.

— Diz Manoel Joaquim :

Tu não tens a côr da rosa
E não são teus olhos vivos,
Mas não sei porque, não sei,
Aqui todos tens captivos.

— Responde Pedrinho :

Aqui todos tens captivos,
Eu, porém, que os outros mais ;
Lindos amores me prendem,
A teus pés meu peito jaz.

— Replicá Manoel Joaquim :

A teus pés meu peito jaz
A curtir custosa pena ;
Tens a côr que gosto mais,
Mariquinhas é morena.

— Remata Pedrinho :

Mariquinhas é morena,
 Tem os olhos côr dos meus,
 Ai! seu bem, me dá que eu morra
 N'esses lindos braços teus!

Aproveitaremos o ensejo para avivar a lembrança de um nome illustre, bem cedo arrebatado ás lettras portuguezas: o do dr. A. Silva Gayo. Do seu romance *Mario* « radioso despon-tar de um dos mais esplendidos talentos de que Portugal se gloria » (Pinheiro Chagas — NOVOS ENSAIOS CRITICOS, pag. 264) destacamos estas linhas que se deparam de pag. 248 a 249:

« Cantava-se alli á viola, e ao desafio. Um dos cantores era Antonio Marcos, que se furtára, no presbyterio, ás vistas do pa-drinho, para voltar, correndo, á romaria, onde lhe havia ficado alguma cousa...; uma linda trigueira de dezoito annos, que estava embevecida a olhar para elle. O outro, era um Thomaz, famoso em improvisos; homem já de meia idade, de feições agradaveis, e expressão folgazã.

Thomaz, apontando com o pollegar da mão direita para a pobre trigueira, córada de pejo, lançou a Antonio esta cantiga:

Vem d'aqui um sol ardente!
 É d'este olhar peccador:
 Como estás todo de cera...
 Não te derreta o calor.

Foi prompta a resposta:

Ai! Por mim não te arreceies,
 Que eu não sou nenhum pavio;
 E por mais calor que apanhe
 Não perderei o feitio.

O vigario e Thereza caminhavam muito devagar, para agra-decerem cortezias, e para ouvirem o desafio.

Antonio tinha as costas voltadas para o lado d'onde elles

vinham, emquanto o seu contendor os via de frente. Por isto, continuou Thomaz :

Olha a perda ! Atraz de ti
A luz d'alva se alevanta ;
Tu não vés ; e a calhandra
Inda é noite, e já lhe canta !

E Antonio :

Não t'entendo ! Vê se descés,
Deixa o sol, mais a luz d'alva !
Olha que por bem rasteira
Nunca perde o cheiro a malva !

E Thomaz, rindo-se :

Não me falles cá de cheiros,
Tu que não sentes um lirio,
Encostado ao seu amparo,
A enfeitá-o, como a um cirio !

Antonio viu então o vigario e Thereza, que lhe passavam ao lado, e cantou em voz sonora :

Vejo agora amparo e lirio,
Mas armaste-me traição !
Fallaste-me ao cheiro e á vista...
Fallaste-me ao coração...

— Bravo ! Bravo ! Vivam ambos ! E iam ao ar alguns chapéos, as mulheres batiam as palmas, e o clamor dos rapazes erguia-se em notas agudas.

Thereza, com agradecido sorriso, deu uma flôr a cada um dos cantores ; e o vigario, commovido, repetia :

— Obrigado, filhos, obrigado ! »

O mallogrado author de MARIO — *Episodios das luctas civis portuguezas* — de 1820-1834 — (d'este romance trata Luciano Cordeiro de pag. 236-239 do seu LIVRO DE CRITICA) offerecendo *A Emilia Paredes* o primeiro, e talvez ultimo, trabalho de litteratura historica, escreveu estas palavras :

« Os antigos tinham em sagrado altar, dentro das habitações, os deuses penates. Eram os guardas vigilantes, as sympathicas divindades, que protegiam a tradição do nome, e a prosperidade da familia.

A elles se amparava o homem, como a beneficos patronos, companheiros nas alegrias, fleis consoladores nos infortunios.

Faço como os antigos, e venho buscar o teu amparo.

Ha um anno que estou doente. Não podendo exercer as minhas funcções do magisterio; não tendo animo nem vontade, para seguir, attento, escriptos medicos, que mais me lembressem o que eu desejava esquecer, escrevi este livro.

E estas linhas serão explicação para aquelles, que me censurarem por escrever em litteratura, sendo lente de medicina ».

E não tardou que a penna de que se desataram tantas flôres da imaginação e do sentimento lhe cahisse da mão paralyzada pela morte !

NOTA

¹ Edouard Laboulaye, n'uma conferencia admiravel de atticismo, tratando das *chansons slaves*, refere a galante oração das raparigas da Serbia a S. George, que é alli (como no Brasil é Santo Antonio) o casamenteiro das moças :

« O Saint-Georges, grand Saint-Georges, fais que l'an prochain je ne sois plus dans la maison de ma mère, — ou mariée ou morte, — mais grand saint, j'aimerais mieux être mariée ».

DISCOURS POPULAIRES — 2^{me} édition — Paris — 1870 — pag. 322.

EU CONHEÇO O MUNDO E ME CONHEÇO

José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho ¹, havendo sido eleito em 1794 bispo de Pernambuco, dirigiu-se ao príncipe regente D. João, e em presença de seus camaristas, proferiu as seguintes palavras :

«Senhor! Eu venho beijar a augusta mão de V. A. Real pela grande honra que me faz, da qual não sou digno, mas eu conheço o mundo e me conheço; elle quer ser servido, e eu o não sei servir. Eu conheço as intrigas das côrtes; eu as temo, e não as sei manejar. Eu conheço que são necessarios protectores; e os não tenho, nem quero; e por isso venho rogar a V. A. Real haja por bem livrar-me de lugares em que eu me veja comprometido ».

Lê-se, em seguida a este periodo, na REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO, 7.º volume (1845) — pag. 109-115, sob o título *Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.*: « Oh! se todos fossem capazes de fallar assim aos soberanos! Fallou acaso um frei Bartholomeu dos Martyres ² com mais energia á

senhora D. Catharina? E note-se que não ha n'aquellas expressões mais nem menos que a realidade; pois, além de ser isto constante, entre os papeis do prelado se achou o borrão d'aquella breve falla ao principe ».

Latino Coelho pronunciando, em sessão publica da Academia real das sciencias de Lisboa, o *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, menciona, pag. 10-11, d'entre os celebrados escriptores que, tendo florecido no seculo passado n'elle mesmo perfizeram a carreira, o illustre brasileiro, bispo d'Elvas, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, do qual diz « pôde ser appellidado, na ordem chronologica, o primeiro economista portuguez ».

De feito, dá-lhe jus a ser dest'arte appellidado o ENSAIO SOBRE O COMMERCIO DE PORTUGAL E SUAS COLONIAS mandado imprimir em 1794 pela Academia real das sciencias; obra que, no dizer do eminente brasileiro, Zacarias de Goes e Vasconcellos, que tanto honrou a tribuna parlamentar, « primeiro que qualquer outro refutou a falsa theoria de Montesquieu a respeito de climas ». (Discurso publicado no DIARIO DO RIO DE JANEIRO de 19 de novembro de 1869).

Estava escripto este artigo quando appareceu no CRUZEIRO de 23 de outubro de 1880, sob a rubrica *Historia*, uma parte dos importantes *Estudos* devidos á penna do conhecido jornalista e litterato, Eunapio Deiró. Tem por titulo *Um traço da historia da assemblea constituinte* o trabalho a que nos referimos e do qual, a proposito do consummado parlamentar Zacarias de Goes e Vasconcellos, pertinente se nos afigura a transcripção dos seguintes periodos:

« Ha nos oradores politicos diversas entidades — o artista e o vidente — o homem de estado e o esgrimidor.

O artista deixa, como Cicero, Burke, Canning, Chateaubriand, Lamartine, de Sevre, Royer Collard, obras primas de eloquencia, a grandiosa irradiação da idéa na phrase, que perpetua o raio da luz, a efflorescencia do sentimento, o bello

incarnado nos actos e no pensamento, na fórma immorredoura do estylo.

O vidente prevê, tem as subitas e elevadas concepções que devassam o porvir, e traçam o roteiro de um povo. O grande Machiavello outr'ora e hoje Bismark são typos d'esse genero.

O estadista não póde merecer tal nome, se não é um vidente; é dos factos e circumstancias que attinge ou evita os successos que se preparam.

O esgrimidor é uma entidade — producto dos governos constitucionaes.

Havemos de vél-a por toda parte onde ha esta fórma de governo.

São os homens de discussão, *debaters*; os homens de negocios, ou de luctas; são os pamphletistas, que não escrevem, mas improvisam na tribuna.

Entre nós, Antonio Carlos, Vasconcellos, Zacarias de Goes ², foram excellentes modélos.

Antonio Carlos é um luctador, que se bate corpo a corpo, insaciavel, mas não fatigado, não quer o repouso.

Vasconcellos creou a politica da esgrima, que fere e mata; procura as emboscadas, ao adversario vencido recusa até a misericordia e o perdão.

Zacarias de Goes é incontestavelmente superior aos dous. Com o orgulho do primeiro e com a malignidade do segundo, elle é o mestre consummado d'essa discussão, em que a sciencia, com a leviandade, a ironia, a maledicencia, o orgulho com a insolencia, o sarcasmo com a dignidade, a personalidade, emfim, ás vezes, ensanguentam a ponta agudada do florete...»

NOTAS

¹ Vej. Pereira da Silva — VARÕES ILLUSTRÉS DO BRAZIL — tom. II, pag. 121-144.

² Vej. VIDA DE D. FREI BARTHOLOMEU DOS MARTIRES, *da ordem dos prégadores, arcebispo e senhor de Braga, etc.*, no art. *Fr. Luis de Sousa* (tomo v, pag. 227-231) do DICC. BIBL. PORT.

Convém lêr com relação a frei LUIZ DE SOUSA O CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA E BRASILEIRA por F. Sotero dos Reis (3.º vol., pag. 41-100); CURSO ELEMENTAR DE LITTERATURA NACIONAL pelo conego Fernandes Pinheiro; MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, por Theophilo Braga, pag. 390-395; CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, por C. Castello Branco, pag. 64-71 e a nota 7.ª — pag. 289-300.

³ Escreveu: DA NATUREZA E LIMITES DO PODER MODERADOR. O autor do DICC. BIBL. PORT., referindo-se, tomo VII, pag. 454, á 2.ª edição d'este livro (Rio de Janeiro de 1862), diz que do prologo se vê, « que além da materia conteúda na primeira, sem alteração substancial, se appensou: 1.º a parte dos discursos proferidos pelo autor na camara electiva em 1861, que tem relação com as doutrinas e assumpto d'este tratado; 2.º a apreciação de varias idéas expostas no tom. II, cap. 27 a 29 do ENSAIO SOBRE O DIREITO ADMINISTRATIVO do SR. visconde de Uruguay (Vej. *Dicc. bibl.*, tom. VI, pag. 361) relativa á questão da responsabilidade ministerial pelos actos do poder moderador e á formula « *O rei reina e não governa* ».

— A *Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas* (Coimbra — 1850) do redactor principal do JORNAL DO COMMERCIO (Rio de Janeiro), o illustrado dr. Luis Joaquim de Oliveira e Castro, versou sobre o ponto « *Se nos termos da Carta Constitucional da monarchia portugueza, os ministros d'Estado são responsaveis pelos actos do poder moderador* ». — Defende-se (diz o DICC. BIBL., tom. V, pag. 298) que os actos do poder moderador são por natureza livres e arbitrarios, não induzindo responsabilidade alguma ministerial.

XXIV

EU NÃO VOU LÁ QUE TENHO MEDO

Tal é a resposta, que se lê a pag. 8 do livro **CONTOS POPULARES PORTUGUEZES, do boi, do cão e do gallo ao coelhinho branco**. O valor litterario d'esta composição e do livro supra-indicado foi aferido pela autorisada penna de Ramalho Ortigão ¹ em o n.º 222 da GAZETA DE NOTICIAS de 14 de agosto de 1879.

Do livro diz o notavel escriptor das **CARTAS PORTUGUEZAS**:

« Adolpho Coelho, o eminente professor de philologia, acaba de dar á luz um livro de erudição, que é ao mesmo tempo o livro mais essencialmente portuguez que ha muito tempo eu tenho lido. É o primeiro tomo dos *Contos populares*, colligidos por aquelle escriptor. Em trinta e tantas paginas de prefacio á sua obra, Adolpho Coelho indica e demonstra com grande relevo scientifico a importancia dos contos populares na historia das concepções estheticas e na das origens das litteraturas, bem como na psychologia comparada, um dos mais importantes ramos da sciencia que tem por objecto o homem.

O estudo comparado dos contos populares demonstra a existencia de narrações identicas na tradição de todas as raças humanas. A *Historia da carochinha*, a *Bella menina*, o *Rabo do gato* e muitas outras encontram-se igualmente na Europa e na Asia, na America e na Africa. A anedota tão conhecida do homem que, ao sacudir um dedo que sujára e batendo com elle em uma pedra, logo se esquece do aceio, para sómente se lembrar da dôr mettendo na bocca o dedo sujo, figura desde tempos immemoriaes sob a fôrma de apologo na moral da China. A historia do *Rabo do gato*, tão popular em Portugal, encontra-se igualmente entre os indigenas de Madagascar, e entre o povo dos paizes mais afastados da Europa.

Adolpho Coelho mostra-nos ainda que é dos contos populares que sahem os grandes productos estheticos, assim como é da lingua do povo que resultam as linguas mais cultas e mais litterarias. « Nada mais mesquinho, diz o autor, do que a obra da imaginação individual. Um verdadeiro artista, um Eschylo, um Sophocles, um Dante, um Shakspeare, um Gœthe acham na tradição popular todas as fôrmas para exprimir a sua concepção da natureza e da humanidade. O *Prometheu* era um conto das velhas gregas antes de ser a sombria tragedia cujo sentido é tão vasto que pagãos, christãos, philosophos de differentes escôlas, acham n'ella com que lisonjear as suas crenças e doutrinas. A *Cymbeline*, *The marchant of Venice*, assentam sobre contos populares como outras peças do tragico inglez. O tecido de um grande numero de contos de Boccacio e dos outros novellistas italianos, assim como da maior parte dos antigos novellistas de todas as nações, sahiu da tradição popular ».

Nas legendas dos santos do catholicismo é vulgar encontrar episodios, reproduzidos de contos que anteriormente existiam na tradição. Adolpho Coelho mostra como uma d'essas adaptações da lenda popular á lenda religiosa se encontra em um episodio da vida de Santa Isabel, rainha de Portugal, escripta no seculo xvii pelo bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda.

O mesmo conto de *Fridolin*, popular na Alsacia, dá a

Schiller uma ballada e a Affonso o sabio de Castella, avô do rei D. Diniz, uma das suas cantigas em louvor da Virgem Maria.

A grande importancia da critica comparada dos contos populares para a ethnographia, para a historia das migrações, para a determinação das leis estheticas, para a historia da imaginação, para a historia das evoluções litterarias, etc., levou os sabios dos paizes mais cultos a colligirem com grande escrupulo os contos populares, que existem hoje devidamente registrados na Allemanha, na Inglaterra, na Italia, em França e em Hespanha. A obra de Adolpho Coelho destina-se a preencher a lacuna que existia em Portugal».

Do conto *O coelhinho branco* diz o autor das eruditas e graciosas NOTAS DE VIAGEM :

«Para lhes dar idéa da fidelidade com que são feitas estas transcripções, citar-lhes-hei como exemplo a bella historia do *Coelhinho branco e da formiga rabiga*, tal como ella se acha na collecção dos *Contos populares portuguezes*. O titulo é já em si excellente. O epitheto de *rabiga* dado á formiga não tem equivalente na lingua erudita, na nossa lingua pretenciosamente correcta e litteraria. Que bella palavra a palavra *rabiga* ! Nunca a vi nos livros ; nenhum dictionario a traz ; quem foi que a descobriu ? quem a inventou ? quem a fez ? Nenhuma outra tão pittoresca para nos dar a idéa de uma pequena creatura ligeira, activa, industriosa, videira, madrugadora, esperta, penetrante, espirituosa e audaz ! A esperteza sagaz, alegre, sempre viva, sempre áleria, e a malicia *rabiadora*, de verdadeiro mafarrico, vem a esta palavra do seu radical *rabo*. A exiguidade operosa, prestante, tenaz, pungente, teimosa, jovial e terrivel está na sua terminação em *iga* como *figa*, *liga*, *cantiga*, *briga* e *ortiga* entre os nomes, e, entre os verbos, como *litiga*, *investiga*, *respiga*, *abriga*, *fustiga* e *castiga*: Como um tal qualificativo se casa bem com o nome e com a virtude da formiga ! *Formiga rabiga* é uma fórmula.

É a fórmula de certas mulheres burguezas, postas desde novas em contacto com o trabalho dos homens, com os problemas praticos da vida, mulheres pequenas, nervosas, ma-

gras á força de nervosismo dispendido e de actividade applicada, mulheres economicas, fura-vidas, teimosas, persistentes, de voz fina, alta, clara, imperativa, cheias de gestos, cheias de movimento, dando ordem á casa de manhã cedo com as chaves á cinta, arrumando, espanando, cantando, indo ás compras de vestido curto, passo alto e ligeiro, salto aqui salto acolá por cima das poças para não enlamear a saia nem sujar as meias; com a resposta prompta e com o expediente achado para tudo, para as intrigas, para as emboscadas, para os contra-tempos, para todos os problemas imprevistos e inesperados, trabalhando sempre, economisando muito e dormindo pouco e só com um olho, em quanto o outro parece que está sempre á espreita.

O homem mais rijo, o mais solido, o mais sabio, succumbe algumas vezes; a mulher formiga-rabiga não succumbe nunca, e quer seja como esposa, quer seja como mãe, quer seja como filha ou como irmã, ella é para o homem a companheira mais util, o amparo mais forte e a consolação mais firme.

Mas vamos á historia :

Era de uma vez
Um coelhinho
Que foi á sua horta
Buscar couves
P'ra fazer um caldinho.

Quando o coelhinho branco voltou para casa, depois de vir da horta, chegou á porta e achou-a fechada por dentro; bateu e perguntaram-lhe de dentro: « Quem é? » O coelhinho respondeu :

Sou eu, o coelhinho
Que venho da horta
E vou fazer um caldinho ».

Responderam-lhe de dentro :

« E eu sou a cabra cabrez
Que te salto em cima
E te faço em tres ».

Foi-se o coelhinho por ahi fóra muito triste e encontrou um boi e disse-lhe :

Eu sou o coelhinho
Que tinha ido á horta
E ia para casa
Fazer o caldinho ;
Mas quando lá cheguei
Encontrei a cabra cabrez
Que me salta em cima
E me faz em tres.

Responde o boi : — « Eu não vou lá que tenho medo ».
Foi o coelhinho andando e encontrou um cão e disse-lhe :

« Eu sou o coelhinho, etc.

Responde o cão : — « Eu não vou lá que tenho medo ».
Foi o coelhinho e mais adiante encontrou um gallo, a quem disse tambem :

« Eu sou o coelhinho, etc. »

Responde o gallo : — « Eu não vou lá que tenho medo ».
Foi-se o coelhinho muito mais triste, já sem esperanças de poder voltar para casa, quando encontrou uma formiga que lhe perguntou : « Que tens tu, coelhinho ? »

« Eu vinha da horta, etc. »

Responde a formiga : « Eu vou lá e veremos como isso ha de ser ».

Foram ambos e bateram á porta ; diz-lhe a cabra cabrez lá de dentro :

« Aqui ninguém entra,
Está cá a cabra cabrez
Que lhes salta em cima
E os faz em tres ».

Responde a formiga :

« Eu sou a formiga rabiga
Que te tiro as tripas
E furo a barriga ».

Dito isto a formiga entrou pelo buraco da fechadura, matou a cabra cabrez; abriu a porta ao coelhinho, foram fazer o caldinho e ficaram vivendo juntos o coelhinho branco e a formiga rabiga ».

Essa pequena historia é deliciosamente bem feita. Reune tudo: a graça de um estylo cheio de frescura, pittoresco e cheio de bonhomia como o de Lafontaine; o movimento, o dialogo, o traço caracteristico como na breve resposta do boi: « Eu não vou lá que tenho medo »; finalmente a doutrina na forma symbolica e a intenção moral.

Muitas outras historias reunidas n'este volume são igualmente bellas, como « A formiga e a neve », « O cuco e a poupa », « A raposa e o lobo », « A raposinha gaiteira », « O homem que busca estremecer », « O rabo do gato », etc.

A respeito d'estes estudos no Brazil convém lér com a atenção de que são merecedores os trabalhos de Couto de Magalhães (O SELVAGEM — Rio de Janeiro — 1876) e de Sylvio Romero (A POESIA POPULAR NO BRAZIL, longa serie de artigos, insertos na REVISTA BRAZILEIRA, 1879-1880, e destinados ao livro CANTOS E CONTOS DO POVO BRAZILEIRO, publicação já annunciada pelo talentoso autor da ETHNOLOGIA SELVAGEM).

Já o dissemos, mas não é superfluo repetir: n'este livro, simples repositório de subsidios litterarios, o autor não teve, nem licito lhe fôra ter, o designio de aferir meritos e graduar preeminencias; seu unico empenho consistiu em colligir, até onde lhe foi dado chegar, votos autorisados ácerca dos multiplices assumptos de que se occupa, sem de modo algum se preocupar com a escôla a que se filiaram ou com as doutrinas que professavam os escriptores a quem houve de soccorrer-se.

Dito isto, passamos a transcrever alguns periodos em que, sob fórma humoristica, uma intelligencia vigorosa, firmada em solida instrucção, aferiu os quilates da poesia popular. É innegavel que os juizos de *J. de Almeida e Silva* admittem restricções; que se lhes podem apontar phrases eivadas de sarcasmo; seria, porém, injustiça desconhecer em suas palavras o sabor da illustração avisada por essa finissima experiencia denominada por antíphrase *senso commum*.

Occulta-se o douto e elegante escriptor sob o pseudonymo *J. de Almeida e Silva* como outr'ora sob o de *Rosa e Silva* ², mas não consegue passar despresentido.

Pela nossa parte, não suppomos enganar-nos cedendo a palavra ao ex-redactor principal do CRUZEIRO, dr. Henrique Corrêa Moreira:

«Eu confesso, snr. editor, que não sou dos mais atreitos a deixarem-se encantar pela poesia popular. A poesia é uma arte, e das mais difficeis. Se a architectura popular não passa de uma choça; a esculptura popular não vai além de um boneco; a dansa popular acaba em um grosso fandango e a pintura popular nos mythos, que vêmos pelas paredes: a poesia popular quer-me parecer que não póde produzir lá grande cousa e as amostras que agora vejo não me fazem mudar de parecer.

Quando passares na rua
Escarra e cospe no chão

é sordido como uma pagina de Eça de Queiroz, e a litteratura catarrhal sempre me pareceu a mais triste invenção dos nos-

sos dias. O que a poesia popular tem de delicado, deve-o incontestavelmente a algum retoque de um artista culto. É claro que tomo aqui a expressão popular no seu verdadeiro sentido, no sentido em que todos a tomam e a propria *Revista* ², designando aquella classe de gente que causava nauseas a La Bruyère, e que se ainda hoje é quasi excluida das farças é por se achar abaixo do ridiculo.

O escriptor enganar-se-hia de meio a meio se presentisse em mim algum fidalgo esgarrado no meio da civilisação moderna, despejando o barril dos seus desprezos sobre uma classe grossamente plebéa. Acontece inteiramente o contrario, mas os extremos tocam-se. Partidista enraivecido das doutrinas evolucionistas, considero uma grande parte da humanidade como presa ainda por laços muito apertados á classe dos anthropoides de que se separou muito recentemente (como os medicos dos barbeiros), apenas ahi ha alguns milhares de seculos, achando-se as circumvoluções cerebraes apenas rudimentares n'essas raças, e tendo por principal caracteristico apenas a falta do prolongamento das vertebraes nas visinhanças do entroncamento das pernas.

Com uma tal idéa d'aquelles a que os homens cultos por lisonjaria, antiphrase ou desporto appellidam de *seus semelhantes*, explica-se muito naturalmente que eu não trago de casa uma dóse de enthusiasmo preparado para tripudiar quando ouço as producções populares, e sem o tal preparo é difficil até supportal-as.

Quando eu leio:

Papagaio louro
De bico dourado
.....
Papagaio do sertão
Que come requeijão
.....
Papagaio, rico louro,
Pé de prata, bico de ouro
.....
Tant angué
Sahe-te d'aqui

Vai-te esconder...

 Pintainho, rola, mingola

 Laranja da China
 Tabaco em pó

 Uma, duas argolinhas
 Finca o pé na Pampolina.

 Pé de pilão
 É de rin — fon-fon !

 Amanhã é domingo
 Pé de cachimbo...

Quando leio todas essas babuzeiras quero crér que um inimigo maligno dos sobreditos anthropoides quer pôr mais em relevo a sua estupidez ; em todo o caso é necessario ter des-cido ás camadas laurentiaca, cambrica ou silurica das estratificações populares para ter ouvido, ao fazer *sauedes*, cantar trovas *litterarias*, mas muito popularisadas como essa :

Taplan, taplan, zabumba
 Bella vida militar ! etc.

Eu confesso que estas e outras que taes composições me inspiram um tédio profundo. Conheço, tão bem como qualquer que póde comprar um livro em que taes cousas se encontram, — esse movimento passageiro que na Europa apaixonou os eruditos de uma certa classe por um genero de investigações cuja inanidade brevemente se reconheceu. Os mais audazes breve arripiaram carreira, e os retardatarios, que se obstinavam em achar profundezas e bellezas onde mais appareciam as banalidades e os despropositos, não evitaram certos sorrisos, que se pareciam com uma vaia ou surriada ».

(*Folhetim* do CRUZEIRO n.º 293 de 22 de outubro de 1880).

NOTAS

¹ Fernandes da Costa assim esboçou em seguros lineamentos o perfil litterario de Ramalho Ortigão :

« Ramalho Ortigão, hoje em pleno vigor das suas faculdades robustissimas, emancipado de todos os preconceitos a que o acorrentára uma primeira educação official, filha do meio vicioso em que as ultimas gerações conterraneas se teem inutilisado, esteril como todas as que as nossas escolas ainda hoje conferem, tendo conseguido, por assim dizer, refundir-se n'uma longa e perseverante assimilação scientifica, é um typo completo do homem energico, superior, que sabe vencer-se e possuir-se, que comsigo mesmo travou porfiada lucta e de si mesmo tirou a mais difficil victoria.

Fazer, a tempo opportuno, inventario consciencioso nos recursos do proprio entendimento, sujeitar a intimo exame de rigor os conhecimentos adquiridos pelas imposições dos primeiros educadores ou pelas inclinações fortuitas das faculdades inexperientes, exercer em si uma critica sã e justa, desanuviada de prejuizos, virtudes são estas que só algumas organizações especiaes e privilegiadas possuem. Mas, por muito de ambicionar que sejam, pouco valem, se não as acompanhar uma vontade imperiosa que as torne efficazes para a obra moral e intellectual do proprio renascimento.

Encontrou-se Ramalho Ortigão naturalmente dotado de quantos predicados podia ambicionar para dirigir a evolução do seu espirito, n'um certo e calculado destino. Metteu mãos á obra com o impeto fozoso da sua actividade valente e viva, e absolutamente confiado na energia inquebrantavel do seu querer, recomeçou austeramente a educar-se n'um sentido positivo e critico.

A marcha progressiva d'esta educação encontra-se passo a passo assignalada no longo periodo em que as *Farpas* assumiram e conservaram a sua phase doutrinaria e instructiva. Resalta da comparação, mesmo superficial que se faça, entre estes trabalhos recentes e os seus primeiros livros.

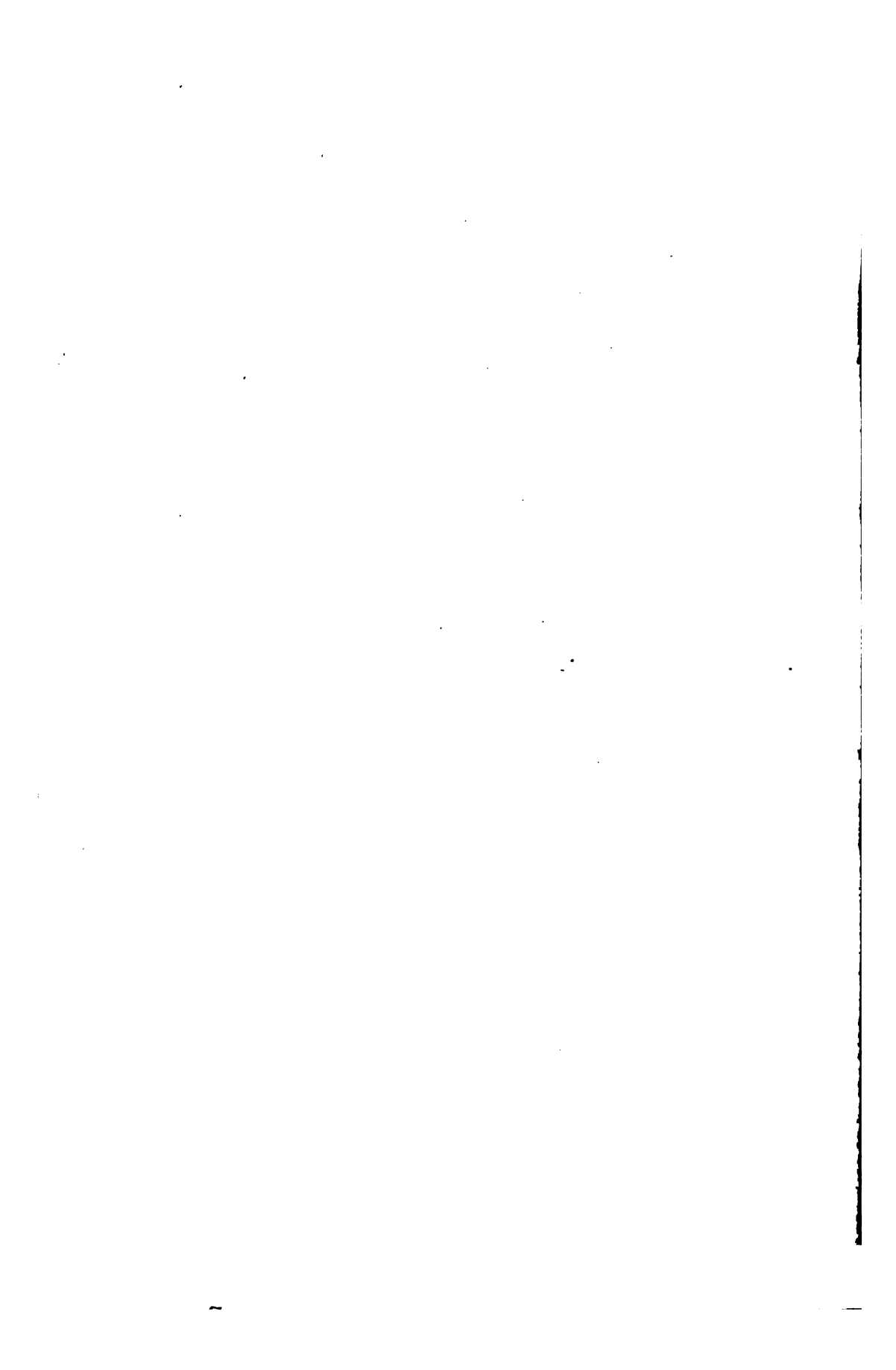
A bagagem litteraria de Ramalho Ortigão não é notavel por copiosa. Uns pequenos contos, um livro de viagens, dous ou tres volumes com phantasias de *touriste*, aqui e acolá uns ligeiros artigos criticos, uns bons folhetins tão depressa saboreados como esquecidos, eis pouco mais ou menos o que é, na sua obra de homem de letras, a parte percível. Restam as *Farpas*; mas essas, dizemol-o em consciencia, parecem-nos ser um trabalho que fica. E fica, em dous sentidos. Materialmente, como um livro que se ha de lêr pelos tempos adiante, emquanto a lingua portugueza fôr sabida; moralmente, pelo effeito salu-

tar que ha de exercer na sociedade portugueza de hoje, decrepita e corrupta, a sua acção caustica e incisiva ».

(CORREIO DA EUROPA, *Edição do Brasil* — n.º 12 — Lisboa, 9 de junho de 1880).

² Dentro em pouco o intelligente e diligente escriptor Alfredo do Valle Cabral, autor da BIBLIOGRAPHIA CAMONIANA (Vej. o volume *Homenagem da GAZETA DE NOTICIAS, a Luis de Camões*) nos dará, no *Diccionario dos pseudonymos, cryptonymos etc.*, a chave de muitos enigmas bibliographicos, prestando d'est'arte ás lettras brazileiras o serviço que a litteratura franceza deve ao douto Barbier.

³ Allude á REVISTA BRAZILEIRA, de 1 de outubro de 1880 (2.º anno — tom. vi), onde se lêem, de pag. 21-22, no artigo *A poesia popular no Brazil*, por Sylvio Romero, os versos reproduzidos por *J. de Almeida e Silva*.



FIGAR A *azurrar*

À Academia real das sciencia de Lisboa ¹, fundada por D. João de Bragança, duque de Lafões, e inaugurada em janeiro de 1780 (Camillo Castello Branco — CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 221), coube «a gloria, decorridos apenas quatro annos depois da sua fundação» (DICC. BIBL. PORT.— tom. II, pag. 137), de entregar a publico o 1.º volume do DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA ², o qual, de accordo com os intuitos que se propunha realizar a commissão organisaada em junho de 1780, deveria ser o *Diccionario Official* da lingua vernacula (Th. Braga—MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 418).

Do preindicado volume do DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, qualificado pelo illustre bibliographo e bibliognosta portuguez, Innocencio Francisco da Silva, «*primicias monumentaes*» dos trabalhos da Academia real das sciencias de Lisboa, motejaram e chasquearam dous luminares das letras portuguezas — A. Herculano, e Garrett; dizendo: o primeiro — que a douta corporação *se achava empenhada em sahir da*

palavra AZURRAR na qual desde longos annos amudra ³; e o segundo — que a Academia ficára no — AZURRAR em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario ⁴.

A Academia, tão menosprezada por uns, tão enaltecida por outros, poderia, resalvando a modestia e vindicando a verdade, repetir os versos da tragedia *Britannicus*, de Racine (act. II, sc. III):

..... Je n'ai mérité,
Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité.

Arredemos, porém; motejos e chascos, e franqueemos espaço a dous votos autorisados sobre o valor do 1.º volume do DICIONARIO DA ACADEMIA.

O primeiro é de Theophilo Braga. Diz o abalisado professor:

« O *Diccionario* é immensamente rico em autoridades, mas falta-lhe o elemento historico, sem o qual não é possível a etymologia ».

O segundo é de Camillo Castello Branco. Diz o illustre escriptor: « O *Diccionario da Academia* é a primeira iniciação que temos de lavra nacional. Está esquecido, porque se tornou desde logo inutil pelo pouco estadio que venceu. No 1.º e unico tomo observam-se rigorosa e demasiadamente as autoridades dos escriptores que floreceram entre 1540 e 1626; estabelece-se a diversificação dos vocabulos e a variedade dos seus usos; dá-se a intelligencia dos termos obsoletos; joeiram-se as palavras de autorisada pureza. N'esta parte o zelo dos dicionaristas foi até a superabundancia ».

Assim aferido o valor lexicologico do *Diccionario da Academia* ⁵, ouçamos palavras que traduzem o galardão a que tem jus os operarios, tão modestos quão dedicados, que cansaram sem descansar na ingente tarefa que lhes foi commettida.

« Entre os tres collaboradores principaes, ou quasi unicos do

Diccionario, merece mais distincta e especial menção o laboriosissimo Pedro José da Fonseca, a quem se deve, além da parte que lhe tocou na lettra **A**, todas as peças accessorias que a esta precedem no volume; isto é, a *Dedicatoria*, *Planta e Catalogo dos autores*, tudo trabalhos de notavel erudição, e exclusivamente seus, como verifiquei em grande parte pelos autographos, que vi da sua propria lettra. As vigílias e fadigas que isto lhe custou arruinaram de todo a sua já deteriorada saude, reduzindo-o ao estado valetudinario em que houve de arrastar ainda por bastantes annos os restos de uma vida atribulada. Seus companheiros, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge, perderam um e outro a vista ao fim de alguns annos, para mais não a recuperarem. E o premio de seus trabalhos? Foi um exemplar do *Diccionario*, que cada um d'elles recebeu, como qualquer dos outros socios!» (DICC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 137 ⁶).

« Pedro José da Fonseca (o afamado professor de rhetorica de Lisboa).

Este homem, postoque victima da errada disciplina que ensinava, era um valente trabalhador; elle, junto com Agostinho José da Costa de Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge, deram prompto em menos de quatro annos o grande volume do *Diccionario da Academia*, que comprehende a lettra **A**. Os seus collaboradores cegaram sobre o trabalho, e Pedro José da Fonseca ficou doente para todo o resto da vida ». Th. Braga—
MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 418.

« O mais litterario lavor do *Diccionario* coube ao operosissimo Pedro José da Fonseca, professor de rhetorica no Collegio dos Nobres.

palavra AZURRAR na qual de-
segundo — que a Academia
meio e ponderoso volume

A Academia, tão meno
outros, poderia, resalvan
dade, repetir os versos
(act. II, sc. III):

iva a decre-
Dicciono

estem-

Portugal».

BRATUR PORTU-

Nã cet ex

de serem celebrados «dous

is: o terceiro centenario de um

uario de uma instituição », voz an-

guinte eloquente pregão em honra da

paço a dous vo' encias de Lisboa que entre os seus funda-

DICIONARIO I OS mais dedicados collaboradores do Diccion-

O primei CA PORTUGUEZA dado á estampa em 1793:

« O Dic-

falta-lhe o synedrio estreito de animosos pensadores ousou
etymolog' a peito á empresa desejada. Tentou fundar a Academia.

O sr. foram-se os adeptos, discursaram, inflammaram-se no
criptor e na gloria d'esta que, para tempos de tão suspeito e
que t. e na gloria d'esta que, para tempos de tão suspeito e
des. uento fanatismo, se pudera appellidar uma façanha. Acharam
un. ror e graça aos olhos da soberana. Eram quatorze os audazes
d. fundadores da nova e bem augurada instituição. Tinham entre
elles o primado na diligencia e no fervor, o duque de Lafões,
D. João de Bragança, primeiro presidente da Academia, e o
abbade Corrêa da Serra, cujo nome venerado pelo mundo
scientifico é ainda hoje havido por benemerito das sciencias
naturaes. N'aquelle primeiro apostolado litterario annumera-
ram-se alguns dos talentos mais notaveis do XVIII seculo em
Portugal: o artilheiro Bartholomeu da Costa, o celebre fundi-
dor da estatua equestre, o padre Theodoro de Almeida, o pri-
meiro vulgarizador das sciencias physicas, representavam as
sciencias; as letras e a erudição tinham por seu diligente
mandatario a Pedro José da Fonseca, o incansavel redactor do
DICIONARIO da Academia ».

Additemos ás palavras do douto secretario da Academia
real das sciencias as do illustrado conselheiro José Silvestre

Ribeiro no livro PRIMEIROS TRAÇOS *d'uma resenha da litteratura portugueza* (pag. 59-60):

« DICCCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — publicado pela *Academia real das sciencias*. Lisboa, 1793.

Citamos esta obra importantissima, não obstante tratarmos da Historia Litteraria, por isso que alli se encontra um erudito e curiosissimo catalogo de autores portuguezes, que se leram, e de que se tomaram as autoridades para a composição do mesmo dictionario. Este precioso catalogo, que deve considerar-se como um supplemento á *Bibliotheca*, trata mais das lettras e sciencias dos autores, do que de suas vidas e acções particulares, e ainda com mais especialidade se occupa do tocante á pureza e elegancia da lingua portugueza. Como curiosidade da nossa historia litteraria permitta-se que aqui transcrevamos o que a respeito da composição do *Diccionario* disse, em sessão de 22 de janeiro de 1843, o illustre secretario perpetuo da Academia, o snr. Joaquim da Costa de Macedo: — « Tres homens commetteram a empresa, que occupou na França, por espaço de quarenta annos, quarenta homens para ella pensionados; e a Academia imprimiu, em 1793, o 1.º volume do Diccionario da lingua portugueza, cuja vastidão colossal não teve prototypo, nem imitador, e que, segundo a opinião dos sabios estrangeiros e nacionaes, que teem voto na materia, é um dos maiores monumentos da nossa litteratura. Tres homens sós o concluíram, e tal foi a generosidade da sua briosa dedicação ao serviço da Academia, que até lhe fizeram o sacrificio da gloria que podiam alcançar por suas tarefas, não querendo que a nação soubesse a quem devia um trabalho que se publicava em nome da Academia. Tres homens sós, que por premio se contentaram com um exemplar do Diccionario, como recebeu qualquer outro socio; e dous dos quaes (os snrs. Agostinho José da Costa Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge) cegaram, em consequencia das fadigas insanas com que um capricho fatal os fez levar ao cabo o proposito que tanto haviam tomado a peito; e o outro (o snr. Pedro José da Fonseca), a quem se deve o primeiro pensamento d'esta grande obra, para não perecer á mingoa, nos ultimos annos de

sua vida, foi necessario que a Academia o soccorresse, a titulo de compra de alguns livros, por não offender o seu melindre».

A unanimidade d'estes testemunhos deve, fazendo emmudecer motejos e chascos, carear universal respeito á memoria dos benemeritos organisadores do 1.º tomo do DICCIONARIO da *Academia real das sciencias de Lisboa*.

Não será descabido, n'este lugar, recordar que a Academia real das sciencias de Lisboa trata de entregar á publicidade o DICCIONARIO da lingua vernacula, legado a Alexandre Herculanio por André Joaquim Ramalho e Sousa (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 1.º, pag. 63-64, e HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL — 2.ª parte, pag. 293 e 383).

Com relação a este assumpto convem lêr o *Relatorio*, redigido por Latino Coelho, da *commissão encarregada de propôr á Academia o modo de levar a effeito a publicação do Dictionario da lingua portugueza* — Lisboa — 1870 (Folheto em 8.º de 30 paginas), e o opusculo (Lisboa — 1870 — 23 pag.) em que o referido *Relatorio* é examinado por F. Adolpho Coelho.

NOTAS

¹ Vej. José Silvestre Ribeiro — *PRIMEIROS TRAÇOS d'uma reseña da litteratura portugueza* (Lisboa — 1853), pag. 138, onde se acham apontados os subsidios para a historia da *Academia*.

Na obr. cit., pag. 196-197, no DIC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 136-140, e na NOTICIA SUCCINCTA dos monumentos da lingua latina e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma por José Vicente Gomes de Moura, professor de lingua grega no real collegio de artes da universidade (Coimbra, 1823), pag. 426, se depararão ao leitor informações attinentes aos *Dictionarios* da lingua portugueza.

² Do *Dictionario da Academia* offerecemos ao leitor estas indicações bibliographicas:

DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — publicado pela Academia real das sciencias de Lisboa — Tomo primeiro — A — Lisboa — Na officina da mesma Academia — MDCXCIII — Com licença da real mesa da commissão geral sobre o exame, e censura dos livros — folio — gr. de 543 pag.

À frente do vocabulario, e com elle formando um só volume, ha : *Dedicatoria* (À Rainha de Portugal); *Prologo* — *Planta* para se formar o DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — Offerecida á Academia real das sciencias de Lisboa na sessão publica de 4 julho de 1780, e approvada pela mesma Academia em conferencia particular de 24 de novembro do dito anno; *Introducção* — pag. I-IV; *Planta do Diccionario* — pag. V-XX; *Memorias e louvores da lingua portugueza*, que se acham em diversos autores — pag. XXI-XLI; *Explicação das abreviaturas dos nomes e appellidos dos autores, e titulos de suas obras, e tambem o das obras anonymas, com a dos numeros, por que se designam os lugares d'estas obras* — pag. XLII-LI; *Aviso ao leitor* — LII; *Catalogo dos autores e obras, que se leram, e de que se tomaram as autoridades para a composição do DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA. Formado pela ordem das abreviaturas dos nomes e appellidos dos mesmos autores, e dos titulos das obras anonymas* — LIII-CC; *Errata do catalogo dos autores; Explicação das abreviaturas, que denotam a qualidade e censura das palavras, ou designam quaesquer outras cousas.*

Para bem aquilatar o merecimento do *Catalogo*, estampado á frente do Dicc., dos autores e obras que se leram, etc., importa conhecer o que se segue :

« O intento do... *Catalogo* (diz-se no *Aviso ao leitor*) é dar aos leitores do Diccionario uma breve, mas clara noção da idade, em que floreceram os autores, que n'elle se citam, com a declaração de suas patrias, quando estas se conhecem, e um juizo geral do seu merecimento litterario ou tirado do intrinseco exame de suas obras, ou das autoridades extrinsecas, com que aquelle se acha já comprovado ».

O *Catalogo* póde ser considerado como um Supplemento á *Bibliotheca Lusitana*, em quanto aos autores que se leram para a composição do Diccionario; e é muito de notar que os titulos das obras citadas no *Catalogo* são, pela maior parte, mais exactos do que os da *Bibliotheca Lusitana*, pois que tiveram os academicos o escrupuloso cuidado de os trasladarem por inteiro e fielmente, dos exemplares de que se serviram, transcrevendo-os com a orthographia que teem nas diversas impressões.

Para se conhecer a fundo a natureza especial, e merecimento do *Catalogo*, é indispensavel ter em vista as seguintes prescripções da *Planta do Diccionario* :

— «Começar-se-ha a leitura dos autores portuguezes, que conservamos, pelos primeiros escriptores, que principiaram a formar a

nossa lingua. Taes são o Nobiliario do conde D. Pedro, 8 Chronicas de Fernão Lopes, Gomes Eannes d'Azurara, a anonyma do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a Vita Christi, que se diz ser de fr. Bernardo de Alcobaga, a Regra e perfeição da conversação dos monges pela senhora infanta D. Catharina, o Cancioneiro geral, publicado por Garcia de Rezende, a Menina e moça e mais obras de Bernardim Ribeiro, as de Gil Vicente, e quaesquer outras, que estiverem impressas, ainda que sejam da mais remota antiguidade... Continuar-se-ha a mesma leitura desde Francisco de Sá de Miranda, o primeiro dos nossos polidos e elegantes classicos, o mais chronologicamente que fôr possível, por todo o decurso do 16.º e 17.º seculos, em cujo fim se lhes fixará o termo ».—

— « Dar-se-ha sempre a preferencia para autorisar os vocabulos áquelles dos nossos autores, que indisputavelmente se reputam classicos. E postoque n'este numero se devam contar todos quantos decorrem desde o meio do 16.º seculo até fim d'este mesmo seculo, e ainda alguns primeiros do outro immediato; aquelles porém, que mais constantemente castigaram as suas obras, e tem mais reconhecido e provado credito por causa da elegancia de seu estylo, serão tambem com mais frequencia citados, não se havendo tanto consideração ao tempo, como ao intrinseco merecimento de seus escriptos ».—

— « Da mesma sorte se procederá com os autores que se seguem a fr. Luiz de Sousa até ao fim do seculo passado (17.º). D'elles se fará porém selecção, admittindo sómente os que por sua linguagem e estylo se julgarem d'isso mercedores ».—

É tambem necessario, para se avaliar o alcance do Catalogo, ponderar que os academicos entenderam que a idade mais elegante da pureza da nossa lingua poderá contar-se desde 1540, em que começaram a lêr na universidade de Coimbra os insignes mestres, que el-rei D. João III n'ella estabeleceu, — e terminar-se no anno de 1626, na qual sahio á luz a primeira parte da Historia de S. Domingos por fr. Luiz de Sousa ».

(Extrahido de pag. 104-105 dos *Primeiros traços d'uma RESENHA DA LITTERATURA PORTUGUEZA*).

§ Abra-se o *Grande Dictionario Portuguez* ou *THEZOURO DA LINGUA PORTUGUEZA* pelo dr. fr. Domingos Vieira; vêr-se-ha a pag. 696 do tom. I :

— Loc. : *Ficar a AZURRAR* — epigramma com que se tem verberado a Academia real das sciencias de Lisboa, porque, desde 1793 o seu *Dictionario* não passou da palavra *Asurrar*. Começou-se a usar este apodo desde 1834. — « D'esta futilidade fez a Academia o assumpto de uma medalha, e o faria de uma epopêa, se não se achasse empenhada em sahir da palavra *Asurrar* (o *braire* da lingua franceza), na

qual desde longos annos amou, tentando compôr o dictionario classico da lingua». A. H. — J. C., *Repositorio Litterario*, pag. 29».

Ao *Repositorio Litterario*, mencionado no DICC. BIBL. PORT., tom. VII, pag. 77, faz diversas referencias Theophilo Braga na 2.ª parte do livro *Historia do Romantismo em Portugal*.

Abra-se tambem o tom. II das *LENDAS E NARRATIVAS* por Alexandre Herculano; vêr-se-ha a pag. 37 (3.ª edição — Lisboa 1865):

« O onagro fitou as orelhas e, em signal de approvação, começou a asurrar; começou por onde, ás vezes, academias acabam ». — E, em nota: « O Dictionario da Academia, que ficou interrompido no fim da letra A, acaba na palavra *asurrar* ».

4 Abra-se o poema *Camões*, por Almeida Garrett; vêr-se-ha em a nota E ao canto II, pag. 235 e 236 da 2.ª edição, 1859:

« ... mas direi sempre que sem um bom dictionario de synonymos e outro de origens, ou etymologico, nunca chegaremos a fallar uma lingua perfeita e de nação civilisada. Quem se occupará d'isso? A Academia que ficou no *asurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulario? »

Abra-se tambem o vol. XVII, *FABULAS E FOLHAS CAHIDAS*, das obras do autor do *Camões* e na 5.ª edição — Lisboa, 1869 — vêr-se-ha a pag. 45 sob o titulo *Pelo surro o burro* — conto academico:

.....
 Se os nossos sabios, no começo á empresa
 A antigas manhas não perdendo o affineo,
 Não encontrassem, por desgraça nossa,
 O'um perfido *asurrar* — surrar maldito!...
 Ficaram no *asurrar* sempre surrando.

5 Aos que taxarem de defectivo o DICCIONARIO DA ACADEMIA apontaremos a seguinte interessante observação extrahida da recente *Histoire du livre* por Egger (cap. IX — *Les livres au moyen age*), pag. 118:

« La *typographie* était crée; mais si la chose existait dès lors, le mot n'entra que beaucoup plus tard dans notre langue. On disait en latin et on imprimait fréquemment *typographus* et *typographia*, mais c'est seulement à partir du 18^e siècle que les formes françaises *typographe* et *typographie*, furent employées par nos écrivains. Le premier dictionnaire de l'Académie publié en 1614, ne les contient pas encore dans sa nomenclature ».

A proposito: se o leitor quizer ter noções, exactas e rapidas, acerca da introdução e desenvolvimento da imprensa em Portugal, consulte no livro *Maravilhas do engenho do homem* por Amedée de Bast a annotação (tom I, pag. 107-115) por I. Francisco da Silva, e

as *Memorias sobre as origens da typographia em Portugal no seculo xv*, e sobre a *historia da mesma no seculo xvi* por Antonio Ribeiro dos Santos (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. I, pag. 247-256), das quaes dá noticia o conselheiro Silvestre Ribeiro (Vej. DICC. BIBL.) na *Resenha*, pag. 63-64.

Outrosim com relação ao Brazil consulte: *A typographia no Brazil — Jornaes que se tem publicado no Imperio desde o dia 10 de setembro de 1808 até 20 de outubro de 1862 — A lithographia no Brazil* (CHOROGRAPHIA *historica, chronographica e genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brazil*, pelo dr. Mello Moraes (A. J. de), 2.^a parte — tom. 1.^o — 1863 — pag. 114-135); *Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*, pelo dr. Moreira Azevedo (REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO — tom. XXVIII (1865), pag. 215); *Noticia ácerca da introdução da arte lithographica e do estado em que se acha a cartographia no Imperio do Brazil*, pelo bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito (REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO, tom. XXIII (1870), pag. 21-27).

No livro *AS ARTES GRAPHICAS na Exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873 — Rio de Janeiro — 1874* — dá o autor (dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão) valiosas indicações ácerca da nobre profissão dos Aldos, Manucios, Elzeviers, Estevãos e Didots.

O dr. Teixeira de Mello nas EPHEMERIDES NACIONAES, referindo-se á data 13 de maio de 1808 escreve:

«Decreto creando na cidade do Rio de Janeiro a *Imprensa regia*: era o dia anniversario do principe regente, depois D. João VI.

Quando o commendador de Araujo e depois conde da Barca, se passou n'esse anno para o Brazil, trouxe a bordo da nau *Medusa*, em que viera de Lisboa, uma typographia que mandára vir de Londres, e que muitos escriptores suppõem ter sido a primeira que se estabelecera no Rio de Janeiro. Já porém na primeira metade do seculo XVIII havia n'essa cidade uma officina typographica, graças ao louvavel impulso que dera ás lettras n'esta capitania o conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, durante cujos governos se haviam fundado as duas academias particulares dos *Felizes* e dos *Selectos*. Antonio Isidoro da Fonseca montára a referida officina, da qual sahiram as seguintes obras: *Relação da entrada que fez... D. frei Antonio do Desterro Malheiro, bispo do Rio de Janeiro*. — Em applauso de... D. frei Antonio do Desterro (*romance heroico in-folio*). — Collecção de onze epigrammas e um soneto (*sobre identico assumpto ao precedente*) — obras estas publicadas todas em 1747. Ha valiosos fundamentos para se crêr que da mesma officina sahiram clandestinamente impressos o Exame de bombeiros — e o — *Exame de artilheiros*, — compostos ambos pelo general José Fernandes Pinto Alpoim.

Essa officina foi supprimida por ordem expressa da metropole que, n'aquelles tempos, não podia vêr com bons olhos que Gomes Freire

permittisse o diffundir-se d'esse modo a civilisação pelas terras portuguezas da America, que deviam n'isso, como em tudo o mais, limitar-se ao que lhe viesse, temperado, medido, calculado, da mãi-patria.

Para administrar a *Imprensa regia* em 1808 foram escolhidos o desembargador José Bernardo de Castro, José da Silva Lisboa (depois visconde de Cavrú), Marianno José Pereira da Fonseca (posteriormente marquez de Maricá), Silvestre Pinheiro Ferreira, Manuel Ferreira de Araujo Guimarães e o conego Francisco Vieira Goulart ».

⁶ Lê-se na *obr. cit.*, tom. ix, pag. 115:

« Cumpre corrigir até certo ponto o que se diz no final d'este artigo, com respeito á falta de premio dado aos tres academicos, que mais efficazmente collaboraram na composição e coordenação do volume publicado. Na acta da sessão da Academia de 9 de março de 1793, registrada no livro respectivo, acha-se exarada a seguinte disposição: « Determinou-se que a cada um dos socios, Pedro José da Fonseca, Bartholomeu Ignacio Jorge e Agostinho José da Costa, com os louvores da Academia, se dêsse uma medalha de ouro pela acertada execução do tom. I do DICIONARIO ». Vê-se, pois, que houve, quando menos, o projecto de uma distincção honorifica; mas se a determinação chegou a pôr-se por obra, ou ficou meramente em palavras escriptas, é o que não saberei dizer ».

⁷ Latino Coelho. — Vej. o opusculo *Sessão pontual da Academia real das sciencias de Lisboa* — em 9 de junho de 1880, do qual extraímos, de pag. xxii, os periodos que acima se transcrevem e, de pag. ix-x, os que passamos a reproduzir:

« Hoje havemos de commemorar dous centenarios ou festivos jubileus: o terceiro centenario de um homem, e o primeiro centenario de uma instituição: de um homem eminente que, ao baixar ao tumulo no funesto eclipse da patria, enfeixou na sua poderosa imaginação e no seu ardente patriotismo, como no glorioso testamento da nação, o sentimento, a poesia e a gloria nacional; de uma illustre corporação, que nascendo ao formoso irradiar da nova luz no espirito europeu, com a sua razão illuminada pela fé na civilisação e no futuro, cifrou o baptismo intellectual da nossa patria e a sua communhão no livre pensamento.

« Hoje celebramos ao Camões, quando se perfazem tres seculos depois, que ao esconder-se no humilimo ossuario, desatou o seu espirito em ondas fulgentissimas de luz. Hoje celebramos tambem a Academia, porque n'este anno se completa uma centuria, depois que surgindo na penumbra de Portugal, illuminou com o improviso clarão da moderna sciencia os horisontes nacionaes, mais acostumados aos sinis-

tros reflexos dos fachos inquisitoriaes do que aos puros e ethereos resplendores da sciencia e da razão.

« Celebramos ao poeta, quando morre, porque sempre a justiça humana costumou erigir o throno das suas apothecoses sobre a cinza inerte de seus heroes, e porque ao revés dos celestes luminares são os grandes luseiros da intelligencia, que tanto mais resplandecem e fulguram quanto mais se afundem no horisonte. Celebramos a Academia quando nasce, porque as beneficas e civilisadoras instituições, menos caducas do que os homens e por impessoaes, menos sujeitas á malevolencia e á inveja, durante a vida exercem com menos disputada supremacia o seu pontificado intellectual.

« Commemoramos hoje um homem e uma instituição, ambos inspirados do mesmo espirito, se bem cursando caminhos mais differentes com gloria diversissima, ambos completando, postoque em grans dissemelhantes, a mesma obra de commum civilisação. O poeta invocando os thesouros preciosos de uma inventiva e opulenta imaginação para cantar as glorias patrias e escrever na immortal e grandiloqua epopéa o evangelho da nacionalidade portugueza e o advento da nova civilisação. A Academia abrindo as portas do paiz á razão e á sciencia, depois que durante largos séculos tinham vagueado foragidas e estranhas ao solo de Portugal ».

GAVIÃO, GAVIÃO BRANCO,
VAI FERIDO, VAI VOANDO.

O dr. José Maria Velho da Silva, na *THESE para o concurso da cadeira de rhetorica, poetica e litteratura nacional no internato do Collegio de Pedro II*—Rio de Janeiro—1878, diz de D. Francisco Manoel de Mello (pag. 12):

«No seu excellente *Auto do Fidalgo Aprendiz*, entre muitas, ha uma scena que rivalisa com as melhores de Gil Vicente.

.....
BRITES: Isto foram meus peccados?
Vós, cuido, que estaes zombando;
Ora dizei.
GIL: Já me estanco.
Gavião, gavião branco,
Vai ferido, vai voando...
BRITES: Hui pelo passaro manco.
Sabels algum ao divino?
GIL: Sei ».
.....

E, passando a tratar d'este *Auto*, acrescenta (pag. 23):

*

« D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO foi o unico escriptor d'este genero, na época (seculo 17.º), que teve a intuição verdadeira da arte e inspirou-se na tradição de Gil Vicente e da sua escola. O *Fidalgo Aprendiz* é um auto dividido em *jornadas*, em redondilha, que era o verso peninsular recebido dos provençaes, elaborado e naturalizado desde os primordios da monarchia e do genesis da lingua e litteratura portugueza.

« É figura principal um D. Cogominho de fidalguia recente, que, mingoado de recursos, faz quanto pôde ou ainda o que não pôde, para frequentar a côrte, e, não tendo origem conhecida, falla sempre, com despejado entono, do lar e solar de seus avoengos. Affonso Mendes é o typo do criado, astuto e sagaz, serve ao fidalgo, e ainda que por modica quantia, não lhe vai ella ás mãos; por isso e para vingar-se, arma uma cilada ao amo propondo-lhe um casamento com uma dama de nome Isabel que não gozava de melhor fama. Ha uma scena entre o fidalgo e um mestre de esgrima cheia de verdadeiro sal comico. Os dialogos são vivos e correm com brevidade e expressão. A elocução é portugueza de lei, e todo o *auto* é cheio de annexins e proverbios assim como de quadros de costumes nacionaes. É, pois, o auto do *Fidalgo Aprendiz* a unica peça travada, sustentada e desenvolvida preceituosamente, e tambem a unica que se salvou do naufragio, entre o diluvio de composições hybridas que se afundiram no esquecimento ».

Na ANTOLOGIA PORTUGUEZA por Theophilo Braga, professor de litteraturas modernas no Curso superior de letras, encontrará o leitor de pag. 288-289, entre os excerptos de escriptores da *Quarta época — Escola seiscentista* (seculo xvii) a scena, extrahida do *Fidalgo Aprendiz*, pag. 247, de que faz expressa menção a *These* a que nos reportámos no principio d'este artigo.

Tratámos do *gavião branco, que vai ferido, vai voando*. É chegada a vez de tratarmos da *péga, que é negra e palmeira*; antes, porém, faremos a transcripção das seguintes galantes quadras, extrahidas do tomo IV das OBRAS do Visconde de

Almeida Garrett — 1.º do *Romanceiro* — 4.ª edição — Lisboa
1863 — pag. 243 :

Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando ;
Mas não diz quem n'ò feriu,
Gavião, gavião branco !

O gavião é calado,
Vai ferido e vai voando ;
Assim fôra a negra péga
Que ha de sempre andar palrando.

A péga é negra e palreira,
O que sabe vai contando...
Muito palra, palra a péga
Que sempre ha de estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros,
Guardem ás vezes, fallando,
O segredo dos sisudos
Que elles não guardam calando.

Basta de preambulo. Tratemos do assumpto :

Garrett, no precitado volume do ROMANCEIRO, pag. 240-241, reimprime a ballada *Por bem — As Pégas de Cintra* — impressa na ILLUSTRAÇÃO (vol. 2.º n.º 5, Lisboa — 1 de agosto de 1845) e bem assim a carta ao redactor d'este jornal, o notavel escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, ao enviar-lhe aquella producção. Das cartas extrahimos os seguintes periodos :

«Estava eu em Cintra... Perguntaram-me a explicação d'aquellas pégas da sala. Conteí a historia popular que é tão sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a fizesse em verso : fiz isto.

«E isto que é? Não sei. É romance ¹ ou é apologo? É fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas cousas; que fará agora?

«O que lhe sei dizer é que no seculo XVI a XVII, segundo consta do *Fidalgo Aprendiz* do nosso Francisco Manoel de Mel-

lo, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta :

*Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando.*

« Nunda pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas engracei com este principio e servi-me d'elle aqui ».

.....
Taes são os primeiros versos da *ballada* :

Gavião, gavião branco,
Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
Gavião, gavião branco !

Da *lenda* celebrada em singelissimos versos pelo cantor da *Adozinda* dá Andrade Ferreira no CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 266, a seguinte noticia :

« Conta-se que sendo o soberano (D. João I) encontrado pela rainha a dar um abraço n'uma das suas damas se voltára para a princeza, sem se mostrar surprehendido, e lhe dissera: *Por bem*. Uma pêga que esvoaçava perto, ouvindo a phrase, achegou-se da rainha, e, volteando-lhe em torno, repetiu as mesmas palavras muitas vezes. Para memorar o caso se mandou construir depois a celebrada sala chamada das pégas, e lhe pintaram no tecto muitas d'estas aves, a voar em diversas direcções com fitas no bico, onde se lê a divisa: *Por bem*. É de certo uma imitação do *Honni soit qui mal y pense*, que presidiu á instituição da ordem da Jarreteira ² ».

Additaremos a este artigo as seguintes linhas relativas a Gil Vicente, fundador « do theatro portuguez ³ : Nada mais irregular, desordenado e monstruoso, mas nada mais rico, florido, gracioso e attractivo, que os seus *autos*, *comedias*, *tragi-comedias* e *farças*. Inferior a Terencio, e mesmo a Plauto, quanto ao que é propriamente dramatico, e talvez não menos desconchavado a esse respeito que Aristophanes, o nosso bom Gil Vicente é por ventura de todo o nosso Parnaso o espirito mais bafejado

de graça poetica original; com os seus modos semi-castelhanos, o mais portuguez, e o que para os engenhos verdadeiramente poeticos ha de ser sempre uma gruta immensa e sem fundo de inspirações deliciosas; é um Lafontaine silvestre; não procura a poesia; procura-o ella; cahem-lhe os versos felizes, como ao commum da gente as palavras necessarias; onde toca, nascem rosas, para onde lança os olhos a descuido, vê-se rir uma fada, ouve-se em echos um cantar de sereia, as suas saudades são muitas, mas alvas e alegres; nas mais infimas trivialidades, tem sempre um toque de affecto que as nobilita como quer que seja; sobretudo é, se me não illudo, o unico dos nossos rimadores que tem uma individualidade perfeitamente caracterizada. Ferreira, Sá Miranda, Bernardes, todos, até o proprio Camões, tinham-se acostumado a não desamparar nunca os vestigios dos latinos, dos italianos e dos castelhanos; eram portuguezissimos no amor da patria e na linguagem; em tudo o mais receariam sê-lo. Gil Vicente, dou que menos erudito, por sua e nossa fortuna, e sem nenhuma ambições litterarias, regalava-se de rescender ao seu Portugal, de rimar os nomes das suas aldéas e dos seus camponezes, de folgar com as suas festas populares, de bailar e cantar as suas chacotas, de se entreter com as suas benzedeadas, com os seus clerigos folgazões, com os seus escudeiros joviaes, de empulhar as damas e moços do paço por seus nomes, sobrenomes e appellidos, de archivar quanto via de modas, de ridicularias, de crenças, de festejos, e ao mesmo tempo, quanto ouvia ou lhe lembrava, quer fabuloso, quer certo, quer absurdo, das antigualhas da sua terra ». A. F. de Castilho (*Camões*), tom. II, pag. 105-107.

Poremos remate ao que fica dito, transcrevendo da SELECTA NACIONAL de Caldas Aulete (3.ª parte — *Poesia*) a seguinte nota (pag. 264):

« Gil Vicente. — Nasceu em Lisboa, proximo do anno 1470, e falleceu pouco depois do anno de 1536. Homem de muita erudição, escreveu autos, comedias, tragi-comedias e obras de devoção. Foi o fundador do theatro portuguez. D. Francisco Manoel, fallando d'elle, exprime-se da seguinte maneira :

«O primeiro cortezão e mais engraçado comico que nasceu dos Pyrenéos para cá». O visconde de Almeida Garrett acrescenta o seguinte:

«Gil Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de gloria, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre na escravidão da cõrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigrammas e de *chacotas* quanto fidalgo se atrevia a desprezal-o, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hypocrisias para o mortificar.

«Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estylo era todavia de poeta cortezão: conhece-se. Os cynismos que hoje lhe achamos, ou não soavam taes nos ouvidos d'aquelle tempo, ou permittia a singeleza dos costumes, mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas cousas serias e devéras ».

NOTAS

¹ «Nós temos, se me não engano (Garrett — *Obr. cit.* — pag. 155), no genero narrativo popular as tres especies — romance, xacara, soláo: no romance predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na xacara prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — fallam os seus personagens muito; o soláo é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que recenta o facto, tem menos dialogo e mais carpir: ás vezes, como no soláo da Ama em Bernardiam Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vai alludindo a certos successos, mas que os não conta ».

² Instituida em Inglaterra. A phrase apontada foi, segundo a tradição, proferida por Eduardo III ao spanhar a liga azul da condessa de Salisbury. (Vej. Larousse, *Fleurs historiques*, pag. 267).

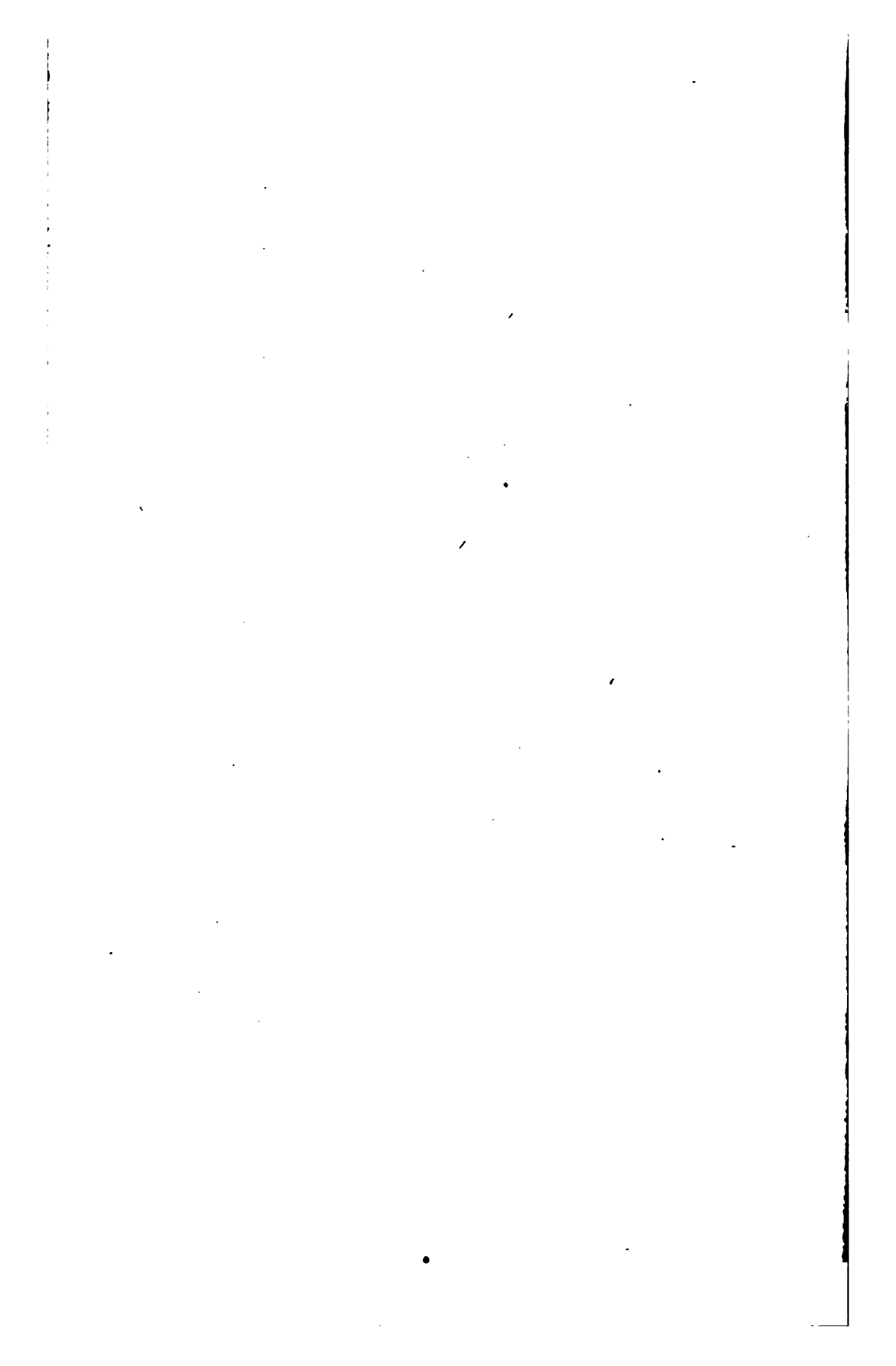
³ Importa lêr, pelo menos, com relação a Gil Vicente, denominado, por Alexandre Herculano, o Aristophanes Portuguez (*PARO-RAMA*, vol. III), e, por Camillo Castello Branco, o Plauto portuguez (*ESBOÇOS DE APROVAÇÕES LITTERARIAS*, pag. 215): a *Memoria sobre o theatro portuguez* por Francisco Manoel Trigo de Aragão Morato

(MEMORIAS DA ACADEMIA, tom. v, part. i *); a HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ — *Gil Vicente e sua escola — Seculo XVI* — por Theophilo Braga, e o MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 212-214 e 237-243, pelo mesmo autor; o CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA POR Andrade Ferreira, pag. 331-350; *Gil Vicente: prioridades da arte dramatica europea* por Luciano Cordeiro — LIVRO DE CRITICA — pag. 145; as *Origens do theatro moderno — Theatro portuguez até aos fins do xvi seculo* (PANORAMA — vol. i, pag. 12-14); o estudo sobre *Gil Vicente* por Camillo Castello Branco no 2.º vol. da HISTORIA E SENTIMENTALISMO; e OS MUSICOS PORTUGUEZES por Joaquim de Vasconcellos — tom. i, pag. 117-120.

* D'esta memoria escreven o conselheiro José Silvestre Ribeiro (RESENHA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 61):

« MEMORIA SOBRE O THEATRO PORTUGUEZ — por Francisco Manoel Trigoes de Aragão Morato.

Esta memoria é digna do seu illustre autor, e contém mui judiciosas e apuradas noticias sobre a historia da nossa litteratura dramatica. — Nos primeiros quatro seculos da monarchia não se encontram vestigios de theatro portuguez. O primeiro trabalho, verdadeiramente dramatico, data do anno de 1502, e é composição do famoso Gil Vicente. — O sr. Trigoes concede aos estrangeiros a prioridade dos seus theatros nacionaes, comtanto que se lhe conceda que os primeiros, que entre elles promoveram este ramo de litteratura, não tiveram uma influencia duradoura nos autores dramaticos das suas, ou das estranhas nações, como succedeu ao nosso Gil Vicente, o qual não só foi admirado e applaudido dos contemporaneos, mas fixou o gozo e interesse publico pelas representações dramaticas, mostrou á Europa a insufficiencia das traducções e imitações servis dos antigos gregos e romanos, estabeleceram um theatro nacional, e foi o mestre de cuja escola sahio Lope de la Vega ».



INTEIRO UM POVO LEVANTAR-SE A UM GRITO

I

É de um dos mais distinctos e sympathicos poetas pernambucanos, é de Victoriano Palhares, o verso que a este artigo serve de titulo. Dito isto, cedamos, como nos cumpre, o passo á luminosa penna do illustre escriptor, que, traçando o *Juizo Critico* do DIARIO DE LAZARO, soube accentuar com mestria a feição característica (o lyrismo) do cantor das VOZES DA AMERICA¹, e tornar patente que o estro de Fagundes Varella não se expandiu livremente ao embocar a *tuba canora e bellicosa*². Discorrendo n'esta ordem de idéas, escreve o dr. Franklin Tavora no precitado *Juizo Critico*, pag. xviii-xx: « Se eu para muitos já não passasse por dominado de intolerante espirito de provincialismo; se a alguns não parecesse que só acho belleza e merecimento, elevação e grandeza nas cousas do norte, contra o que aliás protesta o presente estudo sobre um poeta do sul, diria, não por me comprazer em confrontos que podem ferir melindres, mas por obedecer, pura e simplesmente, ao meu dever de critico, diria que, quando Varella dava de si copia tão pouco lisonjeira, o officio da poesia heroica andava

em grande altura em uma das provincias do norte, em Pernambuco. Com o mesmo titulo — *A D. Pedro II* — e sobre o mesmo assumpto — a questão anglo-brazileira — um poeta tambem joven, Victoriano Palhares, publicava estrophes de patriotismo rutilante, entre as quaes se encontram as seguintes :

..... Quando a Inglaterra
 Vier junto a teu solio bradar — Guerra ! —
 — Guerra ! — teu povo bradará tambem.
 E então, Senhor, verás como é bonito
 Inteiro um povo levantar-se a um grito,
 Inteiro um povo, sem faltar ninguem.

Ninguem ! Que o mais temivel estrangeiro
 Não ha de vir no solo brazileiro
 Uma affronta cuspir-lhe ao pavilhão ;
 O filho do Brazil não mente á herança
 Recebida de heroes : nutre a esperança
 de vencer sempre ou de morrer Catão.

.....
 Chegou-te a vez, oh ! ave de rapina !
 Estende a garra : em vil carnificina
 Não has de a fome saciar aqui :
 Desdobra as azas, atravessa as zonas,
 O caboclo, do Prata ao Amazonas,
 Enteza o arco, soffrego de ti ³.

Pouco tardou que se offerecesse nova occasião, mais solemne que a primeira, para de todo ficar assentado que o estro de Varella não se accendia na chamma do patriotismo heroico : foi a guerra do Paraguay. A lucta chegou a travar-se e encarniçar-se. O Brazil derramou copioso sangue. Alguns momentos sombrios baixaram, como aves agoureiras, sobre o gigante da America do Sul, fóra dos seus dominios ; e dentro d'elles houve por vezes periodos, senão de desanimo, de cansaço. O luto e as lagrimas mostraram-se de mistura no lar da familia. Pois bem. Quando o triste drama da viuvez e da orphandade velava de crepe a face da patria, a graciosa musa de Varella, conhecendo talvez que a não fadára a natureza para cantar, como

Mickiewicz, as grandes desgraças publicas, e incitar a nação a novos e repetidos sacrificios e heroismos, emmudecia, ou se cantava era outra a alma dos seus cantos.

A musa do norte porém vibrava aos alvoroços guerreiros. Palhares formava, dia a dia, a cada noticia de um feito glorioso, os hymnos que pela segunda vez viram a luz, colligidos em um livro ⁴, onde se encontram exaltações formosissimas; e Tobias de Menezes, á frente da mocidade academica, nas ruas do Recife, produzindo verdadeiro delirio, levantava o entusiasmo popular, com o seu verbo ao mesmo tempo epico e lyrico, ao mesmo tempo mimoso e coruscante, de que póde dar idéa, ainda que vaga, a decima seguinte :

Juntemos as almas gratas
De collegas e de irmãos;
O vento que acorda as mattas
Nos toma os livros das mãos.
A vida é uma leitura;
E quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Emquanto se vai morrer ⁵.

Á esclarecida e benevola apreciação do dr. Franklin Tavora teremos a honra de submeter no artigo :

MAS, SILENCIO! QUE OS ESCRAVOS
SÃO NOSSOS IRMÃOS TAMBEM!

testemunhos de que a vibração do patriotismo, ao influxo dos heroicos feitos que tanto exaltaram o valor e constancia do soldado brasileiro na guerra contra o dictador do Paraguay, não se localisou no norte do Imperio.

II

Consagremos a segunda parte d'este artigo a um dos mais illustres representantes da poesia no Brazil: *Castro Alves*.

Ha pouco mais de dez annos emmudeceu elle para sempre!

Tinha o anjo da morte nos seus labios
Dado o beijo que sorve a luz da vida ⁶.

... Que radiantes visões de gloria lhe não preluziria no entanto a arrojada phantasia! Que importa! *La mort a des rigueurs à nulle autre pareilles* ⁷, e, implacavel, arremessou « ao funereo chão », no rigor dos annos e na pujança do talento, o malaventurado cantor das *Vozes d'Africa* ⁸!

Ha pouco mais de dez annos, dissemos, que elle para sempre emmudeceu!

Dez annos... é muito para a saudade, é pouco para a immortalidade; dez annos não apagam a lembrança de um amigo; dez annos não consagram a reputação de um poeta.

Comtudo, as homenagens que lhe foram tributadas a *10 de julho de 1881* dão incontrastavel testemunho do recrescente brilho que aureola o nome do inspirado poeta, cujo estro celebra nos *Escravos* e na *Cachoeira de Paulo Affonso* as misérias da humanidade e as magnificencias da natureza!

Registremos, pois, aqui, em homenagem a Castro Alves, as seguintes indicações biographico-litterarias ⁹:

« A musa de Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida litteraria. Abriu os olhos em pleno capitolio. Os seus primeiros cantos obtiveram o applauso de um mestre »: são palavras de Machado de Assis na carta, de 29 de fevereiro de 1868, em resposta á de 18 do referido mez e anno do conselheiro José d'Alencar, elegendo-o « para Virgilio do joven Dante no invio caminho da vida litteraria ¹⁰ ».

Na Bahia, como Alencar recordou na precitada carta, já um

poeta saudára pela imprensa Castro Alves ¹¹. De passagem na côrte do Rio de Janeiro o poeta leu ante numeroso e selecto auditorio ¹² o seu drama *Gonzaga*, no qual palpita o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da patria, que faz os grandes poetas, como os grandes cidadãos ¹³.

Em S. Paulo, cursando as aulas da escola de direito, revelou-se ou antes affirmou-se o talento poetico de Castro Alves nas rutilas estrophes da *Visão dos Mortos* (fragmento do poema *Os escravos* ¹⁴):

Nas horas tristes, que em neblinas densas
A terra envolta n'um sudario dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
— Cupula immensa de um sepulcro enorme —,
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as louzas invisivel mão ;
Os mortos saltam poeirentos, lividos
Da lua pallida ao fatal clarão.

.....

Então, no meio de um silencio lugubre
Solta este grito a legião da morte :
— Aonde a terra que talhamos livre ?
— Aonde o povo que fizemos forte ?
Novas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo que nodóa o chão,
Anchietas, Grachos, vós dormis na orgia
Da lua pallida ao fatal clarão.

Brutus renega a tribunicia toga,
O Apost'lo cospe no Evangelho Santo
E o Christo — povo no Calvario erguido —
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos de aguias que nos restam ? — Corvos,
Que vendo a patria se estorcer no chão
Passam, repassam como alados crimes
Da lua pallida ao fatal clarão.

Oh ! é preciso inda esperar cem annos !
— Cem annos ! — brada a legião da morte.
E longe aos echos nas quebradas tremulas
Sacode o grito soluçando o norte...

Sobre os corseis dos nevoeiros brandos
 Pelo infinito a galopar lá vão...
 Erguem-se as nevoas como pó do espaço
 Da lua pallida ao fatal clarão.

Foi esta a primeira poesia recitada em S. Paulo pelo seu autor; e publicada no *Correio Paulistano*, de 3 de abril de 1868, segundo declara a *HOMENAGEM da Academia de S. Paulo* ¹⁵.

Não nos propomos, porém, acompanhar par e passo em sua curta, mas brilhante existencia, o cantor das *ESPUMAS FLUCTUANTES* ¹⁶. Ainda não é chegado o tempo da completa contrastação de seus altos meritos litterarios; sendo certo, entretanto, que se vão addindo documentos valiosos para seu definitivo julgamento. D'entre estes mencionaremos o *ELOGIO DO POETA*, pelo dr. Ruy Barbosa ¹⁷, no decennario de Castro Alves, e a serie de artigos de Joaquim Nabuco nas columnas da *REFORMA*.

Interprete dos sentimentos de conterraneos e admiradores do poeta ¹⁸, buscou e conseguiu Ruy Barbosa patentear em paginas onde reuniu á eloquencia « a correcção da phrase e a belleza do estylo ¹⁹ », a valia de algumas das joias de poesia fabricadas por Castro Alves com os lampejos do estro, por vezes desordenado e vertiginoso, e por vezes tambem fulgido e deslumbrante!

Foi assim que o illustre orador do *Decennario* disse (pag. 10-12):

« Arguem-n'ó de frieza, de insensibilidade, de ausencia de coraçõ. Mas vêde se nunca o sentimento se derramou n'um oleo de piedade mais suave do que n'esta figura angelica de orphãosinho, tendo por brinco a espada, não menos orphã, do bravo immolador á patria :

Ai quantas vezes a criança loira
 Seu pai procura, pequenina e nua,
 E vai, brincando c'o vetusto sabre,
 Sentar-se á espera no portal da rua!

Misera mãe, sobre o teu peito aquece
 Esta avesinha, que não tem mais pão.
 O pai descança, fulminado cedro,
 Do vasto pampa no funereo chão ²⁰.

Este raio, evocado para explicar a queda do soldado obscuro, ergue redivivo aos nossos olhos o vulto do heroe desconhecido, e crê-se descobrir-lhe por entre os dedos as madeixas douradas da criancinha, que lhe não sente as caricias, e ainda por elle alonga a vista, do soalheiro do lar, ermo para sempre da presença paterna. Não sabe o pequenino que elle não volverá mais, e abraça innocentemente a muda testemunha d'essa gloria ignorada,

Em quanto os nautas que ao Eterno vão,
 Os ossos deixam, quaes na praia as ancoras
 Do vasto pampa no funereo chão ²¹.

Oh! quanto é repassada de alma aqui a poesia! Como faz estremecer em nós o sentimento da presença d'esses mortos «que o coração guardou ²²!» Barco sem ancora, como has de ser mais nosso, quando se te quebraram as cordas da vida? Como? Na enseada tranquilla da nossa memoria, onde a saudade serenou as tormentas e o coração lembrado é a ancora que se não parte.

E creia alguém extincto nos mortos o amor? Não n'ó quer o poeta. A ossada fria descansa no sacrario da terra. Mas, se lhes perguntardes pelo coração, um fallar-vos-ha, como a visão de Francisca de Rimini, na ultima beatitude da paixão correspondida; responderá

Outro : «Dei-o a meu pai». Outro : «Esqueci-o
 Nas innocentes mãos de meu filhinho».
 Meus amigos, notai : hem como o passaro,
 O coração do morto volta ao ninho ²³.

.....

Synthetizando o seu juizo sobre Castro Alves, d'est'arte se

expressou o illustrado e disertor orador do *Decennario* (pag. 45):

« Na graça e na cólera os seus versos lampejam frequentemente com alguma cousa de Éschylo e Dante; com Shakespear, o grande mergulhador do coração humano, creiamos que foi buscar alguma vez para a sua obra perolas e monstros d'esse pégo; compete não raro com Hugo na magnificencia oriental do colorido; e, quando chora, que alma sensivel não murmurará comnosco:

Tambem sabes chorar como Eloah ²⁴ ».

Ha seguramente n'estas expressões mui encarecido louvor; contudo o eloquente ELOGIO DO POETA, subsistirá como documento valioso para a glorificação do cantor das ESPUMAS FLUCTUANTES.

Fallemos agora dos artigos ²⁵; de Joaquim Nabuco. Com elevação de talento e isenção de animo são ahí apontados os defeitos de Castro Alves: uso immoderado da hyperbole; « a exaggeração da imagem e a gradação constante quando no primeiro verso se havia imposto um limite, o que levava a passar do grandioso ao extravagante, como se se elevasse do bello ao sublime »; a personificação em vultos historicos das noções do entendimento e das idéas abstractas; a ausencia de sentimento; a carencia de melodia...

Mas a par com estes defeitos, eis como são aquilatados os dotes, sobre-excellentes alguns, do poeta. Ouçamos o talentoso critico:

« Inspiração ardente, possuindo o segredo do movimento e da acção no verso, talento transportado pelas nobres idéas, pairando sempre em regiões elevadas, e odiando a vulgaridade, Castro Alves remiu por grandes qualidades seus grandes defeitos. O que a mocidade deve imitar n'elle não é o « culto da hyperbole »; é, sim, a elevação constante de seu pensamento, a concisão nervosa de sua estrophe, o seu amor á liberdade e, para os que puderem alcançar tão alto, a força de sua inspiração!

«Tal foi em suas quédas, e em seus vôos esse singular talento feito de luz e de sombra, de forças e de fraquezas, que precisa de um exame severo para ser bem julgado. Não penso conhecê-lo inteiramente a ponto de poder explicar as contradicções apparentes de sua natureza; conheci-o, porém, bastante para saber quão longe elle está tanto dos que o imitam como dos que o desprezam.

«Nenhum talento desapareceu d'entre nós com tantas promessas! O que elle foi dil-o o vacuo que deixou no seio da geração nova».

Os artigos de Joaquim Nabuco, embora não constituam, nem teem de certo essa pretensão, a última palavra da critica a respeito de Castro Alves, subsistirão tambem como documentos valiosos para o definitivo julgamento do cantor dos *Escravos* e da *Cachoeira de Paulo Affonso*; composições de que n'este artigo, em que tambem prestamos obscura, mas sincera homenagem a Castro Alves, passamos a transcrever o que se segue:

I

VOZES D'AFRICA

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrella tu t'escondes
 Embuçado nos ceus?
 Ha dous mil annos te mandei meu grito,
 Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometheo, tu me amarraste um dia
 Do deserto na rubra penedia,
 Infinito galé!...
 Por abutre — me déste o sol ardente,
 E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

.....

*

Christo! embalde morreste sobre um monte...
 Teu sangue não lavou de minha fronte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos — alimaria do Universo...
 Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a America se nutre
 — Condor que transformára-se em abutre,
 Ave da escravidão.
 Ella juntou-se ás mais... irmã traidora!
 Qual de José os vis irmãos outr'ora
 Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
 Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!
 Ha dous mil annos... eu soluço um grito...
 Escuta o brado meu lá no infinito...
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!...

II

A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

Eis subito da noite no arrepio
 Um mugido soturno rompe as trevas,
 Titubeantes — no alveo do rio —
 Tremem as lapas dos titães coevas!...
 Que grito é este sepuleral, bravo,
 Que espanta as sombras ullulantes, sevas?
 É o braço atroador da catadupa
 Do penhasco batendo na garupa!...

.....

A cachoeira! Paulo Affonso! O abysmo!
 A briga colossal dos elementos!

As garras do centauro em paroxismo
 Raspando os flancos dos parcosis sangrentes,
 Reluctantes na dór do cataclysmo,
 Os braços do gigante suarentos,
 Aqueitando a ranger (espanto! assombro!)
 O rio inteiro, que lhe cae no hombro!

Grupo enorme do féro Laocoonte
 Vira a Grecia acolá e a lucta estranha!
 Do sacerdote o punho e a rôxa fronte...
 E as serpentes de Ténédos em sanha!
 Por hydra — um rio! Por angure — um monte!
 Por azas de Minerva — uma montanha!
 E, em torno ao pedestal, laçados, tredos,
 Como filhos, chorando-lhe — os penedos.

E, para ultimar com palavras condignas do fulgido estro do poeta das ESPUMAS FLUCTUANTES, desencravamos da HOMENAGEM do Gremio — CASTRO ALVES — *Ao laureado poeta bahiano — 10 de julho de 1881*, pag. 8, uma perola oriental, uma legitima perola de Baharem:

A GRANDE SOMBRA

(A CASTRO ALVES)

... How me but speak a word.
 WILLIAM SHAKESPEARE.

Boia — sobre as espumas fluctuantes
 Do oceano do tempo — acalentado;
 E foge assim pela maré levado,
 Ao hymno das estrellas scintillantes,

Echo apenas dos canticos gigantes,
 Que em chammas ideaes tinha moldado.
 Das mãos cahiu-lhe a lyra d'oiro, em antes
 De ter os mundos, que sonhou, formado.

Que epopéas passaram-lhe na fronte
 Como vulcões a arder n'um vasto monte!
 Ergueu-se na altitude de um colosso.

No oceano do tempo hoje enfim dorme!
 E a sombra, que deixou, a sombra enorme
 Viu-se, que era a de um sol, morrendo o moço.

DR. LUIZ DELVINO DOS SANTOS.

NOTAS

¹ As VOZES DA AMERICA reimprimiram-se ao mesmo tempo no Porto e em S. Paulo; de fórma que as duas reimpressões appareceram simultaneamente n'esta côrte com a declaração — *segunda edição*.

A este respeito reproduzamos aqui a seguinte nota bibliographica de M. O. (ultimas letras do nome e do appellido do nosso bom e prezado amigo, Joaquim de Mello):

«Da de S. Paulo foi editor J. R. de Azevedo Marques (proprietario da obra, segundo assevera o prefacio), e imprimiu-se na typographia do COMMERCIO PAULISTANO (1876), conforme se lê na subscrição final da ultima pagina. É em 8.º e contém 240 paginas.

«A do Porto (typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1876; 8.º gr. de xxvii-248 pag.) na pagina do rosto designa-se: *Segunda edição correcta e augmentada*; e effectivamente inclue treze composições que não se acham na de S. Paulo, e que de pag. 205 a 209 occupa a divisão final sob o titulo *Poesias inéditas*.

«São as seguintes:

«*Invocação, A escrava, Beatris Henriques, Surpresa, Elegia, Solav, Harmonicordio, Canção logica, Canto, Armas, Canção, Velha canção, Elegia.*

«Entendemos de conveniencia assignalar o facto da apparição d'estas duas *segundas* edições no correr d'este anno, afim de, por um lado, evitar duvidas futuras, e, por outro, demonstrar que, se algum esqueceu o poeta, não o esqueceu o publico, pois, solicitando comancia a reimpressão das VOZES DA AMERICA, paga-lhe largo feudo de justa admiração».

(FIGARO n.º 48 de 25 de novembro de 1876, pag. 383 — *Rectificação bibliographica*).

² O leitor não levará a mal encontrar n'esta pagina a estrophe (5.^a do canto i) dos *Lusiadas* cuja recordação nos suggeriu as palavras finais do periodo a que se refere esta nota :

Dai-me uma furia grande e sonora,
E não de agreste avena, ou franta ruda ;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda :
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda ;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

³ *Mocidade e tristeza*, 1866 ; pag. 102.

⁴ *Centelhas*, 1870.

⁵ O snr. Tobias ainda não colligiu em livro os seus valiosos versos. Reproduzo estes de memoria.

De Tobias Barreto, talento viril e larga instrucção, escreveu um notavel juizo critico o dr. Sylvio Roméro.

D'este trabalho inserto na REVISTA BRAZILEIRA de 1 de junho de 1881, pag. 443-459, reproduzimos os seguintes periodos :

« ... Dos poetas portuguezes, parece-se com João de Deus, de quem tem mais de um traço, e dos brasileiros, com Luiz Delino, de quem tem a elevação das notas ; ainda que os exceda a ambos.

É um cantor altiloquo ».

.....

« Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. Importa mostrar as diferenças entre ambos. Considero-os os dous melhores representantes do lyrismo hugoino no Brazil ; ambos tem o tom elevado, que os fez denominar de chefes da *escolla condoreira* (Vej. *A Nova Geração* por Machado de Assis, na REVISTA BRAZILEIRA de 1 de dezembro de 1879, pag. 379). A verdade porém, deve ser dita com franqueza : tal genero de poesia nas mãos dos mediocres transformou-se n'um gongorismo petulante e incorrigivel, n'uma cascata de palavras retumbantes. Era um coachar incommodo para o ouvido, esterilizador para as idéas. Tobias, nas suas poesias naturalistas e nas amorosas, foi sempre elevado, mas simples ; nas inspiradas pelo sentimento artistico e pelo sentimento patriotico, ás vezes, foi um pouco exagerado.

Castro Alves o foi ainda mais ; Tobias o excede na simplicidade e naturalismo.

Um inspirou-se em a natureza, o outro no estado de nossa vida social; um cantou os *Trovadores das Selvas* e o outro o *Navio Guerreiro*, um o *Genio da Humanidade* e a *Lenda Rustica*, o outro o *Livro e a America* e *Pedro Ivo*. Não quer isto dizer que Tobias não se inspirasse tambem no Brazil; inspirou-se e muito, como nos *Tabaréus* e na *Vista do Recife*, mas pelo lado popular e patriótico; Castro Alves o fez pela face social, pelo captiveiro.

Tobias é mais lyrico, mais suave, mais terno, quando é amoroso; mais crepitante, quando encara os grandes assumptos. Castro Alves mais vago, mais sentimental, mais doente; este dirige-se aos miseros captivos de preferencia; aquelle aos homens livres, principalmente...

Aquelle é o segundo élo da cadêa, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares o terceiro. O poeta das *Espumas Fluctuantes* foi tido por chefe, por dous motivos principaes: o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém, que elle nada teve de innovador, não passando de um sectario de Tobias. Esta é a justiça da historia ».

6 Porto-Alegre (Manoel de Araujo), barão de Santo Angelo. — Poema *Colombo* — canto XL — tomo II — pag. 519. (Rio de Janeiro, 1866).

7 Verso das *Stances à Du Perier sur la mort de sa fille*. São d'esta formosa composição os conhecidos versos:

Mais elle était du monde où les plus belles choses
Ont le pire destin,
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.

.....

Le pauvre en sa cabane où le chaume le couvre,
Est sujet à ses lois,
Et la garde que veille aux barrières du Louvre
N'en défend point nos rois.

De murmurer contre elle et perdre patience,
Il est mal à propos;
Vouloir ce que Dieu veut est la seule science
Qui nous met en repos.

MALHERBE.

(Vej. LA POÉSIE POUR TOUS — n.º 6 — *Actualités Scientifiques, publiées par M. l'abbé Moigno* — Seconde série — *L'enseignement de tous* — Paris — 1879 — pag. 1-3, e L'ESPRIT DES AUTRES *recueilli et raconté*

par *Edouard Fournier*, 5^{me} édition — Paris — 1879 — pag. 307, 308 e 390).

8 Vej. *Castro Alves* — artigos de Mello Moraes Filho — no *ECHO AMERICANO* — vol. I, n.º 9 — Londres, 7 de setembro de 1871, pag. 134; (Traz por epigraphe:

*Now cracks a noble heart. Good night!...
And flights of angels sing thee to thy rest.*

(SHAKESPEARE)

e n.º 13 de 7 de novembro seguinte, pag. 219-222 e 226.

Vej. outrossim: *Esboço biographico-litterario de Antonio de Castro Alves*, por A. X. Rodrigues Cordeiro no *ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1882*, pag. VII-XXII.

9 Com razão observa o illustrado autor (A. X. Rodrigues Cordeiro) do *Esboço biographico-litterario* (pag. VII, nota) que acompanha no *NOVO ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-BRAZILEIRO PARA 1882* o retrato de Castro Alves:

«Triste fado do poeta! No *Supplemento ao DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO de Innocencio Francisco da Silva*, publicado em 1867, quando Castro Alves já era conhecido como poeta, não vem o seu nome. No *ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO* do dr. J. Manoel de Macedo, publicado em 1876, em que estão archivadas dia a dia as glorias da patria, falta o nome de Castro Alves».

10 Vej. *CORREIO MERCANTIL* n.º 53 de 22 de fevereiro de 1868 — *Litteratura* — *Um poeta* —, e n.º 60 de 1 de março do mesmo anno — *Litteratura* — *A s. exc.ª o snr. conselheiro José de Alencar*.

Da carta de Alencar, escripta na Tijuca, n'esse «escabello entre o pantano e a nuvem, entre o céu e a terra» transcrevemos os seguintes periodos:

«Recebi hontem a visita de um poeta.

O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o ha de conhecer o Brazil. Bem entendido, fallo do Brazil que sente do coração e não do resto.

O snr. Castro Alves é hospede d'esta grande cidade, de alguns dias apenas. Vai a S. Paulo concluir o curso que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos talentos, a Athenas brasileira, que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros.

Podia acrescentar que é filho de um medico illustre. Mas para

que? A genealogia dos poetas começa com seu primeiro poema *. E que pergaminhos valem estes sellados por Deus!

O sr. Castro Alves trouxe me uma carta do dr. Fernandes da Cunha, um dos pontifices da tribuna brasileira. Digo pontifice, porque nos caracteres d'essa tempera o talento é uma religião, a palavra um sacerdocio.

Que jubilo para mim! Receber Cicero que vinha apresentar Horacio; a eloquencia conduzindo pela mão a poesia, uma gloria esplendida mostrando no horisonte da patria a irradiação de uma limpida aurora!

Mas tambem quanto, n'esse instante, deplorei minha pobreza, que não permittia dar a tão caros hospedes regio agasalho! Carecia de ser Hugo ou Lamartine, os poetas oradores, para preparar esse banquete da intelligencia! »

11 O dr. Eunapio Deiró, que, escrevendo de um livro « geralmente lido e applaudido » — *CANTOS DO EQUADOR pelo dr. Mello Moraes Filho*, teve ensejo de se referir a Castro Alves, e fel-o nos seguintes termos (*REVISTA BRAZILHEIRA* de 15 de maio de 1881 — pag. 269-322):

« Não recordo, sem funda tristeza e certo orgulho, o nome de Castro Alves. Eu posso abrigar-me á penumbra do pedestal glorioso, onde o collocou a admiração dos contemporaneos, porque Castro Alves foi meu discipulo... »

Era discipulo crente no mestre, que lhe abriu os horisontes, desenvolveu-lhe a vocação, aconselhando-o nos extravagantes desvios e defeitos, alentando-o nas lentezas e desacoraçamentos e, na sua fronte juvenil, bella, coberta de pallor e de altivez, onde o genio — era um raio esplendido de luz, a vida — o ephemero e proximo bruxolear da sepultura, — singiu-lhe a mais humilde, porém a primeira corôa tributada á sua gloria.

.....
 Conheci-o menino; seu fallecido pai, illustre professor da faculdade, foi um amigo, que muito estimei. Ausentando-me da provincia diversas vezes, perdi de vista o menino *Cecéo*. Reappareceu-me recommendado pelos meus amigos, o senador Fernandes da Cunha e o dr.

* D'esta phrase do brilhante polygrapho brasileiro aproximemos as que se seguem e são: de Jacintho Freire de Andrade na *VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO* e de Ernesto Legouvé na *QUESTION DES FEMMES*:

O nascimento em todos é igual: as obras fazem os homens diferentes.

Il existe un arbre généalogique pour les obscurs, l'arbre généalogique de la probité.

Franco Meirelles, uma das illustrações do magisterio na Bahia. O filho de um velho amigo, tão bem apresentado, devia ser sempre bem recebido e tinha direito a ser escutado n'essa época, em que eu já começava a abandonar os estudos litterarios e rompera com as musas inteiramente.

Castro Alves tinha de si para si que o meu juizo recommendaria as suas poesias. Bem diz o rifão: *é a fé que cura e não o pau da barca*. Vi compôr o drama — *Gonsaga*; admirei a canção da escrava e escutei varias poesias. Tomei d'ellas e publiquei a — *Hebréa* — este hymno de enthusiasmo, esta glorificação de uma mulher formosissima, como um cantico do propheta da antiga Sião!

Os olhos divinos, que o inspiraram, sem duvida relêem ainda hoje, deixando humidos de uma lagrima piedosa, estes versos de outr'ora...

No artigo, que publiquei no *Diario da Bahia*, transcripto por Quintino Bocayuva no *Diario do Rio*, alludido por José de Alencar, dizendo que um poeta já o havia saudado na Bahia, pronunciei a nomeada do talento do joven poeta, lançando-lhe esta estupenda provocação — *Étoile, leve toi!**

Do amplo estudo critico ácerca do poeta dos CANTOS DO EQUADOR, que é tambem o cantor « glorificado por numerosos suffragios » dos SERRÕES E FLORESTAS, vamos destacar mais um periodo no qual se contém apreciações syntheticas de alguns notaveis vultos da litteratura patria.

« ... Gonçalves Dias — *alma afinada pelas harpas de anjos*; Alvares de Azevedo — musa bacchante, louca e lasciva, embebendo no fel das ironias de Byron o sorriso, que, entreabrindo-se em labios virginaes, esmorece abafado n'uma blasphemia horrivel, lançando a vertigem das seducções dos abyssos na alma da mocidade; José de Alencar — um bello, fecundo e grandioso talento, apesar das aberrações amaneiradas; Bittencourt Sampaio — admiravel lyrico, verdadeira alma de poeta, que divaga na solidão, quando a terra repousa tranquilla e quieta; emfim Fagundes Varella e Castro Alves — todos poetas — que dormem no sepulcro, envoltos no véo luminoso da gloria, laureados com a immortalidade ».

¹² DIARIO DO RIO DE JANEIRO de 18 de fevereiro de 1868, folhetim *Lembranças e Esquecimentos*.

¹³ J. de Alencar — *Cart. cit.*, onde em seguida ás palavras transcriptas, diz o eminente escriptor :

« Não se admire de assimilar eu o cidadão e o poeta, duas entidades que no espirito de muitos andam inteiramente desenhocadas.

* Verso de V. Hugo a Sainte-Beuve.

O cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do bello e da arte ».

¹⁴ J. de Alencar — *Ibidem* :

« Depois da leitura de seu drama, o snr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. *A cascata de Paulo Affonso, As duas ilhas e A visão dos mortos* não cedem ás excellencias da lingua portugueza n'este genero. Ouça-as o senhor que sabe o segredo d'esse metro natural, d'essa rima suave e opulenta ».

Machado de Assis — *Cart. ost.* :

« A musa do snr. Castro Alves tem feição propria. Se se adivinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma indole irmã levou-a a preferir o poeta dos *Orientaes* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brandas e desmaiadas da elegia; quer antes as côres vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o snr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grandioso e o que é delicado, mas com igual inspiração e methodo identico: a pompa das figuras, a sonoridade do vocabulo, uma fôrma esculpida com arte, sentindo-se por baixo d'esses louvores o estro, a espontaneidade, o impeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a fôrma e o estro. Os verdadeiros poetas são os que teem ambas. Vê-se que o snr. Castro Alves as possui: veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas ».

¹⁵ Na primeira columna da folha avulsa, de 4 pag., com o título supra e a data — 10 de julho de 1881, lê-se:

HOMENAGEM A CASTRO ALVES

A mocidade academica de S. Paulo commemora, hoje, o decenario da morte de Castro Alves.

É uma homenagem devida ao infeliz poeta! Seu genio poetico, sua inspiração fecunda, estiveram sempre ao serviço das idéas as mais democraticas: d'estas idéas de que — a mocidade — tanto se ufana e vangloria de esposar!

Ninguem, como elle, verberou com mais energia o infame trafico dos africanos!

Ninguem, como elle, mais sinceros e apaixonados hymnos entoou á « Liberdade »!

A semelhança de Ramalho Ortigão, diremos, que é sobre a lapide de Castro Alves que nós os sectarios d'esta religião sublime a « Democracia », devemos afiar as nossas armas de combate para resistir-

nos a esta borda de vandalos, que nos ameaça de morte, a vida da patria?

JOAQUIM DOS SANTOS.

16 *ESPUMAS FLUCTUANTES* — *Poesias* de Castro Alves, 2.^a edição (Bahia — 1875).

No *prologo* diz o autor:

«Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia com os olhos aquelle esvaecimento indefinido, e minha alma apegava-se á fórma vacillante das montanhas (os serros de granito d'essa formosa terra de Guanabara, como diz o poeta em outro periodo do preindica-do *prologo*) — derradeiras atalayas dos meus arraiaes da mocidade.

Foi então que, em face d'estas duas tristezas — a noite que des-cia dos céos, — a solidão que subia do oceano —, recordei-me de vós, ó meus amigos.

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagára; nem sequer a lembrança d'esta alma, que convosco, e por vós, vivera, e sentira gemer e cantára...

Ó espiritos errantes sobre a terra! Ó velas enfunadas sobre os mares... Vós bem sabeis quanto sois ephemeros... passageiros que vos absorveis no espaço escuro ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obumbracs nos basti-dores do abysmo, o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... flôres perdidas na vasta indiffe-rença do oceano. — Um punhado de versos... — espumas fluctuantes no dorso fero da vida!...

E o que são na verdade estes meus cantos?

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa — este pelago da alma.

Mas como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lagrima saudosa do marujo... possam ellas, ó meus ami-gos! — ephemerias filhas da minha alma — levar uma lembrança de mim ás vossas plagas!

S. Salvador — fevereiro de 1872.

CASTRO ALVES ».

17 *DECENNARIO DE CASTRO ALVES*. — *ELOGIO DO POETA*, pelo dr. Ruy Barbosa, seguido de um escripto do mesmo autor — *Pelos es-cravos*. — Mandados imprimir pela Commissão do Decennario. — Ba-hia; typ. do *Diario da Bahia*, 1881.

18 Disse o dr. Ruy Barbosa: «... critico não sou, nem tive em mira uma critica. Exprimo emoções. Não quero outro commentario,

nem outra consagração para o nosso poeta. Exprimo emoções ; e a vossa me basta : ella me justifica, e attesta a minha fidelidade s.

¹⁹ Vej. *Diversas Publicações*, pag. 520 e 521, na REVISTA BRAZILEIRA de 15 de setembro de 1881.

²⁰ Castro Alves : ESPUMAS FLUCTUANTES, pag. 10.

²¹ Ibidem, pag. 11.

²² Littré : *La vieillesse*.

²³ Castro Alves : ESPUMAS FLUCTUANTES, pag. 188.

²⁴ Ibidem, pag. 45.

²⁵ REFORMA de 20, 24 e 28 de abril de 1878.

XXVIII

KAGADOS NÃO SÃO, MAS CARAMUJOS

I

Este verso, modernizada a orthographia da palavra inicial, é extrahido do *conto* Os CÁGADOS, inserto no tom. IV, pag. 326-336 do PARNASO LUSITANO, d'onde copiamos o trecho que se segue e bem assim as *notas* que o perfazem.

Das indicadas notas, a que se refere especialmente ao titulo do conto e é escripta por Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) diz assim :

« N'estas narrações que José de Sousa ¹ (o cego) fez na *Academia dos Anonymos*, no tempo do carnaval, como presidente, escriptas em estylo joco-serio, para o qual teve mui particular genio, se admira a elegante harmonia de sua musa, os delicados pensamentos de seu ingenho, as magestosas expressões de seu estylo, tudo escrupulosamente regulado pelos preceitos da arte, em que era tão eminente, que só da ignorante presumpção não era consultado ».

Considerando sobremodo encarecida esta apreciação, passamos, entretanto, a transcrever o trecho a que acima alludimos, a começar pela descripção feita, com arte e graça, dos *protagonistas do conto* :

Ha certos animaes, que o lodo cria
 Humidos moradores da agua fria,
 Que nas conchas mettidos
 Vivem nas alagóas escondidos ;
 Medicina approvada, quando acaso
 Da vida o meio alqueire não stá raso.
 São Cágados ; o nome não lhe occulto,
 Que é grande bestidade fallar culto
 Podendo fallar claro ;
 Mas agora reparo
 Que nas conchas mettidos
 Se pôde accomodar a dous sentidos ;
 Pois podem presumir alguns marujos,
 Que Cágados não são, mas Caramujos ;
 Porque 'stou bem lembrado
 Do *arame cavado* ²,
 Que só por ter no centro uma caverna,
 Pôde trombeta ser, ou ser lanterna :
 Ita Leitão de jure Lusitano,
 Penultima lição das d'este anno,
 A segunda que fez dos epithectos,
 Tratando da metaphora os objectos.

II

Para dar aos estudiosos alguma noticia da *Phenix Renascida*, reproduzimos em seguida o que na sua *These de concurso* (Rio de Janeiro — 1878) escreveu, a pag. 9, o abalisado professor do Imperial Collegio D. Pedro II, dr. José Maria Velho da Silva :

Do cultismo na poesia portugueza

Havia-se constituido Gongora o patriarcha de uma nova escola que se appellidou *cultista* em contraposição á classica em que se procurou novo vocabulario, notavel pela estranheza e novidade das palavras, pelas forçadas e longas transposições, pelo abuso dos tropos e figuras, e pelo requintado artificio com que d'industria se procurava oppôr um estylo inchado, emphatico e contrafeito, ao dizer ordenado, harmonioso e correntio

de uma elocução natural. Este lampejar deslumbrante, mas ephemero de imaginações ardentes, tinha alliciado e transviado muito entendimento válido, e o sentido se esgarrára pelos mares empolados por onde singravam essas producções abstrusas do *marinismo* e *gongorismo*.

Phenix Renascida, assim se denomina a collecção que em cinco volumes fez no começo do seculo xvii, o livreiro Mathias Pereira da Silva. Este collector das poesias *seiscentistas*, recolheu os innumerados manuscritos que andavam por mãos de particulares, o que lhe custou muito trabalho, segundo elle próprio nol-o diz.

É este o repositório das producções da época e que attestam a corrupção do gosto, as aberrações do sentimento e o desperdicio do tempo. Estes pequenos fragmentos nos darão idéa da concepção subjectiva dos poetas *seiscentistas*:

*Amante girasol, aguia das flôres
Que com vista de bronze em olhos de ouro,
Cantas no louro Deus o Deus do louro,
Iguaes a suas luzes, seus ardores.*

E esta satyra:

*Do quarto globo a gema nunca avara
Que tem por casca o céu, nuvens por clara.*

Tal era o lyrismo do seculo xvii bem representado na obra que cuidadosamente colleccionou Mathias Pereira da Silva.

No meio d'este desbarato do bom senso e d'estes desvarios do gosto litterario, appareceram alguns espiritos elevados que atravessaram incolumes os desaproveitamentos d'estes baldios e por lá encontraram terrenos de bom lavor, d'onde colheram á farta flôres para a phantasia e fructos para o entendimento, que tudo nos legaram elles pela belleza de seus pensamentos, boa ordenação das rimas e pureza de dicção. Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel de Mello, merecem menção especial como esplendidos representantes do verdadeiro sentimento lyrico. Transviados da época anterior, vieram tarde pa-

ra pertencerem á pleiade dos *quinhentistas*, e muito cedo para receberem todo o influxo da escola de Gongora e de seus adeptos.

NOTAS

¹ « José de Sousa, poeta da escola hespanhola ; cego desde a idade de um anno, cultivou todavia as letras, applicando-se não só aos estudos de humanidades, mas ainda aos das sciencias maiores, fazendo em todas notaveis progressos, e tornando-se um dos homens mais doutos e eruditos do seu tempo (1680-1744) ». — DICC. BIBL. PORT., tom. v, pag. 188.

² Termo de que usou o beneficiado Francisco Leitão Ferreira * em uma das *lições de conceitos*.

A obra d'este beneficiado, intitulada : *Nova arte de conceitos*, é a produção mais exotica que eu tenho visto. Para aqui dar uma amostra do estylo e pensamentos do autor, citarei um pedaço de prosa e duas oitavas suas. Trata-se de uma *descripção poetica dos olhos* :

« Para praxe e demonstração d'estas doutrinas, sem por agora mendigar outros exemplos, me aventuro (com licença vossa) a subir nas azas de um poetico, bem que atrevido enthusiasmo, á radiante esphera d'este vivo sol, e qual Prometheu, roubando-lhe breve porção de suas luzes, animarei o corpo da seguinte amplificação ».

Vejamos como elle nos descreve a *menina do olho* :

Pólo fixo entre luz vária e serena,
A quem dá bello esmalte a formosura,
A que chamam *menina*, por pequena,
D'este globo é no centro, imagem pura :
D'alli aos corações, Amor ordena
Que o sigam, como a norte da ventura.

.....

Eis como se escrevia e postava em Portugal pouco antes que Garção, Diniz, Francisco Manoel, e outros engenhos de primeira ordem viessem espancar estas empolas do gongorismo, e este mau gosto que produziu a *Phenix Renascida*, a *Constante Florinda*, e outros livros da mesma estofa.

* Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. II, pag. 415-417.

LIBRÉ DE MISERIA

I

Eis uma locução que não raro será pertinente. Empregou-a na TOSQUIA DE UM CAMELO — *Carta a todos os mestres das aldeias e das cidades* — pag. 4, Antonio Feliciano de Castilho¹ que é, no conceito de Camillo Castello Branco, « o mais remontado poeta, o mais portuguez de todos, o que enthesoura as joias de maximo quilate da nossa lingua² ».

Diz Castilho:

« Qualquer nescio se permite discursar do que não entende, affrontando a quem lida em boas obras, a quem nunca provocou nem o conheca, nem o poderia de perto conhecer; e, para completa libré de miseria, anonymamente ».

O *tosquiado* foi José Crispim da Cunha, autor da *Carta*, que sahiu anonyma, *a um professor da aldeia sobre o methodo de leitura repentina* (Lisboa, 1853). Assim o referem o DICC. BIBL. PORT. — tom. IV — pag. 300, e a HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL — 2.^a parte — pag. 486. N'este li-

vro, publicado em 1880, diz-nos a consciencia, o douto e operosissimo escriptor Theophilo Braga, considerando o eminente prosador e eximio poeta, A. F. de Castilho, «um *arcade posthumo*» ³ (pag. 491), exercita o direito de critica com rigor que transcende as raias da justiça! *E summum jus, summa injuria* ⁴.

Assim nos exprimindo, não desconhecemos, entretanto, que o autor da HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA «pelos severos estudos historicos e philosophicos da sua vida de professor e de publicista, e pela energica independencia das suas convicções é um pensador digno de respeito, uma voz que deve escutar-se». (Julio de Mattos ⁵, *Positivismo* — tom. I, pag. 471).

O opusculo TOSQUIA DE UM GAMELO foi escripto quando o autor porflava com indefesso zelo na divulgação do METHODO PORTUGUEZ-CASTILHO *para o ensino rapido e aprazivel do lêr, escrever e bem fallar*.

Referindo-se a este honrado e abençoado commettimento do Pestalozzi lusitano ⁶, escreveu o dr. Cunha Bellem ⁷ as palavras que de mui bom grado para aqui trasladamos, extraídas do CORREIO DA EUROPA — *Edição do Brazil* — n.º 11 — Lisboa, 25 de maio de 1880 — artigo sob o titulo *Visconde de Castilho*:

«... começou o dedicado poeta a elaborar no seu animo, vasto e esclarecido, a idéa de emancipar aquellas tenras ave-sinhas da inexoravel prisão da escola, para, entre gorgeios e folgedos consoantes á sua idade, lhes ministrar o pão eucharistico do espirito.

«Era larga e generosa a idéa. Diffundir a instrucção, semear o grão abençoado de que as gerações vindouras deviam fazer pingue colheita; libertar os juvenis espiritos da tyrannia de um professor severo e de carrancudo aspecto, para deixal-os expandir ao sol d'essa descuidosa alegria dos verdes annos; abolir a tortura moral, que dá o medo do mestre, para fazer dos discipulos amigos, mais do que amigos, filhos extremosos; erguer ao mesmo tempo o nivel do ensino e o nivel do professorado; tirar ao mestre a physionomia sinistra,

que confrange os animos das crianças; tirar á escola o que ella tinha de inquisitorial; de carcere tornal-a templo; fazer o professor sacerdote, em vez de algoz; semear risos e alegrias, onde só reinavam lagrimas e tristezas; matizar de jubilos o estudo; chamar, como Christo, em torno de si os innocentes; dar-lhes bençãos e deleites, em lugar de maus tratos e de sevicias; — que mais bello, que mais sublime, que mais generoso emprehendimento?!

«N'este empenho constante, n'este apostolado generoso em prol da instrucção, achou-se Castilho sublimemente inspirado, e nunca tão alto se ergueu o seu estro poetico, como quando, na notavel epistola dirigida á imperatriz do Brazil, dizia, fallando com a alma, com a verdadeira alma de poeta que sabe pôr a sua lyra ao serviço dos sentimentos generosos:

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,
Como a fortuna os tem; como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados;
No saber soffre graus; não párias no saber;

E o povo quasi todo é pária em toda a parte;
É Lazaro esfaimado ao pé do grão festim.
O engenho creador seus dons em vão disparte:
Chove-os a imprensa em vão, dia e noite, e sem fim...

Ao povo nada chega entre tanta abundancia;
Em tanta luz immerso, o povo nada vé;
Julga-se livre e é servo; adulto, e jaz na infancia.
É que o saber é tudo, e a multidão não lé.

Não se aquece ao calor dos animos sublimes;
Não se illustra ao fulgor dos genios de eleição;
Herda e transmite a inercia, a incuria, o vicio, os crimes;
Estranha ao bello e ao hom; sem Deus, sem coração.

«É este um dos brados mais eloquentes e mais energicos em favor da instrucção; é um grito, sahido do intimo d'alma de quem comprehende o alcance do saber, de quem pede a a luz para os que jazem nas trevas da ignorancia, do Pedro

Eremita que préga a cruzada santa da civilização contra o obscurantismo, e que ao mesmo tempo, vestindo as armas de Godofredo, caminha na frente dos que desejam servir a causa sagrada!

« Se outros titulos não sobrassem para tornar celebre e respeitado o nome de Castilho, este de per si só bastaria para dar-lhe notavel lugar nos fastos da humanidade! »

Bulhão Pato (Vej. MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA por A. P. Lopes de Mendonça, pag. 265-271; Luciano Cordeiro, *Obr. cit.*, pag. 291-292, e visconde de Benalcanfor, PHANTASIAS E ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS, pag. 251-269), no livro SOB OS CYPRESTES (pag. 337-338):

« Rodrigues Cordeiro, no volume do ALMANACH DE LEMBRANÇAS *Luso-Brazileiro* de 1877, escreveu uma longa biographia do poeta dos CIUMES DO BARDO com a elevação do seu talento e a nobreza de sua grande alma.

« Thomaz Ribeiro, na sessão publica da Academia real das sciencias de 17 de maio de 1877, o elogio historico do que fôra seu mestre e dedicado amigo. É um quadro como os sabe pintar o insigne poeta: traços largos, desenho correcto, bom colorido, magnifica luz.

« Julio de Castilho tem já traçado uma obra, que poderá fundir quatro volumes ⁸ sobre a vida de seu pai. Trabalho como os que se fazem em outros paizes a proposito de homens illustres, aproveitando as scenas notaveis e os mais leves pormenores ».

E, tratando da benemerita cruzada em pró da instrucção popular, acrescenta, de pag. 337-340, o cantor da *Paqueta* ⁹ (Vej. no DICC. BIBL. PORT., tom. 7.º, pag. 50-51, *Raymundo Antonio de Bulhão Pato* e no CORREIO DA EUROPA — Edição do Brazil — n.º 21 — Lisboa, 27 de outubro de 1880 — *Bulhão Pato* — pelo visconde de Benalcanfor):

« Quando appareci no mundo das lettras, Castilho vivia na ilha de S. Miguel, e estava no periodo mais brilhante da sua vida ¹⁰.

« Era um missionario! Em volta de si tinha a mocidade

d'aquelle florescente paiz, á qual influa o saber e inspirava com os exemplos.

« Quantos homens distinctos da ilha estão vivos ainda, que deveram a sua educação litteraria aos esforços do dedicado mestre !

« Foi ahi que escreveu a *Felicidade pela agricultura* e as *Estreias poeticas*; poesia social da mais santa, da mais elevada, da mais proficua e profunda !

« O *Hymno do trabalho e do agricultor* :

De espigas e palmas coroemos a enxada,
Morgado e não pena dos filhos de Adão ;
Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
Thesouro é só ella, só ella brasão.

« Querem-n'ò mais democratico ?

« O *Hymno da noite*, para o adormecer descuidado e plácido do infante ; o *Hymno da manhã*, para o despertar festi-val da criança risonha e ingenua.

« Até para o companheiro das lidas, no termo da viagem, compoz o *Valle funebre* :

Não turvemos na morte o somno ao camarada
Nas batalhas da luz constante até ao fim.

« E depois :

Irmão, tem dó da terra ! ouve a fraterna jura,
Olha a bandeira santa, a que arvorou Jesus !
Para remir o povo, ao summo bem conjura
Tres Messias nos mande : o Amor, o Esforço, a Luz ! »

Em seguida escreve o autor dos CANTOS E SATYRAS :

« A meu vêr, de Castilho podia fazer-se, como de nenhum outro poeta nosso, d'este seculo, um grosso volume de poesias escolhidas, volume modelo, principalmente na correccão grega das fórmãs, na pureza classica e elegantissima da formosa linguagem, na elevação e serenidade do pensamento ».

Não destóã d'este juizo o de Antonio de Serpa Pimentel no

livro recém-publicado (ALEXANDRE HERCULANO e o seu tempo — Lisboa — 1881, pag. 17):

« Tres nomes inseparaveis, tres glorias nacionaes, e que não teem inveja ás que em outros paizes representam esplendidamente o renascimento e a evolução litteraria do começo d'este seculo, ficaram para sempre ligados á historia social e litteraria do nosso paiz, na época em que se operou a transição do antigo regimen para a época liberal. Estes tres nomes são, como ninguem desconhece, os de Garrett, Castilho e Herculano ».

E a pag. 19:

« Ninguem até hoje conheceu melhor a lingua portugueza, e desenterrou d'ella maior numero de bellezas, a opulentou com maior cópia de phrases e de modos de exprimir consentaneos á sua indole, e a tornou mais apta para significar as mais delicadas gradações do pensamento e da imagem do que Antonio Feliciano de Castilho ».

Traduzem o mesmo pensar as palavras do dr. Cunha Bellem no precitado artigo do CORREIO DA EUROPA:

« Mas, entre o merecido renome que lhe tem grangeado os seus escriptos, avulta em todos elles, a tornar o illustre escriptor uma das primeiras notabilidades litterarias do paiz, o profundo conhecimento que tinha da lingua portugueza e os primores do seu estylo encantador. Verdadeiro artista da palavra, ninguem soube como elle encontrar sempre a phrase adequada, o vocabulo apropriado, o tom conveniente para exprimir o pensamento, para dar relevo á imagem, para imprimir vigor ao conceito; ninguem como elle possuiu o segredo de impressionar o ouvido com a eloquente cadencia das onomatopéas, de combinar os cambiantes do som, de dar vida e movimento á acção, pelas palavras escolhidas para a desenhar! Os seus livros lêem-se com deleite, e terão sempre cabimento entre os classicos, e as suas versões, já do latim, já do francez, teem o primor de naturalisar os alheios pensamentos, com todo o original vigor, com toda a primitiva belleza, realçados ainda com os esplendores da fôrma sempre castiça, sempre vernacula, sempre elegante ».

II

Tratemos mais espaciadamente da *Epistola a Sua Magestade a Imperatriz*, notavel composição que em vigorosa synthese traduz a fallibilidade da humana justiça,

... a que pregou na cruz
Ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a *Jesus*.

E, memorando as circumstancias que a antecederam e lhe succederam, dêmos exacta noticia da «heroide christã», da qual diz D. Antonio da Costa no livro a INSTRUÇÃO POPULAR, pag. 215: «O rouxinol que se lhe tinha aninhado n'alma durante dez annos, desprendeuse-lhe, bateu as azas e lançou de si o canto mais magestoso e mais bello de toda a sua vida, a *Epistola d Imperatriz do Brazil*»¹¹.

Estampada esta *Epistola* nas pag. 65-77 da *LYSIA POETICA* (Vej. DICC. BIBL. PORT. — tom. v, pag. 340-341) sob o titulo *A Sua Magestade a Imperatriz do Brazil — Senhora D. Thezeza Christina Maria*—ahi lhe serve de valioso complemento a nota de pag. CXXXV-CXLV, de que passamos a transcrever os seguintes periodos:

«Convicto do crime de insurreição, e accusado, demais, como um dos autores da morte do tenente Drouineau, Barbés, o *Baiard* ou o *Quixote da Democracia*, segundo o designaram já Proudhon, primeiro, e depois o chronista elegante dos *Contemporains*, havia sido condemnado á pena ultima.

«A irmã do réo viera, debulhada em lagrimas, apresentar-se a Victor Hugo; o poeta não se recusára, movido d'aquella dôr, a obtestar em uma audiencia infelizmente mallograda, o indulto real, erguendo em favor do condemnado a sua persuasiva, a sua inspirada voz.

«Era em 1839. Trajava então luto a côrte por Maria de Wurtemberg, o anjo da familia, tocada do sopro da morte na flôr dos annos. Tinha nascido o conde de Paris.

«Posta a sua confiança na clemencia do poder moderador, resignou-se Victor Hugo a esperar. Esperou com effeito até 12 de julho, até o ultimo momento. Por fim decidiu-se a voltar ao paço. Dava meia-noite á sua chegada. Luiz Philippe estava já recolhido.

«Então occorreu ao autor das *Contemplações* escrever os quatro versos d'esta singela obsecração :

*Par votre ange envolée ainsi qu'une colombe
Par ce royal enfant, doux et frêle roseau !
Grâce encore une fois ! grâce au nom de la tombe !
Grâce au nom du berceau !*

«Na manhã seguinte Luiz Philippe, ao despertar, leu-os, e Barbés achou-se salvo.

«A heroide christan, a esplendida e grandiosa heroide que acordou a lembrança d'este factó teve uma semelhante origem. Vamos sabel-a da propria bocca do poeta :

«Achava-se o autor na côrte do Rio de Janeiro, em abril de 1855, repartido entra as suas não mallogradas diligencias para a regeneração da escola primaria, e os ocios litterarios da sua cara e sempre saudosa poesia, quando um pobre velho portuguez, Silva, casado, com filhos, indigente e por suas virtudes estimado de todos os visinhos, se viu inopinadamente precipitado pela fatalidade, que sempre o perseguira, no infimo abysmo do infortunio: condemnado por homicida, e sem culpa moral, a doze annos de trabalhos forçados.

«Confirmada a sentença, restava-lhe unico recurso, o indulto imperial; todos os visinhos de Uruguayana o invocavam, como perfeita justiça. Um requerimento documentado subiu respeitoso, mas urgente e instante, á presença do soberano.

«Por si mesma se defenderia a causa no juizo de tal príncipe: mas porque se não havia de coadjuvar por todos os meios possiveis? Pareceu que nenhum havia mais efficaz, nem mais proprio, do que implorar por medianeira a esposa mesma de Sua Magestade Imperial, senhora de cujas virtudes e beneficencia vive cheia a memoria, a admiração, a voz agradeci-

da de todo o imperio. Afoutado pela fama da sua caridade, ousou o author dirigir-lhe, como conterraneo do infeliz, além de homem, esta supplica; á pressa escripta, segundo era apertado o tempo, e mais empenhado em expôr os factos com inteira pontualidade, do que em se ataviar de flôres rhetoricas e poeticas ».

O autor da *Epistola* reimprimiu estas linhas no OUTONO — *collecção de poesias* — 1863 — a pag. 33-34 com o seguinte additamento :

« Estava o papel nas mãos a que era offerecido, no dia 3 de abril, vespera do anniversario natalicio da finada irmã do imperador, a rainha fidelissima senhora D. Maria II, e ante-vespera de quinta-feira maior d'esse anno de 1855 ».

Transportemos ainda para aqui algumas palavras do livro SOB OS CYPRESTES, de Bulhão Pato :

« Preoccupado com a grande questão do ensino, que está hoje em todos os espiritos sérios e profundos, lidava com a tenacidade do propagandista por diffundir a luz do saber nas camadas populares.

« Um dia partiu para o Rio de Janeiro.

« Nem deixar familia, nem a cegueira, nem as inqualificaveis ancias do enjôo de que elle padecia tanto, nem o trajecto de duas mil leguas, lhe poderam ter mão.

« Foi já com cincoenta e cinco annos. Parecia, porém, um moço de vinte e cinco, audaz e aventureiro !

« Estando lá, soube que fôra condemnado a doze annos de trabalhos forçados um velho portuguez, levado pela fatalidade a matar um homem.

« ... Castilho, por intervenção da imperatriz, deprecou, do imperador D. Pedro II, o resgate do velho sentenciado ».

É notorio que o « indulto imperial foi incondicionado, foi plenario » (decreto de 10 de abril de 1857 referendado pelo eminente juriconsulto e orador parlamentar, conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo. — Vej. GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRES, tom. I, pag. 109-110, e ARCHIVO CONTEMPORANEO — 1.º anno, n.º 12 — de 15 de feveiro de 1873 — *Esboço biographico* por Felix Ferreira), e o poeta o agradeceu

em outra *Epistola*, em que, no dizer de Bulhão Pato, « a idéa paira sempre na maior altura a que pôde subir o estro, quando o talento se inspira com as dôres e miserias da humanidade ».

Agora, taes quaes são, *pobre feudo de incognito regato*¹², reaparecerão algumas linhas mui benevolmente acolhidas pela esclarecida redacção do *Globo*, onde foram publicadas a 23 de junho de 1876 :

« Cumpriu a imprensa fluminense o doloroso dever de noticiar o passamento de um dos primeiros entre os mais conspícuos escriptores portuguezes : o visconde de Castilho.

« Não me proponho aquilatar a incontrastavel valia das producções do seu privilegiado engenho.

« A esta hora, os poucos que, transviados pela paixão do momento, tentaram amesquinhar o alto preço dos trabalhos com que o Ossian lusitano, o mavioso cantor do *Amor e Melancolia*, o vehemente interprete dos *Ciumes do Bardo*¹³, o primoroso traductor de Ovidio, Virgilio, Anacreonte, Moscho, Goethe, Molière e, ainda ha pouco, de Shakespeare¹⁴, o imaginoso autor dos *Quadros historicos*, opulentou o patrimonio das lettras portuguezas, terão prestado á memoria do visconde de Castilho a homenagem de sincero respeito e convencida admiração a que tem irrecusavel direito, não sómente o inspirado poeta e o magistral prosador, senão tambem o generoso cidadão que, apostolando a *regeneração da humanidade pelo homem e a regeneração do homem pelo baptismo da luz*, *inendigou em voz alta o saber para o grande velho-menino, o povo*.

« Não posso, porém, deixar de mencionar que o eximio poeta passou alguns mezes na cidade do Rio de Janeiro.

« É datado da rua do Lavradio n.º 27, aos 26 de abril de 1855, o bellissimo prologo da traducção paraphrastica dos *Amores* de Ovidio, arrojadissimo commettimento poetico, por elle realisado, segundo suas proprias expressões, *desejoso de deixar alguma lembrança da sua passagem n'este paiz, onde a natureza é de si tão poetica e tão amante, e incitado por seu muito amigo e irmão José Feliciano* (irmão pelo sangue e pelo talento, não menos que pela illustração).

« Não foi essa, comtudo, a unica nem a mais grata lembrança da sua passagem n'este paiz.

« D'essa passagem ficou luminoso sulco na formosa epistola de 4 de abril de 1855, na qual, sob o patrocínio de sua magestade a imperatriz, « anjo em princeza occulto », deprecou do monarcha brasileiro o perdão, outorgado por decreto de 10 de abril de 1857, a um subdito portuguez condemnado a 12 annos de prisão com trabalho pelo jury de Uruguayana, na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul.

« Mais, muito mais do que Victor Hugo, em 1839, conseguira em Paris a favor de Barbés, alcançou Antonio Feliciano de Castilho, no Rio de Janeiro, em 1855, a bem de José Joaquim da Silva.

« Certo será esta uma das mais fulgurantes paginas da biographia do illustre poeta, como foi uma das mais vicejantes palmas da sua gloriosa existencia.

« A recordação d'este facto merece conservada, pois a um tempo honra o pensar do poeta e o sentir do christão.

« Avivo-a, para a consagrar como a singela oblação á preclara e saudosa memoria de Antonio Feliciano de Castilho ».

GUILHERME BELLEGARDE.

Addenda

Sirvam de realce a este artigo os magnificos alexandrinos que em seguida reproduzimos, já que a indole dos SUBSIDIOS LITTERARIOS não nos permite a transcripção por integra da memoravel *Epistola a S. M. A Imperatriz*:

Era um velho, Senhora!: obscuro, pobre, honrado;
Estrangeiro e bemquisto; humilde e venerado.
Após o dia, exaustos em grangear o pão,
Entre os filhos e a esposa, as graças, a oração,
Por sua voz serena (austero patriarcha!)
Subiam cada noite aos pés do grão Monarcha;

E dos céos cada dia, a paz, o esforço, o amar,
 Como bençãos, cahindo, arraiavam seu lar :
 Tepido ninho á sombra!, alegre de caricias!
 D'entre tanta pobreza a respirar delicias!
 Tudo alli era franco : a entrada, o rosto, as mãos ;
 Como amigos aos bons, aos pobres como irmãos.
 Aquillo, e um céu por cima, era todo o seu mundo ;
 Que lhe importava o mais ?

..... Um dia
 Uma esposa infeliz (Senhora!, o mundo as tem!),
 Chorosa, desgrenhada, envolta em sangue, vem...
 Do consorte fugida á bruta feridade,
 Do tecto bemfeitor invocar a piedade!
 Podiam recusar-lh'a ? O primeiro seu ai
 Segurou-lhe um abrigo, e mãe e irmãos e pai!
 Respira! enfim respira! a benção d'estes ares
 A deve proteger contra quaesquer azares!
 É parte da familia! a mesa, o somno, o orar,
 Tem já communs com ella; o santo limiar
 Onde o Senhor a trouxe, ha de lhe ser barreira,
 Que suspende no ingresso a féra carnicieira!...

.....
 Outro dia
 Que o velho solitario, ao seu lavor pedia
 O sustento do corpo, e co'a enxada na mão
 Regava de suor o parco seu torrão,
 Encanecido, curvo; e sob o sol gemendo,...
 Rompe de uma emboscada, insano, armado, horrendo,
 O feroz! o traidor!

Ó Brazil, o teu sol
 Não creára esse tigre : o monstro era hespanhol!
 Do Cid, o campeador, dos heroes das Castellas,
 Vingadores leaes dos fracos e das bellas...
 Fallar ousava a lingua, altiva e marcial,
 Namorada e viçosa, o perfido, o brutal,
 Que depois de ferir, de afugentar a esposa,
 Ao velho, que lh'a ha salvo assassinal-o ousa.

.....
 N'um mar jazem de sangue os dois;
 O velho, a agonisar, morto o forte.

Depois...
 Á justiça dos céos! insondavel!, terrivel!,
 Seguiu logo a da terra; a da terra; a fallivel;
 A que esgrime sem vér; a que pregou na cruz

Ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus ;
 A que de povo a povo, a que de idade a idade,
 Faz o crime virtude ; a honra iniquidade ;
 A que usa n'um só dia, e no mesmo lugar,
 De si para si mesma appellar, aggravar,
 Desdizer-se ; e nem sempre, onde se cré mais firme,
 De justiça (talvez !) seu nome um Deus confirme.

.....
 Doze annos ! ; preso ! ; mudo ! ; oppresso ! ; envilecido ! ;
 Descoroadado das cãs ! ; infame no vestido ! ;
 Um numero por nome ! ; o trabalho sem fim ! ;
 E impossivel a esp'rança ! : (olhos de seraphim,
 Perdoai, se vos baixo a este horror profundo !).
 Doze annos n'um jazigo ; extinto e moribundo !
 Viuvo de mulher que traz por elle o dó !
 Pai de filhos sem pai ! com familia, e tão só !
 (Olhos de seraphim ! banhai-m'o em vosso pranto !)
 Doze annos ? e a velhice acaso espera tanto ?
 Doze annos ? ! mas ignora a justiça mortal
 Que um só dia em tal dôr... por mil seculos val ?
 Doze annos ? ! vezes doze os longos soes do estio,
 Sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio !
 Vezes doze o outono, a abundancia, o prazer,
 Das arvores que poz, sem elle o fructo vér !
 Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
 Tão sociaes 'té'gora... agora tão saudosas !
 Doze vezes emfim, primavera a sorrir
 A toda a natureza... e sem deixar cahir...
 A descuido sequer !, na sua sepultura,
 Uma florinha ; um sol ; um pio ; uma verdura !
 Doze annos ? ! mas sabeis o que doze annos são,
 No fundo de um abysmo, onde até a oração
 Se enregela talvez ? !

.....
 Pedi-vos um perdão, Senhora ; outro podia
 Não menos supplicar da insolita ousadia.
 Em vós, deslumbram : prole ! esposo ! irmãos ! avós !...
 Mas de tanto esplendor desassombraes-me vós :
 Dentro na Magestade, a mulher-mãe contemplo !
 Trouxe ao paço a oração, como a levára ao Templo.

NOTAS

¹ Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 1.º, pag. 130-131, e tom. 8.º, pag. 132-138; REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL (Vej. DICC. BIBL. PORT., tom. 7.º, pag. 146-148), tom. 1.º, pag. 297, 353 e 453 — biographia por J. M. Latino Coelho; — e NOVO ALMANACH *Luso-Brasileiro*, para o anno de 1877 — pag. 3-23 — Esboço biographico-litterario por A. X. Rodrigues Cordeiro.

² COUSAS LEVES E PESADAS, pag. 165.

³ Repetição da phrase de Luciano Cordeiro no LIVRO DE CRITICA — *Arte e litteratura portugueza de hoje* — 1868-1869, pag. 182.

⁴ Cicero, *Tratado dos deveres*, liv. I, §. 10 — Vej. V. Collin, *LE LATIN POUR TOUS*, pag. 65.

Ha outra obra analogo, do padre Moigno, *LE LATIN POUR TOUS*.

É o n.º 5 das *Actualités scientifiques — Seconde série — L'enseignement de tous* — 1879.

⁵ Este mesmo escriptor (No mais acceso da acrimoniosa polemica com Alexandre da Conceição, a proposito da CORJA — *continuação de Eusebio Macario*, — C. Castello Branco, qualificou-o « um bom espirito que voeja por entre as nebulosas sideraes em busca da verdade intangivel » — Vej. BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, n.º 2, pag. 20, e n.º 4, 1881, pag. 65-66), estampou á frente do seu recentissimo opusculo *A ULTIMA REFORMA DA INSTRUÇÃO SECUNDARIA (Reflexões criticas)* — Porto, 1881, a dedicatória :

A — *Theophilo Braga* —

Na lucta sem treguas que uma parte da geração nova, sectaria do positivismo em sciencia e da democracia em politica, move ao conservantismo official e aos valios personagens que o representam, o nome do meu bom amigo é o de um mestre que a todos dirige com o seu conselho e com o seu exemplo.

Eis a razão por que, lavrando um protesto contra o miseravel estado actual do nosso ensino e contra uma lei (allude á de 14 de junho de 1880, ultima que reformou a instrucção secundaria em Portugal) que procura fazel-o desocer ainda mais, eu sinto a necessidade de offerecer-lhe o meu trabalho.

JULIO DE MATOS.

⁶ Do notavel philanthropo e educador João Henrique Pestalozzi, nascido em Zurich em 1746, trata o dr. Joaquim Teixeira de Macedo, nos artigos — *Pestalozzi e a educação humana* — insertos na REVISTA BRAZILEIRA, tom. 1.º, fasciculos de 1 e 15 de agosto de 1879, pag. 328-336 e 419-432.

⁷ De um artigo, escripto por Pinheiro Chagas, sob o titulo *Dr. Antonio Manoel da Cunha Bellem*, destacamos os seguintes periodos que honram o talento e o caracter do successor (com o pseudonymo *Christovam de Sá*) de J. Cesar Machado no *folhetim* da REVOLUÇÃO DE SETEMBRO:

«Jornalista, cuja esgrima se confunde ás vezes com a de Sampaio; orador abundante e espontaneo; autor dramatico, romancista, escriptor scientifico, abalisado clinico: o dr. Cunha Bellem tem conquistado todas as glorias, e tem illuminado o seu nome com todos os esplendores. Não me cega a amizade a ponto de desconhecer que o tem prejudicado a sua extraordinaria facilidade, e que romances, dramas e artigos lucrariam de certo com uma meditação mais acurada.

«Como homem de letras, como politico e como amigo, em todos pensa menos em si.

«A sua sciencia, a sua peuna, a sua alma, estão sempre á disposição do amigo que lh'as reclama.

«Nobre e generoso character, desinteressado sem affectações de catonismo, que ha de morrer pobre, tendo contribuido para enriquecer muita gente, e que se julga bem pago de todos os sacrificios com o aperto de mão de um amigo».

(CORREIO DA EUROPA — *Edição do Brasil*, n.º 16 — 2.º anno, Lisboa, 3 de agosto de 1881).

⁸ Estão publicados os tom. 1.º e 2.º: MEMORIAS DE CASTILHO por Julio de Castilho — Lisboa, 1881.

⁹ PAQUITA, por Bulhão Pato. Seis cantos. Com uma carta-prefacio de Alexandre Herculano. Lisboa, 1866.

¹⁰ Consultem-se a este respeito as MEMORIAS DE CASTILHO (tom. 2.º, pag. 130-132); e, de pag. 340-346, a *Chave do enigma* (parte complementar do vol. AMOR E MELANCOLIA ou *Novissima Heloisa*) — Nova edição correcta e acrescentada — Lisboa, 1861.

¹¹ Escreveu Theophilo Braga na HISTORIA DO ROMANTISMO EM PORTUGAL — 2.ª parte — pag. 488:

«Com a propaganda a favor do monumento a Boeage em Setubal em 1857, e com a anecdota philanthropica que se liga á *Epistola á Im-*

peratrix do Brasil, o nome de Castilho avocava a si a admiração dos NOVOS ».

¹² Antonio Diniz da Cruz e Silva (*Elpino Nonacriense*), ODES PINDARICAS — Ode XVII *A Vasco da Gama*, tom. II (Lisboa — 1817), pag. 4; PARNASO LUSITANO, tom. III, pag. 339.

A respeito de A. D. da Cruz e Silva convém lêr com relação ás odes pindaricas: DIOS. BIBL. PORT., tom. I, pag. 123-127; conego J. C. Fernandes Pinheiro — CURSO DE LITTERATURA NACIONAL, lição XXXI, pag. 311-315; Sotero dos Reis — 3.º vol., pag. 238; Theophilo Braga — MANUAL DA HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 429; C. Castello Branco — CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, pag. 187.

Da Ode *A Vasco da Gama* eis a antistrophe, na qual se lê o verso que motivou esta nota:

Por largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nillo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso;
Mas se na grã carreira ás ondas grato,
Tributo de caudaeos rios acelta,
Soberbo não rejelta
Pobre feudo de incognito regato.

¹³ Dos poemas OS CIUMES DO BARDO e A NOITE DO CASTELLO trataremos em outro artigo dos SUBSIDIOS LITTERARIOS.

¹⁴ O seu ultimo lavor litterario, « a traducção de D. *Quixote* ficou suspensa n'esta passagem do III vol., pag. 18, linha 10:

« Se quedó dormindo com muestras de grandissimo cansacio ». Assim se lê no vol. Sob os CYPRISTES, pag. 359. E Bulhão Pato acrescenta:

« É notavel! As ultimas palavras do fidalgo manchego, que o eminente poeta portuguez traduziu foram estas!... E ficou a dormir o bom somno da morte ».

A indicada traducção appareceu no livro O ENGENHOSO FIDALGO — *Dom Quixote de la Mancha* — por Miguel de Cervantes Saavedra — Traductores — Viscondes de Castilho e de Azevedo — com os desenhos de Gustavo Doré — gravados por H. Pisan — Porto — *Imprensa da Companhia Litteraria* — Campo dos Martyres da Patria — 182 — MDCCLXXVI. (Edição prefaciada por Pinheiro Chagas).

Na precitada edição (tom. 1.º, pag. 275) lê-se a nota:

« Termina aqui a traducção do *Ecc.º Sr. Visconde de Castilho* » referente ao periodo:

« Em fim, tanto fizeram, o barbeiro Cardenio, e o Cura, que, a

poder de trabalho, deram com D. Quixote na cama, ficando a dormir com mostras de grandissimo cansaço ».

Do *D. Quixote*, « livro immortal, que é para os hespanhoes o que para nós são os *Lusiadas*, as *Tragedias* de Shakespeare para os inglezes, a *Divina Comedia* para os italianos, e a *Biblia* para o mundo christão e hebraico » (Pinheiro Chagas — *MINISTROS, PADRES E REIS* — pag. 30), foi posteriormente (1879) publicada outra estimavel traducção pelo visconde de Benalcanfor, auxiliado, para mais facil interpretação do texto, por D. Luiz Breton y Vedra.

Por occasião do apparecimento dos primeiros fasciculos da traducção, pelos viscondes de Castilho e de Azevedo, escreveu Reinaldo Carlos Montóro, em data de 31 de agosto de 1876, uma erudita apreciação publicada em *Folhetim da Gazeta de Noticias* sob o titulo *Cervantes e Castilho*.

Da apreciação, a que alludimos, escripta por R. C. Montóro, reproduzimos os seguintes periodos: « Nas bellas paginas, sentidas, rendilhadas em floresios desconhecidos de linguagem, ácerca do duque de Bragança; nos *Quadros Historicos*, que evocavam, perante a memoria popular, os vultos heroicos das legendas primitivas da nacionalidade, tirando á narrativa historica a aspereza dos nossos autores especiaes; na lucta incessante pela instrucção, pela propaganda de conhecimentos uteis, ora no *Panorama*, ora na *Revista Universal*, e em tantas outras publicações periodicas, — Antonio Feliciano de Castilho, aproveitando o copioso saber seu e de sua familia, que fôra uma academia dos mais variadissimos talentos, — aproveitando o fundo conhecimento do latim e dos nossos classicos mais ricos e amenos, adelgaçou a lingua patria para as mais difficeis applicações, lançou-a nos moldes da vida moderna, e deu-lhe tal flexibilidade e fluidez, que, ainda hoje, só germanistas adversos á melodia podem deixar de admirar-o como mestre.

« Ao passo que modelava a prosa para a nova arte, despertava o entusiasmo pela poesia, que adormecera ao acalantar monotono e invariavel das velhas celebridades da academia. As *Cartas de Echo e Narciso* fizeram vibrar os corações de uma geração destinada ás luctas e paixões; a *Primavera* restituiu-nos a admiração pelas margens floridas de nossos rios, pelo brilho do céu, pelo susurro harmonioso dos bosques, — deu-nos de novo a intelligencia da natureza, — e quando os *Ciúmes do Bardo* irromperam do coração ulcerado, quando aquelle canto inspirado veio reatar o fogo do amor livre e natural, de ambas as margens do oceano, em que se falla a lingua portugueza, milhares de vozes repetiram os periodos, milhares de applausos alçaram á gloria o mais popular dos poetas da época.

« Era então o nome de Castilho um culto pela gloria patria; associava-se o seu nome a Herculano e *Garrett*, como em periodo identico á nacionalidade allemã, ao despertar da imitação franceza de 1750,

*

saudára o nome de Goethe, associado aos de Schiller, *Wieland* e *Klopstock*. Para as cabeças embranquecidas, que guardam esse culto da primeira mocidade, os ataques á memoria de Castilho são profanações, tanto mais injustificaveis, que não offerecem a compensação de meritos litterarios que a iguaem ou excedam ».

XXX

MAGRO, DE OLHOS AZUES, CARÃO MORENO

No x cap. da *Noticia da vida e obras de Bocage* (LIVRARIA CLASSICA, tom. II, pag. 162 e 163), *Noticia* que Camillo Castello Branco no CURSO DE LITTERATURA, pag. 359, qualifica de — opulentissima —, escreve J. Feliciano de Castilho sob a rubrica e a sub-rubrica — *Bocage considerado physicamente — Retrato do poeta por elle mesmo* :

« Como, se desconfiasse da pericia dos pintores, teve cuidado o proprio poeta de nos deixar o seu fidelissimo transumpto, pela propria mão debuxado com estranha firmeza de linhas e felicidade na semelhança; eil-o :

Magro; de olhos azues; carão moreno;
Bem servido de pés; meão na altura;
Triste de facha; o mesmo de figura;
Nariz alto no meio e não pequeno;

Incapaz de existir n'um só terreno;
Mais propenso ao furor do que á ternura;
Bebendo em niveas mãos, por taça escura,
De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades...
 (Digo de moças mil) n'um só momento;
 Inimigo de hypocritas e frades ¹:

Eis Bocage, em quem luz algum talento.
 Sahiram d'elle mesmo estas verdades
 N'um dia em que se achou mais pachorento.

.....
 « A, hoje finada, amavel e espirituosa poetisa snr.^a D. Anna Marecos que presenciou muitas vezes os improvisos de Bocage, nos recitou este soneto (inedito), que estando n'uma sociedade em Santarem, ella lhe viu fulminar :

De ceruleo gabão, não bem coberto,
 Passeia em Santarem chuchado moço
 Mantido ás vezes de succinto almoço,
 De cea casual, jantar incerto.

Dos esburgados peitos quasi aberto
 Versos impinge por miudo e grosso
 E do que, em phrase vil, chamam *caroço*
 Se o quer, é *vox clamantis in deserto*.

Pede ás moças ternura... e dão-lhe motes!
 Que, tendo um coração como estalage,
 Vão n'elle accommodando a mil peixotes.

Sabes, leitor, quem soffre tanto ultrage,
 Cercado de um tropel de franchinotes?
 É o autor do soneto: é o Bocage ².

« Diziam todos os que foram seus intimos, que raro des-
 pontava sorriso na macilenta face do poeta; só os olhos azues,
 vivos e grandes, relampejavam intelligencia; eram elles por
 si sós a admiravel expressão de todo o rosto, suave e ener-
 gica expressão, que para logo sabia alliciar-lhe os animos.
 Os cabellos, longos e soltos, andavam sempre desgrenha-
 dos, e as mãos sempre a augmentar-lhes a desordem. Bo-
 cage caminhava curvo e inclinado com apparencia e porte

de rachitico. Pendia-lhe o tronco ao mover-se, como se as extremidades inferiores lhe não pudessem com o peso do corpo ».

José Antonio Frederico da Silva, «um poeta popular no Brazil», como diz o *DICC. BIBL. PORT.*, tom. iv, pag. 239, é o autor das *LEMBRANÇAS do José Antonio* (prosa e verso), Rio de Janeiro, 1857. Depara-se á frente do volume a

ENTRADA

Quem sou, e d'onde sou

SONETO

Quereis o meu retrato? Eil-o perfeito :
 Não sou feio, de rosto amorenado,
 Cabello preto, sempre penteado,
 Bigode e pera; o corpo sem defeito.

Nasci, e me creei mui satisfeito
 Em humilde casebre situado
 N'esse bairro da Lapa decantado,
 Que ás *Arceias de Hespanha* tem direito.

Gósto de moças, brinco com crianças;
 Sou alegre, de genio prazenteiro,
 Sem comtudo gostar de *contradanças*.

Ando sempre com falta de dinheiro,
 E de tel-o jámais nutro esperanças!...
 O meu nome é — José —, sou brasileiro.

A musa singela e faceta de José Antonio tinha, entretanto, *relações* de sentimento e até certa unção religiosa, como na *Prece — dirigida a N. S. da Gloria — Minha protectora e mãe —* — por occasião da invasão da *cholera-morbus* ³ — no Rio de Janeiro.

O leitor vai certificar-se pela seguinte transcripção:

Amparai-me tambem, Rainha excelsa ;
 Condoei-vos de mim, eu vos supplico ;
 Porém se hei commettido graves faltas,
 Qué a minha consciencia não me accusa,
 E mereço por isso algum castigo ;
 Eu vos peço perdão, minha Madrinha,
 Perdão p'ra o afilhado arrependido.
 E se as culpas são taes que eu não mereça
 A vossa compaixão, o vosso indulto,
 Castigai-me sómente ; mas, Senhora,
 Não soffra quem no mundo é innocente.

Santa Virgem do céu ! Vós que sois Mãi,
 Que lédes sem errar, nos corações
 Dos ternos filhos.....
 Ouvi a prece, que vos faço afflicto :
 « Protegei minha mãe !... Ah ! nem de leve
 Lhe toque tão fatal calamidade...

 Santa Virgem do céu ! livrai a terra
 De um flagello peor que a propria guerra ».

Quasi de todo desajudado de cultura, o talento espontaneo e facil de José Antonio transparecia na sua prosa desalinhada e chã, mas correntia. Veja-se, por exemplo, o final da *Conversa* impressa á frente do volume das LEMBRANÇAS, editado por um dos melhores amigos do popular poeta fluminense, por um homem cujo coração esteve sempre aberto a generosos sentimentos, o fallecido F. de Paula Brito ⁴, redactor da *Mulher do Simplicio* e da *Marmota*:

«... Tambem se virmos as folhas das nossas produções nos balcões das tabernas, servindo de papel de embrulho e borradas de manteiga, não iremos pedir satisfações aos taberneiros: n'este caso praticaremos o mesmo que fez o *Pintor Jardins*, hoje fallecido, quando lhe borraram a pintura da tableta que tinha á porta de sua casa; calou-se e escreveu por baixo, deixando-a ficar no mesmo estado: — *Assim o quierem, assim o tenham* ».

José Antonio Frederico da Silva, é justo dizer em honra á sua memoria, nascido na obscuridade, engeitado da fortuna, chegou por seus proprios esforços e com reputação illibada ao lugar, em que veio a fallecer, de secretario da directoria do Arsenal de Guerra da Côrte.

Foram escriptas estas linhas a proposito do *retrato* de José Antonio. Revertendo, pois, ao assumpto inicial apontaremos no IRIS CLASSICO (ed. de 1859) por J. F. de Castilho os retratos ⁶, d'el-rei D. Duarte de Portugal por Duarte Nunes de Leão; de Annibal por Frei Bernardo de Brito, e de Antonio Vieira por André de Barros (pag. 34, 58 e 133): e sem fallar no *Retrato de Venus* por Almeida Garrett, os de S. Athanasio pelo padre Manoel Bernardes, NOVA FLORESTA, tom. II, pag. 243; do padre Diogo Secco pelo P. Balthazar Telles — HISTORIA DA ETHIOPICA a Alta ou *Preste Joam*, cap. 35, pag. 394; de D. Pedro d'Almeida Lencastre por D. José Barbosa — *Elogio*, pag. 29 e de D. João IV por L. A. Rebello da Silva — HISTORIA DE PORTUGAL, tom. IV, pag. 84; e de Maciel Monteiro (Antonio Peregrino), REVISTA BRAZILEIRA, tom. VIII (1 de junho de 1881), pag. 411-415 — artigo sob o titulo *O Idyllio do 5.º acto do Hernani de Victor Hugo* — traducção pelo dr. Ernesto d'Aquino Fonseca e o do visconde do Rio Branco no estudo criticó sobre OS CANTOS DO EQUADOR pelo dr. Mello Moraes Filho (REVISTA BRAZILEIRA, tom. VIII (15 de maio de 1881), pag. 314, por Eunapio Deiró, concluiremos apresentando de novo á luz da publicidade o retrato de um *personagem* que havia cahido no limbo do esquecimento, d'onde o arrancou o anjo bom da poesia evocado pela vara magica do talento de Machado de Assis. Esse personagem, o *Prologo*, eil-o, rejuvenescido e taful, saudando o publico e annunciando que

..... Vão entrar
Da mundana comedia os divinos actores.
.....
A peça tem por nome os DEUSES DE CASACA.

É tempo de ceder a palavra ao

PROLOGO

Querem saber quem sou ? O Prologo. Mudado
 Venho hoje do que fui. Não appareço ornado
 Do antigo borzeguim, nem da chlamyde antiga.
 Não sou feio. Qualquer deitar-me-hia uma figa.
 Nem velho. Do auditorio alguma illustre dama,
 Valsista consummada, augmentaria a fama,
 Se commigo fizesse as voltas de uma valsa.
 Sou o prologo novo. O meu pé já não calça
 O antigo borzeguim, mas tem obra mais fina :
 Da casa do Campos arqueia uma botina.
 Não me pende da espádoa a chlamyde severa,
 Mas o flexivel corpo, accommodado á era,
 Enverga uma casaca, obra do Baunier.
 Um relógio, um grillhão, luvas e *pince-nez*
 Completam o meu trage.

Gentil prologo e gentilissimo espirito o do cantor dos DEU-
 SES DE CASACA !

NOTAS

¹ Lê-se a pag. 163 esta observação: Por temor da censura imprimiu-se'o 11.º verso: *El sómente no altar amando os frades.*

² Bocage no breve tempo que no anno 1876 se demorou na cidade do Rio de Janeiro, *pousou na rua das Violas, no quartelão que fica entre esta rua e a de S. Joaquim, no lugar denominado Ilha seca* (cap. III da citada *Noticia*, pag. 43).

³ No artigo relativo ao dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa (DICC. BIBL. PORT., tom. I, pag. 5) lê-se: « Publicou: *Apointamentos sobre a cholera-morbus epidemica na sua invasão em Portugal, pelo fallecido doutor Emygdio Manoel Victorio da Costa, coordenados por seu fi-*

lho... com um proemio em que se trata amplamente o genero d'esta palavra. — Rio de Janeiro, 1855 — 8.º gr. de xxviii-127 pag.

« No referido proemio expõe o seu autor, e sustenta com razões de congruencia apoiadas em boas autoridades, que o vocabulo *cholera-morbus* é do genero feminino, reprovando a opinião dos que, á imitação dos francezes, tem pretendido fazel-o masculino ».

A 17 de maio de 1881, terceiro anniversario do fallecimento do fundador e director do *Collegio Victorio*, foi publicado e distribuido gratuitamente um *ALBUM LITTERARIO consagrado á memoria do consetheiro Victorio da Costa*.

D'essa publicação damos em seguida alguns excerptos :

Victorio da Costa descansou antes de cansar ; morreu no posto de hora que nunca desertou e em cuja defesa nunca esmoreceu. Seu nome será lembrado. Igual a si mesmo em toda a sua longa vida de mestre, este bonissimo homem teve a mais nitida intuição dos deveres do seu apostolado. Sua alma, transfundindo-se na dos seus numerosos discipulos, vive entre os vivos. Extincto o fôco a luz ainda continúa a sua projecção.

GUMÃO LOBO.

De Emilio de Girardin acabam de dizer que morreu combatendo, porque na imprensa franceza foi sempre um campeão da liberdade.

É o que se póde dizer de todo o cidadão que morre trabalhando, porque todo o trabalho vale um combate, quando se não resume á simples lucta pela vida, ás satisfações corporaes ou egoistas ; mas é animado de uma idéa generosa, civilisadora, patriótica ou humanitária.

Quando este operario cahe fulminado pela morte, deixa de si uma memoria saudosa, inextinguivel.

Assim acontece com o dr. Victorio da Costa, o grande educador da mocidade.

JACINTO SIMÕES.

A memoria^o de Victorio da Costa

Liberal e christão, foi para a infancia
Educador e pai : a juventude
N'elle encontrou um gulo esclarecido
De sciencia e virtude.

Derramando a instrucção e dando exemplos
De honrado cidadão, de homem de bem,
Foi mestre duas vezes, — de sciencia
E de vida tambem !

F. OCTAVIANO.

De Pestalossi a laurea immarcescivel
Oinge-te a fronte austera e pensativa ;
D'esse immortal apostolo do ensino
Em ti se encarna a gloria rediviva.

Da luz que diffundiste,
E o mundo inda illumina,
Formou-te Deus no Empyreo
Aureola divina.

CONSELHEIRO CARDOZO DE MENEZES.

O mestre

HOMENAGEM À MEMORIA DO CONSELHEIRO VICTORIO DA COSTA

Vem o guerreiro e diz: A minha espada invicta
Amparo é da justiça, assombro do oppressor...
Chega o artista e lembra: À tela e ao frio marmor
Dou vida e animação que enleva o pensador.

E o lavrador exclama: Eu planto e orio as frondes
Que aos homens dão a sombra e os doces fructos seus...
Pescador do Evangelho, acode o sacerdote,
Estendo a minha rede e peço almas p'ra Deus !

Mas sem laureas do genio, aureola de santos,
Sem gloria militar e sem paz campestre
Alguem ha que semeia e esculpe nos espiritos,
Lucta como o soldado, e como o padre ensina.

É o mestre, o educador, operario modesto
Na penumbra occultado e a trabalhar a luz...

Bem dita a gratidão que lembra o mestre morto
E a campa lhe pranteia, e assim lhe enflora a cruz !

CARLOS DE LAET.

O conselheiro Victorio da Costa

Na cruzada de luz, que a Idéa impoz ao Seculo,
 Foi um bravo soldado, um luctador tambem...
 Sim! foi mais do que um mestre: — um pai amigo e terno
 Aos filhos ensinando o Justo, o Nobre e o Bem.

Oh! invejavel gloria! Os torvos Bonapartes
 Tem por laureis sómente os ais e as maldições...
 Mas elle — o mestre — não! Passou da vida á morte,
 E o segue inda além-tum'lo um céro de ovações.

José DIAS DA ROCHA.

4 Vej. DICG. BIBL. PORT., tom. IX, pag. 353-354, e ANNO BIOGRAPHICO BRAZILHEIRO, 3.º vol., pag. 545-548, do qual como satisfação para aqui trasladamos os seguintes periodos:

« Em sua vida Francisco de Paula Brito escreveu entre outros periodicos *A mulher do Simplicio* e a *Marmota Fluminense*, dramas, scenas comicas e uma infinidade de versos que encheriam alguns volumes: traduziu dramas do francez para o insigne João Caetano dos Santos, compos *livros de sortes* para as noites de Santo Antonio e de S. João: escreveu muito, e demasiadamente. Depois de sua morte foi publicado um livro sob o titulo de *POESIAS DE FRANCISCO DE PAULA BRITO*, no qual se lê sua biographia escripta pelo distincto snr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, já vantajosamente conhecido por outras obras de merecimento ».

« Francisco de Paula Brito foi um dos homens que mais contribuiu para o desenvolvimento aperfeiçoado da arte typographica no Rio de Janeiro ».

« Como editor soube animar a juventude talentosa e por vezes com prejuizo proprio publicou as primicias de intelligencias que ensaiavam seus vãos.

« Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa Bruno Seabra, poetas de reconhecido merecimento, e ainda outros, viveram durante annos em lucta com a pobreza e com a adversa fortuna, e n'esses tempos tormentosos para elles, Paula Brito os amparou e protegeu.

« Elle tinha por amigos todos os litteratos brasileiros ».

5 O RETRATO DE VENUS. *Poema*. Coimbra, na Imprensa da Universidade. 1821. 8.º de 156 pag. e uma advertencia final. «... Este pequeno poema didactico, e o pequeno *Ensaio sobre a historia da pintura*

ra foram, segundo diz o autor, escriptos por elle quando contava 17 annos de idade... » Manifestaram-se « criticas e accusações contra a obra, considerada já pela parte litteraria, já pelo lado da moralidade. O autor satisfez a estas criticas com uma especie de justificação por elle assignada, e inserta no *Portuguez constitucional regenerado*, supplemento ao n.º 85 de 13 de feveireiro de 1822, no qual tratou de arredar de si as accusações de impiedade e de immoralidade que lhe assacaram. O livro foi contudo accusado perante o jury de liberdade de imprensa, porém ficou absolvido, resultando para o autor um triumpho completo. — Contudo, effectuada que foi a contra-revolução de 1828, o cardinal-patriarcha D. Carlos da Cunha apenas regressou a Portugal publicou uma pastoral, em que de mistura com outras obras prohibiu o *RETRATO DE VENUS* sob pena de excoommunhão maior ». *DICC. BIBL. PORTUGUEZ*, tom. III, pag. 314.

Dêmos em nota este retrato vigorosamente traçado :

Dom Bibas, em quem Alexandre Herculano encarna « essa entidade mysteriosa da idade média, o truão, entidade, cuja significação social é hoje desprezível e impalpável, mas que então era um espelho que reflectia, cruelmente sincero, as feições hediondas da sociedade desordenada e incompleta dos principios do seculo XII », é pelo exímio escriptor assim descripto no duplo aspecto — physico e moral — (*Romance O sono*, pag. 28) : «... era um vulto de pouco mais de quatro pés de altura; feio como um judeu; barrigudo como um conego de Toledo; immundo como a consciencia do celebre arcebispo Gelmires, e insolente como um villão de behetria ».

XXXI

MAS, SILENCIO ! QUE OS ESCRAVOS
SÃO NOSSOS IRMÃOS TAMBEM !

Da guerra do Paraguay ¹, *Iliada* das armas brasileiras, destacaremos dous feitos para sempre memoraveis : um prelio de morte — uma victoria incruenta : *Riachuelo* — *Uruguayana*.

De Riachuelo ² escreveu a penna justamente estimada de Carlos de Laet (*Microcosmo* — *Chronica semanal* — *Folhetim* do JORNAL DO COMMERCIO de 3 de outubro de 1880):

« E mais alguns momentos e em desvantagem do pavilhão auriverde ter-se-hia decidido o porfioso combate cujo premio houvera de ser o predominio nas aguas do Paraná...

Mas de pé, sobre o passadiço do *Amazonas*, heroico, sereno, impassivel, estava o velho lobo de mar, commandando a manobra e ponderando as difficuldades da victoria...

Uma por uma tinham-lhe escapado ás previsões as probabilidades do bom exito, mas elle não desacoraçoára : só quando lhe fugiu a ultima, levantou ao céu os olhos, ainda então luminosos, e pediu uma inspiração...

E a inspiração veio, mas arriscada, homerica, insensata quasi e exigindo para realisar-se os arremessos e pujança de um titan...

Mas atormentado pela obsessão de gloria, transfigurára-se o velho lobo marinho e, na tremenda argumentação trovejada pelos canhões, elle então só distinguia um dilemma: ou o triumpho — uma longa esteira luminosa de Riachuelo a Assumpção — ou a morte, a morte para si e para seus bravos marinheiros sob as tumidas ondas do Paraná...

Então — feito inaudito nos annaes maritimos do mundo! — o heroico Barroso e com elle a sua fragata, porque n'aquelle instante chefe, tripolação e navio não eram mais do que um só corpo — chefe e navio precipitaram-se de encontro ao enfurecido adversario, e, como nas guerras do Tasso e do Ariosto, terminaram a pugna por um combate peito a peito... Não havia resistir ao formidavel embate... Barroso antecipára ao Brazil as glorias austriacas de Lissa, o navio de madeira fize-ra-se ariete, Riachuelo estava ganho!

De Uruguayana * tratará a nossa obscura penna nas seguintes linhas que seguramente justificarão esta exclamação: *Comment en un plomb si vil l'or pur s'est il changé* 4?

Se o seculo XIX antepõe os triumphos da intelligencia ás victorias da força, nem por isso deixa o valor marcial de assumir alta importancia quando a guerra não significa o embate de facções hostis, mas a lucta em pró de um elevado e generoso pensamento. E se o povo que peleja e morre pela patria, cumpre honroso dever, o que, defendendo o sólo patrio contra a invasão estrangeira, vai redimir do captiveiro aos que o ultrajaram obcecados da ignorancia, perfaz uma santa cruzada. Tal foi o nobre commettimento de que as armas brazileiras galhardamente se desempenharam na guerra do Paraguay.

Mas a par com a intrepidez durante o combate deveria n'essa porflada e temerosa lide revelar-se em toda a plenitude a clemencia após a victoria. Esta phase patenteou-se, inteira, na rendição de Uruguayana.

O imperador achava-se no seu posto de honra quando o inimigo, que até então se mostrara apercebido para a lucta, curvou-se, vencido, ante o pendão auriverde. E sua magestade, que não fôra, como Cesar ás Gallias ou Napoleão ao Egy-

pto, abrir com a ponta do gladio caminho a ambições pessoais, sua magestade foi interprete dos sentimentos nacionaes, abrigou o inimigo á sombra da bandeira brasileira. A victoria estava ganha e um triumpho incruento, uma victoria extrema de sangue, realçava o lustre da victoria! Então o imperador transpuz os muros de Uruguayana e ao vêr miseros paraguayos, semi-cadaveres, propellidos até alli pela cegueira do fanatismo, proferiu as palavras — « *Cuidemos d'estes infelizes* », que, ungidas pela compaixão, contrastam com o impiedoso *Væ victis* ⁶ do antigo triumphador! Reavivada a lembrança dos feitos para sempre memoraveis — *Riachuelo* e *Uruguayana*, vejamos, d'entre muitas das producções inspiradas pelas auras do patriotismo, algumas que irrecusavelmente demonstram ter-se achado por esse tempo em grande altura, no Sul, o officio da poesia heroica, da qual mal podia traduzir os masculos accents a musa, caracteristicamente lyrica, de Fagnundes Varella.

Não seria uma scintilla de vívido patriotismo a que illuminou as esplendidas estrophes da *Terribilis Dea* de Pedro Luiz ⁶?

Quando ella appareceu no escuro do horizonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão
Resplendente de sol — de sangue fumegante...
O raio illuminou a terra n'esse instante,
Frenetica e viril erguen-se uma nação!

.....

Ella estava tambem — espectro pavoroso —
Do Amazonas a bordo, ao lado de Barroso,
De polvora cercada, em pé sobre o convés...
Quando á voz do valente o monstro foi bufando,
Calados os canhões... navios esmagando,
A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés!...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha!
Que vôas no vapor, que ruges na metralha!
Que cantas do combate aos infernaes clarões!
Quando arrancas do bronze os canticos malditos,

O céo é fogo e aço, o ar — pólvora e gritos...
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões...

Salve, tu, que nos déste o sonho da vingança!
O gladio da justiça, o raio da esperança!...
E da gloria cruenta o magico esplendor!
.....

Não foi a repercussão do patriotismo exaltado pela victoria e do affecto truncado pela morte que nos revelou esse talento que, no firmamento das patrias lettras, appareceu, fulgiu e passou, brilhante e fugaz como um meteoro? Não foi essa a fonte de inspiração do poeta que, ao estrear-se, soube vasar o precioso metal de seus versos nos pesados, mas correctos moldes da litteratura classica? Não foi a morte de um bravo, no glorioso combate de Riachuelo, que accendeu o estro de José Candido de Lacerda Coutinho e o levou a escrever *Greenhalgh*, producção notavel em que no juvenil poeta dir-se-hia haverem encarnado correcção e magniloquia de homem de lettras emérito?

Senão ouçamol-o na *proposição do poemeto* :

Emquanto, nação livre e soberana,
o meu patrio Brazil guardar seus fóros;
em quanto o vasto imperio do Cruzeiro
entre as fortes nações se erguer invicto:
ha de o brazileo peito entumescer-se
de nobre orgulho e vivo entusiasmo,
oh Riachuelo! ao proferir teu nome.
Sim! por longo decurso das idades,
das margens do Uruguay ás do Amazonas,
ha de o grave ancião no lar quieto,
aos serões da familia presidindo,
com lenta voz e accento magestoso,
o feito relatar da patria gente;
e, em derredor, a prole interrompido
o solito labor, immovel, muda,
sustendo o respirar... o olhar acceso...
do verbo seu pendente e sequiosa...
e finda a narração... inda escutando!...

.....

Ouçamol-o tambem na *invocação* :

Bardos de genio ! em mão a tuba heroica
 por celebrar tal feito ; nem se atreve
 obscuro menestrel, que ensaia apenas
 inhabeis dedos no pulsar a lyra,
 em metro commetter tão alta empresa ;
 outro cante a jornada em que o direito
 levára de vencida astucia e força...
 mas tão rica de lances de bravura
 que inda ao proprio vencido coube gloria,
 pois tanto resistira a taes contrarios !

Ouçamol-o ainda em algumas passagens da *narração* :

Data faustosa ! memoravel data
 nos annaes patrios ! De quammanhos feitos,
 que farão esquecer novos e antigos,
 testemunha não foste, oh Pamahyba !
 n'esse dia fatal a tantos bravos
 por quem véla a nação de crepe os louros !

Passa o poeta a descrever a abordagem da *Pamahyba* :

.....

O intrepido Maia, que oppuzera,
 como trincheira, o peito ao inimigo,
 só perecendo o ádito franquêa !
 Não longe d'elle, Dias — o valente —
 contra quatro adversarios lucha impavido !
 E, confirmando a fama conquistada
 de Payssandú nos derrocados muros,
 vende bem caro a preciosa vida :
 derriba o que mais proximo o accommette
 e com outro aferrado o mata e morre ? !

.....

Guarda fiel do symbolo sagrado,
 o bravo Affonso cae ! e mais não se ergue !
 Cahiu !... feito é de nós !... triumpho o barbaro !
 Perdido é tudo !... Oh ! não — que inda nos resta
 quem sustenha a vergonha já pendente !...

*

Apparece então Greenhalgh : o poeta nol-o apresenta « martyr resoluto e convencido da grandeza e valor do sacrificio », e ao vél-o já cadaver por mãos cruentas mutilado, sauda-o :

Honra ao bravo que, em face á morte certa,
soube illesos manter da patria os brios !
Honra ao bravo, que deu pugnando a vida
por não gozal-a a preço da deshonra !
Que importa que, no instante do triumpho,
por vil, traidora mão vibrado golpe
prostrasse o vencedor junto ao vencido,
se elle proprio te ergueu á immensa gloria,
e tão alto que, em benções fervorosas,
a patria que te é grata póde a custo
alcançar-te na esphera sublimada !

.....

Ouçamos finalmente o poeta nas palavras com que última
o poemeto :

Silencio, coração ! de ignaro e fraco
seria o feminil, esteril pranto
por quem morreu do bravo a morte honrosa.
Não te lamento ; não, victima augusta !
que de tão forte peito indignas foram
lagrimas de que eu proprio me correra !
Lamento só meu fado miserando
que me não deixa a lyra desditosa
desprezar pelo ferro do exterminio...
Mas se foi recusada ao bardo amigo
empunhar, hoje, espada vingadora,
porei todo o vigor na voz que, embalde,
por celebrar-te a gloria, se afadiga,
e, n'um só brado, unisono, tremendo
como o som da trombeta assoladora
de Josaphat no dia temeroso,
vasando todo o fel, toda a amargura
que no peito ulcerado me referve,
sem cessar clamarei : — Vingança e morte !
Morte cruel ao barbaro inimigo ! —
E os echos d'este solo agigantado,

pelas serras e plainos reboando,
 — do sul ao norte — do Oceano aos Andes —
 a troar bradarão : vingança e morte ⁸!

Até aqui Riachuelo ; agora Uruguayana, cuja rendição foi dignamente celebrada pelo cantor das REVELAÇÕES, Augusto Emilio Zaluar, poemeto em quatro cantos de que passamos a offerecer ao leitor os seguintes versos :

Do canto I — *O cerco* :

.....

No redil da tyrannia,
 Onde acampa a grey servil,
 Estranha soberania
 Exerce o silencio vil!
 Não é o silencio altivo
 D'esse gesto imperativo,
 Com que ameaça o leão ;
 É o silencio abafado
 Do escravo condemnado
 Aos ferros da escravidão !

Nas desoladas fronteiras
 Da villa submersa em dó,
 Junto das negras trincheiras
 Cruza o sentinella só ;
 Em torno a si, no antro escuro
 D'aquelle funesto muro,
 D'aquelle abysmo fatal,
 Aos grupos torvos e varios
 Estende a fome os sudarios,
 Tortura a dôr infernal !

.....

Pobres servos ! em manadas
 Conduzidos de tropel
 Foram rezes designadas
 Ao sacrificio cruel :
 Os sicarios do tyranno
 O instincto soberano
 Das raças livres não tem :

São mercenários, ignavos...
 Mas, silencio! que os escravos
 São nossos irmãos também!

Do canto II — *Os Aliados* :

.....

Ao passo, que no cerco, semi-vivos,
 Os barbaros arquejam n'agonia,
 Sem poder arrancar, tristes captivos,
 As algemas servis da tyrannia;
 Aqui respiram corações altivos!
 Aqui se ostenta deslumbrante o dia!
 Aqui os livres, em geral transporte,
 A vida exaltam, provocando a morte!

De seu valor na firme segurança
 E da justiça a causa defendendo,
 Sentem o fogo ardente da vingança
 Em borbotões, no sangue refervendo,
 Ao recordar-lhe — que fatal lembrança!
 O caso atroz — descommunal — tremendo
 Em que o vil invasor, erguendo o collo,
 Ousou manchar o brasileiro sólo!

.....

Dos montes atrevidos, das quebradas
 E do tópe das vastas serranias,
 Das inhospitas brenhas afastadas,
 Dos profundos sertões, das penhas frias,
 Das arvores, do chão, das ignoradas
 Florestas mais intensas e sombrias;
 Por toda a parte d'esta offensa ao brado
 Em cada cidadão surge um soldado!

.....

Do canto III — *A Victoria* :

.....

A pugna era ao começo infrene, vil, grosseira ;
 Fél-a o genio do mal, trato, galé, fogueira ;
 Ardendo ao vento solto a terra devastou !
 Na Grecia um culto á arte, em Roma era a conquista !
 Napoleão surgiu — a humanidade avista,
 O bronze fez-se idéa e o mundo transformou !

É hoje entre as nações principio santo e justo,
 Direito soberano a proclamar augusto
 Em nome do progresso, em prol do amor christão ;
 Aos brios desaffronta, um freio á violencia,
 Castigo á iniquidade, aos fracos a clemencia,
 E depois da victoria o esplendido pendão !

Para terminar transcreveremos do canto iv, que é a saudação *Ao Imperador*, os seguintes versos dactylicos :

Senhor! do imperio inelyto,
 Vós sustentaes potente,
 Na dextra a espada fulgida !
 Na frente a idéa ingente !

.....

De vosso pai a auréola,
 Em fulgurantes zonas,
 Inda illumina os ambitos
 Do Tejo ao Amazonas !

.....

Nimio longo vai este artigo e de abundante se nos afigura a prova de que não foi sómente a musa do Norte que vibrou dos alvoroços patrióticos no decurso da guerra do Paraguay. Para que, pois, citar outras producções de valor, nomeadamente o RIACHUELO, poema epico em cinco cantos por Luiz José Pereira da Silva (Rio de Janeiro, 1868)?⁹

Basta, se não sobeja, o que deixamos expellido sem o designio de regatear os louvores a que tem direito o dr. Franklin Tavora pelo seu excellente artigo inserto em o. n.º de 1 de setembro de 1880, da REVISTA BRAZILEIRA, e reimpresso á frente do DIARIO DE LAZARO, louvores que lhe toce com en-

tranhavel satisfação quem se preza de saber que « não cabe ao discípulo julgar o mestre » ¹⁰.

NOTAS

¹ Vej. GUERRA DO PARAGUAY pelo primeiro tenente E. C. Jourdan — membro da comissão de engenheiros do exército (Acompanha o atlas contendo 16 plantas topographicas e geographicas relativas ás operações da guerra) — Rio de Janeiro, 1871.

² D'este feito d'armas, que tanto honrou a marinha nacional, faz distincta menção, a pag. 168, O BRAZIL NA EXPOSIÇÃO DE 1876 EM PHILADELPHIA; importante publicação official que teve por collaboradores pessoas altamente collocadas na jerarchia do poder e na jerarchia do saber. Ahi se lê: « A batalha de Riachuelo, que em estudo comparativo demonstra superioridade sobre a de Lissa, e muitos outros feitos da esquadra do Paraguay, testemunham de sobra a pericia militar e o heroismo da marinha brasileira ».

³ Do folheto, rarissimo hoje, publicado pelo visconde do Rio Branco, em outubro de 1865, A CONVENÇÃO DE 20 DE FEVEREIRO *explicada á luz dos debates do senado e dos successos de Uruguayana* foram as paginas que especialmente se referem á rendição d'esta villa reimpressas no *Appendice* ao 1.º vol., pag. 153-167, da obra *A GUERRA DA TRIPLOI ALLIANÇA* por L. Schneider, tradusida por Manoel Thomas Alves Nogueira e annotada por J. M. da Silva Paranhos (1875-1876).

A reimpressão acima indicada do folheto do illustre estadista brasileiro termina assim:

« Não; os apaixonados censores da convenção de paz de 20 de fevereiro devem hoje cantar a palinodia, á vista de tudo quanto a lealdade do tempo revelou desde Montevideu até aos recentes successos da Uruguayana. Se o não fizerem, se persistirem nas suas anteriores apreciações, sem que ao mesmo tempo condemnem, senão o convenio final, pelo menos o de 2 de setembro, que felizmente mallogrou-se, então a sua falta tornar-se-ha muito mais grave; cahirão nas penas dos peccadores que, segundo S. Matheus — « coam um mosquito, e engolem um camelo » — *excolantes culicem, camelum autem glutientes*.

« E esta sentença biblica, creiam os desabusados, ha de passar, porque ante a justiça de Deus curvam-se todos, reis e subditos, grandes e pequenos, soberbos e humildes ».

Um escriptor de provado talento, o dr. F. L. de Gusmão Lobo, referindo-se á *Convenção de 20 de fevereiro*, escreveu na edição *extraordinaria* do CORREIO DA TARDE em — *Homenagem ao preclarissimo estadista, ao grande cidadão, ao bemfeitor da humanidade* — VISCONDE DO RIO BRANCO; edição profusa e gratuitamente distribuida :

« Sem desvaliar muitas outras, são dignas de ser consultadas as seguintes como importantes documentos para a historia d'esse periodo: os magistraes commentarios sobre o convenio, assignados por *Epaminondas* *, insigne litterato, cultivadissimo engenho e notavel escriptor; um primoroso opusculo de Sousa Ferreira, habil e elegantemente escripto; e outro, de José Maria da Silva Paranhos, que é porventura o que ainda sahio mais ornado, polido e vigoroso da sua fuente penna ».

Com satisfação completamos esta nota transcrevendo as seguintes linhas:

« *Guerra da triplice Alliança*. — Consta-nos que o ministerio dos negocios da guerra, louvando o snr. dr. José Maria da Silva Paranhos pelo relevante serviço que prestou com a annotação dos dous primeiros volumes da *Historia da guerra da triplice Alliança*, escripta em allemão por L. Schneider, autorisou a impressão dos dous ultimos volumes da mesma obra. Apesar de ser ella a mais completa e imparcial que ainda se escreveu ácerca da guerra do Paraguay, incorrera o autor em inexactidões, sem duvida involuntarias. O snr. dr. Silva Paranhos, vendo com aturada attenção todos os documentos officiaes relativos á guerra, inquirindo com verdadeiro espirito investigador tudo quanto ha publicado sobre esse memoravel acontecimento da historia do nosso continente, expunziu de todas as inexactidões a consideravel obra, e enriquecendo-a de mappas, de cartas topographicas e de documentos, contribuiu para realçar o valor de muitos feitos, até agora incompletamente conhecidos e mal apreciados. A guerra do Paraguay espera ainda o seu historiador brasileiro; a chronica, porém, essa está feita, e conscienciosamente feita, graças ao livro do escriptor berlinense e do seu escrupuloso annotador ».

(*Gazetilha* do JORNAL DO COMMERCIO de 4 de maio de 1881).

⁴ Joad na *ATHALIE* de Racine; tragedia que é, na expressão de Voltaire, *le chef-d'œuvre de l'esprit humain*.

⁵ Tito Livio — Vej. Larousse — *FLURS LATINS* — pag. 465-466 e V. Collin — *Le latin pour tous*, pag. 70.

* *Epaminondas*: cryptonymo do conselheiro J. F. do Castilho.

⁶ Castro Alves nas *ESPUMAS FLUCTUANTES* publicou (2.^a edição — pag. 195-198) sob o titulo *Deusa incruenta* — *A imprensa* — *Ao Gremio litterario a Antithese á Terribilis Dea*.

A *Deusa incruenta* principia assim :

Quando ella se alteou das brumas da Allemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fasil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Dos cimos do Perú — ás grimpas do Indostão.

⁷ Outro verso onomatopico é este: Com secco arruido rompem-se os cordames — *Greenhalgh* — pag. 3.

⁸ *Greenhalgh*, por J. C. de Lacerda Coutinho — Rio de Janeiro, 1866 — Opusculo em 23 paginas.

⁹ L. J. Pereira da Silva é tambem autor do poema-romance *OLIHARCIA* (Rio de Janeiro, 1871).

Com o titulo *Riachuelo* houve outro poema que não chegou a vêr a luz publica, conforme se lê nas *Ephemerides nacionaes* — 12 de dezembro de 1877 — pelo illustrado dr. Teixeira de Mello :

«— Por fatal coincidência fallece tambem no mesmo dia, em Campos, d'onde era natural, o dr. José Pinto Ribeiro de Sampaio, illustrado medico, poeta de prodigiosa imaginação e orador de eloquencia arrebatadora.

Nascera em novembro de 1824.

Formára-se na escola de medicina da côrte no anno de 1846.

O dr. Sampaio publicou em tempo de estudante um livro de bellas poesias, que intitolou *Delirios poeticos*.

Deixou varios escriptos ineditos, quer em prosa, quer em verso, que serão provavelmente publicados.

Infelizmente, porém, em um momento de profundo desgosto pelos incommodos physicos e moraes que o acabrunhavam, entregou ás chammas a melhor de suas concepções — o seu poema denominado *Riachuelo*, no qual celebrava a gloria dos nossos bravos na sangrenta guerra do Paraguay». (*GAZETA DE NOTICIAS* — n.º 348 de 16 de dezembro de 1880).

Additemos a esta nota as seguintes linhas nas quaes José do Patrocinio descreve, com affecto filial, a bella e importante cidade, que se revê, garbosa, no espelho das aguas do Parahyba :

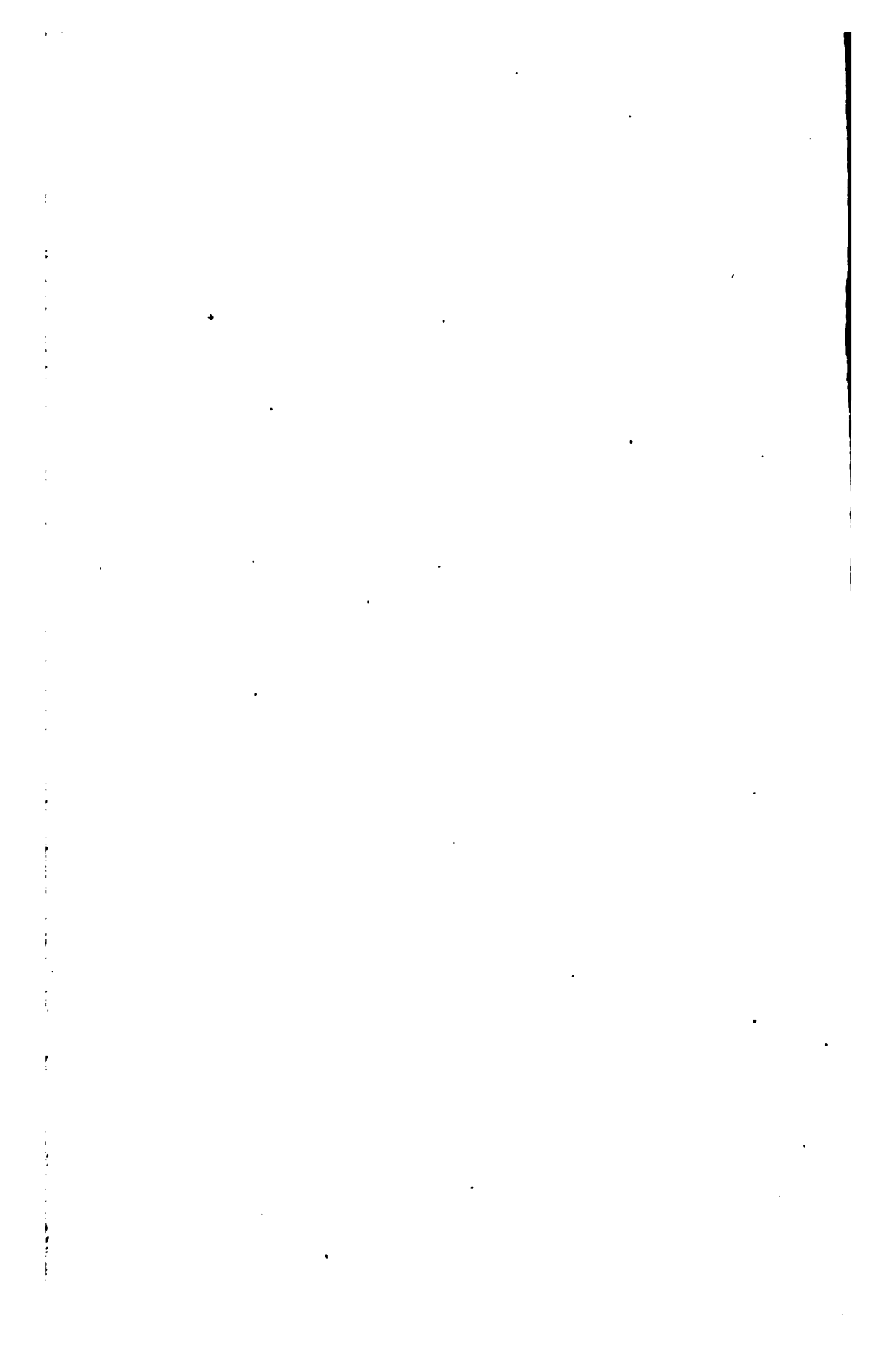
«A cidade de Campos, debruçada á beira do rio, encurvada como um arco selvagem, vendo ao longe n'um azul esfumagado a cordilheira dos Aymorés e tendo á retaguarda, como uma columna estaciona-

da para protegê-la, o colosso da Itaoca, magestoso, talhado como o frontispício da acropole; Campos é realmente um bello panorama.

A fertilidade do seu solo, a planura das suas varzeas, sempre vestidas de vegetação vigorosa e sã, cria-lhe paizagens sedutoras.

Estou a vê-las através das minhas saudades do rapido tempo da minha infancia, tempo em que o meu espirito era alegre como as revoadas de canarios e rolas, que enfeitam com um iris os seus pomares; em que passava indifferente pelo meio das agitações sociaes como as aguas do Parahyba por entre as suas margens desvirginadas pelo progresso». (Folhetim — *Semana politica* — por *Proudhomme* — GAZETA DE NOTICIAS de 8 de agosto de 1881).

¹⁰ José da Silva Mendes Leal — *Parecer* (pag. 254) appenso ao MEDICO Á FORÇA — na traducção de Castilho, Antonio.



MIMOSOS PÉS, CALÇAI ESTE SONETO

Seria este verso a chave de ouro, como preceituam os mestres, do soneto *A Borracheira* (Luiz Guimarães — LYRICA — SONETOS E RIMAS, pag. 69), se não fôra o *laço de fita* ¹ ideal do sapato, também ideal, talhado para um pé *leve, ideal, fantastico, secreto* . . .

A respeito, ou melhor a proposito de pés, objecto pequenissimo e delicadissimo, tratando-se de senhoras, e mórmente de senhoras brasileiras, enfeixou Franklin Tavora, em uma das *Notas bibliographicas*, enthesouradas nas paginas do mais valioso repositório litterario que hoje possuímos — a REVISTA BRAZILEIRA, doudas e graciosas indicações. Invocando nada menos do que a autoridade da Biblia e a de Homero, « duas grandes fontes — sagrada e profana — da civilização moderna »; detendo-se na apreciação do *Cantico dos Canticos*; estudando o culto do pé na Grecia, artista e sensualista; apontando nas *lyras* de Anacreonte e no *Rapto de Helena*, de Coluthus, poeta grego do seculo v da nossa era, testemunhos irrefragaveis d'esse culto, e fazendo especial menção do feitiço do pé da marqueza de Pompadour; para esse fim, reprodu-

zindo parte da versão « feita por uma penna, n'este genero de escriptos brilhante, que o sopro frio da morte acaba de quebrar — a penna de Aprigio Guimarães »; versão dada á estampa « na *Columna electrica*, que elle tinha a seu cargo, e tanto contribuiu para ganhar creditos o *Jornal do Recife*, quando era revista semanal de sciencias, letras e artes », passa o illustre critico a tratar do assumpto no terreno restricto da litteratura em Portugal e no Brazil.

Ouçamos Franklin Tavora (REVISTA BRAZILEIRA, 2.º anno, tom. VI — 1 de outubro de 1880, pag. 72-88):

« A litteratura portugueza tambem tem adoração para este feitiço da fôrma. D'entre outros, occorrem-me os versos de Fernando Caldeira reproduzidos no importante livro do snr. Camillo Castello Branco — o *Cancioneiro alegre*. Depois de os comparar a muito mimo delicado, dando toda a razão ás palavras d'este eminente escriptor « fazer de um composto de tarso, metatarso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dous pés reaes da dona do pé cantado », conclue o seu hymno:

Olha, a dizer-te a verdade,
Eu acho que é crueldade
Deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
Levo-te a ti n'um dos braços,
E elles ambos n'outra mão.

Não fica a dever á litteratura portugueza a brazileira. Raro será o romancista ou poeta dos nossos de mais fama que ainda não tenha testemunhado em prosa polida, ou em verso arredondado e esmaltado, o seu apreço por um d'esses pés femininos que se mostram de relance, fazendo negaças, provocante, subtil. J. de Alencar escreveu um livro, *A Pata da gazella*, onde um pé representa o primeiro papel. Todos sabem ou, ao menos, já leram uma vez na vida aquelles inimitaveis versos do snr. senador José Bonifacio que tem logrado

tão vasto curso no Brazil como o *Roi d'Ivetot* de Beranger em toda a França:

.....

« Não, não quero paineis de tal encanto,
Tenho gostos humildes,
Amo espreitar a negligente perna
Que mal se esconde nas rendadas saias
Ou vér subindo o patamar da escada,
Sem azas, a voar, um pé de fada!

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso,
Apertado a gemer n'um sapatinho :
Um pé de matar gente e pisar flôres,
Namorado da lua, e pai de amores.

Um pé como eu já vi subindo a escada
Da casa de um doutor,
De moçoila gentil, a erguida saia
Deixou-me vér a delicada perna...
Padres, não me negueis se estaes em calma :
Um coração no pé, na perna uma alma.

Um pé, como eu já vi, junto a ottomana
Em férvido festim,
Tremendo de valsar, envergonhado,
Sob a meia subtil, e a côr do pejo
Deixando fluctuar na meia azul,
Requebro, amor, feitiço... um pé taful³ ».

Parecia que depois d'esta voluptuosa melodia de lyrismo pomposo que recende a incenso arabico, qualquer musa, por superior que fosse, não poderia ter vãos para entoar canticos a este idolo dos sentidos senão rasteiros. A musa do snr. Guimarães deu prova robusta contra esta supposição. O seu hymno não tem a pompa deslumbrante e tersa do de José Bonifacio³; mas tem originalidade mimosa, e graça tão transparente que folgo de o reproduzir para delicia do leitor :

A BORRALHEIRA

Meigos pés pequeninos, delicados
 Como um duplo lilaz, — se os beija-flôres
 Vos descobrissem entre as outras flôres,
 Que seria de vós, pés adorados!

Como dous gemeos sylphos animados,
 Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
 Do baile, ariscos, brancos, tentadores...
 Mas, ai de mim! — como os mais pés calçados.

« Calçados como os mais! que desacato!
 Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
 Leve, ideal, fantastico, secreto... »

Eil-o. Resta saber, anjo faceiro,
 Se acertou na medida o sapateiro:
 Mimosos pés, calçai este soneto.

Um dos mais conhecidos d'entre os poetas da nova geração, Affonso Celso Junior, tambem prestou aos feitiços d'uns pés a seguinte homenagem:

QUE PÉS!

A prima do meu amigo
 Tem pés de tamanho tal,
 Que não são pés, são perigo,
 Não fazem bem, fazem mal.

Quando tu m'a apresentaste,
 (Que maganão que tu és!)
 Aposto que te enganaste,
 Ou te fizeste de sonso.
 Devias ter dito: « Affonso,
 Eu te apresento estes pés... »

Nem fumadores de opio
 Pés assim podem sonhar;
 Vou comprar um microscopio
 Para os poder contemplar!...

Fosse eu tu, e quando andasse
 Da multidão através
 Diria a quem perguntasse :
 « És primo d'aquella moça?... »
 « — D'ella ? não... — Mas, como ? — Ouça :
 « Sou primo só dos seus pés ! »

Que estes versos lhe não contem
 Quanto eu me sinto captivo :
 São pés no diminutivo,
 Parecem nascidos hontem.

São pequenos, são sympathicos,
 Elles dous saltam por dez ;
 Mimosos, homœopathicos,
 Valem mais que o corpo acima.
 Em summa : essa tua prima
 É prima e prima nos pés !...

Na pleiade dos novos poetas, entre os quaes se contam Lucio de Mendonça, Theophilo Dias, Fontoura Xavier, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Marianno de Oliveira, Sylvio Roméro, Francisco de Castro, Ezequiel Freire, Arthur de Azevedo, Mucio Teixeira e o mallogrado Carvalho Junior, cujas producções litterarias foram salvas por um amigo tão talentoso quão dedicado, Arthur Barreiros, mencionados no excellente estudo critico *A nova geração*, por Machado de Assis (REVISTA BRAZILEIRA de 1 de dezembro de 1879, pag. 373-413); e Mello Moraes Filho, Placido de Abreu, Assis Brazil, Hugo Leal, Dias da Rocha Junior ⁴, Lima Barros ⁵, e outros, occupa distincto lugar o autor dos *Devaneios* e das *Telas sonantes*. D'elle escreveu Machado de Assis, após a apreciação das producções contidas nos dous estimaveis livros acima indicados :

« ... Vejo que o snr. Affonso Celso Junior procura a inspiração na realidade exterior, e acha-a fecunda e nova. Tem o senso poetico, tem os elementos do gosto e do estylo. A lingua é vigorosa, comquanto não perfeita; o verso é fluente, se nem sempre castigado... Os defeitos do poeta provém, creio eu, de alguma impaciencia juvenil. Quem pôde o mais

póde o menos. Um poeta verdadeiro, como o dr. Affonso Celso Junior, tem obrigação de o ser acabado; depende de si mesmo ».

D'essa obrigação saberá desempenhar-se galhardamente o talentoso poeta. Assim lh'o consinta o minotauro da politica.

Fallámos acima de José Bonifacio. Todos sabem o que é, e o que vale como orador parlamentar, o cantor do *Redivivo*. E, pois, referindo-nos aos *Discursos parlamentares do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, publicados pelo dr. João Correia de Moraes, vol. in-8.º com o retrato do autor*, folgamos de reproduzir as seguintes autorizadas palavras:

« É o livro onde se traduz o pensamento de um dos talentos mais festejados da geração coeva e ainda o de um dos poucos representantes dos nossos nomes historicos, que pres-tes se não afundarão nas trevas do esquecimento.

Na classificação que a malicia de Timon soube engenhar coubera ao illustre paulista lugar de honra entre os oradores *imaginativos*, á parte a exageração epigrammatica d'aquelle atheniense de Paris.

Não lhe faltam estudos positivos, investigações laboriosas pelo campo do direito, argumentação logica e concludente; mas sobre tudo isto domina nas suas orações o lyrismo da escola hugolina.

Mais poeta do que orador, mais orador do que politico, mais politico do que estadista, elle falla como escreve: com as exuberancias e esplendores d'uma perpetua mocidade, que cré e espera.

Não julgamos que elle se moleste com esta classificação, melhor inspirado do que o immortal cantor do Jocelyn, a quem profundamente affligia a insistencia do mundo em proclamar-o grande poeta, quando estranha illusão o fazia estimar-se, sobretudo, estadista de alto porte.

Quanto ao trabalho do compilador, só nos cabe indagar se bem andou elle reproduzindo todos os discursos do illustre par-

lamentar em vez de escolher os que melhor traduzem a feição d'este.

É de rigor a affirmativa, desde que não se tratava d'um panegyrico, com que o orador apparecesse só encarado pela sua mais brilhante face.

Alli está sem mutilação toda a sua individualidade parlamentar e politica; o opposicionista e o ministro d'Estado; o calmo discutidor de altas questões de direito constitucional e o apaixonado partidista que, terra a terra, ajusta contas electo-raes com presidentes de sua provincia; o verso e o reverso da medalha; a idéa e o interesse politico ».

Da GAZETA DA TARDE n.º 82, de 13 de outubro de 1880, d'onde extrahimos os periodos acima transcriptos, vamos ainda reproduzir os seguintes :

« Estamos na época de extensa publicidade de obras oratorias.

Jorram da imprensa milheiros de exemplares das orações bem pensadas e melhor escriptas de Montalembert, o filho dos Cruzados que não recuava diante dos filhos de Voltaire; dos discursos gravemente dogmaticos de Guizot, o doutrinario; dos inesgotaveis e espirituosos improvisos de Thiers, ao lado das pretenciosas, mas não de todo descuradas fallas do hoje quasi desconhecido Liadières.

O *Porto Piréo* de Garrett, as brilhantes objurgatorias de José Estevão, os periodos abundantes de Passos Manoel, encontram-se de rosto com as palavrosas declamações do mallogrado Vieira de Castro.

Foi-se o tempo em que um livro de mesquinhas dimensões como as *Provinciaes* de Pascal, e o *Elogio da loucura* de Erasmo, bastava para dar aos seus autores immorredoura reputação.

Verba, voces. Eis o talento que seduz as novas multidões. Não é o discurso demosthenico cheirando ao azeite da candeia a cuja luz se remoldou e poliu.

Não é a palavra de Cicero, fulgurando como os raios do Olympo nos momentos solemnes em que perigava a causa da liberdade, ou esmorecia a do direito.

Muito menos é a grave e solemne expressão de Chatam, condemnando um projecto com o peremptorio argumento de ser contrario á lei.

Para o vulgo d'este paiz, onde a exclamação final de Goethe traduz por toda a parte uma necessidade não satisfeita, prolixidade e facundia se confundem com a verdadeira eloquencia parlamentar ».

.....
 Aquelle que, ao lêr estas palavras que á elevação do pensamento alliam elegancia do estylo, nos perguntar quem as escreveu, responderemos, firmado em conjecturas que se nos afiguram bem fundadas: foi o illustre ministro da agricultura do gabinete de 7 de março de 1871; foi o conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior.

Aproveitemos o ensejo para transcrever tambem a *Peroração* de um discurso do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva na camara dos deputados na sessão de 1879 por occasião da discussão da reforma eleitoral, promulgada pela *Lei* n.º 3029 de 9 de janeiro de 1881, em virtude da qual, por *Decreto* n.º 7981 de 29 do referido mez e anno, foram expedidas as *Instrucções* para o 1.º alistamento dos eleitores.

Eis as palavras do eloquente orador:

« Senhores, reuni todas as recordações que vos são caras. É a soberania nacional que vos supplica; é a democracia que se dirige a uma camara de liberaes. O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte: deve, como o apostolo, ter a séde do infinito; deve ser grande como o universo que o contém. Em nosso paiz, da pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pincaro agreste da serrania, na terra, no céu e nas aguas, por toda a parte Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de graval-a na consciencia do homem!

Em nome da monarchia constitucional representativa, em nome da camara que vos apoia e que sem duvida aceitará contente o vosso projecto modificado, senhores ministros, eu vol-o peço, não arredeis do throno a confiança da nação, honrai as esperanças do povo, libertando o amor da constituinte ».

(Extrahido da NOVA SELECTA GLASSICA, pelo bacharel J. B. Regueira Costa, pag. 144-145).

NOTAS

¹ Com este titulo *O laço de fita* ha uma linda poesia de Castro Alves. ESPUMAS FLUCTUANTES — Edição (v) popular — Rio de Janeiro, 1881 — pag. 14.

² Esta magnifica produção, recitada pelo cantor da *Terribilis Dea*, no jubileu bocagiano celebrado no Rio de Janeiro a 15 de setembro de 1865, acha-se encorporada, de pag. 268-269, ao volume CURSO DE LITTERATURA BRAZILHEIRA por Mello Moraes Filho, e transcripta no n.º 23, pag. 181, da MÃI DE FAMILIA (1.º anno — Dezembro de 1879), interessante e util publicação de que é principal redactor o dr. Carlos Costa.

³ É tambem autor de outras notaveis composições poeticas, d'entre as quaes se destaca a *Suprema Visio* (LUIZ DE CAMÕES — *Homenagem da GAZETA DE NOTICIAS* — 10 de junho de 1880, pag. 55-62).

⁴ No *Microcosmo* (*Folhetim* do JORNAL DO COMMERCIO) de 18 de setembro de 1881, escreve Carlos de Laet, referindo-se á traducção do poemeto de Byron A NOIVA DE ABYDOS (*The bride of Abydos*), publicada na REVISTA BRAZILHEIRA e tirada em avulso :

« ... Não se procurem aqui os escrupulos de fidelidade que realçam as versões do *Jocelyn* do snr. Cardoso de Menezes, da *Evangeli-na* do snr. Doria e da *Piedade suprema* do snr. Lima Barros ; mas o facto é que do snr. Dias da Rocha muitissimos versos ha que assignaria sem desdouro qualquer d'aquelles tres laureados traductores ».

Dias da Rocha Junior é tambem traductor da *Parisina* de Byron.

Foi este delicado lavor litterario que lhe careou o patrocínio do Meenas que o apresentou ao publico :

« Os versos, que vão publicados em seguida, são primicias do engenho de um moço do 17 annos.

Correcção de phrase, elegancia de estylo e facilidade de metrificacção, constituem os principaes predicados d'essa produção poetica. Apesar de torturada no equileo da versão, desabrocha a inspiração do

joven Dias da Rocha em fôres, promettedoras de sazoados fructos, se se entregar conscienciosa e perseverantemente ao estudo dos bons modelos, seguindo com criterio as tendencias litterarias da geração contemporanea. Possa a esperança de hoje converter-se dentro de proximo futuro em esplendida realidade. — *Cardoso de Meneses* (Conseheiro João Cardoso). Rio, 12 de janeiro de 1880 s.

⁵ Lima Barros (Eduardo A. de) firmou os seus creditos de traductor com a excellente versão tambem publicada na REVISTA BRAZILEIRA e depois tirada em avulso, da *Piedade suprema*, de Victor Hugo.

XXXIII

MORRE UM LIBERAL, MAS NÃO MORRE A LIBERDADE

I

O illustrado autor da HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRAZILEIRO e dos VARÕES ILLUSTRÉS DO BRAZIL, conselheiro João Manoel Pereira da Silva, mencionando no livro SEGUNDO PERIODO DO REINADO DE D. PEDRO I NO BRAZIL — *Narrativa historica*, pag. 424-425, o assassinato do redactor do periodico *Observador Constitucional*, « o medico italiano, denominado Badaró, que, havendo abandonado seu paiz, se estabelecera em S. Paulo », e que, na noite de 20 de novembro de 1830, « ao sahir de sua casa, foi assaltado repentinamente por quatro vultos possantes e ferido com um tiro », escreveu: « Succumbiu enfim o infeliz italiano, pronunciando as seguintes palavras: — *Morre um liberal, mas não more a liberdade*—¹, que se gravaram depois sobre o seu tumulo ».

Convém lêr com relação à *Narrativa historica* a *Impugnação*, na parte relativa ao commandante das armas e presidente da commissão militar da provincia do Ceará, pelo major de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer e o artigo por este publicado no *Jornal do Commercio* de 21 de junho de 1872.

Importa observar que a esclarecida redacção d'este importante orgão de publicidade reconheceu, a 26 de maio d'aquelle anno, que o autor da *Impugnação* « se limitou a ser historiadador calmo, e parece tel-o conseguido, pelo menos em quanto o illustre autor da *Narrativa historica* não provar o contrario ».

Praz-nos acrescentar que a *Impugnação* mereceu mui elevada e judiciosa apreciação da parte de um escriptor que collaborava activamente nas paginas da *Vida Fluminense*, sob o pseudonymo *Sylvio*, pseudonymo que velava o nome de Joaquim da Silva Mello Guimarães, cavalheiro tão distincto pela intelligencia e dedicação ás letras como pelo finissimo trato e inexcedivel modestia. Da apreciação a que alludimos, inserta em o numero de 1 de junho de 1872, destacamos o seguinte periodo:

« O livro do snr. major Niemeyer não fórma sómente uma longa errata ao *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I*; é a reconstrucção de muitos capitulos d'esta obra, e fica sendo uma reivindicacção perfeita e completa do bom nome do meritorio pacificador do Ceará ».

Cerraremos estas linhas dando pela vez primeira á estampa o seguinte valioso documento:

Ill.^{mo} Snr. Major Conrado Jacob de Niemeyer.

Hontem, ao regressar a casa, tive de lamentar uma ausencia, que me privou do prazer de novamente receber a V. S.^a a quem por tantos titulos respeito; entregaram-me, porém, outro exemplar do honroso livro, com que V. S.^a me brindára, monumento não menos de justiça que de piedade filial.

Já ao seu parente e meu amigo, collaborader n'esta obra de consciencia e affecto, eu devia a satisfacção de poder admirar quanto n'ella se empregou de trabalho efficaz, de pesquisas laboriosas, de empenho da verdade, de verdade pela documentacção, de pundonor no sentimento, de vigor na argumentacção, de criterio no debate, de placidez na razão, de elegancia no estylo, de vernaculidade na palavra.

Foi um nobre commettimento, foi um bom exemplo.

Beija as mãos por tão valiosa dádiva quem é — De V. S.^a — respeitador obrigado — *J. F. de Castilho*. — Rio, 6 — junho — 1872.

II

Mostremos com algumas transcripções a indole e as feições características do livro a que alludimos e que, distribuido unicamente pelas redacções de jornaes, bibliothecas e pessoas interessadas em assumptos de historia patria, não logrou a divulgação que, a nosso vêr, merecia. Referimo-nos á «IMPUGNAÇÃO — *a obra do exc.^{mo} snr. conselheiro — JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA — Segundo periodo do reinado — de — D. Pedro I no Brazil — NARRATIVA HISTORICA — 1881 — Na Parte relativa — Ao Commandante das Armas e Presidente da Commissão — Militar — da Provincia do Ceará — de 1824-1828 — por — CONRADO JACOB DE NIEMEYER — Major de Engenheiros. — Rio de Janeiro — Typographia da — Luz — Rua da Assembléa n.º 50 — 1872*», á frente da qual se acha a seguinte *Advertencia*:

«Meu cunhado e amigo Joaquim Carlos de Niemeyer e seus filhos Conrado Jacob de Niemeyer e Carlos Conrado de Niemeyer, genro e netos do snr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer, espontaneamente a mim se associaram para a publicação d'este trabalho que elles, como eu, consideram o cumprimento de um dever sagrado».

Mostram estas linhas que os cavalheiros acima nomeados, associando-se ao major Conrado de Niemeyer, tiveram elevado intuito moral: vindicar o bom nome de um respeitavel parente, cuja memoria é para elles o mais opulento patrimonio.

Divide-se a IMPUGNAÇÃO, largamente documentada, nos seguintes capitulos:

I — Exposição de motivos.

II — Recrutas remettidos do Ceará em 1825 e 1826.

- III — Recrutamento em geral.
- IV — Nomeação de Joaquim Pinto Madeira.
- V — Predomínio do commandante das armas sobre o presidente da provincia.
- VI — Arbitrariedades attribuidas ao commandante das armas.
- VII — Commissão militar.
- VIII — » » » (continuação).
- IX — Condecoração por suppostos serviços á causa do absolutismo.
- X — Reprehensão por professar idéas absolutistas.
- XI — Discussões no parlamento — Eleição do conde de Lagos.
- XII — Traços biographicos.

Do ultimo capítulo para aqui trasladamos os seguintes períodos:

« Alenta-me a esperança de haver conseguido dissipar, nos animos desprevenidos, qualquer impressão desfavoravel resultante do juizo enunciado, sem provas authenticas nem fundamentos procedentes, pelo snr. conselheiro Pereira da Silva, em a *Narrativa historica*, ácerca do character de meu bom e venerando pai, o snr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer.

E, se o não consegui, resta-me a consolação de haver feito quanto em minhas debeis forças cabia.

E o sentimento que me inspirou este trabalho me careará a benevolencia de que careço e que solicito.

Provocado á discussão pelo modo, além de nimio severo, injusto, pelo qual o snr. conselheiro Pereira da Silva julgou o ex-commandante das armas da provincia do Ceará, embora me sentisse cruelmente pungido pelas acerbas palavras do historiographo, não descí á arena dos convícios, nem substituí, pelo insulto que irrita, o argumento que convence.

Condemno a intemperança da palavra.

E de mais, sabendo o que devo ao cavalheiro a quem me dirijo, e o que devo a mim proprio, não me era licito adoptar outra norma de proceder». (Pag. 136).

.....

«Pela minha parte considero-me desobrigado do compromisso que perante o publico contrahi. A impugnação está terminada, e ser-me-ha permitido acreditarque, ao lê-la, o sr. conselheiro Pereira da Silva não terá direito de exclamar como o sombrio *Hamlet*, de Shakespeare: Words, words, words ³».

«Aos que me censurarem por havel-a alongado, responderei com as palavras do distincto litterato portuguez, José da Silva Mendes Leal: «O reclamo e a diffamação podem ser breves, porque nada provam. As apreciações fundamentadas são forçosamente mais longas, porque hão de demonstrar alguma cousa. Estas porém tornam-se as unicas decentes ³». (Pag. 138-141).

E, finalmente, estas nobres palavras (pag. 151-152):

«Aquilate a imparcialidade o valor d'estes serviços prestados no decurso de cincoenta e tres annos, e certo estou ser-me-ha reconhecido o direito de dizer com ufania que o sr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer, baixando ao tumulo, legou a sua familia um nome honrado e ao paiz que adoptára por patria e que estremecidamente amava, a recordação de trabalhos que lhe sobrevivem e illustram a memoria.

«A essa memoria sou devedor de immenso respeito e entranhavel gratidão.

«Para dividas taes não ha quitação».

«Folgo de apropriar-me d'estas palavras ⁴, no momento em que deponho a penna, depois de haver cumprido o dever sagrado de zelar e pugnar solícito pela pureza do nome de meu pai, nome que vale para mim o mais opulento patrimonio».

NOTAS

¹ Da *Memoria* escripta pelo dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e publicada na *REVISTA TRIMENSAL do Instituto historico e geographico brasileiro*, tom. XXXIX (1876), pag. 337-350, extrahimos o seguinte (pag. 345):

Badaró estava deitado sobre um leito, alagado em sangue, pallido, com essa pallidez da morte que lhe estava proxima, a larga fronte ba-

nhada de um suor frio, o pulso linear, mas o rosto sereno e a palavra sonora. Aos amigos que o cercavam, aos collegas que o procuravam illudir ácerca da gravidade do ferimento (rotura por uma bala de um ramo importante da arteria illiaca), elle respondia tranquillo: Não me illudem; eu sei que vou morrer, não importa! Morre Um Liberal, Mas Não Morre A Liberdade.

Palavras memorandas que a tradição conserva ainda cheias de vida, e que as successivas gerações levarão á mais remota posteridade para que todos conheçam com quanta resignação morre aquelle que se sacrifica por uma causa santa.

² Act. II, scena 2.^a—São da mesma tragedia as conhecidas citações *To be or not to be that is the question* (act. III, sc. 1.^a) e *Alas poor Yorick!* (act. V, sc. 1.^a). Da imprecação de *Hamlet* a Polonius: *Words, words, words*, diz: Edouard Fournier, *L'usaire des autres*, 3.^e éd. — 1879: n'est qu'un écho du *sunt verba et voces* d'Horace (lib. I, epist. 1.^a, vers. 34).

³ Pag. 440 do *Parecer sobre o Avarento de Molière — versão liberrima pelo visconde de Castilho* — publicada em Lisboa em 1871.

⁴ Palavras do dr. Adolpho Bezerra de Meneses com referencia ao coronel Conrado. Vej. *Impugnação*, pag. 82-86.

INDICE

	Pag.
A enfeitada enfeitada	2
A genealogia dos poetas começa com o seu primeiro poema.....	346
A gloria corôa, mas não chora.....	246
A harmonia geral pede tons variados; No sabor soffre graus, não párias no saber.....	357
A justiça da terra, a que pregou na cruz Ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus.....	361
A justiça, para ser completa, ha de juntar á punição das faltas o galardão do merito e dos serviços.....	23
<i>Alas poor Yorick!</i>	412
A lingua portugueza, pura e clara.....	159
Ali se tratam com a maior estima; Mas na gazeta... de ladrão p'ra cima	39
<i>Alma afinada pelas harpas de anjos</i>	347
Alma minha gentil que te partiste.....	47
Á mancha conjugal prefere a morte.....	177
Amante girasol, aguia das flôres	353
A morte, cheia de horrores, Na primavera é gentil.....	49
A MULHER DO SIMPLICIO e a MARMOTA FLUMINENSE.....	381
A mulher é tão indispensavel ao poeta como o estro e o laurel.	63
Andar assim, é bom andar.....	249
Ando sempre com falta de dinheiro, E de tel-o jámais nutro a esperanza.....	375
Antigamente estavam os ministros ás portas da cidade; e agora estão as cidades ás portas dos ministros.....	222
Aos infieis, Senhor, aos infieis l.....	75

	<i>Pag.</i>
Aos outros poz-lhes estatuas o senado; a Catão, o mundo.....	220
A peça tem por nome os Deuses da casa.....	377
A péga é negra e palreira, O que sabe vai contando.....	325
A prima do meu amigo Tem pés de tamanho tal.....	400
Aquelle que se exaltar será humilhado, e o que se humilhar se- rá exaltado.....	88
Aqui jaz um homem rico N'esta rica sepultura.....	156
Aqui o pobre ao rico não se humilha, São eguaes n'esta escola os cidadãos.....	99
Arde, morre, blasphema e desatina.....	199
A sua cadeira no parlamento está vazia; enche-a apenas a me- moria do seu immenso talento.....	246
A tempo o bom rei perdôa, A tempo o ferro é mésinha.....	26
A virtude cantando, Entre os vates tambem teria assento.....	125

B

Basta já, senhor Tritão.....	143
Bate horror sobre horror no pensamento.....	135
Bem dita a gratidão que lembra o mestre morto, E a campa lhe prantêa, e assim lhe enflora a cruz!.....	380
<i>Borné dans sa nature, infini dans ses vœux, L'homme est un dieu tombé qui se souvient des cieux.....</i>	95

C

Cancioneiros.....	231
Canto a virtude, quando as cordas firo.....	125
Canto do cysne.....	282
Cantor mavioso do cantor do Gama.....	98
Casa limpa. Mesa accada. Prato honesto. Servir quedo.....	169
Casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte..	170
Castigai-me sómento; mas, Senhora, Não soffra quem no mundo é innocente.....	376
<i>C'est imiter quelqu'un que de planter des choux.....</i>	96
<i>Cholera-morbus (A).....</i>	372
Com duas canas adiante Is amado e is temido.....	26
<i>Comment en un plomb si vil l'or pur s'est-il changé?.....</i>	393
Consolam no infortunio, recreiam na prosperidade.....	167
Com tão má gambia andas tanto, Tanto d'aqui para ali!.....	158
Cultismo na poesia portugueza.....	352
Custam menos, cobrem mais.....	26

D

Da lua pallida ao fatal clarão.....	335
Das almas grandes a nobreza é esta.....	173
Defender os patrios lares É dever do cidadão.....	241
De fóra mansos cordeiros, De dentro lobos roazes.....	26
De espigas e palmas coroámos a enxada, Morgado e não pena dos filhos de Adão.....	359
Deixa-se a folha dobrada, Em quanto se vae morrer.....	333
De Pestalozzi a laurea immarcessivel Cinge-te a fronte austera e pensativa.....	380
Derriba, fere, mata e põe por terra.....	181
Desculpa tenho na paixão insana.....	275
Desencadernadamente.....	157
De sorte que Alexandre em vós se veja Sem á dita de Achilles ter inveja.....	96
Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes?.....	359
Dicionarios da lingua portugueza.....	316
Dizem que Flavio glotão Em Bocage aforra o dente.....	156
D'onde viemos nós, e nós para onde vamos?.....	42
Do quarto globo a gema nunca avara Que tem por casca o céu, nuvens por clara.....	353
Do vasto pampa no funereo chão.....	337
<i>Du chantre de Gama, chantre mélodieux.....</i>	97

E

Eduque-se a mulher para reformar a sociedade.....	124
Eis aqui o logar onde eclipsou-se O meteóro fatal ás regias fronte.....	211
E julgareis qual é mais excellente: Se ser do mundo rei, se de tal gente.....	76
Elle tudo póde ser, Mas de côrte homem não é.....	25
Emquanto, nação livre e soberana, O meu patrio Brazil guardar seus fóros.....	386
É mui pesada a sujeição do throno.....	219
E muitas mais invenções, Pois que tudo são cousinhas.....	227
E na lingua, na qual quando imagina, Com pouca corrupção crê que é latina.....	159
Ensinai a criança a ler, o adolescente a trabalhar, e o mancebo a economisar, e tereis formado um cidadão util a si, á fami- lia e á patria.....	106
Entre Marilia e a patria Colloquei meu coração.....	239

	<i>Pag.</i>
É o braço atroador da catadupa Do penhasco batendo na garupa!.....	340
É o idioma de um povo a mais eloquente revelação da sua nacionalidade e da sua independência.....	249
E para que lastimar a morte de um grande homem?.....	245
Epigramma.....	155
Epigramma (<i>A Bocage</i>) por Nicolau Tolentino.....	161
Epigramma (<i>A Nicolau Tolentino</i>) por M. M. B. de Bocage....	161
Epigramma (<i>A menina á la moda</i>) por J. M. de Macedo.....	160
Epigramma (<i>A um avarento</i>) por A. F. de Castilho.....	160
Epigramma (<i>A um avarento</i>) por Francisco Manoel.....	160
Epigramma pelo padre J. J. Corrêa d'Almeida.....	161
Epigramma por B. J. Borges.....	161
Epigramma por Pedro de Andrade Caminha.....	160
Epigrammas (<i>A um canapt velho</i>) por José Bersane, e Bocage.....	161 e 162
Era de uma vez Um coelhinho.....	302
Era um velho, Senhora, obscuro, pobre, honrado.....	365
Erra versos, e versos sentençaia.....	164
Escabello entre o pantano e a nuvem; entre o céu e a terra....	345
Escravos hontem, sois romanos hoje.....	16
É tarde!... É muito tarde!.....	257
<i>Et cet heureux phénix est encore à trouver.</i>	58
<i>Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,</i> <i>L'espace d'un matin</i>	344
<i>Et vera incessu patuit Dea</i>	206
Eu, como o sol, a buscar-te, Tu, como a sombra, a fugir-me.....	287
Eu couhaço o mundo e me conheço.....	295
Eu d'esta gloria só fico contente, Que a minha terra ameí, e a minha gente.....	11
Eu não vou lá, que tenho medo.....	299
Extincto o fóco, a luz ainda continúa a sua projecção.....	379

F

Fallai em tudo verdades A quem em tudo as deveis.....	26
Farei como os cães do Nilo, Que correm e vão bebendo.....	26
Ficar a <i>asurrar</i>	311
Foi um bravo soldado, um luctador tambem.....	381
Forte pena ter este homem 'aprendido latim! perdeu-se n'elle um grande parvo!.....	228

G

<i>Grâce encore une fois! grâce au nom de la tombe,</i> <i>Grâce au nom du berceau</i>	362
---	-----

	<i>Pag.</i>
Gavião, gavião branco, Vai ferido, vai voando.....	323
Guerra da triplíce <i>Alliança</i>	393

H

<i>Honni soit qui mal y pense</i>	326
---	-----

I

<i>Il est trop tard</i>	281
<i>Il est de certains regards qui rendent l'âme visible</i>	197
<i>Il existe un arbre généalogique pour les obscurs, l'arbre généalogique de la probité</i>	346
Imprensa no Rio de Janeiro.....	320
Inda que o lume se apague Na cinsa fica o calor.....	290
Inteiro um povo levantar-se a um grito.....	331

J

<i>Je n'ai mérité Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité</i>	312
<i>J'en passe et des meilleurs</i>	250

K

Kagados não são, mas caramujos.....	351
-------------------------------------	-----

L

<i>La mort a des rigueurs à nulle autre pareille</i>	334
Laranja da China Tabaco em pó.....	307
<i>Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate</i>	99
<i>Le grand homme vengé par tes chants glorieux</i>	89
<i>L'Etoile du Sud</i>	58
Levou um livreiro a dente.....	157
Liberal e christão, foi para a infancia Educador e pae.....	379
Libré de miseria.....	355
<i>Licht! Licht! Licht!</i>	236

M

Magro, de olhos azues, carão moreno	373
Mantido ás vezes de succinto almoço, De cêa casual, jantar incerto	374
Mas d'estes acha poucos a pintura	84
Mas o melhor de tudo é crer em Christo	95
Mas, silencio! que os escravos São nossos irmãos tambem!	383
Melhor é merecel-os, sem os ter, Que possuil-os, sem os merecer	321
Memoria (poder da)	264 e 255
Meu sér evaporei na lida insana	283
Mimosos pés, calçai este soneto	397
Minha musa orgulhosa Nunca aprendeu a envernizar horrores	125
Misericordiosissimamente	158
<i>Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre</i>	96
Morre um liberal, mas não morre a liberdade	96
Mui poucos ajudadores Acha quem quer fazer bem	230

N

Na frente põe teu nome, estou vingado	164
Não cabe ao discipulo julgar o mestre	392
Não deixa a minha musa o orgulho impune	163
Não, eu não sou desgraçada, porque sou a mãe dos Grachos ...	84
Não! não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto, Emquanto fôres minha, e meu o teu amor!	43
Não se descuide o rei; Que inda não é feita a lei Já lhe são feitas cautelas	26
Não turvemos na morte o somno ao camarada Nas batalhas da luz constante até ao fim	359
Na quarta parte nova os campos ara; E, se mais mundo houvera, lá chegára	78
<i>Non nobis, Domine, non nobis, Sed nomini tuo da gloriam</i>	76
No oceano do tempo hoje emfim dorme!	342
<i>Now craks a noble heart. Good night!</i> <i>And flights of angels sing thee to thy rest</i>	345
Nunca louvarei O capitão que diga: não euidei	79

O

O Brazil e os Lusiadas são as duas maiores obras de Portugal ..	67
O cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do bello e da arte	348

	<i>Pag.</i>
O coração do morto volta ao ninho.....	387
O coração nunca offerece senão bagatellas; as dadiuas sumptuosas são do amor proprio.....	98
Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça.....	81
O grande velho-menino, o povo.....	364
Oh! ralha, ralha e ralha, e ralha mais... e ralha... Mas deixa-me primeiro ir para sempre embora.....	40
O infernal retintim do embate d'armas.....	212
Olha a bandeira santa, a que arvorou Jesus!.....	359
Olha que por bem rasteira Nunca perde o cheiro a malva!.....	293
O nascimento em todos é igual: as obras fazem os homens diferentes.....	246
Onde ha homens ha cubiça.....	25
O nome da Bahia, agradecido, Repetirei com jubilo.....	131
O reclamo e a diffamação podem ser breves, porque nada provam.....	411
O rei reina e não governa.....	298
Original é o autor que do já creado fórma novas combinações; quem tudo imagine ou invente, não o ha n'este mundo.....	191
O segredo dos sisudos Que elles não guardam calando.....	325
Os monarchas da intelligencia não carecem de tronco e dynastia.....	96
Os sicarios do tyranno O instinto soberano Das raças livres não tem.....	389
Os tropheus de Milciades famosos Themistocles despertam só de inveja.....	80

P

Papagaio louro Do bico dourado.....	306
Para dividas taes não ha quitação.....	411
Pé de pilão É de rin — fon' fon.....	307
Pelo surro o burro.....	319
Pena e galardão equal O mundo a direito tem.....	25
Phenix renascida.....	353
Pobre feudo de incognito regato.....	364
Por bem.....	326
Por que te afogas, Bossuet brazilio, No immundo pego da lascivia impura?.....	274
Por toda a parte d'esta offensa ao brado Em cada cidadão surge um soldado.....	390
<i>Prolem sine matre creatam</i>	96
<i>Pseudonymos, cryptonymos</i>	309

Q

Quando ella appareceu no escuro do horizonte.....	385
Quando ella se alteou das brumas da Allemanha.....	394
Que de tal pae tal filho se esperava.....	82
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.....	86
Quem pretende do povo alçar a fronte.....	107
Que onde reina a malicia está o receio Que a faz imaginar no peito alheio.....	87
Que o peito accende e a côr ao gesto muda.....	343
Que tanto, oh Christo, exaltas a humildade!.....	87
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.....	88
<i>Qui ambulat simpliciter, ambulat confitenter</i>	169
<i>Qui donne aux pauvres prête à Dieu</i>	120

R

Retratos.....	377
Rhapsodo.....	254
Romancee, xácara, solao.....	328

S

Sagrada emanção da divindade, Aqui, do cadafalso, eu te saúdo.....	129
Satyras prestam, satyras se estimam.....	163
Se eu morresse amanhã.....	283
Se fui clemente, justiceiro ou pio, Obrei o que devia.....	219
Sem cabeça o corpo é vão.....	26
Sem Deus, sem amor, sem ti.....	288
Sempre, ó Bocage, satyras serviram.....	162
<i>Se quedó dormindo com muestras de grandíssimo cansacio</i>	370
Se vivo, vivo penando; Morrendo, não peno mais.....	241
<i>Son nom suffit à sa gloire</i>	98
<i>Sors tua mortalis, non est mortale quod optas?</i>	95
<i>Summum jus, summa injuria</i>	358
<i>Sunt verba et voces</i>	412

T

Tambem sabes chorar como Eloah.....	338
<i>Tes destins sont d'un homme et tes vœux sont d'un dieu</i>	95
Tinha o anjo da morte nos seus labios Dado o beijo que sorve a luz da vida.....	334

	<i>Pag.</i>
Tinha titulos seus nas açções suas.....	128
<i>To be or not to be that is the question</i>	412
Todo o trabalho vale um combate.....	373
<i>Trois mille ans ont passé sur la cendre d'Homère</i>	36
<i>Trop tard</i>	282
Trouxe ao paço a oração, como a levara ao Templo.....	367
Truão (O), entidade, cuja significação social é hoje desprezível e impalpavel.....	393
Tu não tens a côr da rosa E não são teus olhos vivos.....	291

U

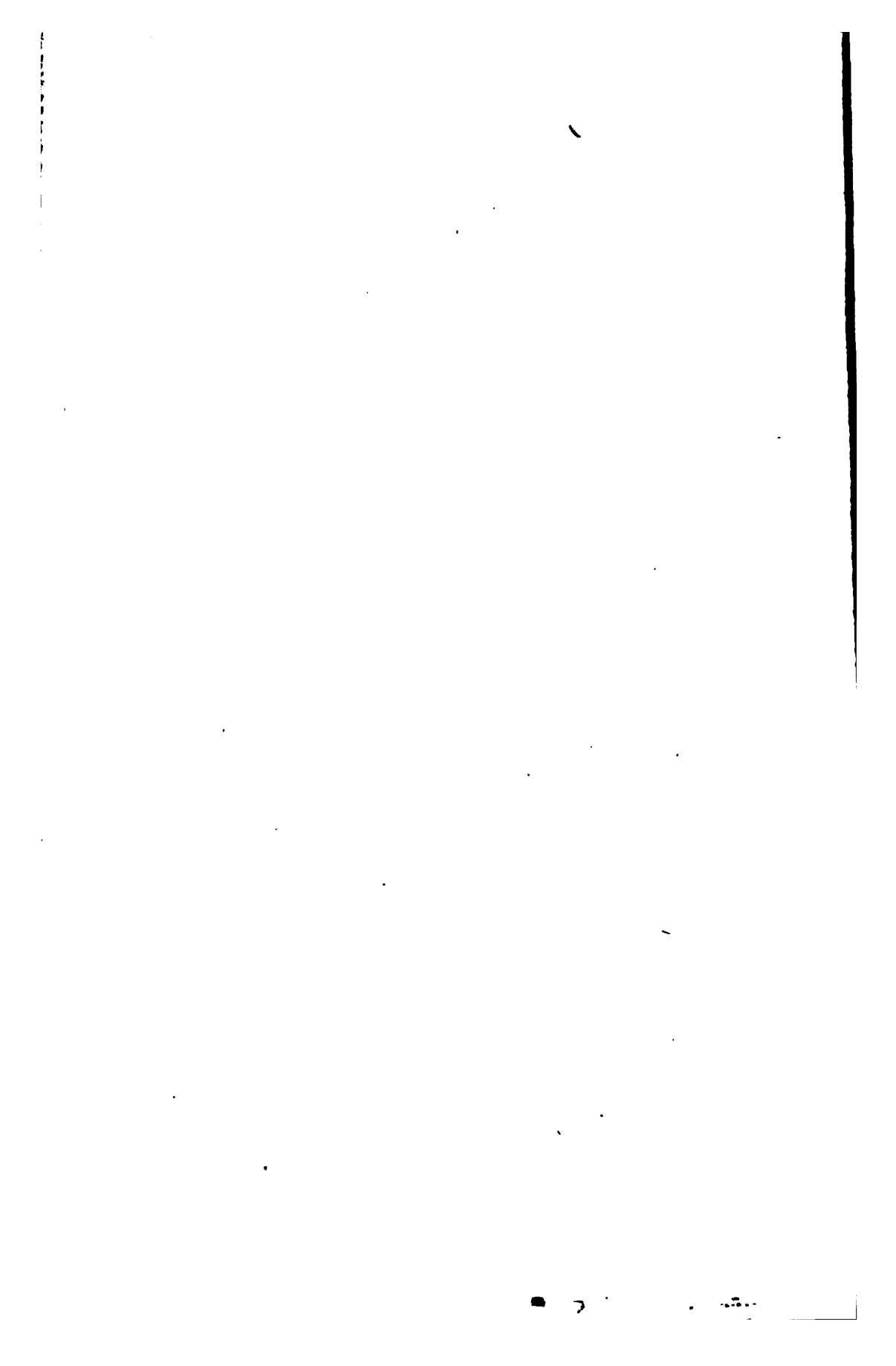
Uma cousa é em letras o furtar ; outra, e mui diversa, o reor- dar.....	192
Um pé como eu já vi, de tez mimosa, De tez folha de rosa.....	399

V

Vimos moços governar, E velhos desgovernados.....	229
--	-----

W

Waterloo !... Waterloo !... Lição sublime Este nome revela á humanidade!.....	211
<i>Words, words, words</i>	412



ERRATA

Pag. 136, lin. 24, é — pavor.

» 148, » 36, é — prova.

» 159, » 3, é — Est. 33.

» 223. O periodo que principia: « Com relação... » e acaba « NOVO MUNDO »
é *nota* ao que antecede, relativo aos GABINETES PORTUGUEZES DE
LEITURA NO BRAZIL.

» 250, lin. 25, é — inulta.

» 288, » 3, é — engommados.

» 296, » 32, é — Serre.

» 305, » 16, é — avivada por essa finissima especiaria.

» 321, » 22, é — publica.

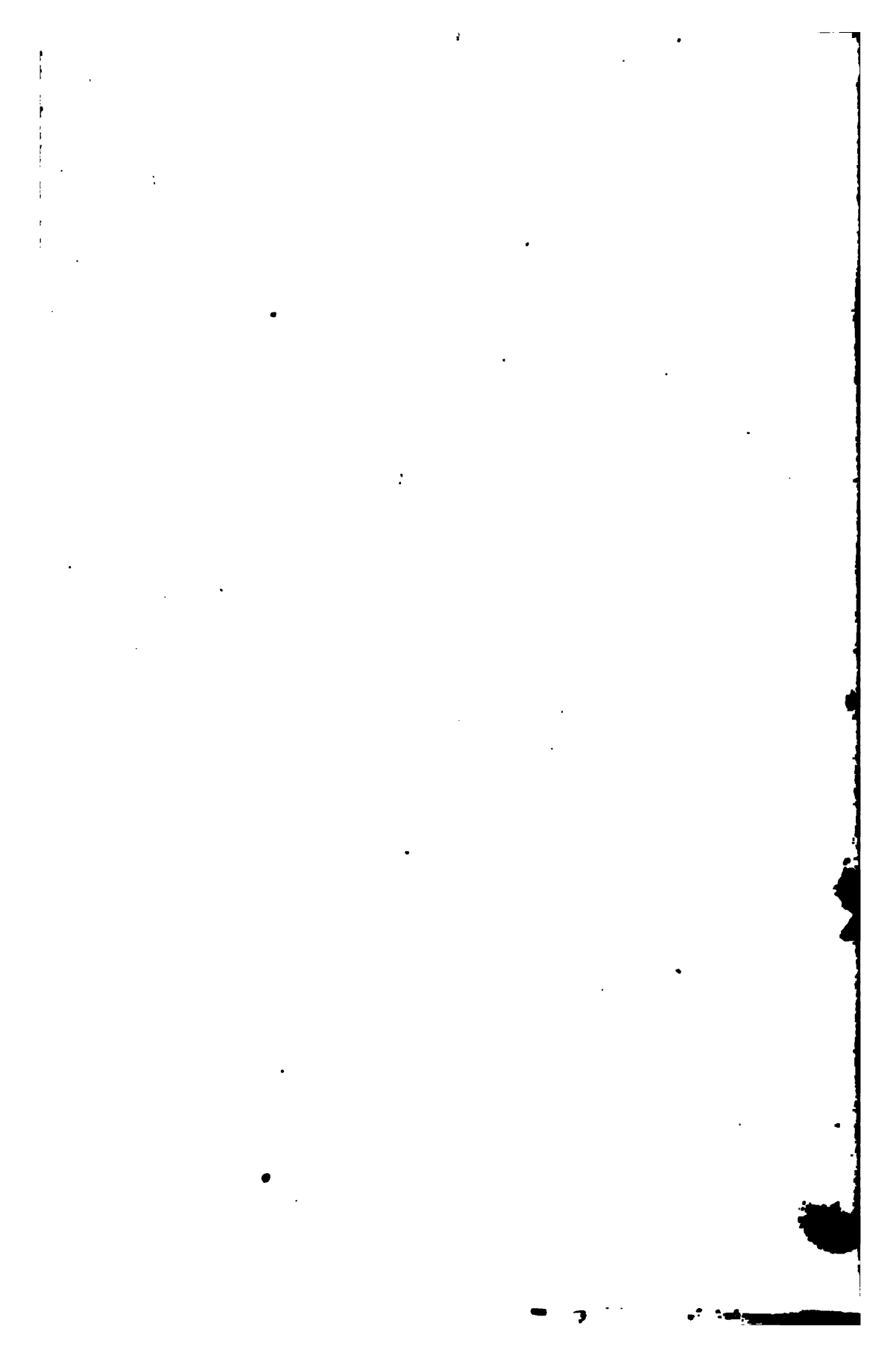
» 334, » 9, é — vigor.

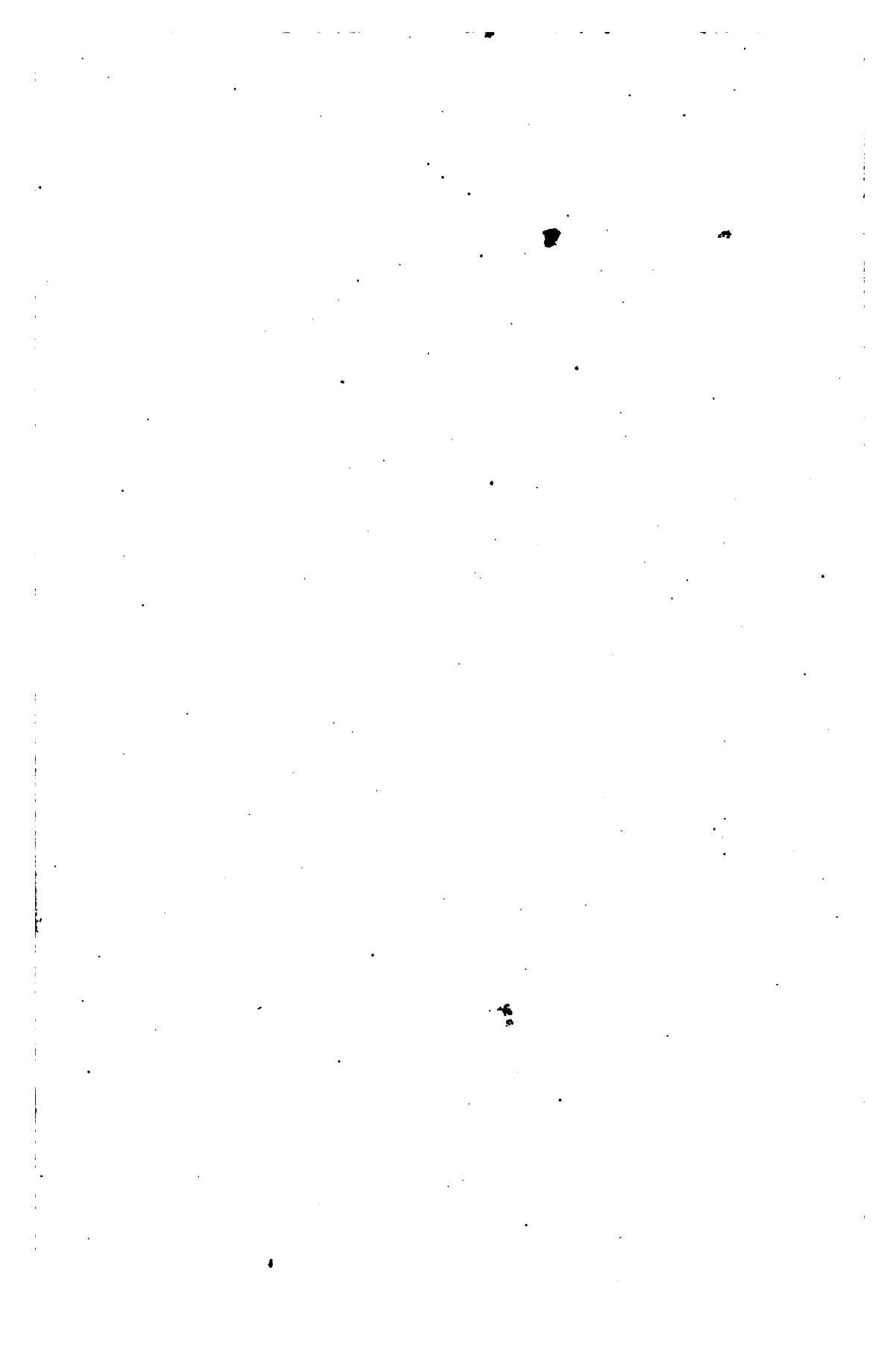
» 362, » 8, é — *envolé*.

» 381, » 12, é — com satisfação.

» 381, » 19, é — Teixeira e Sousa, Bruno Seabra.

» 385, » 4, é — estreme.





LIVRARIA CONTEMPORANEA

DE

FARO & LINO

Rio de Janeiro, rua do Ouvidor, 74

Encontram-se n'este estabelecimento todas as novidades scientificas, litterarias e artisticas, assim como um variado e completo sòrtimento de *livros nacionaes, francezes, italianos, hispanhoes e portuguezes*: recebem-se tambem assignaturas para TODOS OS JORNAES DO MUNDO.

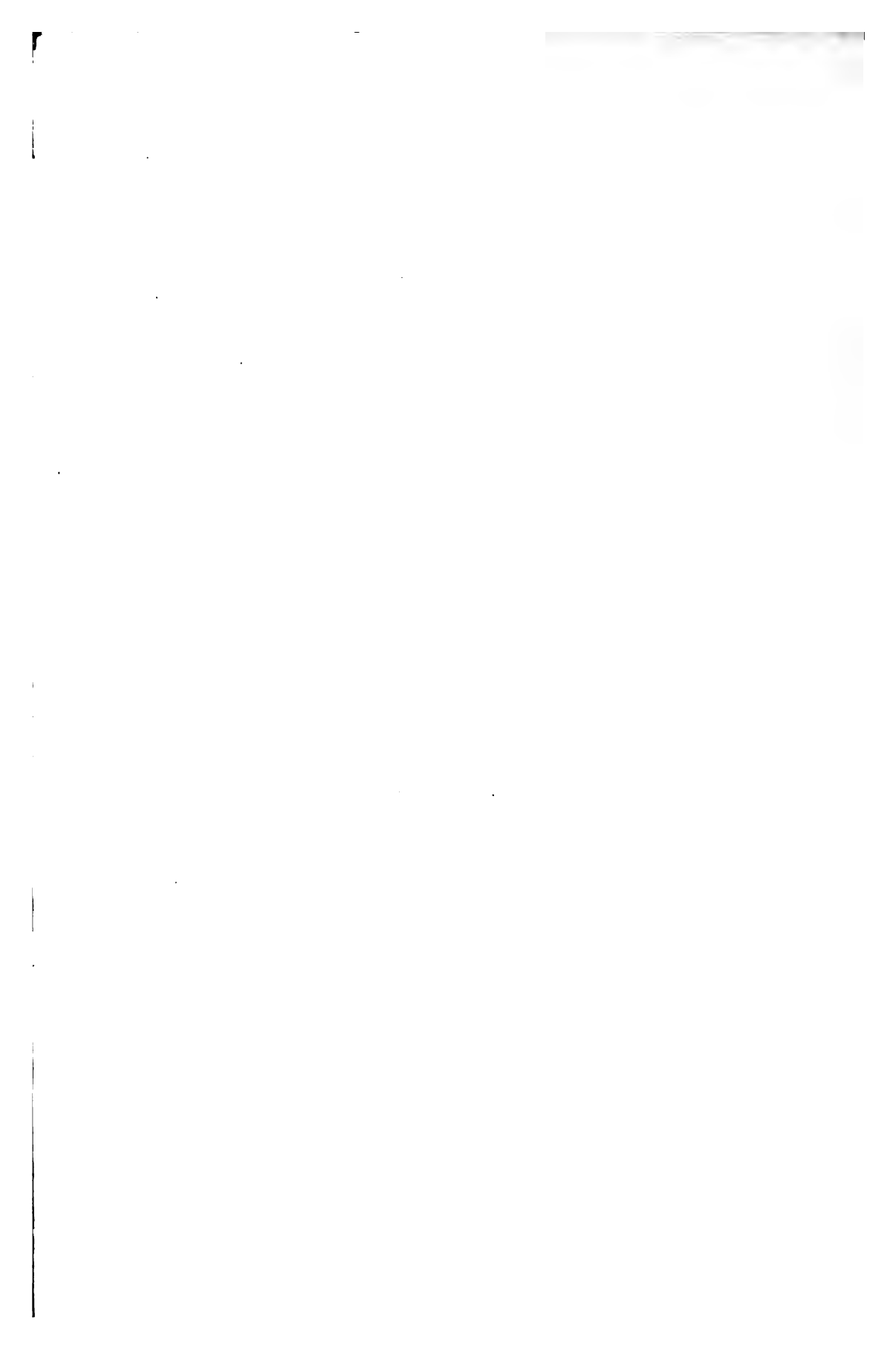
A sair do prelo:

AVENTURAS D'UM PRETENDENTE PRETENDIDO

ROMANCE NATURALISTA

Por **ALBERTO PIMENTEL**

Comquanto se filie na escola que tem Zola como chefe actual, este romance é isento de muitos dos defeitos que tolhem a entrada de livros d'este genero no sanctuario das familias honestas. Nas *Aventuras d'um pretendente pretendido*, que os editores Faro & Lino offercem ao publico, o autor não teve em vista senão, usando dos processos do grande mestre, expôr á luz uma parte da vida intima da Lisboa dos nossos dias; e isso conseguiu-o elle com talentosa e paciente observação, em phrase despretençiosa, sem provocar o aborrimen-
to, a nausea ou a indignação.







This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

